



.....

VIAGEM PELO BRASIL

VOLUME II

Spix e Martius

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 244-B

Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo, de Auguste Saint-Hilaire (Tradução de Afonso de E. Taunay).

Saint-Hilaire, célebre botânico francês, realizou viagens pelo Brasil de 1816 a 1822. Dessas viagens nos legou importantes relatos, todos feitos com o maior rigor científico.

Afonso E. Taunay escreve que eles representam “valioso contingente de informes sobre a mais importante região brasileira, a que se estende entre as duas maiores cidades do país.”

Viagens pelo Amazonas e rio Negro, de Alfred Russel Wallace. Resultado de quatro anos de experiência de vida na bacia do Amazonas, viagem realizada às expensas do naturalista inglês, este livro não se limita à geografia dos trópicos, alcança também os costumes e a vida social de índios e portugueses que habitavam a região.

Viagem pitoresca, de C. Bartolomé Bossi. Documento histórico dos viajantes estrangeiros no Brasil, iniciado por Bartolomé Bossi, em viagem que começou por Montevideu e Buenos Aires, entrando pelo interior de Mato Grosso, concluindo pelo levantamento e elaboração do primeiro mapa da região, em grande parte inexplorada.

Uma viagem ao Rio Grande do Sul, de Vittorio Buccelli.

Originalmente publicada em Milão, em 1906, sob o título *Un Viaggio a Rio Grande del Sur*, esta obra agora editada pelo Conselho Editorial do Senado Federal foi traduzida por Rubem Amaral Jr. Nesta narrativa de viagem, o jornalista genovês relata sua longa jornada, desde a partida do Rio de Janeiro, passando por Santos e rumando para o Sul. Tendo entrado pela Lagoa dos Patos, Buccelli chega a Porto Alegre em 1904. Antes de seguir para a campanha, visita algumas colônias italianas instaladas na serra. E é especialmente sobre elas que ele faz inúmeras observações – pormenorizadas e, muitas vezes, técnicas – não só a respeito dos assentamentos de vilas e núcleos, mas também sobre a organização do trabalho e do comércio.

Registra ainda impressões bem tocantes, como a do imigrante que lhe declara: “A Itália sim, é bela e boa, mas a pátria é onde se está bem”. O alentado volume contém ainda dezenas de fotos de pessoas e dos lugares descritos.

Viagem ao Brasil (1865-1866), de Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz. Relato de viagem ao Brasil em 1865-1866 pelo naturalista suíço Luis Agassiz e sua esposa Elizabeth Cary Agassiz. Trata-se não somente de observações de caráter científico, mas de um aliciante diário de viagem. Uma visão de nosso país sob vários aspectos da vida social, como educação, clero, cultura, etc.



Dr. Carl Friedrich Philipp von Martius

* 17 de abril de 1794 – † 13 de dezembro de 1868

.....

VIAGEM PELO BRASIL
(1817-1820)



Mesa Diretora

Biênio 2017/2018

Senador Eunício Oliveira
Presidente

Senador Cássio Cunha Lima
1º Vice-Presidente

Senador João Alberto Souza
2º Vice-Presidente

Senador José Pimentel
1º Secretário

Senador Gladson Cameli
2º Secretário

Senador Antônio Carlos Valadares
3º Secretário

Senador Zeze Perrella
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Eduardo Amorim
Senador Sérgio Petecão

Senador Davi Alcolumbre
Senador Cidinho Santos

Conselho Editorial

Senador Edison Lobão
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Wilson Roberto Theodoro

Ewandro de Carvalho Sobrinho

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 244-B

VIAGEM PELO BRASIL

(1817-1820)

SEGUNDO VOLUME

Spix e Martius

Tradução de
Lúcia Furquim Lahmeyer



Brasília – 2017

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 244-B

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país, e também obras da história mundial.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto
© Senado Federal, 2017
Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
CEDIT@senado.gov.br
[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)
Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-875-5 (obra completa)

ISBN: 978-85-7018-877-9

.....

Spix, F., Johann Baptist von, 1781-1826.

Viagem pelo Brasil (1817-1820) / Spix e Martius. ; tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.
3v. : il. 428 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 244-B)

Inclui índice.

1. Viagem, memórias, Brasil, 1817-1820. 2. Índio, Brasil, séc. XIX. 3. Recursos minerais, Brasil, 1817-1820. 4. Brasil, descrição, 1817-1820. I. Martius, Carl Friedrich Philipp von, 1794-1868. II. Título. III. Série.

CDD 918.1

.....

.....

Sumário

Prefácio

pág. 11

Livro Quinto

CAPÍTULO I

Viagem de Vila Rica ao Distrito Diamantino

pág. 17

Viagem por Casa Branca, Cocho d'Água e Congonhas para a Vila de Sabará, no rio das Velhas, e dali para Caeté. A serra da Piedade. Por sobre montanhas matagosas, na comarca de Serro Frio. Fábrica de ferro de Gaspar Soares. Vila do Príncipe. Entrada no Distrito Diamantino. A feição do mesmo.

CAPÍTULO II

Estada em Tijuco e excursões pelo Distrito Diamantino

pág. 34

Descrição do Tijuco, sede da Junta Diamantina. História da exploração dos diamantes. Regimento e administração do distrito. Para a história natural dos diamantes. Lugar onde os mesmos são encontrados. Modo de extração. A lavra da Bandeirinha. Exploração de diamantes em Curralinho, Linguíça e Mata-Mata. Ascensão à mais alta montanha de Minas Gerais, Itambé da Vila do Príncipe. Aspecto geológico do Distrito Diamantino. Flora e fauna do mesmo. Clima. Festa para celebrar a coroação do rei. Especificação dos diamantes achados até agora. Sobre os chamados "pés-de-elefante" dos negros.

CAPÍTULO III

Viagem do Tijuco ao termo de Minas Novas

pág. 65

Partida do Distrito Diamantino, no rio Manso. Caminhada pelo planalto da parte setentrional de Serro Frio. Cobre puro no Ribeirão de São Domingos, Grafita em Barreiras. Passagem pelo rio diamantífero Araçuaí. Fanado, a vila principal de Minas Novas. Encontro com uma tribo de botocudos. Descrição dos mesmos. Cultivo, indústria e comércio de algodão em Minas Novas. Ocorrência de pedras preciosas. Visita ao quartel do Alto do Bois. Os índios macuanis. Arraiais de Chapada, Água Suja e Sucuriú. Viagem pelas catingas às minas de pedras preciosas do alto rio Piauí. Regresso a São Domingos. Acerca dos sebastianistas.

CAPÍTULO IV

Viagem através do Sertão até ao Rio São Francisco

pág. 99

Entrada no deserto de Minas Novas. Planalto a oeste do rio do Diamante. Morro diamantino de Santo Antônio. Bacia do Rio São Francisco. Formação de marga. Lamedouros de sal. Formigas e suas covas de salitre. Assalto de uma onça. Contendas. Caçada à anta, à onça e a outras feras. – A palmeira buriti. Cobras gigantes. Fauna desse distrito. Os sertanejos. Doenças. Chegada ao rio São Francisco. Lagoa de aves. Jacarés. Piranha, o peixe voraz. Porto e Brejo do Salgado. O rio e as suas inundações. Seus habitantes e comércio. A fauna do sertão. Doenças às margens do rio de São Francisco.

Livro Sexto

CAPÍTULO I

Viagem até ao Vão do Paraná na fronteira de Goiás, e regresso a Malhada, no rio São Francisco

pág. 137

Montanha de cal e vegetação das margens do São Francisco. Viagem pelas planícies, solitárias e declivosas, do rio Carinhanha. Perigo do ataque de cobras gigantes e jacarés. Despenhadeiro do Paraná, nos limites entre Minas e Goiás. Viagem fluvial pelo Tocantins. Índios das margens desse rio. Regresso às margens do rio São Francisco, aos Arraiais de Carinhanha e Malhada. Sobre a população e a História de Goiás. Tabelas de importação e exportação relativas aos postos de fronteiras em Malhada.

CAPÍTULO II

Viagem de Malhada, pelo interior da província da Bahia, para a sua capital, Bahia de Todos os Santos

pág. 165

Viagem à beira do rio São Francisco, por entre catingas ressecadas, e sobre o dorso dos Montes Altos, em rumo a Caetité. Um cangaceiro. Vila do Rio das Contas. Restos de animais do mundo primitivo. Viagem pelas montanhas de Lajes e Sincorá. Entrada e perigosa viagem pelas regiões acidentadas, e de pouca chuva, a leste dessas montanhas. Chegada à Vila da Cachoeira. A Ilha de Itaparica. Como é feita ali a refinação do azeite da baleia. Chegada à Bahia. Acerca da pesca da baleia e das palmeiras.

CAPÍTULO III

Estada na cidade de Salvador ou Bahia

pág. 197

Topografia da cidade. Fortificação. O Recôncavo. A baía. Comércio. População. Índole e cultura dos habitantes. Instrução pública. Organização militar. Doenças reinantes. Lavoura. Madeira de construção naval. Histórico da Bahia. Estatística da população. Tabelas concernentes ao comércio e às rendas do Estado. Artigos de exportação. Tráfico de escravos. Fabrico de açúcar.

CAPÍTULO IV

Viagem à comarca dos Ilhéus e regresso à Bahia

pág. 242

Viagem por mar. A Vila dos Ilhéus. A Fazenda Almada e os seus colonos alemães. A Lagoa de Almada. Marcha pela mata virgem, em direção a São Pedro de Alcântara. Aldeia missioneira dos índios camacãs. Caminhada pela praia, em rumo às Vilas de Barra do rio das Contas, Barcelos e Camamu. Os índios praiheiros. Bancos de conchas marinhas. As matas de Almada. Estrofes populares.

Livro Sétimo

CAPÍTULO I

Viagem, através do Sertão da Bahia, até Juazeiro, às margens do São Francisco

pág. 277

Bloco de cobre nativo, perto da Vila da Cachoeira. Entrada de novo nas catingas, onde pouco chove, e viagem arriscada, por Coité, Santo Antônio das Queimadas e serra de Itiúba, até alcançar Vila Nova da Rainha. Plantas fosforescentes. Abundância e utilidade do cacto. Excursão a Monte Santo, para ver o meteorito de Bendegó. Inscrições feitas por índios. Silvícolas do interior da Bahia. Montanhas que roncam. Ainda sobre o bloco de cobre da Cachoeira. Restos de animais primitivos.

CAPÍTULO II

Estada em Juazeiro, e viagem daí, por uma parte da província de Pernambuco, em direção a Oeiras, capital do Piauí

pág. 310

O rio São Francisco e sua navegação. Arredores de Juazeiro. Exame da salina do rio do Salitre. Comércio de sal. Doenças. Entrada na comarca do Sertão de Pernambuco, região de pecuária. A serra dos Dois Irmãos, limites da província do Piauí. Orogenia e vegetação desta e das províncias vizinhas. O nosso arrieiro morre, picado por uma cobra. Envenenamento por mandioca brava. As fazendas da Coroa, no Piauí. Oeiras. Condição do tempo e das doenças ali reinantes. Para geografia do rio São Francisco. Histórico e dados estatísticos das províncias de Piauí, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

CAPÍTULO III

Viagem de Oeiras, passando pela Vila de Caxias, a São Luís,
capital do Maranhão

pág. 347

Índios de São Gonçalo de Amarante. Adoece o grupo de viajantes. A Vila de Caxias. Cultivo e comércio de algodão. Índios das tribos dos aponejicrãs e macamecrãs. Descrição das demais tribos existentes na província do Maranhão. Viagem pelo rio Itapicuru, até à costa do mar, e passagem à Ilha do Maranhão, até à capital da província.

CAPÍTULO IV

Estada em São Luís do Maranhão e nos seus arredores

pág. 378

Topografia da cidade. As suas autoridades públicas. População. Estado social dos habitantes. Clima. Excursão às aldeias de índios da ilha e ida à Vila de São Pedro de Alcântara. Campos ondulantes. Tabelas concernentes ao comércio, às finanças e às indústrias do Maranhão. Histórico da província. A agricultura e os seus produtos.

CAPÍTULO V

Viagem, por mar, de São Luís a Santa Maria de Belém, capital da
província do Grão-Pará

pág. 409

Viagem por mar, perlongando o litoral das províncias do Maranhão e do Pará. O rio Turi. Entrada no rio Pará. Chegada à capital. Sobre a geografia do trecho de território entre o rio Mearim e o rio Pará.

VALORES, MEDIDAS, PESOS

pág. 416

ANEXO MUSICAL

pág. 419

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 423

.....

Prefácio

A LO APRESENTAR *ao público interessado a continuação do histórico da viagem pelo Brasil empreendida pelo Dr. Spix e por mim, tenho a participar a lamentável perda do fiel companheiro cujo prematuro passamento arrancou-o aos seus amigos e à ciência que ele com o seu brilhante talento parecia destinado a promover ainda futuramente. Tanto esse desgosto como os múltiplos encargos de ofício, contra a minha vontade, demoraram a publicação desta parte. As primeiras sete folhas deste tomo foram preparadas em conjunto pelo companheiro desaparecido e por mim; da vigésima primeira em diante, servi-me dos papéis deixados pelo mesmo, os quais me foram entregues para esse fim por ordem do Governo. Já no preparo da primeira parte, logo se evidenciou a impossibilidade de enfeixar todo o material existente no segundo tomo. Como neste último a narração só podia continuar até à entrada no Pará, ficaria a viagem pelo rio Amazonas até às fronteiras ocidentais do Império do Brasil para o terceiro tomo.*

Descrever nesta relação de viagem tanto a feição do país como os costumes, a vida intelectual e burguesa dos habitantes, também as nossas impressões durante a estada ali, é tarefa cuja sig-

nificação histórica tanto mais grandiosa parece quanto mais rápido o Brasil se vai antecipando no seu desenvolvimento.

Assim pudéssemos nós de algum modo ter podido realizar o intento! Muito do que está documentado sobre o estado estatístico do florescente Império será agora bem comum literário, pois proveitosa nova ordem de coisas permite idênticas investigações, e sua publicação. Informações dessa natureza, que eu ainda possa receber, serão acrescentadas no último tomo.

München, 29 de fevereiro de 1828.

DR. C. F. P. v. MARTIUS

R e i s e
in
B r a s i l i e n

auf Befehl Sr. Majestät
MAXIMILIAN JOSEPH I.
Königs von Baiern

in den Jahren 1817 bis 1820

gemacht
von

weiland Dr. Joh. Bapt. von SPIX,

*Ritter des k. bair. Civil-Verdienstordens, ord. wirkl. Mitglieder d. k. b. Akademie d. W.,
Conservator der zool. zoot. Sammlungen, der Car. Leop. Acad. d. Naturforsch., der Edinb.,
Mosk., Marb., Frankf., Niederrhein. naturf. Gesellschaft Mitglieder,*

und

Dr. Carl Friedr. Phil. von MARTIUS,

*Ritter des k. bair. Civil-Verdienstordens, ord. wirkl. Mitglieder d. k. b. Akademie d. W.,
Mitvorstand u. zweit. Conservator d. k. bot. Gartens, Prof. Ord. an der Ludw. Maxim.
Universität, Corresp. d. Instituts von Frankreich, d. Car. Leop. Acad. d. Naturforsch. und
mehrerer naturf. Gesellschaften Mitglieder.*

Zweiter Theil,

bearbeitet und herausgegeben von
DR. C. F. P. VON MARTIUS.

München, 1828.
Gedruckt bei I. J. Lentner.

Fac-símile do frontispício do segundo tomo da edição em alemão.

LIVRO QUINTO

.....

Capítulo I

VIAGEM DE VILA RICA¹, AO DISTRITO DIAMANTINO

FOI NOS PRIMEIROS dias do mês de maio de 1818 que deixamos a capital de Minas Gerais, e encetamos viagem para o Distrito Diamantino. O Sr. von Eschwege acompanhou-nos num trecho da estrada. Do nosso amigo e compatriótico, que, durante a estada de várias semanas em Vila Rica, havia-se mostrado tão complacente conosco, despedimo-nos com a mais viva e sentida emoção, dizendo-lhe estas palavras: — “Ver-nos-emos de novo, no outro lado do oceano!” Era o último alemão que encontrávamos no interior do Brasil. Saudosos, prosseguimos a viagem pelo remoto país estranho.

Em geral, toma-se a estrada por Inficionado² e Cocais, quando se sai de Vila Rica, hoje Imperial cidade de Ouro Preto, para Tijuco³, a localidade mais importante da terra dos diamantes; como, entretanto, na

1. Hoje Ouro Preto.

2. Hoje Santa Rita Durão.

3. Hoje Diamantina. Aqui e no resto deste capítulo, bem como nos seguintes, o original traz sempre a grafia *Tijuco*. O vocábulo, como se vê em Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, vem de ty-yuc “líquido corrupto ou podre, lama, brejo”. (Nota da ver., Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

nossa excursão à serra do Caraça já conhecíamos parte desta região, preferimos fazer um rodeio, passando por Sabará. Quando a nossa tropa se pôs a subir a encosta do morro de Vila Rica, nascia justamente o sol e iluminava a cidade, reclinada entre pinturescos outeiros, ao sopé do majestoso Itacolomi, sobre a qual os nossos olhos repousaram pela última vez. Depois de havermos contornado a rica montanha de ouro, levou-nos a estrada pela serra da Cachoeira, montanha alta e íngreme, que se estende desde o arraial da Cachoeira até Vila Rica, e que é formada de itacolomito branco, frequentemente disposto em chapas, ao qual se sobrepõem, às vezes, jazidas de xisto argiloso ou grandes lajes de mica, e mais acima camadas de itabirito. Alcançando o cume, vimos primeiro um núcleo de pobres palhoças *Bandeirinha*, e à nossa direita, algumas lombadas baixas, cobertas de pasto e arbustos, correndo principalmente na direção leste-oeste, as últimas das quais fechavam o horizonte em contornos irregulares, porém não grandiosos. Depois de uma caminhada de quatro léguas, abriu-se a montanha e achamo-nos no meio dos campos abertos e à vista da serra de Capanema diante do arraial de Santo Antônio de Casa Branca, onde nos proporcionava bom pouso para a noite uma *venda*, bem sortida, por estar perto da capital. Os campos, nesta região, têm moitas de Sidas, Murtas, Vernônias, sobretudo de uma *Spermacoce* de folhas verde-azuladas, e o solo arenoso é às vezes tão movediço, que o dia seguinte foi penoso para os animais, a labutar sob um calor opressivo através dessa solidão sem sombras. A este inconveniente, muitas vezes se juntava outro, isto é, o caminho não era visível na areia, e só com dificuldade e circunspeção se reconheciam as antigas pegadas dos cargueiros; também frequentemente era preciso deixar-nos guiar às cegas pelas bestas ou pelos *capatazes*, conhecedores da região. Desse modo, prosseguiu a viagem por montes e vales, alternadamente, até o sopé de uma alta montanha, onde corre o pequeno rio das Pedras e está a freguesia do mesmo nome, conhecido por algumas lavagens de ouro. Ainda nessa tarde, galgamos a encosta pedregosa, quase intransitável, atravancada de fragmentos espalhados, e alcançamos finalmente, na outra vertente, ao cair da noite, a solitária fazenda do Cocho d'Água, onde o proprietário, um negro, alferes do corpo de milícias de Sabará, acolheu-nos e nos entreteve falando acerca das ricas minas de ouro do padre Freitas, em Congonhas do Mato Dentro. No dia seguinte, passamos pelos arraiais de Santo Antônio

de Cima e Santa Rita, situados às margens direita e esquerda do rio das Velhas, por entre plantações de bananeiras, e tivemos em breve o prazer de conhecer pessoalmente o célebre mineiro, já desde tanto tempo decantado. Ele recebeu-nos com hospitalidade perfeita, mostrou-nos a sua biblioteca de consulta, – grande raridade no país, – a qual constava de algumas obras de Rousseau, Voltaire e outros; falou sobre Kant e Napoleão, e deu ordem para nos ser mostrado o interior das espaçosas casas de fazenda, assim como as lavagens de ouro, que ficavam perto. As fazendas isoladas estão privadas de todo auxílio dos centros mais habitados; cada fazendeiro rico vê-se, portanto, forçado a prover por si mesmo as necessidades de sua casa, mandando ensinar ofícios aos seus escravos. Em geral, encontram-se, nestas fazendas, oficinas com todos os operários como sapateiro, alfaiate, tecelão, serralheiro, ferreiro, pedreiro, tijoleiro, caçador, mineiro, lavrador etc., ofícios que, num país povoado, estão divididos em corporções próprias. À testa dos negócios está um *feitor*, mulato ou negro de confiança, e a ordem do dia é determinada como num convento. O fazendeiro figura, por assim dizer, como governador, juiz, e médico, em sua propriedade. Muitas vezes, também faz papel de padre, ou requer para a capela da casa os ofícios do pároco da vizinhança. O seu principal cuidado consiste em aumentar os numerosos escravos, o capital da fazenda, e protegê-los contra as doenças. Quando ocorrem moléstias, ele consulta a tradução portuguesa, muito espalhada por aqui, da *Medicina Doméstica*, de Buchanan.

No dia seguinte, fomos ver as minas de ouro, que se acham perto, na montanha. Coberta de densa vegetação arbustiva, segue ela de norte para sul, e compõe-se do mesmo xisto argiloso, cinzento-esverdeado, violáceo e avermelhado, como o das margens do rio das Velhas, em Santa Rita. Nele se inclinam de N.E. a S.O., os filões de um quartzo compacto, cinzento, que contém não só muita pirita e calcopirita, como também ouro. Num ponto e noutra e floresce da pedra uma mistura de alume e sulfato de cobre, sob a forma de pó cinzento esbranquiçado. A dita mina consiste em fossos e covas, das quais se extrai o material rico de ouro, por meio de explosivos e por marteladas, sendo trazido para baixo pelos negros, para o moinho de pilões. São estas máquinas muito singelas, e acham-se colocadas um pouco abaixo num riacho, canalizado do alto da montanha até ao sopé; ao lado de cada um, está disposta uma lavagem imperfeita, isto

é, tinas forradas com pele de boi, nas quais é removida a lama, já separada do cascalho por meio de grades, com pás e pés. Ao longo do córrego estão estendidas igualmente peles de vaca, com o pêlo para cima, a fim de reter o pó de ouro e, de quando em quando, são sacudidas. Todavia, para que tanto as pedras mais grosseiras, como o pó de ouro restante não sejam perdidos, ainda há diversas peneiras e três grandes tanques profundos. As pedras mais grossas são reconduzidas das peneiras para as máquinas, porém o pó de ouro é colhido da lama retida nos tanques por meio de gamelas. O proprietário dessa mina quis proteger-se no estabelecimento de sua lavagem do ouro, contra a perda do pó precioso com a distribuição espalhada da água e conduzindo a lama dum lado para outro.

De todo modo, o aparelhamento é mais eficaz aqui do que o da maioria das minas deste país, entretanto ainda assim se perde considerável porção do finíssimo pó. O ouro da mina do padre Freitas, como o das próximas lavras de Congonhas e Itabira, por causa da liga com outros metais, tem apenas dezenove quilates; entretanto, a jazida compensa o proprietário com a riqueza do minério, e é considerada uma das mais produtivas da província, porque, segundo dizem, tem rendido, nos últimos tempos 50.000 cruzados anualmente. De regresso da mina, não pudemos exprimir bastante depressa a nossa admiração ao nosso amável hospedeiro pelo seu eficaz aparelhamento. Não deixamos, entretanto, de falar ao estudioso dono sobre a vantagem da tina de sedimentação e da amalgamação, e de que seria mais eficaz não carregar o minério obtido por explosão, peça por peça, à cabeça de negros, para os moinhos de pilões, porém trazê-lo em carrinho de mão ou vagonete.

Nessa mesma tarde, despedimo-nos do prático filósofo e da sua solidão de beleza agreste, e seguimos caminho para uma cabana solitária, próxima da Vila Real de Sabará, distante três léguas daqui. Esta pequena cidade está agradavelmente situada entre plantações de bananeiras, num vale formado por pinturescos morros, na encosta de um outeiro baixo, à beira do rio das Velhas, que tem aqui uns trinta pés de largura, e vai desaguar no rio São Francisco. Uma ponte de madeira sobre o gracioso rio, leva à vila, que consta de filas espalhadas de moradias bonitas e asseadas, cujas vendas, bem fornecidas de mercadorias, e ruas em parte bem calçadas, atestam a riqueza dos habitantes. Monta a 800 o número de casas e a

5.000 o dos habitantes. Ali se encontra um ouvidor, como juiz da comarca de Sabará, um juiz de fora, além dos demais funcionários de uma comarca, um vigário, uma escola de latim e uma fundição real de ouro. A comarca de Sabará é uma das mais importantes das quatro de Minas Gerais, e foi reduzida à metade pela recente instituição da quinta, a comarca de Paracatu. A fundição de ouro daqui produz atualmente maior quantidade de barras de ouro do que qualquer uma das outras três que existem na província, e pode-se avaliar o ouro derretido, em 300.000 até 400.000 florins. As mais ricas minas, cuja produção é aqui beneficiada, são as das vizinhas Vila Nova da Rainha ou Caeté, e da aldeia de Santa Luzia, pela qual se passa em caminho para Paracatu e Goiás. Os arredores mais próximos de Sabará produzem, igualmente, muito ouro; um filão de quartzo do próximo morro do Valério deu, há poucos anos, tão incrível lucro, que cada carga de pólvora se avaliava em 150 florins de lucro. Havia recebido o juiz de fora, alguns anos antes, um pedaço do tamanho de um punho, do qual se fundiram 70 oitavas de ouro. A pureza das barras de ouro daqui varia muito, de 19 até 23 3/4 de quilates; mas este máximo é raro. A principal formação da zona vizinha consiste em xisto quartzítico, itabirito e xisto argiloso; à margem norte do rio das Velhas, também existe um belo mármore compacto, cor vermelho-carne e branco.

Ainda não era meio-dia, quando alcançamos Sabará. Como não considerássemos conveniente abreviar o habitual dia de viagem dos cargueiros, ordenamos que a tropa seguisse adiante, para o arraial de Caeté, distante três léguas a leste; nós, porém, fomos visitar o juiz de fora, para o qual trazíamos do Rio de Janeiro e de Vila Rica nossas cartas de recomendação. Conhecimento mais agradável do que o do Sr. Teixeira, português de origem, não poderíamos fazer, pois esse homem culto e amabilíssimo era tão grande amigo da história natural quanto da jurisprudência. Quando ele nos levou à sua biblioteca, vimos com grande prazer, além de alguns livros ingleses e franceses, também as obras de Buffon e uma edição de Lineu, feita pelo nosso compatriota Gmelin. A horta da casa em que ele morava ostentava alamedas de preciosas laranjeiras, cobertas de frutos, várias espécies de pequenas árvores frutíferas europeias e de Mirtáceas brasileiras, de cujo cultivo fazia ele o ensaio, e cujos frutos, já pelos cuidados de poucos anos, haviam melhorado em suco e

sabor; viceja aqui especialmente a jabuticabeira (*Myrtus cauliflora* Mart.). O nosso bondoso hospedeiro convidou-nos para almoçar em sua casa, em companhia de alguns funcionários locais; com exceção do juiz de fora e nós, eram todos brasileiros natos. A mesa era guarnecida com talheres de prata, de bom gosto, e servida com iguarias de toda espécie, não só do país como da Europa. Não demorou muito e o tema da conversa foi a comparação da Europa com o Brasil. Por mais que ambos nos esforçássemos por provar as vantagens de nossa pátria europeia sobre as do Brasil, a maioria dos votos insistia em que o Brasil, tanto por sua posição, como sua riqueza de produtos, era independente, e pouco a pouco granjearia essa superioridade do espírito e da indústria por nós elogiada. Durante as calorosas discussões, nós, estrangeiros, trocávamos olhares, exprimindo nossa admiração mútua diante do fato de que, antes de desenvolver a herança europeia em conhecimentos mecânicos e artísticos, já se achava estabelecida aquela das ideias. Como o reino das ideias se espalha com a rapidez da luz em fluxo e refluxo, de acordo com regras estabelecidas, já se reconhece pela vivacidade espiritual do brasileiro, de semelhantes conversações, frequentemente ouvidas, a tendência deste país.

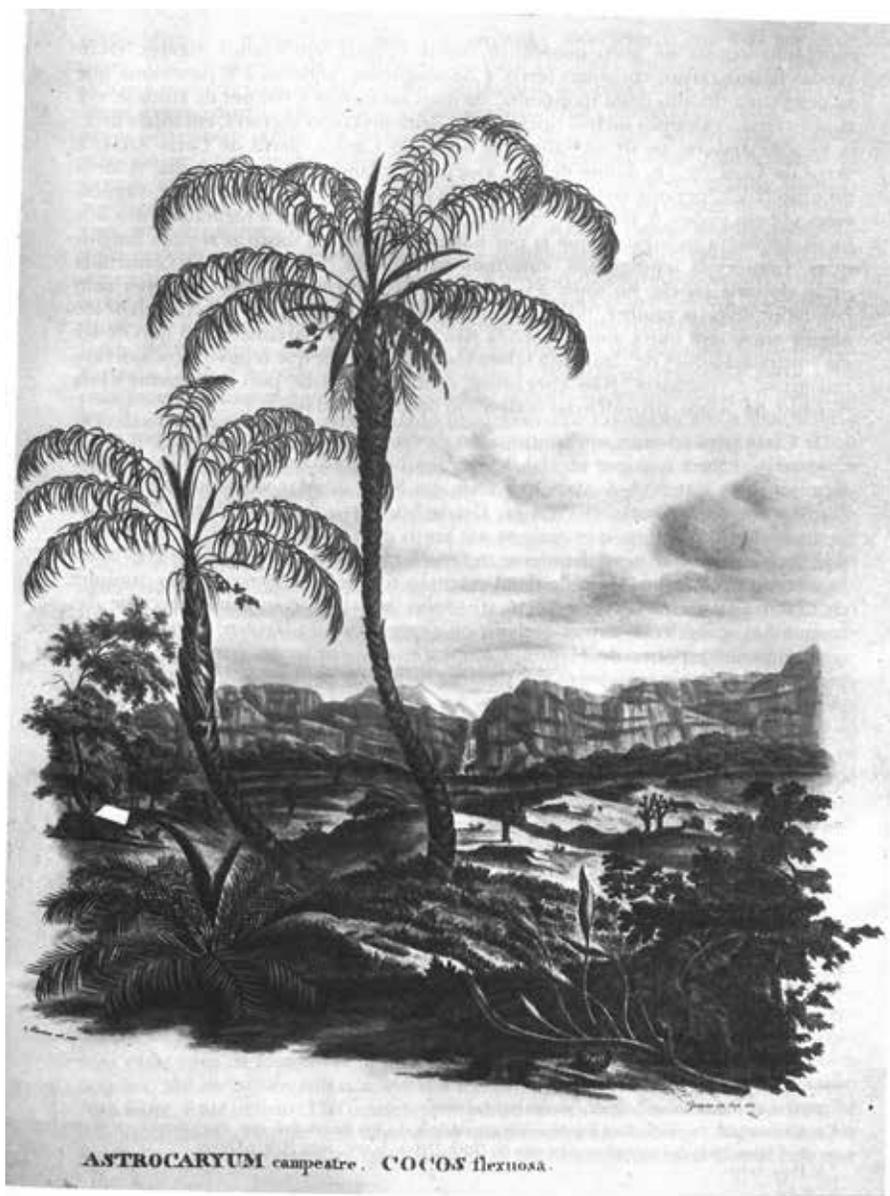
Despedimo-nos, pesarosos, da alegre companhia e do espirituoso hospedeiro, e cavalgamos até Caeté, ainda essa tarde, ao encontro da tropa. Uma estrada nova, larga, bem calçada, passa por uma garganta de serra; estava, porém, apenas pronta a metade da distância entre as duas vilas. As montanhas por onde ela segue, são todas orladas, na parte baixa, de matas cerradas, e na parte de cima, são revestidas pela mais linda vegetação dos campos. Apenas havíamos galgado o morro do Valério e seguíamos por outra montanha acima, que o sol se foi deitando, e em breve nos envolveu tão profunda escuridão, que precisávamos continuamente seguir à voz do guia, para não sairmos do caminho e cair nos abismos bem próximos. Por esse perigo, fomos compensados pelo esplendor das constelações, que pouco a pouco foram surgindo da escuridão e, para nossa alegria, a figura da Ursa Maior, de que estávamos desde tanto tempo privados, apareceu-nos de novo. Tarde, alta noite, chegamos a Caeté, onde encontramos a tropa em ordem.

Caeté, antigamente também chamada Vila Nova da Rainha, é pequena localidade, irregularmente espalhada num belo vale fértil, ao

sopé da serra da Piedade. No vale, o solo compõe-se, em grande parte, de barro vermelho aurífero, do qual zelosamente se lava o ouro. O irmão do intendente do Distrito Diamantino, o Sr. dr. Ferreira da Câmara, possui, na vizinhança, uma importante lavra, sobretudo nos filões de quartzo, rica em ouro. Na madrugada do dia seguinte fizemos uma excursão à próxima serra da Piedade. Essa montanha de rocha eleva-se a noroeste da vila, inteiramente isolada no vale, coberta toda em torno, embaixo até ao meio, de mato rasteiro; mais acima, tem gramíneas, samambaias, bambu arbustiforme e isoladas árvores anãs de Gônias, Loureiros, Malpíguias, *Byrsonimas*, *Styraxes* Rupalas, etc.; e o cume guarnece belas árvores do campo: Alstromérias, Amarilis, Orquídeas, Velósias, Micânias, Sauvagé-sias, Declieuxias, etc. A base da montanha consta de xisto quartzítico, sobre o qual, em muitos lugares, estão jazidas de micaxisto, contendo ferro, e de magnetita. Soberbo é o panorama que se descortina do alto desta montanha, de mais ou menos 5.400 pés de altitude, em cuja ascensão gastamos quatro horas; estão deitados como gigantes, em torno dela: o pico de Itabira, perto de Sabará; a serra do Caraça, perto de Catas Altas; a serra da Lapa, etc.; e, diante de nós, a oeste, resplandecia a lagoa Santa. A alma do espectador, perante tais perspectivas, de pontos altos, por assim dizer, vagueia enlevada em visões, e, fitando por cima dos campos, montes e habitações dos homens, consagra os lugares, que já por natureza dominam sobre as regiões longínquas. Com esses sentimentos, entramos na morada de um eremita, construída junto de uma capela, no topo. Esse eremitério também era notável, por ter sido habitação de certa mulher, tida em conta como santa, na região. Ela vivia ali desde alguns anos, sem outra alimentação, a não ser um ovo diariamente. O fato de ser ela sujeita a ataques de catalepsia talvez fosse a razão por que o povo a considerava milagrosa e visionária. Não chegamos, contudo, a vê-la, pois o governo havia tomado, há pouco, providências no sentido de afastá-la dali.

De Caeté para a frente, em continuação da viagem, tivemos que passar por grandes matas. Parece que este arraial deve o seu nome justamente a isso, pois Caeté significa mata espessa⁴. A mata que reveste a serra

4. De *caá*, “folha, árvore”, de *eté*, “muito, verdadeiro.”



Paisagem, no Distrito Diamantino.
(*Martius, Genera et species palmarum*)

do Mar vai acompanhando o Rio Doce e seus tributários Piranga, Gualacho, Percicaba⁵ e de Santa Bárbara a oeste até Mariana afora, e estende-se até perto da Vila do Príncipe⁶. Costuma-se, por isso, diferenciar nesta fronteira muitos lugarejos com os apelidos: do Mato Dentro ou do Campo. Mata de igual extensão tivemos que percorrer no caminho de Cocais. Tem esta região aspecto tristonho, solitário, e somente no cume das montanhas, coberto de capim-melado ou capim-gordura (*Tristegis glutinosa* Nees), e de algumas espécies de Hyptis, Compostas e Spermacece, patenteia-se-nos o panorama da majestosa serra do Caraça, com seus penhascos brilhantes, como prata, aos raios do sol.

Nestas matas encontra-se uma espécie de fumo-bravo (*Nicotiana langsdorffii*) e a árvore *almecegueira* (uma espécie de *Icica*), de cuja casca escorre uma excelente qualidade de goma *Elemi*. Em geral, essa goma é exportada do Rio de Janeiro misturada com duas outras qualidades sob o nome citado. Quando saímos da mata da primeira montanha que galgamos, vislumbramos a aldeia de São João do Morro Grande, com as suas torres gêmeas, num vale melancólico. Antes do pôr do sol, fizemos a ascensão da segunda montanha, e alcançamos, depois de uma caminhada de cinco horas, o povoado de Cocais, cuja capela, circundada de palmeiras, destaca-se graciosa num outeiro. Este lugar é afamado, sobretudo, pela quantidade e pureza do ouro aqui lavado, que aparece não só salpicado nos filões de quartzo, ou no barro, porém, igualmente em pedaços maiores, lâminas e cristais, dos quais tem o dr. Gomides uma notável coleção, além de outros minerais do país. O ouro daqui, assim como o do morro Grande, é, em geral, de 22 1/2 quilates. O proprietário das mais ricas minas do distrito de Cocais, Santa Bárbara e São Miguel, é o cel. Figueiredo, que emprega 200 escravos nas suas lavras de ouro. Traziamos carta de recomendação para ele; mas, infelizmente, o coronel já havia partido, para assistir, no Rio de Janeiro, aos festejos da coroação do rei. Nesse mesmo distrito encontram-se grandes bancos de compacto limonito (*marumbé*), e bem assim jazidas de

-
5. No original, *Percicaba*. Esta é a denominação vulgar do rio Piracicaba, que, engrossado por vários cursos d'água, é um dos primeiros afluentes do Doce. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)
6. Hoje Serro.

pedra-olar (talco), com a qual se fabricam vasilhas, achando-se ainda muitas vezes ouro no denominado itabirito. Não distante de Cocais, na estrada que leva ao Distrito Diamantino, aparece um granito branco-avermelhado, de fina granulação, que poucos depois está recoberto de um micaxisto rico de quartzo. Daí em diante, o caminho se foi tornando sempre mais solitário e despovoado; passava por terreno montanhoso, entre matas, alternadas aqui e ali com roças de milho e canaviais, e onde grandes trechos de terras cansadas e abandonadas foram invadidas por samambaias (*Pteris caudata*). Depois de Busceda e Duas Pontes, *duas choupanas*, transpusemos um riacho que nasce de uma jazida de itabirito e conteria grânulos de platina. No dia seguinte, partimos da Fazenda Cabo d'Agosta, passando por lagoas cercadas de vegetação luxuriante, pela Fazenda Tanguê e um rico engenho de açúcar, em caminho para o pequeno rio das Onças, que é todo circundado de altas matas. Papagaios e macacos, sobretudo o sagui-chico (*Callithrix Gigot Spix*), e onças enchiam essas selvas com o seu vozerio. O pouso da noite foi péssimo e a chuva, que vazava do telhado do nosso rancho, não nos deixou dormir. Como até aqui, no dia seguinte de viagem porfiavam matas virgens e campos, cada qual pela sua supremacia. Quando, ao meio-dia, saímos da mata, seguindo ao longo de uma lagoa, apresentou-se-nos a serra do Itambé e nela, à margem do rio, o arraial do mesmo nome, situado a 1.990 pés acima do nível do mar. Tratamos de subir, nessa mesma tarde, a montanha íngreme, para não pernoitarmos nesta região úmida, nevoenta. É a sua formação um xisto quartizítico esbranquiçado, de camadas mais ou menos acentuadas, cujo cimento aparece às vezes, sobretudo nas fendas, em forma de folhelhos de mica avermelhada. A sua lombada que se estende vasta, é em parte coberta por lajes, sisas nuas, e, em parte, pela vegetação dos campos. Surpreendeu-nos, particularmente, o grande número de nascentes de água límpida e muito fria, que não só haviam formado profundos regos, mas também aqui e ali, tinham cavado na pedra verdadeiros poços. Aqui a vegetação toma de novo o aspecto perfeito da alta região alpina; poucas árvores baixas de Ocoteias, Goimphias, Compostas, Liliáceas arboriformes, Velósias e Barbacênias, brenhas de Mirtáceas de folha miúda e Réxias, Cássias cobertas com raras formas de pelos glandulares, Sauvagésias nas encostas de rocha, entroncadas Eriocáuleas e Xirídeas, semelhantes a juncos, por entre os espessos e altos capins, prendem a atenção do botâni-

co. Obrigados a procurar pouso ao cair da noite, resolvemos pernoitar em Patos numa choupana ao lado. Quando caminhávamos pelo capim alto, tivemos a pouca sorte de pisar num montículo redondo de areia, construído e todo furado por enxame de grandes marimbondos; atacados por eles, só pudemos escapar às cruéis ferroadas, atirando-nos de bruços ao chão, obedecendo aos brados de aviso de guia. Esses insetos habitam em buracos e cavidades na terra, e costumam não ser tão numerosos nas suas casas nem de longe, como as abelhas. Eles têm quase o tamanho dos nossos vespões, são de cor esverdeada, e a sua ferroada produz, muitas vezes, inflamações com febre, e até delírio. Tão numerosos como estes incômodos bichinhos acham-se nos arbustos de Réxias, uns besouros grandes, cinzento-escuros (*Buprestis sculpta* Spix). Por mais interessantes que sejam para os naturalistas essas lombadas, que se estendem em planície a perder de vista, para a lavoura são, entretanto, pobres, pois em diversos e vastos trechos só há terreno alagadiço, com capim ralo.

No dia seguinte, alcançamos cedo o pequeno Arraial do Rio do Peixe, no vale e, ao entardecer, o morro de Gaspar Soares. Manuel Ferreira da Câmara, intendente-geral do Distrito Diamantino, havia instalado aqui, à custa do governo, uma Fábrica Real de Ferro, no ano de 1812. Está situada acima dum ressalto da montanha e consta de um alto-forno e duas refinações. Os fornos, o moinho de pilões, os armazéns, as habitações do mestre-fundidor e dos operários estão montados amplamente e teriam custado uns 200.000 cruzados. Para forrar os fornos, mandou-se vir grés de Newcastle, na Inglaterra, pois o xisto quartzítico do país torna-se facilmente friável ao fogo. Não encontramos o mestre-fundidor, um alemão, que não estava presente. Havia justamente partido para Vila Rica, e, por esse motivo, não funcionava a fábrica. De fato, já desde alguns anos o alto-forno não trabalha, por estarem à espera de diversos fundidores da Alemanha. Provisoriamente, produzem ambas as refinações o ferro necessário para o uso da vizinhança e do Distrito Diamantino. A água motriz é acumulada no cume do monte, num grande tanque, cimentado com minério de ferro, e conduzida para baixo num canal. Alguns censuram ter sido feita a instalação da fábrica nessa altura, porque sofrerá falta de água nos meses de seca. Também o carvão precisa ser tirado das matas situadas embaixo, pois as da montanha não basta-

riam. Quanto ao minério de ferro, é tão excelente e está em tal quantidade à mão que seria suficiente para abastecer, durante séculos, todo o Brasil. Acima do xisto quartzítico, que é a formação inferior, estendem-se jazidas maciças de magnetita compacta, micaxisto contendo oligisto e o tantas vezes citado limonito. Diferenciam-se cinco diversas qualidades do minério. O mais rico, o compacto limonito e oligisto tem 80% de metal, e como os fornos só conseguem derreter minério de 56% e misturado com diorito (Cabo Verde), que aparece em grandes fragmentos, como jazida, no barro vermelho, próximo da fábrica. Esse diorito mesmo contém 10% de ferro. A fim de estender a fábrica, o Sr. Ferreira da Câmara, amigo de grandes empreendimentos, propôs ligar o rio Santo Antônio com o Doce, e assim transportar o ferro até à costa marítima por via fluvial e, de retorno, trazer-se o sal, assim como outras necessidades do sertão. Esse desígnio influiu sobretudo na escolha do lugar, contra o qual se elevaram protestos, por motivo da altitude e da falta de água, crítica que Ferreira da Câmara refutou perante o governo, pois ele mesmo tomara a fábrica a seu cargo com reembolso de todas as despesas.

Uma légua a nordeste de Gaspar Soares, transpusemos o córrego das Lajes, de cujo cascalho de xisto quartzítico e micaxisto são lavados fragmentos de platina, ora redondos ora achatados, que se destacam em tamanho dos que aparecem no rio Abaeté; nunca se encontrou, porém, nenhum de peso superior a uma ou duas dracmas. Também em outro córrego da vizinhança, Ouro Branco, parece que se tem achado esse metal, cuja ocorrência em lugar próximo à formação de ferro merece especial consideração. Há quarenta anos passados, toda a região montanhosa de Gaspar Soares até Vila do Príncipe era revestida de densa mata virgem sem interrupção, continuando as matas do rio Doce; atualmente, já grandes trechos dela foram abatidos; contudo, ainda é agreste e sombrio o aspecto da zona. Só para o nosso índio Custódio estas selvas pareciam alegres; pois não precisava proteger-se contra os ardores do sol, sob um galho bem folhudo como costumava nas regiões dos campos. Passando por Sumidouro, fazenda solitária, descemos ao extenso Arraial da Conceição, à margem do rio Santo Antônio, e pernoitamos na solitária fazenda do pe. Bento. Uma das nossas mulas cargueiras havia-se descadeirado na subida do morro, caso que exigia rápido socorro. O arriero pro-

curou remediar o animal com clisteres, cataplasmas quentes e aplicação de um emplastro. Para este último emprega-se aqui no país, misturada com breu, a resina balsâmica do lantim (*Calophyllum calaba* Jacq.), que exsuda em gotas límpidas, amarelo-claras, da casca retirada da árvore, e que é semelhante, em consistência e aroma, ao óleo da terebintina. Enquanto se tomavam essas disposições, percorremos as matas próximas da serra do Quati, e, como nos fôssemos internando descuidados no reino da natureza, e inopinadamente nos separássemos, um de nós, acompanhado pelo índio, e, por felicidade, bem armado encontrou no meio da mata uma rota de milho isolada. O índio acabava de lançar a sua flecha numa arara vermelha e estava ocupado a procurá-la, quando um vigoroso mulato chegou correndo e com aspecto ameaçador e, fazendo girar um grosso cacete, perguntou com que direito se estava caçando nas suas terras. Respondeu-se-lhe pedindo desculpas e mostrando ao petulante o passaporte real; o fazendeiro retrucou todo colérico: — “O rei manda na casa dele, e eu na minha!” Entretanto, os escravos negros, com fuzis na mão, aproximavam-se deslizando no capim e pareciam esperar só o sinal do senhor, para atirar no estrangeiro. Nessa perigosa situação, era preciso mostrar coragem e resolução; o viajante pôs-se sossegadamente a deitar balas nos canos da espingarda, e, já que não se podia valer da persuasão em sua defesa, avançou para o inimigo com a alma em posição; diante disso, ele e seus escravos armados dispararam em debandada, uma prova concludente da covardia dos mulatos e da superioridade do europeu sobre muitos negros e mulatos.

Do nosso pouso à Vila do Príncipe ainda distava oito léguas. A estrada continuava sempre por despenhadeiros, selvas e trechos de terreno árido com samambaias, passando por Onça, Bonsucesso e Taparoca, na direção do arraial de Tapanhoacanga, povoação de uns 1.000 habitantes, que faiscam ouro. Depois de passarmos pela Fazenda de D. Rosa, perto da Fazenda do Rio de Peixe, o aspecto da região das campinas tornou-se mais belo.

Vila do Príncipe⁷, principal cidade da comarca de Serro Frio, está situada a 3.200 pés de altitude, distando 32 léguas de Vila Rica, 28 de Sabará, 9 do Tijuco⁸, 106 do Rio de Janeiro, sobre um outeiro que se prolonga em recôncavo formado por montanhas mais altas, cobertas de pastos. As ruas são ladeiras tortuosas e mal calçadas; as casas pequenas e

pobres. Na ocasião de nossa demora ali, estava-se justamente cuidando da construção de nova igreja. O número de habitantes vinha-se reduzindo nestes últimos decênios, em consequência do rendimento cada vez menor das minas de ouro, de sorte que, atualmente, não conta mais de 2.000 almas, e nesta zona de antiga opulência só se encontram vestígios de miséria. Fomos recebidos muito amavelmente, tanto pelo ouvidor, homem culto aqui residente, como pelo vigário. Este acolheu-nos em sua casa ornamentada com gravuras em cobre, francesas e inglesas, o que o revelou para a nossa alegria como amigo das artes. A sua freguesia estende-se pela maior parte da comarca e também pelo Distrito Diamantino; consta de 23.000 almas, e é administrada por ele e alguns coadjutores, pagos de seu bolso. O ouvidor é também intendente da Fundição de Ouro, que está anexa, à sua residência oficial; comparada com a de Vila Rica, é sem importância, e consiste apenas de um único forno, uma sala para pesagem e verificação das barras, e outra para carimbar e separar o quinto real. Também o ouro encontrado no Distrito Diamantino tem de ser fundido aqui. O valor do ouro obtido nos últimos anos não passa, em média anual, de uns 20 a 24 contos de réis. O metal aqui achado é de particular pureza, em geral de 22 a 23 $\frac{3}{4}$ quilates, e de bela cor. Na argila vermelha, que reveste em grandes extensões o xisto quartzítico, acharam-se outrora alguns grandes blocos de ouro maciço, até o peso de várias libras, e também hoje se notam nela muitos cristais de ouro. Antigamente, parece que nas lavagens também apareceram diamantes. Pena é faltar, para a exploração da maioria das lavras, suficiente água, que mesmo perto da vila é ajuntada por fossos artificiais na colina. Fomos muito procurados aqui como médicos e tivemos de examinar grande número de doentes, que sofriam principalmente de doenças crônicas do peito, hidropisia, etc.

Como por uma especial ordem régia, a entrada no Distrito Diamantino, que começa a umas cinco léguas daqui só é permitida se o intendente-geral dele autoriza por escrito o registro, o ouvidor teve a bondade de mandar um mensageiro especial (pedestre) a Tijuco com nosso

7. Hoje Serro.

8. Hoje Diamantina.

requerimento, junto com a licença do rei. Entretanto, seguimos na direção N.O.; por morros cobertos de mata, e fizemos pouso no rancho das Três Barras, onde, alguns dias antes, uma onça tinha espalhado terror geral; ali paramos à espera da desejada autorização. O mensageiro voltou nessa mesma tarde, e entregou-nos a resposta escrita, em que o intendente Ferreira da Câmara nos convidava a jantar com ele no dia seguinte, em Tijuco. Satisfeitos com a tão almejada licença, depois do desassossego da espera, logo nos pusemos a caminho para o posto da fronteira, ainda distante légua e meia, o arraial do Milho Verde. Esses *Destacamentos* ou *Registros* são dez, em torno do Distrito Diamantino, numa distância de cinco até seis léguas, isto é, começando a oeste de Milho Verde: Paraúna, distante de Tijuco dez léguas; Bandeirinha, três; Gouveia, cinco; Rio Pardo, sete; Andaial, quatro; Inhai, sete; Inhasica, dez; Rio Manso, cinco; e Itaibaba, seis. Os soldados, aqui destacados, do regimento de Dragões de Minas, têm o dever de impedir a entrada de quem quer que seja, de onde quer que venha, e qualquer que seja a sua posição, sem uma ordem especial do intendente-geral. Os próprios habitantes do Distrito Diamantino, toda vez que em viagem transpõem as fronteiras, precisam de apresentar a licença escrita do intendente-geral. Dessa instrução, nem o próprio governador da província de Minas está exceto. À saída da demarcação diamantina, toda pessoa é submetida a rigorosa vistoria pelos soldados. São estes últimos autorizados a investigar, com minúcia extrema, não só todos os haveres do viajante, todas as rugas e cantos da bagagem, porém, igualmente todas as partes acessíveis do próprio corpo e dos cargueiros, para se verificar se não levam escondido algum diamante; em caso de suspeita, a reter o viajante 24 horas, para se examinar se alguma pedra preciosa não foi engolida. Dessa vistoria ninguém se pode dispensar; depende, entretanto, dos soldados em serviço. A fim de que esses Registros não possam ser contornados pelos pedestres, patrulhas volantes percorrem o interior e fronteiras do Distrito e são igualmente autorizadas a deter qualquer um. Logo que o cabo, comandante do posto, tomou conhecimento da permissão escrita, pudemos deixar o quartel e, transpondo o ccirrego, achamo-nos no Distrito Diamantino, tão ardentemente almejado.

Quase parece que a natureza escolheu para a região originária dessas pedras preciosas os mais esplêndidos campos e os guarneceu

com as mais lindas flores. Tudo que até agora havíamos visto de mais belo e soberbo em paisagens, parecia incomparavelmente inferior diante do encanto que se oferecia aos nossos olhos admirados. Todo o Distrito Diamantino parece um jardim artisticamente plantado, a cuja alternativa de românticos cenários alpestres, de montes e vales, aliam-se mimosas paisagens de feição idílica. Desde a costa marítima, tinha sido a princípio nosso ambiente um mato virgem, o mato geral, com arvoredos de enorme altura, espalhando-se na ponta em copa e entrelaçado nos cumes; daí seguem-se trechos menores, ocupados por bambus e samambaias, em direção aos picos das serras da costa; depois desses, à entrada do planalto mais baixo, sobretudo para o sul, estão os *pampas*, o *campo-geral*, planícies de graciosos e verdes ervais, interrompidos aqui e ali por alguns arbustos; nas lombadas das montanhas do planalto, que se estendem do trópico para o norte, alternam-se a perder de vista campos alpestres, ora com *capões*, matas de densa folhagem sempre verde, ora com os mais ralos *tabuleiros* ou *cerrados* de grupos de arbustos densamente unidos, ora *carrascos* de mato baixo impenetrável. Mas na região em que cavalgávamos agora, parecia que todas essas formas se houvessem harmonizado num todo encantador. Os outeiros e vales serpeantes, interrompidos por montanhas isoladas, são bordados, ao longo do sopé delas, e nos vales, animados por claros regatos com mata de folhagem densa de árvores sempre virentes; junto das encostas estendem-se contínuos campos verdes, interrompidos por moitas de arbustos de toda espécie, e sobre as lombadas pouco inclinadas expandem-se as mais bonitas campinas, nas quais estão distribuídas Liliáceas, moitas baixas de arbustos e arvorezinhas isoladas, enfeitadas com variegadas flores, de modo tão encantador, que se caminha por meio delas, como se fosse num parque artisticamente plantado. O próprio solo desse jardim natural é coberto de fragmentos de itacolomito de brancura deslumbrante, onde pequenas nascentes sussurram serpeantes, aqui e acolá. Finalmente, aparecem os topos das lombadas muito fragmentados e fendidos, restos do tempo que renova incessantemente, como ruínas singularmente românticas, mostrando arbustos isolados e líquens. Sente-se o viajante, nesses deliciosos jardins, atraído de todos os lados por novos encantos e segue extasiado pelos volteios do caminho sempre nas alturas que o leva de uma a outra

das belezas naturais. Volvendo o olhar do pacífico e variegado ambiente para a distância, o espectador vê-se todo contornado por altas montanhas rochosas que, iluminadas pelos ofuscantes raios solares, refletem uma luz resplandecente de seus vertices brancos, recortados em forma maravilhosa, aqui ameaçam desmoronar, ou, ali em amontoados terraços uns sobre os outros, puxam para o azul etéreo do céu, ou abrem-se profundos vales, patenteando abismos sombrios, onde alguma torrente da montanha abre caminho com estrondo. Nesse magnífico ambiente fomos nos aproximando da primeira lavagem de diamantes. Vau, situada num vale solitário, junto do rio das Pedras, a uma légua de Milho Verde. Veem-se aqui num morro diversas chocas para os escravos negros, cuja tarefa é lavar os diamantes do cascalho do rio e do solo argiloso, misturado com muitos fragmentos de xisto quartzítico e micaxisto, que para esse fim é regularmente escavado. Não pudemos alcançar no mesmo dia a meta de nossa viagem, Tijuco, e fomos forçados a pernoitar numa pobre fazenda, Palmital, ali perto. Depois de havermos, no dia seguinte, vencido duas encostas de montanha, entramos no vale do rio Jequitinhonha, rico em ouro e diamantes, transpusemos a ponte sobre ele, perto da qual existiu outrora muito produtiva lavagem de diamantes, e tivemos, afinal, a satisfação de alcançar o arraial de Tijuco.

.....

Capítulo II

ESTADA EM TIJUCO E EXCURSÕES PELO DISTRITO DIAMANTINO

SANTO ANTÔNIO DO TIJUCO¹, distante quarenta léguas de Vila Rica, reclina-se no declive oriental em terraços de um monte, em cujo sopé corre o ribeirão de Santo Antônio, e é um dos arraiais mais florescentes do Brasil. As suas casas são de dois pavimentos, asseadas e cômodas; as lojas acham-se bem abastecidas com artigos de toda espécie; é muito bom o calçamento das ruas, o qual prossegue, desde há pouco, na via pública principal, por meia hora fora do arraial. É o lugar principal do Distrito Diamantino, sede do intendente-geral e de toda a Junta Diamantina, que consta, além do funcionário supremo acima mencionado, do corregedor-fiscal, de dois caixas, um inspetor-geral e um escrivão dos diamantes. Para vigilância do lugar, guarnição dos Registros e serviço militar da Junta, estaciona aqui um comando do Regimento dos Dragões de Minas. Contam-se mais de 6.000 habitantes, que, como já disse acima, pertencem à diocese da Vila do Príncipe, e estão sob o cuidado de simples coadjutores.

1. Hoje Diamantina.

Deve Tijuco a sua origem e o atual florescimento, só e só ao aparecimento dos diamantes. Essas gemas foram achadas no primeiro decênio do século passado quando se começou a faiscar ouro ao norte da Vila do Príncipe, e, a princípio, eram empregadas como tentos (marcas de jogo), com cujo brilho a gente se deleitava sem conhecer o valor. Um ouvidor da comarca, que havia visto em Goa diamantes brutos das Índias Orientais, foi o primeiro que reconheceu as pedras daqui como idênticas àquelas; secretamente ajuntou grande quantidade delas e, finalmente, regressou a Portugal, não sem antes haver comunicado à família de Bernardino da Fonseca Lobo². Este último, no começo, entregou o seu achado ao governador de Minas Gerais; mas, afinal, não tendo recebido dele a esperada recompensa, levou o resto de suas pedras para Lisboa. O governo português, ficando com isso alerta, declarou, no ano de 1730, regalia os diamantes, e decretou que seriam cobrados os mesmos impostos como para o ouro. Quando se verificou ser esse processo impraticável, foi estabelecido para cada escravo, que lavava diamantes, um imposto de vinte a cinquenta mil-réis anuais *per capita*; foram mais rigorosamente demarcadas as fronteiras do Distrito Diamantino e, no ano de 1741, foi arrendada a exploração dos diamantes pela quantia de 230\$000 para cada negro, e a licença para trabalhar com 600 deles por quatro anos foi concedida a João Fernandes de Oliveira e a Francisco Ferreira da Silva. Esse arrendamento sob semelhantes cláusulas foi duas vezes renovado com João Fernandes de Oliveira e, no ínterim, uma vez, com a família de Felisberto Caldeira Brant, de Paracatu, para o que teve o erário de Vila Rica de contribuir, por ordem régia, com consideráveis subsídios. Foi subindo cada vez mais o preço do arrendamento, até 450.000³ cruzados anualmente. Os arrendatários (*contratadores*), entretanto, tomaram a liberdade de trabalhar de fato com muito maior número de escravos do que lhes era concedido no contrato. Segundo se conta, Fernandes de Oliveira, em vez dos 700 escravos previstos, empre-

-
2. Chamava-se Bernardo, e não Bernardino, como decerto leram em Southey os autores. A. de Saint-Hilaire (*ob. cit.*, I, 2), assinalou também esse erro. Sobre o descobrimento dos diamantes em Minas Gerais, veja-se Basílio de Magalhães, *Expansão geográfica do Brasil colonial*, págs. 239-240. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)
 3. 1=400 réis. (Nota da Ed. Melh.)

gava 10.000 e, por um sistema de suborno que de Minas se estendeu por todo o Brasil até à corte de Lisboa, escondia o seu condenável modo de trabalho. Semelhantes delitos e o orgulho a que os induzia a opulência, talvez fossem o motivo por que a família dos Caldeiras, que também explorou jazidas diamantinas no rio Claro e rio dos Pilões, em Goáas, mais tarde descobertas, foi aprisionada e teve os seus bens confiscados e seu chefe acabou sua vida no cárcere, em Lisboa⁴. A contínua exploração fraudulenta havia esgotado bastante as minas; esses motivos e outros levaram o rei a tomar por sua conta a administração dos garimpos de diamantes. As regiões onde até então eram achados os diamantes, foram, de certo modo, elevadas a um Estado isolado dentro do Estado, e com fronteiras exatamente definidas, a Demarcação Diamantina; também foi organizado um numeroso pessoal de serviço para a extração dos diamantes, rigorosamente proibida a qualquer outra pessoa. Reservou para si o marquês de Pombal, como diretor do erário real, a administração suprema dessa instituição. Sob as suas ordens, estavam em Lisboa, três diretores, e três administradores no Brasil, sobre os últimos dos quais tinha precedência o desembargador e intendente-geral da Demarcação Diamantina. A este intendente estava submetido, como a senhor absoluto, todo o Distrito Diamantino, onde ele, como representante do rei, manda com poder sem igual. O intendente achava-se não só investido da suprema direção de todos os trabalhos necessários para a extração dessas pedras, como era igualmente juiz supremo e chefe de polícia. Ele pode, a seu arbítrio e a uma simples suspeita, banir qualquer habitante para fora da Demarcação, e, ao encontrar-se algum diamante nas mãos de um morador do Distrito, expulsá-lo deste e confiscar-lhe os haveres. É quem sentencia as questões civis e criminais; do seu julgamento e da Junta,

4. Felisberto não morreu no cárcere, em Lisboa. A verdade é que, aberta a prisão lisbonense, pelo terremoto de 1º de novembro de 1755, o desventurado brasileiro foi apresentar-se ao marquês de Pombal, a quem pediu a designação de novo ergástulo e o andamento do processo, até então inconcluído. Ante a liberdade condicional, que lhe deu o poderoso ministro de d. José, Felisberto foi tratar da saúde, gravemente combalida, em Caldas da Rainha, e ali morreu três meses depois. Veja-se o interessante trabalho de Rodrigo Otávio *Felisberto Caldeira – Crônica dos tempos coloniais*, págs. 248-252. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

que lhe é subalterna, não há apelação, a não ser o perdão do rei. Ademais estabeleceu-se um sistema rigorosamente consequente de fiscalização de todos os funcionários dessa instituição, uns pelos outros. Era obrigação dos funcionários da Junta, no caso de se saber alguém de posse de diamantes, denunciá-lo logo ao intendente, o qual imediatamente expedia ordem de prisão e inquisição; era também permitido a qualquer soldado da guarnição do Distrito, em circunstâncias prementes, fazer o exame, sem mais consultas nem esperar ordens e levar o culpado à presença do intendente. Para remover a influência dos padres nessa zona, foi proibido pelo *Regimento*, dado então por Pombal, formar ali uma diocese própria, razão por que os tejuquenses pertencem a diocese da Vila do Príncipe.

Única na História é essa ideia de isolar uma região na qual toda a vida civil foi subordinada à exploração de um bem exclusivo da Coroa.

No estabelecimento dessa nova ordem de coisas, eram obrigados todos os moradores do Distrito, depois de rigorosa investigação das suas condições cívicas, a registrá-las. Quem não podia dar informação satisfatória, tinha que se retirar do Distrito; se regressasse mais tarde, incorreria logo da primeira vez na multa de cinquenta oitavas de ouro e seis meses de prisão; na segunda reincidência, porém, era condenado a exílio de seis anos para Angola. Os colonos que viessem depois deviam igualmente apresentar razões plausíveis para o seu estabelecimento ali. Mesmo nas proximidades do Distrito, ninguém se instalava sem o beneplácito do intendente, que era também autorizado a não tolerar, na comarca de Serro Frio, pessoa suspeitada de contrabandismo. Limitou-se o número de hospedarias, vendas e lojas. Era preciso requerer a entrada no Distrito Diamantino por uma petição, explicando os motivos; dependia a concessão do intendente, que, de resto, só uma vez podia prolongar o prazo. Os escravos, que se achavam no Distrito, eram sujeitos também à mais rigorosa vigilância. Nenhum deles podia ser admitido ali, sem motivo suficiente; se fosse encontrado um escravo não registrado, era seu senhor condenado, na primeira vez, a três anos de trabalho forçado em Angola, na segunda, a dez anos. Deste último castigo era também passível o senhor dos escravos, em cuja posse se achassem essas pedras preciosas, ou dos que fossem encontrados em sua exploração. Nesse mesmo espírito, eram elaboradas as demais leis, com as quais queria Pombal garantir para o rei a exclusividade de aquisição dos diamantes.

Com pequenas modificações, essas mesmas leis vigoravam, quando percorremos o Distrito Diamantino. Era intendente-geral do Distrito Diamantino, na ocasião de nossa estada no Brasil, Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá, brasileiro nato, formado na escola de nosso imortal Werner e por viagens durante oito anos na Alemanha, Hungria, França e Inglaterra, e conhecido dos mineralogistas por algumas obras de valor. Ele esforçou-se particularmente por nos tornar agradável e proveitosa a nossa demora ali; mandou preparar uma casa especialmente para nós e insistiu para compartilharmos das refeições de sua gentilíssima família. Uma distinta prova de seu interesse pela ciência deu-nos ele, mandando adiar por alguns dias a remessa, para o Rio de Janeiro, do produto das lavagens de diamantes deste ano, a fim de nos permitir fazer o seu exame científico.

Com esse intuito, convocou-se uma sessão do Conselho Administrativo Junta Diamantina, para a qual fomos convidados. Foi retirada do lugar seguro toda a coleção apresentada à assembleia. Consistia em 9.396 quilates e 2 grãos⁵, achando-se as pedras separadas, segundo o tamanho, em doze *lotes*, e distribuídas em diversos saquinhos de seda vermelha. Faz-se a classificação por meio de um estojo de latão de onze divisões com peneiras diferentes pelo tamanho dos furos e dispostas de maneira que os diamantes menores se ajuntam no compartimento inferior, e os maiores ficam em cima, no primeiro. Os diamantes dos três primeiros *lotes*, cada um dos quais deve pesar mais de três quilates são contados⁶. No primeiro saquinho achavam-se as pedras maiores do peso de mais de oito quilates.

5. 1 quilate=1,99 gramas 1 grão=0,05 gramas 1 oitava=17 ½ quilates=3,5g.

6. Os diamantes são pesados aos quilates, dos quais, 17 ½ pesam uma oitava, assim como esta, 32 vinténs ou 70 grãos. Um quilate equivale, em média, a 8\$000. O valor dos diamantes aqui citados (9.396 quilates) foi, portanto, de 75:168\$000. Como se vê das tabelas insertas no fim deste capítulo, a soma de todos os diamantes, obtidos desde a administração régia até 1818, foi de 1.298.037 quilates; durante o período dos contratadores das lavagens de diamantes, recebeu o governo informação sobre 1.700.000 quilates (número muito baixo). As referidas parcelas dão um total de 2.998.037 quilates ou 1.301 libras, cujo valor, consoante com o que citamos acima, seria de 23.984:296\$000. Esta soma não parece corresponder às grandes despesas da administração, e, por esse motivo, foi abandonada pelo governo a extração dos diamantes, alguns anos depois da nossa estada em Tijuco, e entregue a diversos particulares.

Havia onze delas, e entre essas uma do tamanho de uma avelã grande, do peso de três oitavas e 14 1/2. Apresentava formato de octaedro regular, ao qual faltava a terça parte numa extremidade, e era de bela cintilação e cor esverdeada. Entre as pedras que foram achadas no Distrito Diamantino, e de conhecimento notório, ocupa este, pelo tamanho, o quarto lugar⁷.

Além dos diamantes, encontram-se nas mesmas minas também outras pedras preciosas entregues à Junta às vezes ao mesmo tempo e estas são, depois do exame, postas de lado, como não verdadeiras. Teve a Junta a amabilidade de oferecer-nos, de presente, essas pedras, a fim de as fazermos examinar melhor na Europa. Acham-se atualmente no Museum brasilianum de Munique. São sobretudo, alguns crisoberilos de notáveis variedades de cor, isto é, amarelo-azeite, cinza-azulado, passando para verde-espargo, verde-pistácia e também para azul-celeste; estes dois últimos são chamados no Brasil *águas-marinhas verdes e safiras*. Além disso, acham-se entre eles topázios brancos e azuis, espinélios, quartzo de notável beleza de tons rosado e verde-marinho, corindos e, finalmente, grãos de lazulita. Mostraram-nos também alguns pedaços de vidro de garrafa, aos quais os negros, pelo polimento, deram uma forma octaédrica, e, pela fricção sobre estanho, a cor dos diamantes, a fim de os vender como tais. De fato, estes produtos da indústria com que os negros procuram enganar os forasteiros recém-chegados, têm alguma semelhança com diamantes brutos, com a casca; somente o perito logo os distingue pela falta de peso, do característico brilho e cintilação, visibilidade das camadas, pelo som, ao arranhá-los com diamantes, e pela impossibilidade de cortar vidro com eles.

Depois de revista toda a coleção de diamantes extraídos este ano pela totalidade dos membros da Junta, e redigido o respectivo protocolo, foi acondicionada na presença de todos os membros; depois de metidos em

7. Segundo informação oficial da Junta Diamantina, achou-se, durante o tempo do arrendamento, um diamante de 7 oitavas, o qual, por ignorância, foi partido na bigorna em diversos pedaços; em 1780, achou-se um de 4 oitavas e 11 ¼ grãos, e, no ano de 1803, um de 4 oitavas. O maior de todos os diamantes brasileiros, até hoje conhecidos, um de 138 ½ quilates de peso, foi encontrado fora da demarcação, no rio Abaeté, pelo ano de 1771. Encontra-se atualmente no Rio de Janeiro, guardado no Tesouro.

saquinhos numa caixinha revestida de marroquim vermelho, fechada com duas fechaduras, uma pelo intendente-geral e a outra pelo fiscal corregedor, e em seguida entregue, com o protocolo da sessão, ao Destacamento de Dragões, chamado, com endereço a S. M. o rei, para ser remetida ao governador de Vila Rica, e despachada para o Rio de Janeiro.

A maior produção de diamantes tem sido sempre fornecida pelos dois rios principais do Distrito Diamantino, o rio Jequitinhonha e o rio Pardo. Nasce o primeiro na serra do Gavião, a sueste do Tijuco, faz uma grande volta em torno desse lugar, corre engrossado pelo Itacambiruçu, o Araçuai e diversos outros rios, rumo nordeste para a mata costeira montanhosa, e, acima de Porto Seguro, na província de igual nome, sob a denominação de rio Belmonte, lança-se no oceano por diversas embocaduras. Achou-se nele imensa quantidade de diamantes, e mesmo a maior parte de colorido claro e de muito pura água. Nasce o rio Pardo na fronteira noroeste da comarca; conserva quase sempre a direção noroeste e, finalmente, vai desaguar no rio das Velhas. Nestes últimos anos, retirou-se dele muito rico rendimento, sobretudo em pedras pretas e verde-garrafa, e, entre elas, a acima mencionada, de três oitavas e 14 ½ gãos. Num só poço desse mesmo rio, foram achados, de uma só vez, 180 quilates. Entre todas as lavagens de diamantes do Distrito, as do rio Pardo são as mais afastadas, isto é, distam oito a nove léguas do Tijuco. Além destes dois maiores rios, quase todos os demais córregos e nascentes do Distrito são mais ou menos portadores de diamantes, tanto em leitos novos, como sobretudo nos antigos, e atualmente, muitas vezes cobertos com cascalho, em considerável profundidade.

Para lavar os diamantes do cascalho empregaram-se sempre os escravos. Quando o governo tomou conta do trabalho, era a tarefa executada por negros que pertenciam ao rei; são arrendados do dono com pagamento de diária. Vivem esses escravos perto dos garimpos, em pequenas choças, que eles constroem com ripas e junco, e são alimentados pela Junta Diamantina, com feijão, farinha de milho, toicinho e cachaça, gêneros que ela lhes envia semanalmente, por próprias tropas de mulas, destinadas a esse fim. Como se acham reunidos aqui, em grande companhia, vivendo a seu gosto e segundo os costumes africanos, preferem os negros esse gênero de existência a qualquer outro. Recebem os senhores desses negros, sema-

nalmente, o aluguel de 300, 450 ou 600 réis; também são pagos os dias em que não se trabalha. Diminuiu o número de trabalhadores negros com a caída da extração.

Com o fim de estimular os negros no trabalho, recebem eles, pelo achado de um diamante de valor, pequenos presentes: gorros de lã, panos, fumo, etc.; e se o diamante é de mais de 17 ½ quilates, paga a administração a alforria do achador, que logo é declarado livre, ficando este, entretanto, obrigado a completar a diferença entre o valor e o resgate com dias de trabalho; se, acaso, o valor da pedra é superior ao preço de venda do escravo, recebe este último, além da liberdade, ainda um auxílio para se estabelecer.

Vigiam muitos capatazes *feitores*, o trabalho dos negros; daquelas havia, no ano de 1818, uns 100. Para esse ofício, escolhem-se, de preferência, homens brancos, e costuma-se pagar a cada um 300\$000 anuais. É sua obrigação incitar os negros ao trabalho; vigiá-los, a fim de que entreguem devidamente as pedras achadas; e, nos dias de descanso nas suas casas ou na ocasião de suas festas barulhentas, velar para que observem ordem e sossego. Dez administradores exercem não somente o controle sobre os feitores e pesam diariamente, ou ao menos uma vez por semana, os diamantes achados, que, logo em seguida, guardam num saquinho de couro, e prendem à cinta, até que os entreguem à administração de Tijuco; dirigem eles também os trabalhos maiores em parte de mineiro, como: a limpeza dos leitos de rio, o arrebentar de rochas com explosivo, a colocação dos maquinismos, a escolha do cascalho e da areia a serem lavados etc. Os administradores moram, portanto, sempre ao lado das lavras, *serviços*, mais importantes, de onde uma vez por semana vão, a cavalo, ao Tijuco a fim de fazer a entrega dos diamantes à Junta de Extração. Esta Junta faz um exame mais rigoroso das pedras preciosas, pesa-as novamente, e registra-as no livro segundo o peso, ou cada uma ou em partidas. Para o pagamento do aluguel e sustento dos escravos, compra de aparelhamento de mineração, construção de máquinas e salário dos numerosos funcionários, recebe a Junta Diamantina, anualmente, do erário real de Vila Rica, 300.000 cruzados. Hoje, 120.000 cruzados dessa quantia emprega a Junta nos salários, 100.000 no resgate de obrigações, que ela emitiu em lugar do pagamento em espécie, em tempos passados, quando se empreenderam dispendiosas

obras de mineração, até a vultosa quantia de 1.000.000 de cruzados. Toda a dívida deverá ser amortizada em dez anos e, em seguida, de novo se empregará no trabalho maior número de negros.

O governo, antigamente, havia proibido com o máximo rigor, lavar-se ouro dentro dos limites do Distrito, por querer conservar intacto o território e reservar para si a extração dos diamantes. Contudo, diante das repetidas representações feitas no Rio de Janeiro, conseguiu o intendente a licença para, também agora, estabelecer lavagens de ouro na Demarcação, em sítios escolhidos pela Junta. Já se expediram duzentas concessões destas aos habitantes do Distrito. Alegava Ferreira da Câmara em favor dessa licença as razões de que, em geral, as regiões ricas em ouro são pobres em diamantes, que o erário seria amplamente compensado da perda das pedras sonegadas com o quinto de ouro arrecadado dos terrenos explorados, e que a diferença dos métodos de extração nas duas espécies de mineração não permitia aos faiscadores colher diamantes ao mesmo tempo. Essas razões confirmaram-se plenamente na prática, e muito ouro, que, de outro modo, seria levado pelos rios ao mar, foi assim preservado. Quando também às vezes aparecem pedras preciosas nas lavagens de ouro, logo são entregues, como nós mesmos fomos testemunhas, pelos donos das minas, à Junta de Extração, segundo manda a lei.

Muito mais importante do que a perda pelas lavagens de ouro autorizadas no Distrito Diamantino é a que sofre a Coroa com o contrabando feito pelos chamados *garimpeiros*.

Essa gente revolve o cascalho dos rios e regatos nas mais remotas partes do Distrito, ou roubam durante a noite, nos *serviços* do rei, nos lugares onde o cascalho já está preparado para ser lavado. Não raro são até escravos fugidos que vivem escondidos nos penhascos e cavernas da montanha de difícil acesso, e dali saem a praticar toda sorte de furtos. Todavia, parece que nos *serviços* da Junta Diamantina necessária a máxima vigilância sobre os próprios negros empregados. Incríveis são as variadas fraudes usadas pelos pretos, já por natureza ardilosos e inclinados ao furto, para obter e esconder estas valiosas gemas. Na presença do feitor, e enquanto continuam lavando, eles conseguem esconder o diamante achado, entre os dedos da mão ou do pé, nas orelhas, na boca, na carapinha; quando esses meios não servem, até engolem a pedra, ou a lançam para trás das costas,

para depois buscá-la de noite. Para esses furtos, os negros são levados não somente pelo instinto, mas também pelo bom acolhimento dos compradores. Assim como o roubo, também o contrabando dos diamantes nas fronteiras é praticado na maior parte por negros.

Por mais ativa que seja a vigilância dos postos e das tropas volantes contra o contrabando, este se faz por gente conhecedora de veredas escondidas nas montanhas agrestes ou nas matas, evitando os postos e levando com segurança o pouco volumoso tesouro proibido para além da fronteira. Conseguido isso, têm os compradores ao seu dispor meios suficientes para fazer seguir as pedras, escondidas em fardos de algodão ou outras mercadorias, aos seus comissários estabelecidos na costa, no Rio de Janeiro ou Bahia. Se não é praticado tão publicamente, como diz Mawe, o negócio ilegal dos diamantes, não deixa, entretanto, de verificar-se também aqui a citação: *Nitimur in vetitum semper cupimusque negata*⁸.

Os conhecimentos sobre o Distrito Diamantino até aqui obtidos e que, na maior parte, nos chegaram por conversa, despertaram em nós interesse ainda mais vivo para examinarmos *de visu* as minas, no próprio local. No dia 23 de maio, conduziu-nos Ferreira da Câmara a uma rica mina de ouro existente perto do registro Bandeirinha, três léguas a sudoeste do Tijuco, que ele havia autorizado o filho de um dos funcionários a montar. Quando chegamos ao cume da montanha, em cuja encosta oriental está situado o arraial, percorremos a Lavra dos Picos, semelhante a uma pedreira. O xisto quartzítico, cujas gangas e depósitos se haviam explorado à busca de ouro, tem como cimento uma relativamente grande porção de lamelas de mica, e alterna-se com jazidas de um xisto argiloso verde. Em geral, encontra-se o veio de quartzo entre ambas estas jazidas, e atravessando a montanha em diversas direções. Como se escavou aqui a montanha sem plano algum e sem começar galerias regulares, agora não há mais possibilidade de seguir os ricos veios até mais adiante, pelo receio de que possam desmoronar as paredes.

Logo que saímos dessa garganta e alcançamos o cume, achamo-nos num planalto que se estende por algumas léguas, sem elevação ou

8. Citação latina: Tendemos ao proibido e demandamos o negado. (Nota da Ed. Melh.)

depressões de importância. Bancos de rocha separados ou montões de pedras soltas, guarnecidos do carnudo Melocacto, tendo no meio um disco de feltro vermelho, ou líquens ressecados, elevam-se, aqui e acolá, entre o capim que reveste as regiões mais altas; nas depressões, apresentam-se densas moitas de arbustos verde-escuros. Depois de uma cavalgada de três horas, que passaram rápidas em agradável caçada às abundantes codornas (*Tinamus major et minor*), chegamos a Lavra da Bandeirinha. Também aqui a piçarra é do micaxisto (xisto quartzítico) branco granuloso, rico em quartzo, que aliás contém só pouco ouro; é extremamente abundante, porém, tanto no *gorgulho* sobre a pedra maciça, como nas gangas de quartzo, que correm na superfície. O quartzo destes últimos é muito claro e contém cristais de rocha, que em pureza e brilho nada são inferiores aos do Delfinado na França.

Essas gangas não são escavadas da rocha matriz senão britadas lá mesmo pelos escravos negros com grandes macetes. Amontoam-se os pedaços de quartzo juntamente com o *gorgulho*, numa fossa, onde são lavados por meio de jatos de água, conduzida artificialmente, e que cai de considerável altura. Diversos negros estão ali ocupados a mexer com pás o minério contendo ouro e de lavar o lodo assim obtido cuidadosamente em água parada nas bateias. O metal retirado é da mais bela cor, acha-se na maioria em lamelas, pedaços maiores e cristais, e de fato é tão abundante que em menos de meia hora vimos lavar o valor de um ducado na bateia. Já acima mencionamos como com essa manipulação grosseira, ou seja, a simples lavagem que é usada quase exclusivamente por toda parte do Brasil, muito ouro é levado para fora, e fica perdido para o dono da mina; daí a queixa geral de que o ouro escasseia cada vez mais, e os mineiros não lucram, das suas dispendiosas empresas, senão grandes extensões de terrenos rachados sem plano, imprestáveis para a lavoura, e os escravos doentes. Não pudemos deixar de fazer observações sobre essa falta de manipulação eficaz, e de citar as experiências que tantas vezes tivemos ocasião de fazer em Minas, isto é, que os pais de família, que sem discernimento desmontaram montes auríferos inteiros, depositando o cascalho em terreno ainda inexplorado, tornam impossível aos filhos prosseguir na lavagem do ouro.

O dono da mina fez questão de nos oferecer deliciosa refeição numa das cabanas construídas para os trabalhadores, sobretudo com

abundância de frutas cristalizadas, cujo preparo no Brasil é estimado parte integrante da indústria doméstica das senhoras. A numerosa companhia regressou ao Tijuco só quando a lua apareceu, pois entreteve em caminho conversação animada, cujos assuntos principais foram pilhérias e aventuras amorosas. Possui o brasileiro particular talento para contar, e sobretudo gosta de descrever cenas eróticas, cada qual, mesmo o mais simples, sabe falar, ora com ênfase, ora com delicada elegância, com incrível graduação no tom da voz e escolha de palavras, e acompanhado de gesticulação eloquente. Não raro tivemos ocasião admirar esse talento, mesmo nos nossos tocadores da tropa, quando algum contava anedotas com inimitável seriedade cômica, e os mais escutavam com satisfação ou adubavam a estorieta com observações e piadas sutis.

O nosso excelente hospedeiro Ferreira da Câmara estava sempre disposto a nos proporcionar excursões desse gênero, em agradável companhia, às mais diferentes zonas do Distrito, e deu-nos com isso ensejo para admirarmos o seu entusiasmo juvenil. Já no dia seguinte, veio ele buscar-nos, ao nascer do sol, para outro passeio a cavalo, a fim de apreciarmos o *serviço* de Currealinho, que estava então sendo explorado.

A sueste do Tijuco, atravessamos o ribeiro chamado São Francisco, de muito pouca água em leito de cascalho extremamente largo; passando por alguns morros com bosquezinhos muito floridos aqui e acolá ou pequenas árvores esparsas nos quais a floravam isolados cimos e bancos de xisto quartzítico, numa planície toda cercada de rochedos mais altos, serpeando por entre eles uma cristalina nascente, de leito pouco profundo. Aqui haviam experimentado abrir covas de dois até quatro pés de profundidade, em diversos pontos, no gorgulho que reveste a pedra consistente, é lavado este último em busca dos diamantes. Somente o leito do rio foi julgado bastante produtivo; portanto, escavaram-se os lugares mais ricos e amontoou-se o gorgulho, para ser depois lavado. Juntamente com esse cascalho, outros amontoamentos, feitos em anos anteriores e já revolvidos, foram de novo lavados. É comum aqui a crença da gente do povo como, segundo o relato de Tavemier, também na Índia oriental, de que de novo se formam diamantes nesses montões de cascalho já lavado, e cita-se como prova achados de diamantes após segunda e terceira manipulação. O caso não é esse; essas pedras, encontradas mais tarde, são simplesmente as que

ficaram, por causa da pressa e do descuido com que antes, sobretudo no tempo dos contratadores, se revolvía o cascalho, visto que, praticando uma espoliação contínua só se dava atenção aos lugares mais ricos. Também agora, de resto, é costume manipular de novo o cascalho, já oito ou dez anos antes lavado. A extração, aqui empreendida, durante a nossa estada em Tijuco, era feita só com uma *tropa volante* de vinte negros vigiados por dois feitores. Numa depressão da planície, havia-se ajuntado água da chuva na profundidade de dois pés, e tinham atravessado uma tábua no meio dessa lagoa, para os negros se sentarem. Estes estavam sentados ou nus com apenas um cinto de pano de algodão branco em volta dos quadris, ou com uma espécie de blusa e calças de couro de capivara, metidos na água até aos joelhos. Distantes uns doze pés defronte dos fins da fila, estão sentados ambos os feitores, cara a cara com os negros, em bancos mais elevados, sob um chapéu-de-sol, feito toscamente de folhas de palmeira e junco.

O cascalho, retirado do leito do rio, era acumulado entre os feitores e os lavadores; uma pequena gamela de madeira, cheia de água límpida, estava sobre um banco, entre os feitores. O trabalho executado tem muita semelhança com a manipulação de *mergulhar*, na lavagem do ouro. O preto enche a sua bacia redonda, de madeira, que tem em geral um e um quarto de pé de diâmetro, com o cascalho; volta ao seu lugar, começa a escolher os pedaços maiores e atira-os para fora; mergulha, então, a bacia, sacode-a de um lado para o outro, deita fora as camadas mais grossas que se ajuntam em cima pouco a pouco, remexe no cascalho restante, cada vez mais fino, lavando-o com uma nova água. Se descobre na areia pesada, que ficou no fundo, alguma pedra reluzente, toma-a entre o polegar e o indicador, levanta-se da tábua, coloca sobre ela a bacia, e caminha na água até ao prato, onde deixa cair o diamante. Se já lavou completamente o cascalho na bacia, deixa boiar a gamela vazia sobre a água, ergue-se, bate palma três vezes, e estende os braços, conservando as mãos abertas, para mostrar que não escondem coisa alguma; toma de novo, finalmente, a bacia, e enche-a de cascalho, a fim de recommençar o trabalho. Os feitores vigiam, sem cessar, os movimentos dos escravos, enquanto lavam, para que eles não possam empregar ardis. Se acaso se descobre alguma infidelidade, expia o culpado o extravio, primeiro por meio de chicotadas com o colar de ferro ao pescoço e prisão; reincidindo na culpa, ele não pode mais ser empregado no

serviço. Parecia ser muito pobre o cascalho de Curralinho, pois que, durante a meia hora em que observamos o trabalho, apenas foram achadas duas pedrinhas. Quando o administrador apareceu no *serviço*, fez o feitor contar na sua presença as pedras achadas, e guardou-as numa bolsa de couro, que trazia consigo, até poder entregá-la à Junta.

O sol ainda estava baixo, quando partimos de Curralinho, a fim de seguirmos a sueste, para visitar a lavagem de linguíça. Descemos a uma grotta estreita e funda, cercada toda em volta por íngremes e estranhos rochedos denteados, de itacolomito branco. Pareceu-nos estar numa região alpestre da Suíça. A frescura da manhã, que orvalhava as sebes floridas na encosta com grandes gotas cristalinas, o sussurro apenas perceptível de um riacho, que abria o seu leito entre as samambaias, e grotescas Aróideas, o céu de um azul carregado, formavam belíssimo e grandioso quadro. Chegando ao fundo do vale, que está ele próprio ainda bem alto, encontramos umas cinquenta cabanas baixas, de barro, para os negros que aqui trabalham, fazendo-nos lembrar um *kraal* africano. Essas habitações, que os negros sabem erguer num dia ou dois constam de paredes delgadas, feitas com estacas e galhos finos, de barro a sopapo, e um teto coberto de junco. Ali perto, precipita-se, espumando no leito apertado, o grande ribeirão do Inferno portador de diamantes, por entre altas rochas de xisto quartzítico. Para lavar com comodidade e segurança o seu leito, que dava indícios de conter grande riqueza, foi necessário desviar o riacho, dando-lhe direção diversa. À margem esquerda, cuidou-se então de minar a rocha com explosivos, colocando muitas faxinas, sobretudo de abundantíssima samambaia (*Pteris caudata*) e, finalmente, obrigando a corrente a tomar novo curso, por meio de uma barragem de pedra. O leito do rio, descoberto e enxuto, era de algumas centenas de passos de comprimento; havia ocupado nesse serviço 400 negros durante seis a sete meses. Agora, víamos o ribeirão, que já por duas vezes tinha arreventado o seu dique, de novo no seu leito primitivo. Grandes montões de cascalho provam a atividade com que o mesmo foi removido. Para lavar esse cascalho, construiu-se um galpão de madeira, de 120 pés de comprimento, dividido, como uma estrebaria, em compartimentos de pé e meio de largura, em toda a sua extensão. Em cada divisão, trabalha um negro. O cascalho, já limpo das pedras mais grosseiras, é deitado nesses compartimentos e examinado, deixando correr água

em cima, para ali levada em regos. O rebotalho é lançado num fosso, de três pés de profundidade, atrás dos lavadores. Esses trabalhadores são vi-giados, em lotes de dez homens, por um feitor sentado atrás deles. Mawe publicou na descrição da sua viagem, uma gravura desse modo de lavar diamantes. Aqui encontramos, no momento, apenas uns poucos escravos, ocupados em lavar o cascalho; durante esse tempo seco do ano, estão os trabalhadores empregados em mudar, num e noutra ponto, o rumo do ribeirão e a limpar-lhe o leito.

Ainda uma légua além, a leste, está igualmente no ribeirão do Inferno, num vale muito fundo, o *serviço* chamado Mata-Mata, onde hoje nos estava preparado pouso para a noite. O caminho para aquele local oferece cenários tão românticos e também tão grandiosos, como os de linguíça. O ribeirão rompeu caminho com violência, por entre maciços rochedos de xisto quartzítico, fora dos quais era preciso desviá-lo a custo de caríssima barragem, com blocos de rocha e carpintaria, para outro leito, aberto na pedra com explosivos. Somente o ânimo forte e a habilidade de um Ferreira da Câmara puderam superar as dificuldades de tão colossal empresa, que, devido às encostas abruptas do vale deserto e pela falta de árvores próprias para construção⁹ nessa alta região, onde só vicejam mato baixo e árvores anãs, torna duplamente penoso o serviço. Todavia, o intendente conseguiu, felizmente, os seus fins e, depois de ter removido uma camada de quarenta pés de profundidade de fina areia e blocos de pedra, que durante milhares de anos se deveriam ter ajuntado ali, pôde retirar de um cascalho muito rico, nos quatro anos de trabalho realizado, 5.000 quilates de diamantes. Nesse empreendimento, foi ele mais feliz do que o contratador João Fernandes de Oliveira. Havia este último, no *serviço* do Vau, agora abandonado, aberto profundo poço abaixo dos rochedos, com fabulosa despesa, não tendo encontrado cascalho algum. Foi aqui que se achou o último grande diamante, de três oitavas de peso. Quando visitamos Mata-Mata, estavam 100 negros ocupados na colocação de um leito de madeira, abaixo das antigas obras, para onde o rio ia ser desviado no

9. Empregam-se nessas calhas tábuas de *munjol* e *peroba-da-serra*, uma acácia e outra árvore da família das Leguminosas, ambas de madeira rija e resistente.

mês de outubro, a fim de se examinar com facilidade o amigo leito. Como essas tarefas precisam estar concluídas antes do tempo das chuvas, torna-se necessária a máxima circunspeção no trabalho. Mata-Mata fora antigamente uma opulenta mina de ouro; quando se descobriram diamantes ali, deram-se sangrentas disputas entre o povo, que, em multidão, para lá correu; daí talvez a razão de seu nome atual: “Mata! Mata!”

No mesmo rumo da mina de ouro da Bandeirinha, e ao norte da mesma, está o *serviço* diamantino dos Caldeirões, a duas léguas do Tijuco. O caminho passa pelo alto da montanha sobre ralos campos desertos, com pouca vegetação, e por vales pouco profundos, até ao pequeno rio das Pedras. Apenas transposto o riacho, chega-se a uma comprida garganta, formada por outeiros quebrados e estranhamente corroídos de rochas de xisto quartzítico. Aqui se havia achado antigamente grande quantidade de diamantes, e se tinham alojado os negros do serviço em algumas choças, ali perto. Atualmente, não estava em andamento o trabalho, por falta de dinheiro. Os companheiros, que tinham vindo conosco até aqui, acharam nos altos capins, que revestem a grande planície monótona, bandos numerosos de perdizes, cuja caçada, com cães bem ensinados, é o favorito passatempo dos moradores de Serro Frio; quanto a nós, naturalistas, atraíu-nos uma nova, singular espécie de besouro (*Aesopus thoracicus* nob.), de peito abaulado numa protuberância, e do qual havia muitos nos arbustos meio ressecados.

Outra excursão instrutiva foi para nós a ascensão do Itambé. Este monte, que, para diferenciar, também se chama Itambé da Vila, eleva-se soberano, dominando toda a região, e forma o centro da serra, que segue para a costa do mar a leste, a oeste se vai perdendo em morros baixos e nas terras planas do rio São Francisco. Nos seus desfiladeiros, brota o pequeno rio Capivari, e muito perto toma início, reunindo dois braços, o Jequitinhonha, portador de ouro e de diamantes.

Todos nos dissuadiam do intento de escalar este monte, pelo fato de nunca haver sido galgado o seu cume até hoje. Só Ferreira da Câmara nos animou a medir a altitude dessa notável montanha, e ofereceu-se para nos acompanhar e nos prestar auxílio em tudo que fosse necessário ao empreendimento. A 5 de junho, pusemo-nos, portanto, em marcha, com o intendente, o filho deste e numeroso séquito. Transpusemos o rio Jequi-

tinhonha, em cuja vizinhança está uma casa, pertencente à família Oliveira, que, embora já em ruínas; dava boa ideia da pomposidade e do luxo dos amigos contratadores de diamantes; mais adiante, alcançamos o *serviço* do Vau e pernoitamos numa espécie de bacia, formada por altas montanhas, lugar que se destacava das regiões próximas, por sua fertilidade. Na casa de nosso hospedeiro deparou-se-nos, pela primeira vez no Brasil, o triste espetáculo da loucura em ambos os seus filhos, talvez consequência de perversão sexual. Mencionamos esta circunstância, porque estranhamos de só ouvir, durante a nossa estada no Brasil, de muitos poucos casos de doenças mentais. No dia seguinte, levou-nos o caminho por altos campos, que são circundados de pinturescos grupos de rochedos. Majestoso, foi-se elevando pouco a pouco, diante de nossos olhos, o monte, surgindo das selvas com o cume rochoso arredondado, acidentado, todo resplandecente ao sol. Ao cair da tarde, alcançamos o limite dos campos e o sopé do monte principal, todo cercado de peculiar vegetação: samambaias, bambus e mato baixo cerrado. Ordenou logo o intendente aos escravos que improvisassem cabanas de bambu para pouso da noite, e deu-nos, naquela solidão, a surpresa de muito bem servida mesa. Tomaram-se, em seguida, todas as disposições para, no dia seguinte, pela madrugada, fazer-se a ascensão ao cume. Como parecesse impenetrável o mato, havia o intendente, já de vespera, cuidado de mandar abrir uma picada nessas selvas.

Antes de nascer o sol, pusemo-nos em marcha, acompanhados de alguns escravos e pedestres, carregados com os nossos instrumentos e as necessárias vitualhas. A princípio, foi muito penosa a caminhada. Tivemos que labutar através de brejos, pântanos, penhascos áridos e corróidos, e por moitas densas. Depois de algumas horas de marcha, entramos nos mais belos campos que se elevam íngremes. Dessa região em diante, eram rochedos e mais rochedos amontoados, e longos trechos cobertos com pedregulho. Afora o sussurro de um pequeno riacho, não se percebia som algum; nem passarinhos, nem insetos, apareciam nesses bonitos campos altos; apenas, aqui e acolá, notavam-se rastos, provando que as antas se aventuravam até estas alturas. Numa caverna, avistamos vestígios de fogo e de acampamento, indícios prováveis da estada, ali, de negros fugidos e garimpeiros. Muito penosamente trepamos a parede abrupta da rocha, que havíamos tomado pelo cume da montanha; mas

em breve verificamos que restava ainda um topo mais alto para galgar. Com felicidade, escalamos também o último colosso, e com o magnífico panorama, de cima do platô desenrolou-se a vastidão montanhosa de Serro Frio. Alto elevam-se a sueste os picos da serra do Gavião, e as gigantescas serras onduladas por entre as quais corre o Jequitinhonha, em voltas; ao sul, resplandeciam, na direção de Vila Rica, isolados montes cobertos de selvas e altos campos; a oeste, segue para os lados do rio São Francisco a serra da Lapa. Pacificamente descansa no sopé a su-sudoeste a Vila do Príncipe, e, a sueste, o arraial chamado Itambé da Vila; finalmente, a noroeste, está o belo Tijuco. O píncaro do Itambé forma um plano de uns trezentos passos de comprimento e a metade em largura, interrompido por alguns penhascos e guarnecido por algumas espécies de Xiris, Eriocáuleas, a *Barbacenia exscapa* com Cactus, Melocactus e Bromélias (Gravatás). Estas últimas plantas, com água conservada entre as suas folhas, substituíram, para matar a sede, as nascentes que debalde aqui procuramos. Muito picante era o frio que fazia nesta altitude. O termômetro indicava, à uma hora e meia, 11 1/2 graus R; o barômetro, 22 polegadas e 10 linhas; o eletrômetro, uma divergência de 4 a 5 graus, com choques ao vento oeste incipiente. Segundo se conta, já se observou neve nesse cume a qual, todavia, não durou mais de uma noite ou metade do dia. A atmosfera em torno de nós era extremamente pura e serena, e não sentimos, além do incômodo frio, nenhuma dificuldade na respiração e nem o mal-estar que, no Peru, sob o nome de *mareo de la puna*, costuma incomodar nas grandes alturas.

Estávamos ainda absortos nas nossas observações, quando começaram a levantar-se da profundidade de uns mil pés abaixo de nós, nuvens delgadas, muito compridas que eram tocadas com grande rapidez, pelo vento oeste, sobre parte da vizinhança. O medo de sermos envolvidos em nevoeiro denso, como acontece muitas vezes nos Alpes, apressou o nosso regresso, que, à saída do platô para o desfiladeiro, cheio de rochas amontoadas e pedregulho, era muito perigoso. Para dar sinal à gente do Tijuco, da empresa realizada, acenderam os negros um arbusto logo abaixo do topo. Quase descalços, e extremamente fatigados, alcançamos afinal as cabanas, onde Ferreira da Câmara estava cheio de inquietação à nossa espera, e nos recebeu jubilante.

O monte Itambé, o mais alto, cuja ascensão fizemos e cuja altura medimos em toda a nossa viagem pelo Brasil, tem 5.590 pés parisienses de altitude, e supera, portanto, de 972 pés, ao Itacolomi, igualmente muito alto, perto de Vila Rica. Ele compõe-se inteiramente de xisto quartzítico, branco-acinzentado, em geral de granulação fina que, nas alturas, contém aqui e acolá, grandes quantidades de fragmentos de quartzo arredondados, incluídos, à maneira de brechas, às vezes se torna de granulação mais grosseira, e no mais é atravessado por grossos filões de quartzo. Suas camadas são enormes; a oeste, nas alturas, são mais corroídas e íngremes do que a leste. Em toda a montanha não se encontra vestígio de itabirito, nem jazidas de mica, nem as camadas de minério de ferro do tapanhoacanga. É surpreendente o fato de nele haverem achado diamantes, em considerável altura. Ao longo do pequeno Capivari, ainda se veem restos do cascalho lavado, e como consta, há poucos anos se lavou ali um diamante do peso de duas oitavas. Do píncaro da montanha, avistamos, *à vol d'oiseau*, suas formas de vegetação que havíamos percorrido. O platô do cume é revestido com a vegetação baixa que mencionamos, inteiramente do gênero da flora alpina; um tanto mais abaixo, nas encostas pedregosas, ralas, aparecem numa largura de 500 a 800 pés, campos abertos de gramíneas, intercalados de árvores mofinas isoladas (*Ochna*, *Ocotea Lychnophora*)¹⁰ e Liliáceas arborescentes (*Velloziae*, *Barbaceniae*); ainda mais abaixo na extensão de uns 1.500 pés de largura, vê-se uma cinta de arbustos e de mato rasteiro cerrado e, mais além, faz-se a transição por vegetação densa, rasteira, de samambaias, e também bambus, não raro em solo pantanoso; passando depois para os campos gerais mais planos, de altas gramíneas, moitas isoladas, de arbustos e de melocactos. Finalmente, no sopé da montanha, sobretudo nos vales feitos; pelas águas, faz orla um capão fechado baixo, sempre verde.

10. Os galhos, cobertos de espesso feltro, destes arbustos, chamados, aqui no país, *paineiras-do-campo*, da família das Compostas, servem às vezes, por causa da sua combustibilidade, como candeia.



Lavagem de diamantes, em Curalinho. Os negros escravos que procuram diamantes estão sentados em fila sobre uma tábua, num tanque raso. Uns se ocupam em lavar por meio de gamelas o cascalho picado, tirado do leito do rio; outros estendem os braços e abrem os dedos ao alto para mostrar que não encontraram nada no cascalho, agora esgotado da água, ou então buscam novo saibro da pilha, lá perto. Diante do tanque se acha uma gamela com água limpa, na qual um negro está pondo um diamante (que acaba de achar), depois de o haver mostrado entre os dedos. À direita e à esquerda, um pouco elevado, está um feitor, sentado sob um guarda-sol, a fim de vigiar os trabalhadores escravos. O administrador fiscaliza, a cavalo, os vários pontos de trabalho, guardando, numa bolsa, os diamantes encontrados.

Depois de nos havermos refeito de algum modo no bivaque, tomamos o caminho de volta, com toda a nossa gente, e descansamos durante a noite seguinte na fazenda ao pé da montanha, pertencente ao administrador José Alves. O regozijo geral pelo feliz sucesso de nossa excursão foi aqui perturbado pela indisposição de um dos nossos. Ele sofreu violenta cólica, que, segundo o dizer do intendente, devia ter sido provocada pelos carrapatos miúdos, aninhados na região umbilical; depois de tomar um banho quente e de aplicar no ponto da dor uma cataplasma de acetato de cobre, passou-lhe tudo. Tencionava o intendente mostrar-nos, no caminho de volta, uma anti-

ga lavagem de diamantes de São Gonçalo. Sobre a margem ocidental do leito abandonado do rio pendem rochas maciças de diorito; na margem oriental, aparece o xisto quartzítico comum. Para abrir passagem e obter o cascalho escondido, haviam tentado fazer saltar o rochedo; era, entretanto, tão duro o diorito, que resistira a todas as ferramentas, e, somente pelo aquecimento e imediato resfriamento com água, pudera ser partido. Alguns dos blocos maiores foram removidos por meio de maquinismos poderosos. Foi, porém, baldado esse trabalho, que durou seis meses, pois não se obteve o mínimo diamante, e o único lucro foi confirmar-se o fato de que, no encontro de dois arroios, ou no lugar onde, como aqui, as águas têm grande queda, não se encontra cascalho que contenha diamantes. Tanto mais rica se patenteteou esta região em carrapatos invisíveis, porém dolorosamente sensíveis ao corpo. Todos os companheiros de excursão foram obrigados a livrar-se dessa praga por meio de fumigações de folhas de fumo sobre brasas ou com lavagens de um decocto delas. Pusemo-nos em marcha, de volta ao Tijuco, onde a amável população avisada pela fogueira acesa na montanha, do êxito da ascensão, nos veio ao encontro, para felicitar-nos cordialmente.

As diversas excursões no Distrito Diamantino, sobretudo a ascensão à sua mais alta montanha, o Itambé, deu-nos ensejo de conhecer de perto as particularidades desta maravilhosa região, tanto em referência à Mineralogia, como à Botânica e à Zoologia. A formação orogênica deste território é quase a mesma dos campos gerais, que havíamos percorrido.

Werner aventurou a suposição de que os diamantes das Índias Orientais, que são achados numa areia contendo ferro não distante de montanhas com grandes jazidas de quartzo, devem pertencer à formação de camadas horizontais trapeana. Seja o que for que determine o aparecimento dos diamantes nas Índias Orientais, uma coisa parece certa, e é que os do Brasil não procedem desta formação trapeana. Dessa orogenia, no Brasil, tanto quanto sabemos, ocorre só um diorito, do qual observamos só poucos pedaços erráticos e a formação de diorito dos montes Altos, na província da Bahia, antes sem relação geológica alguma com os diamantes. A ideia de que os diamantes brasileiros foram transportados pelas águas das jazidas trapeanas nas montanhas do Peru, ali tão predominantes, em vista das circunstâncias, não pode ser aceita por ninguém.

Seja, enfim, como for, o certo é que, numa só e mesma formação do xisto quartzítico, núcleo das montanhas do continente brasileiro,

numa longitude de mais de doze graus, é que aparece o diamante, incluído nele em vários lugares e sob semelhantes condições. O diamante sempre se apresenta em terras elevadas, a dois ou três mil pés acima do nível do mar, revestidas da vegetação dos campos, e cujo xisto quartizítico, como no Distrito Diamantino, também continuando longe para oeste, em Goiás e Mato Grosso, contém diamantes, ao passo que não mostram vestígio algum dessa pedra preciosa as montanhas de gnaiss e de granito ao longo da costa (serra do Mar) e mais para dentro, no interior do país, as formações calcárias cavernosas e de grés de cantaria.

De certo modo, a vegetação do Distrito Diamantino é a mais peculiar e bem formada flora dos campos que se observa no planalto. As troncadas líliáceas arbóreas, velósias e barbacênias, são aqui mais abundantes do que nas outras partes de Minas, e são mesmo consideradas, pela gente do lugar, como indício da existência do diamante. Por entre as gramíneas peludas, verde-cinzentas, que, em grandes extensões, revestem as planícies deste distrito, sobretudo são as eriocauláceas que estão em grande número, com as suas umbelas de flores alvas pequeninas; Labiadas lanudas, numerosas compostas, chamaecristas de folhas bonitinhas e flores amarelas; lisiantas, ostentando o esplendor de suas campainhas vermelhas e azuis. Angelônias, espécies de evólulus, clitórias, polígalas; num e noutro ponto do tabuleiro, vicejam arbustos e o arvoredado baixo das cássias, helérias, malpíguias, banistérias, panaxes e vernônias. Nos capões dos regatos e depressões, predominam as espécies das stirax, anonas, xilópias, mabeas, ao lado de samambaias arborescentes e fechadas cercas de gramíneas arbustiformes. No solo duro, aparece uma thesium sem folhas com os seus caules esguios pardo-amarelados, que não raro são envolvidos com emaranhados da parasita cassita, ou da estranha cabeça-de-frade, um melocacto, que parece turbante com disco felpudo vermelho. Delicadas utriculárias e variegadas burmânias guarnecem as beiras dos regatos. Os esbranquiçados penhascos, bancos e rochas do xisto quartzítico enfeitam-se de orquídeas isoladas, espécies de amarílis de flores grandes ou pés de uma bromélia, com cujas raízes filamentosas os habitantes preparam tinta amarela. Em vez do tapete exuberante de musgo, que forra com veludo verde a pedra de nossos Alpes, aqui a rocha é apenas revestida de líquens ressecados, esbranquiçados. Entre outros: *Sticta damaecornis* Ach., *crenulata* Eschw.; *Borreria cerruchis*, *leucomela* Ach.; *Capitularia perfoliata*, *neglecta*, *rangiformis*, *sylvatica gigantea*, *uncialis*, *sanguinea* Floerke; *Ramalina*

linearis, *Stereocaulon nanum* Ach. & A., que o Brasil tem em comum tanto com o mundo antigo como com as altas montanhas do Peru.

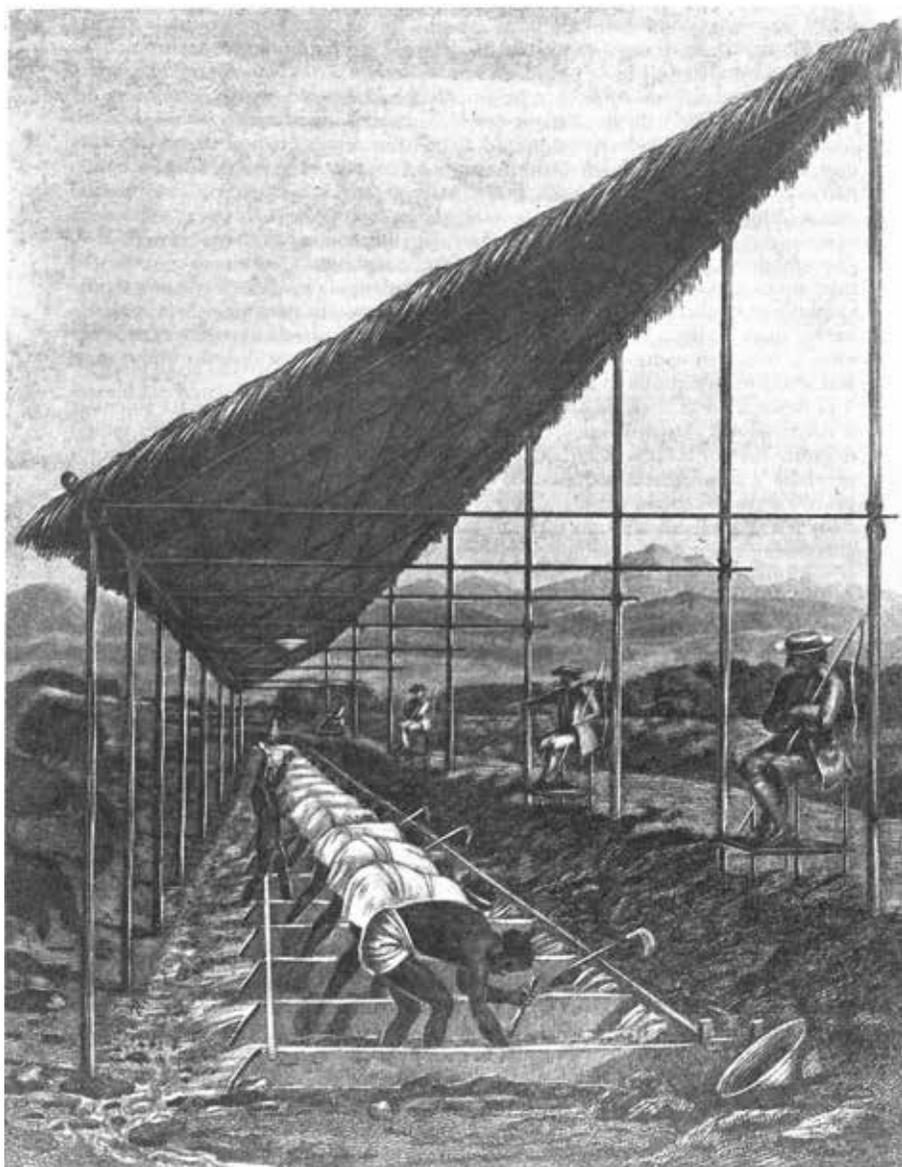
Menos característicos do que as plantas são os animais, sobretudo para uma região mais limitada; menos presos ao lugar, propagando-se mais fácil e rapidamente, acham-se, portanto, geralmente mais espalhados sobre a superfície da terra. Tem pois, o Distrito Diamantino, em comum com as zonas de Minas próximas, a maioria das espécies próprias dos campos e, distintas daquelas, das matas virgens e costeiras. Alguns pequenos saguis, tamanduás, tatus, as jaritacacas, moradoras das caatingas, o veado dos campos e caatingas, as antas, as galinholas, as codornas, as espécies de pombos-pardais, anus pretos e sobretudo os brancos; bucos, muitas espécies de colibris, periquitos e pica-paus, os pequenos tentilhões que penduram ninhos compridos, feitos de gravetos, etc., animam também os sossegados campos do Tijuco, assim como os outros de Minas. Entretanto, já o viajante observador pressente a vizinhança de uma nova fauna característica do sertão, a ser descrita mais tarde, representada por algumas formas, e nunca antes avistadas na viagem até aqui, de animais que só ali aparecem em maior número; são elas as que, como o mocó (*Cavia rupestris* Neuw.) habitam as furnas das rochas de itacolomito, o guará à espreita nas tocas (*Canis azarae*, Neuw.) os tinamídeos, de tamanho grande e mediano, e a codorna, o inhambu, o bico-rasteiro-do-brejo (*Scolopa paludosa media* Lath.), o pardal-verde (*Fringilla campestris*) e muitas novas espécies e gêneros de insetos.

Também o clima do Distrito Diamantino corresponde, em geral, ao de Vila Rica; todavia, no próprio Tijuco, as variações do calor e do vento não devem ser tão sensíveis, como naquela cidade. Observamos, durante a nossa estada, que, às 8 horas da noite, em geral, o termômetro marcava de 11 a 12 graus R; de manhã, às 6 horas, 8 até 9 graus. A mais baixa indicação do barômetro, que verificamos, foi 25 1/2 (299,82 Lin.); a mais alta, 25 3/4 (300,62 Lin.)¹¹. Aqui, a temperatura média presumível, nos meses de inverno, é 12°R; nos meses de verão, 19° até 20°R. A estação seca do ano começa no mês de abril ou maio, durante a qual predomina, em geral, o vento leste. O tempo das águas entra em outubro; porém são mais pesadas as chuvas, sobretudo acompanhadas de violentas trovoadas,

11. 25 1/2 e 25 3/4 são polegadas. (Nota da Ed. Melh.)

em novembro e dezembro. Em janeiro, faz-se, muitas vezes, a pausa de algumas semanas, de bom tempo e sol claro, que se costuma chamar *veranico*. Na estação chuvosa, sopram mais frequentemente os ventos do norte.

O caráter das doenças é aqui, como em Vila Rica e nas regiões altas, do gênero inflamatório, catarral ou reumático; inflamações de garganta e dos pulmões, hidropisia aguda do peito e cólicas, são comuns. Os muitos negros, que habitam o Distrito, mostram infelizmente o triste espetáculo da elefantíase, que afeta muitos indivíduos (**Nota II**). Outra doença dos negros, cuja frequência tivemos ocasião de verificar aqui, é a chamada *arcus-senilis*, o endurecimento (em arco) da córnea em volta da pupila. Essa doença, para a qual aliás predispõe a fraqueza dos olhos dessa raça, tem a sua causa provavelmente na claridade ofuscante do sol, que os rochedos brancos refletem, no esforço dos olhos, na congestão do sangue para a cabeça, como necessária consequência da posição do negro ao lavar ouro e diamantes, no contínuo resfriamento das extremidades com o aquecimento simultâneo do resto do corpo, inclinado à transpiração, na alimentação grosseira de feijão-preto, fubá de milho e toicinho, e, sobretudo, no consumo da cachaça nova. Sabe-se até, no Brasil, que esta última bebida é muito nociva à saúde, sobretudo quando preparada de fresco; entretanto, aqui não há lei policial, como a que nas possessões inglesas das Índias Ocidentais proíbe a venda do rum novo, pelo contrário é tomado amiúde em excesso, sobretudo pela mais baixa classe do povo. Outras doenças dos olhos, particularmente o glaucoma e a catarata associam-se ao *arcus-senilis*. Ainda outra enfermidade, que devemos citar, como frequente no Distrito Diamantino, é o chamado *mal-de-sete-dias*, que ataca as crianças após o nascimento, e que, não as matando até ao sétimo dia, deixa de ser perigosa. Esse mal consiste em violentas câibras nos órgãos inferiores, acompanhadas de dores fortes, e, segundo a opinião dos entendidos, é ocasionado por descuido, ou irritação excessiva do cordão umbilical, por ocasião do parto e ao fazer a ligadura. Quando as crianças não morrem com as câibras, são frequentemente levadas pela inflamação da pele e provavelmente também do peritônio, que se transforma em gangrena. Esta moléstia parece mais perigosa sob certas influências epidêmicas, ainda desconhecidas; pelo menos, tem-se notado que há épocas em que os recém-nascidos são muito mais atacados e mais sucumbem a esse mal, que em outras.



Negros lavando cascalhos à procura de diamantes (Mawe).

Já desde a nossa chegada a Tijuco se haviam tomado disposições para solenizar a coroação do rei com festejos patrióticos, que haviam sido ao mesmo tempo organizados em todo o Brasil. O patriotismo de Ferreira da Câmara, que compreendia a importância e dignidade do acontecimento, pelo qual o Brasil, pela primeira vez, recebia a consagração de grandeza independente, incitou-o a dar a essas festas, também aqui no interior, tanto pela pompa como pela organização, adequada significação. Tivemos com isso ocasião de admirar o tato perfeito e fina sensibilidade do sertanejo brasileiro. Começaram as cerimônias com um espetáculo em teatro, para esse fim erguido com tablado na Praça do Mercado, para onde o povo e os atores se dirigiram em préstito festivo. Arautos abriam o séquito, seguia o coro de cantores e mais quatro figurões, que, representando as vastas possessões da monarquia portuguesa, traziam, decorado com os emblemas do europeu, índio, oriental, negro e americano, um globo terrestre, acima do qual estava a imagem de d. João VI. Fechava o préstito um grupo numeroso de rapazes e raparigas, vestidos como pastores, trazendo guirlandas de flores, com as quais, chegando ao teatro, enfeitaram a imagem do monarca, com as aclamações do público. Os coros executaram depois danças portuguesas, das Índias Orientais e dos negros, e, no intervalo, apareceram quatro arlequins, que divertiram a numerosa assistência com pulos bizarros, parodiando os desajeitados gestos dos selvagens americanos. Menos significativa foi a peça tragicômica *A noiva reconquistada*. O pano da cena representava o gênio do Brasil, pisando a hidra da desunião, oferecendo aos habitantes um molho de espigas. Essa pintura era obra de um brasileiro, que, sem estudos, dispusera com tanto gênio as proporções, além do colorido adequado, que em tal painel se deixa reconhecer, com prazer, o início de belo desenvolvimento artístico no Brasil. Não menos interessante espetáculo foram as *cavallhadas*. Cavaleiros trajando veludo vermelho e azul, ricamente bordado a ouro, armados de lanças, figuraram combates entre mouros e cristãos, e, nesses desafios, faziam lembrar a bela época cavalleiresca da Europa. Antes de começar esse combate simulado, cruzaram-se cristãos e mouros; depois, separaram-se em duas filas, e correram uns contra os outros, atacando-se ora com lancas, ora com espadas e pistolas. No seguinte *carroussel* da argolinha, conseguiram com grande agilidade, uns após outros, enfiar o anel em rápida correia desde o camarote do intendente até ao fim da pista fronteira, onde ele

estava pendurado. Se o herói era bem-sucedido, retirando a argolinha com a lança, escolhia na assistência uma dama, mandava-lhe um pajem negro pedir licença para lhe oferecer o troféu, entregava-lho e, triunfante, ao som de fanfarra, corria ao encontro dos cavaleiros, trazendo na lança uma faixa ou laço de fita, ali amarrado pela mão da escolhida. Noutras manobras, nos combates de esgrima e tiro, os alvos eram cestos com flores artificiais, frutos ou animais do país, e mascarados. Uma linda diversão, que fazia lembrar a galantaria do tempo da cavalaria, consistia em levarem os cavaleiros romãs de cera, cheias de flores, que beijavam como presente de sua dama, e depois os atiravam, correndo, uns nos outros, enchendo de flores o campo de batalha. Esses divertidos espetáculos encerraram-se com corridas em fila, formando meandros, volteios e círculos, nos quais os atores se mostraram exímios cavaleiros, e assim passaram simbolicamente da luta guerreira à amizade e ao amor cristão. O remate dessas festas foram bailes e iluminações.

Também os negros esforçaram-se por festejar, a seu modo, essa extraordinária solenidade patriótica; a escolha de um rei dos negros ofereceu-lhes para isso a melhor oportunidade. É costume dos negros do Brasil nomear todos os anos um rei e sua corte. Esse rei não tem prestígio algum político nem civil sobre os seus companheiros de cor; goza apenas da dignidade fútil, tal como o rei da Fava, no dia de Reis, na Europa, razão por que o governo luso-brasileiro não põe dificuldade alguma a essa formalidade sem significação. Pela votação geral, foram nomeados o rei *Congo* e a rainha *Xinga*, diversos príncipes e princesas, com seis *mafucas* (camareiros e camareiras), e dirigiram-se em procissão solene, à igreja dos pretos. Negros, levando o estandarte, abriam o préstito; seguiam-se outros levando as imagens do Salvador, de São Francisco, da Mãe de Deus, todas pintadas de preto; vinha depois a banda de música, cujos componentes, com capinhas vermelhas e roxas, todas rotas, enfeitadas com grandes penas de avestruz, anunciando o regozijo, ao som de pandeiros e chocalhos, do ruidoso *canzá*¹² e da chorosa *marimba*¹³; seguia um negro

12. O *canzá* (*caracaxá* e *querequexê*, ao norte do Brasil), é um instrumento rústico, feito de taquara, usado nos batuques. E vocábulo africano. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)

13. Consiste a *marimba* em uma fila de *coités* ou *combucas*, dispostas entre dois arcos, segundo os tamanhos, com a abertura para cima, e sobre as quais estão tabuinhas de pouca grossura, presas por um cordel, de sorte que estas, feridas por uma espécie de baqueta, produzem som peculiar.

de máscara preta, como mordomo, de sabre em punho; depois, os príncipes e princesas, cujas caudas eram levadas por pajens de ambos os sexos; o rei e a rainha do ano antecedente, ainda com cetro e coroa; e, finalmente, o casal real, recém-escolhido, enfeitado com diamantes, pérolas, moedas e preciosidades de toda espécie, que haviam pedido emprestadas para essa festa; o fim do séquito era composto de gente preta, levando círios acesos ou bastões forrados de papel prateado. Chegando à igreja da Mãe de Deus preta que pertence aos negros, rei deposto entregou o cetro e a coroa ao seu sucessor, e este fez então uma visita de gala, na sua nova dignidade, ao intendente do Distrito Diamantino, com toda a sua corte. O intendente, já prevenido dessa visita, esperou o seu hóspede real em roupão e carapuça. O recém-eleito, negro forro e sapateiro de ofício, ao avistar o intendente, ficou tão tímido que, ao ser convidado para sentar-se no sofá, deixou cair o cetro. O afável Ferreira da Câmara apanhou-o, e, rindo, o restituiu ao rei já cansado de governar, com as palavras: - “*Vossa Majestade deixou cair o cetro*”!¹⁴

O coro musical exprimiu com barulhenta toada seu respeito ao intendente, e, finalmente, saiu toda a multidão, depois de haver, segundo o costume dos escravos, dobrado o joelho direito diante das pessoas da casa, e, caminhando solenemente pelas ruas, o rei e a rainha voltaram às suas choças. O mesmo espetáculo repetiu-se no outro dia, mas com umas variantes. O novo rei dos negros recebeu oficialmente a visita de um enviado estrangeiro à corte do *Congo* (a denominada congada). A família real e a corte, em trajes de gala, dirigiram-se com pompa à Praça do Mercado; o rei e a rainha sentaram-se em cadeiras, à sua direita e esquerda acomodaram-se, em bancos baixos, os ministros, camareiros e camareiras e os mais dignitários do reino. Diante deles, estavam colocados, em dupla fila, os músicos da banda, com sapatos amarelos, e vermelhos, meias pretas e brancas, calças vermelhas e amarelas com capinhas de seda furadas, e faziam uma algazarra infernal com tambores, pífaros, pandeiros, chocalhos e com a chorosa marimba; os dançadores anunciaram o enviado com pulos e cabriolas, com as mais singulares caretas e as mais abjetas posições, e traziam

14. No original: “*Votre Majesté a laissé tomber son sceptre*”. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

os seus presentes, apresentaram tão bizarro espetáculo, que se imaginava estar diante de um bando de macacos. Suas Majestades pretas, a princípio declinaram a visita do estrangeiro, mas acabaram recebendo-o com estas palavras: – “Que lhe estavam abertos o porto e o coração do rei.” O rei do *Congo* convidou o enviado a tomar assento à sua esquerda, e, ao som da música ruidosa, fez distribuição de condecorações e caniços.

Concluiu-se, afinal, a festança com o brado do rei dos pretos, que o seu povo todo reunido repetiu: – “*Viva El-Rei D. João VI!*” – Quão interessantes são as reflexões do pensador, que, em retrospecto e visão do futuro, se ligam a essa estranha festa!

NOTAS DO CAPÍTULO II

I – Diamantes achados desde o princípio da administração real, do ano de 1772 até 1818.

Anos	Diamantes grandes ¹	Peso em		
		Quilates	Grãos	Oitavas
1772	—	32.300	—	5
1773	4	47.600	—	3
1774	2	40.800	2	3
1775	3	34.122	1	2
1776	1	39.135	—	—
1777	—	42.564	3	—
1778	—	39.625	—	4
1779	1	40.539	2	—
1780	1	42.130	—	—
1781	1	39.873	—	—
1782	—	51.850	1	1
1783	1	42.580	—	—
1784	—	56.145	3	6
1785	—	37.910	—	—
1786	1	32.215	2	3
1787	—	20.852	—	—
1788	2	30.940	3	—
1789	—	33.150	—	—
1790	1	26.095	1	4
1791	—	30.396	—	—
1792	—	27.353	—	—
1793	—	28.186	—	—
1794	1	36.335	3	2
1795	—	22.525	—	—
1796	—	15.198	2	3
1797	—	12.835	3	—
1798	—	11.798	1	—
1799	—	12.325	—	—
1800	—	13.260	2	7
1801	—	14.603	3	—
1802	2	28.101	1	—
1803	1	20.580	—	—
1804	1	27.217	2	3
1805	—	13.855	3	—
1806	—	14.008	—	—
1807	1	16.235	1	—
1808	3	18.292	—	—
1809	1	20.450	3	5
1810	5	17.350	2	1
1811	3	19.125	3	—
1812 ²	9	18.987	1	3
1813	10	19.555	2	1
1814	21	20.975	1	2
1815	8	26.904	3	—
1816	15	23.775	1	4
1817	9	9.889	—	—
1818	11	9.396	2	4

1 Isto é, os de peso superior a 17 quilates.

2 Desse ano em diante já aparecem os de mais de 8 quilates.

II – A doença denominada *elefantíase* consiste numa inchação monstruosa dos pés, desde os joelhos até os dedos, acompanhada de endurecimento e engrossamento da epiderme, com progressiva insensibilidade. A faculdade de movimento é diminuída só pela inchação do membro. Por vezes, achamos o pé inteiro da mesma grossura de oito a dez polegadas de diâmetro, e os dedos parecem perdidos no meio da massa enorme. Frequentemente, é um só dos pés que está atacado em tão alto grau; e observamos que a doença, em geral, ataca mais os homens do que as mulheres, pelo que faz contraste, de certo modo, com a endêmica papeira de São Paulo, que lá é mais frequente no sexo feminino. Em brancos, nunca vimos essa doença. Parece-nos que nestes últimos, as excrescências e depósitos procedem mais das glândulas do que do sistema cutâneo. Essa enfermidade, quanto ao demorado progresso, é indolor, e, pela pouca participação aparente do resto do organismo a princípio, tem muita semelhança com muitas formas da lepra, sendo considerada no Brasil, geralmente como uma espécie da mesma doença. Todavia, seria muito menos contagiosa. Não nos arriscamos a decidir se provém mais de discasia leprosa ou sífilítica. O que parece certo, é que a sua patogênese consiste especialmente na inflamação dos vasos linfáticos das extremidades e na conseqüente obstrução dos mesmos pela linfa engrossada, determinando sua descarga no tecido celular, a inflamação do mesmo, a progressiva degeneração e excrescências em todo o sistema cutâneo. A febre nem sempre aparece, mesmo quando a doença já está adiantada, mas com sinais de fraqueza e atonia, falta de apetite, inflamação ou lacrimejamento dos olhos, denuncia-se o mal, que, de resto, pode durar anos, até afinal passar para tuberculose ou hidropisia. A superfície da pele estica-se, torna-se dura, insensível, e, ora sem excrescências, ora coberta com verrugas, calosidades, rachas, escamas, pústulas e sarna. A cor da pele raras vezes muda, ou passa de preto para preto-acinzentado. Se essa doença tem especial relação com o sistema sexual, não chegamos a saber, nunca a observamos, entretanto, antes do desenvolvimento da puberdade, e o mais frequentemente na idade de 36 a 50 anos. O aparecimento da elefantíase, no planalto de Minas, onde a encontramos com muito mais frequência do que em qualquer outro lugar, parece confirmar a observação, feita por diversos médicos, de que a doença predomina sobretudo em regiões abertas, sem matas. Como se sabe, reina ela em diversas das Antilhas, como se observou em Barbados e Antigua. Sentimos dizer que encontramos diversos pacientes sofrendo desse mal no mais terrível abandono, porque os desgraçados tinham sido libertados pelos seus senhores, a fim de ser evitado o contágio para os companheiros. Costuma-se empregar no Brasil antimônio e arsênico, como mais eficazes meios curativos contra a doença, e esse sistema parece concordar com o do Sr. Martius, que receita com grande sucesso pílulas de pimentado-reino e goma-arábica e um grão de arsênico durante cinco dias, além da bebida feita com o cozimento de uma raiz.

.....

Capítulo III

VIAGEM DO TIJUCO AO TERMO DE MINAS NOVAS

OS BELOS ARREDORES DO TIJUCO, a convivência com os seus cultos habitantes, e, sobretudo, com um homem como Ferreira da Câmara, eram motivos mais que plausíveis para prolongarmos, o quanto possível, a demora aqui; entretanto, a urgência de chegar a tempo ao rio São Francisco, ou seja, por motivo das doenças ali reinantes, só nos meses secos, foi o que nos obrigou a deixar o lugar da predileção. Já cheios de “saudades”, na expressão intraduzível da língua portuguesa, despedimo-nos, para visitar as jazidas das outras pedras preciosas, que aparecem no termo de Minas Novas.

A estrada passa a nordeste, sobre a serra de Mendanha, alta montanha de xisto quartzítico, que forma a encosta, à direita do vale, achando-se Tijuco na encosta à esquerda. Chegando ao alto de onde mais uma vez pudemos saudar a aprazível vila, lá no fundo, embaixo, – dissemos adeus aos amigos, que nos acompanhavam, e seguimos, emocionados, pelo caminho solitário. A um lado da estrada, deparou-se-nos a lavra dos Cristais, onde se lava ouro, retirado do itacolomito friável. Encontram-se aqui belos e límpidos cristais de rochas, que às vezes contêm inclusões de cristais de rutilo ou seladonita, esta espalhada de modo dendrítico. O extenso e aplainado dorso da montanha é

deserto, coberto de gramíneas ressecadas, onde, aqui e acolá, apenas se vê uma choça solitária. Veio ao nosso encontro o Sr. José Fernandes, membro da Junta Diamantina, conhecedor de toda a região, e que tinha sido encarregado pelo intendente de acompanhar-nos por mais alguns dias de viagem. Guiados por ele, descemos a íngreme serra, a cinco léguas de Tijuco, transpusemos a ponte sobre o rio Manso, de uns trinta pés de largura, afluente do rio Jequitinhonha, e estávamos agora à saída do Distrito Diamantino, diante do registro, no Arraial do rio Manso. Os soldados vigilantes já sabiam de nossa permãncia e das nossas investigações de história natural no Tijuco, e deixaram-nos prosseguir a jornada, sem que nos revistassem a bagagem.

Do arraial, sujeito a frequentes inundações e, por isso, a febres, passa-se por uma chapada baixa da montanha, que se estende de N. a S., por várias léguas. São raros os vestígios de habitantes e de agricultura. No primeiro vale, aberto de oeste para leste, está o pequeno povoado de Canjicas, que consta de umas vinte e tantas casas de barro, cobertas de sapé, as quais não ostentam vestígio algum de riqueza das minas de ouro locais. Tanto a argila vetinelha como o itacolornito, bastante friável, desta região, produziram, entretanto, considerável lucro. A mesma formação verificamos também no dia seguinte, quando tomamos a estrada na direção nor-nordeste em Capão Grosso e Lavras da Pindaíba, pequeníssimos povoados, num vale do planalto. Também aqui, apesar de fora do Distrito Diamantino, acharam-se diamantes, mas raros e pequenos. A vegetação, nesse tabuleiro uniforme, que se prolonga de Tijuco a Minas Novas, perdendo progressivamente em altura, apresenta uma feição que nunca havíamos observado em tal extensão. Árvores baixas, de galhos retorcidos e folhagem larga, elevam-se num e noutro ponto, entre moitas fechadas dos mais diversos arbustos, que se alternam, ora com chapas de rochas nuas, ora com campinas ralas, ou nas baixadas e regatos, com capão algo mais alto e viçoso. Chama-se também aqui o mato baixo de *cerrado*; quando baixo e sem árvores, é *carrasco*. Nem todas as plantas¹ a ele pertencentes, perdem

1. Sobretudo dos gêneros *Sida*, *Ochna*, *Acacia*, *Mimosa*, *Qualea*, *Coccoloba*, *Kielmeyera*, *Laurus*, *Nycterosition*, *Arragoa*, *Barnadesia*, *Albertinia*, *Anorta*, *Banisteria*, *Malpighia*, *Aspidosperma*. De palmeiras nota-se aqui os acaules *Astrocaryum campestre* e *Diplortheium campestre* e a baixinha *Cocos flexuosa*.

as folhas na época da seca; seu aspecto, contudo, participa então da feição geral de murcho e seco dos pastos. Somente as roçadas sombrosas dão fartas colheitas de milho e mandioca, sendo esta última plantada no mês de setembro, e suporta os lugares úmidos. O feijão é plantado nos sítios abertos e secos, em abril e em setembro. Nos campos *cerrados* e *acarrascados* só prospera a mandioca nos raros trechos que são de terra especialmente gorda e ao mesmo tempo arenosa. A maravilhosa árvore da mamona (*Ricinus communis, viridis*), abundante nas plantações e em volta das casas, dá anualmente de três a quatro colheitas, *camadas*, e, nesta região quente, parece produzir especialmente muito azeite; uma arroba de sementes dá doze garrafas. O que, porém, já começa a constituir aqui a principal cultura dos roceiros, é a plantação do algodão, que tanta atividade dá a todo o termo de Minas Novas.

A 12 de junho, chegamos a Buriti, a fazenda do capitão Bento Dias, de origem portuguesa e a quem Ferreira da Câmara nos havia recomendado para mostrar-nos o cobre puro, que aparece na vizinhança. Este homem havia construído, na sua solidão, três máquinas para cardar e fiar o algodão, como as que se conhecem em Portugal, e que são acionadas por uma única roda movida a mão. Não pudemos deixar de exprimir a nossa admiração pela persistência e capacidade desse homem, embora nos parecesse que, no estado atual da civilização local e das necessidades do país, tais máquinas são impróprias, além de que ainda está longe a possibilidade de fiar-se algodão fino, ao menos no interior, ao passo que os portos de mar próximos estão abarrotados de tecidos de algodão da Inglaterra, e os poucos bravos apenas bastam para cultivar o próprio solo. Também, ao que se sabe, o capitão Bento ainda não teve lucro dessa sua empresa, o que ele atribui à falta de auxílio da parte do governo. Por essa razão, queria ir sob os auspícios do conde da Palma, governador da Bahia, para a cidadezinha de Caiteté, no interior dessa província, que recentemente se tinha tornado afamada pelo seu grande comércio de algodão.

Não longe de sua casa, mostrou-nos o capitão Bento, no leito de um ribeirão, a jazida de uma hematita, que, entretanto, não é bastante rica para ser explorada. Conduziu-nos depois a meia légua dali, a uma fazenda em ruínas, Pé do Morro, que pertence a família, outrora muito rica, do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, onde encontramos,

no ribeirão de São Domingos, o procurado cobre. Ocorre o metal numa rocha verde disseminada em fragmentos no leito do ribeirão, e, na sua margem ocidental, acha-se em grandes maciços, ao passo que, na margem oriental, se apresenta xisto quartzítico. O metal mostra-se puro nesse sílex córneo cinza-esverdeado, quebradiço em grânulos, muito raramente ramificado, ou aparece como crisocola e azul cobre; em sua vizinhança a pedra toma aspecto xistoso; e, nas arestas torna-se mais translúcido. Grandes pedaços do metal puro não tivemos a felicidade de encontrar. Este depósito pertencente provavelmente à formação do xisto silicoso, fez-nos lembrar as rochas de diorito em Vau, no Distrito Diamantino; parece, como aquelas, depositado sobre o xisto quartzítico. Era muito deserta a região, e somente animada por bandos de pequenos periquitos verdes (*Psittacus gregarius* Spix), que enchiam todo o vale com o seu vozerio falador.

Quando, na manhã seguinte, prosseguimos viagem pelo tabuleiro coberto de altas gramíneas e arbustos em caminho para Calumbi, propriedade de nosso guia José Fernandes, avistamos no horizonte da extensa solidão elevar-se umas lombadas de montanhas que, na monotonia da região, nos fizeram impressão estranha. Pareceu-nos como se no mar de verdura, por onde cavalgamos, surgissem ilhas azuis, pois, às vezes, a planície se estendia tão longe e tão rasa, que tocava no horizonte, como um imenso espelho d'água. O tremor do ar quente que parecia movimentar as árvores esparsas na planície aumentava a magia do cenário. Esta chapada ocupa, interrompida apenas por dois vales pouco profundos, todo o espaço do território, entre dois rios diamantíferos, o Jequitinhonha, a oeste, e o Araçuaí, a leste. À direita, tínhamos a serra da Penha, que toma o nome do arraial situado do outro lado; para trás, no rumo do Distrito Diamantino está a serra de São João; e, à esquerda, a mais alta serra de Santo Antônio ou do Grão-Mogol². Longe, quanto a vista alcança, não se distingue uma só cabana, pois as colônias estão nas várzeas e, de modo geral, seguindo caminhos cobertos de vegetação, pelo carrasco, não se encontra vestígio de existência humana. Tanto mais encanta-se ali o viajante com os enxames de beija-flores a tatalarem as asas em volta das Mimosas e Acácias, de folhas

2. De acordo com o *Dicionário Geográfico do Brasil*, de Alfredo Moreira Pinto.

delicadamente penadas, das floridas Cássias e das perfumadas Paulíneas. Para o botânico e o zoólogo, esta região deve ser um paraíso em janeiro e fevereiro, quando tudo está em flor.

Ao entardecer, fomos descendo um pouco desta chapada de mato baixo, em rumo ao arraial de Barreiras, cinco léguas distante de Calumbi. O vigário do lugarejo que cuidava do novo pouso era um mulato, que, na ocasião de uma consulta médica, nos contou das suas *mocidades*, coisas que se costumam esconder cuidadosamente na Europa. No ribeirão Currealinho, muito próximo do arraial, encontramos espessa jazida de compacta grafita granulada, na qual se destacam veios de quartzo branco e de cristal de rocha, e cuja piçarra parece ser quartzo. Perto da superfície, a grafita tem, não raramente, buracos profundos e covas. Asseguram-nos que este mesmo mineral também ocorre nas montanhas próximas.

Na vizinhança do mesmo, existe uma fonte fracamente ferruginosa, que parece ter virtude curativa para as afecções herpéticas, o que talvez se deva atribuir presença de grafita. O aparecimento desta substância, não longe do Distrito Diamantino, talvez seja de importância para a geologia. Segundo se diz, também aparece cal a uma légua ao norte de Barreiras. Até agora, contudo, ninguém aqui conhece outro emprego da grafita, senão para limpeza de cano de fuzil ou para enegrecer o couro. Por esse motivo, não deixamos de mandar ao Sr. Ferreira da Câmara, por intermédio do Sr. José Fernandes, que aqui se despediu, uns pedaços como amostras, para convencê-lo da possibilidade de produzir aqui no país os cadinhos, que até hoje têm sido importados da Inglaterra. Durante a noite, nós e os moradores do arraial acordamos assustados por estranhos pios e ululos, vindos de cima de uma casa. Como a noite estava muito clara e permitia caçada, pudemos dar cabo do fantasma: era uma grande coruja *Strix hulula*³. Outra curiosidade zoológica, que obtivemos aqui, foi o ninho de um cuco (*Cuculus cajanus*), com seis ovos esverdeados e marmoreados. Esta ave costuma viver nos campos, e não cessa a sua barulhenta gritaria nem com os tiros de fuzil. Encontram-se também nos cerrados muitos zabelês (*Tina-*

3. *Strix hulula* Vandin, ou *Ciccala hulula* é o mocho-negro ou coruja-preta que habita os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Minas, Rio e São Paulo. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)

mus brasiliensis)⁴, ciscando como galinhas domésticas. Os seus ovos são do tamanho de ovos de galinha, bonitos, pardos, cor de chocolate e saborosos.

O rio Araçuaí (isto é, “rio das araras grandes”), que nasce na serra das Goritas, e limita a leste a chapada, passa a duas léguas de Barreiras. Alcançamo-lo antes de anoitecer, e tivemos a felicidade de encontrar na passagem uma pequena canoa, na qual nos transportamos com a nossa bagagem. As mulas foram tocadas a nado. O rio de águas claras tem aqui uns trinta pés de largura, e corre de sudoeste para nordeste, num leito de micaxisto contendo oligisto, cujo ferro é muito desagregado e que é atravessado, em diversos pontos, por gangas de quartzo e do xisto clorítido de Eschwege. Ainda mais acentuado aparece o itabirito num regato, que, mais abaixo da passagem, deságua no Araçuaí. Lavou-se aqui, antigamente, ouro com bom resultado e com certeza a bonita areia quartzítica só deste rio forneceria mais pó de ouro que a diligência alemã conseguiria achar em todos os nossos rios. Também diamantes, embora raramente, foram achados no Araçuaí, apesar disso, porém não está esse rio, como o Jequitinhonha, sob a autoridade do intendente do Tijuco. A saber, nas margens deste último rio, não se constrói casa alguma, sem a licença do poderoso funcionário. Não longe da margem oriental, pernoitamos num miserável rancho, cujo dono havia armado uma espécie de moinho para fazer fubá. Com o ronco das águas tão próximas e o ranger das rodas, fazendo-nos recordar as célebres aventuras de D. Quixote, não pudemos pregar olhos sob o telheiro exposto ao sereno, e alegremo-nos ao clarear a madrugada, por poder montar a cavalo e ver-nos de novo nos bonitos e altos campos, em cuja planície, a perder de vista, se nos antolhava outra vez a serra de Santo Antônio, como uma ilha azul.

Depois de havermos galgado um alto morro íngreme, e deixarmos atrás de nós umas boas léguas de caminhada, alcançamos o vale agreste do Itamararidiba, rio de rápida correnteza, tributário do Araçuaí. Nele aflora micaxisto, com mica cor de café e quartzo branco, contendo, num e noutro ponto, itabirito, cujas camadas, um pouco inclinadas a oeste, seguem orien-

4. No original, *zabelês*. A ave brasileira, da família das Perdiceas, é chamada *zabelê* na Bahia e noutras regiões setentrionais, ao passo que no centro e no oeste recebe o nome de *jabó*. (Nota da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

tação de S. a N. Nota-se nele esta modificação: os folhelhos de oligisto, em parte desintegrados e ocreosos, são substituídos por mais quartzo.

Nas matas das vargens, encontramos uma espécie de Mabea, cujo tronco conhecido pelo nome de *canudo-de-pipa*, é perfurado para tubo de cachimbo, e cuja casca amarga é usada como febrífugo. Nos campos, avistamos os primeiros bandos de emas, que, daí em diante, frequentemente apareciam. Piedade, um pobre arraial, em cuja freguesia moram 1.500 pessoas, era a meta de nosso dia de viagem.

Está situado no topo de uma lombada de montanha, onde, antes mais do que hoje, se explorava ouro.

Quando, no dia seguinte, cavalgamos pelo cerrado tabuleiro, no declive gradual da chapada, em caminho para o principal lugar do termo de Minas Novas, a Vila de Bom Sucesso ou do Fanado⁵, fomos subitamente surpreendidos por um bando de índios nus, homens e mulheres, que vinham em completo silêncio pela estrada. Eram da tribo dos botocudos antropófagos. Como todos os índios que havíamos visto até agora, eram também estes cor de canela clara, de altura mediana, estatura baixinha, pescoço curto, olhos pequenos, nariz curto achatado e lábios grossos. O cabelo negro brilhante, escorrido, caía em melenas revoltas em alguns; a maioria deles trazia-o raspado em volta da cabeça, até uma polegada acima das orelhas. As suas feições embrutecidas estavam desfiguradas horrorosamente pelos batoques de algumas polegadas de diâmetro, que eles metem no lábio inferior e nos lóbulos furados das orelhas. Tanto nos havia causado dó e tristeza à fisionomia desconsolada dos coroados, puris e coropós, quanto agora era de horror a nossa impressão, à vista destes homens, que, na sua aparência feia, quase não tem traço de humanidade. Indolência, embotamento e rudeza animal, estampam-se-lhes nos rostos quadrangulares, achatados, nos pequenos olhos esquivos; voracidade, preguiça e grosseria, patenteiam-se-lhes nos lábios inchados, na barriga, assim como em todo o torso troncado e no andar de passos curtos. O mais revoltante aspecto, porém, foi o de uma das mulheres, a qual tinha os braços, pernas e seios cobertos de feridas sangrentas e inchadas e andava vacilante atrás da horda. Ela fora surpreendida pelo marido no ato de infidelidade; este, no acesso de ciúme, paixão tão dominante entre os índios, havia-a amarrado a uma árvore, atravessando-a de flechadas, e agora, abandonada,

ela acompanhava, como mal podia, o bando, já arrependida do passo em falso. Cheios de compaixão e horrorizados, oferecemos farinha de milho à desgraçada, e prosseguimos viagem, preocupados com tristes meditações sobre esses bárbaros. Parte da horda ia sem armas; levavam uma trouxa de roupa de algodão branco ou de chita, que haviam recebido do diretor dos Índios ou de pessoas compassivas, com as provisões de boca, uma folha de bananeira, cheia de mandioca, debaixo do bravo. As armas, que os homens adultos levavam, eram arcos rijos, feitos com pau-de-arco ou tapicuru (*Bignonia chrysantha?*), e um feixe de flechas. Vários traziam um facão curto, pendurado por um fio ao pescoço, e tinham a face pintada de vermelho, com um traço preto, atravessado de orelha a orelha, debaixo do nariz. Os homens tinham o membro viril envolto num pedaço de folha de bananeira ou com barbante, não tanto por pudor, como para se protegerem dos insetos e outros perigos. Como depois soubemos, esses botocudos meio mansos do rio Doce eram transferidos para as colônias do rio Grande ou Belmonte⁶ (a partir da junção do Jequitinhonha com o Araçuaí), a fim de se tornarem menos perigosos nas suas primitivas tabas e para que, depois de terem observado de perto o modo de vida dos colonos e as suas instalações teriam influência favorável sobre os companheiros de tribo, quando regressassem; estavam eles justamente em caminho, de volta para as suas matas preferidas.

O governo estabeleceu, sob o ministério do conde de Linhares, em todas as regiões habitadas pelos índios, postos militares repartidos em divisões, com a obrigação de manter a ordem entre os silvícolas e impedir-lhes as incursões contra os colonos. Um desses postos já foi por nós descrito, o presidio de São João Batista, no rio Xopotó, contra os puris, coroados e coropós, outro está estabelecido em Peçanha, a leste da Vila do Príncipe⁷, perto da tribo dos malalis. A mais numerosa e temível nação dos indígenas primitivos, nas matas entre o rio Doce, e o rio de Contas, é a dos botocudos, muitas vezes indistintamente chamados de *frexes*, *monos*, *aimorés*. Está

5. Hoje Minas Novas.

6. Hoje Jequitinhonha.

7. Hoje Serro.

essa tribo confiada, principalmente, à vigilância da “sétima divisão”, cujo quartel-general se acha a nordeste da comarca de Serro Frio, em São Miguel, à margem direita do rio Grande. Ali comanda um oficial a uma fraca guarnição de mulatos, que têm o duplo encargo, tanto de conservar em boa amizade os botocudos dos arredores, e pouco a pouco os amansar, como também de proteger e assegurar a navegação para o oceano. Com presentes e trato bondoso e avisado, o comandante deste distrito tem conseguido, até aqui, estabelecer relações entre esses selvagens, ainda hoje brancos e até aqui sempre hostis, e os portugueses. Foram fundadas diversas aldeias desses antropófagos, ao longo do rio, e já os botocudos começam a ocupar-se com a lavoura; eles trazem aos colonos, de tempos a tempos, ipecacuanha, papagaios domesticados, peles de onça, etc., para permutar com utensílios europeus, e prestam serviço, como remadores, na navegação para a vila de Belmonte. De fato, ciosos de sua liberdade, ainda não se submeteram aos portugueses, como os coroados e os coropós; contudo, vê o filantropo, com prazer, o continuo progresso desses filhos das selvas, que, ainda no começo deste século, eram por decreto real, declarados fora da lei e inimigos do Estado, perseguidos pelas patrulhas e entradas como feras, e capturados e condenados a dez anos de servidão, ou trucidados com crueldade sem precedente. Entretanto, os botocudos do rio Belmonte têm-se mostrado mais propensos a civilizar-se do que os do rio Doce, ainda sempre inclinados a comer carne humana, especialmente a dos inimigos, e, pela crueldade e perfídia, com que se têm oposto até aqui à penetração dos portugueses, e tornado pouco segura a navegação no rio Doce, constituem o terror das vizinhanças. Quanto mais premente se torna a necessidade de estabelecer a navegação do rio Doce e a do rio Belmonte, a fim de comunicar o sertão com a costa, tanto mais importa pacificar os botocudos, empregá-los como remadores nesses cursos d’água, aliás, desertos, e assim, pelo mais pacífico de todos os meios, o tráfego comercial, promover a sua civilização gradual. De Tocaios, costumam as canoas, carregadas de algodão, alcançar a costa em quatorze até vinte dias. São elas muito compridas e estreitas, em geral consistindo em uma quilha larga e uma prancha de cada lado, e levam a carga de oito mulas, isto é, 64 arrobas. Três canoeiros, conhecedores do rio, recebendo comida e uma pataca diária, dirigem a viagem. No meio do caminho, as canoas encontram uma cachoeira, onde hoje está instalado

o Quartel do Salto. Aí, têm de ser descarregadas, para passar sem perigo. Além, mais abaixo, as margens e o leito são igualmente de rochas; todavia, vence-se a forte correnteza, em Quartel dos Arcos, sem descarregar. São os soldados desses dois destacamentos os pilotos dessas viagens, e são de igual importância para esse serviço, como para refrear os índios, e assegurar a navegação contra eles. Como a foz do rio Belmonte, por causa de seus bancos de areia ou coroas, é perigosa, cuidou o governo da Bahia de alargar o rio da Salsa, bravo de ligação entre o rio Belmonte e o rio Pardo, que só durante o tempo das chuvas pode ser navegado com facilidade, a fim de que as canoas, pela barra deste último rio, cheguem ao oceano. Daí o carregamento segue, em lanchas e escunas costeiras, às vezes gastando apenas 24 horas até à Bahia.

Para o futuro, quando a produção do distrito de Minas Novas mais e mais se desenvolver, será essa via comercial de grande importância; já agora costumam algumas firmas baianas empreendedoras utilizar-se, com vantagem, desse tráfego. Vários habitantes do termo de Minas Novas têm também tentado abrir uma estrada, ao longo do rio Belmonte, até ao Quartel do Salto, mas por causa da proximidade de tribos de índios bravos e da espessura da mata virgem, quase não era frequentada; e agora, provavelmente, já o mato cresceu ali.

A Vila de Bonsucesso do Fanado, ou simplesmente Vila do Fanado⁸, está situada sobre um outeiro fortemente convexo entre os ribeiros de Bonsucesso e Fanado. É o lugar principal do distrito norte da comarca de Serro Frio ou termo das Minas Novas, assim chamado porque, só depois das outras terras auríferas (entre os anos de 1724 e 1727) foi descoberto e explorado o seu ouro. Aqui reside o juiz de fora do termo, que, como autoridade suprema, trata de todas as questões judiciais e administrativas (estas últimas, sobretudo, com o capitão-mor). Estende-se o termo das Minas Novas para o norte, desde o Distrito Diamantino até a fronteira da capitania de Minas Gerais, em direção da Bahia, a cuja província pertenceu outrora este trecho territorial. A leste, limitam-no as continuações da serra do Mar, conhecidas sob os diferentes nomes de serra das Esmeraldas, serra

8. Hoje Minas Novas.



Serra de Itambé, a mais alta montanha de Minas Gerais, apresentando a encosta sudoeste, pela qual os viajantes subiram. A vegetação, nesta zona alta, tem as características dos Alpes e consiste em grande parte de campos nus nos quais, aqui e acolá, nascem espinheiros e lírios de caule. A solitária choupana perto do caminho é a casa do administrador da vizinha lavagem de diamantes no vau do rio das Pedras.

dos Aimorés, serra Negra e serra do Jacuí; a oeste, serra Branca, serra das Almas, serra de Itambé, serra do Gavião etc., e o rio Verde. Esta grande região, à qual se atribuem, talvez exageradamente, 150 léguas de comprimento e 86 léguas de largura, apresenta duplo aspecto físico. A parte oriental, sobretudo, desde a margem direita do Jequitinhonha até a fronteira da província com a capitania de Porto Seguro, são terras montanhosas, que se elevam a leste do rio Araçuaí, em altitudes de três mil e tantos pés e ali são cobertas de matas virgens sempre viçosas, e, no limite dessas, com altas caatingas que, na estação da seca, perdem a folhagem; porém, entre os dois rios Jequitinhonha e Araçuaí, como acima descrevemos, apresentam altos tabuleiros, cobertos ora só de altas gramíneas, ora de cerrados e mato rasteiro. A parte ocidental, a partir do rio Jequitinhonha, é muito menos povoada, pelo que é chamado pelo nome comum de sertão, e apresenta terreno desigual, muito interrompido, ora montanhoso, ora estendendo-se em vastas chapadas, que gradualmente descem até a fronteira da região. A parte oriental deste território é mais apropriada para a agricultura; a ocidental, para a criação de gado; e, de fato, de uns trinta anos para cá, tanto desenvolvimento tomou nestas terras o cultivo do algodão, que hoje é o seu mais importante ramo de produção.

Costuma-se plantar o algodoeiro tanto nos capões isolados, ao longo dos rios e ribeiros, como também, e mesmo com maior vantagem, nas caatingas, sem folhas no tempo da seca, que ali existem em grandes extensões contínuas. Alcançam estas últimas, ora a altura de nossas florestas novas de carvalhos, ora se assemelham a mato para cone de vinte anos, ora alternam, às vezes, com mato rasteiro e arbustos, que é em grande parte muito espesso. Nos capões, é o solo pedregoso e misturado com humo bastante gordo; nas caatingas propriamente ditas, porém, há mistura de areia quartzítica muito fina com humo preto seco. A aguada é escassa em ambos. O que favorece extremamente o crescimento do algodoeiro é o clima constantemente seco e soalheiro destas regiões. A alta serra do Mar impede a passagem do vento e das nuvens úmidas da costa; as mudanças na condição higroscópica do ar são pequenas; relativamente, são mais raras as chuvas; a formação do orvalho é mais fraca, pois o céu está quase sempre sem nuvens; e a diferença entre a temperatura da noite e do dia é menor do que na costa. O conjunto desses fatores, que podemos qualifi-

car como feições de um clima continental, parecem concorrer para o alongamento das fibras, o qual se nota não somente no delicado fio do algodão destas regiões, mas em geral, também, na formação de espécies de madeiras extremamente compactas, pesadas e homogêneas, mais abundantes no interior do país do que nas matas virgens costeiras, onde as árvores são de seiva mais bruta. Devido à escassez das chuvas, o algodão de Minas Novas adquire também a bela alvura, que o distingue do algodão do Maranhão e do Pará. Para a plantação do algodoeiro, prepara-se o terreno com o pernicioso sistema, adotado em todo o Brasil, das habituais queimadas, o que sempre se faz no tempo da seca. Nos meses de janeiro ou fevereiro, quando a terra está amolecida pelas chuvas abundantes, colocam-se seis a sete sementes de algodoeiro numa só cova, cobrindo-as de leve com terra. As covas são feitas com dois a três pés de distância. Realiza-se a colheita no segundo ano, nos meses de setembro e outubro. Conforme a uberdade do terreno, abandona-se a plantação já no segundo ou terceiro ano. Nas catingas mais altas, é mais comum este último caso; ao contrário as baixadas esgotam-se em geral com um ano de cultivo, de sorte que as plantações são logo abandonadas, e se reiniciam noutra distrito intacto. Com três anos de cultivo, segundo asseguram os lavradores, o solo fica tão empobrecido de matéria nutritiva que, entregue a si, só ao cabo de dez anos forma capoeira de novo. Este estranho contraste com a fertilidade da mata virgem, sempre úmida e sempre viçosa, onde as roçadas já no segundo e terceiro ano são invadidas pelo matagal novo, é em parte devido a muito maior pobreza efetiva do solo e em parte à adubação superficial devido à menor produção de cinzas. Por esse motivo, emprega-se aqui uma das mais singulares espécies de cultivo alternado, que consiste em mudar-se continuamente de terreno; e, só o mais tarde possível, volta o lavrador à primitiva plantação. Uma fazenda de três a quatro léguas quadradas tem aqui a mesma produção que em outros países a de um quarto ou meia légua. Confirma-se, destarte, a queixa geral dos lavradores, de ser muito inferior a fertilidade da terra, em comparação com a europeia, pois lá o solo é quente e o ar frio, enquanto aqui “a terra é fria e o ar quente”. O mais importante recurso para atender à crescente população e distribuição das propriedades, só pode consistir na adubação e aguada. Desses melhoramentos não têm os habitantes a mais vaga ideia. Costuma-se plantar

aqui, sobretudo o algodão de Barbados (*Gossypium barbadense*). A arroba do algodão em rama, com os caroços, é em geral vendida no termo de seiscentos a setecentos réis; o beneficiado, de dois, até três mil-réis. Para descarregar, usam de máquina muito singela de dois cilindros, rolando um de encontro ao outro; e empacota-se o algodão em sacos de couro cru de boi, por meio de uma prensa muito simples. A carga de um animal (mula) consiste em geral em oito arrobas, e paga-se até ao Rio de Janeiro 14\$000 e, até à Bahia, relativamente menos. As remessas para ambos esses portos são feitas por doze tropas, cada uma de 10 a 40 mulas, que estão quase o ano inteiro em caminho. A maior quantidade desse artigo vai, todavia, para o Rio de Janeiro, praça que, excetuando o fornecimento relativamente muito menor das outras partes da província de Minas e da vizinhança, é suprida quase exclusivamente por Minas Novas. Para a Bahia o algodão não é somente levado por terra, pela estrada de Conquista⁹, porém principalmente pela citada via fluvial do Belmonte ou do rio Grande. Depois do algodão de Pernambuco é o de Minas Novas o mais apreciado no Brasil, e sempre é vendido nos portos de mar a 1\$000 ou 2\$000 mais caro do que o das outras terras de Minas ou do Rio de Janeiro, Porto Seguro, etc. Nos anos de 1819 e 1820, quando a procura era maior, custava a arroba, no Rio e na Bahia, 7\$000 a 7\$300. Com esses preços, grande é o lucro dos negociantes de algodão no termo de Minas Novas e trazem avultadas quantias para casa. Apesar disto, no termo não há abundância de dinheiro; contaram-nos que a soma de moeda circulante ali não monta a mais de 80.000 cruzados. Com essa pobreza do país em geral, os negociantes estrangeiros, que aparecem, obtêm grande vantagem, razão pela qual, de quando em quando, agentes franceses e ingleses ali vão comprar para as suas firmas, estabelecidas no Rio e na Bahia, enormes partidas de algodão, e consideramos esta especulação uma das mais seguras que as casas comerciais europeias ou brasileiras possam empreender no interior do Brasil.

Além do algodão, que é o mais importante produto do país, também se transportam das regiões ocidentais toicinho, couros crus, alguma carne salgada, gado bovino e cavalos, para o Rio de Janeiro, e

9. Hoje Vitória da Conquista.

principalmente para a Bahia. Os cavalos obtêm, nesta última cidade, alta cotação, especialmente os gordos e fortes que são vendidos a 200 até 600 táleres, visto não receberem ali cavalos de raça das tropas de animais que vêm anualmente do Sul, nem se pode fazer deles criação nas regiões próximas. Finalmente, as pedras preciosas, que aparecem no termo de Minas Novas, são as seguintes: topázios brancos e azuis (*pingos de água*, *topázios* e *safiras*); granadas, espinélios (*jacintas*), crisoberilos (*crisolitas* e *águas marinhas*), cristais de rocha, ametistas, quartzo vermelho (*rubis*) e turmalinas verdes (*esmeraldas*), com as quais se faz comércio de certa importância. Estas pedras são despachadas, na maioria, em estado bruto, para o Rio de Janeiro e Bahia; mas também aqui estão estabelecidos alguns lapidários, que preparam as pedras, aliás sem gosto, para dizer a verdade.

Já no ano de 1572, com a viagem de descobrimento de Sebastião Fernandes Tourinho, de Porto Seguro, que penetrou pelo rio Doce em Minas Gerais, espalhava-se a lenda da riqueza da serra Negra ou serra das Esmeraldas, e era a lagoa desconhecida de Vupabuçu, em cujas margens se encontrariam ouro e pedras preciosas em profusão, uma nova lagoa Dourada, que inflamou a imaginação e o espírito empreendedor de diversos aventureiros. O mais extraordinário e haver-se conservado até hoje, entre os habitantes de Minas Novas, a fábula de uma lagoa cheia de ouro, e situam-na a leste, entre o rio Jequitinhonha e as três nascentes do rio São Mateus, que são vulgarmente chamadas *As Americanas*, e pelos índios *marambaias*, na fronteira da capitania de Porto Seguro. Também nestas zonas de selvas cerradas e quase impetráveis é que são procuradas atualmente quase todas as pedras preciosas antes citadas, por pobres mulatos e negros, sempre com risco de um assalto de índios inimigos; e logo são elas vendidas aos joalheiros, nas vilas. No ano de 1808, um arrojado mineiro, Manuel Ruiz Fróis, abriu no mato, até lá, com grandes dificuldades, um caminho que não demorou muito a ser invadido pela vegetação e, como nenhum plantador ousasse estabelecer-se ali, temeroso de assalto dos botocudos, são os colecionadores de pedras obrigados a carregar às costas as provisões de boca para várias semanas e, às vezes, têm que recorrer às frutas e raízes silvestres, para não morrer de fome.



Festa da Rainha, em Minas.

Algumas regiões do termo pareciam justificar outrora a fama de riqueza de ouro, e até foram abertas importantes minas no arraial de Chapada; parece, entretanto, ter diminuído muito ali a quantidade do precioso mineral, e hoje, quando muito, estão uns 150 homens ocupados a lavar ouro, sobretudo em Chapada e Araçuaí.

Depois desta exposição das condições físicas do país e dos seus produtos, e lembrando que o povoamento começou a formar-se somente no segundo decênio do século passado, não é de estranhar que em todo o termo só se contassem uns 36.000 habitantes. Segundo as notas estatísticas, publicadas no fim do capítulo (**Nota I**), no ano de 1812, montava toda a população apenas a 30.000 almas, e, nos últimos anos, só na direção da nova estrada para a Bahia, passando por Conquista, é que aumentou um pouco. Essa falta de povoamento dá a

medida da condição em que se acham a atividade industrial, o comércio e a cultura dos habitantes, a qual se verifica ser bastante inferior à das zonas do sul de Minas Gerais. As moradas, utensílios domésticos, costumes e necessidades dessa gente, mais se assemelham aos dos sertanejos do que aos dos habitantes cultos de São João d'el-Rei, Vila Rica e Tijuco. Para o ensino, existem em Fanado, uma escola de latim, com um professor régio dessa matéria, e nove escolas particulares. A cura das almas está sob a incumbência de cinco vigários, além de dezoito capelães. Dois daqueles eclesiásticos são igualmente vigários da vara. Existem no termo oito irmandades, e, coisa curiosa, constituíram-se elas como as ordenanças e milícias, segundo a cor, de sorte que os brancos pertencem a quatro dessas associações religiosas, os de cor a uma, e os pretos a três. Também são numerosos aqui os adeptos do sebastianismo. (**Nota II**).

Como os arredores da vila do Fanado, na atual época do ano, em que as árvores perderam na maioria as flores e a folhagem, pouca matéria ofereciam às nossas investigações, resolvemos ir ao Alto dos Bois, posto militar contra os botocudos, o qual está a dez léguas a sueste da vila. Depois de havermos tomado as disposições para o descanso e recomposição da nossa tropa, pusemo-nos em marcha, na esperança de toparmos ali com maior número daqueles índios do que até agora havíamos visto. Depois de galgado o outeiro, em cuja encosta está a vila do Fanado, achamo-nos sobre uma chapada muito extensa, coberta de arbustos uniformes, especialmente dos gêneros *Acacia*, *Mimosa*, *Laurus*, *Ochna*, *Malpighia* e *Banisteria*, ou de arvoredo baixo de galhos tortos, sobretudo dos gêneros *Kielmeyera*, *Qualea* e *Spixia*, das quais pendem porções de parasitas, da família das Lorantáceas – chapada que se estende quase horizontalmente por algumas léguas. O solo avermelhado, cheio de fragmentos de quartzo, é tão liso que julgávamos cavalgar não numa estrada comum, mas numa calçada. A falta de matéria nutritiva neste terreno é também o motivo por que quase não se encontra vestígio de lavoura. Bemposta, fazenda de um padre, foi o nosso pouso noturno. O digno proprietário, já ancião, recordou cheio de vivacidade o fechamento do Colégio dos Jesuítas, na Bahia, ao tempo do papa Clemente XIV, estabelecimento que contava então uns 100 membros da companhia e 70

alunos, entre os quais ele se encontrava. Queixou-se da pobreza da terra e assegurou-nos que plantado por três anos consecutivos, ficava abandonado o terreno por doze anos, até que pudesse produzir nova capoeira, e que, por essa razão, cada roça, já depois de um ano de cultivo, ficava abandonada para voltar-se ali ao cabo de doze anos. Numa fazenda de oito léguas quadradas, tal sistema de agricultura é possível. O plantio consta de fumo, feijão, mandioca e milho.

No dia seguinte, cavalgamos ainda algumas léguas na chapada, que se vai gradualmente elevando e, finalmente, é limitada a sueste por três cadeias de montanha ornadas por uma parte da serra das Esmeraldas. A oeste, brotam dessas montanhas as três nascentes do rio Fanado e diversos outros, que deságuam no Araçuaí; a leste nascem os afluentes do rio Doce. A mais afastada dessas cadeias era coberta de densa mata virgem; os dois mais próximos são de vegetação menos cerrada, cobertos em grande parte de catinga baixa, desfolhada, nesta época do ano.

Uma picada sinuosa levou-nos, afinal, ao sopé da montanha, a um estreito vale de um ribeiro limitado por campos íngremes, ressecados, acolá fechado por densos capões, e onde estão espalhadas as cabanas do quartel do Alto dos Bois. Um sargento do regimento dos Dragões de Minas, comandante do pequeno destacamento de proteção contra irrupções dos botocudos, acolheu-nos na sua pobre morada, porém logo nos disse que não devíamos nos internar na mata, longe das cabanas, porque, poucos dias antes, um soldado havia sido morto, à porta de sua casa, por um botocudo, que, protegido pela selva, tinha-se aproximado. Encontramos, pois, este posto em pé de guerra contra aqueles antropófagos, e não podíamos contar com índios a observar, senão os pacíficos macuanis, que aqui se demoravam. Essa tribo, também chamada *maconi*, é uma das mais fracas que habitam estas regiões montanhosas, na fronteira entre as províncias de Minas Gerais, Porto Seguro e Bahia, e, pelo terror que tem aos seus poderosos inimigos, os botocudos, tanta amizade fizeram com os portugueses, que, talvez dentro em poucos decênios, tenha ela perdido inteiramente todos os seus característicos. Não contará atualmente mais de 300 almas; a maioria deles dirigiu-se do interior para o mar, na vizinhança de Caravelas, onde, porém, já muitos adoeceram, vítimas das sezões ali reinantes.

A convivência com os colonos brasileiros, que empregam os macuanis de preferência para abater a mata virgem e para guerrear contra os botocudos, já lhes deu alguma noção de civilização e aqui no Alto dos Bois, onde são uns 30 atualmente, costumam esses índios lavrar a terra e plantar milho, feijão e mandioca, embora as caçadas sejam a sua ocupação predileta. Aqueles com quem chegamos a falar, eram bem constituídos; já os traços da fisionomia eram animados pelos primeiros raios de civilização, e a cor vermelha não muito carregada, porém mais semelhante à dos mongóis, pardo-amarelada. Habitam choças baixas, feitas de barro, que eles constroem no meio das suas plantações; não dormem em redes, preferindo deitar-se no chão ou em jiraus de madeira; e cozinham sua comida em vasilhas de barro feitas por eles próprios. Creem num deus e em muitos demônios; entretanto, a sua concepção do Ser Supremo, oposto ao diabo, e muito vaga. Também se mostra a sua indolência no fato de não festejarem época alguma da vida com regozijos, excetuando a entrada das mulheres na puberdade, quando se organizam danças à noite. O casamento consuma-se quando o pai da moça aceita a caça que o pretendente traz, sem mais cerimônia alguma. A mãe enrola em volta do pescoço do recém-nascido o cordão umbilical bem atado, até secar e cair por si. Os homens são inclinados à poligamia, e se aqui se abstêm dela é devido à influência dos soldados brasileiros; mas, ciumentos é que não são, pois, às vezes, até chegam a oferecer suas mulheres aos estranhos, e nisso diferem muito dos botocudos, de cujo rigor contra a infidelidade da mulher já tivemos ocasião de ver um exemplo aterrador. Costumam essas macuanis enterrar os cadáveres dos filhos pequenos nas suas choças; os dos adultos, porém, longe da aldeia. Sobre a sepultura destes últimos, que eles cercam com um rego de água, depositam carne e frutos, e acendem fogo, a fim de que nada falte ao defunto. Tempos depois, espetam uma lança sobre o ou constroem por cima uma cabana. Nesses usos, nota-se semelhança notável com os dos negros da África tropical. Em visita às chocas destes índios, só vimos por toda parte miséria e falta de asseio, embora eles costumem vender as sobras da produção de suas roças aos brasileiros; o que mais nos penalizou, porém, foi o doloroso espetáculo de certa mulher doente, abandonada pelos seus e acolhida por compaixão na casa da guarda portuguesa, e que, a nossa vista, se pôs a dar

berros desesperados. Neste caso, também confirmavam-se o que muitas vezes nos haviam afirmado brasileiros, isto é, que os índios só conhecem poucos medicamentos, os quais empregam quase sem discernimento, e, quando não dão alívio ao doente, logo o abandonam, deixando-o entregue a sua sorte.

No quartel, achavam-se também alguns índios da tribo dos malalis, cuja principal colônia é atualmente em Peçanha, no rio Suruí Pequeno, afluente setentrional do rio Doce. Esses malalis criaram-se entre os macuanis, não fazendo diferença nenhuma deles no aspecto, e haviam até esquecido a sua língua.

Além destas duas tribos, mais cinco outras pequenas nações habitam as matas virgens, na fronteira leste da província de Minas Gerais: os maxacaris, os capoxós, os panhames, os comanoxós e os monxocós. As moradas destes não são fixas, sobretudo por causa da pressão dos irrequietos botocudos, que perseguem tais pequenas tribos como a inimigos mortais. Outrora, viviam eles mais espalhados, entre os rios Suruí, Suçuí, e as nascentes do Mucuri; vindo porém os botocudos do alto rio Doce, obrigaram-nos a seguir para leste, para as cabeceiras do rio Mateus, região mais fria, mais pedregosa, de pouca caça.

Parece que os capoxós são de cor mais clara; os panhames e comanoxós, mais tímidos e mais indolentes que os outros; todavia, em outros sentidos, nos costumes, no idioma, que consta porém de diversos dialetos, no ódio aos botocudos, eles se igualam. A informação que nos deu um brasileiro, que durante uma *entrada* contra os botocudos, por algum tempo conviveu com eles, não foi muito favorável. Segundo ele, esses índios são por natureza desconfiados e traiçoeiros, tímidos por hábito, indolentes por preguiça, glutões por tédio, falsos pela consciência da própria fraqueza, vacilantes e indiferentes por falta infantil de juízo. São, por isso, fáceis de manejar, quando se mitiga o rigor com suavidade, e se lhes poupa a obrigação de pensar. A religião cristã tem sido por eles, até hoje, decisivamente rejeitada; preferem os presentes de aguardente, utensílios de ferro etc., que os brasileiros lhes trazem, e retribuem-nos de boa vontade com dádivas de seus poucos utensílios e alimentos. Vivem em casas feitas de barro, muito baixas, que cobrem com folhas de helicônias (Coité) e semelhantes monocotiledôneas. À luz das estrelas, eles frequentemente se levantam, e só

voltam para casa ao despontar do dia. Não são muito dorminhocos, porém são mais sôfregos para comer, a qualquer hora e em demasia. Os homens ocupam-se exclusivamente da caça. Às mulheres competem o trabalho doméstico; sabem elas fabricar vasilhas apropriadas de barro, e tecidos com fio de tucum para vários fins. As suas festas são celebradas à noite, com grande algazarra. Traço característico desta tribo, informou-nos um macuani, é a grande preferência que têm pelos negros, acontecendo não raro, quando estes fogem de seus donos, refugiarem-se junto das índias pedindo a sua intercessão e amparo.

Esse mesmo índio, que sabia exprimir-se bastante bem em português, serviu-nos para tomar nota de diversos termos da língua macuani, que diverge do idioma dos coroados; porém se assemelha com ela pelo fato que só raro a boca se abre muito, sempre os dentes ficam mais ou menos cerrados, e os sons pronunciam-se ora sibilantes, ora palatinos, poucas vezes nasais. Com isso, a impressão que dá o macuani é de que tem a língua inchada e não se atreve a falar. Como a maioria dos índios, ele também fala baixo, e o que sobretudo nos causou grande estranheza aqui, foi o modo pelo qual cada individuo modifica a língua a seu modo, de sorte que quase se poderia dizer que fala dialeto diferente. Ao europeu, acostumado às entoações variáveis da voz e acompanhadas de viva gesticulação, quando observa estes índios a conversar uns com os outros, com tão pouca acentuação, imóveis e quase sem jogo de músculos da fisionomia, parece que falam em sonho. E. não é um sonho soturno a vida toda desses homens, sonho do qual quase jamais acordam?

Estas considerações e a vizinhança dos ferozes botocudos não eram para tornar-nos agradável a estada no vale selvático cercado de rochas, coberto deste lado do divisor das águas, e no sopé da montanha pelas catingas altas, agora quase sem folhas, a oeste pelo mato baixo e seco, daria à imaginação de um poeta boa ideia da entrada do Inferno. Montamos a cavalo para voltar pela chapada a Fanado, mas como houvéssemos mandado adiante o guia, perdemo-nos no tabuleiro, e achamo-nos numa planície ilimitada, estorvados em todas as direções do caminho, por árvores de galhos retorcidos, cheios de grandes formigueiros negros e tufos espessos de erva-de-passarinho. Felizmente, a aventura acabou com mais felicidade do que se podia esperar; já antes do pôr do sol, chegávamos à fazenda de um

negro. O cercado da casa estava guarnecido com uma porção de crânios de onça, e o proprietário deu prova de ser provector caçador, pois, sob a sua guia, ainda antes de escurecer, matamos uma onça e um mutum (*Crax alector*). Esta bela ave não é rara, nas matas virgens daqui em direção à Bahia. Os índios apreciam tanto a sua carne, parecida pelo sabor com a do galo silvestre, com as suas penas negras lustrosas, que são empregadas como adorno. Encontra-se frequentemente o mutum domesticado nas casas dos índios, e parece-nos que, nos países mais quentes até da própria Europa, eles poderiam aclimar-se tão facilmente como a nossa galinha doméstica.

A 13 de junho, partimos para o arraial de Nossa Senhora da Chapada¹⁰ situado três léguas ao norte da vila do Fanado. Este lugar, o mais florescente de todo o termo, que conta em sua freguesia umas 4.600 almas, está situado entre montanhas cobertas de vegetação espessa, cortadas por estreitos vales. Como nas demais terras de minas, a argila vermelha é lavada em busca do ouro, e achou-se aqui, outrora, entre outros, um pedaço de ouro puro, de 17 libras de peso. A maioria dos lapidários aqui reside, e a quantidade de topázios, crisoberilos e águas-marinhas, que nos mostraram, foi incalculável. Os topázios aparecem em fragmentos, ou mais amiúde, em pedras roliças do tamanho de uma lentilha até ao de uma castanha. As pedras arredondadas que se chamam em geral pingos-d'água, prestam-se mais para a lapidação, e, quando uma é do tamanho de um feijão, de conveniente forma, redonda ou elíptica e de água clara, chega a obter bom preço; dá-se aqui mesmo um táler¹¹ por uma bela pedra. Os lapidários são exímios na classificação dessas pedras, conforme o tamanho e colorido, que varia entre o branco de água e o branco-amarelado ou azulado. A melhor qualidade de pingos-d'água é a do rio Utinga. Os topázios azuis só têm interesse quando são escuros e de bom tamanho. As granadas, empregadas sobretudo para guarnecer as comendas da Ordem de Cristo, aparecem em quantidade, e de lindo brilho, porém raramente de tamanho considerável. Em virtude do grande número de comendadores daquela Ordem, à qual pertencem quase todos os vigários colados, a procura e o preço dessa pedra

10. Hoje Chapada.

11. Táler = moeda alemã de prata; valor de 3 marcos. Outrossim, a palavra dólar deriva-se de "táler" (Nota da rev., Ed. Melh.)

não são de pouca monta. Os crisoberilos, no país chamados crisólitos, são extremamente abundantes, mas é raro encontrar pedras grandes, cor de vinho puro ou amarelo-esverdeadas, e sem opalescência. Os crisoberilos verdes, *águas-marinhas*, são, sem discussão, as mais belas pedras que aparecem nestas zonas. Igualam-se às das Índias Orientais, tanto na cor, que é em geral do mais belo verde-mar, como na cintilação e na opalescência, quando são devidamente lapidadas. A maior dessas pedras, achadas até hoje, pesa 16 libras e está no Rio de Janeiro, guardada no Tesouro. Tivemos a sorte de receber um exemplar dessa espécie, de tamanho bastante grande e bela cor, o qual está conservado em Munique, na sala das pedras preciosas. As pedras amarelas, cor de mel, que aparecem de vez em quando sobretudo entre as granadas, e chamadas pelo povo de *jacintas*, são espinélios. Sob o nome de *águas-marinhas*, também se denominam aqui os berilos; contudo são na maioria muito lascados e inferiores ao berilo da Sibéria. Quando eles não se destacam pelo tamanho, pela cor ou pela água, pouco valem. O mesmo acontece, e em maior grau, com as turmalinas verdes, que no país são erradamente chamadas *esmeraldas*. Elas aparecem ora em prismazinhos, muito claros, puros, em cristalização perfeita de 4 a 12 linhas de comprimento e 1 de largura, ora em cristais maiores, amiúde do tamanho do dedo mínimo, e, neste caso, em geral, com a superfície mais opaca e arestas arredondadas. Encontram-se as primeiras principalmente em Gramiães, uma fazendola no sertão do rio Pardo, a trinta léguas ao norte do Fanado, em campo aberto; as últimas encontram-se no ribeirão da Folha, dez léguas a leste de Chapada. Estas pedras lascam-se tão facilmente que só raramente se lapidam, e, por esse motivo, pouco caso fazem delas os joalheiros.

À mesa do hospitaleiro vigário de Chapada foi-nos oferecida uma pequena espécie de pimenta malagueta, que, além do pequeno limão azedo, é o tempero usual, aqui e em todo o Brasil, e apresenta-se apetitoso já pela bela cor vermelha, em molheiras de louça branca. Produziu-nos, porém, mau efeito, embora as frutinhas não fossem extremamente picantes; sentimos repentina dor de cabeça; tonteira, cintilações na vista e todos os sintomas da infecção narcótica e aguda; mas desapareceram logo com inalação de vinagre vaporizado e umas colheres dele, tomadas internamente. Nunca antes, nem depois, no decurso da viagem, quando usamos esse tempero com predileção, experimentamos semelhantes efeitos. É provável,

portanto que a denominada capsicina, que dá à malagueta o ardor forte, pode-se desenvolver predominante na frutinha, ao passo que, em outras ocasiões, como a nossa, estava em maior percentagem o alcalóide narcótico, correspondente aos alcalóides em outras Solâneas, como atropina, daturina, hiosciamina, etc. Saber qual a condição extrema que determina essa variedade, merece investigação a fundo.

Entre Chapada e Água Suja, distante dali quatro léguas ao norte, o terreno montanhoso acha-se coberto de densa vegetação baixa, entre a qual se destaca o arvoredado espalhado do tabuleiro. A formação orogênica dominante é xisto quartzítico, alternado, aqui e acolá, de compactas jazidas de itabirito, ou semeado com pedaços soltos de hematita e brechas de minério de ferro. Em Água Suja, encontramos o juiz de fora do termo, Sr. Bernardino Pinheiro Camelo, em diligência de seu cargo. Com uma jovialidade rara entre os brasileiros, conversou conosco o digno dispensador da justiça, contando as canseiras do foro, pois que se via obrigado, de quando em quando, a ausentar-se de seu lar durante meses, para *correr correção*, pelos ermos de sua jurisdição. Um funcionário judicial, meirinho, foi-nos dado como guia e defensor, quando partimos daqui para as selvas a nordeste, aos riachos Piauí e Calhau, a fim de nos convenceremos, por nós mesmos, da situação geológica dos crisoberilos, etc.

Ainda à tarde deste mesmo dia, alcançamos o arraial de Sucuriú de Cima, passando por vales profundos de montanhas selvosas. As roçadas do mato são plantadas com algodoeiros; no riacho Sucuriú, que deságua no Setúbal predomina a luxuriosa vegetação de viçosos arbustos, assim como boas pastagens. Este riacho também é portador de muito ouro em pó, bem como a argila vermelha, existente na sua vizinhança.

Quando entramos no arraial, ao pôr do sol, fomos recebidos com o estridor retumbante de tambores, pífaro e sons penetrantes do canzá, o estouro dos foguetes e a crepitação das bichas anunciavam a solenidade de São João, que é festejado, principalmente pelos negros, com extravagantes folguedos. As formalidades na prática da religião são observadas por essa raça com tanto fervor, que tomam eles a dianteira sobre os brancos, e estes, em muitas circunstâncias, deixam-lhes, de certo modo, a precedência.

De Sucuriú em diante, apresentava-se fatigante e perigoso o caminho, para levarmos às nascentes do ribeirão Calhau, onde deveríamos encontrar lavagens das pedras preciosas, acima citadas. Mudamos de animais, e internamo-nos por uma densa mata, montanhosa, na qual cavalgamos sete compridas léguas, com a rapidez que a picada estreita e quase fechada pela vegetação e o vigor dos cavalos permitiam. As montanhas que tínhamos de galgar, seguiam no rumo S.O. para N.E., e eram em geral de xisto quartzítico. Todo o ambiente tinha feição esquisita, estranha para nós, e causava-nos ansiedade. A mata fechada parecia-nos um túmulo, vasto, pois a seca a havia despido de toda a guarnição de folhagem e de flores; apenas trepavam ao alto raras espécies espinhosas de Smilax, ou cordões das Cissos, guarnecidos de poucas folhas, ou surgiam as imponentes panículas das bromélias entre os galhos. Destacavam-se assim distintamente os troncos nus no seu prodigioso tamanho, com os galhos, braços de gigantes, estendidos para o céu de um azul profundo. Acácias espinhosas, andiras muito esgalhadas, copaíferas e figueiras leitosas são abundantes aqui; o que então mais nos surpreendeu, foram os gigantescos troncos de corísias (*Chorisia ventricosa*), que, estreitando-se nas partes de baixo e de cima, intumescem no meio, parecendo enormes tonéis, e cuja casca semelhante à cortiça é toda guarnecida de formidáveis espinhos pardos lustrosos. De seus galhos pendiam cerrados tufos de ervas-de-passarinho, assim dispostos pela Mãe-Natureza, que as plantas femininas estejam abaixo das masculinas, para receberem destas mais facilmente o pólen fecundante.

Ali haviam milhares de formigas construído nos troncos as suas casas labirínticas, de alguns pés de circunferência e que contrastavam singularmente pela cor negra, com o cinzento-claro dos galhos sem folhas. A mata, em sua aspereza outonal, ressoava com a gritaria da passarada inumerável e, sobretudo, com o chiado das araras e dos periquitos. Esquivos tatus e tamanduás-mirins (*Dasytus septemcinctus* e *Myrmecophaga tetradactyla*) topavam conosco, por entre as altas casas dos ativos cupins, e sonolentas preguiças (*Bradypus tridactylus*) pendiam entorpecidas dos galhos brancos da embaúba (*Cecropia peltata*), que, aqui e acolá, se elevava no meio de outras árvores. Bandos de bugios, os barbados, de longe, davam sinal de sua presença. O capim alto e seco formigava de bolas de pequenos carrapatos que, ao menor contato, com rapidez do raio, se espalhavam sobre nós, pro-

duzindo tremenda comichão. Não raro coleava veloz, sussurrando, junto dos viajantes apressados, uma cobra, pelas moitas.

Depois de havermos, a duas léguas de Sucuriú, cortado o ribeirão Setúbal, três léguas adiante, o ainda menor riacho Gravatá, ambos tributários do Araçuaí, levou-nos a picada duas vezes para fora das matas dos fundos dos vales, acima de morros íngremes, cobertos de mato baixo, onde tivemos monótona vista da triste solidão das selvas; quando, porém, fomos descendo de novo na mata – o sol já se escondia por entre a galhada seca, e, de repente, em volta de nós, começava a reinar o crepúsculo –, notamos, pela ansiedade do guia, que ele havia perdido o rumo. Nessa conjuntura, o homem percebeu num vale próximo entre o arvoredo, a casa de uma família muito conhecida sua e aconselhou-nos a que pernoitássemos ali. “Contudo, meus senhores – acrescentou ele hesitante –, o melhor é apresentarem-se sós à frente porque, se me avistarem, o filho da casa vai pensar que eu venho da justiça, para prendê-lo, porque há pouco matou o irmão.” Horrorizados, apeamo-nos diante da casa; um ancião, vergado de aflição, e cuja fisionomia respeitável aureolava a cabeleira, branca de neve, deu-nos as boas-vindas, com voz trêmula, e participou-nos que se achava sozinho em casa, com a filha louca. Quando nós o sossegamos sobre o nosso intento, e o meirinho se aproximou, começou ele a lamentar-se em voz alta e a maldizer dos filhos, um dos quais há pouco tempo por ciúmes, também havia assassinado o tio. Aterrados, contemplamos diante de nós aquela casa infeliz, manchada de sangue, e demos ordem ao guia para voltar, de preferência, à solidão imaculada das matas. Ensinou-nos o ancião uma picada para o caminho principal, e topamos, a pequena distância dali, com uma cabana abandonada, numa plantação de algodão, à frente da qual acendemos grande fogueira. As canseiras do dia de calor haviam-nos esgotado, mas não pudemos conciliar o sono; sempre nos acudia à memória a figura do inditoso velho, e o meirinho entreteve-nos, contando muitas histórias de assassinatos, que segundo a sua afirmação, acontecem tão frequentemente no termo de Minas Novas, que num só ano se deram vinte e sete, e noutra dezoito. Ele também fez observar que os filhos de portugueses imigrados eram mais sujeitos à degeneração e imoralidade do que os brasileiros natos, e tentava explicar este fato sobretudo pela falta de educação e respeito do trato dos escravos da casa, não estando habituados na Europa.

Mesmo à noite desse dia, de tão tétricas impressões, ia ainda ser de horror. Apenas havíamos adormecido, fomos despertados por violentos estouros da fogueira, silvos e roncar singulares. Quando íamos saindo da cabana, com o fuzil na mão, o guia esperto deteve-nos temeroso, e mostrou-nos uma grande cobra, que, furiosa, dava pulos e voltas, procurando espalhar os tições acesos. Era uma surucucu (*Bothrops surucucu*, *Trigonocephalus alecto* Cuv.), a maior entre as cobras venenosas do Brasil, e que, por essa particularidade, era duplamente temível à noite. Demos alguns tiros sobre o monstro; não ousamos, entretanto, ir atrás dele no escuro, depois que tudo sossegou. Na manhã seguinte, não conseguimos encontrá-la nos arredores; mas os cavalos, cujas patas dianteiras havíamos amarrado, estavam ainda apavorados, bem juntos uns dos outros na entrada da mata, de onde haviam provavelmente assistido ao aparecimento súbito da perigosa cobra.

O romper da madrugada já nos achou ocupados no preparo de frugal almoço, constante de *rapadura ralada* e farinha de pau, mexidos com água e, logo depois, continuamos a viagem para Aguada Nova. Assim se chama o núcleo de casas espalhadas num extenso vale ao longe do ribeirão Calhau, e cujos habitantes se ocupam principalmente do cultivo do algodoeiro.

Do vizinho morro da Aguada Nova, fomos descendo a um profundo vale, e, depois de cinco léguas de caminhada, excessivamente penosa, pelo cerrado bravo e catingas numa picada de rocha para cima, achamo-nos na meta de nossa excursão, Gupiara ou Calhau, lugarejo de poucas choças de sapé onde moram os cavadores de pedras. Dessas alturas goza-se de vasto panorama sobre as selvas do vale do Araçuaí, no qual deságua o ribeirão Calhau, que nasce aqui. A orogenia da montanha revela um granito sem camadas, esbranquiçado, de grossa granulação que contém pouca mica branca, porém muita turmalina preta, cristalizada frequentemente em prismas compridos. Não raro, alterna-se o granito com um gnaisse de elementos constituintes da mesma espécie, de maneira que a formação simultânea é evidente. Ora o granito aflora, ora é revestido com uma camada espessa, de 4 a 12 pés, de um *gorgulho*, cinzento ou branco, cuja constituição principal é o quartzo.

Tanto nas nascentes do ribeirão Calhau, como nos fragmentos graníticos, acham-se particularmente crisoberilos branco-esverdeados.

dos, amarelo-ocra pálidos, amarelo-limão (*crisólitas*) ou verde-azeitona, verde-capim e verde-azulado (*águas-marinhas*), também preciosas granadas e topázios brancos e azul-claros. Parecem-se, pois, estas pedras, com os diamantes, pelo fato de nunca aparecerem na primitiva matriz. Com elas se acham no gorgulho do Calhau e nos fragmentos graníticos muitos fragmentos de lidita e um quartzo vítreo, translúcido ou branco-leitoso, igualmente abundantes. Os primeiros destes, quando arredondados, chamam-se feijões, como no Distrito Diamantino. Em alguns crisoberilos julgamos ver vestígios aderentes de quartzo e de granito, pelo que há muita probabilidade, como também, devido a todas as condições locais, de que essas belas pedras se originem nos filões de quartzo do granito. Do mesmo modo, talvez pertençam as granadas, que aqui se encontram, ao quartzo do granito, ou mesmo a este último. Cristais de crisoberilos (pirâmide dupla de seis faces, rombuda em ambos os vértices), sobretudo os de bom tamanho, são extremamente raros; mais abundantes, porém, são belos dodecaedros de forma pura das granadas. O maior crisoberilo aqui encontrado parece que pesava 48 oitavas. Os cavadores lavam estas pedras, como os diamantes, da areia e do cascalho do ribeirão Calhau e dos fragmentos graníticos que são escavados em fossos ou covas quadrangulares.

De Gupiara tocamos, por uma légua adiante, até ao córrego de Santana, onde pernoitamos na casa de um cavador. A rocha sobre a qual esse córrego desliza, é igualmente granítica, às vezes com grandes maciços de um feldspato, vermelho-carne, ora de granulação grossa, ora de granulação fina. No quartzo branco, encontra-se uma bela turmalina preta, cristalizada. Nesses granitos erráticos às vezes aparece, aderente a ele, um micaxisto escuro, friável. Também no cascalho do córrego não apareciam outros elementos de rocha, que em Gupiara: granito, quartzo, feldspato, lidita e um sílex córneo quebradiço cinza-esverdeado. Nesses cascalhos, aparecem, até a profundidade de dez e vinte pés, os crisoberilos, e muito raramente se encontram também aqui turmalinas verdes.

Não estava satisfeita a nossa curiosidade com o que havíamos achado até aqui; sempre conservamos a esperança de descobrir a matriz dessas pedras, e empregamos para isso mais um dia, na inspeção das cava-

ções de pedra no alto rio Piauí, o qual alcançamos em penosa caminhada pelas catingas, sobre terreno de rocha. Não pudemos, entretanto, observar nada de novo. Entre todas as pedras que se acham nestas regiões, a mais apreciada é o crisoberilo branco; aproxima-se, às vezes, do diamante, na água e no brilho. Águas-marinhas puras e crisoberilos amarelos são de valor mais ou menos igual; as pedrinhas, bem lapidadas, do diâmetro de duas até cinco linhas, foram-nos oferecidas de \$900 até 1\$000 por oitava. Topázios brancos e azul-claros são de menor valor, e, em geral, os escavadores de pedras aqui reconhecem que as pedras de Americanas merecem preferência às deles. Não foi sacrifício deixarmos estas matas tristes, e regressar a noroeste, rumo ao arraial de São Domingos¹², para onde havíamos, nesse ínterim, mandado a nossa tropa. Tocamos tão depressa quanto era possível, aos nossos animais carregados com as coleções mineralógicas, e voltamos por Calhau e Aguada Nova; transpusemos, numa canoa, o rio Araçuaí, na tarde do segundo dia, e alcançamos a entrada da noite aquele arraial, onde a gentileza do juiz de fora já havia cuidado de nosso pouso, em casa do guarda-mor, Sr. Servando Pacheco Rolim. E São Domingos a localidade mais setentrional de importância do termo de Minas Novas e deve considerar-se como entreposto principal do comércio de algodão, com a Bahia, pois fica na estrada de Conquista, e dista apenas sete léguas de Tocaios, onde se faz o embarque das mercadorias no rio Grande. Aqui encontramos dois rapazes franceses, que faziam compras para a sua firma do Rio de Janeiro, e expunham à venda um pequeno sortimento de artigos europeus, parecendo muito satisfeitos com o andamento dos negócios.

Segundo as referências que até aqui nos haviam feito do sertão para onde nos íamos dirigir agora, precisávamos recorrer às vendas do arraial, a fim de nos abastecer do necessário para uma longa viagem por zonas quase despovoadas. Matou-se um boi, a carne foi cortada em estreitas tiras, salgada e exposta ao sol, para secar. Com estas provisões

12. Hoje Araçuaí.

13. A *bruaca* denominada também *caçua* no sertão maranhense, é realmente de couro cru e destina-se ao transporte de objetos que devem estar ao abrigo da chuva. Não se conhece o étimo de *bruaca*. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

de boca, e mais arroz, farinha de mandioca, milho, feijão, tocinho e cachaça, encheram-se sacos de couro cru de boi (*bruacas*)¹³ que costumam colocar aos pares às costas das mulas. O arrieiro, conhecedor do país, que contratamos como guia, cuidou da provisão de ferraduras e pregos. As cangalhas das mulas foram de novo acolchoadas, e adaptadas novas para os animais comprados. Foram as nossas arenas consertadas por um ferreiro português, e compramos nova provisão de pólvora e chumbo. Durante esses preparativos, recebemos convite do vigário de Tocaios para visitar o arraial e o próximo Quartel de São Miguel, e ali observar os botocudos. Como, porém, nos chegou a notícia, por um viajante mineiro, de que o príncipe Max von Neuwied¹⁴ havia empreendido, com heroico sacrifício, a tarefa de investigar esses interessantes antropófagos, julgamos inútil nosso esforço nesse sentido, e volvemos, a 4 de julho, para o sertão, que, segundo informação da gente do lugar, nos aguardava como terra maravilhosa, ainda que igualmente cheia de perigos.

14. Refere-se a Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied, a quem se devem os seguintes trabalhos sobre a nossa pátria: – “Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817” (1820-1821, 2 vols. in-4º gr. e 1 atlas); “Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens” (1823, in-fol.); “Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien” (1825-1832, 5 vols. in-8º) e “Brasilien-Nachträge and Zusätze” (1850). O ilustre viajante percorreu, do sul para o norte, acompanhando sempre a linha da costa, as então províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, chegando até Ilhéus; daí rumou até as fronteiras de Minas Gerais, regressando, pela hinterlândia, a cidade do Salvador. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)



Animais da América do Sul. Ao lado do nome popular, aparece entre parênteses o termo científico usado por Martius:

- 1) Urubu-rei (*Cathartes Papa*). 2) Preguiça (*Bradypus tridactylus*). 3) Barrigudo (*Lagothrix canus*) 4) Onça-preta (*Felis Onça, var. nigra*). 5) Onça ou jaguretê (*Felis Onça*). 6) Queixada (*Dicotyles labiatus, torquatus*). 7) Guará (*Canis jubatus*). 8) Tamanduá-bandeira (*Myrmeco phaga jubata*). 9) Bugio (*Nyctipithecus vociferans*). 10) Saju (mico) (*Cebus gracilis*). 11) Tamanduá-mirim (*Myrmecophaga tetradactyla*). 12) Saju (*Cebus robustus*). 13) Tatu (*Dasybus novemcinctus*). 14) Quati (*Nasua socialis*). 15) Maracajá (*Felis pardalis*). 16) Tartaruga da Amazônia (*Emys expansa*). 17) Barbado (*Mycetes barbatus*). 18) Arara (*Psittacus Ararauna*). 19) Rato-de-espinho (*Histrix prehensilis*). 20) Anta (*Tapirus americanus*). 21) Gambá (*Mephitis foeda*). 22) Marsupial (tipo geral) – (*Didelphys marsupialis*). 23) Peixe-Boi (*Manatus americanus*). 24) Tucano (*Ramphastos Toco*). 25) Veado-campeiro (*Cervus campestris, paludosus*). 26) Jaguatirica (*Felis pardalis*). 27) Rã de chifre (*Ceratophrys dorsata*). 28) Sapo (*Bufo ornatus*). 29) Jacaré (*Crocodilus sclerops*). 30) Saju (*Cebus xanthostemus*). 31) Jiboia (*Boa constrictor*). 32) Jabiru (*Mycteria americana*). 33) Colhereiro (*Platalea Ayaya*). 34) Boto ou Peixe-porco (*Delphinus amazonicus*). 35) Lhama (*Camelus Glama*). 36) Avestruz americana ou ema (*Rhea americana*). 37) Cachorros-do-mato.

NOTAS DO CAPÍTULO III

I. O termo de Minas Novas no ano de 1812.

Vilas	População	Administração Municipal
<i>Vila e freguesia</i>	<i>Ordenanças</i>	Juizes ordinários 2
	Branco:	Juiz de órfãos 1
1. Nossa Senhora de Bom Sucesso do Fanado.	Capitão-mor 1	Vereadores e Procuradores da Câmara 4
	Sargento-mor 1	
<i>Arraiais e freguesias</i>	Ajudantes 2	Escrivão da Câmara ... 1
1. Santa Cruz da Chapada.	Capitães 22	Tesoureiro 1
2. Nossa Senhora da Conceição de Agua Suja.	Alferes 22	
3. Nossa Senhora da Conceição de Sururiú.	Sargentos 44	Alcaide 1
	Cabos-de-Esquadra (libertos) 88	
4. São Domingos.	Soldados 930	Porteiro 1
5. Nossa Senhora do Rio Pardo.		1.110
	Homens de cor:	Carcereiro 1
<i>Arraiais</i>	Capitães 4	
1. Itacambira.	Alferes 4	Afilador 1
2. Barreiras.	Sargentos 9	Fiscais das vintenas ... 22
3. São João.	Cabos-de-Esquadra ... 16	
4. Araçuaí.	Soldados 3.050	Meirinhos 4
5. Nossa Senhora da Penha.	Soldados pretos 700	Jurados 3
6. Piedade.		
	Total 4.873	Requerentes 8
<i>Povoados</i>	Indivíduos que não estão em serviço (homens) 783	Escrivão de órfãos 1
1. Brejo das Almas.	Mulheres 10.000	
2. Cabeceiras do Rio Verde.	Crianças de ambos os sexos 8.000	Tabeliães 2
3. Serra do Encantado.	Escravos de ambos os sexos 1.000	Avaliadores 2
4. Serra Branca.		
	Total da população 24.056	Inquiridor, distribuidor e contador 1
5. Conceição.	Do Regimento de Dragões de Minas, estavam destacados uns 36 homens no serviço do Diamante da Serra de Santo Antônio, em Simão Vieira, Passagem da Bahia e Tocaios.	
6. Santo Antônio de Gurutuba.		Agrimensores 4
7. Prata.		
8. Olhos d'Água.		
9. Maravilha.		Tabeliães da aldeia 2

II. A volta do rei D. Sebastião, que, no ano de 1578, desapareceu em batalha contra os mouros, era logo depois desse acontecimento, esperada em Portugal, e as condições desgraçadas do país, sujeito ao domínio da Espanha, concorreram não pouco para isso; o fanatismo político comunicava ao povo a esperança dessa ressurreição, para libertar-se. E provável que o clero, com o intento de excitar o patriotismo do povo, talvez por causa do descontentamento da nobreza, fomentasse essa lenda. Na Torre do Tombo, arquivo real em Lisboa, está conservado um manuscrito, que contém uma coleção de profecias em tal sentido. Depois que no ano de 1640, a dinastia de Bragança subiu ao trono, a lenda perdeu a sua significação política entre o povo, e a crença na volta de D. Sebastião subsistiu somente por fanatismo religioso, que esperava daí não somente o renascimento político, mas também o religioso de Portugal. Em 1667, um jesuíta, Antônio Vieira, foi pela inquisição de Lisboa condenado à prisão e perda da dignidade eclesiástica, porque, num sermão, citando um tal *Gonzaliannes Bandarra*, que ele considerava um verdadeiro profeta, se referiu a sua predição sobre a volta de um certo rei morto de Portugal, e a elevação de Portugal a Império, etc. Desde o século XVII, já se havia espalhado no Brasil a crença da volta de D. Sebastião, e esse é o único vestígio de romantismo na tradição do povo.

A história de uma nação, que com poucos séculos apenas de existência, não se perde no passado maravilhoso de lendas, como a dos Estados europeus; o fundo de seu painel não está enriquecido com figuras poéticas da fantasia. Todavia, seria erro quereremos atribuir essa falta de poesia épico-romântica nacional exclusivamente à juventude do povo brasileiro; ela também se funda na natureza do indígena. Na sua história, provam os portugueses, com a navegação, descobrimentos e comércio exterior, uma feição prática de vida nacional, mas não a poética tranquilidade de muitos dos povos do norte, que entrelaçam a narração das suas façanhas e aventuras com poéticas tradições, embelezando-as. Assim, vemos na America do Norte o esplendor da natureza ou as lendas singelas dos índios, impregnadas da poesia do Norte, elevando em belos poemas o bem geral da nação; não só no Brasil não se encontra vestígio algum de tal coisa. Uma lenda, entretanto, e corrente entre os índios do Brasil Central, e passou para os colonos europeus: “que, centenas de anos antes, um homem branco, barbado e grande caraíba, isto é, o que vem pelo mar, chamado *Sumé* ou *Tsumé*, apareceu entre eles, ensinando-lhes o cultivo da mandioca, e, igualmente, o modo de cortar o cabelo. Grande poder sobre as forças da natureza emprestavam os índios a esse benfeitor, vindo do oeste; ele serenava tempestades; o mar recuava a uma ordem sua; as feras do mato eram seus companheiros protetores; até que, afinal, à vista dos perseguidores, desapareceu de repente, e nada ficou dele, senão a impressão

de seus passos na rocha. O padre Anchieta e os religiosos, seus companheiros, utilizaram-se dessa lenda para os seus fins na obra das conversões, pois deram a entender que aquele estrangeiro era o apóstolo são Tomé, o que se explicava, entre outras coisas, pela tonsura por ele usada.

Foi-nos contada diversas vezes esta tradição, mas sem ornamento poético, e julgamo-la importante, não em referência à poesia nacional, mas por fazer lembrar um Baco ou Osíris do Ocidente, e porque parece confirmar que a mandioca (*Jatropha manihot*), que nunca encontramos em parte alguma silvestre, foi importada da África.

.....

Capítulo IV

VIAGEM ATRAVÉS DO SERTÃO ATÉ O RIO SÃO FRANCISCO

A CHAPADA LIMITADA pelos rios Jequitinhonha e Araçuaí, e que forma a nordeste um ângulo agudo na junção deles, em parte alguma eleva-se a mais de 2.000 pés acima do mar, e não apresenta nenhuma montanha que se destaque; na parte setentrional, entretanto, uma série de outeiros mais altos, correndo no meio, forma o divisor distinto das águas dos referidos rios. Galgamos esses outeiros, no caminho de São Domingos para a fazenda de São Joaquim, onde pernoitamos, e, no dia seguinte, continuamos na direção de N.E. para S.O., até à estrada geral do Tijuco para o *sertão*, a qual, na direção oeste, nos levava ao rio Jequitinhonha. Um *cerrado* espesso cobria a região, que se estendia no horizonte a perder de vista; apenas a oeste flutuava como nuvem azul, a serra de Santo Antônio, em perfis audazes, à nossa frente. Atravessamos o rio em Porto dos Angicos, que corre aqui sobre xisto quartzítico, e achamo-nos agora no *sertão*, como denominam os mineiros a vastidão deserta na sua linguagem usual. Consideramos de bom agouro, à entrada do tão mal afamado território, o encontro com um francês das belas margens do Garona, um digno ancião, barqueiro da passagem e que amavelmente nos deu hospedagem.

O terreno eleva-se gradualmente até ao sopé da serra de Santo Antônio, na qual se distinguem duas séries de montanhas, estendendo-se uma atrás da outra. O núcleo principal da primeira série sobressai como um grande castelo. Até a altitude de 3.000 pés, apresenta-se a paisagem como um tabuleiro de arvoredo muito denso que se estende sobre belo capim; adiante, mais acima, são raras as árvores ou arbustos. Percorremos esta região em dois curtos dias de marcha, seguindo por picadas apenas visíveis, de Morro Redondo para Mombucas e Bananal. Os proprietários dessas fazendolas ocupam-se quase exclusivamente da criação de gado. Quando daí fomos subindo a segunda cadeia mais alta da serra de Santo Antônio, ou, como às vezes é chamada, serra do Grão-Mogol, causou-nos prazer encontrar de novo a feição do Distrito Diamantino e a mesma vegetação: superfícies nuas apresentam a bela areia quartzítica branca ou bancos de xisto quartzítico brilhante; profundas fontes naturais, existentes na pedra, estavam cheias de água fresca; aqui e acolá elevavam-se liliáceas arborescentes, entre delicadas flores e gramíneas, quais as de Tijuco. Entretanto, o sol causticante já havia ressecado o verde viçoso da vegetação, e, em vez dos frescos ares de montanha do Distrito Diamantino, a atmosfera em torno de nós era quente, leve, seca. No ano de 1781, acharam-se diamantes nestas zonas, e, logo depois, levantou-se na parte mais alta da montanha, um quartel, que também hoje se opõe ao tráfego proibido dos garimpeiros. Rodeamos o cume da montanha, que talvez tenha 4.300 pés de altitude, pelo lado esquerdo, e nos volvemos para o ribeirão Itacambiruçu que leva as suas águas límpidas para o Jequitinhonha. À margem ocidental desse ribeirão, notamos, em alguns lugares, granito aflorar; porém, a não ser isso, a formação orogênica é aqui, por toda parte, de xisto quartzítico, e no campo se acham grandes blocos erráticos de quartzo branco, misturado com asbesto cinza-esverdeado, e um quartzo fibroso, de filamentos muito finos. Este último mineral é muito bonito, de tonalidade verde-azulada, pouco luzente, sendo que, nas clivagens, é ferruginoso-avermelhado e translúcido. As fazendolas tornam-se cada vez mais raras e pobres. Extensos currais, para onde o gado é, de quando em quando, tocado, a fim de ser reunido ou para ser recolhido à noite, deixam supor rebanhos numerosos; entretanto esses, devido à falta de comunicação, não constituem medida para a riqueza do proprietário.

Às vezes, os sertanejos se ocupam, na sua solidão, em procurar ouro, que aparece aqui e acolá, bem como diamantes. Vimos diversas destas pedras preciosas; quase todas, porém, tinham uma casca muito espessa, com brilho de madreperla, e a forma era a que os lapidários chamam de natural, e costumam rejeitar como impróprios para lapidação. Achamos mais interessantes umas pequenas turmalinas verdes, penetrando o cristal de quartzo, que o morador da Fazenda de São Jerônimo¹, dizia haver recebido do rio Pardo. Pernoitamos na fazenda Congonhas do Campo, seis léguas a noroeste de Itacambiruçu.

O acolhimento, por toda parte neste sertão, não era menos hospitaleiro do que nas outras terras de Minas; porém quão diferentes nos pareceram os habitantes destas regiões solitárias, em confronto com os sociáveis e cultos cidadãos de Vila Rica, de São João d'el-Rei etc.! Em casa, o homem traja apenas umas calças de algodão branco, curtas e abertas nos joelhos, e, por cima, uma camisa do mesmo tecido ou de chita estampada de flores em cores diversas. Igualmente simples é o vestuário das crianças e das mulheres, as quais, além de tudo, são privadas do privilégio dos chinelos. Nas caçadas ou no serviço de campeiro, o sertanejo usa calças compridas, de couro de capivara ou de veado, que vestem, com uma só peça as pernas e os pés, e uma jaqueta curta; cobre a cabeça com um chapéu de copa hemisférica baixa de aba larga, com uma pala presa, para proteção contra os espinhos, quando, na perseguição do gado, galopa em disparada pelo meio das brenhas. Um facão metido na bota ou no cinturão é a sua arma ordinária; de resto, ele maneja tão bem o laço, como o peão das províncias do Sul. O sertanejo é criatura da natureza, sem instrução, sem exigências, de costumes simples e rudes. Envergonhado de si próprio e de todos que o cercam, falta-lhe o sentimento da delicadeza moral, o que já se demonstra pela negligência no modo de vestir; porém, é bem intencionado, prestativo, nada egoísta e de gênio pacífico. A solidão e a falta de ocupação espiritual, arrastam-no para o jogo de cartas e dados e para o amor sensual, no qual, incitado pelo seu temperamento

1. No original, *S. Jerome*, expressão que é influência da cultura francesa do autor, mas pronúncia popular de *Jerônimo*, pois a nossa gente rústica tem horror aos proparoxítonos. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

insaciável e pelo calor do clima, goza com requinte. O ciúme é quase a única paixão que o leva até ao crime. Ademais, só a mínima parte dos sertanejos é de origem puramente europeia; a maioria consta de mulatos, na quarta ou quinta geração; outros são mestiços de índios com negros ou de europeus com índios. Escravos negros são raros, devido à miséria geral dos colonos; os trabalhos da lavoura e da criação de gado são feitos pelos próprios membros da família.

Da margem ocidental do Itacambirucu começa o terreno a elevar-se de novo, para formar o divisor das águas entre esse rio e o Verde Grande, que deságua no São Francisco. O caminho era agradável, de aspectos sempre variados, pelos vales extensos, em forma de gamela, cuja vegetação é de campos com arvoredos disseminados em tabuleiro. Perdêramos de vista os majestosos contornos da serra de Santo Antônio, a paisagem era mais aberta e amena. Nas alturas, encontramos ainda muitas plantas, já nossas conhecidas dos arredores de Tijuco; mas, quando descemos além, a flora foi progressivamente mudando. Diversas espécies de *Bombax* (*Bombax parviflorum*, *pubescens* e *retusum*), cuja casca flexível e resistente (*embira*) é usada pelos sertanejos em vez de rafia, os jacarandás de folhagem delicada, em cujos galhos agora sem folhas, desabrochavam grandes cachos de flores azul-escuras, e uma espécie de coqueiro (*Cocos capitata*)², que com troncos baixos de grande copa, ocupam nesta paisagem o lugar das liliáceas arborescentes das serras mineiras, e já revelavam que se estava à entrada de outro sistema de rio. Quanto mais íamos descendo, tanto mais abundantes eram as malváceas, labiadas e turneráceas em flor, e tanto mais raras se faziam as pequenas réxias, semelhantes às nossas ericáceas, cujas várias formas delicadas, nas alturas dessa larga lombada, ainda nos haviam alegrado a vista como no Tijuco. A principal formação geológica é sempre xisto quartzítico, que, num e noutro ponto, como na fazenda Joaquim Pereira, uma légua a noroeste de Congonhas, contém em grandes filões de quartzo, cristais de rocha muito puros, e em Sete Passagens, três léguas adiante, apresenta sinais esperançosos de ouro; deste ponto em diante, porém, aparece sobre ele uma formação

2. Butiá.

orogênica, até aqui desconhecida para nós, e peculiar ao sistema do rio são Francisco, muito espalhada em nosso caminho, sobretudo ao longo do Rio Verde. Grandes jazidas de marga mole amarelo-clara ou amarelo-ocra, enchem frequentemente, na espessura de 200 a 300 pés as depressões de xisto quartzítico e recobrem as elevações. Esta camada pedregosa de aluvião é, em geral, estratificada, declinando a oeste e inclinando-se com diversas variações, entre N. a S. e nor-nordeste e su-sudoeste. Esta marga contém salitre, que é dissolvido pelas águas das fontes, aqui menos frequentes, que o levam à superfície de xisto quartzítico. Por isso, a água potável é, em geral, enjoativa, embora fresca, e parece ao que se diz, ser um dos fatores da malária, tão predominante e devastadora na grande região do rio são Francisco. O único meio de obter melhor água seria cavar poços no xisto quartzítico; mas a indolência da gente satisfaz-se com as cisternas, que muitas vezes ainda pioram o mal. Nos lugares onde essa água salobra forma pequenas lagoas, encontramos-la cheia de algas verdes (*Chara dominguensis* Turp. e *Conferva fascicularis* Mert.); sendo essas algas de água doce muito mais raras nas regiões quentes do Brasil do que em nosso país. O gado, que pasta em grandes rebanhos nestas campinas, procura o sal com avidez, e lambe os barrancos abruptos (*barreiros*), às vezes em longas filas, numa camaradagem pacífica. Quanto mais nos internávamos nesta zona, tanto mais característica se apresentava a feição da paisagem: planícies desertas, com capim seco, árvores retorcidas, e, de quando em quando; uma das já mencionadas palmeiras de copa grossa e de outra, sem tronco e espinhosa (*Astrocaryum campestre*); vales, em forma de gamela, que se afundam em diversas direções, são animados pela presença de emas, veados e tatus. Entre estes últimos, tão extraordinários pelo engenhoso feitio de sua couraça, como pela rapidez e incrível força com que costumam cavar o chão, encontramos duas espécies, o tatu-canastra (*Dasytus gigas* Cuv.) e o tatu-bola (*Dasytus novemcintus* Lin.). O primeiro, cujo tamanho se equipara ao de um porco de crescimento médio, não é utilizado como alimento pelos naturais do país, por considerarem a sua carne muito gorda e dura, causadora de febre; o outro, porém, chamado bola, por enrolar-se nessa forma ao esconder-se na couraça, tem carne muito saborosa.



Lagoa de aves, à margem do rio São Francisco, perto da fazenda Capão. Figura do estado natural primitivo: o reino das aves em pleno gozo de suas tendências nativas. Na floresta que contorna a água, pulsando de vida, veem-se muitos cipós de plantas cissoides, a embaúba (ceropia peltata), a palmeira macaúba (acrocomia sclerocarpa) e o grande caniço de flecha (gyrerium parviflorum).

A 12 de julho, avistamos à nossa frente uma parte da serra de Bento Soares, e, ao anoitecer, chegamos ao arraial de Formigas, situado numa vargem ao pé desta serra baixa. Os habitantes deste pequeno povoado, constituído de algumas filas de cabanas baixas, todas de barro, são, como filhos do sertão, mal afamados como brigões e por seu banditismo, e não pareciam possuir a bela virtude da hospitalidade dos seus vizinhos; demo-nos por felizes, ao achar abrigo sob a cobertura do mercado, até que o amável vigário nos convidasse para sua casa. Formigas negocia com os produtos do sertão: gado e cavalos, couros crus de boi, de veados, estes últimos curtidos grosseiramente, toicinho, porém, sobretudo salitre, extraído em grande quantidade das cavernas calcárias próximas. Estas grutas também eram de grande interesse para nós, porque deviam conter ossada de enormes animais desconhecidos, dos quais já muitas vezes nos haviam falado no sertão.

No distrito de Formigas existem várias cavernas de salitre: a *lapa* do rio Lagoinha, a *lapa* do Miréllis³ no ribeirão Pacú, da qual se extraíram 4.000 arrobas de salitre; as lapas do Cedro, Buriti, Boqueirão, etc. A mais importante, porém, entre todas, pareceu-nos a Lapa Grande, porque nela foram encontradas as tais ossadas de animais primitivos. Está situada a légua e meia a oeste do arraial, na denominada serra do Vicente ou Cabeceiras do rio dos Bois. Esta montanha baixa eleva-se, quando muito, a uns 450 pés acima de Formigas, e consiste em três cadeias, separadas por vales rasos. Transpusemos a primeira dessa série. O caminho nos levou gradualmente ao alto, por uma catanga pequena, rala, cujas árvores mirtáceas estavam justamente carregadas de frutinhas saborosas. Fomos subindo sempre, e, depois de haveremos galgado um outeiro íngreme, achamo-nos diante de maciça rocha calcária, no meio da qual se escancarava a entrada da gruta, um enorme boqueirão negro. A mesma sensação, misto de horror e de curiosidade, que havíamos experimentado na Alemanha à entrada de nossas interessantes cavernas, foi aqui duplicada pela estranheza do am-

3. Não sabemos se *Miréllis* está aí em lugar de *Meirelles* ou de *Mirales*, pois o autor da *História Militar do Brasil*, d. José de Mirales, nascido na Espanha em 1686 e falecido na Bahia em 1770, naturalizado português, tomou parte em expedições ao interior, em procura de jazidas de salitre. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

biente e pela ânsia de fazermos no interior desta misteriosa sepultura de raças extintas de animais, notáveis descobrimentos. Em vez da hera, que atapeta suavemente as rochas na Alemanha, aqui surgiam *Cissus* altos e espinhosos; em vez das graciosas moitas de lilás, de jasmims silvestres e de madressilvas, cercavam-nos filas de enormes troncos dos cactos densamente armados de espinhos; *Jatrofas* queimadoras, espinhosas *Solanáceas*, moitas de alcaparreiras e *Gardênias* estreitavam a entrada, da qual saía desagradável correnteza de ar frio. A boca da gruta era de 70 pés de altura e 80 de largura, e a negrura lúgubre do fundo era ainda acentuada pelos bancos e rochas de calcita branca, que se destacam do centro e das paredes da entrada com as suas prodigiosas formas.

Toda a montanha é de uma pedra calcária compacta, cinza-azulada, em geral em camadas horizontais, inclinadas em 3 graus que parece pertencer à formação calcária de transição, visto não termos podido achar nela nenhum vestígio de fósseis. E esta a mesma pedra calcária que está espalhada desde o rio Verde até ao rio das Velhas, e ao outro lado do mesmo até ao rio Abaeté, contendo, aqui e acolá, jazidas de gesso, com argila amarelo-ferruginosa ou caulinita branca; no primeiro destes lugares, também há cavernas de salitre; e, no Rio Abaeté, chumbo e zinco⁴. A vegetação predominante aqui parece ser, quase em geral, de catingas e campos ressecados. Pelo alto portão da entrada, alcançamos uma abóbada, que tem 30 a 40 pés de largura, e outro tanto de altura, e cujo chão desigual, coberto de montículos de calcita sonora, vai gradualmente descendo. Depois de termos dado uns 100 passos, verificamos que a caverna se dividia em diversas galerias naturais. Tomamos por um desses caminhos, o qual subiu logo, em curvas, e obrigou os curiosos a se porem de joelhos, pois as paredes ásperas, recortadas em formas grotescas e rasgadas, se estreitam; porém, repentinamente, alarga-se de novo a galeria, e termina numa gruta espaçosa, cujas paredes estão cobertas, aqui e acolá, de calcita avermelhada ou com brancos prismas cristalinos compridos, hexaédricos, de espato calcário. No fundo dessa gruta, subimos por dezoito degraus quase regulares, igualmen-

4. O sr. von Eschwege retirou da Real Mina de Galena, do Abaeté, uma grande quantidade de galena e de calamina. Nessa mina também se encontra um belo minério verde de chumbo, assim como barita e ocre pardo-ferruginosa. (Nota do autor.)

te recobertos de carbonato de cálcio, estendendo-se em forma de cascata. Foi aqui, sobre um dos degraus de cima, que um dos nossos guias achou, há sete anos, uma costela de seis pés de comprimento e outros restos de ossadas de um animal primitivo. Cavamos na argila fina, que reveste esta região da caverna com uma camada de 4 a 8 polegadas, e foi grande a nossa alegria, ao acharmos, não ossos grandes, é verdade, mas alguns fragmentos, que nos deram a certeza de se tratar dos restos de um *Megalonix*; sobretudo achamos vértebras, metacarpos e últimas falanges. Nunca as ossadas estão incrustadas na própria pedra calcária, porém, jazem mais ou menos encobertas, soltas e sem ordem, na terra. No caminho de volta, achamos ossos de antas, quatis e onças de época bem recente, espalhados na parte da frente da caverna e pareciam ser restos da presa que aqui foi devorada. Outro objeto, para o qual se volvia a nossa observação, era o salitre, que já tinha sido extraído daqui aos milhares de arrobas. É uma terra muito fina, de cor castanha ou avermelhada, raramente amarela ou cinzenta, que aparece nas cavidades da pedra calcária, e, sobretudo, no chão, em buracos, ou embaixo de saliências, na espessura de algumas polegadas até um pé, pegada em massas informes, porosas, que têm muita semelhança com a terra dos grandes formigueiros. Na cor e mais qualidades físicas, esta terra é exatamente igual à de fora da caverna, somente é mais fina e como que mais lavada. Tanto por esta particularidade, como pela circunstância de serem polidas as paredes nas curvas da caverna, e, em diferentes alturas, haver eflorescências de marga, parece provável que antigamente as águas passaram violentamente pela caverna, enterrando talvez também aquelas ossadas dos animais primitivos. Segundo esse alvitre, a escada, que acima mencionamos, teria formado outrora uma cachoeira subterrânea. Depois de havermos, durante várias horas, revolido a terra em busca de resto de ossadas, percorremos ainda algumas galerias, nas quais nada de interessante encontramos, a não ser alguns reservatórios profundos de água fria, na rocha. Todos os sítios da caverna, que contém boa quantidade de salitre, eram bem mais quentes do que as partes já despojadas; indicavam a temperatura de 19°R, ao passo que a galeria principal apenas tinha 17 1/2°R. Fora da gruta, no mesmo tempo, entre uma e duas horas, marcava o termômetro 21 1/2°R. A caverna parece estender-se uma boa hora adiante, de N. a S., na montanha, e ainda ninguém chegou até o fim dela, porque

as luzes se apagam antes, na vizinhança de um ribeiro subterrâneo. Quando saímos desta extraordinária caverna, era noite fechada, e encontramos os guias ocupados em alimentar uma fogueira, que tinham acendido à entrada. As altas chamas, refletindo-se na pedra, deitavam longe os seus clarões vacilantes, por entre os troncos nus da mata, pondo em debandada inúmeras varas de assustados caititus (*Dicotyles torquatus* Cuv.), e a fumaça enxotava das gretas das rochas bandos de numerosos morcegos, que esvoaçavam pipiando aflitos, em volta de nós. Este espetáculo noturno, além de novidade para nós, proporcionou-nos ensejo de conhecer algumas espécies desses animais fantásticos. Pegamos três diferentes espécies de morcegos (*Molossus obscurus* Geoffr., *M. nasutus* e *Preboscidea saxatilis* Spix), que aqui se aninhavam em comum. Estas espécies são extremamente abundantes em todo o sertão de Minas, porém especialmente no rio São Francisco, onde as muitas fendas e lapas, nas montanhas calcárias sem vegetação, lhes oferecem bons abrigos; os morcegos às vezes atacam o gado, à noite, em tão numerosos bandos, que os habitantes são obrigados a abandonar as suas fazendas e retirar-se para regiões mais sossegadas. Não é, portanto, nada raro que se façam campanhas contra esses sugadores de sangue perturbadores da paz. Costumam então os fazendeiros, nos dias claros, sem vento, fazer fumigações de folhas de fumo e vapores de enxofre embaixo das suas tocas, e matam aos milhares os que caem sufocados. Os cavalos ainda sofrem mais que o gado, desses nocivos animais, e ficam às vezes tão enfraquecidos com a sangria, que no dia seguinte não podem prestar serviço. Notamos que esses pobres cavalos são às vezes submetidos, várias noites a fio, a tais sangrias, fato que se pode atribuir talvez parte ao cheiro do sangue, parte à sonolência crescente dos animais. Em geral, colocam-se os morcegos na coxa anterior ou na traseira, onde com muita habilidade acham as veias, que abrem com uma ligeira dentada, batendo continuamente com as asas.

É muito simples o preparo do salitre, com a terra extraída desta e de outras cavernas, na vizinhança de Formigas. Lava-se a terra com água e concentra-se a lixívia por evaporação; mistura-se-lhe, depois, lixívia comum de potassa, e despeja-se, uma vez decantando o forte sedimento e clarificado o líquido, numa grande gamela de pau, onde o salitre aparece em cristais bastante puros. Para novas lixívias da terra, utiliza-se a lixívia-mãe que restar, e recomeça-se de novo a mesma operação. A riqueza de salitre

na terra é muito desigual, tanto nas diversas cavernas, como nos diferentes lugares de cada uma; nos pontos mais profundos, dificilmente acessíveis, e onde em geral está o melhor, e então as mais das vezes de colorido amarelo e um tanto tímido. Nos pontos onde a água empoça, a terra fica lavada, não contendo mais salitre algum. Enquanto era permitida no Brasil a exportação do salitre, exploravam os habitantes de Formigas essa riqueza de sua região, e muitos milhares de arrobas foram despachados para a Bahia e Rio de Janeiro, onde a arroba custava de 4 a 5\$000, ao passo que, no lugar da exploração, se obtinha 2\$000. Na época de nossa estada, as remessas, em sua maioria, eram feitas para a Fábrica de Pólvora do Rio de Janeiro.

Partimos de Formigas a 17 de julho, e tomamos, em direção noroeste, o caminho de Contendas, arraial semelhante ao primeiro e distante dois dias de viagem. A região é limitada a oeste pelas montanhas calcárias, nas quais havíamos investigado a Lapa Grande, e apresenta um tabuleiro coberto de arvoredo denso, deformado. Na nascente do Riachão, de água clara, potável, que se lança no Pacuí, passamos a noite ao relento, em campo aberto. Não esquecemos nenhuma das nossas precauções, para este primeiro bivaque no sertão: os cargueiros e cavalos foram ajuntados, com as patas dianteiras amarradas, num cercado natural próximo em frente de cuja entrada um dos arrieiros se deitou sobre um couro de boi; acenderam-se muitas fogueiras em vasto círculo no acampamento e demos ao arrieiro a ordem de alternar conosco a guarda, durante a noite. Demonstrou a experiência que estas precauções não foram inúteis, pois que, mal se consumiu a ceia frugal, com feijão e toicinho, para o qual o dr. Spix havia ainda concorrido com alguns papagaios, produto de sua caçada, e os companheiros da viagem adormeciam nas suas redes, quando a sentinela nos assustou com um tiro de fuzil. No mesmo instante, as mulas desembocaram todas juntas do abrigo rinchando aflitas e perseguidas por uma onça pintada⁵ (*Felis onza L.*), que, entretanto, diante do fogo se retirou lentamente. O guia de sentinela: declarou haver atirado sobre outra, e é muito provável, pois essas feras costumava sempre andar aos pares, nas suas depredações. Depois de tal aventura, não houve mais descanso no bivaque, e o despon-

5. Jaquaretê ou canguçu. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

tar da madrugada já nos achou em marcha para Riachão, fazenda distante seis léguas, onde nos demoramos um dia para caçar as belas aves aquáticas, que habitam as lagoas da vizinhança. Entre o ribeirão Riachão e Contendas⁶, aparece aqui e acolá a formação, acima citada, de xisto margoso, por cima da cal, cujas águas contêm maior ou menor quantidade de sal.

Era Contendas o sítio que, desde muito, havíamos escolhido para nos fixarmos, a fim de ali colecionar os produtos do sertão, sobretudo os do reino animal, e de muito boa vontade cedemos ao insistente convite do vigário de nos hospedar em sua casa por algumas semanas.

O padre Antônio Nogueira Duarte era-nos tão próximo com o seu entusiasmo vivo pela Historia Natural, que não precisávamos levar-lhe as muitas recomendações, para que ele tomasse parte ativa em tudo a favor da nossa empresa. Vastos conhecimentos, um espírito esclarecido e amadurecido por estada de vários anos na Europa, e grande experiência da vida, tornaram o convívio com esse distinto sacerdote para nós tão instrutivo, quanto agradável pelo gênio alegre e pela vivacidade do seu humor.

Nessa companhia, esquecemos a soledade do sertão e as canseiras das caçadas, que o nosso hospedeiro zelosamente preparava conosco para os diversos animais. Os arredores de Contendas e o trecho a eles todo semelhante, entre os afluentes ocidentais do rio Verde Grande e do rio São Francisco, são designados com o nome de Campos Gerais de São Filipe, e, iguais às terras altas das minas vizinhas, cobertas em geral de campinas, diferenciados do vale do rio São Francisco, da beira do Rio, pelos habitantes com a denominação de Gerais. Nesse território de morros, cuja formação geológica é a mencionada pedra calcária, oferecem-se três diferentes gêneros de caça: a dos capões de catingas, a dos pastos com árvores anda isoladas e a das vargens pantanosas. Nos capões, procurávamos, com o auxílio de alguns caçadores amadores e de seus cães bem adestrados, caça grande: caititu, veado, onça e anta. É muito agradável a caçada a esta, pois não tem perigo algum. Alguns caçadores postam-se nas várzeas do mato por onde as antas costumam passar, saindo dos brejos próximos. Cada um toma posição junto de árvore de tronco forte, atrás do qual possa esconder-se,

6. Hoje São João da Ponte.

se o animal correr justamente ao seu encontro, e ali espera a anta, que assustada por alguns tocadores e pelos cães, toma pelo seu habitual caminho do mato. Nas horas de espera, pode o caçador europeu abandonar-se às impressões do sossego da mata brasileira. Os seus olhos investigam formas estranhas de árvores, de folhagem e de frutas, em torno de si, observa a curiosidade dos macacos que descem aos extremos galhos para contemplar a estranha aparição, assiste à guerra silenciosa dos insetos, atividade das grandes correições de formigas; às vezes, ouve ressoarem as marteladas do pica-pau ou os chiados das araras, na solidão tranquila. Entretanto, de repente o mato anima-se: aparece a anta, perseguida pelos cães latindo, e que se precipita de cabeça estendida e cauda enrolada, em linha reta pela breinha, atropelando a sua frente tudo que lhe embarga o caminho. A algazarra é tanta, que mesmo o caçador provector procura assustado a proteção da sua árvore, a fim de poder dali atirar no pescoço ou no peito da caça. Usam os brasileiros, nesta caçada, espingardas de cano muito longo. Caçadores mais arrojados ousam também arremessar um facão largo no peito da anta passando a toda pressa; isto, entretanto, é muito arriscado, porque, embora o animal não possa ferir com os dentes, nem com as garras, só o formidável embate, que ele der com o focinho, basta para ferir seriamente. Tivemos a sorte de matar duas antas grandes, num dia, e de capturar uma cria, para amansar. Consegue-se isto com toda a facilidade, e a anta domestica-se, como qualquer outro bicho caseiro. Não é tão agradável, mas penoso e arriscado caçar onças que são bastante comuns nestas regiões de pecuária. Por frequentarem menos que as antas, os brejais, e vaguear muito mais inconstantes, o seu rasto é muito menos fácil de descobrir e amiúde só se acha por acaso quando maior é o perigo. Logo que se tem aviso de um sítio onde a onça vai beber água ou está perseguindo o gado, põem-se os caçadores de emboscada com os cães, e atacam-na, logo que os cães a agarram. Depois do tiro, costuma o caçador arredar-se rápido do seu posto, porque a onça pula na direção da fumaça; se não tem a sorte de evitar a fera enfurecida, o caçador é derrubado pelo golpe da garra dianteira; em seguida a onça, montada sobre ele, para certificar-se de sua presa, mira-o um momento tranquilamente. Diversos caçadores foram salvos desse perigo de morte pela presença de espírito e habilidade dos companheiros, que atiram sobre a onça, posta em cima da vítima. As nossas tentativas para obter

uma destas feras foram baldadas; tanto mais abundantes encontramos os porcos-do-mato e quatis (*Nasua rufa* L.). Estes últimos, nós os enxotávamos, por meio de fumaça, das tocas dos rochedos, onde eles se escondem, pois não havia cães que pudessem prestar o serviço do nosso cão rasteiro. Percorremos a cavalo os campos e caçamos ali o ouriço-cacheiro (*Hystrix preherzsilis* L.), uma espécie de porco-espinho, que trepa nas árvores, e, por meio da cauda preênsil, como a de muitos macacos, se agarra aos galhos; o grande tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga jubata* L.), cujo vulto fantástico costumava assustar os cavalos, e a jaratataca ou maritataca (*Mephitis foeda* Ill.), que algumas vezes nos obrigou a abandonar-lhe a perseguição, por causa do violento fedor do seu excremento. Também diversas aves, várias espécies de papagaios pequenos, perdizes e colibris apanhamos nas caçadas campestres. **(Nota I.)**

Nos brejos das vargens, nas águas paradas e córregos, só presas menos nobres, como os grandes anfíbios, jiboias e jacarés, encontra o naturalista, nas suas caçadas. Grande foi a nossa surpresa, quando estas caçadas nos levaram a uma das mais bonitas regiões que conhecemos no Brasil! No sítio, onde o tabuleiro ressecado desce insensivelmente, avistamos campinas viçosas, no meio das quais se estendia uma linda mata clara de palmeiras. Estes buritizais são o ornamento característico da bacia do rio São Francisco e de extensos trechos do interior, nessa mesma latitude. O buriti (*Mauritia vinifera*), um dos mais belos produtos do mundo das plantas, eleva alto nos ares o seu caule simples, coluna de 100 a 120 pés de altura, enfeitado com o grande penacho dos leques de suas folhas. Ele fornece aos habitantes fio e fibras resistentes, tiradas da epiderme das folhas; com estas, dá cobertura para as palhoças; fazem-se gradeados e ripas, com a parte periférica de seu caule; remos, com a haste de suas folhas; uma bebida muito agradável, semelhante à água da bétula e suscetível de fermentação alcoólica, com a seiva contida no caule; e um saboroso petisco é preparado com a polpa do fruto, misturada com açúcar, que, com nome de *saieta*, é doce apreciado e artigo do comércio do sertão de Minas, com a costa. Todas estas utilidades tornaram quase sagrada para os sertanejos a preciosa árvore e, nalgumas regiões, como, por exemplo, em São Romão, é costume dar-se em dote à filha também certo número de buritis. Tão encantadora que se torna a paisagem por esses palmeirais, reunidos em bosque ralo, quanto é perigoso internar-se o viajante

no meio deles, pois é o *habitat* da gigantesca cobra sucuriú (*Boa murina* L.), que, segundo a afirmação do padre Nogueira Duarte, atinge às vezes tão colossal comprimento, que estendida quieta no capim, à primeira vista, parece um tronco de palmeira, tombado no chão. É perigosa a sucuriú, não pelo veneno, mas por sua enorme força. No assalto, ela segura-se por algumas voltas da cauda numa árvore ou saliência de rocha, e lança-se com um salto grande sobre a vítima, enroscando-se toda em volta desta, quebrando-lhe os ossos antes de a devorar lentamente por uma curiosa espécie de sucção. As cobras adultas, quando esfomeadas, atacam cavaleiro e cavalo, ou um boi, que engolem inteiro até aos chifres, ficando-lhe estes nas fauces, até caírem apodrecidos. Também boas de menor tamanho podem engolir incríveis quantidades, como nos contaram uns sertanejos, que encontraram, no estômago de uma delas, de 40 pés de comprimento, um veado e dois caititus. Que a boa cubra a presa previamente de baba, é uma fábula. Tivemos frequentes ocasiões de observar as tais cobras dormindo à beira das lagoas tomando sol, todas enroladas, como cabo de âncora; porém, não conseguimos matar nenhuma das maiores, pois à nossa aproximação, com rapidez de raio, lançavam-se na água. Caçar as sucuriús não é perigoso; são animais estúpidos, lentos e esquivos, e, sendo feridos, provavelmente quando atingidos na medula espinhal, logo se imobilizam e se tornam rígidos. Em geral, o mais seguro é atacá-las depois de terem devorado a presa, quando jazem impotentes, durante semanas. De resto, não raro acontece os sertanejos perseguirem a nado, um destes monstros, quando fogem na água. Seguram-na perto da cabeça e matam-na com o facão comprido. A carne delas não é comestível; a gordura é empregada como remédio para diversas doenças, especialmente contra consunção, e como unguento emoliente. A pele, adornada de delicadas escamas romboidais, é curtida e preparada para belas cobertas de sela.

Assim como existem certos gêneros e espécies das classes superiores do reino animal, característicos do sertão, ou que ali são particularmente abundantes, também observamos grande diferença nos insetos em comparação à fauna da chapada de Minas. Rincóforos e buprestídeos, aranhas de desenhos bonitos e opiliões das mais estranhas formas, animam as moitas, a casca dos velhos troncos e muros de pardieiros. Dos lindos gorgulhos (*Curculio imperialis* L.) havia o padre Nogueira colecionado algumas centenas, durante a época da florescência, que nos cedeu gentilmente.

É extraordinária a variedade de espécies de abelhas no sertão, que fazem os seus ninhos, ora nas árvores, ora na terra. A produção de mel e cera é tão considerável, que muitos sertanejos vivem exclusivamente do negócio da colheita de produtos. A cera bruta da maioria das espécies (cera da terra) é quase preta, de perfume balsâmico agradável, e merece a atenção do médico brasileiro, que a emprega principalmente para unguentos e emplastos. Uma libra de cera custa, no sertão, de dois até seis vinténs. Muito diversas são, por outro lado, as espécies de mel, e algumas são verdadeiros venenos, como, por exemplo, o mel verde, violentamente purgativo, da mumbubinha. Observaram os sertanejos, aliás, que o mel de uma só e mesma espécie de abelhas pode ser, em épocas diversas, nocivo ou inofensivo, conforme a florescência de certas plantas. Consideram-se como plantas boas para as abelhas as palmeiras, cuja espata, rompendo-se, atrai, com forte aroma, enxames de abelhas⁷, também as bignônias, jacarandás, as pequenas compostas dos campos, a *Curatela sambaiba* St. Hil., e as moitas de Mirtáceas dos tabuleiros. Ao passo que as Malpighias e Banistérias, o Tingui (*Phaeocarpus campestris* Mart., “Nov. gen.”, tab. 37), a árvore-do-sabão, as Paulínias e Securidacas, transmitiriam ao mel propriedades nocivas, e pouco fomentariam a secreção da cera. A melhor espécie de abelhas é a chamada pelos sertanejos *jataí*; a mais diligente, *porá*. **(Nota II)**. Ao lado de tal fartura de insetos úteis, não faltam tampouco as venenosas lacraias, escorpiões e aranhas, e nota-se que a intensidade do veneno é às vezes maior no sertão do que no planalto de Minas. Os casos de morte por picada de lacrau (*Scorpio americanos* L.) não são raros; tomamos, por isso, como hábito inviolável, examinar cuidadosamente a roupa lavada e as botas, antes de as vestirmos e calçarmos, e, quando dormíamos em cama, bater bem por todos os lados, para nos livrarmos dos perigosos hóspedes. Aconteceu-nos diversas vezes, ao abrir uma mala, vir ao nosso encontro uma lacraia de um palmo de comprimento.

7. Aqui especialmente a macaúba (*Acrocomia sclerocarpa* Mart.), a guariroba (*Cocos aleracea* Mart.) cujo rebento novo fornece verdura saborosa; a aricuri (*Cocos flexuosa* Mart.), a cabeçuda (*Cocos capitai* Mart.) e duas sem tronco (*Astrocaryum campestre* Mart. e *Diplothemium campestre* Mart.).

A natureza, que aqui cercou o homem de muitos inimigos, parece querer indenizá-lo, prodigalizando-lhe o necessário para a vida simples, e concedendo-lhe a bênção de muito numerosa prole. É extraordinária a fecundidade das mulheres aqui, e o crescimento da população, neste distrito, é um dos fenômenos mais prodigiosos. Segundo a afirmação de nosso ilustrado hospedeiro, só existiam, na região de Contendas, quarenta anos antes, três mulheres, e, atualmente, o trecho de território entre o rio Verde Grande e o rio São Francisco, que foi elevado a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Morrinhos no ano de 1795, conta quase 10.000 almas, das quais uns 4.000 paroquianos podem vir de quando em quando à igreja de Contendas; os demais, porém, estão estabelecidos longe. Certa mulher de pouco mais de 50 anos, moradora em Contendas, tem 204 descendentes vivos; outra, que aos setenta anos casou-se com um velho da mesma idade, deu-lhe trigêmeos, que ainda vivem. Não é nada raro ali uma jovem de apenas 20 anos de idade, já ser mãe de oito ou 10 filhos. Não se tem notícia de parto infeliz. Na verdade, as mulheres perdem cedo a frescura, e os traços finos e expressivos da fisionomia alteram-se cedo com a tendência comum à obesidade, aumentada pelos banhos quentes, porém só tarde perdem a vitalidade e as atividades orgânicas, comuns ao seu sexo. Entre os homens, encontram-se velhos ativos, vigorosos, de altura gigantesca, que conservam todo o humor da virilidade. É tão pequena a mortalidade, que morrem apenas três a quatro pessoas por ano, ao passo que nascem 70 e 80. Como o pai de família nos seus filhos cria seus auxiliares de trabalho, a prole numerosa não constitui motivo de miséria e queixa, como nos países civilizados; é, antes, o orgulho dos pais. Estas condições deveriam induzir o governo a fazer do sertão de Contendas um viveiro humano. Além disso, a terra compensa ricamente o trabalho da lavoura, principalmente, o milho, que dá admiravelmente. Planta-se, de preferência, num solo de fina terra preta barrenta, que é chamada aqui como na Bahia, de *massapé*. O milho é plantado em outubro e colhido em abril. Em algumas regiões, cultiva-se uma pequena variedade, chamada *catete*, que dá duas vezes por ano. As variedades comuns, que se diferenciam só pela cor e tamanho do grão, são: o *milho vermelho, fechado* ou *retinto*; *vermelho menos fechado*; *amarelo grande* e *amarelo redondo*. A mandioca prospera em todo o sertão, porém, apodrece facilmente num solo arenoso, razão por que se colhe no fim de um ano;

ficando mais tempo, torna-se muito grande. Terra muito seca, entretanto, não lhe é tampouco favorável. Entre as diversas variedades desta planta, cultivam-se sobretudo a *mandioca sutinga de galho*, a *sutinga de agulhada*, a *saracura*, a *branca* e a *tiriciri*, que todas dão melhor no terreno de mato do que nos campos. As raízes das variedades mansas, – chamadas *aipins*, e que não têm o suco picante venenoso, – assadas sobre brasas, são servidas amíúde à mesa do sertanejo. O algodão produz fartamente, e equipara-se em qualidade ao de Minas Novas. Uma carga de mula, no total de seis arrobas, é vendida a 20\$000 até 21\$000, e, embarcada em Salgado segue, pelo rio São Francisco abaixo, até a Bahia. Não sem razão dizem os sertanejos que o solo calcário de sua região é muito apropriado para a cultura da videira, pois a uva amadurece aqui duas vezes no ano, em julho e em novembro. Também todas as outras frutas, como a laranja, a pinha (*Anona squamosa* L.), a jaca (*Artocarpus integrifolia* L.), o melão e a melancia dão aqui excelentemente. Sem dúvida, contribuiu para isso o clima seco, constante do sertão, tanto como o fértil solo calcário. As duas estações do ano, os meses da seca e das águas, ocorrem com a maior regularidade. Chove sem interrupção de dezembro a maio, e durante essa estação sopram sobretudo os ventos do quadrante setentrional; de resto, predomina no sertão o vento leste. O vento noroeste traz quase sempre chuva benéfica à vegetação, porém, o nordeste é portador de mau tempo, de frio e tempestades. Ainda mais desfavoráveis são os ventos de sudoeste, do sul e sueste; vêm com violentas trovoadas sem chuva, às vezes verdadeiros furacões, que arrancam árvores, devastam as roças, e matam muitos animais. Doenças provocadas pelo vento não se têm observado aqui.

De fato, a parte alta do sertão (*os Gerais*) é muito mais saudável do que os arredores próximos do rio São Francisco. Inflamações do peito e do abdome são as mais comuns; por outro lado são raras aqui as febres intermitentes que grassam lá. Uma doença, entretanto, é muito espalhada aqui, ao passo que não se nota quase na vizinhança do rio: quero referir-me à irreprimível vontade que têm as crianças de comer terra. É tanto mais estranho este sintoma, porque parece ter passado dos animais aos homens. Já mencionei, anteriormente, que, no sertão, o gado bovino e cavalos também comem com avidez o sal; muitas vezes, chegam os animais até a devorar a terra salgada. Nas regiões secas, eles estragam de tal modo

os dentes no solo duro, pedregoso, que não podem mais mastigar o capim, e morrem lentamente à fome. Nesses casos veem-se os fazendeiros na necessidade de tocar esses animais para os capões úmidos, onde o solo é mais macio. Mas até cobras, lagartos, mesmo as onças, comem terra, às vezes. Diante da propagação desse gosto singular, não é de admirar também se entregarem a ele as crianças. Meninos e meninas costumam comer a terra amargosa, frequentemente salitrada, sem pedras, às vezes o revestimento calcário das paredes, mais raramente madeira, carvão ou pano. Só a mais rigorosa vigilância pode impedir esse mau hábito, que é tanto mais nocivo e perigoso, porque, com o tempo, se vai enraizando a prática e continua até a velhice. Como parte desse material indigesto não pode ser eliminada, e a inchação das glândulas abdominais é a sua imediata consequência, logo se revela a doença pela enorme barriga das crianças, a palidez do rosto, os traços tornam-se frouxos e balofos, o crescimento cessa completamente, e a desgraçada vítima falece, ao sobrevirem violentas câibras ou a hidropisia; outras conservam a vida inteira um corpo doentio, clorótico e uma disposição apática e indolente. Quando navegamos no rio Amazonas, tivemos frequentes ocasiões de observar que os índios comem o barro vermelho da beira do rio, mesmo quando não lhes faltam víveres para se alimentarem, e estamos inclinados a crer que esse apetite esquisito seja também causado pelo clima, e talvez resulte do calor e da rarefação da atmosfera, pois essas influências podem criar sensação de estranho mal-estar, do mesmo modo que a pressão atmosférica reduzida, nas altas montanhas. De resto, também a comida defeituosa grosseira dos sertanejos e o consumo frequente de frutas dispõem o abdome para essa fome irregular. Mais outra doença, que aparece amiúde no alto sertão, vou citá-la ligeiramente: é o denominado *ar* ou *estupor*. Assim qualificam os sertanejos aos ataques súbitos de paralisia, que, com bastante frequência, ocorrem aqui, sobretudo depois de resfriados, e, não raro, se tornam graves. Fomos diversas vezes testemunhas de tais paralisias do braço, da língua e dos dedos do pé, e tanto nos espantou a violência do caso, quanto nos surpreendeu a rapidez com que cedia à aplicação nossa de um banho quente, um sudorífico de efeito prolongado, um sinapismo ou fricção amoniacal. Os sertanejos, na verdade, são menos felizes no tratamento de tais casos, pois combatem o mal com os fracos remédios caseiros, isto é, com o uso exagerado da ipecacuanha e

do tártaro emético, panaceia geralmente empregada e que, muitas vezes, agrava o mal. Ademais, a natureza fornece-lhes a opulência de suas poderosas plantas medicinais, que merecem a máxima consideração dos médicos, e muitas das quais deveriam, no futuro, enriquecer também a farmacopeia da Europa.

Depois de havermos colhido, durante a estada de três semanas na hospitaleira casa do Sr. Nogueira, os mais importantes tesouros do sertão, especialmente os do reino animal, acompanhados por nosso excelente hospedeiro, partimos de Contendas, lugar aprazível, que, para nós forasteiros, não trazia sem razão esse nome tão significativo. Pernoitamos, a 12 de agosto, na fazenda Tamanduá, três léguas a noroeste de Contendas. No caminho tornamos a ver a magnífica mata de buritis, que se estendia por perto de uma légua, nos campos baixos. Um sem-número de ararunas azuis-de-aço (*Ara hyacinthinus*), moradoras de altos topos, voavam em círculo, aos pares, por sobre nós, e faziam repercutir pela região pacífica o seu estridente chiado. Na pedra calcária cinzento-fumaça, cujas camadas de dois a três pés de espessura se inclinam de N. a S., notamos espalhados pedaços em forma de rim de siderita parda, que aparece com frequência nos arredores de Contendas. Achamos interessantes os estranhos sons, que os fragmentos da pedra calcária soltam à percussão. A vegetação das catingas, pelas quais transitamos a 13 de agosto, num curto dia de marcha, de Tamanduá para Tapera, não tinha encanto algum na atual estação da seca, e alegramo-nos, no terceiro dia, quando finalmente o cerrado se foi espaçando, e nos achamos no declive da chapada dos Gerais. Avaliamos a altitude, que tivemos de descer para o próprio vale do rio Sio Francisco, em 550 pés, aproximadamente. Duplamente dolorosa sentimos aqui a perda do nosso último barômetro, que, na travessia da serra de Santo Antônio se havia quebrado, quando o arrieiro, que o conduzia, caiu do cavalo. O caminho desce gradualmente por cima de enormes rochas calcárias. Quando chegamos à planura, julgamos notar certa diversidade na vegetação. Pelos campos, que parecem aqui menos ressecados que nos Gerais, estendiam-se longas filas de moitas baixas ou faixas de catingas mais altas, emprestando à paisagem um encanto de maior diversidade. À beira do rio, eleva-se um cerrado de uma Bauhinia espinhosa, algumas Acácias e Triplaris, entrelaçadas com as lianas do cipó Cissus sem folhas. Essa vegetação ribeirinha

é afeada pela lama e pela madeira flutuante das enchentes anuais do rio, e tão repugnante por esse lixo quanto impenetrável pela quantidade de espinhos, sem falar nos densos enxames de mosquitos. Depois de haver-mos forçado caminho através dessa orla de mato, que o povo chama de *alagadiço*, cheios de alegria, avistamos o rio São Francisco passar suas ondas espelhentas em majestosa calma diante de nós. O rio mede aqui quase um quarto de hora na largura, e está bordado também na margem oposta por uma orla de alagadiço.

Bem junto da margem, entramos na Fazenda Capão, para descarregar a nossa tão avultada bagagem, até se obter o meio de passar para o outro lado. Julgamo-nos aqui transportados a um país inteiramente diverso. Em vez das matas secas, desfolhadas ou dos campos do alto sertão, vimo-nos de todos os lados cercados de matas virentes, que orlavam extensas lagoas piscosas. Quando, à tarde, espreitávamos uma dessas lagoas, que espetáculo estranho se apresentou aos nossos olhos!

Centenas de róseos colhereiros (*Platalea ajaja* L.) perfilavam-se reunidos ao longo da margem e vadeavam lentos, revolvendo ativamente a lama com o bico. Em água mais funda, andam comedidos ali ao redor alguns grande jaburus e tuiuiús (*Ciconia mycteria* Temm., *Tantalus loculator* L.), perseguindo os peixes, com os compridos bicos. Numa ilha, sita em meio da lagoa, acampam densos bandos de marrecos, e frangos-d'água (*Anas brasiliensis*, *Anas viduata*, *Anas moschata* L., e *Gallinula galeata* Lichtenst.), e numerosos quero-queros voavam rápidos, em círculo, sobre a fímbria da mata, ativos na caça aos insetos. Ressoam aqui, na mais alvorçada celeuma grassada, chiados e gorjeios sem fim dos mais diversos gêneros de aves, e, quanto mais observávamos o raro espetáculo, em que os animais, com a inata independência e vivacidade, sozinhos representavam os papéis no espetáculo de natureza, tanto menos vontade sentíamos de perturbar, com mortíferos tiros, aquele cenário pacífico da natureza. Vimos mais de 10.000 animais reunidos, cada um dos quais ocupado, segundo o natural instinto da conservação própria. Parecia-nos ter-se renovado o quadro da criação do mundo diante dos nossos olhos, e esse maravilhoso espetáculo nos teria ainda mais agradavelmente impressionado, se não nos ocorresse o pensamento de que a guerra, a eterna guerra, era a lei e misteriosa condição de toda existência animal. As inúmeras espécies

de aves aquáticas e paludícolas aqui se agitavam, umas no meio das outras, descuidadas, perseguindo cada qual o seu gênero de presa, de inseto, rãs e peixes e cada qual sendo procurado por seu próprio inimigo. As grandes cegonhas, embora se considerem rainhas nesse domínio das águas, são perseguidas pelos grandes gaviões e onças, os marrecos e colhereiros pelas lontras, gatos-do-mato e urubus, as aves aquáticas menores pelos vizinhos mais fortes. O domínio aquático de todo esse povo alado, porém, lhes é disputado pelos jacarés sucuris e a piranha, de terrível voracidade. Vivem essas aves na vizinhança do rio, fazem os ninhos no meio do junco e na margem pantanosa das lagoas ou nos galhos do alagadiço, pendentes sobre a água completam a criação da ninhada na estação seca, e, quando começa a enchente, mudam para regiões mais altas da margem e, em parte, como as nossas aves de arribação, seguem para as costas do mar. (**Nota III**).

Depois de havermos traçado um esboço desse estranho reino das aves, conduziu-nos o padre Nogueira a Capão, por outro caminho de regresso.

Internamo-nos pela espessura de uma capoeira, e, apenas tínhamos seguido um quarto de hora por ali, quando se nos patenteou o espetáculo de outra lagoa sobre a qual pendiam espessos arbustos, toda tingida de vermelho pelos raios do sol poente e estendida tranquila e melancólica. Ressoando ainda aos nossos ouvidos a algazarra daqueles habitantes do ar da primeira lagoa, estávamos transportados, como por magia, ao país da morte. Não aparecia uma só ave, reinava um silêncio sepulcral e nem o próprio ar abafadiço que pairava misterioso sobre as águas negras profundas, movia um galho, uma folha. Admirados, volvemo-nos para o nosso guia, e ele nos explicou que essa lagoa era unicamente paragem de jacarés e vorazes piranhas. Quando mentalmente comparávamos este sítio sinistro com o lago do “Inferno” de Dante, alguns dos monstros escamosos erguiam a cabeça fora da água, roncando e esguichando, e ocorreram-nos as palavras do poeta:

*“Che sotto l’acqua ha gente que sospira,
E fanno pullular quest’acqua al summo”.*

Contamos mais de quarenta desses jacarés, uns deitados nas margens, outros provavelmente inquietados por nosso ruído, aparecendo à tona, onde se conservam imóveis, como troncos de árvores, ou, com a ca-

beça levantada, nadavam em todas as direções. Os maiores desses animais tinham oito a nove pés de comprimento, couraça esverdeada e focinho rombudo. A criatura alguma deu a natureza tão horrendo aspecto, como a esses reptis, que muitos pintores com razão figuram como símbolo da mais baixa maldade e degradação. Vivem os jacarés (*Crocodylus sclerops* Cuv.) quase sempre em bandos, nessas lagoas, e multiplicam-se extraordinariamente. No tempo das chuvas, cada fêmea põe na areia da margem sessenta a oitenta ovos do tamanho de ovos de galinha, de casca elástica porosa e diversas das fêmeas acumulam os ovos, alternando-os com camadas de lama de lagoa, em pirâmides de seis a oito pés de altura, e os deixam então chocar pela ação do sol e da fermentação. Já Plínio observara que os crocodilos do Egito punham sempre os ovos no marco das enchentes, e, por isso, devemos mencionar que também no Brasil o lugar desses montículos de ovos é tomado como medida de altura a que a enchente costuma chegar. Uma das fêmeas reveza de sentinela, com as demais na proximidade da prole embrionária, e muitos sertanejos, que se aproximaram demais, pagaram o descuido com a perda de um pé. À aproximação de um inimigo, a vigilante mãe, antes indolente, ergue-se rápida, com as narinas dilatadas, os olhinhos fuzilando, a goela vermelho-pálida escancarada, e, arrebatadamente, alcança a presa, que não larga mais, sem lhe ter arrancado, em violentos puxões, um membro, com a poderosa queixada. Cavalos ou bois, que perderam desse modo a junta inferior do pé, a cauda ou os braços, veem-se aqui com bastante frequência. Os cães enganam os jacarés, deixando rápido o lugar onde a água se agita, e vão beber noutro ponto. Mesmo a onça, quando vai à beira da água, para beber, é às vezes vencida pelos jacarés, e todos os animais parecem evitar temerosos, esse monstro; só a piranha, o mais perigoso inimigo desse sáurios, não lhes tem medo. Numa enseada afastada da lagoa, que fervilhava com cardume desses peixes, lançamos um pano vermelho e pescamos dois deles que, enganados pela cor, tinham instantaneamente mordido. A piranha (*Myletes macropomus* Cuv.) é do tamanho de uma carpa e tem a goela armada de afiadíssimos dentes. Voraz ao último grau e ávida de carne, sempre reunida em cardumes cerrados, torna-se perigosa também para os maiores animais; o boi, um momento antes mugindo à tona, atacado pelo cardume, some-se de improviso, vitimado por milhares desses inimigos, cada qual arrancando-lhe

um bocadinho. Os animais do sertão conhecem o perigo que apresenta essa raça sanguinária, e evitam cuidadosos a lagoa, onde ela vive. Quando a capivara, perseguida por outros inimigos, se vê obrigada a esconder-se ali, mergulha lentamente, para não agitar muito a água; o gado sorve só a água da superfície, para satisfazer a sede, e afunda pouco o focinho; apesar de tudo, as piranhas arrancam-lhe amiúde um pedaço; o próprio jacaré foge desse feroz inimigo e boia, virando o seu ventre desprotegido para a superfície da água; somente a lontra, cuja pele felpuda embota a força da dentada, se livra delas. Aliás, a piranha é um dos peixes mais saborosos.

Ante essa opulência de curiosidades zoológicas, resolveu o dr. Spix demorar-se mais tempo em Capão, ao passo que julguei de meu dever anuir ao desejo do nosso excelente companheiro, seguindo logo para o Brejo do Salgado, a fim de levar socorro médico à esposa de seu amigo o capitão José Antônio Serrão, que estava de cama, com inquietadora doença. Despedi-me, pois, não sem grande saudade, do amável homem, no qual havia ganho um amigo, e pus-me em marcha para o norte, a 16 de agosto, antes de nascer o sol. O proprietário de Capão conduziu-me, passando por Mangaí, sua fazenda matriz, a Pedras da Cruz ou Pedras de Baixo⁸, cinco léguas ao norte, onde se descortina, de uma capela situada no alto do morro, um aprazível panorama do vale do rio. Avista-se em longa extensão a margem esquerda, coberta de arbustos viçosos, aspecto animador para o olhar cansado da monotonia das catingas sem folhas. Atrás, eleva-se, à maior altura que a dos montes da margem direita, a serra do Salgado, em contornos pitorescos, atualmente com a vestimenta em outono e avermelhada pelas queimadas, de grande extensão. O espelho argênteo das águas deslizando tranquilas realça o encanto da região, onde o benefício do comércio desbravou a primitiva selvajaria, e imprimiu-lhe o mesmo aspecto de paz e sossego, que deu a muitas das nossas paisagens europeias a sua feição civilizada. Ao cair da tarde, chegamos ao Porto de Salgado e tomamos uma canoa, que, num quarto de hora nos desembarcou sem novidade na outra margem, da qual Brejo do Salgado⁹ dista apenas algumas centenas

8. Hoje Pedra de Maria da Cruz.

9. Hoje Januária.

de passos. As águas do rio estavam justamente, muito baixas na ocasião; todavia, em muitos pontos, a sua profundidade era de vinte a trinta pés, sendo de considerável rapidez a correnteza de suas águas turvas, amarelo-claras. De certo modo, é este o porto central para a navegação do rio São Francisco, desde São Romão até Juazeiro, na província da Bahia, e, com o crescimento da população e do comércio, os poucos casebres do povoado se transformarão brevemente em próspera cidade. O rio já é atualmente a via usual do comércio de uma grande parte do sertão de Minas Gerais, que transporta os seus produtos com facilidade maior por esse meio à Bahia, do que em lombo de mulas ao Rio de Janeiro e, em troca, recebe sal das salinas situadas ao norte do rio, além de mercadorias europeias. São Romão, na confluência do rio São Francisco como o rio das Velhas, é considerado o primeiro porto deste rio, pois o seu curso, quatro léguas ao sul daquela vila, é interrompido pelo grande salto de Pirapora. Daí até Salgado, as barcaças tocadas só com a força de remos, raras vezes à vela, fazem a viagem em quatro ou cinco dias. Essas embarcações são compridas e estreitas, sem coberta, simplesmente providas de uma pequena câmara na popa, e são três ou quatro os homens que as dirigem. A navegação é mais movimentada nas primeiras semanas, depois do tempo das chuvas, pois em plena cheia, é perigosa e pouco segura.

O rio São Francisco começa a encher em novembro, cresce até fevereiro, e começa a baixar de novo em março. A pequena elevação da margem, em muitas regiões é o motivo da enorme largura que o rio toma em diversos pontos, inundando tudo em quatro a cinco léguas de extensão. Em outros sítios, ele escorre em *sangradouros*, por entre os morros calcários, pela terra adentro, formando inúmeras ilhas. No meio do rio, a correnteza acelera-se então tanto, que uma embarcação percorre facilmente 24 léguas em doze horas. Em torno desta catástrofe anual, revolve, de certo modo, toda a vida do povo ribeirinho; dela dependem, assim como da anual inundaçãõ do Nilo, a lavoura, o comércio e a indústria, e é calendário natural dessas regiões. Também aqui o transbordamento das águas é a bênção que determina a incrível fertilidade da terra e, além dos acima descritos produtos das Gerais de São Filipe, favorece também particularmente o cultivo da cana (*Sacharum officinarum* L.). Planta-se esta num terreno fino pantanoso, preto, o chamado *massapé*, formado pela inundaçãõ anual,

e que parece favorável à cana. Além da variedade comum, que da ilha da Madeira foi transplantada para a Bahia e de lá para aqui, também se cultivava a cana-caiana, proveniente das ilhas do oceano Pacífico, e que se destaca pela sua maior altura, e pelo verde mais pálido das folhas. Essa variedade, menos rica em açúcar, dá mais suco e material extrativo contidos na *gара-ра*, da qual o açúcar cristaliza, mais facilmente, em cristais maiores e mais brancos. Entretanto, fato singular, prevalece entre muitos sertanejos certo preconceito contra o açúcar de caiana, ao qual atribuem a causa de muitas doenças. Para beneficiar esse produto, acham-se, ao longo do rio São Francisco, numerosos pequenos engenhos, nos quais entretanto muito pouco açúcar branco se fabrica, e quase exclusivamente rapadura parda, sendo a maioria desta despachada rio abaixo para a província da Bahia. Além do feijão, mandioca e milho, aqui preferido àquela, prosperam nesta zona a melancia (*Cucurbita citrullus* L.), diversos excelentes pepinos e qualidade de abóboras, entre as quais citamos especialmente a saborosa abóbora-menina, e o pepino brasileiro¹⁰, que desde então se tornaram conhecidos na Alemanha, onde são cultivados. Os legumes europeus dão muito bem aqui, e as laranjas e bananas são excelentes. Essa grande fertilidade da terra tem, desde alguns decênios, favorecido o grande crescimento da população ao longo do rio, e os habitantes, que gozam de tantas vantagens proporcionadas pelo benéfico elemento, suportam imperturbáveis as devastações e riscos, que, de quando em quando, lhes trazem os transbordamentos. A rapidez com que o rio cresce, obriga-os muitas vezes a abandonar as casas, durante a noite, e fugir aos Gerais, situado mais alto. A tarefa mais arriscada é a do fazendeiro criador. Este precisa acudir depressa às boiadas e manadas de cavalos, cujos bandos aglomerados aflitos nas ilhas do rio, ficam expostos a morrer de fome ou ao assalto das onças e dos jacarés. Penosamente conduz a sua vacilante canoa pelos rápidos ribeiros e rios tributários, às vezes algumas léguas pelo dilúvio, continuamente ameaçado de naufrágio, ao topar com árvores e pedras, em que bate, ou por troncos arrastados pela correnteza. Se tem a felicidade de superar os perigos da água, tem às vezes que lutar contra as feras, que procuram fugir impetuosamente do elemento

10. *Cucurbita ceratocreas* Haberle e *Cucumis macrocarpos* Wenderoth.

desencadeado. Boas e jacarés agarram-se ao bote, subindo neste para descansar. Se passa debaixo de uma árvore, caem sobre ele grandes montões de formigas que se refugiavam ali e, enquanto se ocupa no extermínio dessa inúmeras inimigas, ainda maiores sustos lhe reserva uma onça ou uma cascavel, que pula dentro da canoa. Se, para escapar a esses monstros, atirar-se à correnteza, corre o risco de ser dilacerado instantaneamente em mil pedacinhos pelos cardumes de piranhas, que saem das suas enseadas tranquilas, em busca de presa. Se alcança, finalmente, os seus animais desamparados, encontra-os às vezes enfraquecidos pela fome, feridos nas patas pelas piranhas ou pelos jacarés, e impossibilitados de nadarem até à outra margem, ou vitimados pelas onças ou pelos guarás, contra os quais costumam defender os cavalos formando círculo, as cabeças juntas, voltadas para dentro. Centenas de animais domésticos são sacrificados pelas enchentes anuais.

Para os homens, as exalações das terras inundadas, *sobreaguadas*, depois que baixa a enchente, são frequentemente de maléficas consequências. A folhagem dos capões despidos e muitos resíduos animais, que ficam pendentes das árvores ou sobre as margens, – às vezes a carcaça de um boi em topo de árvore ou a de um tatu nos galhos, – empestam o ar e determinam, dentro em pouco, ou septicemia ou as febres intermitentes crônicas. A primeira, felizmente, não é frequente, mas dizima, como epidemia, com terrível rapidez, numerosas vítimas. As febres intermitentes têm quase caráter endêmico em algumas localidades do rio, e tornam-se particularmente malignas pela constipação do fígado (*baços*), que fica como consequência. Pessoas assim afetadas denunciam logo pela palidez ou aspecto céreo do rosto e pela geral expressão da fraqueza e sofrimento, que estão atacadas gravemente e morrem muitas vezes, em consequência dessas lesões orgânicas: hidropisia ou consunção. Em geral, todos os ribeirinhos são de aparência menos saudável e vigorosa do que as robustas figuras dos sertanejos dos Gerais, e justificam o medo que têm os seus vizinhos de permanecer muito tempo à beira do rio São Francisco. Durante a demora de duas semanas na casa do Sr. José Antônio Serrão, tive sobeja oportunidade de me inteirar do caráter das doenças desta região, pois de muito longe vinha gente para consultar-me; induzidos alguns pelos nossos bravo hospedeiro, que julgou do seu dever retribuir com as mais delicadas atenções de hospitalidade os serviços médicos que prestávamos a seus compatriotas. (**Nota IV**).

Além dessas atividades médicas, não faltavam agradáveis distrações, para as quais nos convidavam os joviais moradores de Salgado. Pescarias com grandes arrastões, que nos traziam os numerosos gêneros de peixes do rio (**Nota V**), alternavam-se com caçadas aos jacarés, às lontras e às emas. Os peixes eram atraídos por pedaços de carne, de morder em anzóis escondidos na isca, puxados à margem e mortos a pauladas, ou pendurados às árvores e estrangulados. As ariranhas (*Lutra brasiliensis* L.) costumam sair de manhã cedo em bando, de suas tocas à beira do rio, seguindo rio acima, e anunciam a sua aproximação, soprando alto e roncando. Espiamos vários desses bandos, mas não tivemos a sorte de chegar à distância de tiro, pois os animais mudavam instantaneamente de direção. Com maior êxito caçamos a ema (*Struthio rhea* L.), avistada em numerosos bandos, nos campos que se estendem entre a serra do Salgado e o rio, ao sul da vila. Um grupo de provectos caçadores, montados a cavalo, conduziram-nos a uma encosta baixa de montanha, donde pudemos avistar, a boa distância, bandos de emas pastando. Assim que se ultimaram as disposições para colocar as aves entre dois fogos, aproximamo-nos cautelosos; porém fomos logo percebidos, e as emas fugiram com a velocidade do vento, com vivo bater de asas. Os cavalos, habituados a essa caçada, perseguiram-nas tão assíduos, que em meia hora tínhamos percorrido algumas léguas, e, finalmente, num matagal baixo de palmeiras aricuris, as alcançamos quando ali estavam tomando fôlego. Ao nos apearmos para atacá-las, a nova disparada delas foi baldada, e matamos diversas dessas aves de pé ligeiro. Como não se come a carne de ema, ela é caçada por divertimento e por causa de suas belas penas. Com elas se fazem lindos espanadores, que obtêm alto preço na Bahia e no Rio de Janeiro, e são exportados para a Europa.

Embora no coração do sertão, pudemos notar com prazer como o comércio e riqueza já levaram para ali sociabilidade e costumes amenos. Solenizaram-se aqui, com decoro e pompa, várias festas da Igreja, entre outras uma inteiramente nova para nós. Uma fazendeira rica dos arredores tinha feito a Nossa Senhora a promessa de uma procissão, para a qual a gente da freguesia e também nós fomos convidados. A dama, vestida de gala, conduzia o séquito até à igreja, para assistirmos à missa, e de lá voltamos todos à casa dela, onde estava posta uma grande mesa com as mais finas iguarias e vinhos escolhidos, e, sobretudo, deliciosos doces, da qual os amigos da bela penitente eram convidados a deleitar-se o dia inteiro. O mais singular é que,

com esse ato de contrição, a promotora da festa expiatória toma o soberbo título de *Rainha*, nomeia os seus amigos mais íntimos e a gente do séquito, formando aparatosa *corte*, e, como recordação da festa de sua humildade, distribui medalhinhas de ouro e de prata. Essa *Festa da Rainha*, *ex-voto*, dá motivo para grandes despesas, embora os hóspedes sejam convidados, – como em Portugal, na ocasião da procissão do Corpo de Deus, – para um simples *copo-d'água*; passa-se até necessidade o ano inteiro, para gastar, na ostentação de fé religiosa, tudo num só dia. Também encontramos aqui entretenimentos musicais, isto onde menos podíamos esperá-los. Um sertanejo, que habitava vinte léguas a oeste de Salgado, e casualmente tinha ouvido falar da nossa prática de amadores de música, mandou um mensageiro, para pedir-nos o prazer de tocar conosco em quarteto. Ao cabo de alguns dias, apareceu o moreno Orfeu das selvas, à frente da mais estranha caravana. Às costas de mulas, trazia ele uma viola, violinos, trombetas, estantes para música, e, como testemunha de sua dedicação, a mulher e os filhos. Dois de seus vaqueiros tocaram as partes secundárias, e, com alegre confiança, atacamos os mais antigos quartetos de Pleyel. Que mais alto triunfo podia celebrar o mestre do que exercer o poder de sua música aqui, no sertão americano? E, com efeito, o gênio musical pairava sobre a nossa tentativa, encantados eram músicos e ouvintes, e tu, excelente melômano, João Raposo, viverás sempre na minha memória, com as tuas feições animadas por triunfante enlevo!

As alegres horas, decorridas na casa de nosso bravo hospedeiro, um alentejano da honestidade inata de sua pátria, foram apenas perturbadas, às vezes, pelas preocupações relativas ao prosseguimento da viagem, pois os nossos tropeiros declararam que não iriam adiante conosco. O medo das febres perigosas nestas regiões apavorava a todos, e, depois que o capataz de Minas Novas havia escapulado, durante a noite, em Capão, não havia meio de reter os outros. Só o nosso fiel Custódio, o índio coroado do Presídio de São João Batista, que preferia a cozinha repleta do sertão à penúria das suas matas, manifestou vontade de acompanhar-nos até a volta ao mar, na Bahia. Tivemos finalmente a felicidade de arranjar um valente paulista para guia e, como víamos com prazer completamente restabelecida a esposa do capitão Serrão, partimos a 1º de setembro do aprazível Salgado, para percorrer as solidões, que com o nome de *campos ou chapadas de Santa Maria*, se elevam desde o rio até às fronteiras de Minas e Goiás.

NOTAS DO CAPÍTULO IV

I – Nos Campos Gerais de São Filipe conhecem-se muitos mamíferos, que procuro enumerar aqui de acordo com as informações obtidas. O macaco comum (*Callithrix capucina*) e o bonitinho sagui ou sauíim (*C. sciurea* Cuv.), encontram-se frequentemente domesticados nas casas. Os bugios, guaribas (*Mycetes ursinus* Humb.) e guariba-preto (*M. niger* Kuhl) habitam em bandos numerosos as matas de catinga. Dos felinos, há: 1) onça-verdadeira pintada e sua variedade preta, onça-preta ou “tigre” (*Felis onça* L.); 2) onça-vermelha, jaguar ou suçuarana (*F. concolor* L.). Na língua geral, chama-se estes felinos jaguaretê-pinima, pixuna e piranga; 3) ocelete, gato-montês, maracajá-grande ou chibiguaçu (*F. pardalis* L.); 4) gato-montês ou maracajá-pequeno (*F. tigrina* L.); 5) gato-mourisco, “raposa” (*F. macroura* Neuw²); 6) gato-mourisco-vermelho (*F. eyra* Az.).

O guaxinim (*Procyon cancrivorus* Ill.) não se encontra só na proximidade do mar, porém também aqui nas vargens dos campos e devasta, sobretudo os canaviais.

Do gênero canino conhece-se aqui o “lobo” vermelho, ou guará (*Canis compestris* Neuw.), que em coragem não se compara ao seu parente europeu, e a raposa do mato (*Canis azarae* Neuw.). Além destes aparecem dois quatis, o quati (*Nasua socialis* Neuw.) e o quatumundé (*Nasua solitaria* Neuw.); a irara ou papa-mel (*Mustela barbara* L.); o cangambá, jaritataca ou maritataca (maritafede) (*Mephitis foeda*, Ill.); duas espécies de marsupiais: gambá-saruê grande e pequeno (*Didelphis marshupialis* e *Didelphis cayopollin* L.); o ouriço-cacheiro (*Hystrix insidiosa* Licht.); o cuim ou cuendu de cauda preênsil (*Hystrix prehensilis* L.), e o ouriço-preto (*Hystrix subspinosa* Licht.); o rato-de-espinho (*Loucheres paleacea* Ill. ou *myosurus* Licht.); talvez ambas as espécies habitem aqui; a cuíca, ratão-do-banhado (*Hydromyscoypus* Geoffr.); rato-de-fava, de focinho vermelho (*Mus pyrrhorhinus* Neuw.); o coelho ou tapeti (*Lepus brasiliensis* L.), a paca (*Caelogenys fulvus* Fr. Cuv.). A cutia ou aguti (*Dasyprocta aguti* Ill. e *D. azarae* Licht.), o mocó (*Cavia rupestris* Neuw.) a preá (*Cavia aperea* L.); o esquilo-americano, caxinguelê (*Sciuzus aestuans* L.) duas espécies de preguiças: a preguiça e a preguiça-real (*Bradypus tridactylus* L. e *torquatus* Ill.), duas espécies de mirmecófagos, o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga jubata* L.); e o tamanduá-mirim (*M. tetradactyla* L.); quatro espécies de armadilhos: o tatu-canastra (*Dasyopus gigas* Cuv.); o tatupeba (*D. gilvipes* Ill.); o tatu-verdadeiro também chamado mole ou de orelha-em-pé (*D. novemcinctus* L. ou *niger* Ill.) e o tatu-bola (*D. (Tolypeutes) tricinctus* Ill.).

Da anta comum ou anta-sapateira (*Tapirus americanus* L.) julgou o Dr. Spix separar, como espécie, a chamada anta-xuré. Este animal, de estatura

baixa, orelhas de cor uniforme, não brancas nas pontas, é, provavelmente, apenas uma variedade ou indivíduo novo. Quanto a veados, conhecem os sertanejos diversas espécies: o veado-mateiro (*Cervus rufus* Ill. e *tenuicornis* Spix.), o veado-campeiro (*C. campestris* Fr. Cuv.; *longicaudatus* Spix); e o veado-catingueiro (*C. simplicicornis* Ill.). Além destes, menciona-se uma espécie pequena de veado, o camucica, que, sendo perseguido, parece que trepa nas árvores. Raras vezes aparece, nos rios destes Gerais, a lontra-ariranha (*Lutra brasiliensis* L.). Entre as aves, que caçamos nas Gerais foram diversas as espécies de Falco e Tanagra (já citadas acima), enapupês (*Tinamus refescens* Temm.), zabelês e inhambus (*Tinamus noctivagus* Neuw. e *T. maculosus* Temm.), e a capoeira (*Teatrao guyanensis* L.).

II – As diferentes espécies de abelhas, das quais tivemos notícia no sertão, são as seguintes: jataí grande e pequena porá brava e mansa, mumbuca, marmelada preta e branca, urucu-do-chão e urucu-de-pau, urucu-boi, urucu-pequeno, tataíra, mandaguira, que procura particularmente as flores do jacarandá, cabeça-de-latão, caga-fogo, cuja picada produz empolas e graves inflamações, razão por que só à noite há quem se arrisque a buscar-lhe o mel; sete-portas, que constrói um cortiço engenhoso, iratim, sanharó-grosso, sanharó-miúdo (abelhão), manda-saia, munduri-preto, vermelho, legítimo, mirim e munduri papa-terra, vamos-embora, que muito enxameia, cabiguara, xupé, arapuá, abelha-do-cupim, que dá cera cor-de-rosa, preguiçosa, grossa, fina e mosquito. É desconhecida aqui a abelha europeia.

III – As plantas da província de Minas Gerais, que tenho de mencionar ou pelas suas propriedades terapêuticas comprovadas, ou ainda a comprovar, ou por outras qualidades úteis, são as seguintes: noz-moscada-do-brasil, vicuíba, bicuíba, bicuíba-redonda, também chamada noz-moscada-do-brasil (*Myristica officinalis* Mart.); raiz da flor-de-babado ou de-babeiro (*Echites longijiora* Desf.); timbó (*Paullinia pinnata* L.); paraíba (*Simaruba versicolor*, St. Hil.); erva-de-rato (*Palicourea noxia* Mart., *P. longifolia* St. Hil., *P. Sonans* Mart., *P. diuretica* Mart., *P. officinalis* Mart., *P. strepens* Mart., *P. aurata* Mart.), raiz-amargosa (*Lisianthus pendulus*, *L. amplissimus*), salsaparrilha (*Herreria salsaparrilha* Mart.); *Copaifera cordifolia*, *C. sellowii*, *C. martii*, *C. oblongifolia* Mart.; maracujá ou murucujá. (*Passiflora maliformis*, *pallida*, *incarnata* L. etc.); maracujá-do-estralo (*Passiflora foetida* L. e *P. hibiscifolia*); maracujá-grande (*Passiflora alata* L.); sambaibinha ou cipó-de-carijó (*Tetracera oblongata* D.C., *T. volubilis* L., *Davilla rugosa* Poir., *D. elíptica* St. Hil.); *Momordica purgans* Mart.; cerejas ou cerejas-de-purga (*Melothria pendula* Li; marinheiro-de-folha-miúda (*Trichilia cathartica* Mart.); marinheiro-de-folha-larga ou tuaúva (*Trichilia glabra* L.); *Ipomoea (Convolvulus) operculata* Mart., .chamada batata-de-purga; tiborna

(*Plumeria drastica* Mart.); ruibarbo-do-campo ou pireto (*Ferraria purgans* Mart. e *F. cathartica* Mart.); raiz-de-tiu (*Jatropha opifera* Mart.); canafístula (*Cathartocarpus brasiliensis* Jacq.); erva-tostão (*Boerhavia hirsuta* Li.); umbaúba (*Cecropia peltata* L.); barbatimão (*Acacia adstringens* Mart.); quina-do-campo (*Strychnos pseudoquina* St. Hil.); quina-da-serra ou do-campo, quina-de-remijo (*Cinchona ferruginea*, *Vellozii* e *Remijiana* St. Hil.); erva-de-bicho (*Polygonum antihemorroidale* Mart.); taia ou taioba (*Caladium esculentum* Vent.); azedinha-do-brejo ou erva-do-sapo (*Begonia ulmifolia*, Humb., *B. bidentata*, Raddi, *B. spathulata* e *cucullata* Willd., *B. hirtella* Link. etc.); eira, pindaíba, pimenteira-do-sertão ou da-terra (*Xylopia grandiflora* St. Hil.); cravo-da-terra (*Myrtus pseudocaryophyllum* Gomes); estoraque (*Styrax ferrugineum* Nees e Mart., *S. reticulatum* Mart., *S. aureum* Mart.); almecegueira (*Hedwigia balsamifera* Sw.); almecegueira (outras) (*Icica ambrosiaca* Willd.); imburana (*Bursera leptophloeos* Mart.); lantim (*Calophyllum calaba*, Jacq.); *Vismia micrantha* Mart., *V. lacifera* Mart.; *Terminalia argentea* (resina); alfavaca-da-cobra (*Monnieria trifolia* L.); fumo-bravo, erva-do-colégio (*Elephantopus scaber* Sw.); camará (*Lantana* div. esp.); canduá (*Cladonia sanguinea* Mart.); mnianga pixirica (*Melastoma* sp.); poejo-da-praia (*Centrospermum xanthioides* Kunth.); *Turnera opifera* Mart.; algodão (*Gossypium barbadense* L. e outras esp.); bútua (*Cocculus cinerascens* e *platyphylla* St. Hil.); coerana (*Cestrum auriculatum* e *laurzfolium*, L'Herit.); estramônio ou figueira-do-inferno (*Datura stramonium* L.); cana-de-macaco (*Costus spiralis*, *cylindricus* Anachiri, Jacq. etc.); imbirí (*Canna angustifolia* L.); cânhamo (*Cannabis sativa* L.); ipecacuanha (*Cephaelis ipecacuanha* Rich.); poaia-branca ou do-campo (*Richardsonia scabra* e *emetica* Mart., *lonidium ipecacuanha* Vent. e *I. brevicaulis* Mart. e *urticaefolium* Mart.); raiz-preta (*Chiococca anguifuga* Mart. e *densiflora* Mart.); erva-do-capitão (*Hydrocolyle umbellata* L.); feto-macho (*Polypodium lepidopteris* e *percussum* Cav.); avenca e avencão (*Adiantum capillus veneris* L.); *Poinciana pulcherrima* L., jaborandi (*Piper nodosum* L.); ameixa-da-terra (*Ximenia americana* L.); guabiroba (*Psidium cattleyanum* Lindl.); gravatá-de-tingir (*Bromelia tinctoria* Mart.); amoreira (*Broussonetia tinctoria*); flor-de-quaresma (*Rhexia princeps*, *holoserica*, *grandiflora*), araticum-do-rio (*Ana spinescens* Mart.); jataí (*Hymenaea martiana*).

Plantas comuns no alagadiço: *Perlebia bauhinoides* Mart., *Acacia hostilis* Mart., *A. inundata* Mart., *A. farnesiana*, W., *Triplaris americana* L. diversas espécies de *Cissus*, *Coccoloba*, *Jacaranda*, *Piperaceas* e *Myrtaceas*, *Cecropia*.

IV – As aves mais abundantes das lagoas, existentes ao longo do rio São Francisco, que observamos, são: o jaburu (*Ciconia mycteria* Temm.); o

tuiuiu (*Tantalus loculator* L.); o colhereiro (*Platalea ajaja* L.); o mergulhão (*Plotus anhinga* L.); a gaivota-putã (*Charadrius lampronotus* Wagl. Syst. Av. Sp. 48); o maçarico (*Himantopus brasiliensis*); o frango-d'água (*Gallinula galeata* Licht.); o pato-grande, marreco, paturi (*Anas moschata, brasiliensis* e *viduata* L.); a garça-branca, miúda, parda e socó (*Ardea egretta, candidissima, trigina, pileata*, Lath.; *socco* Wagl. I. c.); o carão (*Nothorodius guarauna* Wagl. I. c.); o martim-pescador (*Alcedo torquato* L.).

V – A nossa demora em Contendas e a margem do rio São Francisco, deu-nos a melhor oportunidade para fazer observações médicas, e, portanto, é justo citar as mais importantes. Quanto mais nos afastávamos do planalto de Vila Rica e Tijuco, volvendo-nos para o norte, tanto mais claras se manifestaram as doenças abdominais, em vez das afecções do peito e de feição catarral reumática. Como disposição geral para doenças abdominais, deve-se considerar uma certa fraqueza da digestão, que nos sertanejos se indica frequentemente pela falta de apetite ou por voracidade, pelos amiudados arrotos e indigestões que mais constituem doença do que falta de educação.

Essa fraqueza deve ser atribuída à alimentação grosseira de feijão, milho, mandioca e toicinho, água ruim, e cachaça de má qualidade, ao clima quente e excessos sexuais, e conforme as circunstâncias, se transforma em doenças diversas. Numerosas moléstias de pele aparecem primeiro em consequência dessa digestão perturbada, e, de fato, deve considerar-se a *sarna*, a mais simples manifestação desse estado. Mau caráter tomam essas doenças da pele, sobretudo com a extremamente comum complicação pela discrasia sífilítica. A diversidade das formas, o curso e o prognóstico de tais estados são extraordinários, e muitas dessas doenças de pele são quase desconhecidas na Europa, ou então, formas excepcionalmente raras. Eu observei: pústulas vermelho-claras, que supuram na ponta, e deixam uma muito pequena cicatriz branca, rasa; erupções vermelho-azuladas, com forte comichão, e que às vezes arrebentam, produzindo feias úlceras; bolhas pálidas, cheias de linfa, semelhantes ao pênfigo, sem aureola inflamada; verrugas em todas as partes do corpo; calosidades anômalas da pele, de cor lívida ou amarelada, principalmente nos pés, nos tornozelos, nos dedos dos pés e das mãos; delas resultam úlceras purulentas, extremamente dolorosas, e, finalmente, nós, na textura celular, muito espalhados sob a pele, às vezes nas juntas, mais comumente dos pés. A todos esses sintomas de humores deteriorados, costumam os brasileiros designar com o nome geral de *escorbuto*, muitas vezes só expressão mais suave para sífilis.

Tão comuns como as afecções da pele, são igualmente as do sistema glandular. Notei inchação da glândula inguinal, das mesentéricas, do

pâncreas e do fígado, a qual se forma, ora imperceptivelmente, sem prévia e patente enfermidade, ora como consequência de inflamações crônicas acentuadas ou das sezões endêmicas. Sintomas de apepsia, calafrios alternando com calores passageiros, expectoração de mucosidade viscosa ou saliva, ao que se costuma aqui chamar de *engasgo*, são não raro indícios de tais inflamações e tanto mais perigosos, pois frequentemente só se declaram, quando o organismo já está gravemente prejudicado com endurecimento das glândulas ou da cárdia e dos intestinos. Quanto às febres intermitentes, ora se apresentam como cotidianas, ora como terças ou quartãs. No rio São Francisco, onde são endêmicas e reina grande disposição para elas, já são provocadas por refeição abundante, pelo consumo de carne fresca de boi, em vez da carne seca ou salgada do costume ou frutas. Comer frutas à noite é sempre perigoso. Isso não vale somente para as excelentes, frescas melancias, porém, igualmente, para as laranjas, a respeito das quais existe um provérbio: – “Laranja, de madrugada, é ouro; ao meio-dia, é prata; à noite, mata.” Somente a manga, que tem muitos ingredientes resinoso-balsâmicos, parece que não é nociva mesmo à noite, e peixe fresco come-se à noite, sem receio. As causas patogênicas das febres intermitentes (sezões ou maleitas) podem, aliás, consistir numa inflamação crônica do fígado. A rápida formação dos chamados “baços”, a princípio formados em geral no lóbulo esquerdo do fígado, e frequentemente chegando dentro de um mês a tal tamanho que provoca o prolapso do abdome inteiro, confirmaria esta patologia. Raras vezes se curam completamente essas consequências da febre, e são elas as causadoras das hidropisias ou de febres consuntivas, determinando a morte do paciente. De resto, esses “baços” dispõem também para a septicemia que, ao menor motivo externo, como mudança rápida de temperatura, frio contínuo ou umidade, atacam a pessoa. Os habitantes, aos quais por desgraça, faltam em extremo médicos e conhecimentos terapêuticos, procuram tratar as febres intermitentes, sobretudo com vomitórios de ipecacuanha e tártaro emético. Nesse remédio eles têm tão incondicional confiança, que, depois de 20 ou 30 tentativas baldadas, abstêm-se de qualquer outro medicamento, e deixam à doença o seu curso. O uso da casca peruana não é tão geral, como mereceria. A razão está em parte no fato de não saberem aplicá-la em tempo oportuno e na devida dose. Queixam-se dela, dizendo que faz subir a febre e produz sarna. Tampouco é empregado como merecia o extrato da chamada quina-do-sertão (*Strychnos pseudoquina*, St. Hil.), que se distingue pelo fraco amargor, e o pó da casca também nem sempre é suportado. Contra a congestão do fígado empregam os sertanejos, às vezes com sucesso, pílulas grandes de sena, caroba (*Bignonia antisiphilitica* Mart.), aloés, maná e mercúrio doce. Banhos quentes e sanguessugas, de

cujas aplicações muito se poderia esperar, são-lhes desconhecidos. As febres malignas que, de tempos a tempos, sobretudo depois dos transbordamentos, fazem devastações (*carneiradas*) entre os ribeirinhos do São Francisco, são de fato meras febres nervosas ou, mais frequentemente, septicemia. O curso da enfermidade e o desenlace, para a morte ou para a cura, são rápidos, quando a doença, como acontece frequentemente, não se transforma em disenteria, parotidite, hidropisia. Nas febres puramente nervosas, evidencia-se, como causa patogênica, o derramamento da linfa no cérebro, por inflamação das meninges.

A septicemia consiste na maioria das vezes em inflamação do baço ou do fígado, cuja consequência é o endurecimento, mas quase nunca supuração. Não raro, nessas graves doenças, sobrevêm paralisias parciais, perda do paladar, do olfato ou zunidos nos ouvidos, que, assim como a crítica supuração da parótida ou do ânus, são bons sintomas, ao passo que a hemorragia pelo nariz, boca e lábios, cerração dos maxilares (trismo), o tétano e a disenteria são de mau presságio. Aparece às vezes, a disenteria como doença independente, e acaba matando com terríveis fenômenos como estrabismo, soluços, vômitos negros. Prolapso do ânus e demoradas diarreias permanecem às vezes, quando se vence a doença. A esse tétrico quadro de doenças destas regiões, devo ainda acrescentar a sífilis, que, como Proteu, se desenvolve numa infinidade de formas. Esse mal, tão generalizado, é desgraçadamente tratado, sem distinção, e mercúrio. Depois que esse e numerosos remédios vegetais foram aplicados sem resultado, o sertanejo recorre às vezes a um medicamento do reino animal. Cortam-se a cabeça e cauda de uma cascavel viva, e cozinha-se o resto da cobra com uma galinha nova, até ficar em gelatina; o preparado, tomado de uma só vez pelo doente metido na cama, provocaria suores abundantes, pelos quais lhe sai do corpo, de uma só vez, a matéria “peccans”. Vários sertanejos gabaram-me o poder curativo desse estranho remédio.

VI – Em Salgado, os peixes do rio São Francisco têm os seguintes nomes: pacu, surubim, dourado, congo ou cascudo, madrinha, pirá-tamanduá, piranha ordinária e roduleira, acari, mandi, mandi-açu, mandi-pintado, grumatã (curamatã), gorubina, piau, pocomo, traíra, bagre e sarapó. Somente poucos destes estão atualmente descritos na literatura zoológica, e conhecidos com segurança. Costumamos apanhar esses peixes, em companhia dos moradores de Salgado, por meio do arrastão, que é levado por um homem para dentro do rio e, logo depois, puxado para fora, por ambas as extremidades.

No Brasil, chama-se a pessoa, que cuida dessa ocupação, às vezes, não sem perigo, de *basbaque*, palavra que, além disso, significa imbecil. Em

companhia de alegre sociedade, é, portanto, escolhido para *basbaque* aquele que sabe cumprir sua função e divertir, ao mesmo tempo, os outros com palhaçadas e gracejos¹.

1. Dando assento, em seu excelente *Dicionário de vocábulos brasileiros* (pág. 15) ao termo *basbaque*, o visconde de Beaurepaire-Rohan se escuda, com Aulete e Morais, para o seguinte significado: – “Nome que dão ao homem que está: espiando o cardume de peixe junto das armações, para lhe lançar a rede em cerco.” Mas acrescenta: – “Nunca ouvi este vocábulo com semelhante significação.” Realmente, a significação comum da palavra *basbaque* é a do indivíduo que, não tendo nada mais que fazer, fica olhando coisas e pessoas, sozinho ou em companhia de outros vadios. Entretanto, o que se lê acima – produto da meticulosa observação de Spix e Martius, – comprova o sentido com que se encontra o termo nos citados léxicos de Morais e de Aulete. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)

LIVRO SEXTO

.....

Capítulo I

VIAGEM ATÉ AO VÃO DO PARANÁ, NA FRONTEIRA DE GOIÁS E
REGRESSO A MALHADA, NO RIO SÃO FRANCISCO

AS MARGENS MONTANHOSAS do rio São Francisco, constituídas pela serra do Salgado, são formadas, assim como a chapada de São Filipe, de uma pedra calcária cinza-azulada, na qual não se encontra vestígio algum de fósseis, razão por que seria de bom alvitre considerá-las de formação de pedra calcária metamórfica. Durante a nossa estada em Salgado¹, havíamos feito a ascensão do Itabiraçaba, que, com o Itacarambi, sito mais ao norte, é o mais alto ponto dessa serra, e talvez a 800 pés acima do rio. A pedra quebradiça de seu cume é corroída, de modo singular, em buracos profundos e gamelas; arestas multiformes e agudas eriçam-se por todos os lados, e, de longe, parecem grandiosa ruína gótica, ou mar revolto petrificado. Correndo risco, galgamos a crista, dali tendo a visão de um deserto queimado, pois em volta não vicejava uma folha, e a mata da catinga parecia estarrecida pelo sopro da morte, assim como os penedos cor de cinza da serra. Este aspecto, combinado com as histórias contadas pelos sertanejos,

1. Hoje Januária.

da solidão deserta da chapada de Santa Maria e das doenças do Vão do Paranã, não eram para nos animar a essa viagem. Todavia, deram-nos a consoladora certeza de que em parte alguma nos faltaria a água – elemento de cuja privação até agora não havíamos sofrido, e até, pelo contrario, nos tinha sido desvantajosa a sua abundância. O que surpreende é, de resto, que das montanhas do lado esquerdo do rio São Francisco correm mais numerosos e mais caudalosos córregos, – assim do Itabiracaba, o rio da Cana Brava, e, do Itacarambi, o rio Jacaré – do que no lado direito, exposto a chuvas mais frequentes; o faro esclarece-se em parte, pelas cavidades existentes, nesse último, que devem canalizar as águas por via subterrânea ao vale do rio. Se, porém, no prosseguimento de nossa viagem, não tivermos de reccar falta de água, de acordo com a experiência colhida até aqui, teremos de corrigir a água potável salitrosa. Para isso, serviu-nos a solicitude de nossos amigos de Salgado, pois eles carregaram uma das mulas unicamente com frutas confeitas e marmelada. Outras mulas traziam milho, carne salgada, toicinho e cachaça, e, assim equipados, podíamos confiar no sucesso feliz também dessa perigosa viagem.

O calor, dia a dia, tinha aumentado em Salgado; já às nove horas da manhã o termômetro marcava 18° ou 19°R; e, às duas horas da tarde, ia a 22° até 23°R. Soprava vento quente de leste sobre as Gerais, muitas vezes acompanhado de manhã ou ao meio-dia, de violentas trovoadas. Com esse tempo, a vegetação, na vizinhança do rio, quase havia morrido, e parecia invernar entorpecida na vestimenta descorada e tostada, até à entrada do tempo das chuvas. Tanto mais alegres saudamos então as moitas verdes dos *Combretum*, *Inga*, *Petrea*, *Coccoloba*, *Hyptis* etc., quando, em nosso primeiro dia de marcha, a caminho para a Fazenda Sumidouro distante três léguas a su-sudoeste, entramos nos aprazíveis vales estreitos, que se abrem entre as montanhas da serra calcária.

Gradualmente se eleva o caminho, e, depois de uma légua de marcha pelo brejo, o viajante se vê na planura mais alta do rio, que, na feição, se assemelha a oriental, entre Contendas e Salgado². Cada vez mais nos íamos convencendo de que, no sistema do rio São Francisco e seus

2. Hoje São João da Ponte e Januária.

afluentes, predomina uma vegetação característica que, desde as suas margens, como ponto central, se estende para leste e oeste, pelas margens mais baixas dos tributários do principal curso de água, assim como nas dele próprio se apresenta particularmente como matagal cerrado, trançado de trepadeiras, e toma o seu característico da formação calcária. Esta vegetação, a que se pode dar o nome geral de catingas, está no meio entre a das matas virgens da costa marítima e a dos campos da chapada e se distingue também das matas de catinga da encosta ocidental da serra do Mar. Não considerando o fato de consistirem as catingas aqui, em grande parte, de outras plantas, são também mais baixas, estão em agrupamentos de menor espessura, e transformam-se, não raro, em tabuleiros de tal modo que os próprios componentes de sua formação constituem parte dos últimos. Na flora do rio São Francisco, nota-se decisiva preponderância de plantas das famílias das terebintáceas, nopáneas, malváceas, labiadas, solanáceas, euforbiáceas, escrofulariáceas, verbenáceas e convolvuláceas. As piperáceas, acantáceas, borragináceas, rutáceas, sapindáceas são aqui mais comuns do que nos campos, porém mais raras do que nas matas da costa; por outro lado, só é pequena a proporção das liliáceas, orquidáceas, rubiáceas, que tão profusamente aparecem em ambas aquelas formas de vegetação; e as mirtáceas, malpighiáceas, apocináceas. Compostas, lauráceas, gramíneas e restionáceas, que predominam nos campos, ou as lecitidáceas, gesneriáceas, típicas da mata virgem, são aqui menos numerosas, mesmo raras. Leguminosas, especialmente mimosoideas e cesalpinoideas, ornamentam essa flora, ao passo que a flora dos campos possui maior profusão de papilionoideas. Essa vegetação está ligada à vegetação dos campos por membros das famílias da anonáceas, dileniáceas, amarantáceas, begoniáceas, melastomataceas, mirsináceas, estiracáceas e sapotáceas; por outras porém, das famílias das bignoniáceas, rubiáceas, caparidáceas, nictagináceas, urticáceas, de novo se aproxima da flora característica da mata virgem. Se, futuramente, percorrendo continuamente, durante anos, estas férteis; regiões, for possível ao botânico fazer rigorosa comparação das várias flores aqui mencionadas, poderá a ciência contar com interessantíssimas contribuições para a história e geografia das plantas. As doutrinas sobre a primitiva distribuição, e a mútua limitação das vegetações individuais, sobre o paralelismo e compensação das diversas formas de plantas, sobre a migração e variações

de determinadas plantas, correspondentes às influências do solo e propagação nas diferentes regiões do mundo, somente poderão sair das trevas da hipótese quando experiências múltiplas forem feitas em grande escala. Na solidão da viagem, entregando-me a estas considerações, despertou o voto para que já, sem demora, se iniciem estas investigações na terra fecunda, antes que a mão destruidora e transformadora do homem tenha obstruído ou desviado o curso da natureza. Só por poucos séculos ainda disporá a ciência de completa liberdade de ação para este fim, e os subsequentes investigadores não mais obterão os fatos na sua pureza das mãos da natureza, que já hoje, pela atividade civilizadora deste país em vigoroso progresso, está sendo transformada em muitos respeitos.

As regiões situadas mais alto, mais secas, eram revestidas de arbustos cerrados, em parte sem folhas, e as vargens de um tapete fino de gramíneas, com muitas flores, por entre as quais surgiam grupos espalhados de palmeiras e moitas viçosas. Os sertanejos chamam *varredas*³ a esses campos com arbustos. Encontramos aqui uma palmeira flabeliforme, espinhosa, (*Mauritia armata* M.), o maior adorno das várzeas, além do nobre buriti (*Mauritia vinifera* M.), aqui mais raro. O buriti-bravo não oferece, como aquela outra, nem um suco suscetível de fermentação alcoólica, nem frutas comestíveis, mas é muito apropriado para vigas de telhado, nas cabanas dos habitantes. Além dessas veem-se, aqui e acolá, grupos cerrados de palmeira-indaiá (*Attalea compita*). Elas formavam as primeiras matas de palmeiras, a cuja sombra nos atrevíamos a passear a pé, em seco, e seguros de não toparmos com cobras gigantes, nem jacarés. Os grandes cocos ricos de um óleo muito puro e gorduroso dessa palmeira fazem-na o pouso preferido das grandes araras-azuis (*Ara hyacinthinus* Lath.), que voavam aos pares frequentemente acima de nossas cabeças. Tanto encanta a bela plumagem dessas aves, quanto doem nos ouvidos mesmo os mais insensíveis os seus guinchos roucos penetrantes, e certamente, se elas fossem conhecidas na Antiguidade, seriam tidas como portadoras de desgraça dos piores agouros. Para nós, porém, a pequena coleção dessas aves bulhentas acorrentadas no toldo das cargas de

3. No original, *varredas*. É provável que se trate do vocábulo *varedas*, do qual ainda existe a variante *veréas*. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

algumas mulas, mostrou-se de particular utilidades pelo ato de nos indicarem, pelo seu persistente estridor, que ressoa longe, o lugar da tropa, da qual às vezes nos afastávamos bastante, nas excursões de investigação do terreno. Do outro lado de um pequeno riacho, o Borrachudo, deixamos a formação calcária, e encontramos solo granítico avermelhado, com pequena porção de mica. A vegetação elevava-se em mato baixo; nela distinguimos muitos troncos da cachaporra-do-gentio (*Terminalia fagifolia*), árvore que segrega do interior da casca uma goma-resina, semelhante à verdadeira goma-guta, embora mais avermelhada.

Pousamos junto do pequeno rio das Pedras, em cuja fresca vizinhança, depois de penoso dia de marcha, gozamos do pleno conforto de uma noite tropical. Aquela majestosa natureza nos rodeou de todo o seu encanto particular: o ligeiro sussurro dos leques das palmeiras, o canto delicado de pássaros remotos, a solene escuridão do firmamento estrelado, sob o qual a folhagem do arvoredo se destacava em mais intensas sombras e nos dava tanta serenidade de alma, que nos sentimos ricamente compensados da falta do ambiente civilizado. Essa noite preparou tal disposição de espírito, que nos foi gradualmente empolgando mais e mais no caminho para Paranã, através de regiões quase não tocadas pelo homem, de sorte que, dessa viagem, em vez de recordações de incômodos e perigos, só nos ficaram gravadas imagens deleitosas. Os poucos sertanejos em cujas moradas pousamos durante esta viagem solitária, mantiveram igualmente esse estado de alma pela simplicidade e cordialidade do trato. São pobres, porém sem necessidades, de costumes rudes, porém de natural bondade. Em vez de hospedar-nos nas suas choças, preferimos acampar ao ar livre, onde às vezes nem sentíamos a falta da agradável e saudável água do rio São Francisco, quando a sorte nos conduzia a alguma nascente pura e fresca.

No terceiro dia de viagem, alcançamos uma planície muito extensa, que se elevava imperceptivelmente; cobriam-na arbustos cerrados, em parte secos, permitindo a custo a passagem das mulas cargueiras pela estreita e tortuosa picada. Mais de uma vez foi necessário descarregar as caixas, ou abater o arvoredo baixo, por entre o qual os animais as haviam entalado.

Ao cair a noite, duas montanhas tabulares, quase quadrangulares, perfilavam-se de sul a norte, à nossa esquerda, como ilhas num mar de verdura que nos cercava. O nosso guia, robusto paulista, assegurou-nos

que nelas se haviam achado diamantes, e chamou-as de serra das Araras, nome também de muitas outras montanhas do Brasil. Para o conhecimento geográfico deste país, talvez prejudique em muitos sentidos o fato de encontrarem os colonos só uns poucos nomes de lugares dados pelos índios espalhados ou ambulantes, razão por que é extremamente comum a repetição dos mesmos nomes para rios, montanhas, povoados e fazendas diversas. Os nomes de certos santos ocorrem tão frequentemente, que apenas se podem diferenciar pelos mais diversos epítetos; são igualmente abundantes certos nomes correspondentes às condições físicas, como *Cachoeira*, *Ipueira* (vocábulo índio que significa lagoa), *Capão* (trecho de mato isolado), *Mato* e *Campo* com diversos apelidos, *Olho-d'água*, *Poções*, *Pedras*, *Ribeirão* e *Riachão*, *Pilar*, *Bocaina* e *Boqueirão*, *Escadinhas*, *Lajes*, *Curral* e *Curralinho*, *Retiro*, *Tapera* (lugares de muda, para onde os rebanhos são tocados, em determinadas épocas); outros mais, como *Angico*, *Angelim*, *Juazeiro*, *Mangabeira*, *Gameleira*, *Aroeira*, nomes de árvores; ou de animais, como *Curimatá*, *Piau*, *Capivari*, *Araras*, *Inhumas*. Com outras denominações, os colonos eternizaram o estado de espírito do momento em que se estabeleceram ali, como: *Bonfim*, *Bemposta*, *Boa-Morte*, *Sossego*, *Sem-Dentes*, *Foge-Homem*, *Arrependido* e muitas são as recordações votadas à pátria, de sorte que os nomes da maioria dos lugarejos de Portugal se encontram de novo no Brasil. A imaginação do viajante, que, durante longo tempo, só encontra vestígios de uma povoação escassamente espalhada, se encarrega de ver em tais alusões os títulos para diferentes capítulos do livro do destino dos homens.

Dessas considerações fomos arrancados por um enterro que vinha ao nosso encontro, saído da Fazenda São Domingos, situada ali perto. Diversos cavaleiros, envolvidos em compridas capas, cercavam o corpo, que era transportado num grande lençol branco, suspenso de um pau que os carregadores, alternando-se, colocavam aos ombros. Um ancião, marchando à frente do préstito rezava, às vezes, uma Ave Maria, que os demais acompanhavam a meia-voz. O morto era um menino, que tinha sofrido acidente no preparo da pólvora, conforme contou um dos acompanhadores, não sem certo receio. Como esse fabrico é severamente proibido aos particulares sem especial privilégio, o pai se expôs a uma pena judicial ao preparar para o filho uma cova no cemitério de Salgado. Assim fomos

lembrados que mesmo aqui, no meio da natureza imaculada e solitária, o destino, no seu aspecto trágico, persegue o homem.

A não ser essa aventura, pudemos, na solidão da viagem, dedicar toda a nossa atenção à coleta de muitas plantas raras e a caça às antas, tamanduás e araras.

Vastas extensões áridas de areia, charnecas, cobre duas séries de morros, continuação da serra das Araras, e, por entre elas, e além, desenrolam-se magníficas campinas virentes nas quais surgem espalhados os troncos da nobre palmeira buriti. Particularmente nas partes mais baixas desse terreno, onde são abundantes as nascentes, apresenta-se essa palmeira em matas claras, às vezes a perder de vista. Passa o caminho, ora ao longo desses coqueirais, em que a natureza-escultora demonstra, por assim dizer, as formas e proporções mais nobres na construção de colunas vegetais, ora cortando as vargens e prosseguindo pelos morros, cobertos com arvoredos de tabuleiros, espalhado, baixo, de galhos retorcidos. Muitas gramíneas diversas, Acácias de delicadas folhas bipinadas, Murtas, Cássias com a esquisita forma de sua folhagem, e flagrantemente Labiadas, são aqui tão abundantes, como as mais variadas aves e as mais diversas espécies de formigas que constroem as suas casas engenhosas de barro e de terra, como torres de seis a oito pés de altura, ou pendentes dos galhos das árvores semelhantes a colmeias negras. Os campos pantanosos deságuam no rio Carinhonha, que nasce a oeste no Mato Grande, na vertente que para oeste leva as águas ao Tocantins, a leste ao rio São Francisco, e, segundo informações da gente do lugar, apresenta formação de grés. Aqui e acolá, notam-se nos campos lagoas de considerável extensão, como, por exemplo, as Sete Lagoas, pelas quais passamos. A água é potável, porém nos banhistas parece produzir insuportável coceira na pele. Não se tem certeza se essa propriedade é devida aos sais do solo e a matérias vegetais, ou aos excrementos dos jacarés e das jiboias; quase me inclino a aceitar este último alvitre dos sertanejos, pois é sabido que os jacarés não só segregam de suas glândulas abdominais, perto do ânus, um cheiro penetrante almiscarado, mas também que os excrementos e a urina das cobras e dos jacarés tem um cheiro característico, nauseabundo, e contêm muito ácido úrico e amônia. A oés-noroeste dessas lagoas, onde fizemos pouso junto do pequeno córrego dos Patos, no mais ardente calor do sol, essa hipótese tomou ainda maior verossimi-

lhança quando pudemos verificar a enorme quantidade desses anfíbios que aqui habitam as lagoas e os riachos.

Uma das nossas mulas, como costumam fazer ao aproximar-se de água, havia-se apressado a matar a cede; chegando ao córrego, um grande jacaré logo a pegou no focinho, e provavelmente seria vencida na luta desigual, se a tempo não lhe acudissem os tropeiros. Havia nas águas aqui e acolá esses temíveis sáurios, e, sombra das brenhas próximas, algumas cobras grandes enroladas, semelhantes a cabos de âncora, de sorte que só com contínua gritaria e barulho nos atrevemos a atravessar, e tomamos a resolução de passar por semelhantes lugares só em bando numeroso de gente, precedidos pelo capataz, e tocando adiante os animais com pancadas e gritos.

Nas planícies arenosas, depois de Água Doce, não havíamos ainda encontrado rocha alguma à vista, porém no córrego dos Patos aparece um grés muito branco, finamente granulado, sem estratificação notável, que tanto mais nos interessava, por se acharem nele alguns troncos de Velósias e outras plantas que havíamos encontrado no Distrito Diamantino. Espalhados, observamos fragmentos e blocos erráticos de uma siderita vermelha, outro indício da semelhança desta formação geológica com a das terras das minas. A mesma formação de grés apareceu-nos no dia seguinte, junto do ribeirão dos Bois, de águas fundas, que se lança no rio Carinhanha. É indescritível o encanto desta região, onde frescos bosques alternam com extensas campinas cheias de claras fontes e de grupos de majestosas palmeiras buriti, o qual é realçado pelo fato de não parecer profanado pela mão da civilização, pois os poucos colonos quase exclusivamente se ocupam aqui de criação de gado. As moitas abrigam numerosos veados e antas, e estas últimas são tão pouco tímidas que, ao romper do dia, as vimos pastando muito perto do nosso pouso. Quando as perseguimos, a cavalo, pelos cerrados, fomos surpreendidos por um estranho espetáculo: uma mulher de formas atléticas, armada de sabre e espingarda, vinha ao nosso encontro, também caçando, ao que parecia. Essa amazona morena era a proprietária da Fazenda Iá, sita ali⁴ na

4. No original, Yhá. Provavelmente é o vocábulo túpico *vua* ou *ivá* (de *ibá*), que quer dizer “fruto”. (Nota da rev. Inst. Hist. E Geogr. Bras.)

vizinhança, e para a qual justamente nos dirigíamos guiados pelo seu afilhado, que nos acompanhava desde Salgado; ela havia, desta vez, como frequentemente, empunhado armas, para arranjar carne fresca para o marido velho e doente. A cerca da fazenda, guarneçada de numerosas caveiras de onças e guarás, parecia confirmar a fama das suas gloriosas caçadas.

Depois de um dia de repouso na solitária Iá, cujos idílicos arredores concordaram inteiramente com a simplicidade de costumes dos seus moradores, prosseguimos na marcha, sempre na direção O.N.O., e alcançamos o rio Carinhanha. Este belo rio tem águas claras, esverdeadas, num leito de grés branco, ensombrado por aprazíveis moitas ou palmeiras flabeliformes. Uma balsa em mau estado que encontramos, feita de troncos de buritis-bravos, foi em poucas horas ampliada e reforçada com cipós, conduzindo-nos, com a carga, sãos e salvos, até à margem setentrional, onde encontramos uma vasta planície arenosa, que se elevava gradualmente, e já tem aqui o nome de Chapada do Paranã. Exceção feita dos vales chatos transversais, em que predominavam campinas e buritizais, ela é coberta totalmente com arbustos espessos em parte sem folhas durante a seca, que quase todos os anos são vítimas do fogo, posto pelos sertanejos. Justamente agora, haviam-se propagado estas queimadas numa extensão enorme, e nós éramos obrigados mais de uma vez a deixar o caminho, ou a passar apressadamente por entre trechos incendiados. Vento violento de nordeste levantava a poeira finíssima de carvão dos lugares queimados em enormes colunas, as quais moviam-se lentas e ameaçadoras em torno de nós; às vezes, cessando o vento, caíam como chuva negra, e escureciam o horizonte, no qual o sol poente parecia um grande disco vermelho-sanguíneo. Para escapar das chamas perseguidoras, fugiam, com grande alarido, bandos de seriemas (*Dicholophus cristatus* Ill.), aves que parecem ser abundantes aqui e lagartos e cobras encontrávamos por lugares incólumes em boa camaradagem, defendendo-se igualmente dos urubus, que, à espreita nas árvores próximas, pareciam escolher as presas. Era insuportável o calor (à sombra, 28° a 30°R), e ainda se tornava mais sensível pela mudança de aragens mais frescas, ou pela completa parada do ar, nos lugares mais baixos. Aqui e acolá a reverberação do calor ardente das areias da charneca produzia oscilação constante da atmosfera, de sorte que todos os objetos pareciam

dançar diante de nós. Muito nos regozijou podermos nos refrescar, nessa caminhada causticante, com as bagas de certa Mirtácea, muito comum aqui, e que se recomenda, em pequena quantidade, pela acidez de seu suco, porque, se tomada imoderadamente, facilmente produz diarreia ⁵. Na Fazenda Rio Formoso, que alcançarmos ao anoitecer, alentou-nos um excelente refresco feito com vinagre de mangaba, com que a cozinha dos sertanejos esta quase sempre abastecida.

A mangabeira (*Hancornia*, ou mais justamente, *Willughbeia speciosa* Gomes) aparece aqui em diante, cada vez em maior número, nas regiões quentes e secas do sertão, e é cultivada, não raro, como nas províncias da Bahia, Pernambuco e Ceará, junto com a goiabeira e o ananás. Contém suco leitoso, pegadiço, rico de resina, que, endurecida, talvez pudesse ser utilizada como a goma-elástica comum. Com os frutos, costuma a gente do lugar preparar um refresco agradável e nutritivo, que, entretanto, tomado em demasia, daria colorido à pele e à esclerótica.

A fim de evitar o calor das horas do dia, e deixando atrás uma parte de nossa tropa, partimos da hospitaleira Fazenda Rio Formoso, já depois de meia-noite, prosseguimos, ao luar, a marcha pelo matagal. Encontrávamos frequentemente nuvens de pó negro, em cuja base chispavam faíscas, fazendo-nos lembrar as colunas que precediam os israelitas no deserto, indicando-lhes o caminho. Quando nos aproximávamos do ribeiro Paratinga, que se lança no rio Uruguai⁶, tributário do rio São Francisco, nascia o sol, e iluminava a nossa frente uma extensa chapada, que subia a oeste, cortada por fossos e ondulações. Alguns grupos de palmeiras isolados não conseguem interromper a monotonia desta região. Depois de cansativa marcha, chegamos à orla do profundo vale Vão do Paranã, no qual fomos descendo por um caminho íngreme, pedregoso, pelo menos uma légua. Percebemos em breve haver entrado agora na formação de blocos de grés, que se segue em geral à do grés multicolor. A cor do grés é

5. *Myrtus dysenterica*. Os sertanejos chamam-lhe *murta-cagaiteira*.

6. *Rio Fermoço*, como se acha no original, em lugar de Rio Formoso é fácil compreender-se. Não assim afirmaram os autores que o Paratinga se lança no Uruguai, afluente do São Francisco. Onde se lê Uruguai, deve ler-se Urucuia. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

branco-acinzentada ou tinta, pelo óxido de ferro, com tonalidade amarelado-ocra, mais ou menos pura, e vermelho-tijolo. Os grânulos de quartzo são unidos firmemente por um cimento argiloso. Estratificação acentuada não é visível; todavia, atravessam este grés pequenas gretas e fragmentos da mescla de pouca siderita, com muitos grânulos duros de quartzo, que por toda parte é conhecido com o nome de grés ferruginoso. Como ele desafia a erosão, em todos os lugares se encontram seixos espalhados. Num filão desta montanha de grés, estratificaram-se, aqui e acolá, no Vão, camadas de marga cinza-amarelada, contendo ferro ou também um xisto argiloso acinzentado. Inclinam-se na primeira hora de nordeste para sudoeste.

A encosta ocidental desta montanha, que, segundo dizem os sertanejos, se estende desde a chapada dos Couros, junto do arraial dos Couros⁷ até longe, ao norte, e forma o divisor das águas entre os afluentes orientais do rio Tocantins e os ocidentais do rio São Francisco, já pertence não mais à província de Minas Gerais, porém à de Goiás. Chegando ao vale, achamo-nos, portanto, noutra domínio, e dirigimos os nossos passos para o posto da fronteira, Contagem de Santa Maria, onde a nossa bagagem, graças às cartas de recomendação do governo assim como acontecera ao entrarmos nas outras províncias do reino, foi isentada do tributo aduaneiro, que, de outro modo, seria cobrado aqui a 1250 réis por arroba de mercadorias importadas.

Os próximos arredores deste posto de fronteira eram, pelos característicos da vegetação e pela sensível diferença do clima, de feição a incitar-nos a seguir adiante, quer ao vale do Tocantins, quer para a capital da capitania, Vila Boa, hoje cidade de Goiás; somente o nosso plano de viagem já estava determinado demais pelas letras de câmbio sobre Bahia e ainda pela falta de recomendações oficiais para as províncias do Norte, que o imperial encarregado de negócio da Áustria no Brasil, o barão von Neveu, nos havia prometido remeter para aquela cidade para permitir-nos fazer tal desvio; e, como depois soubemos que o nosso amigo, o Sr. dr. Pohl, havia escolhido essa província central para especial objeto de suas investigações, podíamos ficar tranquilos acerca do itinerário previamente

7. Hoje Formosa.

escolhido de nossa viagem, embora fosse doloroso no mento termos que voltar as costas à soleira de tão interessante território. O que mais lastimávamos, nesse sentido, era não termos tido antes conhecimento bem exato sobre a navegação do rio Tocantins ao Pará, que, segundo notícias aqui colhidas, nos parecia muito instrutiva e menos perigosa do que supúnhamos. O profundo vale do rio Paranã⁸ ou, como os habitantes chamam, o Vão do Paranã, cuja planície acidentada de outeiros é cortada na proximidade de Contagem de Santa Maria por numerosos cónegos claros (como os riachões de Gameleira, Buriti e Santa Maria) e, semeada de espaçadas fazendolas, por entre arbustos e coqueirais de indaiá, vai-se alargando para o norte até vinte léguas e mais. Assim como a serra, que o limita no lado oriental, também surge a de oeste da chapada dos Couros. No próprio Vão, eleva-se em considerável extensão a serra do Meio, uma série de montanhas bastante altas e íngremes, nuas ou cobertas de mato de catingas, em partes montanhas quadrangulares e isoladas que, segundo a gente do lugar, são inteiramente de pedra calcária e têm algumas grutas⁹. O divisor de águas entre o rio Paranã e a cabeceira principal do rio Tocantins, chamado rio Maranhão, cuja nascente na lagoa Formosa, igualmente numa chapada, a sudoeste daquela do rio Paranã, é citada perto da Fazenda do Mestre de Armas, seria formado por montanha de altura igual à da serra do Paranã, e também composta de grés.

Assim como toda a província de Goiás (**Nota I**), também o vale do rio Paranã é escassamente povoado, e a população aqui custará a tomar incremento, por faltar no subsolo a incrível riqueza de ouro, que, ainda não há cem anos, atraiu os primeiros colonos ao interior desta província (**Nota II**). Criação de gado é quase a única ocupação dos sertanejos, de Paranã; e eles despacham anualmente para a Bahia um considerável número de gado vacum e cavalos, sendo estes últimos os melhores de Goiás. Custa aqui conforme a condição: um boi, 3\$000; uma vaca, 3 até 4\$000; uma égua, 5 até 8\$000; um cavalo, 10 a 12\$000. Somente o comércio de trânsito entre Bahia, Pernambuco e o interior da província anima este vale

8. Afluente do rio Tocantins (Nota da rev., Ed. Melh.)

9. Mostraram-nos belas estalactites de uma dessas grutas, existentes junto ao pequeno arraial de Santa Rosa, na proximidade de Flores.

retirado. Pela via fluvial do rio Tocantins, que desde 1773 pôs em comunicação esta província com a do Pará¹⁰, dista ainda cem léguas. A navegação, nesse caudaloso rio, começa em Porto Real¹¹, junto do arraial de Pombal, onde já tem considerável largura e profundidade. Partindo dali, chega-se à cidade do Pará, em 15 até 18 dias; e, navegando rio acima, gasta-se um mês na viagem. Sobre este itinerário esperamos interessantes esclarecimentos do nosso amigo dr. Pohl, que ele próprio percorreu essa via, em grande extensão. Segundo informação que nos deu um navegante prático, e cuja veracidade é confirmada pela concordância com os relatos de Manuel José de Oliveira Bastos¹², essa navegação é particularmente penosa pelas inúmeras “itaipavas”¹³, pelas corredeiras e pequenas quedas do rio, as quais, em diversos pontos, como, por exemplo, as cachoeiras de Santo Antônio, Itaboca e Praia Grande, obrigam a descarregar parte ou todo o carregamento, em outras sítios, como em Repartimento, Água de Saúde, Cajueiro e Tauiri, tornam necessário aliviar as canoas. Perigosa torna-se a viagem por causa das doenças, como febre intermitente, nervosa ou septicemia, e disenterias, que acometem frequentemente a equipagem, sobretudo ao norte da reunião do Tocantins com o Araguaia, e por causa da hostilidade dos índios ali residentes. Pertencem estes às tribos dos apinajés, pinajés-açus, norogua-jés, xerentes (xarentes), xavantes, carajás, cortis e tapacoás. Habitam parte destas tribos nas matas que ocupam, sobretudo o norte da bacia do rio, e servem-se de pequenas canoas; outra parte vive na região montanhosa, rica em ouro em certas partes, desde o Araguaia até ao divisor oriental de águas entre o Tocantins, o Parnaíba e o rio das Balsas. Como andam errantes por ali e quase sempre têm intentos hostis contra os colonos e viajantes, não se pode precisar bem as relações dessas tribos entre si nem indicar com segurança os limites do seu território. Segundo as notícias, que mais tarde

10. Antônio Luís Tavares Lisboa empreendeu, este ano, a primeira viagem pelo Tocantins, partindo de Pontal, por ordem do governador José de Almeida de Vasconcelos de Sobral e Carvalho.

11. Próximo ao atual Porto Nacional.

12. “Roteiro da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, pelo rio Tocantins, até ao Porto Real de Pontal” (Rio de Janeiro, 1811).

13. Teodoro Sampaio: é vocábulo indígena para exprimir um banco de cascalho, ou travessão de pedras miúdas, no leito dos rios. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)

obtivemos na província do Piauí, parece provável que as três primeiras das tribos citadas sejam divisões dos índios jês, que habitam também essa província, na parte alta do Rio Parnaíba, não numerosos, é certo, porém muito disseminados.

Os xerentes¹⁴ constituem nação numerosa e são antropófagos. Dizem que eles matam e comem até os próprios parentes, quando estes, enfraquecidos pela idade, não conseguem obter o próprio sustento, tornando-se um peso para o resto da família. Nos assaltos às fazendas dos colonos, eles nada poupam, e apoderam-se principalmente dos cavalos, cuja carne apreciam muito. A maioria de suas aldeias situa-se entre o Araguaia e o Tocantins, de onde empreendem as suas incursões.

A mais poderosa e numerosa nação, na parte setentrional de Goiás, são os xavantes, assim como no sul os seus mortais inimigos são os caiapós. Elas habitam em ambas as margens do Araguaia e do Tocantins, e, nas suas expedições devastadoras, tornam-se temíveis, às vezes mesmo às fazendas solitárias do rio das Balsas, na província do Maranhão. Já haviam sido civilizadas diversas aldeias dos mesmos, sem com isso, entretanto, quebrar o poder da tribo, nem proporcionar cidadãos ao Estado, pois os recém-estabelecidos foram vitimados muitas vezes pelas bexigas ou voltaram à liberdade. São estes índios de alta estatura e de pele muito clara. São corajosos, atacam os inimigos francamente e durante o dia, ao passo que os caiapós preferem dar os seus assaltos à noite. Consistem as suas armas em arco e flechas de seis pés de comprimento, e de uma clava de quatro pés de comprimento, achatada na parte superior, como um remo. Para uso desta poderosa arma, habituam-se eles por meio de vários torneios, sobretudo carregando um pesado madeiro de dois a três quintais, que arremessam em plena corrida. O rapaz que não é capaz disso não se pode casar. Vela-se pela castidade dos rapazes, e assegura-se assim a das raparigas; entretanto, permitem ao mais bravo na guerra o convívio com a noiva; a infidelidade conjugal da mulher é, porém, castigada com a morte. Como com todos os selvagens brasileiros, o sexo mais fraco também aqui carrega todos os cuidados do governo da casa e da criação dos filhos. Além disso, são hábeis

14. Devemos as informações que se seguem e que recebemos por escrito, ao sr. padre Jardim de Vila Rica, o qual havia residido por muito tempo em Goiás.

nos trabalhos manuais e se a indolência inata não os impedisse, tornar-se-iam bons operários. Na natação e outros exercícios físicos, distinguem-se tanto quanto na atitude firme e nobre do seu comportamento e pela franqueza das fisionomias; por esta última, sobremaneira se recomendariam as mulheres.

Tampouco lhes é estranha a noção da imortalidade, e têm a esperança de ir, depois da morte, para melhor lugar. Do culto a um ser superior não se encontra, entretanto, vestígios entre eles; a não ser que a festa, celebrada à lua cheia, nos meses de março e abril, se refira a isto. A sua linguagem é menos expressiva, contudo mais rica em circunlóquios e mais doce do que a dos caiapós, a qual seria mais simples, porém enérgica e pela diferente acentuação das palavras exprimiria diversos tempos e emoções. Costumam, às vezes, negociar com os viajantes, no Araguaia e no Tocantins, permutando caça, mel, cera e penas de aves contra artigos de ferro, cachaça, etc. Com o mesmo intento, aparecem no rio, às vezes, os carajás, uma pequena tribo fraca, que já planta ananás, milho, bananas e mandioca, prepara com a raiz desta última uma espécie de pão e uma bebida fermentada; habitam as regiões mais altas, durante os meses das chuvas; e, no período da seca, estabelecem-se perto dos rios.

Para defender os viajantes do Tocantins contra esses índios e fazer o reabastecimento das primeiras necessidades, quando possível, em distâncias menores, o governo já tomou certas providências, que, porém, até agora mal satisfazem aos seus fins. Consiste na organização de uma companhia de navegação a fim de se prepararem portos seguros, armazéns de mercadorias e de mantimentos, e remover obstáculos que, aqui e acolá, embaraçam a navegação do rio. Embora se tenham assegurado aos empresários grandes vantagens, a companhia, ao que sabemos, ainda não chegou a formar-se. A fundação de uma vila, a de São João das Duas Barras, na confluência do Araguaia, como o Tocantins, já foi decretada em 1809; mas são tantos os obstáculos a vencer que, na ocasião da nossa estada em Vão, muito mais êxito prometia a vila de São João da Palma, estabelecida na barra do rio das Palmas, para sede da comarca das Duas Barras. O arraial de São Pedro de Alcântara, que foi fundado ao norte do rio Manuel Alves Grande, também só miseravelmente se sustentaria, proporcionando menos auxílio à navegação do que as fazendas espaçadas, que um maranhense em-

preendedor fundou em Mirador e outros sítios, acima da confluência do Tocantins com o Araguaia, em parte cercados de tribos inimigas, para pouso dos viajantes, e providas das mais urgentes necessidades. Por meio destas fazendas, já se restabeleceu também uma comunicação do rio Tocantins com o sertão de Pastos Bons, no interior da capitania do Maranhão. Enquanto, porém, a província de Goiás, devido à sua principal produção, isto é, gado, mais negocia com a Bahia, Pernambuco e o Rio de Janeiro, do que com o Pará, que é abastecido de gado para corte pela ilha de Joanes¹⁵, na foz do Amazonas; e na parte a oeste, em vez de carne de boi costuma-se alimentar o povo com carne das grandes tartarugas; – enquanto isso se der, a navegação do Tocantins não terá frequência; somente terá o belo rio a sua plena significação para a província central do Brasil, quando se desenvolver ali uma indústria própria.

Goiás, que na maior parte consta de vastas chapadas, e é percorrida por cadeias de montanhas de muitas ramificações, compartilha em geral do clima da sua vizinha de leste, a província de Minas Gerais. A atmosfera é clara e o calor não tem variantes grandes, nem mudanças bruscas. A temporada das chuvas começa em novembro e dura até abril. Durante esse período, chove mais nas montanhas, menos nas planícies em geral muito secas, e as chuvas são frequentemente acompanhadas de trovoadas. Nos meses do verão europeu, nos lugares altos, às vezes é tão sensível a queda da temperatura, que chega a prejudicar as plantações de bananas, cana e algodão. Na grande maioria do território, habitado pelos colonos, não existem as altas matas, que se veem nas províncias marítimas, porém matas baixas sem folhas na seca, cerrados e campinas; nessas condições, também mais se cuida de pecuária do que de agricultura. De gado bovino, cavalos e porcos dispõe a província bastante para o seu consumo. A criação de carneiros, embora o terreno se preste, é feita em muito pequena escala. Açúcar bruto, cachaça, fumo são produzidos em alguns distritos, sobretudo os mais povoados do interior, em quantidade bastante para as necessidades; porém, nos distritos de fronteira, é importado, principalmente da região do rio São Francisco. Algodão e tecido muito grosseiro do mesmo, couros de boi e de veado constituem fracos artigos de exportação.

15. Hoje Marajó.

Resta, portanto, para satisfazer as necessidades em artigos estrangeiros, notadamente os europeus, somente a produção de ouro, que, assim como deu o primeiro ensejo para o povoamento da província, também agora é a mais importante indústria dos goianos; com uma exploração eficiente das minas de ouro, ainda se obteriam os melhores resultados, embora seja geral a queixa a respeito do decréscimo das riquezas minerais e do gradual empobrecimento da província.

Durante a nossa estada, reinava em Contagem de Santa Maria um calor fora do comum. No meio do dia, tínhamos 29^o até 30^o R; de manhã ao romper do dia, e ao pôr do sol, 18^o R; com isso, também estava a atmosfera no estreito e fundo vale completamente enfumaçada pelas queimadas, que devastavam os pastos e matagais das encostas próximas; e, à noite, soprava do sul um vento quente e violento, ao ponto de sacudir o telhado de nossa casa e não nos deixar dormir. Sentíamos-nos angustiados e incomodados, e a resolução, que tomamos, a qual tantas vezes nestas circunstâncias devemos a salvação, de mudar de pouso, foi ainda confirmada por um viajante mineiro, hóspede na mesma casa e que acabava justamente de curar-se de violenta febre nervosa. Limitamos, portanto, o nosso plano de viajar ainda menos até o arraial das Flores, à margem do rio Paranã, no Vão, a uma visita à fazenda de São Roque, distante duas léguas a noroeste, onde morava o comandante deste distrito, o Sr. Frota.

Entre duas montanhas isoladas de pedra calcária da serra do Meio, o caminho levou-nos por um terreno muito desigual, no qual um matagal cerrado e tabuleiros se alternavam com pequenos bosques de palmeiras. A vegetação tem muita semelhança com a do rio São Francisco; mas também se encontram plantas que pertencem às chapadas de Minas e o conjunto de vegetação parece indicar que esta bacia do Paraná possui uma flora própria. Entre as mais notáveis árvores, que aqui encontramos, destaco a paru (*Dipterix odorata* Willd.), cujas sementes são conhecidas pelo nome de fava-de-tonca, e pelo aroma e teor de ácido benzoico se assemelham à baunilha. Na província do Pará, onde é abundante esta árvore e os seus frutos são geralmente colhidos, dá-se-lhe o nome de cumaru. Na casa do comandante, esperava-nos um espetáculo que nunca antes havíamos apreciado.

Não achamos viva alma, nem no pátio, nem na espaçosa habitação, e admirados, já queríamos retirar-nos, quando prantos lamento-

nos chamaram para uma afastada palhoça¹⁶. Ali encontramos toda a família e a numerosa criadagem preta, chorando em volta de um corpo que estava costurado num lençol de algodão como as múmias do Egito. Explicaram-nos que a morte de uma escrava era o motivo dessa lúgubre solenidade, pois os africanos não se deixam demover de prestar, segundo os costumes pátrios, os últimos deveres aos mortos. As lamentações são feitas pelos negros com tanto fervor e vivacidade, que os fazendeiros consideram pouco prudente negar para isso o consentimento. Esta cerimônia religiosa, chamada de *entame* pelos negros, e celebrada, na Guiné, de portas fechadas, e degenera frequentemente na mais licenciosa extravagância, razão por que o Sr. Frota só com a sua presença receava poder contê-los.

Fomos aqui recebidos com todas as demonstrações da mais cordial e ingênua hospitalidade, que parece constituir traço essencial do caráter dos goianos; contudo, só permanecemos um dia ali e regressamos logo para Contagem de Santa Maria, à fazenda do rio Formoso, onde encontramos, é certo, a nossa tropa descansada para novas marchas, porém, um dos nossos mais fiéis tropeiros em tão grave estado, que depois nos felicitamos por tê-lo levado até ao rio São Francisco, onde ficou entregue a cuidados médicos, ao passar para a capitania da Bahia. Em sua doença havia grande parte de nostalgia, a que são sujeitos os mineiros mais do que outros brasileiros, assim como na Europa os habitantes das montanhas.

O regresso dessa fazenda, para Carinhonha no rio São Francisco, o qual fizemos em seis dias, representa, em nossa viagem, um pequeno período, que transcorreu realmente sem resultados da real importância, porém tanto mais rico em puríssimo encanto da natureza. Pela primeira vez nos achamos, durante vários dias, num território deserto, onde não se notava o menor vestígio de homem, e cuja impressão característica sobre o nosso espírito ainda mais se acentuou pela idílica beleza da região. Depois de havermos pousado a primeira noite, ao ar livre, na nascente do Juqueri,

16. As cabanas dos negros, feitas de ripas, rebocadas de barro e cobertas de palha de milho ou com folhas de palmeira, são amiúde construídas como as da África. No Brasil, costumam ser chamadas de *senzalas* ou *palhoças*.

pequeno arroio que deságua no Carinhonha, numa planície guarnecida de palmeiras, alcançamos no dia seguinte o rio Formoso. Este rio, chamado belo, bem merece tal epíteto, pois os seus arredores parecem um jardim extenso, no qual a natureza reuniu tudo que a imaginação de um poeta escolheria para morada de ninfas ou de fadas. Grupos de palmeiras e moitas floridas estão disseminadas na campina viçosa, pela qual flui o rio, em muitas curvas, ora mais rápido, ora mais vagaroso, sobre grés branco, e, a leste, mais próximo do rio São Francisco, conduz as suas águas claras esverdeadas sobre pedra calcária. Sempre na vizinhança desse rio e frequentemente mesmo, ao longo de suas margens, fizemos quadro dias de marcha. Pernoitamos no tabuleiro situado alto, onde, entre palmeiras, árvores anãs de galhos retorcidos, penduramos as nossas redes. As mulas e cavalos foram soltos à noite, no campo com as patas amarradas e, assim, como nós, protegidos contra o ataque das feras por grande número de fogueiras, com que cercamos o nosso bivaque.

Durante o período de sentinela, que costumávamos alterar com os nossos tropeiros, tivemos ocasião de gozar do esplendor das noites estreladas tropicais a cada dia durante a satisfação que a riqueza da região em variadas plantas¹⁷ nos proporcionou, regozijamo-nos dessas horas solitárias de contemplação e recordação. No quinto dia, afastamo-nos do rio, tomando pela planície, que sobe gradualmente para a serra de pedra calcária do rio São Francisco. Aqui encontramos a formação de

17. As campinas desta bela região contêm, além das mais geralmente distribuídas graminéas como *Melinis minutiflora*, *Eragrostis verticillata*, *inconstans*, *Vahlu*, *Arundinella pallida*, *Panicum procurens*, *Paspalus papillosus*, *conjugatus*, *Chaetaria capillacea* etc. várias de distribuição mais limitada como *Paspalus angustifolius*, *Panicum junceum*, *decipiens*, *Oplismenus minarum*, *Vilfa elatior*, *aenea* e *Oplismenus loliaceus*. Distinguem-se dos campos das chapas de Minas pelo seu tapete denso, uniforme e verde viçoso de relva e são chamados Campos mimosos, distintos daqueles outros, Campos agrestes. A designação Campos mimosos é ainda mais frequente nas províncias do Norte. Além das palmeiras *Mauritia armata*, *vinifera*, *Attalea compta*, *Bectris campestris*, apareceram aqui especialmente *Xylopia sericea* e *grandiflora*, *Salvertia convallariaeodora*, *Kielmeyera petiolaris coriacea*, *Amphilochia dichotona*, *Qualea multiflora*, *parviflora*, *Vochysia rufa*, *pyramidalis*, *Anacardium occidentale*, várias espécies de *Malpighia*, *Banisteria*, *Palicourea*, *Myrtus*, *Psidium*, etc.

pedra calcária predominante como no citado rio, e, conseqüentemente, também logo outra vegetação: em vez de campinas viçosas, matagais ressecados, outoniços, ou matas baixas, ralas. Um bando de caçadores que encontramos, convidou-nos para tomar parte na caçada aos veados aqui frequentes; atravessamos com eles um lugar raso do Carinhanha, e, ao meio-dia voltamos outra vez ao rio, em cuja margem setentrional tínhamos que prosseguir até à sua foz no São Francisco. Este rio, que forma aqui a fronteira entre Minas e Pernambuco, corre ao pé de montanhas, ramificações ocidentais da cadeia calcária que acompanha o curso do São Francisco, nesta latitude mais afastada das suas margens. Apresentam-se como montanhas de rocha, isoladas, quadrangulares, de declividade para oeste, ora todas cobertas de vegetação, ora nuas, recortadas, em profundos sulcos e cavernas de estranhas formas.

Examinando estas montanhas de pedra calcária, nas quais se encontram rins de pirita, topei com um animal semelhante à doninha, que corria devagar diante de mim, sobre a pedra. Estava justamente para lhe atirar um calhau, quando ele arqueou um tanto o dorso, apartou as coxas e esguichou um jato de líquido esverdeado de pestilento odor sobre mim, sorte que, por um instante, perdi os sentidos, e fiquei impossibilitado de persegui-lo. Esse mesmo cheiro, tão nauseabundo quanto penetrante, ficou tão agarrado à roupa, que a tornou imprescrutável. Assegurou-nos o nosso guia que esse líquido da jaritataka (*Mephistis foetida*), quando dá nos olhos, pode causar cegueira. Embora esse animal não seja raro no Brasil, não tivemos a sorte de obtê-lo para a coleção, porque os cães, uma vez atingidos por essa arma singular, abstêm-se, receosos, da perseguição, e os sertanejos procuram evitar essa caça, afinal nada perigosa.

A noite, antes de alcançarmos de novo o rio São Francisco, passamo-la embaixo da copa de uma árvore de juá, a única que conserva as folhagens, nesta região seca. O juazeiro (*Zizyphus joazeiro* Mart.), com a sua fronte arredondada de folhagem densa, imprime à paisagem, no interior das províncias da Bahia, Pernambuco e Piauí, fisionomia característica, e é de máxima importância para a criação do gado, nessas regiões, pois as suas bagas, que amadurecem na época da seca, contêm uma polpa mucilaginosa, que é quase o único substituto da erva dos

pastos para o gado, e, por isso, o ano de pouca fruta prejudica os rebanhos. Além dela, vimos, aqui e acolá, uma árvore, que, na verdade, pode ser considerada maravilha do reino de Flora. A barriguda (*Pourretia tuberculata* Mart.) de sessenta a setenta pés de altura, é assim chamada por ter o meio do tronco inchado a um diâmetro de quinze pés, oferecendo o aspecto inusual de barril que ainda mais surpreende o viajante, porque, nestas paisagens pobres, o olhar só raramente encontra formas grandiosas, e, nos meses de seca, a árvore fica desfolhada. O aspecto dessa gigantesca árvore faz lembrar os animais enormes antediluvianos, como se ela fosse o representante de uma vegetação antiga mais maciça. Mas o interior do tronco contém miolo muito balofo, de que se servem os sertanejos, em vez de cortiça.

O arraial de Carinhanha, sito no lado setentrional e não distante da confluência do rio do mesmo nome com o São Francisco, é o povoado mais meridional da província de Pernambuco, que circunda a província da Bahia, a oeste deste último rio. Esta parte meridional da província, entre o rio e as províncias de Piauí e Goiás, por motivo da sua grande distância da capital, mais cedo ou mais tarde se separará como província, e, na ocasião de nossa permanência, presumia-se a sua elevação a comarca ou ouvidoria, com o nome da principal localidade – Pilão Arcado. Pecuária e sal constituem a riqueza desse extenso distrito, e este último artigo anima, sobretudo, o comércio em Carinhanha e no posto da fronteira de Minas Gerais, do outro lado, Malhada.

Para essa vila havíamos despachado por via fluvial de Salgado o excedente de nossa bagagem e marcado encontro com alguns doentes, que desejavam consultar-nos. Partimos, portanto, a 24 de setembro, de Carinhanha, cujos hospitaleiros habitantes fazem valer o seu povoado como superior ao de Malhada, pela posição mais alta e mais saudável. Tomamos uma barcaça, a fim de atravessarmos o rio para o Registro, onde ficamos sossegados, ao encontrar as nossas coleções em bom estado, sob a guarda do sargento-mor, Sr. Tomé Inácio Ribeiro. Este excelente homem deu-nos sobre a importação e exportação da alfândega, que ele administrava como fiel arrecadador dos direitos, algumas tabelas oficiais, que reproduzimos no fim do capítulo. (**Nota III.**)



Paisagem banhada pelo arroio Paratinga. (Martius, Genera et species palmarum.)
“Alguns grupos de palmeiras não conseguiram interromper a monotonia desta região.”

Este posto aduaneiro, além do menos lucrativo do Rio Pardo, o único entre as províncias da Bahia e Minas Gerais, renderia para o Estado, anualmente, de sete a nove mil cruzados. Malhada acha-se à beira da estrada principal – entre a cidade da Bahia, Goiás, Mato Grosso e Cuiabá – na qual trafegam anualmente, de um lado para o outro, vinte tropas grandes de mulas. Como, por uma arroba dos diversos produtos europeus, chamados “do reino”, assim como pelo vinho e até artigos de ferro, se cobra o imposto de 1\$120, a renda, apesar da pouca comunicação com tão remotas regiões, não deixa de ser avultada, e, como o imposto de trânsito também em Goiás se cobra de novo, quando as mercadorias vão mais longe, compreende-se que as fazendas baratas na Europa só a peso de ouro possam ser compradas na fronteira ocidental do Brasil. O sal, extraído nas margens do rio São Francisco, nas províncias da Bahia e Pernambuco, é importado em sacos de couros, *surrões*, cada um dos quais, pesando trinta ou quarenta libras, paga cem réis de direitas de entrada. Importam-se também fumo, vinho e azeite, e, por outro lado, a província de Minas manda farinha de mandioca, milho, feijão, tocinho, carne seca e salgada, cera, couros crus e rapadura. Como as províncias do Norte não raro são flageladas por demoradas secas e más colheitas, o seu interior também é pouco povoado e cultivado, ficam dependentes, em parte, dessa importação e os mineiros, por seu turno, aproveitam-se do sal importado em considerável quantidade para o seu gado, pois só uma parte mínima serve para uso doméstico, visto ser impuro e conter muito salitre. As quantias, apuradas aqui no Registro, são escoltadas para Vila Rica por uma parte do destacamento de dragões da guarnição, pois daquela cidade depende Malhada, embora se localize ao norte do rio Verde Grande, e, portanto na província da Bahia. Queixavam-se de que, justamente este ano, uma escolta, levando 2 contos de réis, já afastada alguns dias de marcha (nós a havíamos encontrado a um dia de marcha de Contendas), tinha-se deixado tentar, e regressara ao rio São Francisco, obtendo com ameaça uma embarcação e, de posse do roubo, havia fugido pelo rio para as províncias setentrionais. Só raras vezes ficam tais furtos ao abrigo do braço da justiça e impunes, mesmo nessas vastas regiões em parte desabitadas, mas dado o estado atual das coisas e o modo da administração, mal poderão ser evitadas.

Malhada, por sua posição insalubre, é entre as povoações do rio São Francisco, a de pior reputação; resolvemos, portanto, permanecer ali só o tempo indispensável para reconstituir a nossa tropa, e nos abasteceremos do necessário para a viagem a Bahia. Os habitantes de cor amarelenta, os soldados de Minas, extenuados, que se consideravam ali em exílio perigoso, e os inúmeros doentes, que nos consultavam por causa de seus fígados e baços constipados, indicavam de sobra que, numa longa permanência em tal região, e sentindo pouco a pouco as consequências de aturadas canseiras, também pagaríamos o nosso tributo. Ademais, não podíamos contar de enriquecer as nossas coleções, pois, pelo continuado calor, toda a vegetação havia desaparecido, os pastos consistiam só em talos ressecados, recalçados como um terreiro; mesmo à beira do rio, muitas árvores tinham perdido as folhas; somente na vizinhança das lagoas, habitadas por jacarés e cobras grandes, é que se avistava verdura, e nas árvores desfolhadas vagavam bandos de sanhaços de linda plumagem (*Tanagra brasiliensis* Lath.). A formação, aqui como no lado ocidental do rio e ao longo do mesmo, descendo até à Vila do Urubu, é pedra calcária. Ao norte desta última, acha-se, numa montanha de pedra calcária, uma grande gruta, cuja fama é espalhada até longe pelos peregrinos da vizinha Capela do Bom Jesus da Lapa.

Às nossas coleções, resultantes da viagem de Vila Rica até aqui, dedicamos cuidados especiais. Como a madeira do país é densa e pesada demais, empacotamos tudo em caixas de pinho, as mesmas que haviam transportado delicadas louças do Porto para o Brasil, e, para maior segurança, revestimo-las com couros de boi. A totalidade da vultosa bagagem constituiu a carga de vinte mulas, para as quais fazer uma viagem de mais de cem léguas, era tarefa difícil nesta época do ano, pela quase completa falta de água no trecho a percorrer. Os perigos desta viagem foram-nos descritos por muitos práticos do caminho, vindos de Urubu e de outros povoados, distantes alguns dias de marcha de Malhada, por ocasião da festa em honra de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos pretos e mulatos, com o seu sacerdote de igual cor. Preferimos, entretanto, enfrentar esses terrores, ainda desconhecidos, a termos que suportar, de novo, as canseiras de uma viagem durante o tempo das chuvas; e, assim, pusemo-nos a caminho, acompanhados por quatro tropeiros recém-contratados, na tarde de 29 de setembro, cheios de saudades para chegarmos à Bahia, junto à beira do oceano, que liga e separa tudo, onde nos sentiríamos de novo mais perto da pátria.

NOTAS DO CAPÍTULO I

I – A população da província de Goiás, segundo a relação oficial de Pizarro de que tive informação pelo Sr. marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, na Bahia (ano 1821), era a seguinte:

Homens livres.....	21.250
Escravos.....	16.000
	<hr/>
	37.250

II – Os trabalhos das lavras deram resultados tão brilhantes que afinal cada um podia contar com o lucro diário de quatro a cinco oitavas de ouro, e aconteceu então, dentro de poucos anos, correrem para ali multidões de todas as partes do Brasil. Segundo se conta, no ano de 1732 estavam doze mil homens ao mesmo tempo ocupados no rio Maranhão (fazendo o desvio do curso e investigando o leito seco). Abandonou-se por esse motivo a plantação de gêneros alimentícios, e as tropas vindas de Cuiabá, São Paulo, Minas Gerais e Bahia, que se dirigiam ao *Eldorado* recém-descoberto, venderam gêneros e fazendas a preços fantásticos.

O descobridor, Bartolomeu Bueno da Silva, governava essa nova colônia como capitão-mor regente, sob as ordens do governador de São Paulo, província à qual havia sido concedido o território de Goiás. Todavia, a ordem e dignidade das leis, entre a população desenfreada, espalhada e dominada pelas mais violentas paixões, só fracas aparências podiam manter. Os primeiros passos para a organização civil e legal foram dados pelo governador de São Paulo, de passagem pela nova comarca. Os fracos índios de Goiás retiraram-se, à vista dos recém-chegados, e atualmente estão exterminados; por outro lado, mostraram-se ali, sobretudo os caiapós, vizinhos perigosos e hostis, contra os quais se fez guerra incessante, em parte com o auxílio dos bororos, trazidos de Cuiabá, até em 1781, quando aqueles reconheceram a soberania de Portugal. Naquela época (1740-1746), ocorreu também o descobrimento dos diamantes nos rios Claro e Pilões, o que deu motivo à designação de um próprio Distrito Diamantino, de quarenta léguas quadradas, e a um contrato com a família dos Caldeiras, para explorar com duzentos escravos o primeiro desses rios. A capitação, taxa *per capita*, que, como nas demais terras de minas, foi imposta sobre os escravos lavadores de ouro (1736), rendeu quantias incriveis para o governo, em muitos anos mais de quarenta arrobas de ouro.

De acordo com os dados da capitação, deveriam estar então ocupados na lavagem de ouro em Goiás, no mínimo, 34.500 homens. Enquanto

durou a capitação, começou a idade de ouro para este território, elevado a capitania própria no ano de 1749, e até 1755 a produção anual de ouro foi avaliada em duzentas arrobas, quantidade que ainda mais surpreende, quando se pensa que, não obstante a abundância, o ouro cunhado no Brasil, do valor legal de vinte e dois quilates, sempre se conservou de igual valor desde aquele tempo, e, de fato, em relação à prata, na razão de 17,01 para 1, o que só se explica pela saída vultosa do ouro para a Europa e Índia oriental. O imposto do *quinto*, que foi instituído, depois da muito impopular ordenança da capitação, persistente apenas quatorze anos, ainda rendeu, nos primeiros anos, maiores quantias, sobretudo no ano de 1753. Porém, dessa época em diante, a renda das minas foi sempre minguando, e a província achou-se incapacitada de desenvolver a indústria e o comércio ao grau que deveriam ocupar, graças à feliz situação e riqueza natural do território.

III – *Tabela de importação*. Nos seis meses secos, abril a setembro de 1816, pela Alfândega de Malhada, para a Província de Minas Gerais.

Objetos de fabricação europeia, principalmente tecidos (Arrobas)	Ferragens (Arrobas)	Escravos	Vinho em pipas	Sal (Bruacas)	Fumo (Arrobas)
362	6	4	14	19.535	49
Valor total: 72:400\$000	54\$000	520\$000	126\$000	12:502\$400	147\$000
Valor de unidade: 200\$000	9\$000	130\$000	9\$000	\$640	3\$000

Importação.....	85:749\$400
Exportação.....	16:408\$320
Mais importado.....	69:341\$080

Nota – Os quatro primeiros artigos foram importados da Capitania da Bahia e os dois últimos, da de Pernambuco.

Tabela de importação. Nos seis meses de chuva, outubro de 1816 a março de 1817, pela Alfândega de Malhada, para a Província de Minas Gerais.

Sal (Sacas)	Fumo (Arrobas)	Objetos de fabricação europeia (Arrobas)	Pipas com líquidos	Ferragens (Arrobas)	Escravos
5.693	42	66	6	6	2
Valor total: 3:643\$520	126\$000	13:200\$000	54\$000	18\$000	30\$000
Valor de unidade: \$640	3\$000	200\$000	9\$000	3\$000	150\$000

Importação.....	17:341\$520
Exportação.....	32:084\$100
Mais exportado.....	<hr/> 14:742\$580

Nota - Sal e fumo foram importados de Pernambuco; os demais artigos, da Bahia.

Tabela de exportação. Nos meses secos, abril a setembro de 1816.

Para a Província	Gado vacum Cabeças	Cavalos Cabeças	Algodão Arrobas	Rapaduras Peças
Da Bahia	542	353	1.352	—
De Pernambuco	—	—	—	64.510
Valor total	2:168\$000	3:530\$000	865\$280	6:451\$000
Valor de unidade	4\$000	10\$000	\$640	\$100
	Aguardente Barrilinhos	Açúcar Arrobas	Fumo Arrobas	Farinha de mandioca Alqueires
Da Bahia	—	—	—	—
De Pernambuco	11	120	9	651
Valor total	33\$000	480\$000	18\$000	1:249\$920
Valor de unidade	3\$000	4\$000	2\$000	1\$920
	Milho Alqueires	Arroz Alqueires	Toicinho Arrobas	Feijão Alqueires
Da Bahia	—	—	—	—
De Pernambuco	192	137	140	205
Valor total	245\$760	263\$040	358\$400	656\$000
Valor de unidade	1\$280	1\$920	2\$560	3\$200
	Tábuas Dúzias	Couros crus de boi Peças	Couros meio curtidos de boi Peças	Total

164 Spix e Martius

Da Bahia	—	—	—	16:408\$320
De Pernambuco	10 1/2	95	47	
Valor total	6\$720	45\$600	37\$600	
Valor de unidade	\$640	\$480	\$800	

Tabela de exportação. Nos seis meses de chuva, outubro de 1816 a março de 1817.

Para a Província	Gado vacum Cabeças	Cavalos Cabeças	Farinha de mandioca Alqueires	Rapadura Peças	
Da Bahia	2.218	1.076	782	20.975	
Valor total	8:872\$000	10:760\$000	2:502\$400	2:097\$500	
Valor de unidade	4\$000	10\$000	3\$200	\$100	
Da Bahia	Feijão Alqueires	Açúcar Arrobas	Toicinho Arrobas	Arroz Alqueires	
Valor total	178	102	130	30	
Valor de unidade	569\$000 3\$200	408\$000 4\$000	416\$000 3\$200	60\$000 2\$000	
Da Bahia	Milho Alqueires	Couros de boi meio curtidos (Sola) Peças	Tábuas Dúzias	Couros crus de boi Peças	
Valor total	126	21	40	119	
Valor de unidade	241\$000 1\$920	13\$440 \$640	25\$600 \$640	57\$120 \$480	
Da Bahia	Aguardente Barrilinhos	Marmelada Arrobas	Algodão Arrobas	Cobertores de algodão para os escravos Peças	Total
Valor total	14	109	1.419	1.957	32:084\$100
Valor de unidade	56\$000 4\$000	279\$040 2\$560	4:473\$000 3\$000	1:252\$480 \$640	

.....

Capítulo II

VIAGEM DE MALHADA, PELO INTERIOR DA PROVÍNCIA DA BAHIA,
PARA A SUA CAPITAL, BAHIA DE TODOS OS SANTOS

O VIAJANTE QUE, durante os meses de seca, levar numerosa tropa pela estrada que tomamos no sertão da Bahia, nunca tem certeza de chegar, com um só dos animais de carga, ao lugar de seu destino. Quanto à segurança pessoal e à imprescindível alimentação, não é preciso que se aflijja, pois diariamente tocará em uma ou várias fazendas; mas água e forragem para as mulas, frequentemente escasseiam e, nas secas prolongadas, podem chegar a faltar em absoluto; neste caso, não raro lhe morrem rapidamente os animais, e ele fica, com a sua bagagem, desamparado, dependente da bondade dos sertanejos. O novo capataz considerou dever referir-nos no primeiro dia de marcha muitos exemplos de infortúnio semelhante e, quando comparamos as suas histórias com a região por onde cavalgávamos, sentíamos-nos ameaçados por igual possibilidade desanimadora. Enquanto beirávamos o rio São Francisco, éramos obrigados a guiar a tropa pelos emaranhados espinheiros do alagadiço; mas, além, a leste, afastando-nos dele, penetramos em bosques de catinga ressecados, onde as únicas plantas verdes eram caules de *Cereus* carnosos, algumas alcaparreiras e *Janiphas* armadas de pelos urticantes (*Cnidoscolus* Pohl.).

O solo ali é formado de pedra calcária, que as queimadas não raro transformam na superfície, em crostas brancas cretáceas. No terceiro dia de viagem, deixamos atrás essa formação entre as fazendas Curralinho e Pé da Serra, onde notamos granito, e sobre este, aqui e acolá, jazidas de grés ferruginoso e poroso, parcialmente decomposto em ocre ferruginosa.

Em lugar dos arroios, completamente enxutos, raramente se nos deparou uma água turva, amarga, enjoativa e viscosa, em poças e cavidades de rocha. Melhorávamos para nós o seu sabor, acrescentando-lhe açúcar e marmelada, porém para os animais não era possível aplicar o mesmo expediente e como várias vezes eles recusaram beber, muito apreensivos apressamo-nos para frente com toda urgência possível. Nova dificuldade se nos apôs: o tamanho das cargas, que não passavam tão facilmente nos caminhos, cerrados pela vegetação, como os sacos arredondados de algodão. Os habitantes destas regiões tristes cuidam, sobretudo, de criação de gado bovino e cavalos. Só raras vezes encontramos plantações de algodão, o qual dá bastante bem aqui.

A primeira coisa que chamou a nossa atenção foram grandes bancos baixos de um granito avermelhado, os quais ora são inteiramente despidos de vegetação, ora cobertos de filas fechadas de cactos. Quando nos aproximávamos da serra dos Montes Altos, nos deu na vista a forma arredondada dos cumes de muitas montanhas e outeiros. Assentados sobre granito, sulcados por profundos regos, não raro abruptos, ou elevando-se, às vezes, gradativamente, e interrompidos por cortes de suave declive, são desprovidos de humo e também frequentemente de qualquer vegetação, razão por que o seu exterior verde-escuro tem um aspecto todo particular. A rocha é uma mistura, intimamente ligada, de fina granulação de anfíbólio verde-escuro, e de feldspato cinza-esverdeado, que contém muito poucas granadas e piritas nele formada, e se caracteriza perfeitamente como diorita. Alguns montes, isolados, elevam-se muito e formam os mais altos picos da serra dos Montes Altos, cuja rocha dominante é um granito finamente granuloso, de textura muito densa, e gnaisse granitoide. Contornamos uma parte desta serra, entre as fazendas Pau de Espinho, Pé da Serra e Picadas e encaramos seu curso em toda a sua extensão, na fazenda real Carnaúbas. A serra aí se apresenta na direção sudeste para noroeste como cadeia de montanhas, cujos contornos principais se assemelham aos dos

outeiros e cumes de rochas individuais por entre os quais serpeava o nosso caminho, em numerosas curvas.

Descobriu-se na serra dos Montes Altos grande quantidade de terra salitrosa, que estaria depositada na superfície e em grutas (de pedra calcária?), porém ainda não se explora seriamente isto, provavelmente por ser proibida a exportação do salitre do Brasil, e pela distância dos lugares onde existem as reais fábricas de pólvora – Rio de Janeiro, Vila Rica e Oeiras. O Brasil é tão extraordinariamente rico nesse apreciado produto, que a liberação do comércio de salitre lhe traria grandes vantagens.

O quinto dia de viagem, depois da partida de Malhada, levou-nos perto de Pajeú, sobre a última cadeia dessas montanhas de granito, uma parte da chamada serra da Gameleira e do seu cume, alegrou-nos a vista de viçosas vargens aprazíveis. Mais estranho do que esses vestígios de primavera, ao lado de uma seca mortal, foi para nós encontrar de novo, na cordilheira oposta – a serra de Caetité, que então galgávamos – a muito conhecida formação de xisto quartzítico, como aparece em toda Minas Gerais. A rocha da cor de carne, inclina-se de sudeste para sudoeste, lá onde está disposta em camadas horizontais, sendo não raro atravessada por filões, de considerável espessura, de um quartzo branco. A cada passo que dávamos, da vargem em forma de bacia, revestida de verde viçoso, perto de Hospício, subindo pela montanha acima, mais e mais íamos encontrando, de novo, um *carrasco* das mesmas plantas de Serro Frio, e particularmente das chapadas de Minas Novas. Aparece, finalmente, num vale cercado de morros, o casario bem caiado da Vila de Caetité, oferecendo aos viajantes cansados um teto hospitaleiro.

Caetité (ou Vila Nova do Príncipe), devido à semelhança de seu clima e da sua vegetação com os de Minas Novas, desde vinte anos se dedica em grande escala ao cultivo do algodoeiro, e tornou-se, assim, um dos mais ricos lugares do sertão da Bahia. Há compradores aqui que remetem anualmente 1.000 cargas de mula para a Bahia. Aqui mesmo mantêm-se o preço de uma carga de seis a sete arrobas entre 22\$000 e 25\$000, ao passo que na Bahia, durante a nossa estada, se oferecia a arroba a 5\$200 e 5\$800. O algodão remetido daqui não é, entretanto, produzido somente nos arredores, porém vem igualmente do extremo ocidental de Minas Gerais. As regiões do norte e de leste daquela província despacham o seu algodão do

lugar de saída, no Arraial do Rio Pardo, para a Bahia, por duas estradas recentemente abertas, via Conquista e Gavião.

Na montanha próxima, especialmente na encosta de nordeste da serra de São Vicente, acharam-se indubitáveis vestígios de ouro, porém não está sendo explorado. Por outro lado, constituem importante artigo de comércio as lindas ametistas, afamadas pela cor escura, e que se acham a dez léguas daqui, no caminho para o rio Pardo, sendo vendidas principalmente aos joalheiros de Minas Novas.

Os habitantes do industrioso povoado deram-nos ocasião para exercer a nossa profissão médica; vieram consultar-nos muitos doentes, especialmente tuberculosos, hidrópicos e doentes de oftalmia reumática. Depois do sol posto, mal nos havíamos recolhido ao quarto de dormir, eis que um de nossos criados nos avisou, tímido, um *valentão*; apenas acabava ele de falar, já um homem agigantado, metido numa capa de cavaleiro, armado de espada e de pistolas, entrou com atrevimento, empurrando para fora o criado, fechou a porta e, sem cumprimentar a ninguém, começou a despir-se, dizendo: “*Senhores estrangeiros, tratem-me, mas depressa, porque não posso demorar aqui!*” – Mostrou no corpo, digno de um Aquiles, muitas feridas e as repugnantes consequências da libertinagem e exigiu imediato tratamento, com impetuosa arrogância e joviais gracejos. O rosto expressivo e de belos traços, quase branco, revelava um mulato do último grau, de cerca de trinta anos de idade. Ousadia brutal, que qualquer resistência transforma em raiva, e tendência para excessos atrevidos, eis a impressão que dava esse homem singular. Nunca havíamos encontrado igual nobreza de físico, aliada a tanta abjeção. Como não tinha vontade de responder ao nosso interrogatório médico, tratamos, depois de passado o primeiro assombro, de executar, calados, a tarefa imposta, preparando remédios de nossa farmácia de viagem e fazendo curativos; e, apenas acabávamos o tratamento, desapareceu o homem, com as palavras: “*Muito obrigado, adeus.*” Ouvimos o galope do cavalo, quando ele se afastava, e ficamos quase a duvidar se aquilo seria sonho ou realidade. Os nossos tropeiros explicaram o mistério, contando-nos histórias de diversos aventureiros, que, deserdados ou empobrecidos, ora levados pelo desespero, ora pela inclinação ao banditismo, vagam pelo sertão praticando atrocidades de toda espécie, quer a serviço de outros, quer por conta própria, e escapam ao castigo da justiça, às vezes por muito tempo, graças ao conhe-

cimento exato da região e ao auxílio de parentes e aliados. Antes de haver no país ordem civil, eram muito numerosos esses bandidos, *valentões*, e amiúde instrumento de odiosos crimes, instigados pela ambição, inveja e o ciúme.

Entre Caetité e a povoação importante mais próxima, a Vila do Rio de Contas, tínhamos de galgar, durante três dias de viagem, um território muito montanhoso. Subimos a serra a leste de Caetité, também formada de xisto quartzítico, internando-nos logo depois, de novo, nas catingas despidas de folhas. Ao entrarmos novamente nessa forma de vegetação, e encontrar imediatamente outra formação geológica, isto é, um granito de granulação grossa, e sobre ele comumente outro de granulação fina, extremamente compacto e duro, de fratura quase porfiróide, confirmou a grande dependência dos diversos gêneros de plantas da espécie de rocha. Extraordinário é o fenômeno, e merece a investigação de futuros observadores; de não havermos encontrado em latitude alguma, em terreno granítico ou calcário, durante tão extensa viagem, formas aproximadas da característica vegetação dos campos, como a que aparece notadamente no planalto de Minas. Do cume dos montes de granito e gnaiss granítico, perto da Fazenda Juazeiro, avistamos, a leste, serras mais altas, por entre as quais ocorre o rio de Contas; também são, na maior parte, cobertas de mata de catingas. Como essa vegetação, agora despida quase de toda verdura, oferece pouca alimentação às mulas cargueiras, notamos preocupados que não era bastante a provisão de milho que trazíamos. Os animais espalhavam-se tão longe durante a noite, apesar de terem peias nas patas dianteiras, que perdíamos a metade do dia a reuni-los. Adoeceram algumas mulas, que tinham comido folhas de icó, uma alcaparreira¹ que, mesmo durante a seca, conserva as suas folhas duras; procuramos curá-las, dando-lhes grandes doses de sal e de óleo de rícino. Foi nessas críticas condições que chegamos à fazenda da Lagoa de Nossa Senhora da Ajuda, onde esperávamos ser socorridos, porque essa é uma das maiores propriedades do senão; mas justamente esse grande núcleo de povoação de mais de cento e sessenta escravos opôs-se ao nosso desejo. Afirmaram que eles mesmos sofriam da carência de milho, e só a grande custo conseguimos comprar a necessária provisão de negros, que cultivavam suas pequenas

1. *Capparis yco*. Os tropeiros acreditam que uma farta ração de milho serve de contra-veneno para essa planta.

roças, nos dias de liberdade. Os donos de tão grandes fazendas raramente residem no sertão. Gastam as suas rendas em lugares mais populosos, às vezes vivendo com incrível aparato, e deixam a administração entregue a um mulato com cuja hospitalidade nem sempre pode o viajante contar. Outros, numa ociosidade voluptuosa, no meio de seu numeroso muralho, inacessível aos estrangeiros, por motivo de indolência ou ciúme.

A leste da serra do Juazeiro, o caminho vai subindo pouco a pouco e segue finalmente por um vale, fechado de ambos os lados por altas montanhas. Para fazer na Vila do Rio de Contas os necessários preparativos, deixei a tropa atrás, na Fazenda Tapera, e, depois do pôr do sol, pus-me a caminho, acompanhado por um guia negro. Apareceu a lua no firmamento violáceo-escuro, iluminando, com claridade extraordinária, a serra de Vila Velha; eu podia facilmente distinguir os audazes contornos dos píncaros e os diferentes grupos de árvores que, todos floridos, nesse vale, espargiam aromas deliciosos. Essa repentina passagem de uma região deserta, ressecada, para uma alegre paisagem primaveril, atuou com estímulo tanto mais forte sobre o nosso espírito, porque, segundo as experiências colhidas até agora e as informações dos sertanejos, até à Bahia não devíamos contar com vestígio algum de renascimento da natureza. Esse reflorir como por encanto da natureza era apenas uma consequência de chuva local, talvez determinada pela conformação das montanhas. Pela primeira vez, desde muito tempo, senti a roupa umedecida pelo sereno, fenômeno que eu não ousava explicar, pela altitude do lugar, e a consequente redução mais rápida da umidade na atmosfera, porque durante os meses de seca, em sítios de igual e maior altitude da província de Minas Gerais, nenhum vestígio de sereno verificamos. Inclina-me antes a atribuir a causa ao vento norte bastante violento, que desde algum tempo eu não havia notado no sertão, onde predomina quase continuamente o vento leste. Também os animais despertavam do entorpecimento, ao influxo reanimador da umidade; milhares de grandes cigarras ensurdeciam-me com o seu chiado forte e monótono, através do qual percebi, enfim, nas proximidades de Vila Velha², o bramido do rio Brumado, corrente clara, que da montanha se precipita para o rio de Contas.

2. Hoje Livramento do Brumado.

Vila Velha foi uma das primeiras colônias estabelecidas no sertão da Bahia, despovoado com o descobrimento das minas de ouro da montanha vizinha, dando ensejo à fundação da Vila do Rio de Contas (1724). Os fazendeiros aproveitaram-se da feliz situação do belo vale, onde estão espaçadas as suas moradas para a pecuária e a cultura do algodão, que ali quase se dá tão bem, como nos terrenos de catingas do rio Gavião e nas chapadas de Minas Novas e Caetité. Um algodoeiro bom produz dez a quinze libras de algodão com caroço e três a cinco libras de algodão beneficiado. Ao contrário, no alto da montanha próxima, esta útil planta não prospera senão raramente. Notamos nas campinas do fundo do vale, cuja vista figura em nosso “Atlas”, numerosos pés de Himenéias, de cujos galhos pendiam ninhos do João-de-pau (*Anabates rufifrons* Neuw.) e uma espécie estranha de formigueiros pretos. Estas casas de formigas são notáveis pela extraordinária dureza e solidez que lhes dão os seus engenhosos construtores com o emprego de cimento animal.

Uma légua a nordeste de Vila Velha, está a Vila do Rio de Contas³. Tivemos de galgar, durante quase duas horas, um caminho íngreme, até alcançarmos o ponto do almejado descanso. A montanha, chamada pelos sertanejos, ora de serra do Rio de Contas, ora de serra da Vila Velha ou do Brumado, eleva-se, pelo menos, uns 1.200 pés acima da Vila Velha, e mostra completa analogia com as montanhas das terras das minas. O sopé da montanha é formado por um micaxisto em geral de lamelas delgadas, ora com predominância de quartzo, ora de mica de folhelhos pequenos, e acima dele jaz um xisto quartzítico avermelhado, e mais em cima branco. A inclinação que tomam essas camadas de muito diversas espessuras, é de nor-noroeste para su-sudeste; a declinação é para oeste, e, realmente, é menor nas camadas inferiores do que nas superiores. A parte inferior da montanha é revestida de mato ralo, cujas gramíneas e fetos arbórescentes têm grande semelhança com a flora de Serro Frio. Na metade do caminho o viajante ouve o bramido da imponente cachoeira do rio Brumado, que se despenha de altura de 150 pés, entre íngremes rochedos. Do topo do caminho, desenrola-se o magnífico panorama do lindo vale de Vila Velha. Quando afinal alcançamos o altiplano, em cuja várzea a vila repousa, pareceu-nos estar transportados à plena vege-

3. Hoje Rio de Contas.

tação de Tijuco: eram os mesmos aprazíveis e viçosos bosques, nas abruptas rochas as mesmas liliáceas arborescentes, embora em menor abundância, as mesmas gramíneas nas vargens, e bromélias e melocactos sobre as lajes das rochas nuas. Já por estas formas de planta, teríamos concluído a existência de ouro nessa montanha; ainda mais pronunciada se torna a semelhança, quando se observa mais rigorosamente a própria formação dos montes. Também aqui o xisto quartzítico, às vezes estratificado em lâminas delgadas e elásticas, é atravessado frequentemente por veios de quartzo branco ora cristalizado, ora compacto, e frequentemente fragmentado, que se dirigem sobretudo de norte a sul. São as mais ricas jazidas do nobre metal; ainda há vinte anos, produziram consideráveis lucros, e atualmente compensariam bem o mineiro, se ele soubesse fazer a exploração devida. Além disso, encontra-se o metal, e às vezes com abundância no cascalho dos rios e córregos, especialmente no rio Brumado ou na areia vermelha e branca. O ouro dos rios distingue-se pela pureza (não raro, de 24 quilates), e pelas grandes pepitas; tem-se achado até pedaços sólidos do peso de oito libras. Em outros sítios, aparece ouro cinzento, sob a forma de pó finíssimo; contém prata e ferro, segundo as investigações de meu venerando amigo, o Sr. conselheiro Fuchs, mas nenhum vestígio de platina. Atualmente, as mais exploradas são as minas do pequeno arraial de Mato Grosso, duas léguas ao norte da vila.

A cordilheira, sobre a qual nos achávamos, estende-se para nordeste, em considerável distância, com os nomes de morro das Almas, serra do Catolé, serra da Chapada, etc., passando até além da vila de Jacobina, que é o principal ponto desta comarca mais ocidental da província da Bahia. Deve conter por toda parte, segundo notícias que nos foram dadas, a mesma formação de xisto quartzítico, portadora de ouro, e, portanto, deve ser considerada como a irradiação mais setentrional daquele extenso sistema de montanhas, que se prolonga desde as planícies da província de São Paulo, com as diferentes designações de serra da Mantiqueira, serra da Lapa, serra Branca, serra das Almas, etc., através da província de Minas Gerais, e é o núcleo principal de sua riqueza mineral. Em Jacobina, exploram-se ainda hoje algumas minas de ouro, e ali, ou em Vila do Príncipe, é fundido todo o ouro encontrado na província da Bahia. A região entre Jacobina e Rio de Contas é, aliás, muito pouco povoada; e, flagelada constantemente pela falta de chuvas, torna-se difícil aqui o serviço de mineração.



Pedras calcárias sobre o rio Carinhanha, corroídas em profundos sulcos no sentido do comprimento, com cumes de singulares pontas, cavados os flancos em escuras covas.



Serra dos Montes Altos, que se destaca por seus cumes nus e arredondados.

Quanto às condições geológicas daqui, pudemos conhecê-las pessoalmente, numa excursão ao morro Redondo, ramo da serra de Vila Velha, a três léguas a noroeste da mesma; fizemo-la, guiados pelo nosso generoso hospedeiro, o Sr. capitão Antônio de Rocha Bastos. Na proximidade da vila, sobre a chapa da montanha, aflora um xisto quartzítico duro, alvacento, muito quartzífero e semelhante ao grés. Sobre lajes nuas, mostraram-nos desenhos irregulares, parecendo sem significação, feitos com tinta vermelha pelos índios que moraram outrora aqui. No morro Redondo, achamos debaixo daquela pedra mais comum e inclinada de norte a sul, na 22^a hora, um granito compacto, avermelhado, e perto do Brumadinho, clara corrente da montanha e que é uma das principais nascentes do rio Brumado, encontramos formada nesse granito uma augita sólida. Seixos rolados desse mineral, de um belíssimo verde e translúcidos eram tomados por esmeraldas pelos sertanejos. Mais tarde, ao norte dessas regiões, por exemplo, na serra de Itiuba, bem como entre esta e o rio São Francisco, verificamos em grande extensão um depósito de pistacita verde no granito, que aqui é de certo modo representada pela augita. A terceira formação, que aqui encontramos é o grés vermelho antigo. Ela ocupa os mais altos pontos da montanha, como no Brumadinho, e tem, sem camadas distintas, num e noutro ponto, uma espessura de várias centenas de pés. Consiste essa rocha em grânulos de quartzo branco-acinzentado, nos quais estão inclusos pedaços de grés quartzítico avermelhado e grauvaça xistosa vermelha e misturada, não raramente, muita mica alvacenta. A esta formação, ou à de uma argila sobreposta, pertencem provavelmente certos rins de siderita, que são ocos, e contêm um pó vermelho muito fino, o qual, segundo o exame feito por meu venerando colega o Sr. conselheiro Vogel, consiste em óxido de ferro, alume, sílica e um pouco de cal e de magnésio, e é empregado pelos sertanejos como tônico. A serra de Itabira, a mais alta montanha deste distrito, deve provavelmente apresentar a mesma formação do grés vermelho, no seu cume cônico. Vimo-lo a noroeste do morro Redondo, surgindo alto no azul do céu, e calculamos que deve ter no mínimo 5.000 pés de altura. Notam-se-lhe, não raro, geadas sobre o cone pinturesco. Na vila, mostraram-nos grandes pedaços de alabastro, que pretendem ser das proximidades do rio Santo Antônio, onde ele apareceria em rochas inteiras. Distingue-se essa rocha por sua alvura e pureza, e é

exportada em grande quantidade para a Bahia, onde com ela são esculpidas imagens de santos e objetos semelhantes.

De maior interesse para o naturalista, são as ossadas de animais primitivos, que se acham à superfície ou enterradas na areia, em diversos pontos do distrito da vila em maior quantidade à margem do rio Santo Antônio, e, na sua vizinhança na fazenda do Bom Jesus de Meira, a oito léguas da vila. Conta-se que ali foram achados um dente do peso de oito libras e um osso do comprimento de cinco pés, servindo este de pia de fonte. Utilizam-se os sapateiros, para dar polimento ao couro, desses ossos limpos de toda a areia, que andam boiando, como pedra-pomes, no rio Santo Antônio. Infelizmente, não nos foi possível obter ossos perfeitos; mais ainda as dimensões dos pedaços, sem a camada cortical já gasta quase completamente, medem apenas na substância celular, seis a oito polegadas, indicam o tamanho gigantesco do animal, ao qual pertenceram; no curso da viagem, pelo norte da província, tivemos oportunidade de observar restos de ossos, que pertenceram sem dúvida alguma a um mastodonte; a lenda, que envolve o referido dente grande, deixa dúvida, entretanto, se as ossadas antediluvianas, achadas nesta região, provêm de mamute ou de mastodonte.

A vila do Rio de Contas deve ter 900 habitantes, e toda a diocese, governada pelo vigário-geral da comarca de Jacobina, aqui residente, contaria 9.000 almas. Como o clima pouco favorece a agricultura, a exploração das minas e o comércio são as mais importantes atividades da população, que, pela educação e riqueza, se distingue dos outros habitantes do interior da Bahia. O professor régio de latim, homem de erudição verdadeiramente clássica, patenteia que os frutos do espírito também amadurecem no mal afamado clima dos trópicos. Além disso, as condições climáticas desta região se aproximam, devido à sua situação alta, daquelas da zona temperada, e particularmente do Tijuco, em Minas Gerais. De manhã, notamos temperatura de 14°R; uma hora depois do meio-dia, 23°R; e, à tarde, ao pôr do sol, 20°R. A época das chuvas parece que se estabelece aqui, com maior regularidade, do que no sertão mais baixo, nos meses de outubro e novembro. As doenças reinantes demonstram feição reumática e inflamatória; pneumonias, hemoptises e tuberculose são mais comuns; muito mais raras do que no rio São Francisco, são as doenças do

abdome, e as perigosas sezões daquela região não se disseminam além da serra da Gameleira, ou, quando muito, na estação das chuvas, até ao vale de Vila Velha; por outro lado, essa zona já algumas vezes sofreu fome devido às más colheitas e ao descuido de oportunas providências. Assim teriam falecido umas 500 pessoas em consequência da penúria geral, nos anos de 1807 e 1808. De armazenar mantimentos nunca se cogitou, e talvez a sua conservação seja muito difícil devido à deterioração e à voracidade dos insetos. Desgraçadamente, a sífilis está também muito espalhada aqui, e suas manifestações, suportáveis sob a ação favorável do clima tropical, transformam-se, às vezes, em perigosas intoxicações mercuriais, devidas ao funesto tratamento.

Deixamos contra a vontade, a 17 de outubro, a aprazível cidadezinha que, pela situação e pela educação e hospitalidade dos seus habitantes, nos fazia lembrar Tijuco, e fomos descendo, pela íngreme encosta oriental da montanha, até à Casa de Telha, vasta fazenda, que possui grandes plantações de algodoeiro, nas matas de catingas vizinhas. Predomina ainda aqui a formação de xisto quartzítico inclinado de norte a sul, na 22^a hora, e o viajante somente a deixa, quando, duas léguas adiante, atravessa o rio de Contas. A formação de micaxisto, que segue agora e que por vezes faz transição para granulito esbranquiçado ou amarelado, depositado sobre o granito, tem inclusos pedaços de um quartzo muito duro, de granulção grossa, celular e cinzento. Acima dessa formação, notamos jazidas de um grés cinzento-claro, um tanto poroso, muito duro, inteiramente semelhante ao que na Alemanha aparece incluso, aqui e acolá, na pedra comum de cantaria. Matas ressecadas, sem folhas no tempo da seca, desenrolavam-se em imensa extensão sobre o terreno acidentado de outeiros ou altas montanhas. Grandes trechos revestem-se de moitas da palmeira ariri (*Cocos schizophylla*), cujos frutos verdes, quando espremidos, dão um suco mucilaginoso, próprio para curar oftalmias benignas; em pontos diversos, elevam-se bosques ralos da palmeira aricuri (*Cocos coronata*), de cujos caules os sertanejos costumam preparar, em tempos de penúria, um pão seco, extremamente pobre de matéria nutritiva. Precisar o povo de um país de riqueza tão exuberante recorrer a tais expedientes, para subsistir, nos parecia incrível, se não houvéssemos visto a miséria em que geralmente vive a gente nesta região do sertão, e se acha bem. Pareceu-nos, entretanto, quanto à

educação e necessidades, que esse povo está em condições inferiores mesmo aos mais remotos sertanejos de Minas. Uma palhoça imunda, tendo em volta uns pés de bananeira descuidados, uma roça de feijão e mandioca, um rebanho de gado e alguns cavalos magros, que devem buscar eles próprios a subsistência, eis a mais alta aspiração desses matutos. Alimentam-se com vegetais, carne-seca, leite, requeijão, e, durante o tempo das frutas, sobretudo com as do imbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arr., e outras espécies), de cujo suco agridoce fazem com leite a *imbuzada*, petisco refrigerante e saboroso. As caçadas e os prazeres do amor sensual são os gozos com que se compensam da solidão. Raras vezes se encontra entre eles um branco de pura raça europeia; muitos são os mulatos; outros revelam, pela cor mais clara do rosto e o cabelo liso, a mistura de sangue indígena e branco; e, como frequentemente herdaram a indolência e irresolução dos antepassados americanos, não raro são, por desdém, alcunhados de *tapuiada*, objetos de desprezo dos seus vizinhos. Singular circunstância, observável em todo o Brasil, é o mulato julgar que a sua origem mestiça lhe dá direito a maior consideração, a qual trata de conservar pelos talentos e a profissão, ao passo que um provérbio popular reconhece, em qualquer mestiçagem com sangue indígena, nada de bom.

Saindo da Fazenda do Seco, tínhamos que galgar de novo uma alta montanha, a serra das Lajes. A sua base é de um xisto argiloso e micaxisto de finas lajes, em geral cinzento-esverdeadas, o qual não raro se aproxima da clorita xistosa e contém octaedros de ferro. No alto, encontra-se xisto quartzítico, como perto da Vila do Rio de Contas, e em cima dele, em vez de catingas, uma forma aproximada da vegetação de Minas; faltam ali, quase totalmente, as liliáceas arborescentes. Na lombada, que se eleva suavemente, ocorrem na vizinhança da Fazenda Lajes, maciças jazidas de ferro; esse metal apresenta-se particularmente, como magnetita dura, de granulação fina, compacta, ou misturada com hematita, como itabirito de finos folhelhos, ou como limonita compacta. Contém esta última, frequentemente, considerável quantidade de estilpnosiderita (ferro fosforado). A situação dessas ricas minas de ferro, na estrada que segue para as províncias do interior, a considerável distância da costa, de onde até agora têm de ser importados todos os artigos de ferro, e a existência de lenha e água, facilitariam de tal modo o estabelecimento de uma fundição neste lu-

gar, que julgamos dever aconselhar tal empresa a alguns ativos negociantes da Bahia, como bom emprego de capital.

A inclinação predominante, do xisto quartzítico, é de norte a sul, nas 22^a, 23^a e 24^a horas, sendo a declinação das camadas em ângulo pronunciado de 40°-60°, para leste. Do mais alto ponto desta chapada, a leste do ribeirão Paraguaçuinho, que deságua no rio de Contas, avistamos à nossa frente a serra do Sincorá, que forma um fundo extremamente pinturesco na paisagem solitária de beleza agreste, com os seus grandes contornos, a modo de fortalezas e os declives suaves, vestidos de matas verdes, porém de um branco ofuscante nas paredes abruptas e nos terraços. Num vale estreito, existente entre esta serra e a de Lajes, fomos dar numa pobre e pequena freguesia, Sincorá.

O vale do rio Sincorá – torrente de águas límpidas, onde ajeitam milhares de borboletas multicolores, guarnecido de melastomáceas, réxias com as suas magníficas flores roxas e andrômedas com flores purpurinas – ofereceu-nos uma das mais belas vistas desta região alpestre. De novo foi-nos muito sensível a falta dos nossos barômetros, o que nos impediu de medir tão interessantes alturas; todavia, calculo em mais de 3.000 pés o mais alto píncaro desta serra. Tudo nos fazia lembrar Tijuco, e de boa vontade mais nos demoraríamos aqui, se não nos obrigasse a seguir para diante a falta absoluta de forragem. Até o próprio vigário moreno do povoado não conseguia obter milho; assim, nada mais nos restava a fazer, senão transpor, na manhã do dia seguinte, a serra de Sincorá.

As camadas do xisto quartzítico aqui inclinam-se norte-sul nas horas 22^a, 23^a e 24^a, numa espessura de um até oito pés, e declinam-se em ângulo forte para leste. A muito custo, alcançamos o desfiladeiro da montanha; pois, para cúmulo dos males, a maioria das nossas mulas cargueiras haviam, durante a noite, comido uma erva venenosa; tremiam, bufavam arquejantes, e deitavam-se nos pontos mais íngremes do caminho, obrigando-nos a transportar as cargas até ao outro lado da montanha, que elas com melhor esforço desciam, porque essa espécie de envenenamento dificulta sobretudo o esforço das subidas. Com muito amargor, por só podermos observar de passagem rápida esta interessante região, descemos a encosta de leste, em forma de terraços, guarnecida com maravilhosas flores alpinas, mal demorando para colecionar estas

plantas, que constituem uma flora muito característica nesta serra. Vasto panorama de uma região de colinas, cobertas de catingas então sem folha, patenteou-se aos nossos olhos, até descermos a uma chapada baixa, onde está a fazenda dos Carrapatos. Esta serra de Sincorá deve ser considerada a última irradiação nordestina do grande maciço da serra da Mantiqueira; ela forma a divisa entre o planalto e a baixada da província da Bahia; a oeste dela, predomina o clima úmido mais instável, mais seco a leste. Ao que consta, foram achados diamantes na sua encosta oriental. Aqui estávamos chegados a o umbral daquela mata de catingas, cuja travessia devia ser muito perigosa e terrível, segundo nos tinham dito os sertanejos. Pois até Maracás, a 20 léguas de nosso pouso, não podíamos contar nem com água, nem com forragem. Na verdade, era desesperadora a nossa situação, e iminente o risco de ficarmos com a nossa bagagem nessa triste solidão, para morrer de inanição. Quanto maior foi a nossa consternação, quando, após uma noite de ansiedade, demos pela falta do capataz, nosso guia, contratado na vila do Rio de Contas; e, depois de baldadas buscas, tivemos que nos convencer de que ele, temeroso de ser capaz de conduzir-nos através do deserto, havia desaparecido. Por culpa dele, as mulas, em sua maioria, estavam machucadas pelas cangalhas, e recusavam-se ao serviço; duas delas já tinham ficado mortas na estrada. A nossa provisão de milho estava quase acabada, sem que nos pudéssemos reabastecer nas roças dos raros e pobres habitantes dali; a água corrente ia faltar-nos, numa distância de 20 léguas, e só em três ou quatro lugares deveriam existir poças com água fétida e salgada. A própria região, uma mata morta e esturrada, contornava-nos como quadro terrível de aniquilação lenta. Nessa extrema aflição, tomamos a resolução de arriscar as nossas coleções, para somente cuidar de salvar as nossas vidas. Levamos as caixas para uma garganta cerrada de mato, em lugar bem assinalado; abandonamos as mulas, doentes e exaustas, entregues à sua sorte, e tocamos o resto da tropa para diante, o mais depressa possível. Porém, nesse maior perigo, estava também o socorro muito perto. De repente, ouvimos o chocalhar da madrinha e logo apareceu uma tropa, bem organizada, constando de uns quarenta e tantos cargueiros fortes, a qual seguia o mesmo caminho, sob a direção de vigorosos tropeiros. O dono dessa tropa, Sr. Agostinho Gomes, honrado fazendeiro da região de Caetité,

compadeceu-se profundamente do nosso desamparo. Ofereceu generosamente algumas de suas mulas para levarem a nossa carga já tão leve, ce-
deu-nos uma parte da sua provisão de milho, e, em suma, encarregou-se
dos cuidados da nossa viagem até ao litoral, onde nos deixou sãos e sal-
vos. Nunca mais tivemos notícias desse excelente homem. Queira Deus
pagar-lhe esse inestimável benefício, praticado com tanta abnegação! Era
natural que nós, em tão crítica situação, déssemos toda a nossa atenção
para os nossos avariados navios do deserto, assim como para a conser-
vação do carregamento; aliás, pensar em auspiciosas pesquisas, naquela
mata ressecada, que atravessávamos não era possível. Tivemos que aban-
donar grande parte dos minerais colecionados, assim como o esqueleto
completo de uma anta e os de alguns jacarés. A formação geológica, por
cima da qual cavalgávamos, era tanto granito, tanto anfibólio xistoso,
xisto-argiloso e diorito xistoso. Essas espécies mineralógicas, ora aflora-
vam no solo, ora estão cobertas com camada, de até 10 pés de espessura,
de uma areia amarela de ocre, de granulação fina, fortemente misturada
com argila, ou de fina marga argilosa. A fertilidade desta terra, não se
falando já na grande falta de água, é muito pouca, e só a custo de grande
esforço se poderá desenvolver aqui o seu cultivo, e a população crescerá
numa proporção sempre muito menor do que em zonas melhor dotadas.
As fazendas são muito espaçadas, quase todas nas depressões e gargantas
onde, em vez de nascentes, se servem de umas poças ou péssimas cister-
nas (*cacimbas*). O arvoredo baixo e muito esgalhado, emaranhado com
espinheiro denso ou cercado com fileiras de cactos, oferecia-nos o aspec-
to de um matagal das catingas, na sua feição mais característica. A imbu-
rana (*Bursera leptophlocos* Mart.), as barrigudas (*Chorisia ventricosa* Nees
e Mart., e *Pourretia tuberculata* M.); os paus-de-rato dos sertanejos da
Bahia (*Caesalpinia glandulosa, microphylla* M.); a catinga-de-porco (*Caesalpinia porcina* M.); a carrancuda (*Caesalpinia acinaciformis* M.); o pau-
-ferro (*Caesalpinia ferrea* M.), diversas espécies de mulungu (*Erythrina*),
uma anona (*Anona obtusifolia* M.), diversas alcaparreiras (*Caparidáceas*),
o imbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arr.), e grande profusão de euforbiáceas,
são as que mais contribuem para a feição dessas matas. Ao lado dos nu-
merosos caules espinhosos dos cereus (*Cactus* ou *Cereus tetragonus, hexa-*
gonus, heptagonus, serpentinus Auct., *Candelabrum* M.) e opúncias (*C.* ou

Opuntia tomentosus, brasiliensis, Ficus indica Auct. etc.), aparece aqui a única eufórbia arbustiforme, sem folhas, que encontramos no Brasil (*Euphorbia phosphorea*)⁴. Achamos arbustos de Jatrofas, de pelos urticantes, e mesmo muitos com flores, porém sem folhas. Ocupei-me, sobretudo, em colecionar líquens crustáceos, que revestiam em grande extensão a casca lisa das árvores. Próximo de Carrapato, aflora sobre a formação granítica um grés muito antigo (cor de cinza), que consiste em quartzo de granulação muito fina, feldspato e mica, e aproxima-se do feldspato pórfico. Acham-se neles inclusos seixos rolados de quartzo, que, pela mistura com feldspato, parecem provenientes do granito.

Perto de Olho-d'Água, o pouso seguinte, onde grandes blocos de quartzo branco brilhante aparecem à superfície, encontramos tão pouca água, que foi preciso reparti-la pelos animais, em ração, numa bacia, razão por que, no dia seguinte de marcha, prolongamos a jornada à excepcional extensão de sete léguas até Jacaré. Tivemos de galgar dois montes bastante altos, de granito, tarefa quase penosa demais para as nossas mulas extenuadas. Acima do granito, encontramos, a espaços, micaxisto cinzento-esverdeado, que, em camadas de 1 a 3 pés de espessura, se inclina de N.N.O. para S.S.E., e, em ângulos de 30° até 40°, declina-se para leste. Porém, o rio Jacaré, com que contávamos ao chegar aqui, estava inteiramente enxuto, e tivemos que contentar-nos com a repugnante água esverdeada de uma poça. Nos meses de chuva, quando esse riacho se enche, parece que determina febres, o mesmo acontecendo a muitas outras pequenas águas desta região, sobretudo com as da vizinhança do rio Paraguaçu. Através da bacia deste último rio, e portanto ao norte de nossa estrada, passam os primeiros caminhos, que foram abertos no sertão da Bahia; recomendam-se pela irrigação melhor e vegetação mais viçosa, mas atualmente são muito pouco usados, por causa das sezões malignas. De resto, também a estrada, pela qual viajávamos, não deixa de exigir o tributo de vítimas, dando evidência disso muitas cruces de madeira à beira do caminho, triste “Memento mori” para nós viajantes exaustos. De fato, sentíamos, também nós, dia a dia mais

4. Como está fora do plano desta narração de viagem o referir aqui as diferentes plantas da formação chamada catinga, limito-me a citar, de passagem, esta eufórbia, que mencionarei depois, por causa da notável fosforescência, que nela observei.

o pernicioso efeito das canseiras, emoções, e principalmente da diferença sensível da temperatura do dia para a da noite, quando, em geral, ficávamos sem abrigo, expostos ao sereno. O dr. Spix sofria de violenta dor de cabeça, e tive séria inflamação no ouvido direito, acompanhada de fortes dores e febre. Com tais padecimentos físicos reencetamos a viagem de Jacaré em diante, durante cinco dias, sem lograr descanso, nem medicamentos, sob teto hospitaleiro, nem achar numa nascente de água a garantia de não morrermos de sede, com toda a nossa tropa, nem, por uma mudança no ambiente, encontrar alegria para enfrentar as tristes provações neste ermo de natureza morta. Nossa vida inteira girava constantemente em torno da questão: “Acharemos água hoje?” E tocados sempre adiante, pelo medo, indiferentes às dores e sofrimentos contra tudo que não dissesse respeito à nossa imediata conservação, descontamos com impaciência as canseiras e perigos já vencidos dos que nos restavam enfrentar. Embora tivéssemos chegado, no fim do primeiro dia de marcha de Jacaré, ao pequeno arraial de Maracás, freguesia de Sincorá, tivemos que prescindir do consolo de ali encontrar um refresco. O lugarejo, além de ruim e muito pobre, estava abandonado pela maioria dos habitantes, retirados então nas suas roças. A água, cuja distribuição às mulas cargueiras, era nossa mais importante ocupação de todas as noites, achava-se, às vezes, em quantidade extremamente escassa, em poças verdes ou negras; continha tanto humo dissolvido, que éramos obrigados a acrescentar-lhe rapadura, para diminuir o amargor. Quanto a nós, mandávamos recolher a água, que se encontrava depositada nas folhas côncavas de bromeliáceas. Era bastante fresca, mas ora poluída pelos pássaros, ora continha rãs. Costumávamos filtrá-la, coando-a diversas vezes por um pano de seda.

O terreno, que já desde Olho-d'Água começa a elevar-se em outeiros e montanhas, continua igualmente acidentado, coberto por catingas, até que, afinal, na proximidade da fazenda do Rio Seco, que alcançamos no quinto dia, a estrada vai descendo gradualmente entre montes de granito, altos e despídos, por onde o viajante chega a uma planície coberta apenas de arbustos secos de alguns pés de altura, proporcionando-lhe mais ampla vista. Julgávamos poder considerar esta extensa região montanhosa como uma parte da Serra do Mar de Minas Novas, onde se apresentam iguais condições geológicas. Perto de rio Seco, está depositado anfíbólio de granulação fina,

e minério de ferro, acima do granito, que, quando disposto em camadas, se inclina de N.N.O., para S.S.E., declinando-se em ângulo forte para oeste. O minério de ferro é magnetita, ora compacta, ora misturada com quartzo, e fortemente magnética, ou oligisto, que não raro substitui a mica no granito. Talvez esse mineral se prestasse a uma exploração, se ali não faltasse o necessário combustível. Depois de termos completado mais um dia de marcha ao norte do rio Seco, e transposto um monte de granito arredondado, coberto de denso verde, o cenário, com grande gáudio nosso, foi-se mudando a pouco e pouco. Aqui havia chovido, e a vegetação, já mais viçosa, graças à proximidade do mar, apareceu-nos no seu esplendor verdadeiramente primaveral. Com esse aspecto, de cuja longa privação sofríamos, sentimo-nos tão reconfortados, que resolvemos fazer uma excursão, para visitar os índios da vila da Pedra Branca, légua e meia a S.S.O. de Tapera, onde havíamos armado o nosso pouso. O dono dessa fazenda acompanhou-nos até lá, por um caminho estreito, entre outeiros cobertos de vegetação densa. Encontramos filas de palhoças baixas, de taipa, e, no meio delas, uma igreja da mesma construção, distinguindo-se somente pela pobre ornamentação com um altar. Defronte desse templo, achamos grande parte dos índios e uns poucos colonos de outras raças, reunidos para ouvir missa. Os indígenas brasileiros, que vivem aqui há uns trinta anos, reunidos sob a direção de um juiz e de um escrivão, pertencem às tribos dos cariris e dos sabujás. Moram os primeiros na própria vila da Pedra Branca; os outros, num povoado chamado Caranguejo, distante 1/4 de hora mais ao sul. Antes de se estabelecerem sob o domínio brasileiro, eles viviam dispersos nas matas das montanhas vizinhas. Atualmente, formam uma comunidade de umas 600 almas. Ambas estas tribos entretêm relações de recíproca boa harmonia, e não se distinguem uma da outra, nem pelo físico, nem pelos costumes e hábitos, mas apenas pela diferença das línguas. São de estatura mediana, bastante esbelta, de constituição nada forte, de cor pardo-clara, deixam crescer o cabelo escorrido, não se deformam pelas tatuagens, nem pelo uso de batoques nos lábios, no nariz, nem nas orelhas, e nos traços do semblante não têm coisa alguma que os distinga dos demais índios do Brasil. Como acontece com os coroados, nas suas relações de completa subordinação aos brancos, nem exerceram influência favorável sobre o seu desenvolvimento espiritual, nem enobreceram a expressão da sua fisionomia. Eles são indolentes, preguiçosos e visionários,

indiferentes a qualquer estímulo, a não serem as mais baixas paixões, e revelam na expressão mesquinha do rosto este estado de decadência moral. Mais propensos a adotar os defeitos do que as virtudes dos europeus, seus vizinhos, preferem passar o dia inteiro caçando, com suas flechas compridas de junco, os ratos-das-pedras⁵ e outros animais, ou cismam como roubar ou matar impunemente o gado dos fazendeiros. Entre si, são muito unidos contra os europeus. Obedecem de má vontade à ordem do intendente municipal, de plantar milho e bananas, e, no tempo de carência geral, confiam no governo, do qual ainda se julgam credores. Praticam as habilidades comuns aos indígenas, tecendo redes e macas com os fios da palmeira tucum, e fazendo louça de barro, livremente a mão. Sabem preparar, com a raiz de mandioca, uma agradável bebida por fermentação ácida, o *cauim*.

Ocupamo-nos, durante horas, a obter desses filhos das selvas vocabulários das suas línguas, o que nos proporcionou ocasião para verificar a extrema inconstância e imprecisão das mesmas. Conceitos abstratos, eles somente no-los significavam de modo incerto e duvidoso, e amiúde tentavam sair da dificuldade, dando terminação indígena às palavras portuguesas. Como a maioria dos idiomas indígenas, as línguas dos cariris e dos sabujás não têm um termo para designar “amigo”, em cujo lugar podem servir-se da palavra “camarada”; quanto isso caracteriza a natureza dessa gente! Essa degeneração da própria língua e a necessidade de já agora recorrerem ao português assinalam de sobra quanto estas pequenas tribos já perderam de sua independência. Tivessem eles nas mesmas condições, como isto se deu, entrado em contato com o resto da população, ou de certo modo se dissolvido nela, dever-se-ia considerar o trato deles digno dos mais altos preceitos da política. Somente não se fez nada mais do que torná-los o mais inofensivos possível para os outros habitantes; quebraram os dentes à fera, sem a domesticar. Constituem os índios, ainda sempre meio-independentes, um Estado dentro do Estado; não se assimilam com os elementos e a vida do Estado, e não possuem influência sobre a comunidade. Foram os jesuítas que tiveram primeiro o mérito de reunir em aldeamentos e vilas os índios dispersos da província da Bahia, e, com perseverança de sua administração pater-

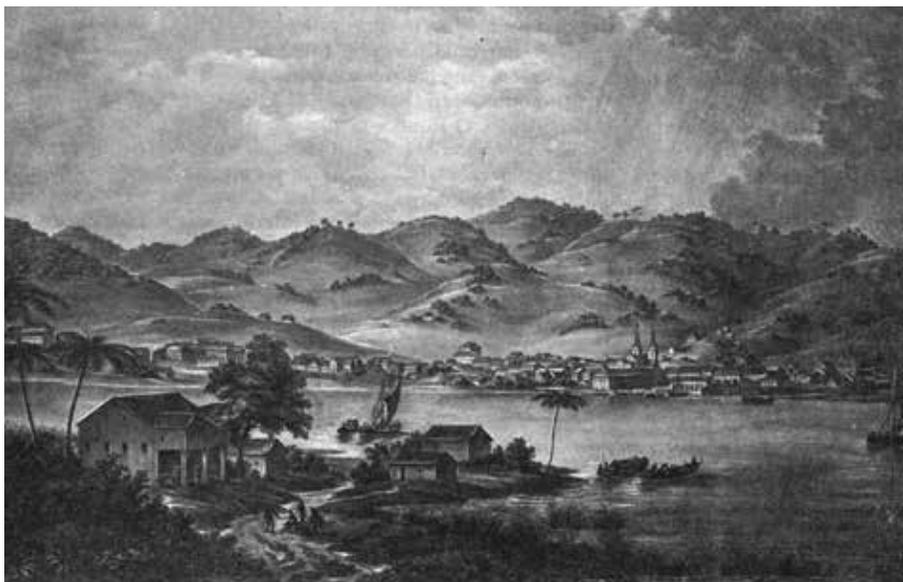
5. Mocós (*Kerodon rupestris*). (Nota da rev., Ed. Melh.).

nal, teriam-nos pouco a pouco cativados para o Estado como agricultores e operários. Desgraçadamente, depois da expulsão desses padres, os selvagens aldeados (índios mansos) foram empregados principalmente nas guerrilhas contra os seus próprios irmãos. Assim, existia também aqui, na vila da Pedra Branca, para a defesa contra os índios, um quartel, que atualmente foi transferido para Conquista. O estado de selvageria e de degeneração moral, em que se acham, não é mais do que a natural consequência daquele serviço. Alguns governadores julgaram notar nesses abandonados desgraçados vocação para a vida náutica; empregavam-nos como marinheiros, servindo-se deles, sobretudo nas viagens costeiras entre a Bahia, Pernambuco e o Rio de Janeiro. Também essa medida não se demonstrou nada proveitosa; os índios detestam a vida marítima e procuram, por todos os meios, furtar-se a ela.

Da vila da Pedra Branca, regressamos à estrada principal, rumo a Tapera, donde, em dois dias de marcha, se alcança facilmente o porto de São Félix, no rio Paraguaçu, e daí a Bahia. Respirávamos de certo modo desafogados numa aprazível região aberta, cuja vegetação já trazia vestimenta primaveril, e cujo cultivo e população sempre crescentes já anunciavam a proximidade de uma grande cidade. Para nós, viajantes extenuados, os pequenos povoados de Curralinho, Jenipapo, Salgado, Catingas, Torto e outros, foram os mais agradáveis aspectos que se nos depararam ali, com as suas capelas, fazendas imponentes com grandes dependências, bem sortidas vendas ou extensas plantações de café, fumo, milho e mandioca. O terreno, pelo qual passávamos, indicava, ainda e sempre, formação granítica; entretanto, em frequente transição para gnaisse, e inclinando-se N.N.O. para S.S.E. entre 1 e 2 horas, declinando-se em forte ângulo para leste. Aqui e acolá (como, por exemplo, perto de Curralinho e Cruz), aparecem entre o gnaisse, e alternando-se com ele grandes jazidas de anfibólio xistoso ou (como perto de Manga-beira) de micaxisto. Foi a 4 de novembro que alcançamos o termo desta tão exaustiva e perigosa viagem; cheios de alegria e gratidão para com a Divina Providência, fomos descendo várias centenas de pés do elevado planalto do continente, por um caminho abrupto, ao porto de São Félix, e achamo-nos à margem do Paraguaçu, rio navegável, animado por grande movimento comercial, à beira do oceano, distante apenas meio dia de viagem fluvial da meta de nossos desejos, a cidade da Bahia.



Vila Velha, ao sopé da serra do Brumado.



*Vila de Cachoeira, vista da margem oposta do rio Paraguaçu,
onde se situa o porto de São Félix.*

O porto de São Félix, à margem sul do Paraguaçu, faz parte, por assim dizer, da grande vila de Cachoeira, sita à margem oposta, e é de grande importância para essa praça, assim como para a da própria cidade de Salvador, como porto de reembarque. Inúmeras tropas recebem aqui as mercadorias europeias, vindas pelo rio, a fim de transportá-las para o interior do império, e reina ali a plena atividade de um porto terrestre, ao passo que na Vila da Cachoeira tudo faz lembrar a vizinhança do mar e o comércio marítimo. O aspecto desta vila, de belos edifícios e movimentada pela atividade europeia, foi um verdadeiro prazer para nós, depois da longa temporada no sertão. Ela reclinava-se ao sopé de outeiros virentes plantados de canaviais e fumo e é, sem dúvida, não só uma das vilas mais ricas e populosas, como também uma das mais aprazíveis de todo o Brasil. Numerosas vendas e lojas, sortidas dos mais diversos artigos europeus, dão boa ideia de animação de seu comércio. A vila conta perto de 1.000 casas e mais de 10.000 habitantes, entre os quais estão relativamente muitos portugueses. Enriqueceu-se este lugar principalmente com o cultivo do fumo, que dá muito bem no seu distrito e numa redondeza de dez léguas. O fumo é exportado para a Europa, especialmente para Gibraltar, Lisboa, Porto, Marselha, Hamburgo e Liverpool em grandes fardos de 30 a 100 libras; para a costa da África, vai em pequenos fardos de 10 a 12 libras. Era antigamente este o principal artigo com que os navegantes brasileiros faziam em Guiné a troca por escravos; mas, depois que o tráfico de negros, ao norte do Equador, foi suspenso por um tratado, ou pelo menos diminuiu muito, devido à vigilância das estações marítimas inglesas, a procura baixou, e nota-se em geral grande decréscimo no negócio do fumo.

Do nosso pouso, no porto de São Félix, fomos muitas vezes percorrer esse lugar movimentado sempre com maior interesse, e, quando entregamos ao juiz de fora as nossas cartas de recomendação, surpreendeu-nos agradavelmente uma carta, vinda de Tijuco, do nosso excelente amigo, o Sr. Ferreira da Câmara, que nos convidava a passar algum tempo no seu próprio engenho de açúcar, o Engenho da Ponte, situado abaixo de Cachoeira, no Paraguaçu. Já no dia seguinte à nossa chegada, o feitor do engenho estava em São Félix, com o seu bote, para nos buscar; aceitamos o convite de muito bom grado, porque tínhamos também de escolher, ao

mesmo tempo, um lugar para pastagem de nossa numerosa tropa de mulas, durante a nossa estada na Bahia.

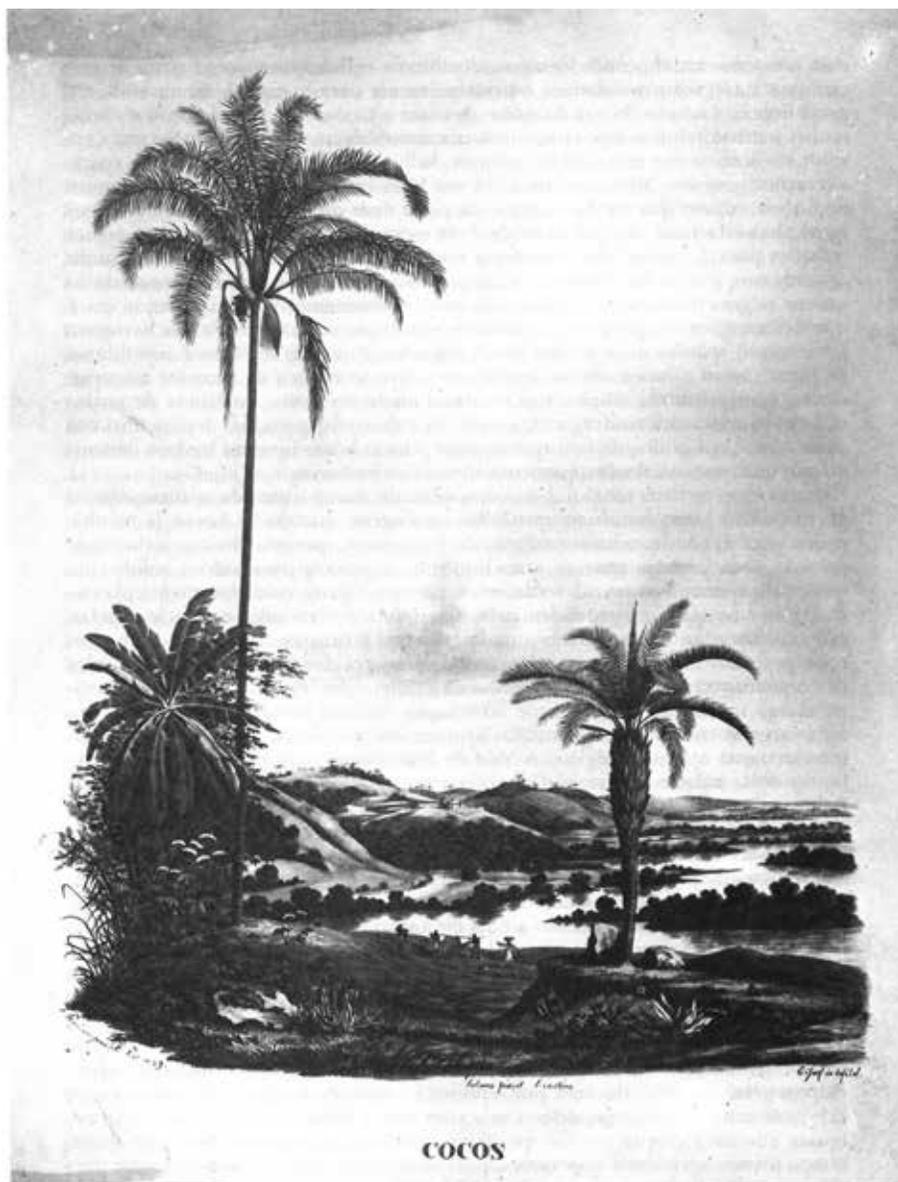
Como o rio Paraguaçu, que é somente navegável até Cachoeira, participa aqui com o oceano vizinho onde deságua, do fluxo e refluxo da maré, é costume iniciar-se a navegação rio abaixo, e principalmente para a capital, na vazante, em geral depois das nove horas da noite. A maré alta durante as luas nova e cheia, muito sensível, aqui atinge o máximo nos meses de março e agosto e começa a subir de janeiro em diante. Nos eclipses da lua, não se observam, via de regra, alterações notáveis. Nos anos de 1754 ou 1755 (talvez na ocasião do terremoto de Lisboa), dizem que a maré subiu doze pés a mais do que costumava. Receamos igual abalo da natureza, na tarde de 7 de novembro, à hora de levar as nossas coleções para a canoa, que nos devia conduzir ao Engenho da Ponte, quando aguardamos a hora da partida. De improviso, o céu cobriu-se de ameaçadoras nuvens negras de trovoada, parecendo estar diretamente deitadas sobre o rio, e que descarregaram, não durante pouco tempo, como tantas vezes antes havíamos presenciado, porém durante seis horas seguidas, torrentes de água e um dilúvio de fogo. Como a canoa aberta dentro em pouco se encheu de água até ao meio, vimos, com profunda aflição, que, embora ainda no porto, os frutos de nossas canseiras ameaçavam naufragar. Quando, na Bahia, só alguns dias depois, abrimos os caixões, verificamos de fato que aquelas poucas horas funestas haviam destruído parte das nossas coleções, particularmente dos herbários.

Como esse terrível temporal nos impediu de partir antes da madrugada do porto de São Félix, fomos compensados na viagem, durante as horas da manhã, com a vista das encantadoras margens do Paraguaçu, que rebrilhavam à claridade do sol. Nada poderia parecer mais lindo ao viajante acostumado à solidão do sertão, do que estes outeiros verdejantes, na maior parte cuidadosamente plantados, sobre os quais e encostados neles se alteram em variada sequência capelas, extensas fazendas, chácaras bem tratadas, oficinas e cabanas de guarda dos negros e de pescadores, assim como escuros bosques, revezando-se com grupos ralos de coqueiros. O rio, perto do Engenho da Ponte, duas léguas abaixo de Cachoeira, alarga-se, formando como que uma lagoa, na qual inúmeras canoas de pesca e de carga se movimentam em todas as direções, indicando quanto é ativo o

comércio, nesta aprazível região. A Vila de Maragojipe, rica povoação situada no fundo dessa baía, concorre não pouco para o tráfego animado com a cidade da Bahia, pois nos seus férteis arredores existe grande número de engenhos de açúcar. O do Sr. Ferreira da Câmara (cujo filho, bem como o administrador do engenho Sr. Venâncio da Costa, mineiro instruído, tivemos o prazer de encontrar lá) está igualmente fornecido pelo rendimento dos seus canaviais, como pela proximidade da água. Exporta anualmente 10.000 arrobas de açúcar para a capital. Dois moinhos, um deles puxado a bois e o outro movido a água, moem não só a cana da própria fazenda; como também a de muitos fazendeiros vizinhos, que não possuem engenho de moer.

Após um dia de descanso neste belo lugar, continuamos a viagem, na canoa aberta, do engenho para a cidade da Bahia, e em breve nos vimos transportados fora das águas negras do rio para as verdes ondas da grande baía de Todos os Santos. As margens baixas desta extensa baía e as suas numerosas ilhas são cobertas, em geral, na beira do mar, por espessos bosques de mangue (*Rhizophora mangle* L.); mais acima e ao longe, deleita-se a vista ante a risonha variedade de aspectos, iguais aos de Paraguaçu. Não podíamos, entretanto, entregar-nos por muito tempo a essas agradáveis impressões, porque o vento mudou repentinamente para norte, e o mar começou a agitar-se de tal forma, que o jogo da embarcação influiu desastrosamente sobre o nosso sistema nervoso abalado, e consideramo-nos felizes de poder chegar, depois do meio-dia, ao ancoradouro da ilha Itaparica, junto do arraial do Santíssimo Sacramento, vulgarmente chamado Vila de Itaparica. Esta vila, pela construção de suas casas e ocupação de seus habitantes, dá ao viajante impressão parecida com a das pequenas aldeias das costas da Ilíria e da Itália. Não lhe faltam lojas e armazéns, nos quais encontramos, com prazer, cerveja inglesa “Porter”, queijo “Chester” e as excelentes linguiças e presuntos do Alentejo, que atualmente constituem artigo português de importação, de não pequena importância. No porto, existem diversas fábricas de óleo de baleia e grande número de crânios e costelas, que empestam o ar com insuportável fedor, provam que ainda hoje os esforços dos baleeiros brasileiros dão bons resultados nestas costas. Desde o cabo de São Roque até ao rio da Prata, aparecem baleias (*Balaena mysticetus* e *physalus* L.) em grande quantidade e os baleeiros brasileiros pescam-nas de junho a agosto, e refinam o

óleo nas fábricas e *armações* da Bahia (onde as refinações se acham na Barra, entre o mar e a capela de São Bento), em Itaparica, Rio de Janeiro, Bertioga (perto de Santos), na Ilha de Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Esses pescadores não navegam, entretanto, na parte setentrional da costa brasileira, em grandes embarcações, como as dos baleeiros do norte da Europa ou alguns empreiteiros norte-americanos, que às vezes aparecem aqui; servem-se, porém, de barcos menores, e só vão ao mar a pequena distância e às vezes só quando de terra avistaram a baleia. Embora esse modo de pescar baleias exija menores despesas, pois o óleo não é extraído, nem embarricado no alto-mar, mas as baleias mortas rebocadas por meio de cabos para a costa e aí mesmo preparado o óleo, é fora de dúvida que esse ramo de indústria, em maior escala e com o emprego de adequados aparelhamentos, daria lucros muito maiores. Os barcos, nos quais se perseguem aqui as baleias, são pequenos, em geral equipados só com um arpoador e os indispensáveis marinheiros, e não raro acontece naufragarem, quando são arremessados às costas ou virados pelas baleias feridas, antes de poder a tripulação cortar a corda do arpão. Contaram-nos diversos casos desse gênero. Também as refinações de óleo de baleia, que visitamos em Itaparica, são muito pequenas e sem as instalações adequadas. Os tachos (frigideiras) têm apenas poucos pés de diâmetro, e são aquecidos por meio de fornos iguais aos dos padeiros; para espumar e refinar o óleo, não existem aparelhos apropriados; os tanques, que guardam o óleo purificado até ao embarricamento, não estão protegidos contra a poeira e outras impurezas, e parece que toda a empresa está entregue a negros e mulatos ignorantes. Com essas imperfeições, não é de admirar que o óleo de peixe brasileiro seja tido como inferior ao óleo preparado nas refinações do norte da Europa, não só pela sua cor parda mais escura, como por conter pedaços de tocinho e pelo cheiro mais desagradável. Grande parte desse artigo, preparado aqui e nas outras armações brasileiras, é consumido no país, ou é empregado nos arsenais portugueses, para o preparo do alcatrão; costuma a gente do povo fabricar com ele um sabão mole, que, entretanto, comunica à roupa um cheiro desagradável. O resto é exportado, sobretudo, para a Inglaterra e França, onde é utilizado nas fábricas de tecidos e para purificação do enxofre. Da Bahia costuma-se exportar o óleo de peixe em pipas de 60 a 70 canadadas. Vendia-se uma canadada, na ocasião de nossa estada por 700 ou 740 réis. (Nota I.)



*Nas margens do rio Paraguaçu. (Martius, Genera et species palmarum.)
“Nada poderia parecer mais lindo ao viajante acostumado à tristeza do sertão do que estes outeiros verdejantes.”*

A ilha de Itaparica, que visitamos não só nesta ocasião, mas também outras vezes depois, vindos da Bahia, é a maior de todas as que se acham dispersas pela enseada; tem seis léguas e meia de comprimento e largura proporcional, e 4.500 habitantes, de cuja atividade dão atestado as extensas plantações de cana-de-açúcar e de fumo. Os coqueiros⁶ prosperam admiravelmente aqui, tanto como, em geral, em todas as regiões marítimas da província da Bahia, onde são plantados profusamente, e produzem não só numerosos como grandes frutos, distinguidos pela maciez da polpa, sendo em parte exportados para o Rio de Janeiro, onde esse coqueiro da Bahia não se desenvolve tão bem. Além desta, a mais nobre entre as espécies de palmeiras, existem, embora não tão numerosas, na ilha da Itaparica, ainda mais duas outras de grande utilidade para os habitantes do Brasil: o dendê e a piaçaba (*Elaeis guineensis* L. e *Attalea funifera*). A primeira, sem dúvida, de origem africana e introduzida no Brasil pelos negros, é excelente por causa do azeite extraído dos seus cocos; a última, uma espécie indígena das matas do litoral da comarca de Ilhéus e da província de Porto Seguro, é muito apreciada pelas fibras resistentes das bainhas de suas palmas, com as quais se preparam em especial cordoarias de piaçaba, cabos, cordas, vassouras, escovas e esteiras grosseiras. (Nota II.)

Faz-se em poucas horas a viagem de Itaparica à capital da Bahia, quando o mar não está agitado, e nós fomos tão felizes na travessia, a 10 de novembro, que ali chegamos cedo bastante para evitar o calor do meio-dia, ao desembarque de nossa bagagem. Tomamos logo uma casa na cidade alta, mas, no terceiro dia, mudamo-nos para outra morada, que nos ofereceu o Sr. Felisberto Caldeira Brant Pontes⁷, comandante das milícias da Bahia, na sua própria bela residência, situada no Arrabalde dos Barris.

6. *Cocos nucifera* L.

7. O nome todo do ilustre brasileiro é Felisberto Caldeira Brant Pontes Oliveira e Horta (1º visconde com grandeza e marquês de Barbacena), nascido em Minas Gerais, a 19 de setembro de 1772, e falecido no Rio de Janeiro, a 13 de junho de 1842. Chegou ao posto de marechal do nosso exército, que comandou na Guerra da Cisplatina; foi deputado à Constituinte de 1823, senador por Alagoas, ministro do Império e da Fazenda, e, entre as missões diplomáticas, que lhe foram confiadas no Velho Mundo, tomou parte na encarregada de obter o reconhecimento da independência do Brasil pela Inglaterra e por Portugal, assim como para o segundo casamento de D. Pedro I. Devem-se-lhe ainda a introdução da vacina jenneriana em nosso país e o primeiro barco a vapor que sulcou as nossas águas. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

A este nobre e espirituoso cavalheiro, amigo do nosso excelente Ferreira da Câmara, quero, antes de tudo, agradecer as inúmeras provas de hospitalidade, com que nos cumulou, dever que se impõe, antes de darmos aos nossos leitores a descrição da segunda capital do Brasil, onde, por pensamento, eles acabam de entrar conosco.

NOTAS DO CAPÍTULO II

I – Já em 1615 faziam os portugueses a pesca da baleia nas costas brasileira; e, como produziu ela grandes lucros, foi posteriormente arrendada pela coroa a uma companhia, os chamados “Contratadores da pesca das baleias”, por 60.000\$000 anuais. Esse sistema de monopólio, ao qual Portugal e Brasil devem o demorado progresso do seu desenvolvimento industrial, teve por consequência que tanto a pescaria era feita sem cuidar do futuro, como o beneficiamento sem o devido aparelhamento. Um escritor patriota clamou sobretudo contra o mau costume de pescadores de baleia matarem os baleotes, que as mães trazem entre as barbatanas, a fim de se assegurarem das últimas; e citou os abusos e defeitos, que reinavam nas acima citadas feitorias da companhia, que trabalhava com escravos próprios. Veja-se, nas *Memórias econômicas da Real Academia de Ciências de Lisboa*, o que escreveu J. B. de Andrada e Silva (Vol. II, pág. 388 e segs.). Segundo diz esse autor, no ano de 1775 foram pescadas 500 baleias só na feitoria em Santa Catarina, e ele avalia (no ano de 1790) o lucro obtido de cada cetáceo em 400\$000. A companhia, à qual tinha sido concedida, tempos antes, também o monopólio do sal nas províncias ao sul do Maranhão, foi dissolvida, depois da vinda do rei D. João VI ao Brasil, e atualmente é livre a pesca da baleia, entretanto, muito insignificante e só sujeita ao pagamento de um imposto sobre o lucro. Deve-se supor que, inclusive as armações de Itapuã, ao norte da Barra, anualmente são beneficiadas em Itaparica e Bahia umas 20 a 30 baleias grandes e pequenas, e, em geral, em todo o Brasil, de oitenta a cem, cada uma das quais terá rendido, na média, quatorze a dezoito pipas de óleo, dando este e as barbas uns 1.500 florins. Nisto está também compreendida a carne, que do ânus até o fim da cauda não seria desagradável, e é muito apreciada pelos negros. É provável que os pescadores de baleias, ingleses e norte-americanos, estabelecidos nas ilhas Falkland, prejudiquem o rendimento da mesma indústria nas costas brasileiras. Nos portos mais ao sul do império, Santos, Paranaguá, Rio de São Pedro, etc., manipula-se uma quantidade não pequena de espermacete, que os pescadores retiram das cavidades da cabeça do cachalote (*Physeter macrocephalus* L.). Este artigo é despachado particularmente para o Rio de Janeiro, onde já existe uma fábrica de velas de espermacete.

II – Se o leitor considerar que as palmeiras despertam a admiração tanto pela beleza característica de suas formas de quem tiver a oportunidade de vê-las no seu país natal, quando são importantes pelas suas múltiplas aplicações para os habitantes dos trópicos, deve estar pronto a desculpar ao autor a particular predileção que vota a essas majestosas filhas do nosso planeta, quando ele aqui se expande, um pouco mais detalhadamente, sobre as mais notáveis entre as palmeiras do Brasil. Embora os brasileiros não obtenham tantas vantagens do coqueiro como os habitantes do oceano Pacífico, cuja existência depende, em grande parte, dessa árvore, e embora também aqui não se conheçam muitos usos dela, como os que se praticam nas Índias orientais,

por exemplo, a *syna*, suco das espádices cortadas para o preparo de vinagre, de xarope e de aguardente, entretanto nenhuma parte desta útil planta deixa de ser empregada pelos brasileiros para vários misteres. Em cada família encontra-se um caneco feito de coco, pendurado acima da moringa, de barro levemente cozido; chapéus, guarda-sóis, peneiras, esteiras, etc., feitos com a epiderme retirada das folhas ou do tecido fibroso que cobre o coco, são fabricados comumente pelos negros, nas suas horas vagas. Os torneiros preparam, com a casca do coco, artísticos vasos, que se veem, às vezes, nas casas ricas, engastados em ouro e prata. O carvão do coco é usado pelos ourives e pintores. Preparar com a polpa de coco, ralada, cozida com açúcar, a *cocada*, é uma das habilidades da dona-de-casa brasileira. Este doce saboroso, especialidade das religiosas ursulinas e de outros conventos de freiras da Bahia, é ali preparado com particular excelência, e com outros doces de frutas, de ananás, manga, jenipapo, pitanga, etc., muitas vezes mandados para a Europa, como presentes. O azeite de coco da polpa de noz, obtido por aquecimento moderado e espremedura, é de cor amarelo-clara, esbranquiçada, muito transparente, e semelhante, em suavidade e pureza de sabor, ao melhor azeite de oliveira e ao óleo de amêndoas. Com dez cocos, pode-se preparar mais ou menos um libra de azeite; e, se for devidamente tratado, não conterà substância mucilaginosa, nem resinosa. Visto plantar-se o coqueiro desde Ilhéus até Pernambuco, por toda a costa, em tão grande escala, é de admirar que ainda pague o Brasil tão pesado tributo pelo azeite de oliveira português. Iguamente, uma fábrica de sabão de soda poderia usar este precioso produto com vantagem, pois convidariam para tal empresa tanto o preço baixo do coco (quando muito vinte réis), como a expectativa de tornar-se ainda mais barato, pelo aumento do cultivo na foz dos rios, assegurando essas fábricas lucro certo com exploração das fibras da casca, para fazer cordas e estopa. Os cordoeiros da fábrica de piaçaba em Itaparica afirmaram-me que, com duzentos e sessenta cocos se pode obter uma arroba de cairo limpo, próprio para cordas e cabos, sem contar a estopa. Embora os coqueiros só prosperem na imediata vizinhança do mar, facilmente se cultivam 5.000 num trecho de costa de uma légua de comprimento. E, dando cada coqueiro anualmente cerca de doze cocos, produziriam 230 arrobas de cairo de boa qualidade e 6.000 libras de azeite ou 10.000 libras de sólido sabão de soda.

A comum palmeira de azeite, coco-de-dendê, que os próprios brasileiros dizem ter sido trazida de Guiné pelos negros, é abundante do mesmo modo que o coqueiro da Bahia, sobretudo nesta última província e em Pernambuco, não somente perto do mar, mas também no interior do continente. O preparo do azeite de dendê dos frutos está entregue aos negros, e, portanto, impróprio. Costumam eles aquecer ao sol ou a fogo brando os cocos maduros, semelhantes em tamanho a um damasco ou a uma pera, esmagam-nos, e espremem-nos frios, ou depois de cozidos em água. O azeite gorduroso obtido deste modo, de cor amarelo-viva e de cheiro nada desagradável, parecido com o da raiz de violeta, contém quase um terço de seu peso de sebo.

Como acontece com o maravilhoso óleo de rícino, depende a sua excelência do cuidado com que se gradua o calor, a fim de evitar a formação de produtos piro-oleosos.

Emprega-se esse mais ordinário azeite de dendê, do qual um só cacho produz perto de duas libras, tanto na cozinha, sendo especialmente apreciado pelos negros, como para lampiões e para fricções. Neste último emprego, os negros tem-no como preservativo de moléstias da pele, e não raro se vê nas ruas da Bahia um negro ocupado a esfregar-se com um coco de dendê assado, e com isso faz de certo modo a sua *toilette*, para as danças noturnas.

A terceira espécie de palmeira, entre as que devo mencionar aqui a *piaçabeira* é de grande importância para a marinha brasileira, e substitui, em muitos sentidos, o cânhamo, que a parte tropical do Brasil não pode produzir. Alcança o caule uns vinte pés de altura, e tem um denso penacho de folhas eretas, cujo pecíolo se desata longitudinalmente em filamentos negro-luzentes ou pardo-escuros. Também a bainha se rasga em fios iguais, mais ou menos regulares. Às vezes, veem-se pendidos em volta do caule filamentos lisos, de seis a oito pés de comprimento. Essa parte é preparada pela maceração em água, ou na areia úmida de beira-mar, e sovando-a e friccionando-a, destrói-se, separa-se o tecido celular, que está de permeio, é empregada para os vários objetos citados acima. Os filamentos mais fortes, da grossura de uma pena de corvo, parecem barbas, e podem servir para os mesmos fins.

Os cabos feitos de piaçaba são particularmente apreciados por sua solidez à água, razão por que também, pela maior resistência, merecem preferência mesmo aos cabos e cordas de cairo. Os operários das fábricas que visitamos afirmavam que a solidez dos fios de piaçaba, em igual grossura, é do dobro dos outros. Também os cocos da piaçabeira e da indaiá, ou pindoba (*Attalea compta*), vão ao mercado da Bahia, sendo os maiores do tamanho de um punho ou de ovo de ganso, extremamente duros; e, conhecidos no comércio com o nome de coquinhos, são exportados para os torneiros europeus. O milheiro de cocos desta palmeira é vendido, na Bahia, de mil e duzentos até mil e seiscentos réis.

Os índios da província da Bahia servem-se ainda de muitas outras espécies de palmeiras para os singelos usos de casa. Assim, por exemplo, eles se utilizam das folhas novas ainda não partidas, da palmeira pati (*Diplolhemium candescens*), as chamadas patiobas, para fazerem cestos e outros objetos trançados, principalmente farinheiras, e coisas idênticas. Servindo-lhes de legumes, eles comem, e isto é geral entre os brasileiros, a parte macia do ponto vegetativo (palmito) – de muitas palmeiras, especialmente da juçara (*Euterpe edulis*), e, com a decocção dos cocos, preparam uma bebida, o *cauim*. As palmeiras de espinhos airi (*Astrocaryum airi*, *Acrocomia sclerocarpa*), dão, com o lenho duro e negro, a matéria-prima para arcos, fusos etc.; e algumas outras, como a *Bactris acanthocarpa*, e a *Astrocaryum vulgare*, dão os resistentes fios do tucum, que os indígenas sabem habilmente tirar e com eles fazer cordas, particularmente cordéis para anzol.

.....

Capítulo III

ESTADA NA CIDADE DE SALVADOR¹ OU BAHIA



QUANDO, PARTINDO DE ITAPARICA, nos aproximamos da ponta da terra oposta da grande baía, onde foi construída a antiga capital do Brasil, tivemos ocasião de verificar, logo ao primeiro lance de olhos, a extensão e riqueza de seu comércio. Embora não comparável, nem em beleza de uma natureza excelsa, nem em obras da atividade humana, à cidade régia do Rio de Janeiro, contudo a Bahia, à primeira vista, desperta no viajante as mais agradáveis impressões, se ele ligar a contemplação às ideias sobre a dignidade do gênero humano e à magnitude dos seus esforços.

A ponta de terra continental, que forma a costa oriental da baía, aprofunda-se do lado ocidental, entre as extremidades sul e norte, o cabo de Santo Antônio e a ponta de Monserrate, em duas enseadas, estando a cidade do Salvador, geralmente chamada Bahia, edificada sobre a do norte, a maior

1. No original, *São Salvador*. Sabe-se que Tomé de Sousa deu à capital do governo-geral do Brasil o nome de “Cidade do Salvador”. É, contudo, certo que esse topônimo não tardou a ser alterado para *São Salvador*. Se o substantivo verbal “salvador” se aplica aí ao Deus-filho, o “são” é demais; portanto este adjetivo apocopado somente se emprega para qualificar homens canonizados. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

numa extensão de quase uma légua. É tão desigual o terreno, e, particularmente a oeste é tão íngreme a escarpa, que, ao longo da praia, só há espaços para uma única rua principal, cortada no meio por alguns becos; outra parte da cidade eleva-se em terraços, a maior das quais ocupa o dorso montanhoso do promontório, numa altura de 100 a 200 e tantos pés acima do litoral. Vastas fachadas de trapiches e armazéns, à beira-mar, e em cima, altas casas de morada, em cuja face para o mar existem compridas varandas de madeira, deixam esperar antes uma cidade comercial e populosa do que belamente edificada. Muitas das mais abruptas ladeiras sem casas são revestidas, ora de moitas agrestes, ora de bananeiras e laranjais, que são para o recém-chegado europeu alegres prenúncios de país tropical. Na parte baixa da cidade, Praia ou Cidade Baixa, é que se encontra o vaivém do comércio. Numerosos navios de todas as nações, que ancoram sob a proteção das baterias do Forte do Mar e do Forte de São Filipe, defronte do primeiro ao norte, descarregam nos espaçosos trapiches da Alfândega, e dali retiram grande quantidade de produtos nacionais. Esta tarefa, assim como o transporte da Alfândega para os trapiches próximos, ocupa também aqui, como no Rio de Janeiro, bandos de negros quase nus, que caminham com as suas cargas soltando brados em intervalos. As lojas abertas patenteiam incrível profusão de todas as mercadorias europeias; são especialmente bem sortidas de fazendas inglesas, chapéus, objetos de metal, artigos de luxo franceses, linhos alemães, ferragens, produtos de Nuremberg, e tecidos de algodão grosseiro, portugueses, especialmente panos pequenos de variadas cores. Também gêneros alimentícios, europeus, e bacalhau, artigo principal de exportação norte-americana, expõem-se abundantemente à venda. As poucas farmácias parecem instaladas como as de Portugal, e são providas copiosamente de específicos ingleses e remédios milagrosos. Algumas pequenas livrarias, nas quais debalde se procuram mesmo as próprias produções da literatura brasileira, não dão alta opinião das necessidades científicas dessa movimentada praça comercial. Tanto mais numerosas são as lojas, onde os lapidários e joalheiros oferecem à venda as pedras multicores de Minas Novas elaboradas em fivelas, alfinetes, brincos, pentes, etc., e correntes de ouro e de prata dos mais diferentes tamanhos. Na verdade, são bastante toscos e sem gosto esses trabalhos; além de serem as pedras raramente bem lapidadas, conforme o gosto dos habitantes, são muito usadas. Uma parte é adquirida pelos sertanejos que visitam a capital, outra é

destinada às negras, especialmente às escravas dos ricos fabricantes de açúcar, que, na elegância domingueira, realçam com o brilho dessas correntes as saias de cassa branca e lindas rendas. Alguns passos adiante, encontramos o mercado de peixe. Não é tão abundantemente provido como o do Rio de Janeiro, e, com o seu aspecto de pouco asseio, repugna ao europeu sensível. Entretanto, para onde quer que ele se vire, sentirá ofendido o olfato e decoro, em meio dos ajuntamentos do povo, ali na praia. No contato com as diversas raças humanas, o europeu tem que deixar de parte certas pretensões.

Embarçados e cansados, atravessamos por entre filas de mulatos que atravancam a rua sentados em bancos baixos, ocupados na profissão de alfaiate; e chegamos à bolsa, aí encontrando asseio europeu na sala ornada com bom gosto e apainelada de madeiras preciosas. Entretanto, causa-nos surpresa ver tão pouca gente reunida ali, mesmo à hora das operações da bolsa; os negociantes brasileiros não estão ainda habituados a fazer as transações em comum, no salão. Quando nos retiramos do edifício, convidou-nos um sacristão mulato, vestido de capa vermelha, com a insistência típica da gente de sua cor, para assistirmos à festa da igreja de Nossa Senhora da Conceição, ali perto. Acompanhamos o homem, através de avultada multidão de curiosos, e subimos pelos degraus ao portal desse templo, que é edificado à beira-mar; embora a sua fachada de pedra de cantaria europeia não seja de estilo grandioso puro, entre as igrejas da Bahia, merece ser distinguida com menção particular. No vestíbulo do templo esperava-nos um espetáculo insólito: as paredes estavam cobertas de variadas fileiras de gravuras em cobre, inglesas e francesas, com as quais se pretendia aumentar, se não a devoção, pelo menos a afluência dos curiosos. Bastante singular era ver-se ali “Leda e o Cisne”, ao lado do “Marechal Blücher”; a “Entrada dos Aliados em Paris”, junto da “Ressurreição de Cristo”; os retratos de um grande monarca e seu primeiro-ministro, perto de “Amor e Folia” e de uma “Taverna Holandesa”, cópia de Van Ostade. O público parecia não estranhar a inconveniência de tal exposição; e, depois de a contemplar, dirigia-se, em grupos cerrados, para o interior da igreja e para as caixas das esmolas.

O Arsenal e as Docas Reais acham-se também nesta parte da cidade. O primeiro está amplamente fornecido de todos os petrechos necessários, e pode equipar e armar em pouco tempo vários navios de guerra. A pólvora para a esquadra brasileira, fabricada em parte nos próprios arredores

da Bahia, a leste da cidade, é conservada nas casamatas do Forte do Mar. As Docas Reais não são grandes, e é por isso que raras vezes se acham em armação diversos barcos ao mesmo tempo; porém, tanto na construção, como no madeiramento, os navios feitos aqui distinguem-se de todos os demais, construídos no Brasil. Os navios mercantes são armados especialmente nas Docas de Itapagipe, situadas a légua e meia a nordeste da cidade. A localidade permite aqui lançar ao mar também os navios de maior calado. (Nota I.)

Depois de ter percorrido esses edifícios, o estrangeiro dirige-se com prazer para a Cidade Alta, para livrar-se da imundície e da multidão da abafada praia. Nas ladeiras íngremes, em parte calçadas com tijolo, quase impossibilitando o uso de cavalos, o viajante encontra *cadeiras* de aluguel, e dois negros robustos carregam-no rapidamente até ao alto, onde o acolhe um sossego inusual e o refrescam suaves brisas marinhas. A maioria das casas desta parte da cidade são construídas de pedra, tendo três a cinco pavimentos, e, em parte, são de aparência agradável, faltando-lhes, porém, no interior, quase sempre, uma certa comodidade, com a qual o asseio das ruas nada tem a lucrar. Uma rua larga, com casas imponentes, sobe até ao teatro, de cuja sacada se goza de uma bela vista de toda a baía e do porto. A parte média da cidade, construída sobre terreno acidentado, mas um pouco mais baixo, contém, por entre as ruas regulares, diversas praças espaçosas, distinguindo-se a do Palácio do Governo. A arquitetura deste e dos edifícios que lhe ficam perto, a Casa da Câmara, a Casa da Moeda, o Tribunal da Relação, é simples, porém insignificante, e a vista da cadeia, embaixo de uma parte do Palácio, no interior da qual se ouvem tinidos de correntes e vozes dos presos, dá a este trecho da cidade uma impressão lúgubre. Muitos desses infelizes, entre os quais também brancos, presos naqueles cárceres, são vistos, durante o dia, carregados de correntes, executando trabalhos públicos nas ruas, serviço censurado pelos donos de escravos pretos, porque fazem muita questão de que se reconheça também moralmente a distância física das raças. O mais notável edifício da Cidade Alta é, incontestavelmente, o antigo Colégio dos Jesuítas, com a sua igreja contígua. Esta última, que serve de Sé, substituindo um antigo edifício arruinado, é atualmente, pelas suas proporções arquitetônicas, o templo mais importante e mais suntuoso de todo o Brasil, monumento do poderio e da opulência dos seus edificadores. Alguns quadros de mestres espanhóis, as decorações de bronze do coro, os preciosos dourados dos altares e

um excelente órgão, foram trazidos da Europa, e os ricos painéis de tartaruga, que guarnecem a sacristia, vieram das Índias orientais. Na sala da biblioteca da Ordem dos Jesuítas, estão expostos os restos daquela coleção. Graças ao zelo do ex-governador, o conde dos Arcos, um dos mais notáveis estadistas, cujas tendências científicas e liberais são sempre reconhecidas com gratidão na Bahia, conseguiu-se por meio de loterias, acrescentar à referida biblioteca uma valiosa coleção de obras novas sobre todos os assuntos, de sorte que hoje já o seu total vai a mais de 12.000 volumes. Acha-se aberto esse instituto a maior parte do dia, porém é pouco frequentado. A maior parte do Colégio dos Jesuítas está agora ocupada pelo Hospital Militar. As demais igrejas da Bahia, em número superior a trinta, são quase todas de arquitetura insignificante, e somente a nova construção dos capuchinhos italianos, afável templo de cúpula, merece menção pelas suas proporções arquitetônicas; pena é ser prejudicada a impressão pelos azulejos multicores da fachada. Entre os conventos das outras ordens religiosas, que existem ali em grande número, nenhum se distingue por beleza de estilo, muitos, porém, por singulares ornamentos, ou pelo tamanho. A Casa da Misericórdia, a Escola Cirúrgica, instalada como a do Rio de Janeiro, o Orfanato para brancos, ultimamente construído, e o Palácio Arquiepiscopal, são edifícios simples, porém em parte vastos. O mais bonito adorno dessa extensa casaria são os muitos jardins, situados de permeio, e embora raramente tratados, conservam todavia, o ano inteiro, o verde viçoso de suas laranjeiras e bananeiras.

Quão profusamente recompensa a beleza da vegetação tropical o cuidadoso trabalho do jardineiro – é o que atesta ao viajante o Passeio Público, situado num dos mais altos pontos, na extremidade sudeste da cidade, perto do Forte de São Pedro. As alamedas de laranjeiras, limoeiros, jambeiros, mangueiras e árvores da fruta-pão, as densas e aparadas cercas de pitangueiras, e os renques de variadas plantas ornamentais do sul da Europa, das Índias orientais e do Brasil, tornam à tarde o mencionado passeio, graças à variação fresca, um lugar aprazível. Do pavilhão construído com bom gosto, o olhar vagueia aqui sobre grupos de ilhas verdejantes da bela baía, ou pousa saudoso no infinito azul do oceano, que o sol poente cobre com cores cintilantes. Entre todos os jardins que vi no Brasil, este é o que mostra mais os característicos da horticultura europeia. Nele encontrei o arbusto da quássia (*Quassia amara* L.), cultivado com o nome da quina peruana, que, entretanto, não se desenvolve bem. Uma inscrição do obelisco, erigido no

ponto mais alto deste jardim, cita a data do ano de 1808, em que D. João VI² aportou à Bahia. Foi ele o primeiro monarca europeu que pisou o solo do Novo Mundo; esse dia marcou uma nova era e grandes progressos.

Na vizinhança do Passeio Público, encontra o viajante a maior fortificação da cidade, o Forte de São Pedro, que a protege do lado de terra. Foi consideravelmente aumentado pelos holandeses, quando, a 9 de maio de 1624, se apoderaram da cidade (Nota II), e, a fim de protegê-la do lado leste, ligaram-no por um fosso fundo que projetavam prolongar, até ao mar. Este grande empreendimento não foi, é certo, concluído; mas o fosso, a que chamam Dique, aqui e acolá murado com tijolos, limita em grande extensão a cidade deste lado, e sempre oferece ainda pontos muito apropriados para uma linha de fortificações. Esse fosso estende-se, na extremidade leste do Arrabalde dos Barris, por entre outeiros revestidos, em encantadora desordem, de moitas cerradas, bosques, plantações, jardins e casaria, que se prestam, já pela configuração variada do terreno, já pela vegetação luxuriante, para os mais belos passeios; são, porém, raras vezes, visitados pelos baianos. No Dique, vivem em grande número jacarés pequenos, de focinho comprido (*Jacaretinga moschifer* Spix), que exalam forte cheiro almiscarado, e, com isso, dão ao viajante aviso da sua perigosa presença. No lado de terra, além dessa fortificação, existe também o Forte do Barbalho que domina, ao norte da cidade, a estrada principal para o continente. O lado do mar está protegido por vários fortes e baterias, zelosamente cuidados e bem providos de artilharia. Na extrema ponta meridional do promontório, estão o forte e o farol de Santo Antônio; depois, a seguir, estão as baterias marítimas de Santa Maria e de São Diogo; e, da fronteira à extremidade sul da cidade, eleva-se no mar sobre uma ilhota de rochedos, o Forte de São Marcelo, chamado geralmente Fortim do Mar. É esta, sem dúvida, a mais importante praça fortificada; a dupla fila de canhões alcança a praia e a parte sul do porto, cuja extremidade norte é defendida pela artilharia do Forte de São Filipe, na ponta de Monserrate. À entrada da pequena enseada de Tapagipe está o Forte de São Bartolomeu. Da eficiência destas fortificações, destinadas a proteger o ponto mais importante da costa setentrional do Brasil, dá atestado a história da

2. O filho de d. Maria I só veio a ser D. João VI, quando a mãe faleceu, aqui, no Rio de Janeiro, em 1816. Enquanto ela viveu interdita, ele governou a monarquia portuguesa com o título de “príncipe regente”. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

resistência da cidade, durante dezoito meses, pelo general português Madeira contra as imperiais tropas brasileiras (até 2 de julho de 1823). Além disso, com a criação de mais alguns pontos fortes nas ilhas da baía, podia-se impedir completamente qualquer ocupação inimiga deste belo e importante golfo, pois a própria natureza concorre muito para a sua segurança.

A entrada da baía, entre o cabo de Santo Antônio e a costa oriental da ilha de Itaparica, tem, quando muito, uma milha alemã de largura e somente na metade a leste oferece segurança à navegação de grandes navios de guerra, pois a oeste o fundo do mar é muito desigual e na costa oriental da ilha Itaparica, 1/4 de hora circundada, mar a dentro, por um recife submarino, e, mesmo na proximidade do Forte do Mar, existem alguns lugares pouco profundos, nos quais os grandes navios podem, por ignorância, sofrer avarias. Além dessa entrada principal, existe outra para o fundo da baía, formada pela margem ocidental da ilha de Itaparica e pela terra firme, que lhe fica frente: chama-se Barra Falsa, e é muito frequentada por embarcações pequenas, que fazem o comércio costeiro entre a comarca de Ilhéus e a capital. Esses barcos, desde o morro de São Paulo, podem evitar o mar alto; porém, para os navios de maior calado, o canal não tem suficiente profundidade, sobretudo na sua entrada ao sul; e no fundo da baía a noroeste, entre a ponta norte da Itaparica, a ilha dos Frades mais ao norte e as fozes do rio Sergipe do Conde e do rio Paraguaçu, existem perigosos lugares, entre os quais os baixios d'Alva e da Salamandra assim como os escolhos perto da ilha do Medo são os de pior fama. Os perigos são tanto maiores, porque a vazante na baía costuma ser considerável e muito rápida, com a direção das águas para o lado de leste da entrada principal. A maré alta começa na lua cheia e a nova, às três horas e trinta minutos, e a preamar eleva-se a nove ou 10 pés. Com a maior segurança, ancoram os navios perto do Forte do Mar, ficando os maiores a oeste do mesmo, e os menores barcos entre esse forte e a cidade; de resto, poderiam as maiores esquadras achar aqui, ao mesmo tempo, um seguro ancoradouro e abrigo, tão vasta é essa parte da baía; e a sua importância para o Brasil torna-se, com isso, ainda maior, porque os portos e ancoradouros, entre Bahia e Pernambuco, assim como igualmente as embocaduras dos rios São Francisco, Real e Sergipe d'el-Rei, com consequência da crescente areação, só podem acolher pequenas embarcações; é perigosa, em geral, a parte da costa, entre a ilha dos Pássaros e Sergipe, sobretudo ao soprar o vento leste, que provoca forte ressaca.



Baía de Todos os Santos, com a Cidade do Salvador (Rugendas).

Em todas as estações do ano, ancoram neste soberbo porto, centenas de navios mercantes. Aqui se desfraldam pavilhões de todas as nações, e, entre esses, muito frequentemente, os das cidades hanseáticas, que, neste último decênio, têm negociado aqui ativamente, sobretudo com o açúcar da Bahia. São em maior número os navios portugueses, vindo depois os ingleses, norte-americanos, alemães e franceses. Ultimamente, também, muitas embarcações das Índias orientais aqui vêm reabastecer-se de mantimentos e fazer aguada. Muitos pilotos são de opinião que não é aconselhável tocar este porto, para não ser retido pelo vento, que costuma soprar de março até setembro na costa para o norte; entretanto, os navios ingleses, em viagem para as Índias, não encontram atualmente dificuldade, de seguir para o sul, mesmo nos meses mais desfavoráveis, de junho a agosto, porque, em geral, o vento sopra para leste,

e tanto mais quanto se avança para sul. O número de navios, que anualmente entram no porto da Bahia, e dele saem, avalia-se hoje, excetuando as embarcações pequenas, em mais de 2.000. Portanto tem quase triplicado desde 1806. Como a praça é abastecida de víveres, principalmente por via marítima, todos os dias se veem chegar muitos botes, trazendo ora além dos produtos das fábricas de açúcar, situadas próximas, e das mercadorias do interior, ora exclusivamente, milho, arroz, farinha de mandioca, aves domésticas, peixes etc. Nada se compara à animação do porto da Bahia, notadamente nas vésperas dos dias de festa, e o observador é inclinado a formar ideia falsa da população dessa província, se não souber que muitas dessas canoas, que ali acodem, vêm de lugares distantes 20 até 30 léguas. A grande maioria dessas embarcações pertence, porém, aos povoados e engenhos da baía, cuja margem, em toda a sua extensão, com a bacia dos rios que nela deságuam e são navegáveis, é conhecida pelo nome de Recôncavo.

A população dessa grande bacia pode ser atualmente avaliada, sem exagero, em 200.000 habitantes, dos quais talvez 115.000 residem na cidade e nos seus dois arrabaldes, Vitória e Bonfim. (**Nota III.**) Ao atento observador dessa população, que consta da mistura de três raças, não escapará que aqui o semblante de traço puramente europeu é relativamente mais raro do que no Rio de Janeiro, para onde têm afluído muitos brancos, em consequência das últimas catástrofes políticas. Notam-se, sobretudo, mesmo nas camadas superiores da sociedade, feições que fazem lembrar a mistura com índios e negros, e tal acontece principalmente em algumas das mais antigas famílias da burguesia, que se orgulham, com razão, de sua origem, considerando-se brasileiros naturalizados, e evocam os méritos dos que fundaram a cidade e expulsaram os holandeses, sob o comando do belicoso bispo Teixeira. Não obstante, nota-se o preconceito contra essa origem mestiça, pelo fato que muitos procuram declarar, mesmo com documentos legais, como, por exemplo, nos registros de batismo, a cor de sua família, de uma tonalidade que dificilmente lhes poderá reconhecer o julgamento imparcial do estrangeiro. Ademais, as tonalidades mais leves da cor não fazem perder o prestígio na sociedade; há pessoas de cor distintamente mista, sem que isso cause estranheza, e somente para o estatístico será difícil determinar o limite entre os de cor e os brancos legítimos, e

contar-lhes o número. A especial posição da cidade e de seus arredores logo indica que na mesma superfície a população excede mesmo a do Rio e sua atividade é distribuída em 3 grupos. A agricultura é de certo modo atribuída aos escravos que orçam nuns 80 a 90.000; as profissões, e em particular as mais baixas, já completamente desenvolvidas na cidade, ocupam a gente de cor; e o comércio, os ofícios mais nobres, a administração dos diversos cargos do Estado e das grandes fazendas e engenhos do Recôncavo, estão nas mãos dos brancos, ou daqueles que assim se consideram. De resto, embora a cor branca enobreça por assim dizer é costume dar direitos a certa posição na sociedade, seria engano, esperar da parte branca da população e mesmo das classes mais elevadas, igualdade de educação e de ideias. A educação e os costumes são os da mãe-pátria, porém muitas vezes modificados pela influência da literatura francesa ou inglesa, ou pelas vicissitudes da vida, especialmente conhecimento ou desconhecimento da Europa. Quanto atua no desenvolvimento dos brasileiros uma estada em nossa parte do mundo, tem o europeu muitos agradáveis ensejos de verificar; predomina, contudo, especialmente entre os ricos fazendeiros e negociantes da Bahia, certa aversão por mandarem os filhos a Portugal, receando ora má companhia, ora casamento inferior. Ainda mais variadas do que a educação, são as opiniões políticas dos brancos; nesse sentido, divide-se a população da Bahia e da vizinha Pernambuco mais do que a de qualquer outra província do Brasil, em dois partidos, cujos atritos já deram desgraçadamente lugar, nestes últimos tempos, a perturbação de vulto. Um lado, de mais fina educação e mais sólidos conhecimentos mostra maior apego a Portugal e à conservação das leis e das instituições; o outro partido, destituído, as mais das vezes, dos conhecimentos mais elementares, e parcial, sem experiência da vida, propenso às doutrinas errôneas de obras chamadas liberais, esquece os grandes méritos de Portugal e do atual governo, está inclinado a exagerar o presente desenvolvimento de cada província, que ele desejaria considerar só como Estados federados. Esse partido da população olha com inveja e desconfiança para os imigrados portugueses (filhos do reino) e costuma dar-lhes, por menosprezo, a alcunha de *pés-de-chumbo*. Entretanto, não são exclusivamente os brasileiros natos que seguem esta opinião política, porém ainda outros, nos quais ela se desenvolveu e se arraigou, por motivo de acontecimentos particulares. Como veículos e favorecendo

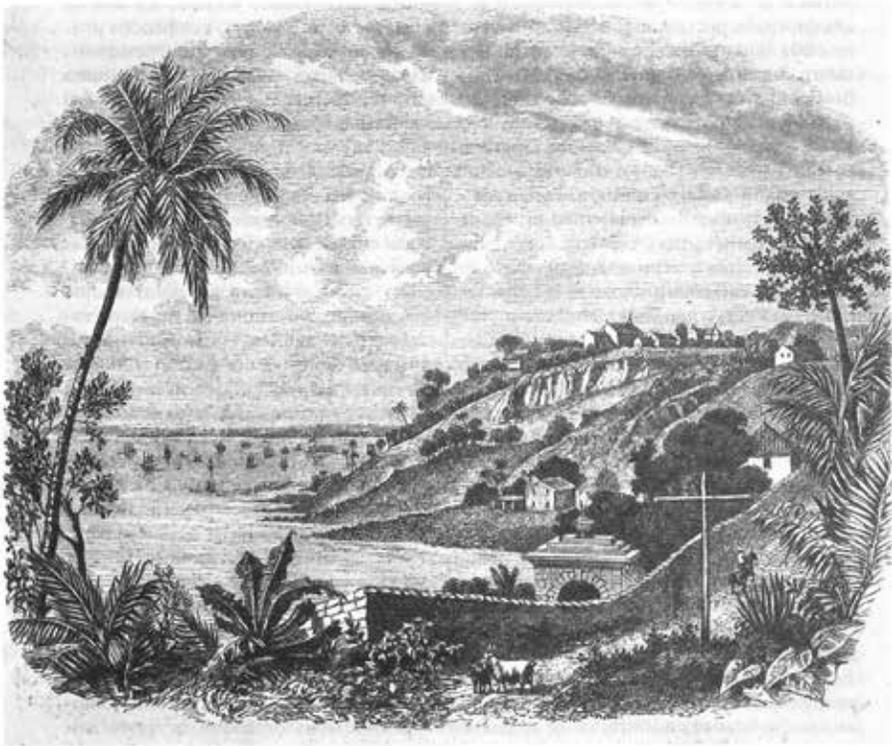
tais ideias, devemos citar certos grêmios, criados sob o nome de lojas maçônicas, os quais, longe de conservarem a feição humanitária e inofensiva das sociedades congêneres da Europa, se aproveitam da inexperiência e ociosidade, para espalhar o gosto pelas inovações e despertar extravagantes esperanças e desejos de melhores condições políticas. É a contragosto que fazemos estas alusões; julgamos, porém devê-las aos leitores, descrevendo, ao menos de passagem, o ambiente das opiniões, os recíprocos desejos e pretensões, os receios e esperanças, que atuando ocultos no íntimo ainda se conservam fechados no presente como caixa fatídica de Pandora.

Como em todas as cidades mercantes, também aqui os esforços científicos são de importância secundária, e raros são os homens que, por gosto e vocação, se dedicam às ciências. Entretanto, os baianos apreciam os seus concidadãos eruditos, entre os quais goza da mais alta consideração o dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, distinto médico clínico, conhecido pela sua variada atividade científica em assuntos de medicina prática, matéria médica, botânica e química. Tanto aqui, quanto no Rio de Janeiro, o francês é muito mais falado do que a língua inglesa, embora as relações comerciais com a Grã-Bretanha sejam muito mais importantes. No teatro, raramente se reúne sociedade proporcional ao número da população; somente nos dias de gala é que se enchem as três ordens de camarotes do espaçoso edifício com senhoras embelezadas de joias preciosas e cavalheiros, e a plateia com homens de todas as condições e cores. Antes de começar a representação, poderia o espectador irônico, apreciando a pintura do pano de boca, achar nos traços dele uma alegoria nada favorável aos baianos. Um mulato de gigantesco porte, empunhando na mão esquerda o caduceu de Mercúrio, está sentado, em atitude grave, sobre uma caixa de açúcar, e mostra à deslumbrada assistência, com a destra estendida, a ofuscante riqueza, exposta num cofre aberto, cheio de ouro, ao passo que, a seus pés, umas crianças, figurando gênios, brincam com o globo e os emblemas de Minerva. Também neste teatro figuram principalmente artistas de cor; os brancos só raramente, em papéis representados por estrangeiros. Os sacerdotes e sacerdotisas das Musas, que vêm de Portugal em romaria ao templo de Talia do Rio de Janeiro, são bem acolhidos aqui, não podendo, contudo, exigir do público uma constante seriedade. Para tragédias, o clima é demasiado quente, e até os naturais de países nórdicos preferem divertir-se com alegres representações, ligeiras

e engraçadas, do que com as grandiosas criações de Calderón, Shakespeare, Racine ou Schiller. Estes nomes dificilmente já foram ouvidos pelo grande público da Bahia; de preferência, costuma-se representar aqui a tradução de modernas comédias ou dramas espanhóis ou franceses, e, depois, uma trivial farsa, para divertir a plateia. A orquestra do teatro é bem exercitada, e toca com maestria aberturas de Pleyel, Girowetz, Boieldieu e Rossini; pois os brasileiros são todos músicos natos. Além do teatro, são frequentados recentemente ainda alguns pontos de diversões, onde a sociedade se entretém com jogos de cartas, de prendas e víspera. Nos cafés e em certas farmácias é, porém, onde principalmente se reúnem sociedades particulares, para se entregarem apaixonadamente a jogos de cartas e de dados. Nas casas mais ricas dão-se, de quando em quando, grandes banquetes, nos quais o dono da casa ostenta o esplendor real, às vezes antiquado, de seu mobiliário e prataria de mesa, e os convidados, trazendo espadim dourado à cinta, segundo a antiga moda portuguesa, sob o constrangimento de certa etiqueta, gozam dos prazeres da lauta mesa. Em outras sociedades, fica-se mais à vontade; antes de se sentarem à mesa, passam os convivas ao quarto contíguo, para mudar uma jaqueta branca de tecido finíssimo, a fim de comerem mais à fresca, e, em geral, também para esse fim se fecham as venezianas. Nesses jantares, aparece no fim um grupo de músicos, cujos acordes, às vezes desafinados, convidam ao lundu, que as senhoras costumam dançar com muita graça. O canto e a animação, que empresta o apreciado champanha, alegam essas reuniões, cujos convidados só se dispersam, muitas vezes, ao romper do dia. Para as classes inferiores, são os passeios, nos dias de festa, os divertimentos preferidos, e aproveitam-se da ocasião dos dias santificados dos diversos padroeiros para os festejar no Recôncavo com as feiras, que são concorridas por grande multidão. Os festejos de Nosso Senhor do Bonfim, no arrabalde desse nome, os quais se celebram duas vezes ao ano, atraem inumerável aglomeração de povo, e duram, com a iluminação da igreja e dos edifícios próximos, alguns dias e noites. O vozerio e os divertimentos extravagantes do grande número de negros, ali reunidos, dão a essa festa popular uma feição estranha e excêntrica, da qual só pode fazer ideia quem observou as diversas raças na sua promiscuidade. Igualmente atrativos para o observador são as particularidades das diferentes classes e raças, que se manifestam, quando, acompanhando uma procissão religiosa, passam pelas ruas da Bahia. O luxuoso

préstito de numerosas irmandades de gente de todas as cores, que procuram exceder-se mutuamente com a riqueza de suas opas, bandeiras e insígnias, alas alternadas de beneditinos, franciscanos, agostinianos, carmelitas calçados e descalços, mendicantes de Jerusalém, capuchinhos, freiras e penitentes, escondidos estes sob os seus capuzes; e, além desses, as tropas portuguesas de linha, com o seu porte marcial, e as milícias pacíficas da capital; a gravidade e unção dos padres europeus e todo o brilho do culto romano antigo, no meio do barulho selvagem de negros exaltados, e quase queria dizer meio pagãos, e cercados pelo tumulto de mulatos ágeis: tudo isso constitui um dos mais imponentes quadros da vida, que o viajante possa encontrar. Como num espelho mágico, o espectador, admirado, vê passarem representantes de todas as épocas, de todos os continentes, de todos os gênios, toda a história da evolução humana, com os seus mais elevados ideais, as suas lutas, culminâncias e obstáculos; e esse espetáculo, único, que nem a própria Londres nem Paris poderiam oferecer, aumenta ainda de interesse, quando se cogita na seguinte interrogação: – Que é que poderá trazer o quarto século para um país que em apenas três pôde assimilar todas as orientações e graus de civilização, pelas quais o gênio da humanidade conduziu o Velho Mundo durante milênios?

As escolas da Bahia, dirigidas todas pelos jesuítas, antes da expulsão da Companhia, são também regidas atualmente por alguns monges, sobretudo porém por sacerdotes seculares. Estes lecionam no Ginásio, onde há aulas de grego, latim, matemáticas, lógica e metafísica; as escolas municipais, confiadas a leigos, estão igualmente sob a fiscalização dos vigários. O dr. Paiva, também dava, outrora, aulas de química e de história natural. Para a formação de sacerdotes, existe – assim como no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Vila Rica – um seminário sob a superintendência particular do arcebispo. Os rapazes aqui preparados seguem o curso de jurisprudência exclusivamente em Coimbra, e o estudo da medicina é feito por alguns também em Edimburgo ou Paris. Os ricos senhores de engenho e outros fazendeiros costumam confiar a educação dos filhos à direção de sacerdotes seculares, aos quais estão também entregues as práticas religiosas nas fazendas, às vezes muito populosas. Se os pais e educadores dessa mocidade muitas vezes demonstram incrível menosprezo, mesmo receio, por uma instrução ampla, não é de estranhar a deficiência de conhecimentos úteis nos filhos.



Porto da Cidade do Salvador (Rugendas).

Não obstante, consideram-se os senhores de engenho a parte mais importante e de mais prestígio da população da Bahia; eles próprios se julgam a nobreza do país, e, por sua extraordinária riqueza, ocupam os primeiros postos nas milícias, as quais aqui são muito bem organizadas. Estas orçavam na própria cidade, ao tempo de nossa estada, segundo declaração do marechal das mesmas, Sr. Felisberto Caldeira Brant Pontes, em mais de 4.000 homens, e eram distribuídas em seis corpos: dois regimentos de brancos, um de mulatos, um de negros forros, um esquadrão de artilharia ligeira e outro de cavalaria, servindo este último de guarda de honra para o governador, pois nele figuravam os filhos das melhores famílias, e era em grande conceito. A força militar disponível da província da Bahia constava, então, de 23.070 homens; deles, 3.138 pertenciam à força de linha (2.169

de infantaria, 747 de artilharia, 222 de cavalaria) e 19.932 eram da milícia (tropa auxiliar), sendo 16.687 de infantaria, 659 de artilharia e 2.586 de cavalaria. Como as milícias da cidade são constituídas pela gente melhor e mais rica da sociedade, muito concorrem para a manutenção da ordem, sendo, tanto mais úteis do que a polícia, porque esta é impotente, age sem consequência, por falta de meios e por causa da grande quantidade de negros, que podem ser contratados para qualquer mau intuito.

Em cidade alguma do Brasil se praticam tantos assassínios como aqui. Os processos contra os criminosos são instaurados pelo intendente da polícia, e logo depois remetidos ao ouvidor do crime. Raras são as condenações à morte; a pena mais comum é a deportação para Angola ou a de galés. O Supremo Tribunal, isto é, a Relação da Bahia, que foi fundada por Filipe II, em 1609, depois suprimida por Filipe III, restabelecida por d. João IV em 1652 depois da restauração de Portugal, foi finalmente equiparada em 1809 à Casa do Porto³. Consta de 14 desembargadores, mais o ouvidor do crime, o chanceler e o presidente. Este é sempre o governador-geral da província, que também preside à Junta da Fazenda Real, composta de cinco membros, e, como nas outras capitanias, transmite as suas determinações por meio de ajudantes de ordens. O Tribunal Civil de primeira instância está sob a jurisdição do juiz de fora do termo. Muitas seções da administração, como particularmente os direitos alfandegários, competem ao magistrado da cidade. Para zelar pelos interesses do comércio, há a Mesa da Inspeção do Comércio, sob a presidência do intendente do ouro; dois membros dessa associação comercial são negociantes, outros dois são plantadores de cana-de-açúcar e de fumo. Para a salvaguarda dos direitos dos súditos de nações estrangeiras, existem aqui agências e consulados das principais nações com relações comerciais, recentemente também da Baviera; e aqui eles estão no lugar certo, pois a Bahia é sem dúvida a mais rica e mais ativa praça comercial de todo o Brasil.

Quanto à importação desta praça, pode-se dizer o mesmo que já mencionamos sobre a do Rio de Janeiro; os diversos países e portos mandam

3. No original, está assim; mas deve ser *Casa de Relação do Porto*. Também se dizia, antigamente, *Casa de Suplicação*. (Nota do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

também para aqui os mesmos artigos, em condições semelhantes, porém em muito maiores proporções, pois estima-se o valor da importação anual entre 9.450.000 e 10.000.000 de florins. Os artigos europeus, norte-americanos e africanos são importados em maior quantidade do que no Rio de Janeiro; em menor, porém, os das Índias. Muito considerável é a importação de carne-seca e charque, de Buenos Aires e do Rio Grande do Sul, para a manutenção da numerosa escravaria. Importam-se negros anualmente, na média de 12.000 por ano, e a grande maioria vem de Moçambique; os traficantes de escravos avaliam um negro em 140\$000 até 150\$000. Os artigos, que são importados ao mesmo tempo com os negros daqueles países, são os mesmos que se recebem no Rio de Janeiro. Dos pequenos portos vizinhos e do interior da província são trazidos os produtos e aqui embarcados para a Europa. A exportação para todos os países marítimos da Europa, para a América do Norte e para as ilhas portuguesas, consta dos seguintes artigos: açúcar, café, fumo, algodão, cachaça, melado, óleo de baleia, sebo, peles secas e curtidas, as quais, bem como chifres e pontas, aqui vêm na maioria das províncias do Sul, arroz, pau-campeche, pau-amarelo, alguma ipecacuanha, cacau, pimenta, gengibre, anil e cola de peixe. Bahia é o porto principal para as praças menores da costa, assim como do interior, e para elas remete todos os artigos europeus, norte-americanos e das Índias orientais. O mais animado comércio é o que se faz entre a Bahia e as cidades costeiras do norte: Vila do Conde⁴, Abadia, Sergipe d'el-Rei⁵ e o Arraial de Laranjeiras de Contingui-ba⁶, de onde vêm anualmente cerca de umas 2.000 caixas de açúcar para a capital. Ao interior, sobretudo para Goiás, Piauí e Pernambuco, são tocadas levadas muito numerosas dos desgraçados negros, trazidos aqui pelo tráfico humano. As três estradas principais, pelas quais se faz o comércio do sertão são as que passam por Conquista e Rio Pardo para Minas Gerais; pelo Rio de Contas para Goiás e Mato Grosso; e por Juazeiro para as províncias do Norte, Pernambuco e Piauí, etc. Nessas estradas, porém, não há serviço regular de correio, como o que já se faz, desde alguns anos, ao longo da costa do mar, passando por Sergipe d'el-Rei, Alagoas, etc., para Pernambuco e Maranhão.

4. Hoje Conde.

5. Hoje Sergipe.

6. Hoje Laranjeiras.



Vida da classe abastada na Bahia.

O mais importante entre todos os produtos baianos é o açúcar, cuja exportação montou, no ano de 1817, a 1.200.000 arrobas (mais ou menos 27.300 caixas), e, no ano de 1818, a 29.575 caixas (cada uma contendo de 40 a 45 arrobas). Já em 1807, a exportação desse artigo ascendeu a 26.000 ou 27.000 caixas, e, desde essa época, pouco relativamente tem aumentado, podendo-se com segurança dizer que os 511 engenhos, que mandam açúcar para embarcar na Bahia, não produzem mais de 30.000 caixas, abstraindo-se do consumo interno⁷.

A exportação do algodão subiu nos últimos anos, por causa da exagerada procura dos ingleses, a 40.000 sacos; a do fumo, ao contrário, diminuiu consideravelmente, e não pode ser avaliada em mais de 200.000 quintais. O arroz, plantado em maior escala na comarca de Ilhéus, é exportado, relativamente à extensão e uberdade da terra, em pequena quantidade, atingindo apenas a 12.000 quintais. O número de peles salgadas e curtidas varia entre 15.000 e 30.000. Quanto à cachaça são exportadas de 10.000 a 11.000 pipas (cada uma regulando umas 500 garrafas). A produção de café é limitada até hoje apenas a poucos distritos, fornecendo no máximo 12.000 arrobas. Os demais artigos mencionados acima são exportados em quantidades muito desiguais. O valor total da exportação da Bahia pode, sem exagero, ser calculado em 13.800.000 florins, soma que, comparada com o valor da importação, prova a riqueza da Bahia. Também poucas são as praças que se possam gabar de tantas grandes e ricas casas de negócio, e é sabido que muitas destas, e das mais antigas, segundo o costume da terra, guardam fora de circulação um tesouro de 400.000 a 500.000 cruzados em numerário. O banco, fundado aqui sob a garantia de algumas casas comerciais, faz, sobretudo transações com o estabelecimento congênere do Rio de Janeiro, e no início tinha a obrigação de resgatar, com pequeno ágio, os saques do tesouro da capital para esta praça. (**Nota IV.**)

Durante a nossa demora de algumas semanas na Bahia, procuramos debalde obter seguras informações sobre as condições meteorológicas

7. A avaliação acima, que me foi referida pelo dono de uma das maiores fazendas, o sr. marechal Felisberto Caldeira, fica longe, em mais de metade da de von Humboldt e da de Aug. de Saint-Hilaire, o primeiro dos quais atribui à Bahia uma exportação de 100.000 caixas, e o segundo orçando-a em 60.000.

do ano inteiro. O Sr. Bivar, o único entre os nossos conhecidos que havia tomado nota de observações meteorológicas, pôde apenas comunicar-nos algumas notícias gerais, pois ele havia entregado as suas tabelas a S.A., o príncipe Maximiliano von Neuwied. Assegurava ele que a temperatura, ao pôr do sol, durante os meses de chuva, setembro a março, é de 17° a 18° R, ao passo que, nos meses secos, fica entre 16° a 17° R. Ao meio-dia, observamos, em geral, a temperatura de 24° R., e, ao entardecer, no alto do Passeio Público, a altura barométrica de 28,7,5 linhas. Durante o dia a cidade é rápida e fortemente aquecida pelo sol sem nuvens; e, na época das chuvas, cai então, quase sempre, uma chuva torrencial, depois do meio-dia; as manhãs e as tardes, enquanto sopra a brisa do mar, são frescas sendo, por outro lado, as noites, novamente mais quentes. Estas condições meteorológicas e a estrutura da cidade, cuja parte alta é sempre muito mais fresca do que a praia, de construção apertada, favorecem os resfriados. Daí a razão por que predominam as doenças catarrais e reumáticas, e se observam muito mais casos de diarreia, hidropisia e tuberculose, do que em qualquer outra cidade do Brasil. O hábito geral de, logo à menor indisposição, se recorrer a forte decocto de quina, à chamada água inglesa, importada de Portugal em grande cópia, é a causa das tão frequentes inflamações, em consequência de estados, que, com uma simples limonada, poderiam ser curados. As tuberculoses são de caráter muito agudo e muitas vezes contagiosas. A erupção dolorosa, a sarna (*Ecthyma vulgare*, segundo o dr. Bateman?) é aqui também muito frequente, e tortura particularmente os europeus recém-chegados, por estranharem a alimentação, o calor e resfriados. Além dessas doenças, observam-se nos hospitais diversas formas de exantemas (*Strophulus confertus*, *Lichen pilaris*, *Ichtyosis*, *Achores*, *Herpes zoster* e *phlyctaenodes*, *Elephantiasis* e *Framboesia*, etc.). Os pés elefantíacos e as boubas aparecem principalmente nos negros, porém menos frequentes do que no Rio de Janeiro. São raras as febres nervosas; o tifo hospitalar ainda não apareceu aqui, embora sejam acolhidos no Hospital Militar muitos indivíduos que trabalham nas ruas, acorrentados, ou deportados, como escravos de galés, para Goa, Angola e Moçambique, que facilmente poderiam contagiar tal doença. Esses enfermos, às vezes em número de cem, são tratados em salas fiscalizadas, e gozam de menos luz e arejamento saudável do que os demais, cujas salas são espaçosas, secas e asseadas. No total estão ordinariamente ocupados uns 200 leitos do hospital. Quanto ao zelo e cui-

dados dos médicos, a falta de ordem nos boletins dos doentes não dá atestado favorável. Parece, entretanto, que a alimentação é boa. A conta da farmácia, incluindo o vinho e alguns artigos de cozinha, chega anualmente até à importância de 28:000\$000. Recebem-se também neste hospital, com grande benevolência, marinheiros estrangeiros; ademais, já têm aqui os ingleses o seu próprio hospital marítimo, capela e cemitério. No hospital municipal, um casarão quadrangular, que foi construído e ricamente dotado por um cidadão patriota, João de Matos Aguiar, no ano de 1716, são tratados uns 140 doentes. O patrimônio dessa instituição caridosa, sempre aumentado por meio de legados, e por iniciativa do conde dos Arcos, também por loterias, chega até para dotar anualmente algumas moças pobres. A administração do hospital está a cargo de uma comissão, nomeada pela autoridade municipal. Esta autoridade arrenda também o abastecimento da cidade em carne fresca, peixe e outras vitualhas ao arrematante e como com isso fica suprimida toda concorrência, às vezes sofre a Bahia falta de boa carne fresca. As grandes distâncias, de onde são tocadas as reses para o consumo, e, sobretudo, as dificuldades de trazê-las durante as épocas de secas prolongadas, fazem desejar que os fazendeiros inteligentes comecem a intensificar a criação do gado nas campinas e catingas das comarcas vizinhas. Atualmente, recebe a Bahia o seu gado bovino dos campos do rio Pardo de Ressaca e do Valo, entre o rio Pardo e o rio de Contas, e principalmente da província do Piauí de onde vem pela estrada do Juazeiro. Nas demoradas faltas de chuva, os donos dessas boiadas perdem não raro a metade, e ainda mais se ressentem a cidade da falta, porque a pescaria, no Recôncavo e nas vizinhas costas do oceano, igualmente arrendada, é feita por negros; e mal chega para o consumo da grande população. Em vez do fubá de milho, o alimento mais comum em São Paulo e numa parte de Minas Gerais, aqui aumenta cada vez mais o consumo da farinha de mandioca; fora disso, consiste a alimentação do povo em feijão, banana, toicinho e charque, que também é o principal sustento dos escravos. Carne de vitela e legumes são raros e de elevado preço; mas de frutas de toda espécie não há falta; especialmente, são excelentes aqui as laranjas da Bahia, que se conhecem com os nomes de seleta e de umbigo; as jacas (*Artocarpus integrifolia*), as mangas e atas (*Mangifera indica* e *Anona squamosa* L.). As laranjas são mesmo despachadas, em grande quantidade, para a corte do Rio de Janeiro. A água, como no Rio de Janeiro, é carregada por escravos negros, em peque-

nos barris, e oferecida para venda; às vezes, é muito quente e suja. A melhor fonte da cidade, a do campo de São Pedro, fica muito distante, para poder ser usada frequentemente. Os navios fazem aguada à beira-mar, entre o farol de Santo Antônio e o forte de São Pedro.

Nos chafarizes da cidade, costumam reunir-se grupos numerosos de escravos, e não sem interesse o observador filantropo repara esses filhos desgraçados de um longínquo continente, os quais parecem destinados a fecundar com o seu suor as terras do Novo Mundo. Como são estranhas as vicissitudes no desenvolvimento da espécie humana! Virem os filhos da Europa e da África transformar aqui um terceiro continente, e, com isso, a si mesmos e a sua pátria! A grande maioria dos escravos negros, para aqui trazidos, são da tribo dos hauças e dos xêxis ou gegês (giaghis, giagues, dos italianos e dos espanhóis). São de cor preta carregada, altos, musculosos, robustos e muito destemidos; já maquinaram algumas vezes perigosos levantes, matando os seus senhores, incendiando engenhos, tornando necessárias enérgicas medidas da parte do governo. Hoje, que são mais raros e de maior preço os escravos do rio Congo ou Zaire, por causa da concorrência de traficantes de escravos, espanhóis, portugueses e norte-americanos, eles vêm mais dos ancoradouros de Cabinda, de São Filipe de Benguela, e, principalmente, de Moçambique. Com a mistura das diversas tribos, não se entendendo mutuamente, evita-se de certo modo o perigo de uma revolta de tão numerosos negros; todavia, muitas delas, apesar de morarem bem distante umas das outras, entendem-se, pelo menos, certas expressões. Fato curioso: muitas das línguas africanas têm grande semelhança entre si, e fazem forte contraste com as línguas dos indígenas da América, tão isoladas e às vezes limitadas a poucas famílias. De resto, reconhecem-se as diferentes tribos de negros tanto pela língua, cor da pele, tamanho e fisionomia, como, sobretudo, pelas características deformações a que foram submetidos, conforme o costume de suas tribos. É comum verem-se negros, cujos dentes caninos foram afiados ou cujos dentes incisivos foram profundamente entalhados; outros trazem diversas cicatrizes, muitas vezes bastante fundas, de feridas por incisão, por queimadura ou por cauterização, na região das fontes, na testa ou nas faces. Estes sinais característicos nacionais são especialmente acentuados nos macuas, uma tribo de Moçambique, que para aqui foram trazidos, e, como todos os negros daquela costa, parecem indicar, pela pele

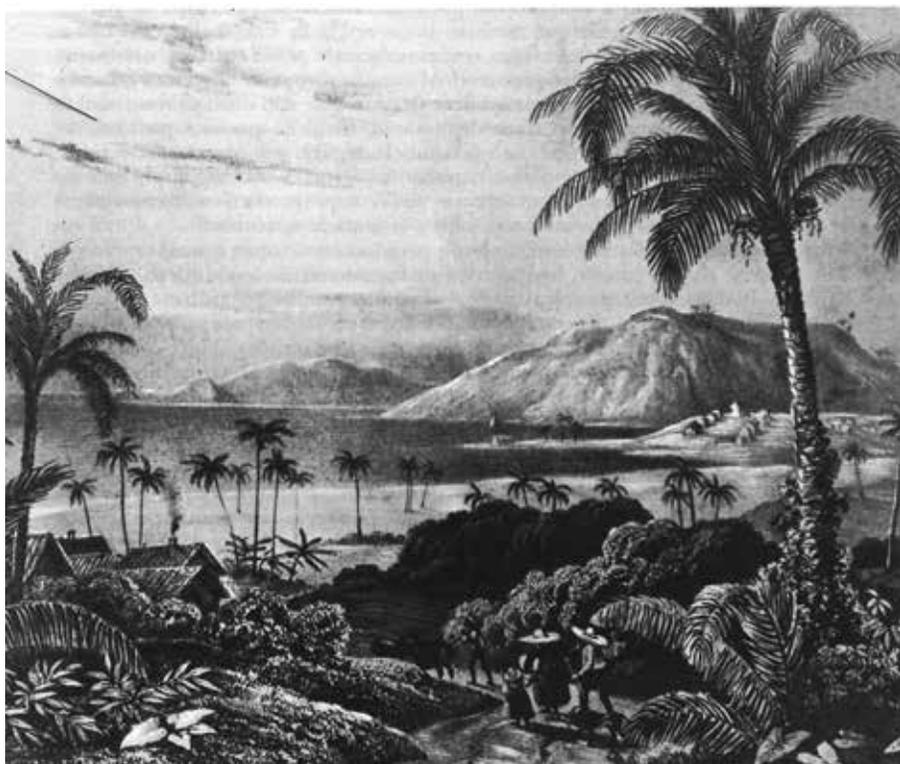
menos preta, antes cor de café, menor estatura, cabelo mais comprido e alguns traços da fisionomia, que a sua raça não é de pura origem etiópica. Recomendam-se estes negros, outrossim, menos pela força e beleza físicas, e são particularmente empregados na lavoura, ao passo que os do Congo e de Angola pela maior docilidade e desembaraço no falar, destinam-se ao serviço doméstico. A condição desses escravos é muito menos triste do que em geral se pensa na Europa: não sofrem falta de alimento, vestem-se de conformidade com as exigências do clima, raramente são sobrecarregados de trabalhos. Além dos domingos e dos costumados 35 dias-santos, o governo declarou feriados mais 18 dias do ano, nos quais não há despacho; porém só nos dois primeiros citados fica o escravo livre de trabalhar para os senhores, e pode tratar do seu próprio interesse. Os trabalhos, nos engenhos de açúcar e nas plantações, são os mais extenuantes, mas duram menos tempo, e, além disso, goza o escravo, na roça, de certa liberdade e vive em sossego com a sua família, habitando, em geral, a sua própria senzala. Na cidade, é tristíssima a condição dos que são obrigados a ganhar diariamente certa quantia (uns 240 réis) para os seus senhores; são considerados como capital vivo em ação, e, como os seus senhores querem recuperar dentro de certo prazo o capital e juros empregados, não os poupam. Sinto dizer que tais escravos, chegando à velhice, quando já se tornaram imprestáveis para o serviço, são alforriados, e, assim, entregues ao desamparo. Para honra dos brasileiros, entretanto, são raros estes casos; o escravo negro entre o trabalho e descanso vive despreocupado, sendo a sua sorte preferível, em muitos sentidos, ao estado de pavor anárquico e indigência em que vivia na sua pátria, aviltada pelas maquinações astuciosas dos europeus. Aqui, ele goza da vida, e, em geral, não é a escravidão em si, porém somente a separação de sua família, assim como o tratamento desumano durante o transporte, de que a sua alma estremece, horrores aos quais infelizmente sucumbe grande número dessas desgraçadas vítimas. Quem tiver ocasião de assistir às cantigas e danças alegres, amiúde exaltadas a entusiasmo desenfreado, que são executadas ao pôr do sol, nas ruas da Bahia, por numerosos grupos de negros, dificilmente se persuade de que estes sejam os mesmos escravos, que, pelas exageradas descrições de escritores filantropos, julga rebaixados à condição de animais, de instrumentos boçais do mais vil egoísmo e de todas as paixões vergonhosas; ao contrário, chegando a conhecer de perto a condição dos escravos negros na América,

convencer-se-á de que também nessa senda de fato manchada com o sangue de vítimas sem conta, existem vestígios daquele gênio que leva a humanidade pouco a pouco ao aperfeiçoamento. Muitos escravos reconhecem o valor da reforma moral, ao seu alcance pela luz do cristianismo, e dão disso provas indubitáveis, às vezes enternecedoras, recordando-se, com medo pueril e piedoso, da idolatria de sua pátria, e apreciam a sua condição segura, sem preocupações sob a proteção de certas leis, mesmo muito restritivas (Nota V). Desta disposição de espírito pude convencer-me, nas numerosas vezes em que percorri os diversos engenhos do Recôncavo, para me informar sobre o sistema de agricultura.

A formação geológica predominante do promontório, sobre o qual repousa a Bahia, é de granito e gnaiss, frequentemente fazendo transição de um para outro, havendo às vezes sobre ela micaxisto ou granulito e anfibólio xistoso. Ao longo do mar, como, por exemplo, no Passeio Público e em Itapagipe, aparece a formação de um grés cinzento, muito rico de quartzo, e que contém linhita com visível estrutura lenhosa, e carvão de pedra, assim como, aqui e acolá, também volutites, e ainda outras conchas transformadas em calcedônia, de animais marinhos, recentes. O carvão de pedra, que existe perto de Itapagipe, foi explorado, por ordem do governo, pelo nosso compatriota tenente-coronel Feldner, embora só durante pouco tempo. A camada de terra sobre as formações acima citadas é, na maior parte, uma argila amarelo-avermelhada, misturada com grânulos de quartzo e de siderita, e contém, nos morros não cultivados, cobertos de gramíneas, pouco humo e grande quantidade do mesmo nos lugares de mata, prova do seu proveito para a vegetação. Nas vargens, antigamente não raro pantanosas, obtém-se por meio de adequada drenagem das águas supérfluas, um excelente humo leve, que se presta a qualquer cultura, principalmente à da cana-de-açúcar. Semelhante terra, que contém igualmente parte suficiente de argila, e por isso, é própria para absorver e reter a água, é o chamado massapé. Encontra-se essa terra nos vales pouco profundos dos rios do Recôncavo, notadamente nos arredores de Santo Amaro, Iguape e Maragogipe. Preciosa qualidade das espécies de terra, existentes aqui, é não conterem carbonato de cálcio, e, sim, uma pequena parte de terra calcária, em combinação química com argila e sílica. A videira produz duas vezes por ano, em junho e em dezembro, porém muitas espécies de periquitos perseguem tão avidamente os cachos de uva, que é preciso

envolvê-los em saquinhos de algodão, como tive ocasião de ver no pomar do Sr. Felisberto Caldeira. As hortaliças europeias, quase todas, podem ser cultivadas aqui; contudo, são sujeitas à voracidade das formigas, dos caracóis e dos passarinhos, mais do que as plantas indígenas. São principalmente as formigas que, às vezes, em poucas horas, devastam as mais belas plantações. Para defender as árvores contra elas, costumam jardineiros cuidadosos, no momento da plantação, enterrar em torno do tronco um recipiente de barro cozido, que deve sempre ficar cheio de água. Outros destroem estes hóspedes malfazejos (*Formica harpax*, *destructor*, *perditor rufipes* Fabr. etc.) acendendo fogueiras em cima dos formigueiros, que, às vezes, são muito extensos. Em Areia Preta, fazenda do Sr. Tschiffeli, instruído agricultor da Suíça, vimos grandes plantações de capim, destinadas a fornecer forragem fresca aos cavalos da cidade. Esses prados artificiais⁸, plantados em pântanos drenados, igualam, pelo seu crescimento denso e abundante, aos melhores da Inglaterra, e dão lucro certo, pois a ração diária de um cavalo da cidade, onde não se conhece outra forragem, nunca se vende por menos de oitenta a cem réis. A dificuldade maior que encontrou esse cultivador no início da plantação foi a considerável quantidade de cobras venenosas, que vivem no brejo. Mesmo no solo já cultivado, encontram-se ainda tantas, que seus escravos, dentro de quatro semanas, conseguiram encher para nós um grande garrafão de ácido sulfúrico. O arroz prospera aqui, particularmente bem nos lugares úmidos e quentes, dando duzentos a trezentos por um. Igualmente compensador é o cultivo do milho, mas é aqui pouco plantado. Entre as diferentes espécies de feijão, dá o cultivador preferência ao feijão-das-águas e feijão-da-safra; o primeiro é plantado em março e colhido em junho; o segundo, plantado em junho e colhido em setembro. O gengibre e a cúrcuma são cultivados apenas aqui e acolá, e em pequena escala, e da pimenta-da-índia existe pequena plantação na horta da Quinta dos Lázarus, perto de Itapagipe. Não há dúvida de que todas essas espécies de condimentos não são indígenas, mas foram importadas das Índias orientais, nos reinados dos Filipes e de d. João IV.

8. Constam principalmente do chamado capim-de-angola, *Echinolaena spectabilis* Nees, *Panicum numidianum* Lam., *P. maximum* Jacq., *Paaspalus densus* Poir., *P. quadrifarius* Lam., etc.



Colônia em Ilhéus (Rugendas).

Sobre o cultivo da cana-de-açúcar, cremos dever mencionar resumidamente o que há de mais importante, assim como fizemos com relação ao café, no Rio de Janeiro.

Como se sabe, planta-se a cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.) em mudas, em geral metidas horizontalmente no solo, raras vezes também perpendicularmente ou aos pares convergindo para cima. O primeiro sistema é, de longe, o mais empregado aqui. As mudas, enterradas horizontalmente, são de dois a três pés de comprimento, e metidas de modo que se toquem pelas extremidades; as plantadas perpendicularmente são em geral de um palmo ou um pé de comprimento. Nos terrenos acidentados e um tanto mais secos, costuma-se fazer esse plantio no mês de março durante as últimas chuvas; ao contrário, nos terrenos

mais úmidos, é feito nos meses de agosto e setembro. Já ao cabo de quinze dias começam a surgir os brotos dos nós, e, dentro de um ano, chega a cana a pleno desenvolvimento, podendo ser cortada, logo ou mais tarde, com dezoito a vinte meses. Cortada mais velha, perde o suco ou fica azeda. Também raro é deixar-se ficar a cana mais de um ano, e costuma-se gabar, como superioridade da terra aqui sobre as das colônias das Índias ocidentais, que deixa amadurecer a cana num ano (não passa de dois marços). Daí a razão por que nos engenhos se trabalha com canas de diferentes idades, conforme o tempo da plantação, a ocupação dos engenhos e o lugar. Um canavial, plantado segundo as regras, em local favorável, como no massapé, sobretudo quando, durante a seca puder ser irrigado, e também não esteja exposto a inundações prolongadas, dura aqui muitos anos, pois anualmente se desenvolvem dos nós novos rebentos. Neste caso, só se replantam as falhas com mudas novas. Todavia, costumam os fazendeiros, em muitos engenhos, ao cabo de alguns anos, dispor novas estacas; estas não são, como nas Antilhas, cortadas da extremidade sem suco (tete) e com folhas, porém do meio da cana. A profundidade em que se enterram as mudas depende do local e da época; no solo seco, e quando já se aproxima o tempo sem chuva, são enterradas mais fundo. Costuma-se plantar na Bahia especialmente a variedade menor, a primeira importada, que, por ter sido transplantada das colônias portuguesas das Índias orientais e da Madeira é chamada cana da terra, cana crioula; contra a cana chamada caiana (de Caiena originária do oceano Pacífico, e que é chamada cana de Taiti, ou cana de Bourbon nas Antilhas, há também aqui a mesma prevenção, como na região do rio São Francisco, e afirmam principalmente os senhores de engenho que só com dificuldade se forma da sua garapa o açúcar, o qual facilmente se liquefaz, e, por isso menos se presta à exportação, como açúcar bruto (**Nota VI.**) Ademais, ouve o estrangeiro, em muitos engenhos, queixas sobre o avultado capital que é necessário para o funcionamento de um engenho de açúcar, e sobre a reduzida renda que só dá ao cabo de dois ou três anos. O aumento da produção de açúcar na Guiana inglesa, nas pequenas Antilhas e na África, para onde se exportava antigamente o da Bahia, diminui o mercado e baixa o preço do produto. Por esse motivo, muitos senhores de engenho empregaram recentemente os seus capitais disponíveis no comércio,

daí esperando mais rápido lucro. Outros se viram forçados a diminuir o luxo, com que, de quando em quando, se mostravam na cidade. Se, entretanto, chega um hóspede ao Recôncavo, encontra por toda parte perfeita comodidade nas vastas moradas, e aparência de riqueza no trato e no número da criadagem. Pode contar com franca hospitalidade, e nós como naturalistas, principalmente, gozamos muitas vezes de acolhimento extremamente amável, porque de vez em quando, graças às pesquisas científicas do Sr. Antônio Gomes, correspondente de nosso ilustre compatriota Sr. conde von Hoffmannsegg⁹, já se havia chamado a atenção para as riquezas da terra.

9. Johann Centúrio conde Von Hoffmannsegg (1766-1849), entomologista e botânico alemão, escreveu e editou uma grande obra *Flore portugaise*, nessa considerando outrossim a flora do Brasil. (Nota da rev., Ed. Melh.).

NOTAS DO CAPÍTULO III

I – A madeira para construção de navios vem quase toda da comarca das Alagoas, na província de Pernambuco, onde, a pouca distância do mar, existem magníficas matas virgens, cujas árvores, segundo a afirmação do contramesstre, são de cerne mais denso do que as da mesma espécie das matas de Ilhéus e de Porto Seguro.

A maior parte das madeiras, usadas para as quilhas e outras partes submersas, pertence às leguminosas (sucupira, pau-roxo, vinhático, jataí); e parece que, imersas na água, adquirem ainda maior densidade, mas corroem pouco a pouco o ferro. Essa propriedade é, provavelmente, devida ao fato de conterem muito tannino, que, como se sabe, se combina facilmente com aquele metal. Por esse motivo muitos construtores dão preferência ao pau-d'arco (*Jacaranda brasiliensis*), à sapucaia e ao jequitibá (espécies de *Lecythis*) sobre todas as demais. Nos estaleiros da costa setentrional da Bahia geralmente só podem ser construídos navios pequenos; assim, só se armam embarcações para carregamento de 4.000 a 8.000 arrobas nos estaleiros de Laranjeiras, no rio Cotinguiba, de Itapicuru, de Vila do Conde, no rio Inhambupe. Em Rio Real e Sergipe d'el-Rei, não há construção de barcas. Também na província de Pernambuco, devido à falta de profundidade dos portos e das águas navegáveis, são lançados ao mar anualmente, de fato pelos estaleiros, grande quantidade de embarcações, mas todas pequenas. Os barcos construídos em Alagoas, são muito apreciados devido ao seu material de construção; em geral, porém, são menores do que os de Cururipe e de São Miguel. No porto de Recife, é igualmente sem importância a armação de navios. Segundo se afirma, os navios de guerra construídos na Bahia, superam, em solidez, aos armados nas Índias orientais.

II – O descobridor português da bela enseada da Bahia, que a história cita com segurança, foi Cristóvão Jacques (1503); ele deu-lhe o nome de Baía de Todos os Santos. O primeiro colono foi Diogo Álvares Correia, de Viana do Castelo, alcunhado pelos índios de *Caramuru*. O seu naufrágio, sua demora entre os antropófagos, sua aliança com a índia Paraguaçu, sua viagem à corte real francesa, e os serviços que prestou aos portugueses depois da sua volta ao país por ele primeiramente civilizado, são hoje glorificados pelos brasileiros, e muitas famílias o consideram seu antepassado. Depois do trágico fim do primeiro donatário, Francisco Pereira Coutinho, morto pelos hostis tupinambás (1531-1540), uma colônia importante e estabelecida à custa do governo, sob Tomé de Sousa, fundou finalmente (1549), por ordem de d. João III, a cidade do Salvador.

Considerou-se este ponto especialmente apropriado para dar às outras colônias do Brasil apoio e segurança, e para estender o cultivo da cana-

-de-açúcar, que, pela procura do precioso artigo, tornava-se cada vez mais interessante. As primeiras canas foram trazidas para aqui, da vizinha colônia de Ilhéus. A ativa proteção, que Portugal dispensou à colônia, e sua situação, favoreceram de tal modo o seu florescimento, que, já ao cabo de trinta anos, se contavam na cidade 800 habitantes europeus, e em todo o Recôncavo mais de 2.000. A riqueza crescente dessa cidade recebeu profundos golpes, em consequência da guerra dos holandeses contra a Espanha, para a qual havia então passado Portugal com as suas colônias. No ano 1624, foi a cidade tomada pelos holandeses, e a população portuguesa retirou-se para trás do rio Vermelho, distante duas horas da cidade. Depois de retomada pelas armas reunidas luso-ibéricas (1625), teve a cidade que sustentar segundo cerco dos holandeses, comandados pelo príncipe Maurício de Nassau (1638); o Recôncavo foi devastado em 1640 e, duas vezes, em 1646. Daí em diante, a cidade e a baía gozaram da felicidade da paz até à ocasião em que aquela foi sitiada pelas tropas imperiais brasileiras, quando o general português Madeira a ocupava (1822-1823). A população da capitania inteira da Bahia e suas dependências no ano de 1823 é dada por Pizarro como: livres 419.432, escravos 173.476, total 592.908 almas.

III – A proporção de povoamento, nas três comarcas da província da Bahia, e na sua subordinada (aqui inclusa), a capitania de Sergipe (Sergipe d’el-Rei), segundo nos foi comunicado, embora não inspirando bastante fé é a seguinte:

Comarca da Bahia	362.503 almas
Comarca da Jacobina	56.000 almas
Comarca dos Ilhéus	75.569 almas
Capitania de Sergipe d’el-Rei	98.836 almas
	<hr/>
	592.908 almas

A grande preponderância da comarca da Bahia deve-se em parte atribuir ao considerável número de escravos, que trabalham nos 400 engenhos do Recôncavo. Na parte setentrional desta comarca, são particularmente populosas as vilas marítimas de Abrantes do Conde, de São Francisco, de Abadia, com florescentes engenhos de açúcar e grandes fazendas isoladas; as vilas de Mirandela, Soure, Água Fria, Itapicuru e Pombal, são insignificantes; Inhambupe é a mais importante das vilas do interior dessa região. Na vizinhança da cidade floresce particularmente o termo da vila de Cachoeira. O total da população deste distri-

to, sob a jurisdição de um juiz de fora especial, foi-nos dado, no ano de 1819, do seguinte modo:

Freguesias da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira

	Lareiras	Almas	
A vila, com São Félix e demais dependências.	2.200	29.500	4 engenhos de açúcar.
Santo Amaro da Purificação	1.800	8.880	14 engenhos, muito fumo.
São Gonçalo dos Campos	1.584	6.738	3 engenhos, muito fumo.
São José de Itapororocas	1.554	6.937	3 engenhos.
Santíssimo Coração de Jesus do Padrão	2.040	7.300	1 engenho.
Santo Estêvão de Jacuípe	730	4.000	2 engenhos, muito fumo, algodão.
São Pedro de Muritiba	804	3.955	4 engenhos, muito café.
Santa Ana da Conceição	484	3.120	Fumo e algodão.
Nossa Senhora do Desterro do Outeiro Redondo	593	2.806	8 engenhos.
São Tiago de Iguape	634	4.267	9 engenhos.
	12.523	77.503	

Na comarca dos Ilhéus, cujas vilas são as denominadas Ilhéus, Barra do Rio de Contas, Olivença, Camamu, Cairu, Boipeba, Naraú, Barcelos, Valença, Igrapiúna, Serinhaém, mora a maioria dos índios mansos; na comarca de Jacobina, a população das vilas de Jacobina, Caetitê, Rio de Contas, Vila Nova da Rainha e Urubu é formada na maioria por gente de cor.

A capitania de Sergipe d'el-Rei é separada, ao norte, pelo rio São Francisco, da capitania de Pernambuco, e ao sul divide-se da Bahia o rio Real. Seus lugares principais são a capital, cidade de Sergipe d'el-Rei, a vila de Santo Amaro das Grotas, no rio Sergipe, Vila Nova de Santo Antônio, no rio São Francisco, e o arraial das Laranjeiras de Cotinguiba, no rio Cotinguiba. No interior dessa província, que na maioria consta de terreno seco, coberto de arbustos baixos, e apropriado para pecuária, estão situadas as vilas de Santa Luzia de Piagui, de Nossa Senhora do Socorro de Tomar, de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, de Santo Antônio e Almas de Itabaiana (afamada por sua fabricação de tecidos de algodão e sua criação de uma raça pequena de cavalos), e a vila de Propriá.

Segundo uma relação manuscrita do padre Manuel Antônio de Sousa, vigário da Bahia, continha a capitania de Sergipe d'el-Rei, em 1808, uma cidade, oito vilas, quatro missões de índios e onze freguesias, com a seguinte população:

Branços	20.300
Negros	19.954
Índios	1.440
Gente de cor	<u>30.542</u>

As quatro missões para conversão dos índios são:

Nossa Senhora do Socorro de Tomar (a princípio dos jesuítas, depois dos carmelitas), com 140 índios; Japaratuba (dos carmelitas), com 300; Pacatuba, com 700; e Ilha de São Pedro (ambas dos franciscanos), com 300 índios.

Toda a população das acima citadas demarcações e a de Sergipe d'el-Rei pertencem ao arcebispado da Bahia, erigido no ano de 1676. Pertencem-lhe também Porto Seguro e uma parte de Minas Gerais, isto é, as comarcas de Serro Frio, e Sabará, pois o arcebispado é limitado ao sul pelo rio Doce, a sudoeste pelo rio do Peixe, tributário do rio Doce, a sudoeste pelo rio Cipó, que em Piçarrão deságua no rio das Velhas, e por este, e a oeste e norte pelo rio São Francisco.

A cidade da Bahia contém na praia duas, e na cidade alta, seis freguesias. Parece que na cidade mora um bom número de judeus, cujos antepassados aqui se refugiaram, quando da perseguição que foi movida aos israelitas em Portugal; todos eles, entretanto, adotam ostensivamente a religião católica, e aqui não existe, assim como em qualquer outro lugar do Brasil, nem uma só sinagoga.

Por vezes, aparecem na cidade, também, ciganos que andam aos magotes pelas províncias e parecem conservar todas as particularidades de sua vida nômade. Encontramos perto de Marau um grupo dessa gente, parte da qual ia a cavalo; em trajes que representavam o quadro vivo pintado por Cervantes da vida dos ciganos, com todos os seus detalhes. Eles praticavam travessuras de cavaleiros e outros exercícios de ginástica, mediante pagamento, ou ganhavam a subsistência, lendo a sorte nas cartas e dizendo a *buena-dicha*, parecendo-me que o povos lhes dava muito crédito.

IV – A – Tabela suplementar de informações sobre o comércio da Bahia.

Principais artigos de exportação da Bahia, em 1817:

Artigo	Quantidade	Preço corrente	Valor do total	Direitos de exportação por unidade	Soma do imposto de exportação pago
Açúcar	1.200.000 arrobas ou 27.300 caixas	a 2\$000	2.400:000\$000	\$045 de cada arroba e \$520 de cada caixa Soma	54:000\$000 15:600\$000 69:600\$000
Algodão	28.928 sacas 160.460 arrobas	a 8\$000	1.283:680\$000	\$600 de cada arroba e \$100 de cada saca Soma	2:892\$800 96:276\$000 99:168\$800
Fumo	Aprovado: 240.000 arrobas	a 1\$500	360:000\$000	\$040 de cada arroba	9:600\$000
	Refugo: 340.000 arrobas	a \$700	238:000\$000	Dito	13:600\$000
	Folhas: 80.000 arrobas	a 1\$400	112:000\$000	Dito	3:200\$000
Couros	30.000 peças	a 22\$000	66:000\$000	2% do valor	1:320\$000
Arroz	80.000 arrobas	a \$400	32:000\$000	2% do valor	640\$000
Café	10.000 arrobas	a 5\$500	55:000\$000	2% do valor	1:100\$000

Valor total 4:546:680\$000
Soma do imposto pago 198:228\$800

B – Açúcar, na Bahia, desde 1º de outubro de 1817 até 30 de setembro de 1818.

Quantidade despachada de 511 engenhos, para a alfândega da Bahia	Quantidade que foi vendida e é considerada como exportação do ano de 1818	Valor de toda a safra mandada à Bahia (preço médio do mascavo e do açúcar branco avaliado em 2.000 réis por arroba)	Valor de exportação ativa
29.628 caixas (cada uma com uma média de 40 arrobas) ou 1.185.000 arrobas	28.878 caixas ou 1.155.000 arrobas (não vendidas, 30.000 arrobas)	2.370:000\$000 (do resto: 60:000\$000)	2.310:000\$000

Renda do açúcar, percebida pelo Estado		Receita do Estado		
Dízimo dos produtores	Direitos de exportação do remetente	Da exportação ativa (De 1.155.000 arrobas)	Do resto não vendido (30.000 arrobas)	No total (de 1.185.000 arrobas)
10%	...	213:000\$000	6:000\$000	237:000\$000
	Subsídio: \$45 pela arroba	51:970\$000	1:350\$000	53:320\$000
	Donativo: \$360 pela caixa	10:200\$000	240\$000	10:440\$000
	No imposto \$160 pela caixa	4:530\$000	110\$000	4:640\$000
	Total	297:700\$000	7:700\$000	350:400\$000

C – Algodão, na Bahia, desde 1º de outubro de 1817 até 30 de setembro de 1818.

Quantidade que saiu da prensa de algodão	Quantidade que dela já foi vendida e deve-se considerar como exportação do ano de 1818	Valor de toda a safra remetida para Bahia, avaliada a arroba a 8\$000	Valor da exportação ativa
45.077 sacas ou 250.000 arrobas	42.227 sacas ou 234.000 arrobas; resto (não vendidas), 16.000 arrobas	2.000:000\$000 (do restante): 128:000\$000	1.872:000\$000

Renda do algodão, percebida pelo Estado		Receita do Estado		
Dízimos dos produtores	Direitos de exportação do remetente	Da exposição ativa (De 234.000 arrobas)	Do resto não vendido (16.000 arrobas)	No total (de 250.000 arrobas)
	...			
	Subsídio: \$600 de cada arroba	93:600\$000 104:400\$000	6:400\$000 9:600\$000	100:000\$000 150:000\$000
5%	Novo imposto: \$100 cada fardo	4:222\$700	285\$000	4:507\$700
	Total	238:222\$700	16:285\$000	254:507\$700

Estas tabelas dão um bom conjunto dos artigos de exportação, sujeitos a impostos. A quantidade dos produtos, que são exportados sem pagar impostos, não pode ser considerável, tanto por causa da vigilância dos guardas aduaneiros, que andam em pequenos botes fiscalizando o Recôncavo, como pela própria disposição do porto. Portanto, depreende-se que a renda dos impostos dos artigos de exportação está entre as mais ricas fontes da receita do Estado¹.

Açúcar – Para o controle do açúcar, está organizada uma comissão especial (*Mesa do Açúcar*). Ela examina as caixas que chegam, e depois de verificada a qualidade, marca-as a fogo. Os preços para as qualidades assim marcadas são fixos; a estes acrescentam ainda os preços sobre os ferros, de sorte que se faz negócio só com estes últimos. As marcas dos preços fixos são as seguintes:

1 Os artigos menos importantes de exportação, como couros, arroz, cachaça, óleo de peixe, melado, principalmente exportados para a América do Norte, talco, café, gengibre, ipecacuanha, chifres e pontas de boi, coquilhos etc., pagam à saída 2% do valor. Os artigos de importação estão sujeitos a diferentes impostos: sal, biscoitos em lata, farinha de trigo, manteiga, carne salgada, bacalhau, óleo de linhaça, papel, folha-de-flandres, cobre, estanho, aço, chumbo, relativamente menos, presuntos, queijos, pano para velas, cordame, alcatrão, breu etc., panos de linho e de algodão, impostos mais pesados, o azeite não português, vinho e vinagre, os objetos de luxo são os que mais pagam.

B. F. (Branco fino)	preço	1\$400 a arroba
B. R. (Branco redondo)	preço	1\$200 a arroba
B. 11 (Branco onze)	preço	1\$100 a arroba
B. 10 (Branco dez)	preço	1\$000 a arroba
B. B. (Branco baixo)	preço	\$900 a arroba
M. M. (Mascavo macho)	preço	\$600 a arroba
M. R. (Mascavo redondo)	preço	\$500 a arroba
M. B. (Mascavo broma)	preço	\$400 a arroba
M. S. V. (Mascavo sem valor)	não tem taxa	

O branco fino, a melhor qualidade, e o mascavo sem valor, a pior, não são exportados, pois ficam para uso do país; eventualmente, vão caixas com três até quatro arrobas da primeira qualidade, como presente, para a Europa. A respeito de qualidade, não se faz distinção alguma quanto aos diferentes lugares de procedência; depende isso exclusivamente da boa mão e prática do refinador. Segundo informação, os engenhos de Cotinguiba, Iguape e Santo Amaro produzem açúcar particularmente bonito.

Algodão – Vem do interior para a Bahia em sacos de couro de boi, porém dos povoados na costa em sacos grosseiros de algodão, pano que é fabricado em diversos pontos da província, principalmente em Sergipe d'el-Rei e nas regiões vizinhas. Distinguem-se aqui cinco qualidades de algodão: os melhores são mais sedosos: os piores, mais semelhantes à lã. A qualidade melhor vem de Cotinguiba; distingue-se tanto pela deslumbrante alvura, como pela fineza e flexibilidade do fio. Vem logo a seguir, em qualidade, o algodão do rio São Francisco, ao norte da capital; depois, é a qualidade mais abundante que se exporta de Minas Novas, do rio Gavião etc. A quarta qualidade é a de Caetitê, e a inferior é a de Alagoas, em Pernambuco; todavia, também esta última se poderia tornar muito melhor, se fosse limpa com mais cuidado. Entre os artigos procedentes da Bahia, sobre o algodão é que se gravam os maiores impostos, tanto respectivamente aos direitos da alfândega, como ao frete para a Europa, de sorte que os comissários costumam cobrar 8%.

A renda da Alfândega montou, no ano de 1817, a 1.500.000 táleres espanhóis. Toda a receita do Estado e despesas da província, segundo os dados que nos foram referidos, porém não documentados, são os seguintes:

Ano	Receita	Despesa
1816.....	1.452:471\$631	1.461:641\$734
1817.....	1.300:358\$374	1.451:221\$468

1818.....	1.508:528\$169	1.540:306\$788
1819.....	1.283:997\$766	1.284:914\$372
1820.....	1.356:121\$673	1.353:321\$608

Café – Até hoje, muito pouco se tem cultivado na província da Bahia, achando-se as maiores plantações na comarca de Ilhéus e em alguns distritos do Recôncavo. Distinguem-se duas qualidades, cujos representantes são o café de Muritiba e o de Camamu. O primeiro é de grão pequeno, arredondado, muito pesado; o segundo é de grão grande, chato, muito semelhante ao café do Rio de Janeiro, no aspecto e no sabor. Parece que se tem notado que o café cultivado em solo de mata virgem, roçada de fresco, toma, na primeira colheita, um desagradável cheiro de terra; essa observação de todo não se refere ao café Muritiba. A qualidade inferior do café aqui, e, sobretudo a sua palidez, depende principalmente do modo impróprio do despulpamento e da seca. O cultivo dessa planta, onde tanto se cuida da lavoura da cana, também deve tomar menos rápido incremento, porque os fazendeiros ligam grande importância ao fato de o cafeeiro esgotar mais o solo do que a cana-de-açúcar. Avalia-se na Bahia um pé de café em \$800. Costuma-se despachar o café em sacos de algodão.

Fumo – A plantação do fumo, antigamente, era muito comum no Recôncavo, pois que, por um rolo grosso, não raro se podia permutar um escravo em Guiné; agora, acham-se consideravelmente reduzidos o cultivo e o comércio desse artigo. A melhor qualidade vem de Cachoeira e de Santo Amaro. O fumo em folhas é menos exportado do que o fumo em rolo. Distinguem-se duas qualidades principais: *aprovado* e *refugo*. Esta última é usada, parte no país, parte no tráfico dos negros; a primeira qualidade vai para a Europa. Recentemente, foi montada na Bahia uma fábrica de fumo por empresários franceses.

V – Entre todas as nações são os portugueses os que mais exploram o tráfico de escravos. Estabelecidos, desde mais de três séculos, em diversos pontos da costa africana, têm firmado a sua soberania com muito maior firmeza do que em geral se costuma julgar, e as suas principais colônias no reino de Angola, cujo soberano se considera S.M. Fidelíssima, em Bengala, Moçambique e nas Ilhas de Guiné, Fernando Pó, príncipe, São Tomé e Ano Bom, são inteiramente organizadas como as colônias das Índias orientais, ou como era o Brasil, antes da vinda de d. João VI. O rei de Portugal mantém relações com muitos príncipes do interior da África, como seu protetor ou aliado, e o tráfico de escravos é praticado por numerosos portugueses, por mestiços de origem portuguesa e por negros nascidos nas colônias portuguesas, não só na costa, porém até o mais profundo interior. Entre a cidade de São Filipe de Benguela, uma dependência de Angola, na qual residem um governador com o posto de major e um juiz de fora, e os presídios situados a sudeste e este dela, Cacondo,

Ambaca, Canjango etc.; habitam no saudável planalto muitos colonos portugueses, que cultivam em extensas plantações os gêneros de subsistência para os pretos a serem capturados; e, além do vergonhoso tráfico humano, igualmente exploram o comércio do marfim, cera, enxofre etc. Esses moradores do interior estenderiam, às vezes, as suas incursões até ao centro da África, e, por suas fazendas espalhadas, parece que já diversos portugueses intrépidos, vindos de São Filipe de Benguela, atravessaram o continente até Moçambique. Os escravos, que eles capturaram, pertencem às tribos dos Cacimbos, Gegês e Gingas, homens altos, da mais pura raça etiópica, de físico forte, maciço, de cor preta carregada até nos lábios, e gênio resoluto, perseverantes em todas as empreendimentos e inclinados a excessos nas paixões, amor ou ódio. Eles são embarcados em São Filipe de Benguela e em Novo Redondo. De igual modo, os portugueses de São Paulo de Loanda, a capital do reino de Angola, onde residem um governador-geral e um ouvidor, e à qual se atribui uma população de 70.000 almas, entretêm animado comércio com as regiões orientais, entre 11° e 9° de latitude sul, até ao profundo interior do continente. Os escravos embarcados em Angola, e que são designados geralmente com o nome de *angolas*, são das tribos dos Ausazes, Pemas, Gingas e Tembas, e, excetuados os primeiros, têm gênio brando, são mais civilizados e mais familiarizados com a língua portuguesa do que os outros. Ao norte dessas regiões, o Reino do Congo é frequentemente procurado pelos traficantes de escravos, porém os portugueses ali não têm soberania, nem colônias independentes, mas ancoram os seus navios na enseada de Cabinda. Aí, eles recebem os escravos, que lhes são trazidos das regiões ao norte, Loango e Cacondo, e outros vão buscá-los nos portos do rio Zaire, ou Congo, onde fazem transações com os chefes de lá. Os negros, que dali são despachados para o Brasil, são em geral chamados de *cabindas* e *congós*. São menos fortes e mais baixos do que os mencionados acima, e de cor preta menos carregada, mesmo por vezes de traços fisionômicos que diferem fortemente do tipo etiópico. São especialmente apreciados como próprios para os trabalhos da lavoura.

Da costa oriental da África (contracosta), trazem os portugueses muitos negros para o Brasil, sobretudo desde a restrição do tráfico de escravos da Guiné setentrional. Em parte, são arrancados das profundezas da África Central para Moçambique, e pertencem principalmente às nações dos macuas e dos angicos. Estes estão longe de ser de tão boa constituição e força, também são menos escuros do que os pretos de Cabinda e de Angola, mais preguiçosos, estúpidos e menos agradáveis. Dificilmente se adaptam no Brasil, e são menos empregados no serviço doméstico do que na lavoura. Das ilhas de Cabo Verde, de Cachéu e de Bissau, vinham, antes, negros para Pernambuco, Maranhão e Pará; esse tráfico, porém quase cessou atualmente, e igualmente raros são os escravos trazidos da ilha de São Tomé, onde

o número de negros livres é considerável, e onde se acham escolas para negros e um seminário para padres de cor, sob a direção do bispo de lá.

Como, durante a viagem, eu achasse ocasião de colher muitas informações sobre o tráfico de escravos, não é demais acrescentar aqui os fatos mais importantes, aproveitando as preciosas notícias que Luís Antônio de Oliveira Mendes forneceu num tratado “sobre a condição do negro na sua pátria, e sobre as doenças que ele sofria durante o cativeiro e o transporte ao Brasil” nas *Memórias Econômicas da Academia Real de Lisboa* (Tomo IV, 1812 p. 1). O comércio negreiro exerce na África tão grande influência sobre o modo de pensar e sobre os hábitos de vida do negro, que hoje esse tráfico está relacionado com todas as condições da vida e é mesmo o eixo em volta do qual gira a legislação, embora ainda pouco desenvolvida, dessa raça de homens; pois não a morte, mas a escravidão é, na maioria dos casos, o supremo castigo^{1A}, e não simplesmente a guerra, porém até as mais sagradas relações de família conferem direitos para a alienação da liberdade individual. O prisioneiro de guerra torna-se propriedade do vencedor, porém igualmente o pai de família tem o direito de alienar os filhos ou a mulher. Com a perda da liberdade é que se castigam o adultério, o roubo e o assassinio; até se paga, com ela, uma dívida de certo vulto. Rudes como sejam esses povos, existe, entretanto, no seio deles, uma instituição judicial. O juiz, *sova*, atende aos queixosos, recebe as testemunhas e absolve ou condena à escravidão. O lucro pertence, em grande parte, ao queixoso. O homem independente, que perde a liberdade, pode, quando o acusador concorda, ser substituído pela mulher ou pelo filho na escravidão; mas o sexo mais fraco, em geral aviltado à mais baixa servidão, não gozando de quase direito algum, não tem a mesma possibilidade. Os motivos que determinam a escravidão na África são, portanto, coatividade de guerra, sentença do juiz e arbítrio do pai de família. A guerra é, ora geral, declarada entre os povos, ora de indivíduos que, pela força ou pela astúcia, procuram roubar a outrem a liberdade. Os desgraçados que, por um desses citados modos, perderam a liberdade, são acorrentados ou metidos em *troncos* de madeira, em torno do pescoço ou das pernas, e mantidos, pelos seus donos ou os poderosos da região, em rigorosa prisão, até que apareçam os traficantes de escravos, e os permutem com os artigos de comércio, trazidos às costas de outros negros: armas de fogo, munições, corais, miçangas, panos de algodão, aguardente (*jeribita*). Esses

1A. Somente quando o negro se tornou réu de feitiçaria ou de alta traição, ou quando os parentes de um assassinado exigem vingança, é a morte o castigo supremo. Nos dois primeiros casos, ele é submetido a uma espécie de juízo de Deus, quando o acusado,

negociantes de homens, propriamente os verdadeiros órgãos do hediondo tráfico, são chamados de *funidores*, ou, por uma palavra muito expressiva, *tumbeiros*. Logo que um tumbeiro trata, em casa de um sertanejo ou num dos muitos presídios espalhados no país, muitas vezes vigiados por um guarda português, a compra dos escravos ali presos, marca-os com um ferrete a fogo para, no caso de fuga, os reconhecer, e acorrenta lhes a mão direita, ou, quando tem receio deles, reúne-os pelo pescoço com uma corrente pesada de ferro (*libambo*), e toca-os para frente, de um presídio para outro, até completar a permuta dos seus artigos e o libambo contar, em geral, 30, às vezes até 100 dessas miseráveis vítimas. Homens e mulheres são levados em libambos diferentes, e as crianças são tocadas aos magotes, ao lado deles. Cada escravo recebe num saco (*carapetal*) a sua provisão de milho fresco ou assado, de aipim e farinha de mandioca. Na prolongada marcha, às vezes durante semanas, de um presídio para outro, não têm os desgraçados oportunidade de preparar convenientemente essa miserável refeição, quase sempre mesquinamente aquinhoada, nem de temperá-la com o apreciado azeite de dendê ou com sal; só raramente têm tempo de fazer com a farinha de milho um angu (*anfunge*) ou uma sopa (*matete*)². A água morna que lhes é dada para beber é por vezes muito suja; o pouso da noite é em campo aberto, exposto ao sereno. Aquele que não resistir às canseiras de tão pavorosa viagem, frequentemente morre nas correntes, das quais não o livra o desalmado guia, considerando a doença fingida. Os que se conservam com vida para futuras aflições, chegam afinal às colônias ou cidades da costa, onde são vendidos pelo tumbeiro a outros negociantes, que, embora de cor branca, são igualmente sem compaixão pelos infelizes. Ali eles são internados em grandes barracões de madeira; entregues à miséria, alimentados escassamente com gêneros estranhos, principalmente com peixe de mar, rançoso; adoecem grande número deles, e já agora a disenteria, a septicemia ou a saudade do lar arrebatam muitas vidas.

Afinal, aparece um navio do Brasil, e o possuidor dos escravos, contente por poder livrar-se de uma vez da mercadoria, negocia a venda de tão grande número, para o qual não há nem espaço necessário no navio, nem provisões suficientes. Antes do embarque, são os escravos marcados a fogo com as armas portuguesas, e a coroa percebe, pelo imposto de exportação de cada escravo, a quantia de 16 1/2 cruzados. O comandante do navio conta com rápida travessia, e não toma disposições para o caso de que a sua viagem possa durar, como acon-

embaixo da árvore da justiça, diante do povo reunido, é forçado a engolir um pó venenoso: se ele vem a morrer, está provada a sua culpabilidade; mas, se o efeito é menos violento, fica demonstrada a sua inocência.

tece muitas vezes, o dobro do tempo, por causa de calmarias. Os escravos homens são todos amontoados no porão do navio; durante o dia, porém, são levados em grupos, ao convés, para tomar banho e para dançar. Esse modo de tratamento, ao qual as mulheres e crianças não estão sujeitas, é a razão por que estas últimas chegam ao Brasil em condições de saúde relativamente melhores. A refeição consiste, durante a viagem, em feijão, milho e farinha de mandioca, às vezes também peixe salgado; a sua bebida é água, e, de quando em quando, também um pouco de aguardente. Como os gêneros em geral são levados do Brasil à África, ou são comprados ali deteriorados, tem o desgraçado escravo que lutar, não somente contra a fome, pois raro recebe uma ração satisfatória, mas também contra a náusea. Entre todas as provações, esse tempo da travessia é o mais horrível; e, frequentemente, a morte vai logo abrindo lugar no abarrotado porão infecto, para os restantes. Assim, por exemplo, no ano de 1817, conforme soubemos, dos 20.075 escravos, que foram embarcados para o Rio de Janeiro morreram em caminho 2.342; no ano de 1818, porém, dos 22.231, elevaram-se as perdas a 2.429. Um só navio de Moçambique, carregado com 807 escravos, perdeu 339 deles; outro, trazendo 474, perdeu mais da metade, 238; cinco embarcações que zarparam na primavera de 1821 para a Bahia, trouxeram 1.573, e deles tinham perdido 374³. Chegando aos portos marítimos do Brasil, são os escravos transportados para grandes trapiches de madeira, sitos na proximidade do porto, onde mal cobertos com um farrapo de pano de cor para guardar a decência, jazendo na terra fria, uns juntos dos outros, o mais das vezes ainda sucumbem às doenças que ceifaram a vida de uma parte de seus desgraçados companheiros de viagem. São elas: febre nervosa, sezões, espasmos do peito, disenterias sangrentas, mal de Loanda, inflamação, supuração e gangrena do ânus, *bicho do cu* (*doença do bicho*)⁴, às vezes consequência das febres nervosas, sarampo e às vezes também bexigas, inflamação crônica do fígado e do baço, *ressicação* dos bofes, cegueira, vermes e a *vena medinensis*. Aparecem também, frequentemente, moléstias sífilíticas e muitas espécies de exantemas crônicos e agudos.

Procuram os traficantes prudentes evitar as bexigas por meio da vacinação, a que logo submetem os negros desembarcados⁵. No Brasil, aparecem essas doenças, ora em consequência dos infortúnios sofridos, ora em virtude de resfriamentos, da alimentação diferente, e pelas saudades da pátria e outros profundos

2. São dois africanismos, *anfunge* e *matete*, para os quais, não abriram lugar em seus léxicos os tratadistas lusos e brasileiros, certamente porque os referidos vocábulos não caíram no gosto do povo. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.).

desgostos (banzo); a estes os desgraçados entregam-se, às vezes, de modo tal, que de balde se procura socorrê-los, pois em geral se deixam voluntariamente morrer à fome. Se o escravo tem a felicidade de achar logo no porto um senhor, acabam-se os seus males, e frequentemente, dentro de poucos meses, ele já se adapta à nova pátria. Se lhe cabe, porém, a sorte de ser comprado por um traficante de escravos, que negocia no interior, é obrigado às vezes a fazer a pé uma viagem de muitas centenas de léguas, até que, afinal, é vendido. Nessa marcha, os escravos caminham soltos, procurando-se para eles, à noite, pouso coberto e suficiente alimentação.

Um português, com quem fiz a viagem de Pará a Lisboa no mesmo navio, tinha viajado diversas vezes a Benguela e no rio Zaire (Congo) para comprar escravos e estava em condições de me fornecer algumas informações sobre este tráfico indecoroso, que acho tanto mais conveniente inseri-las aqui porque o interesse dos geógrafos para aquelas partes da África ainda aumentara desde a desventurada expedição do capitão Tuckey, podendo contribuir a completar a ideia que costumamos fazer, baseados nos conhecimentos até agora imperfeitos, do estado daquelas regiões. Os negros que outrora foram trazidos da foz do Congo para o Brasil, vinham da região costeira de Caongo, ao norte do Congo, para a praia de Cabinda, onde ancoravam os navios portugueses. (Os negros do Sonho, nômades, rapaces e pérfidos, morando na margem meridional do rio, não encontraram em relações comerciais regulares com os portugueses.) Atualmente, porém, a maior parte dos escravos não é mais apanhada nesta costa, senão no interior da bacia do Congo, pelas próprias lanchas dos navios negreiros, que, entretanto continuam ancorados na baía de Cabinda. Prefere-se esta à baía de Loango e à chamada enseada do Galego, grande baía ao sul da foz do Congo, para aguardar o resultado das expedições. Durante esta estada não se pode contar com aprovisionamento da costa de Cabinda de escassa povoação, razão por que os navios com destino à Gui-

-
3. Vide *Rapport sur l'état actuel de la traité des Noirs*. Londres 1821. Maria Graham, *Journal of a Voyage to Brazil*, London, 1824.
 4. A essa doença, chamada aqui, no Brasil, mais geralmente pelos nomes de *maculo* e *corrução*, referem-se não só os portugueses Capelo e Ivens, como principalmente alguns médicos brasileiros (notadamente o dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, o famoso caudilho da Sabinada de 1837, e o dr. Antônio Teixeira da Rocha, depois barão de Maceió, e até um francês, a quem muito deve a nossa pátria, o dr. José Francisco Xavier Sigaud, este em seu livro *Du climat et des maladies du Bresil* (Paris, 1844). (Nota da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

né costumam abastecerem-se previamente nos portos brasileiros, ou especialmente, quando vindos do Rio de Janeiro, em São Filipe de Benguela. A tripulação que vai penetrar o interior em lanchas pelo rio Zaire (Congo) (também às vezes chamado Aires pelos portugueses), geralmente leva mantimentos para vários meses para si e para os escravos a serem comprados. Até o porto mais afastado do Zaire, onde os portugueses embarcam escravos, as pequenas lanchas gastam um mês. Dali, às vezes, a tripulação ainda faz excursões ao interior de vários dias a fim de se procurar o número necessário de escravos. Chegam até o presídio de São Salvador, onde reside o soberano, *Banza Congo*, do território do Congo, e existe uma feitoria portuguesa. Este príncipe é completamente independente da coroa portuguesa, porém, aliado fiel dela. (Apareceria nas ocasiões solenes decorado com a ordem de Cristo.) Os escravos comprados são levados em pequenos grupos de 8 até 20, rio abaixo, sendo os homens, dos quais se receia levantar, encadeados. Como o rio, na proximidade da foz frequentemente está marulhando muito e as lanchas, que se costuma alugar dos chefes, são ruins, às vezes cortadas de único tronco, não é raro afogarem-se todos num acidente. Continua-se com este transporte até que o navio grande ancorado no porto de Cabinda tenha o número de escravos considerado suficiente pelo empresário. Naquele país tudo está organizado para o tráfico de escravos. O soberano, *rei do Congo*, os chefes, *tchenus*, os nobres, *camadores*, e os agentes comerciais e funcionários deles, *mafucas*, conservam os seus escravos até a chegada dum navio e concluem então com meticulosidade o negócio. Cada peça de fazenda, artigo principal da permuta, é examinada rigorosamente, cada serviço em relação com o transporte e o abastecimento é vendido; cada porto ou pousada rende para o respectivo chefe ou mafuca determinadas taxas, cuja cobrança é controlada com o mesmo rigor ciumento como as costumeiras homenagens, por exemplo, os tiros de canhão, para as quais existe nos navegantes da Guiné um regulamento próprio, que vai até onze tiros. Toda a população na proximidade do rio, pelo tráfico de muitos anos com brancos de diversas nações, tem facilidade de falar as línguas europeias; sobretudo, a língua portuguesa, esta muito difundida. Uma inclinação quase como a dos macacos, de imitar o europeu em todas as aparências, faz, ao lado da falta da civilização desses povos, impressão repugnante sobre o europeu. Em lugar das missões, outrora numerosas, existe agora uma só em São Salvador. Em São Filipe de Benguela e na Angola os navios recebem sua carga por intermédio de comissários, cada um dos quais negocia anualmente de 600 a 1.000 cabeças. Como os escravos

5. A vacinação já foi, com resultado, decretada pelo governo, na Bahia. Nos anos de 1817 a 1818, foram inoculadas 2.241 pessoas, no palácio do governo. A linfa vem, em geral, da Inglaterra.

dali, muitas vezes, já se encontram cativos nos trapiches por algum tempo e sujeitos a penúria múltipla, em geral, apresentam mortalidade maior durante a viagem marítima. De resto, é São Filipe de Benguela um porto de fato muito fértil, com abundância de hortaliças, feijão e gado vacum, entretanto, o clima quente e úmido da cidade e as exalações pútridas que vêm das altas montanhas vizinhas, tornam extremamente perigosa a estada aí. Poucas semanas bastam para dar a um europeu de boa saúde um aspecto cinzento-chumbo; mulher branca alguma conseguiria criar filhos aí, sendo que os perdem por aborto ou que nascem fracos e definham nos primeiros meses de vida. Mesmo os sertanejos que moram nos planaltos a leste e se dedicam ao tráfico de escravos, evitam a estada nesta cidade pestilenta, de escassa população. As viagens pelo interior, partindo dali, são mais fáceis, graças aos numerosos presídios e fazendas portuguesas; e talvez nenhum outro caminho seja mais apropriado para se obter informações sobre o interior enigmático daquele continente. É de desejar que o siga um explorador corajoso, entretanto, não devia hesitar de viajar mesmo como traficante de escravos.

É coisa mais do que sabida que a instituição do tráfico de escravos (desde tempos imemoriais, praticado na África), incorporada à vida civil e política desse continente, também está intimamente ligada à própria existência das extensas colônias portuguesas daquela parte do mundo. Isto é, embora Portugal receba de suas colônias africanas vários preciosos artigos de comércio, como cera, enxofre (que também é exportado de Benguela), pó de ouro e marfim⁶, a conservação e administração dessas colônias, sem o tráfico de negros, que dá grandes lucros, não se sustentaria sem grandes dificuldades.

O número de escravos, que anualmente vão da África para o Brasil, avalia-se em uns 50.000. A coroa de Portugal, enquanto o Brasil fazia parte de suas possessões, cobrava por esse número, somente nos lugares de embarque e desembarque, a quantia anual de 830:000\$000 no mínimo, de direitos de exportação e importação.

VI – A relativamente maior quantidade de caldo na cana de Taiti deveria, realmente, justificar o receio do plantador baiano em cultivá-la, pois aqui a fertilidade do solo não favorece tanto o aumento da sacarose, com o da mucilagem, da albumina e da goma verde no suco, e, portanto, a quantidade de caldo não corresponde de todo com a mais proveitosa produção de açúcar. Por esse motivo, os plantadores enfraquecem de propósito o terreno nas derrubadas de mata, feitas de fresco; com sucessivas culturas, até finalmente produzir a cana bem doce. Pela mesma razão, deixam em certos lugares as touceiras de cana envelhecer, e esperam o aumento de rendimento com a maior idade do canavial. O cultivo da cana de Taiti,

somente é vantajoso em lugares secos de difícil irrigação, ou de frequente falta de chuva.

Procede-se ao fabrico do açúcar segundo os usuais processos e regras, sem que o administrador possa gabar-se de compreensão científica alguma dos processos químicos por ele dirigidos. Faltam, portanto, muitos dos melhoramentos, que nas Antilhas já são em uso geral. As canas cortadas são transportadas em pesados carros de bois, até à moenda, a qual, por via de regra, funciona num galpão muito espaçoso, acionada por bois. São de jacarandá os cilindros, e revestidos com fortes arcos de ferro. Não observei em parte alguma o dispositivo chamado *doubleuse*, que leva o bagaço de volta para uma segunda prensagem; razão por que, de cada lado da moenda, está uma negra ocupada em suprir as canas. O aquecimento é feito com o bagaço; porém, por causa da construção defeituosa dos fornos, quase sempre se desperdiça muito combustível. Na maioria dos engenhos, acha-se o reservatório do caldo espremido (*cocho do frio, paiol do frio*) na casa das caldeiras onde se costuma completar a fervura, e refinação da garapa, em quatro caldeiras de cobre, fabricadas na própria Bahia. Para filtrar, empregam-se coadores de espesso pano de algodão, fabricado no próprio país. A escumação faz-se ao modo habitual; para refinar (*clarificar, dar as cobertas*), emprega-se água de cal com sangue de boi, e, às vezes, o suco espremido de diversas espécies de Polygonáceas (*Polygonum antihæmorrhoidale* Mart). A calda, bem engrossada, é levada da casa das caldeiras para a *casa de purgar*, e ali é tratada até a cristalização do açúcar. As formas são feitas de argila branco-acinzentada, que aparece em diversos lugares do Recôncavo. De cem formas, pesando cada uma três arrobas, calcula o fazendeiro obter tanto melado (*mel de purga, mel de tanque*) que dele poderá destilar cinco até seis pipas de cachaça. Essa cachaça, porém, é em geral bastante inferior em teor alcoólico ao rum das colônias inglesas.

Os destiladores chamam de *prova de Holanda* à sua produção comum; é uma cachaça que contém 50% até 60% de álcool. A qualidade seguinte, de 70% a 80% de álcool, é chamada de *três/cinco*, porque três partes dela com duas de água dão a *prova de Holanda*. A qualidade mais forte, *três/seis*, contém cerca de 90%. Os alambiques são igualmente fabricados na Bahia. Só poucos deles são construídos

6. O marfim serve de moeda no interior da África, mas a sua compra e exportação são arrendadas pelo governo, e proibidas, sob rigorosas penas, a todos, exceto o contratador. Defesas grandes de 32 e mais libras de peso (*marfim de conta*) são pagas pelo arrendatário a 28.000 réis por quintal; medianas (meião) por 16.000 e pequenas, de menos de 16 libras (miúdo, escaravelha) por 6.400 réis.

segundo as regras recentemente adotadas na arte de destilar cachaça. Há pouco tempo, entretanto, alguns ricos senhores de engenho mandaram vir aparelhos da Inglaterra.

Nas condições comuns, um canavial de 1.333.333 $\frac{1}{3}$ pés quadrados (paris), produz 3.000 arrobas de açúcar bruto e 55 pipas de aguardente. Pareceu-me oportuno comparar essa produção de açúcar com a de alguns outros países; mediante as informações que o Sr. barão von Humboldt coligiu; a comparação deu o seguinte resultado:

Num terreno de 1.333.333 pés quadrados (paris), obtêm-se do canavial:

	Libras	Libras inglesas	Quilogramas	Unidade
Bahia	94,541	= 97,025	= 44,004	= 1,0000
São Domingos	57,432	= 58,941	= 26,732	= 0,6074
Cuba	38,458	= 39,469	= 17,900	= 0,4067
Bengala	171,483	= 176,358	= 79,985	= 1,8219
Açúcar e beterraba				
França	15,114	= 15,511	= 7,034	= 0,1598

A grande divergência da produção de açúcar, como estes dados apresentam, particularmente a sua preponderância em Bengala e na Bahia, parece justificar a conclusão de que, tanto a diversidade das próprias canas, quanto as diferenças de solo e as possíveis divergências na manipulação, tornam impossível fazer-se um cálculo geral; ao menos, não me atrevo a explicar a diferença achada entre Cuba, São Domingos e Bahia, salvo erros nos dados fornecidos.

Os impostos de uma fábrica de açúcar, pagos ao Estado, são avultados na Bahia. Um engenho, que produz 3.000 arrobas de açúcar e 55 pipas de aguardente, paga o dízimo do açúcar; portanto, ao preço médio do açúcar de 2\$000, 600\$000; além disso, paga-se por um alambique com um bico, 50\$000, e com dois bicos, 80\$000 anuais, imposto de indústria. Ainda acresce o *subsídio literário*, para pagamento do mestre-escola, com 10 réis por canada (4 quartilhos) de aguardente. Além do mais, há as taxas da lavoura e do gado necessário para a fábrica, assim como os da pescaria, tributada com os 10%, pagos ao arrendatário. Para a licença de matar um boi, pagam-se 320 réis à municipalidade (*Câmara*) e, quando se vende dessa carne, 5 réis pela libra ao governo (*arráteis das carnes verdes*).

.....

Capítulo IV

VIAGEM À COMARCA DOS ILHÉUS E REGRESSO À BAHIA

NOS ARREDORES DA BAHIA, são abundantes as afáveis paisagens. O terreno acidentado do promontório, todo plantado, enleva a alma, pela vista da imensa superfície do oceano; e encantam-nos as ilhas da baía, com a sua feição idílica, revestidas de eterna verdura e os campos de certo modo enobrecidos com o intenso cultivo. Entretanto, aqui não se encontram nem as românticas variações de vistas, nem a plenitude e pujança da mata virgem frondosa, nem as grandiosas formas das serras, as quais reunidas fazem do Rio de Janeiro um dos mais belos lugares do mundo. Particularmente no Recôncavo, já se tornaram raras as antigas matas virgens. Tornava-se-nos, pois, imprescindível conhecer o aspecto de matas não profanadas, em outras regiões da província, e de bom grado aceitamos, então, o convite do marechal Felisberto Caldeira, para, embarcados na sua escuna, irmos visitar a vila de São Jorge dos Ilhéus¹, em cuja vizinhança possui ele um grande engenho de açúcar. A deliberação de nosso amável patrício, o Sr. C. F. Schlüter, de Hamburgo, de acompanhar-nos nessa cur-

1. Hoje Ilhéus.

ta excursão, ainda mais nos animou; e, assim, na tarde de 11 de dezembro, partimos da Bahia e rumamos para fora do porto, tocados pelo fresco teral, sob esplêndido luar. A cidade iluminada, as esparsas luzes na costa de Itaparica e os contornos vacilantes do litoral multiforme reuniam-se para um belo quadro noturno, não só inspirado de vida pelas toadas longínquas de pescadores, como também de força mágica, de nos lembrar cenas semelhantes, na Europa. À entrada da barra, encontramos uma flotilha de navios mercantes portugueses, os quais, com receio dos numerosos piratas de Buenos Aires, chegavam ali acompanhados por um vaso de guerra. Quando, ao amanhecer o dia, subimos à coberta, avistamos a oeste o morro de São Paulo, monte cônico de granito, revestido de vegetação, o qual, embora só tendo algumas centenas de pés de altura, se destaca, nesta costa baixa, como importante ponto de orientação para os navios que erraram a entrada da baía. Eleva-se o monte numa ilhota, e dispõe de insignificante fortificação. A terra, ao longo da qual nós agora viajávamos, na distância de algumas milhas marítimas, é baixa, e, perto do litoral, acham-se muitas ilhas. A vegetação sempre viçosa, na proximidade imediata do mar, sobretudo a do mangue-vermelho (*Rhizophora mangle* L.), oferece de longe bonito aspecto; porém, quando se lhe chega perto, sofre-se a agressão de nuvens espessas de mosquitos, que, ao que parece, põem os ovos na lama da costa e se multiplicam de modo incrível. Perto de meio-dia, chegamos à latitude de Camamu, donde começam a elevar-se, cada vez mais, a costa e as terras do interior, até ao sul da foz do rio de Contas, onde terminam as últimas ramificações da serra do Mar, coberta de mata e estendendo-se desde a capitania de Porto Seguro, com uma altura de 200 a 300 pés. Contávamos ancorar na baía de Ilhéus, antes do pôr do sol; mas, justamente quando avistamos as quatro ilhotas diante dela, caiu um forte sudoeste, que obrigou a escuna a bordejar toda a noite, em frente à barra. As duas maiores daquelas ilhas pareciam de longe semelhantes a chapéus de copa baixa: a maior, sita ao norte, é coberta de mata; a menor, assim como as outras mais, estão revestidas de capim e arbustos, constando de rocha.

Entre as duas maiores, há submerso um recife, no qual as ondas rebentam com violência. A entrada do porto está entre a ilha setentrional (ilha Verde) e a terra firme. O rio dos Ilhéus lança-se na enseada, depois de fazer grande curva para o sul, e forma, na parte setentrional do porto, uma

estreita língua de terra, na qual está situada a vila de São Jorge dos Ilhéus. Ali ancoramos, pela madrugada do dia 13 de dezembro, na profundidade de duas braças e meia.

A posição da vila de São Jorge dos Ilhéus é muito bonita. A ponta de terra arenosa, em cuja margem ocidental está edificada a vila, é guarnecida de um profuso coqueiral ondeante, imprimindo um particular encanto a bela palmeira onde quer que apareça. Para o lado do norte, eleva-se a língua de terra em outeiro coberto de mata fechada (chamado pelos navegantes de Focinho de Cão), e em cujo topo domina a igreja de Nossa Senhora da Vitória; a oeste, o olhar demora-se, com prazer, no extenso espelho de água do rio dos Ilhéus, em formato de lagoa, circundado de graciosos arbustos verdes. A leste vê-se o oceano em majestoso movimento, rolando as suas ondas ao longo da costa baixa, que se estende, ora em linha reta, ora recortada em pouco profundas enseadas, aqui com rochedos baixos, acolá revestida por vistosos arbustos de Éfedras, Pisonias, Crótons e Hamélias, ou pelo pequeno coqueiro da praia, o ariri (*Cocos Schizophylla* M.), e apresentando ora areias de grande alvura, ora campinas de viçoso verde. Quem apreciar com olhar encantado essa paisagem adorável e lembrar-se de que, já no ano de 1540, se havia fundado aqui uma colônia portuguesa, perguntará a si mesmo por que não se encontra aí uma cidade populosa e próspera, e apenas algumas cabanas pobres, em ruas cheias de capim. Atualmente, a povoação não tem uma só casa sólida, pois o Colégio dos Jesuítas, construído em 1723 com grés e tijolos, desabitado e abandonado, já começa a cair em ruína. A vila e toda a sua freguesia contam hoje apenas 2.400 almas, embora seja cabeça da comarca de Ilhéus e residência do ouvidor. Quanto à educação, diligência e atividade são os habitantes desta bela região muito inferiores aos mineiros, mesmo os das vilas menores, embora estas estejam situadas no profundo interior do continente, longe de todo meio de aperfeiçoamento do seu estado social. Indolência e miséria andam também aqui de par, e, satisfeitos com o seu estado de constante ociosidade, sem aspirações mais elevadas, os habitantes de Ilhéus descuidam-se tanto da agricultura, que eles próprios não raro passam fome, e ainda mais os forasteiros, que os visitam. Graças aos esforços de nosso bravo companheiro, o Sr. Schlüter, que se encarregou do papel de dirigente da viagem e obrigou o juiz da localidade a mandar vir mantimentos de

uma fazenda algumas léguas distante, apenas sentimos fome nos primeiros dias de nossa estada ali. Atribuem-se, talvez com razão, a estranha preguiça e incultura dos moradores ao fato de serem eles na maioria *tapuiada*, isto é, mestiços de índios. De resto, os portugueses, que aqui se domiciliaram, são da mais baixa extração; são marinheiros, carregadores e lavradores aborrecidos do trabalho, que, considerando-se privilegiados, aqui, não podem elevar a moral nem a indústria desta população desleixada. Antigamente (por exemplo, em 1660, 1670 e 1730) foi a vila sujeita a invasões constantes dos botocudos, que antes eram chamados aimorés, e, nesta região – gueréns; sua decadência data, principalmente, da expulsão da Companhia de Jesus, que se ocupava da catequese das tribos dos arredores, e as estabelecera na vila de Valença, Serinhaem (propriamente, Santarém), Barcelos e Olivença. Os índios, que, ao longo da costa meridional da Bahia, se sujeitaram à influência educadora dos jesuítas, pertenciam à tribo dos tupiniquins. Eles ocupavam as terras costeiras, entre o rio São Mateus (outrora Cricaré) e o rio de Contas; mas, enxotados pelos hostis aimorés e tupinambás, tornaram-se verdadeiros amigos dos portugueses. Dessa numerosa nação, cuja índole pacífica, leal e dócil é elogiada, descendem os índios mansos, que habitam, ao longo da costa, as já mencionadas vilas e em palhoças isoladas. Atualmente, o seu número, em toda a comarca, é calculado, quando muito, em 4.000 almas. É um povo inofensivo, mas pouco dado ao trabalho, e sem pretensões, alimentando-se da pesca e da caça, assim como do diminuto cultivo de milho e mandioca. Na vila de Olivença, a duas léguas ao sul da vila de São Jorge, habitam uns 800 desses índios; entretanto, segundo se diz, eles já se misturaram ali com os descendentes dos gueréns. A administração municipal, feita por um juiz escolhido do seu meio, auxiliado por um escrivão português, concede-lhes certas liberdades. A grande maioria da gente desse lugarejo ocupa-se com a fabricação de rosários de cocos de piaçaba. Segundo me informaram, eles têm despachado para a Bahia, em alguns anos, o valor de mil cruzados dessas contas, embora no local um rosário custe apenas dez réis. Ocupam-se outros em fazer cordas, escovas, esteiras, com as fibras da piaçaba, e chapéus de palha do coqueiro, sabendo também tingir, com pau-brasil ou pau-amarelo, esses chapéus e panos de algodão. A constituição física desses índios do litoral é robusta e a sua fisionomia muito mais simpática do que a dos sabujás e dos cariris;

são bons remadores e nadadores, e, quando resolvem trabalhar, por conta dos fazendeiros, como diaristas, cuidam com persistência e grande jeito da derrubada das matas. Da sua língua primitiva não encontramos mais vestígio algum entre eles; todos falam um português deturpado. Pareceram-me esses índios, de todos os que tive a oportunidade de observar no Brasil, os mais assimilados aos europeus. Nesse sentido, é notável o fato de serem eles muito mais prolíficos, comparados com os outros índios, podendo-se calcular a média de seis indivíduos em cada família.

O rio dos Ilhéus é propriamente a foz comum de três cursos de águas, o rio da Cachoeira, o do meio e o maior, que nasce na serra Itaraca, umas vinte léguas distante; o rio do Engenho, ao sul; e o rio Fundão, ao norte, com apenas poucas léguas de extensão. As suas margens são cobertas de densas matas virgens, que, num ou noutro ponto, cederam lugar a uma rota ou a um pequeno engenho, comparado ao do Recôncavo. O único importante engenho de cana, que ocupa 260 escravos, produzindo 9.000 a 10.000 arrobas de açúcar, e quantidade correspondente de gêneros alimentícios e um pouco de algodão, é o Engenho de Santa Maria, no rio do Engenho, ao qual deu o nome. Pertence ao amigo que nos hospedou na Bahia, o Sr. Felisberto Caldeira, e a convite seu, devia ser o nosso pouso, durante a nossa visita a Ilhéus.

Preferimos, entretanto, partir quanto antes do litoral, para nos internarmos nas majestosas matas que nos cercavam; e, nessa viagem animava-nos a expectativa de encontrar em Almadás, sete léguas a oés-noroeste da vila, alguns patrícios que se haviam estabelecido ali. Costuma-se não viajar por terra, indo para aquela região, porém tomar pelo rio Itaípe, que dali corre para o mar e deságua no oceano, uma hora acima da barra de Ilhéus; todavia, como a sua foz é muito larga e cheia de baixios, evita-se entrar pelo mar e prefere-se subir pelo rio Fundão, até ao ponto em que este se aproxima tanto do Itaípe, que facilmente é levado o carregamento, através de uma estreita faixa de terra, para o reembarcar neste último rio. As aprazíveis margens do rio Fundão, ora são revestidas de viçoso tapete de capim, ora de areias limpas por onde rastejam as ramadas da avermelhada salsa da praia (*Ipomoea pes caprae* R. B.) e uma esquisita gramínea, (*Stenotaphrum americanum* Schrank) ou de arbustos reluzentes, onde se destacam numerosos coqueiros e palhoças esparsas, que dão à região feição

tranquila e campestre, formam o mais estranho contraste com as escuras e densas selvas das margens do Itaípe, pelas quais a canoa com dificuldade abre caminho, aqui por entre troncos de árvores caídas, acolá por entre juncais. Muitas formas singulares apareceram-nos pela primeira vez, mostrando grande diferença da vegetação das matas virgens, vizinhas do Rio de Janeiro. Ao longo das margens, estava um arbusto da família das Aráceas, a aninga (*Caladium liniferum* Nees.); os seus troncos, adelgaçando-se para cima em forma cônica, de quatro a cinco polegadas de diâmetro, cinzentos, e, de quando em quando, brilhantes como marfim, coroados com grandes folhas sagitadas e espadas em forma de bote, trançam às vezes impenetráveis paliçadas; ao lado, relvados de Rapáteas ostentam, entre as suas folhas liliáceas, grandes capítulos de flores amarelas; esbeltos troncos de Helicônias deslumbram, com as suas espadas purpurinas ou escarlates, e o caniço de flecha, o ubá (*Gynerium parviflorum* Nees.) balança a sua panícula unilateral, por entre os densos ramos das mimosas pinadas; aqui, os cipós enroscaram-se pelos troncos brancos das embaúbas em tapeçaria espessa; acolá penduram em grinaldas compridas, constituindo pontes pênséis vacilantes, nas enseadas do rio. O esplendor variado das formas dessa folhagem é realçado pelo colorido de inúmeras flores. Quantidade de galinhas-d'água, garças, mergulhões, etc. (*Gallinula martinicensis*, *Ardea virescens*, *Plotus melanogaster* L., e outros), animam as moitas; a vida e atividade sossegadas dessas espécies de aves harmonizam com afeição agreste desta solidão, e o viajante, remando lentamente rio acima cede a um misto de sensações, de admiração e melancolia, até que o aparecimento de um jacaré, a espreita, o assusta; ou um bando de lontras, que passam roncando, velozes como flechas, o interrompem. Embora pareçam ser visíveis o fluxo e o refluxo da maré no Itaípe, longe, rio acima, até à sua junção com a lagoa de Almada, e mesmo nela, notamos, todavia muito fraca vazante acima de nossa entrada no rio; patenteiam-se as raízes dos mangues entre as quais notamos, além do caranguejo terrestre comestível (*Cancer uca* L.) também uma espécie de camarão (*Palaemon guaricururu* Fabr.), ambos muito apreciados pelos habitantes; são saborosos, principalmente quando preparados com azeite e vinagre. Esses crustáceos, mariscos e peixes marinhos, constituem, com as bananas e a farinha de mandioca, a usual alimentação dos habitantes do litoral, e a ela se atribui a grande fecundidade da popu-

lação. Mas acima, estava o rio coberto, nas suas enseadas mais profundas e tranquilas, de um espesso revestimento da *Azolla pinata* Lam., semelhante a musgo, e da *Pistia stratiotes* L.², duas plantas curiosas, a última das quais se assemelha de certo modo a uma forma gigante das nossas lentilhas-d'água (*Lemna*). Internando-se mais pelas terras, torna-se o rio pedregoso e raso; precisamos, diversas vezes, arrastar a canoa por cima de pontas de rochas graníticas sobre as quais crescia em abundância uma planta notável, a *Lacis fucoides*. Segundo informações dos índios que nos acompanhavam, essa erva é apreciada pelo manatim (peixe-boi), que, apesar de muito raro, dizem existir nos rios desta comarca. Depois de termos viajado umas cinco léguas no rio, deixamo-lo perto de Tariri, fazenda abandonada, e atravessamos o mato sobre terreno montanhoso. Ora perto, ora longe, roncava aos nossos pés o Itaípe, no seu leito de granito, em profundo vale, e variadas vistas de gargantas, cobertas de vegetação luxuriante, de escuras escarpas e de pequenas cachoeiras, recompensavam-nos das canseiras da excursão por trilhos escabrosos e íngremes. E esquecemo-las totalmente, porém, ao entrar na fazenda de Almada, onde nos foram dadas as boas-vindas, acompanhadas de um aperto de mão à maneira alemã.

Tivera o Sr. P. Weyll a coragem de estabelecer-se nessa solidão; grandes trechos da mata haviam sido derrubados, queimados e plantados com milho, arroz, cana e café; no vale à margem do Itaípe, que justamente aí forma pequena cascata entre pitorescos grupos de rochedos, estavam os alicerces de um engenho de açúcar, para cuja construção se contratara um contramestre inglês. No cume do morro, que domina toda a sesmaria de uma légua quadrada, pertencente ao nosso hospedeiro, devia ser construída a casa de morada. Esses preparativos, executados por dez a doze escravos negros e por índios, diaristas, de certo modo, só então fizeram compreender ao corajoso colono todo o vulto e todas as dificuldades de sua empresa. Só agora ele conseguia perceber a imensa floresta que chamava sua, da qual ele, entretanto, só podia esperar recompensa para o trabalho, após contínuos sacrifícios durante vários anos cheios de fadigas e preocupações. A vegetação, com toda a pujança do solo virgem, insurge-se contra a ope-

2. Lentilha-d'água, flor-d'água, golfo, também alface-d'água, segundo o professor Melo Barreto. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

rosidade do homem; e muitos dos nossos ingênuos lavradores tachariam de temeridade a empresa de opor aqui a pacífica agricultura, armada de machado e fogo, à desordenada força criadora desta terra. Grandes e variados são os flagelos a que estão expostos os audazes fazendeiros, nestas selvas solitárias, longe de todo contato com o mundo civilizado; pois, além das canseiras do desbravamento da espessa mata, onde muitas árvores de dez a doze pés de diâmetro exigem dois machados, durante dias, para serem abatidas e onde a queimada muitas vezes fica incompleta, os vermes, caracóis, formigas e pássaros perseguem ainda mais as plantas cultivadas, por serem estas delicadas estrangeiras nessas selvas, corre o recém-chegado o risco, assim como os seus serviçais, de contrair muitas doenças, principalmente a febre palustre e erupções cutâneas; sofre a agressão dos mosquitos, que o obrigam a fechar cuidadosamente a sua cabana durante o dia, pois eles procuram os lugares sombrios; falta-lhe frequentemente o alimento sadio costumado, tendo que mandar buscar longe todas as provisões de carne, manteiga, etc.; e, finalmente, os escravos são para ele motivo de constantes apreensões, visto que o menor descontentamento dá motivos para fugirem para as imensas matas vizinhas ou a se ocultarem nas casas dos fazendeiros distantes. As leis, na verdade, determinam punição rigorosa dos brasileiros que retêm escravos alheios, mas não é raro que isso se dê; o agricultor, no início de sua empresa, cujo capital fica assim em parte improdutivo, sofre então da falta de braços, com maior dureza quanto mais precisa deles.

Para todas estas dificuldades, não bastante avaliadas na Europa, chamou-nos a atenção o nosso hospitaleiro compatriótico; pudemos com isso reconhecer quanta força de caráter, e mesmo de boa sorte e acaso, são necessários para serem tão bem sucedidos nas empresas os colonos alemães, naquelas regiões, como não raro a gente em nosso país imagina. Também os dois vizinhos do Sr. Weyll, – na fazenda Luisia, o Sr. Fr. Schmid, de Stuttgart, e, em Castel Novo, o Sr. Borell, de Neuchatel – se bem que esperançosos, fizeram-nos igual descrição das dificuldades de uma colonização nestas matas. O primeiro tencionava transformar em potassa as cinzas dos troncos queimados nas suas roçadas, e julgava ter observado que as cinzas das árvores do local possuem relativamente muito mais potássio e o outro cultivava, de preferência, café. Todos haviam sofrido muito de febres palustres, e acreditavam, com razão, que as suas novas moradas só ficariam

livres das nocivas exalações das matas, quando estas fossem aclaradas pelo estabelecimento de populosa colonização nos seus arredores. Mas ao que sabemos, até hoje esse desejo ainda não foi realizado. E depois que se instalou nas margens do rio Mucuri na província de Porto Seguro um grupo de alemães, especialmente de colonos de Frankfurt, sob a direção do Sr. Freyreiss, por infelicidade tão cedo ali falecido, isso levou o Sr. Weyll a transmigrar para ali; quanto ao Sr. Schmid, esse já havia antes abandonado a sua empresa, e retornado à Europa.

A região montanhosa de matas de Almada havia sido antes habitada pelos gueréns, uma tribo dos botocudos, que, embora em pequeno número, se podia obrigar a ocupar este ponto, em vez das matas do rio de Contas. Também uns remanescentes tupiniquins foram para aí transferidos pelos jesuítas; porém, essa colônia já estava, desde muito tempo, em decadência, e desapareceu completamente, quando, em 1815, se abriu uma estrada de Ilhéus para rio Pardo, e o resto da população foi removido para a recém-edificada vila de São Pedro de Alcântara. Sua Alteza, o príncipe Maximiliano de Neuwied, que, dois anos antes havia visitado, na fazenda de Almada, os solitários agricultores, encantando-os com o seu caráter amável e o seu entranhado amor pela história natural, foi ainda testemunha ocular da existência desses restantes gueréns ali; depois disso, morreu o velho índio Manuel, e apenas alguns índios mansos, provavelmente da tribo dos tupiniquins, que já não sabiam mais falar a língua de seus pais, ficaram para servir de caçadores aos novos colonos. Guiados por eles, fizemos com o Sr. Weyll uma excursão à denominada lagoa de Almada, pequeno lago distante légua e meia a nordeste da Almada, e ligado ao rio Itaípe por um afluente do mesmo. Foi no dia de natal de 1818 que, com a alma na mais alegre disposição, seguimos rio abaixo, para aquela bonita lagoa. Em vez do emocionante repique dos sinos e dos cânticos festivos, que ressoam nesse dia (lá de inverno) na Europa cristã, nós ouvíamos, remando por entre as perfumosas guirlandas de flores e grotescos cercados de aninga, o pipilar das galinhas-d'água e os urros dos barbados, que repercutiam longe, no sossego da mata. A pátria exerce antigo direito sobre os filhos ausentes, em dias como este, santificados pelas recordações, e comparar o presente com o passado é então agradável ocupação para os viajantes. Alcançamos, por entre as ramadas intrincadas da aninga, o espelho de água da lagoa tranquila, sita entre montanhas cobertas de escu-

ras flores, e desembarcamos numa clareira, onde uma nascente caudalosa se precipitava, sobre largos socalcos, derramando agradável frescura. Defronte desta, despenhava-se outra cascata, estendida em véu de água, de uma parede de granito de cem pés de altura. De granito são todas as montanhas das cercanias da lagoa de Almada, assim como predomina essa pedra, em geral nas montanhas do litoral da comarca de Ilhéus. À margem, apresenta-se a descoberto, aqui e acolá, em grandes bancos, que, pelas profundas cavidades em forma de bacia e recortes, parecem indicar a ligação, outrora, da lagoa com o oceano. Em favor dessa ligação, ainda existem provas mais evidentes, qual a formação das margens, que, a sudeste, para o lado do Itaípe e do mar, são planas e arenosas, e, especialmente, a existência de extensos bancos de coral. Esses bancos podem ser observados em diversos pontos da lagoa, numa profundidade de seis até doze pés, e são usados na construção, pela falta de outra cal. São quebrados com estacas e alavancas sendo os pedaços retirados da água por mergulhadores. Entre outros, ocupam-se com isso os moradores da vizinha fazenda do padre Domingos; todavia, não é muito rendoso o negócio com esse artigo, porque os bancos de coral da grande baía de Camamu podem ser explorados mais facilmente. São exclusivamente madreporitas as que observamos nessa lagoa (*Madrepora cavernosa*, *hexagona*, *astroides* Lam., e outros). Também bancos de conchas marinhas (**Nota I**), intimamente ligadas à areia quartzosa, ocorrem na vizinhança, porém não são utilizadas, por causa das impurezas e por serem mais difíceis de quebrar. A água da lagoa, que tem mais de uma légua quadrada de superfície, é atualmente doce; provavelmente por intermédio do rio Itaípe que pouco a pouco levou a água salgada restante, ou a adoçou. A abundância de peixe na lagoa convida os habitantes a abastecerem-se deles, de quando em quando. Costumam abrir os peixes longitudinalmente (piabanhas, acaris, piaus. etc.), e, depois de retiradas as entranhas, salgam-nos ligeiramente, e fazem-nos secar ao fogo, sobre um jirau. Este modo de preparar, chamado *moquém*, na língua geral, eles o aprenderam dos aborígenes brasileiros, que tomam ainda o especial cuidado de colocar os quatro lados do jirau exatamente para os quatro pontos cardeais. A razão dessa prática não a conseguimos nós averiguar.

Asseguraram-nos os índios de Almada conhecer perfeitamente as doze léguas de caminhada desde esta nossa morada até Ferradas ou vila de São Pedro de Alcântara, recentemente estabelecida, e resolvemos então,

guiados pelos mesmos, percorrer aquela região. O Sr. F. Schmid e seu hóspede da Bahia, um patrício, o Sr. Scheuermann, decidiram acompanharnos na excursão. Fizemos então os índios, o nosso Custódio e um criado europeu, carregar alguns mantimentos, tomamos as imprescindíveis armas e facões, internamo-nos na escuridão da mata, seguindo cuidadosamente os passos dos guias. O terreno é extremamente acidentado, e nas vargens, em parte pantanosas, a vegetação é quase toda de helicôneas, rapáteas, bromélias e gramíneas de folhas cortantes em parte arborescentes, opondo obstáculo quase insuperável ao nosso prosseguimento. Ademais, não são raras umas pequenas cobras venenosas, que por vezes encontrávamos escondidas entre as folhas de ananases. Por isso, o nosso guia evitava os valados mais profundos, e quanto mais alto íamos subindo pelos morros, tanto mais limpa e mais clara de arvoredo baixo era a mata. Poucas vezes se via aflorar o granito nas encostas ou no leito dos regatos: porém, em geral, era camada profunda de argila pardo-escura, atravessadas por abundantes restos de raízes. Ervas e capins são raros neste solo, mas tanto mais imponentes se erguem os troncos de espécies de árvores não classificadas, que na altura de cento e cinquenta pés formam uma densa abóbada de folhagem. Muitas dessas gigantescas árvores se distinguem ainda pelas irradiações da parte mais baixa dos seus troncos, com as quais procuram apoiar melhor o seu peso imenso. Essas extensões radicais na base do tronco são prolongamentos tanto do tronco para baixo, como das raízes para cima, e não como se poderia crer à primeira vista, simplesmente raízes saídas do solo. O seu crescimento começa só quando a árvore atingiu uma considerável altura; são revestidas de epiderme e casca, como o resto do tronco acima da terra; prolongam-se, porém, sempre mais para baixo, às próprias raízes, e se formam só tantas quantas raízes principais existem. Por vezes, elevam-se até a altura de dez ou doze pés; o tronco cilíndrico assenta então de certo modo numa pirâmide profundamente sulcada; e a derrubada muito se dificulta, porque o machado tem pelo menos que cortar a dupla espessura. As pernas dessa singular formação de tronco, a que no Brasil se chama *cepo-apeba* (raiz chata), são empregadas, sobretudo em vez de tábuas, fim a que se prestam, por terem forma plana. Inúmeras são, de resto, as formas de trepadeiras retas ou enroscadas como cobra de ananases e aruns, de fetos e maravilhosas orquídeas, que revestem nos lugares úmidos os altos

troncos. Tais formas fantásticas, às vezes enganadoras, excitam a imaginação do viajante, e inspiram não raro acessos de medo inquietante, para o qual o predispoê, tremendo silêncio dessas matas. Qual, porém, efeito da influência constante dessa solidão pavorosa sobre a alma humana, – demonstraram os índios nossos guias. Com passos miúdos, mas rápidos, eles caminhavam a nossa frente, e pareciam absortos, com todos os sentidos no silêncio do ambiente. Cada lufada, que move a folhagem das copas, cada ruído feito por animal, é percebido pelo índio – que volve para todos os lados os pequenos olhos inquietos e as orelhas muito salientes; ele compreende por assim dizer de uma vez todas as ações nesse grandioso drama da natureza, através do qual passa, e liga tudo às suas necessidades; aqui, atrai com enganadores chamados o papagaio no galho, ou descobre instantaneamente o esquilo, que foge pela ramagem; ali, pega uma paca ou um quati, no momento de escapar da toca; com rapidez, vai apanhando no caminho as larvas de grandes besouros, petisco que retira de paus podres, ou quebra uma haste nova do *Costus*, para matar a sede, chupando-lhe a seiva. Dessa maneira, utiliza-se, para o seu proveito, das coisas que o cercam, e vai prosseguindo, com presteza segura, pela trilha. Embora contornemos os morros, para evitar as vargens pantanosas, conservavam-se, entanto, os nossos guias pardos sempre fiéis à direção tomada de S.S.O., e caminhavam com segurança através da mata imensa. Somente depois de termos descansado, ao meio-dia, à margem granítica de um claro riacho da floresta, e de terem os guias tomado diversos goles do garrafão de cachaça, discutiram uns com os outros na dúvida, qual seria o caminho mais curto, e, logo que procuraram raciocinar, em vez de se guiarem, como até aqui, pelo instinto, perderam o desembaraço e a segurança. Depois de nos terem guiado durante um bom trecho, quebrando pontas de galhos à passagem, para não errarem a volta, pararam e caíram numa letargia, da qual nós só pudemos despertá-los pela afirmação de que a sua orientação estava inteiramente de acordo com a indicação de nossa bússola. Mostravam assim esses desleixados filhos das selvas, mesmo no seu elemento, aquela fraqueza intelectual e falta de confiança em si mesmos, que é um dos principais traços do caráter do índio. Entretanto, ia anoitecendo, e começou a cair uma chuvinha que se foi tornando cada vez mais forte e, de repente, a noite nos envolveu com o seu véu impenetrável. Fizemos pouso perto de um regato,

e, em poucos minutos, armamos um abrigo com ripas, cobrindo-o com folhas de palmeiras derrubadas, e preparamos os nossos leitos, amontando camadas de samambaias. Os índios construíram, cada qual para si, um abrigo semelhante, ou procuraram tirar grandes pedaços de cascas de árvores, com que se cobriram. De fato, estávamos bem providos de mantimentos, e também de café; havíamos-nos, porém, esquecido da panela. O gênio inventivo dos nossos guias achou logo remédio para isso: uma folha ainda não rachada (*patioba*), da palmeira pati (*Cocos botryophora*), de uns quatro pés de comprimento, cheia de água, foi amarrada, em forma de canoa, embaixo de uma vara, e colocada sobre o fogo. Com espanto nosso, a água chegou à fervura, sem arrebentar essa panela vegetal e não ficamos privados na idílica ceia, nem mesmo da estimulante bebida da Arábia. As fogueiras do bivaque, que acendemos para proteger-nos especialmente contra as feras, ameaçavam a todo instante apagar-se por causa do combustível molhado, e, como o nosso teto de folhagem não resistia mais à chuva, passamos em claro a maior parte da noite. As impressões de tal ermo enriquecem no viajante europeu o espírito com sensações antes desconhecidas. Em beleza e brilho especial, apareciam os vagalumes (*Elater phosphorus* e *noctilucus* Fabr.), que se moviam em enxames com intervalos em torno de nós, principalmente depois que parou de chover. Esses insetos podem aumentar ou diminuir a luz fosforescente, que emana de dois pontos amarelos do seu tórax; ora é fulgurante e vermelho-viva, ora pálida de luar. Eles conservam-na, quando espetados com o alfinete, ainda cinco a oito dias, até morrerem. Pelo enxame do pontinho amarelo, convenceu-se o dr. Spix de que a fosforescência emana de um saquinho do tórax, cheio de uma substância sebácea, semelhante a fósforo derretido, e sobre o qual se espalham ramificações das traqueias. O mais provável lhes parece que o bichinho, por meio das traqueias, fazendo entrar correntes de ar, pode ao seu gosto intensificar ou enfraquecer essa luz. Que esse órgão da fosforescência não tem relação com os órgãos de reprodução, ficou demonstrado com o exame feito pelo dr. Spix. Outro fenômeno das matas, e que aqui chamou de novo a nossa atenção, foi o penetrante chiado de uma cigarra grande (*Tettigonia tibicen* Fabr.), cujos sons podem ser comparados aos das cornetinhas de brinquedo de Nuremberg. Não provêm da fricção das asas,

mas de uma dilatação e contração por fortes feixes de músculos do aparelho de tambor característico, situado no abdome do inseto.

Ao amanhecer o dia, notamos que pairava espessa neblina na mata, e agora registramos do modo mais impressionante o efeito das emanções resultantes da decomposição das matérias vegetais, sobre o olfato. Essas exalações mefíticas são de um cheiro muito particular, e produziram logo influência maléfica sobre o companheiro de viagem, desacostumado a eles: o Sr. Schlüter e o nosso criado branco, que há pouco chegou de Portugal, foram ambos acometidos de violentos calafrios, e desenvolveu-se neles febre terçã, que não os deixou durante toda a viagem. São, sobretudo, frequentes tais casos de febre nesse trecho das matas no litoral, porém não tomam caráter tão maligno como as febres do interior do país. Molhados e extenuados, prosseguimos viagem, por selvas igualmente densas e inóspitas, por sobre montes, riachos e árvores apodrecidas, tombadas no chão, até perto do meio-dia, quando, finalmente, os índios reconheceram algumas picadas da mata, que para nós passariam despercebidas, porque se distinguiam mais pela mutilação de árvores e arbustos, do que pelo solo sem plantas rasteiras. Chegávamos então, afinal, a uma estrada larga, em parte bastante limpa, e soubemos que era a chamada Estrada de Minas ou do rio Pardo, há poucos anos aberta, desde Ilhéus até aquele ponto da fronteira de Minas Gerais, porém que, atualmente, não é mais transitada. O objetivo dessa empresa, realizada principalmente pelo Sr. marechal Felisberto Caldeira, que, de fato, concorreu com 15.000 cruzados do seu bolso, era, sobretudo, fazer participar a região costeira de Ilhéus, que não possui pecuária alguma, da fartura dos sertões da Barra da Vareda, Valo, Ressaque, etc., a leste do arraial do rio Pardo, e abrir um caminho, para trazer os produtos do interior até o litoral, que fosse mais curto e menos sujeito aos incômodos da seca, da falta de água e de mantimentos. Essa obra, extremamente penosa, foi executada por um parente do precitado patriota, o Sr. Felisberto Gomes da Silva, muito digno oficial, que tivemos a satisfação de conhecer na Bahia, e cuja morte por mão assassina, durante as perturbações políticas daquela cidade, em 1822, lamentamos, nisso acompanhando seus numerosos amigos. Derrubou-se a mata em toda a extensão da estrada, numa largura de vinte pés, no mínimo, removendo-se troncos e arvoredo miúdo do caminho, construindo-se pontes, drenando valados;

em suma, realizaram-se trabalhos extremamente difíceis e perigosos. Para animar o trânsito na nova estrada, que atravessa matas na maior parte antes desconhecidas, habitadas pelos índios camacãs³, plantaram-se roças de milho e de mandioca; tudo se fez para tornar de utilidade pública essa obra; infelizmente, grandes obstáculos malograram os bem intencionados planos do patriótico empreendedor. É tão escasso o capim nessas matas virgens, que o gado, às vezes, chegou à costa completamente enfraquecido; aqui, faltava conveniente condução para a Bahia; os tropeiros contraem frequentemente febres, ou são perseguidos pelos índios bravos. Todas essas circunstâncias determinaram os sertanejos a seguir de preferência, com as suas boiadas e cavalarias, pelo caminho, já acostumado, via Conquista, ou ao longo do rio Gavião, embora seja mais longo o percurso e sujeito a secas frequentes. Como em poucos anos cresceu mato nessa estrada, di-lo, por experiência própria, sua alteza o príncipe Maximiliano von Neuwied, quando por ali passou, rumo à fronteira de Minas Gerais. Numa caminhada de poucas horas, tivemos ensejo de verificar com que rapidez a vegetação cresce, zombando da obra executada pelo homem, e fizemos ideia dos obstáculos que o augusto viajante teve de superar.

A povoação chamada antigamente *As Ferradas*, e que hoje tem o nome de vila São Pedro de Alcântara, em honra ao atual soberano do Brasil, consta de seis a oito pobres palhoças de barro, de uma pequena igreja de semelhante construção, e alguns ranchos abertos, nos quais encontramos, ao chegar, três famílias de gueréns que se haviam mudado de Almada para ali, assim como alguns indivíduos, mulheres e crianças da tribo dos camacãs. Constituem estes últimos, atualmente, o principal núcleo da população, contando cerca de umas sessenta a setenta almas; número igual morreu de febres malignas, ou dispersou-se, logo depois da fundação do lugarejo. Também encontramos agora incompleta a população restante, pois os homens estavam em sua maioria, desde uma semana, em excursão à fronteira de Minas, onde iam buscar caniços para as suas flechas e uma planta para lhes envenenar as pontas. Todos esses índios tinham sido aldeados, graças

3. *Camacã*, conforme se vê na excelente tradução, feita e anotada pelos drs. Pirajá da Silva e Paulo Wolf (*Através da Bahia*, 2ª ed., 1928, pág. 140), vem de *cuam-acan* que significa “cabeça enrodilhada”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

aos esforços de um venerando sacerdote, frei Ludovico Liorne (de Livorno) do convento dos capuchinhos da capital baiana, o qual os instruíra tanto nas elementares doutrinas da igreja, como na agricultura. Se existia alguém capaz de converter esses irrequietos e incultos selvagens aos sentimentos mais suaves e suscetíveis à voz da religião, não poderia ser senão aquele digno ancião. Serenidade e bom humor transpareciam na fisionomia nobre desse homem, cujo cabelo e barba encaneciam no benemérito ofício de pastor de almas, e o seu nobre porte distingue-o, como ente de espécie mais elevada, dos tímidos silvícolas, os quais, pela confiança, que depositam nele, se dispõem a receber as primeiras centelhas de sentimento religioso. Quando tais meios de humanizar não conseguem alcançar os seus fins, é caso para se duvidar de poder elevar à verdadeira humanidade esses decaídos filhos da América. E, no entanto, quão fúteis deviam parecer-nos os progressos dos camacãs na civilização, quando o digno missionário nos descreveu as suas vidas e ações! Havia poucas semanas, certa mulher, na raiva do ciúme, tinha matado o próprio filho; outra tinha desenterrado os restos do filho muito querido poucos meses antes falecido, raspado os ossos e cozinhado com as partes carnosas, sorvendo o caldo, e, de novo, tinha enterrado os ossos limpos, cuidadosamente embrulhados em folhas de palmeiras. Que excessos horrorosos dos sentimentos, que quase ultrapassam as raias da humanidade!

A nação dos camacãs (vocábulo que os portugueses também grafam *camacães* e ainda chamados pelos nomes de *mongioiz*, *mongioís* ou *monxocóis*) vive entre o rio de Contas e o rio Pardo. O seu número total é avaliado em 2.000 almas, porém não pode ser indicado com exatidão, porque eles moram em palhoças isoladas ou pequenas aldeias, dispersas nas matas e mudam também de uma localidade para outra. Indicaram-nos, aqui, as florestas do rio Gravatá, em Minas Novas, como a região por eles preferida, e onde deveriam existir seis das suas aldeias. Em Minas Novas, eles nos foram citados entre as tribos que deviam habitar o sertão da fronteira leste e o interior de Porto Seguro; todavia, são ali considerados como tribos menos espalhadas, e parece-me mais provável que, atualmente, o maior número deles se ache acampado entre as nascentes do rio Cachoeira e do rio Gongujê, afluente do rio de Contas. Vive uma parte deles mais adiante, a oeste, nas proximidades do arraial de Conquista, na serra do Mundo Novo. Sua alteza o prin-

cipe Maximiliano von Neuwied observou-os ali, e, pelo caminho, através das matas virgens de Ilhéus, assim como a uma parte dispersa deles, conhecida pelo nome de menians, junto da vila de Belmonte. Devemos-lhes as preciosas notícias sobre os costumes e particularidades desses índios, os quais concordam com as observações que nós fizemos em São Pedro de Alcântara. Os camacãs que ali avistamos pareceram-nos uma raça humana, vigorosa e sã, de peito largo, carnudos, de tez pardo-avermelhada escura ou cor de cobre. O indivíduo mais alto entre eles media cinco pés e seis polegadas (medida parisiense). Na fisionomia nada se notava diferente dos demais índios, senão talvez o ser a testa menos inclinada e mais alta do que a dos cariris e sabujás, sem dúvida mais degenerados. Traziam o cabelo solto, sem cortar, e de comprimento extraordinário. Apenas alguns homens tinham barba. Nos seus movimentos, mostravam aquela agilidade e elegância, característicos dos indígenas americanos. Os homens andavam inteiramente nus ou vestidos de calças curtas de algodão, fornecidas pelo missionário. No primeiro caso, observamos que traziam sobre certa parte do corpo a *tacanhoba*⁴, cartucho feito com folha de palmeira (patioba), e era curioso que eles nunca deixavam de amarrá-la cuidadosamente ou mudá-la, quando compareciam diante do missionário. Eles julgavam-se, então, completamente vestidos, e que assim não ofendiam de todo o decoro. As mulheres vestiam saias de chitas multicores, e de boa vontade se encarregavam de diversos trabalhos e serviços na casa do seu mestre cristão, a quem pareciam votar muito respeito. Elas sabem fazer de fios de algodão e de fibras de palmeira, bonitos sacos, balsas de caçador e curtos aventais, quadrados, que preferem para a vestimenta europeia, usar em redor dos quadris, e tingem esse material de vermelho com as sementes de urucu (*Bixa orellana* L.), de preto com os frutos do jenipapeiro (*Genipa americana* L.) e de amarelo com o pau-amarelo (*Brousonetia tinctoria* Kunth.). Também sabem fazer louça de barro. As armas dos camacãs são arco e flecha; esta última é somente envenenada com o extrato de uma trepadeira, quando usada na guerra. Os arcos são feitos com a madeira escura de

4. *Tacanhoba*, como se vê na citada obra dos Drs. Pirajá da Silva e Paulo Wolf (pag. 142), é corruptela de *tacanha-oba*, significando *tacanha* o “membro viril” e *oba*, “folha”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

uma grande leguminosa, a parafina, medindo sete a oito pés de comprimento, e tendo na parte dianteira um sulco longitudinal; as flechas, de quatro pés de comprimento, são como é comum entre a maioria das tribos indígenas, munidas de pontas simples ou farpadas de diversos modos, conforme o fim a que se destinam, à caça grande ou pequena, ou à guerra. Para caçar passarinhos, servem-se eles, também, de uma flecha com cinco ou seis pontas divergentes. Uma vara aguda e bem polida, de pau-vermelho, e às vezes dada ao chefe na guerra, a modo de bastão de comando. Desde o ano de 1806, quando o coronel João Gonçalves da Costa conseguiu pacificá-los, esses índios são considerados como amigos dos portugueses, e o ódio mortal, que reina entre eles e as tribos antropófagas dessas regiões, os patachos (cutachos) e os botocudos, aproxima-os dos portugueses, embora sejam iguais na desconfiança e timidez aos outros selvagens. Não notamos entre essa tribo costume algum que os distinga dos seus vizinhos, a não ser o seu modo de dormir. Não se deitam em redes, porém num jirau de grades de madeira, que eles cobrem com folhas secas e peles de animais. Esse hábito parece-me indicar que os camacãs primitivamente não viviam nas matas, mas sim nos campos, pois que também se encontra esse costume em outras regiões do Brasil, como, por exemplo, nas províncias de Pernambuco e do Pará, entre os chamados índios camponeses. Justifica-se esse uso nos climas mais frios dessa região, assim como do outro lado o das redes, na umidade das matas. Os camacãs do sexo masculino chegam à puberdade aos quinze ou dezesseis anos, porém só mais tarde costumam tomar mulher, que vigiam com o mais rigoroso ciúme, e castigam de modo cruel, no caso de infidelidade conjugal. Apresentando-se diversos pretendentes a uma noiva, decide-se a questão às vezes por meio de prova, vencendo aquele que puder correr maior distância, levando um toro de madeira de oito a nove arrobas, uso que eles têm comum com os caiapós, aos quais muito se assemelham também em outros pontos. As mulheres, cujas regras começam de todo normalmente, dão à luz com facilidade, e costumam, em vez de servir-se de uma cadeira de parto, cavar-se na areia à margem do rio e, findo o parto, voltam imediatamente aos seus serviços domésticos. Amamentam o filho até ao terceiro ou quarto ano. Esses índios enterram os cadáveres das crianças, indistintamente em qualquer lugar, porém os dos adultos são sepultados na mata e, às vezes, de cócoras. O túmulo é coberto com um monte de folhas de palmeira e por cima colocam

os índios, de tempos a tempos, pedaços de carne fresca. Assim que esta é comida por algum animal ou desaparece por outra causa, eles creem que o morto se satisfaz, e evitam por muito tempo comer a carne do mesmo animal que ofereceram⁵. Esse hábito, que se encontra difundido entre a maioria das tribos de índios, talvez prove que eles têm uma noção, embora muito vaga, da imortalidade da alma, ou também pode ter relação com a ideia imprecisa da transmigração das almas. De resto, alcançam os camacãs idade avançada; conheci um deles de cem anos, cujo cabelo estava apenas grisalho, ainda não embranquecido. No convívio dos brancos, aumenta a sua mortalidade, e sucumbem principalmente às bexigas ou outras febres agudas. Acabava a colônia de perder justamente uma parte de seus membros, em consequência dessas doenças, dando isso ocasião a obtermos o esqueleto de um homem dessa tribo. Receávamos, a princípio, ofender as opiniões e os sentimentos dos índios com pesquisas de tal natureza; mas à nossa surpresa eles próprios trouxeram o que desejávamos. O crânio desse homem caracterizava-se pela extrema solidez e peso da substância óssea, pelo forte desenvolvimento do maxilar inferior e pela grande proeminência das bossas frontais; daí resulta formar a linha facial, traçada da junção inferior dos maxilares até à extremidade superior do osso nasal, com o diâmetro horizontal da cabeça, um ângulo muito menor (de 68°) do que a traçada até às bossas frontais (de 76°). O rosto dos camacãs não raro mostra estranha forma de lábio superior; o pescoço curto e musculoso não deixa salientar-se a laringe, senão pouco, e por essa razão, a fala soa como murmúrio indistinto, monótono, durante o qual os lábios pouco se movem, e até às vezes os dentes se cruzam, ou quase se

5. A concepção da imortalidade que tem esses homens desleixados, deve ser muito vaga, se atendermos às declarações de um índio, que tinha perdido a esposa e fora consolado pelo missionário. De separação da alma do corpo, não podia ele cogitar. A pergunta: – “onde estava sua mulher?” respondia ele: – “Na igreja, onde foi enterrada.” Por isso, desejava ele levar-lhe ali carne de porco ou outra qualquer comida até encontrar o que a ela fosse mais agradável. Acrescentava que a carne de cobra era muito agradável aos mortos, e, por isso, evitavam-se as cobras com respeito piedoso. Em face de tão baixo grau de desenvolvimento espiritual, não nos admirava que o sacerdote já se satisfizesse de conseguir chamar os seus catecúmenos à igreja, onde as mulheres, deitadas no chão, e os homens, de pé, imóveis como estátuas, mal se iniciavam nas fórmulas do culto.

tocam. Os sons nasais e palatinos são muito comuns na língua dos camacãs, e, por vezes, as palavras, sempre muito compridas e ligadas entre si, tomam imprecisão estranha na acentuação, pois o som, de certo modo procedente do fundo do peito, abafa-se, de novo, na boca. De resto parece que a língua, embora pobre e mal ajeitada é, entretanto, muito enérgica. Com o exíguo vocabulário de que dispõem, foram os camacãs muito parcios de palavras, quando penetramos nas suas choças pedindo-lhes informações sobre os diversos utensílios de sua pobre morada. Estava um rapaz ocupado em depilar as sobrancelhas de algumas crianças, desfiguração contra a qual protestava debalde o missionário. Uma índia havia desenhado, com tinta vermelha, arcos na testa e faces dos filhos e uma grande cruz no peito, porém o intérprete não conseguia saber o motivo da escolha deste último ornamento. Os camacãs, especialmente as mulheres, preparam essa tinta vermelha com as sementes do urucu (*Bixa orellana* L.), triturando-as, em água fria, até se precipitar o tegumento colorido. Formam logo, com essa substância, a *orellana*, em pedaços quadrados, que expõem ao sol, para secar; a fim de se utilizarem desta tinta como cosmético, trituram-na com óleo de rícino ou uma gordura animal. Também a agricultura, na qual o pastor de suas almas os instrui, é sobretudo explorada pelas mulheres, que haviam plantado diversas roças de mandioca e de milho; isto, porém, não basta para as necessidades, e o governo havia ordenado, na ocasião de nossa estada ali, que a todo pai de família fossem fornecidas dez arrobas de farinha de mandioca, gratuitamente, do engenho de Santa Maria. Esse estado precário da colônia, e, principalmente, o estado intransitável da estrada para Minas, que motivou a colonização ali, fazem reear que ela dure pouco tempo. O venerando frei Ludovico tinha a intenção de penetrar ele próprio ainda nas matas ocidentais para reunir junto do seu altar os camacãs dispersos; mas a tarefa era pesada demais para o respeitável ancião. Fazia-nos ele de novo lembrar o ideal da humanidade em todo o seu esplendor, o que debalde procurávamos nos seus tutelados; a sua alma mantinha-se em contínuo enlevo, pela viva consciência da dignidade de seu penoso ofício; até conseguia conservar na velhice bastante ardor, para sentir as belezas do divino Dante e do nobre Tasso, cujas obras nos mostrava, como tesouros de sua biblioteca, com alegre prazer. Tais aspectos reconciliam-nos com a influência da Europa no novo continente, onde a nossa civilização plantou tantas sementes de destruição. Compenetrados desses senti-

mentos, despedimo-nos do excelente religioso; prosseguimos a viagem descendo pelo rio da Cachoeira abaixo, naquela ocasião com muito pouca água, até à sua pequena corredeira pelo Banco do Cachorro, e dali penetramos de novo na mata virgem. Passamos a noite chuvosa num rancho miserável, e, de volta, chegamos afinal às hospitaleiras cabanas de Almada. Aqui nos poderia ter retido por muito tempo, não só a franca cordialidade dos moradores, como também a mata, com a sua abundância de plantas notáveis (**Nota II**); queríamos, porém, regressar à Bahia, na mesma escuna que nos havia trazido a Ilhéus, e logo nos teríamos despedido dos nossos patrícios, se não tivesse sobrevindo um imprevisto impedimento. O índio coroado Custódio, que havia oito meses nos acompanhava, desde o presídio de São João Batista, em Minas, tinha desaparecido, quando estávamos para partir, e segundo as informações ambíguas dos índios de Almada, ele havia voltado para as matas de sua tribo. Provavelmente, a vista da vida primitiva dos camaçãs tinha despertado nele saudades de sua maloca, sentimentos para os quais o julgávamos menos inclinado, pois ele nos havia dado provas inequívocas de dedicação, e mostrado grande curiosidade de conhecer o país onde, como ele costumava dizer, havia só homens pálidos com calças. Nessa resolução de acompanhar-nos à Europa, havia grande parte de vaidade, pois ele gabava-se muito da admiração que iria causar; todavia, como agora se verificava, tais considerações nada conseguiram contra o poder dos antigos hábitos e da tendência hereditária. Durante alguns dias, procuramos buscá-lo pelos índios; como estes, porém, não o trouxessem, só pudemos desejar-lhe feliz viagem pela estrada deserta que vai para o rio Pardo. Deixamos o nosso amável hospedeiro; embarcamos, seguindo pelo Itaípe abaixo; e, depois de um cansativo dia de viagem, devido à pouca água do rio, naquela ocasião, e ao calor opressivo, chegamos à vila de São Jorge, onde, com grande desapontamento, não encontramos mais a escuna, por termos faltado ao prazo marcado. Estava no porto uma pequena lancha, que nos foi oferecida para a viagem à Bahia; era a mesma embarcação, que, havia pouco, trouxera uma colônia de famílias suíças e holandesas, sob a direção do Sr. Freireiss, para Mucuri, porém batera num recife existente perto de Porto Seguro, fazendo água, e trouxera as pessoas ao lugar do destino, porém com perda da carga. A narração desse acidente, que nos serviu como nova prova das muitas desventuras dos colonos alemães no Brasil, não era para nos animar à viagem marí-

tima, e justamente quando reinava nesta costa o vento nordeste. Tendo, pois, esperado debalde, alguns dias, o aparecimento de outra escuna, resolvemos, afinal, voltar à Bahia a pé, pela costa.

Antes de encetarmos essa viagem, tivemos oportunidade de ver a maior parte da população reunida numa festa nacional, na primeira semana do ano. Rapazes, vestidos como mouros e cavaleiros cristãos, acompanhados de música barulhenta, passaram pelas ruas, até uma espaçosa praça, onde estava plantada uma árvore, guarnecida com as armas portuguesas, semelhante à “árvore de maio” alemã. Combate violento travou-se entre as duas hostes, dando particularmente ao cavaleiro, que representava São Jorge, ocasião de fazer brilhar as virtudes de fidalgo do padroeiro de Ilhéus. Ambos os partidos, porém, segundo os costumes verdadeiramente romanescos, olvidaram em breve a inimizade, num banquete ruidoso, seguindo-se o baile com o sensual lundu e o quase imoral batuque (**Nota III**).

Partimos, a 6 de janeiro de 1819, da pobre, porém pitorescamente situada povoação, seguindo a pé, pela costa marítima, na direção de norte. Atravessamos, em canoa, a foz do rio Itaípe, e caminhamos na areia ao longo de uma costa sem fim. O oceano quebrava os seus vagalhões nas dunas, com estrondo e bramidos rítmicos, e molhava, de quando em quando, as nossas pegadas. Atravessamos a vau alguns riachos profundos, que corriam para o mar, e perto de um deles achamos uma grande tartaruga-marinha (*Testudo midas* L.), provavelmente ocupada em escolher sítio onde desovar; escapuliu ela à nossa perseguição, arrastando-se rápida para a água e mergulhando, o que provavelmente não faria, se estivesse pondo, pois sabe-se que, na ocasião da postura, não se deixam perturbar. Parece que os seus ovos não são tão saborosos como os da grande tartaruga fluvial, que nos foi tão útil depois, na nossa viagem pelo rio Amazonas. Pouco a pouco, foi anoitecendo; soprava uma viração fresca, picante, reconfortando os viajantes calorentos; a lua aparecia resplandecente no firmamento límpido, e as labaredas das queimadas de matas, nas roças ao longe, incendiavam o céu no poente, com os seus clarões. Assim caminhávamos na deliciosa frescura da noite, a alma dividida entre as sensações indizíveis da suave noite tropical e as saudosas recordações da pátria, cujos direitos nos reclamava o oceano com rítmico estrondo de suas vagas. Felizes aqueles que, inspirados pelo relato do viajante sentem renovados iguais frêmitos da alma! Às duas horas da

madrugada, alcançamos a pequena fazenda Memoam, onde não pedimos agasalho de balde. Entre moitas da palmeira da praia, coqueiro-anão (*Diplorhynchium maritimum*), e encostadas num outeiro coberto de vegetação, estão palhoças baixas, cujos inofensivos habitantes, descendentes de índios e brancos, vivem da pesca. Quando pelo frescor da manhã ainda caminhamos légua e meia, encontramos na ponta do Ramos mais outra colônia, também de índios mansos. São peritos esses indígenas no fabrico de excelentes redes para a pescaria com as fibras da palmeira tucum e de um ananás, e que são muito apreciadas em todo o país. Uma índia, provavelmente a Hígia dessa região, compadeceu-se do mau estado de saúde do nosso amigo, o Sr. Schlüter, e preparou-lhe uma bebida com o suco de um pequeno limão verde, sal e água. O efeito deste remédio foi em todo caso feliz, pelo fato de ter cortado o acesso de febre incipiente. Meia légua ao norte de ponta do Ramos, estende-se uma montanha de uns 600 pés de altura, até dentro do mar, na qual as ondas se quebram com fragor; chamam-na serra Grande os habitantes. Não foi sem esforço que galgamos a abrupta encosta de granito, ensombrada por uma floresta densa, repleta de flores e perfumes. Chegados à planície, do lado norte, continuamos o nosso caminho na mesma direção setentrional, ora por cima de dunas, onde florescia as formas esquisitas da arbustiva *Surubea*, *Kielmeyera* de flores grandes e balsameiras (*Kielmeyera corymbosa* e *Humirium floribundum* Nov.), ora por densos coqueirais da praia, cujos cocos, maduros nessa época, atraíam araras e outras aves. Na beira da praia, encontramos numerosas conchas (*Murex trapezium* e *morio*, *Donax cuneata*, *denticulata*, *Maetra striatula*, *Voluta hispidula* e *Oliva*, Lam. etc.) e seixos rolados de quartzo, de tão grande transparência, que, à primeira vista, quase os tomamos por topázios. Ainda mais curioso era, porém, o aparecimento de bancos maciços, de 5 a 6 pés de altura, de uma substância friável, preta como carvão, que, apertada entre os dedos, os enegrecia, e, examinada mais rigorosamente, revelava consistir em carvão e grânulos de quartzo. Para aqueles naturalistas, que admitem a formação independente de carvão no mar antediluviano, essa ocorrência, examinada isoladamente, seria de máximo interesse; porém, como nós havíamos observado a existência de carvão-de-pedra, de distinta estrutura lenhosa, abaixo do nível do mar, na Bahia, era fácil explicar o que eram aqueles bancos; são jazidas de carvão, quebradas pelo mar e conglomeradas com a areia da praia (**Nota IV**). Na

continuação da viagem até tarde, depois do pôr do sol, embora nos víssemos novamente cercados de todo o esplendor de claro luar tropical, sentimo-nos tão cansados pela marcha na areia funda, que, indiferentes a esses encantos, chegamos afinal à fazenda Tejuípe, onde passamos o resto da noite, perseguidos barbaramente por inúmeros mosquitos.

O terceiro dia de viagem, que se passou em ambientes semelhantes aos anteriores, levou-nos a vila da Barra do Rio de Contas, geralmente chamada vila do rio de Contas⁶. Este povoado é um dos mais novos dos estabelecidos no litoral; o escrivão da municipalidade, em cuja casa achamos amável hospedagem, mostrou-nos o documento da fundação, datado de 27 de janeiro de 1832, assinado pela Sra. d. Ana Maria de Ataíde, donatária da ainda subsistente capitania dos Ilhéus. A despeito da boa situação no grande ancoradouro, com calado para escunas, sumacas e outros navios pequenos, e da fertilidade do solo nos seus arredores, todavia, só lentamente crescem a população e a prosperidade da vila. O nosso hospedeiro, que, como escrivão da câmara⁷, se julgava competente em assuntos de economia política, queixou-se da falta de previdência em poderem os colonos obter escravos baratos; em sua opinião, seria de interesse do governo adiantar igualmente esses capitais vivos aos recém-vindos de Portugal, os quais, como brancos, deviam, aliás, gozar do privilegio de não lavrarem com as suas próprias mãos a terra. Esforçou-se ele por convencer-nos, provando à evidência, que os habitantes eram reduzidos à fome e à pesca, pois conforme a letra da lei, de dedicar-se à agricultura na proporção do número dos escravos, não podiam trabalhar a terra porque não havia escravos. Opiniões, como esta, que se ouvem muitas vezes no Brasil, indicam o estado em que se acham a indústria e a burguesia; soam, porém, tanto mais singulares quanto mais frequentemente se expõem, junto com precoces pretensões democráticas.

6. Hoje Itacaré.

7. Nas vilas do Brasil, é, em geral, o escrivão o único magistrado que tem conhecimentos jurídicos; daí a razão por que exerce também as funções de tabelião e de juiz de órfãos, e, comumente, permanece no cargo muitos anos ou a vida inteira, ao passo que os outros funcionários – o tesoureiro, o procurador da Câmara, os três vereadores e o juiz ordinário – são escolhidos anualmente. Quando são dois os juízes ordinários, eles alternam-se mensalmente no exercício do cargo.

O rio de Contas tem aqui considerável largura; servimo-nos de uma pequena canoa, para alcançar em meio quarto de hora a margem oposta, setentrional. Diversas pequenas lanchas, e uma escuna com destino à Bahia, estavam fundeadas na foz do rio. Essas embarcações levam algum fumo, toicinho, couros e peles, vindos das regiões do alto rio de Contas, para a capital, e trazem em troca os gêneros de necessidade para a província. Só podem, entretanto, navegar rio acima algumas léguas, porque, mais a oeste, há lugares rasos e pequenos rochedos, com correntezas. Ao norte da barra do rio de Contas, estende-se até à vila de Maraú, a costa plana e arenosa. Chegamos ao romper do dia; e, caminhando pela praia, presenciámos um magnífico nascer do sol; observamos o ritmo do mar, cujas ondas, sétima e undécima, nos pareceram atingir à maior altura. Está Maraú situada na margem meridional de um braço de mar de cerca de meia légua de largura, que vem do norte da grande baía de Camamu, e a leste fica encerrado pelas restingas baixas, em parte completamente desertas. Ao norte, na ponta um tanto elevada dessas restingas, a ponta do Mutá dos navegantes, foi antigamente construído um fortim, hoje abandonado. A vila onde chegamos, depois de algumas horas de caminhada, é insignificante, e, apesar de arredores muito férteis, pouco tem, contudo, aumentado de população, nos últimos decênios. Conta a sua freguesia 1.600 habitantes, entre os quais bom número de procedência indígena. As melancias, aqui cultivadas, são afamadas por sua doçura e exportam-se para a Bahia; além disso, a região produz farinha de mandioca, arroz, feijão, milho, e, em virtude da grande umidade do clima, sendo raro passar quinze dias sem chover, muito se presta ao cultivo do cacauero. Como Manuel Ferreira da Câmara informa, o ouvidor da comarca, que então residia na vizinha vila de Cairu, e, ao mesmo tempo, fiscalizava o corte de madeiras de lei da Coroa, fora também encarregado, em 1780, de intensificar o plantio do útil cacauero, fazendo-se então promissor início; atualmente, porém, quase não existe mais vestígio algum nas vilas marítimas da circunscrição, encontrando-se aqui, como em Camamu, apenas algumas dessas árvores de aspecto florescente, indicando, de fato, quanto é apropriada esta região para o cacauero. Também algumas caneleiras, plantadas naquela época, pareciam em condição próspera. Na outra margem do braço de mar, que penetra longe pelo interior das terras, está a pequena vila de Barcelos, onde chegamos ainda no

mesmo dia, com a esperança de podermos ali embarcar para a Bahia. A metade da atual população, cerca de uns 150 habitantes, é constituída de índios mansos. Tem a vila dois juizes, um escolhido entre a sua gente, o outro entre o restante da população. A essa administração municipal, que data do tempo dos jesuítas, demonstra o povo grande apego, e não foi sem proveito que nos dirigimos ao seu chefe de igual cor, para obtermos uma canoa bem tripulada, que nos levasse a Camamu, pois o navio guarda-costas não tinha chegado. Haviam, na verdade, disposto para nós, com toda a prontidão, uma casa, para pernoitarmos na parte alta da vila, sobre uma colina coberta de vegetação, e convidaram-nos para uma dança, que os índios iam realizar, em honra de um santo português, São Gonçalo do Amarante; porém, preferimos aproveitar a vazante, que começava, para chegarmos à vila de Camamu, ainda esta noite. Recentes experiências nos ensinaram que maior demora entre esses índios da costa não nos adiantaria no conhecimento da língua e costumes dos seus antepassados tupiniquins, nem nos forneceria outras observações interessantes; antes mudou o aspecto de um estado semicivilizado, em que os males da civilização ainda são maiores do que os seus efeitos benéficos, a nossa curiosidade em aborrecimento. Não quisemos tampouco, por esse motivo, visitar as outras colônias de índios, que podíamos encontrar, no caminho por terra, perto da costa, em Serinhaém, Valença, Jiquiriçá e Nazaré das Farinhas. As duas primeiras dessas vilas de indígenas pertencem ainda à comarca dos Ilhéus; as outras, à da Bahia, visto o rio Jiquiriçá formar o limite sul. Íamos justamente largar da praia de Barcelos, quando os nossos índios, que já pegavam nos remos, saíram da canoa com grande alarido, correndo em perseguição de um animal, que tinha aparecido entre os manguezais. Era um guaxinim (*Procyon cancrivorus* Ill.), que, à noitinha, costuma esgueirar-se pela praia, para pegar os camarões e caranguejos, que na baixa-mar ficam entre as raízes dos mangues. Só a grande custo conseguimos reunir de novo os remadores na canoa, e tocamos, ao longo da praia, na direção setentrional, até que, à meia-noite, chegamos à vila de Camamu, encharcados pela chuva torrencial, assim como pela água que entrava na canoa. É este lugar, indubitavelmente, o mais importante e populoso em todo o litoral da Bahia, ao sul da capital. Na própria vila, contam-se mais de 6.000 habitantes, entre os quais relativamente muitos brancos e poucos índios. A mar-

gem setentrional do rio Acaraí, onde está situada a vila, em parte, eleva-se em outeiros abruptos, dos quais se goza de belo panorama sobre a grande enseada, a baía de Camamu, uma légua distante. Muitos indícios fazem crer que, em tempos passados, o nível da água era aqui mais elevado; as ilhotas, muitas de penhascos; e, apenas revestidos de alguns cactos ou completamente estéreis, os numerosos bancos de coral, em parte quase descobertos; e toda a formação da margem. Camamu exporta para a Bahia, não só muita mandioca, arroz e milho, mas também regular quantidade de café. Também a casca do mangue, que, por conter muito tanino, é de importância para o curtidor, extrai-se dos manguezais do litoral da baía de Camamu e é exportada para a Bahia. No Brasil, distingue-se o mangue-vermelho do mangue-branco; o primeiro, o mangue-vermelho (*Rhizophora mangle* L.) dá em pedaços pesados e espessos a melhor casca; o último, o mangue-branco (*Avicennia nitida*, *tomentosa* e *Conocarpus erecta* L.), em pedaços finos, uma casca inferior para os curtumes. O emprego destas cascas, tanto para curtir, como para colorir a louça de barro, ao cozê-la, parece ter sido trazido aqui pelos portugueses das Índias orientais, onde, como informam Rumph e Rheede, é usado. O pó da casca do mangue-vermelho é também às vezes aplicado em cataplasmas, como tônico das partes enfraquecidas. A pequena embarcação, em que viajávamos de Camamu para a Bahia, levava carregamento de casca de mangue, parte do qual, já desde mais tempo apodrecendo no portão, exalava um cheiro pestilento. Quando, por causa da chuva, descemos para baixo da coberta, ficaram enegrecidas, para grande surpresa nossa, as moedas de prata que trazíamos no bolso; julgamos, por isso, que a casca deve conter enxofre, o qual, pela putrefação, se desprende em forma de gases de ácido sulfídrico. O exame químico dessa casca, não deixaria de ter interesse nesse sentido. Entre os disabores que sofremos na viagem para a Bahia, esse mau cheiro não foi o pior. Mais desagradável nos foi a morosidade do mestre do barco, que, embora tendo prometido levar-nos a Bahia no prazo habitual de 24 horas, gastou três dias no percurso, parando em algumas povoações, para negociar. O viajante europeu não espera consideração alguma dos filhos de Netuno, a cuja mercê a sorte o atirar, porém só menosprezo. Tem que padecer, como inglês suposto, todos os caprichos de ódio nacional, que essa gente do mar não pode e nem quer dissimular. A primeira parada, que tivemos

de fazer ao alvitre do mestre, foi na pequena ilha das Flores ou do Chiqueiro, à saída da baía de Camamu. A ilha é coberta de prósperas plantações, e proporcionou-nos ensejo de colher fartura de deliciosas goiabas, com as quais os habitantes de origem indígena fazem gostosa goiabada. Os frutos do cuitzeiro (*Crescentia cujete* L.) são por eles partidos ao meio no sentido do comprimento, cuidadosamente limpos e, uma vez secos, dão lindas cuias. Na superfície externa e escurecida da cuia, eles gravam, com buril ou ponta de faca, figuras de flores, animais e homens, que se destacam em cor branca. Estas figuras, entre todas as que vimos no Brasil, feitas pelos indígenas, são as de melhor desenho e, pelo feitio, aproximam-se, de certo modo, do gosto chinês. Para enegrecer as cuias, parece que esses índios se servem da decocção da casca de diversas Mirtáceas e de uma argila preta fina; provavelmente, produz-se então combinação de tanino com o óxido de ferro. Depois de termos sido forçados a passar uma noite chuvosa na ilha das Flores, ao abrigo de uma cabana úmida, desembarcamos de novo, no dia seguinte, na foz do Jaguaripe. Muitas barcaças carregadas de mantimentos e de caixas de açúcar, que vêm da vila de Jaguaripe e do arraial de Nazaré das Farinhas, para daqui navegarem, pela chamada Barra Falsa, em direção à Bahia, animam o canal; e prosseguimos, daqui em diante, a viagem, quase sempre acompanhados por embarcações maiores ou menores. A beira-mar, as costas do continente e das numerosas ilhas estão em grande parte cobertas de mangues; porém, no interior, veem-se extensas plantações e bonitas casas, nas colinas de suaves encostas, revestidas de arbustos e palmeiras. Chegando à ilha de Itaparica, desembarcamos no meio da praia, do lado oeste, e seguimos a pé, por terrenos bem cultivados, para a vila, onde achamos cômoda hospedagem, e pudemos gozar do sossego idílico da bela ilha, que, aliás, contrastava, muito agradavelmente, com o ruído da vizinha capital.

Regressando à Bahia, encontramos muitas cartas da pátria e do Rio de Janeiro. Desde Minas Gerais, já havíamos informado a S. Excia. o imperial enviado austríaco, Sr. barão von Neveu, do nosso desejo de viajar pela província mais setentrional do Brasil, o Pará, e pedido recomendações oficiais para lá, assim como para as províncias por onde devíamos passar. O real governo luso-brasileiro, com a alta generosidade com que auxiliou todos os passos de nossa expedição, havia mandado cartas de recomendação aos

governadores das províncias que tínhamos de percorrer, cartas que aqui encontramos; todavia, entre elas não se achava nenhuma para o Pará, porque, como o Sr. barão von Neveu nos informou, recentemente fora publicado um decreto real fechando aos estrangeiros as províncias fronteiriças: Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, e, por essa razão, ele não havia pedido recomendação. Esta notícia alterava consideravelmente o nosso plano de viagem, traçado desde que alcançamos a fronteira de Goiás; pretendíamos, visto o interesse que a navegação pelo rio Tocantins até o Pará nos proporcionaria, viajar, através da província da Bahia, até ao rio São Francisco, atravessá-lo para a outra margem, na vila do Rio Grande, depois penetrar, pelas campinas do rio Preto, via Duro, ponto de entrada de Goiás, para Natividade e Porto Real, onde devíamos embarcar no Tocantins, em direção ao Pará. Sem a licença e recomendação da parte do governo luso-brasileiro, não podia ser realizado esse plano, e resolvemos então, aproximar-nos quanto possível da almejada meta da nossa viagem, pelo caminho de terra, e esperar no Maranhão a licença, que nos permitisse viajar pela província do Pará. Numa petição feita ao ministro de sua Majestade Fidelíssima, que entregamos aos cuidados de nosso ilustre e digno amigo, o Sr. barão von Neveu, justificamos o nosso desejo de estender a viagem até ao Pará, pela importância científica da comparação do terreno, desde o Trópico de Câncer até ao Equador e o fato de ter sido feita nesse intuito a viagem até aqui. O dinheiro necessário para a continuação da viagem havia chegado, também depois de nosso regresso de Ilhéus; somente não nos aparecia o pintor, cuja vinda da Baviera havia sido anunciada em diversas cartas. Embora fosse sensível a sua falta, como companheiro no prosseguimento da viagem, consideramos conveniente, entretanto, não alterar mais o plano da segunda expedição, que íamos encetar agora da Bahia; e preparamos a nossa partida, entregando o material de história natural, colecionado até agora em grande quantidade de caixas, aos cuidados dos Srs. Meuron e Schlüter, a fim de que as remetessem para Hamburgo. S. Excia. o governador-geral, conde de Palma, multiplicou as provas de seu interesse pela ciência, dando-nos cartas de recomendação para as autoridades de sua província e para o governador da capitania do Piauí. Seja-me permitido consignar aqui os nossos mais sinceros agradecimentos a este insigne estadista, bem como ao nosso magnânimo hospedeiro o Sr. marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes.

NOTAS DO CAPÍTULO IV

I – Aparecem bancos de conchas, não só no continente, como também, em grande extensão, ao longo do litoral. As conchas são apenas espécies marinhas ainda hoje existentes, como por exemplo, a *Ostrea edulis*, espécie do gênero *Tellina* e *Fasciolaria*. São, em geral, pouco modificadas. Frequentemente é tão predominante o cimento de areia do mar, que se pode utilizar esse material, ainda em constante formação, como material de construção: quando, porém, predomina a massa de conchas fabrica-se a cal. Bancos de conchas, já completamente transformados em mármore, foram criados por M. Ferreira da Câmara na comarca de Ilhéus, porém não foram por nós encontrados nos lugares que percorremos. A existência desses bancos de conchas, além dos de corais, mesmo a algumas léguas de distância da costa, e toda a formação do país nessa latitude, parecem indicar que o mar aí recua cada vez mais e mais, e vai deixando em terra firme as produções de seu fundo úmido.

Nas costas mais meridionais, principalmente nas de Porto Seguro e nos Abrolhos, ao que constam, os pescadores, que se ocupam com a pesca e preparo da *garoupa* – peixe muito saboroso, que é salgado e exportado, – não raro pescam também muito grandes e preciosos corais.

II – Nas matas de Almada, futuros viajantes terão ensejo de observar as mais notáveis madeiras brasileiras de construção e tintórias em floração e frutificação, preenchendo assim uma sensível lacuna, pois até hoje só poucas dentre elas foram classificadas. As chamadas *madeiras de lei* ou *paus de lei* (cujo corte é proibido aos habitantes ou só permitido pelo governo em casos isolados para determinados fins), são aqui árvores de altura tão prodigiosa, e tão curto é relativamente o tempo da floração, que muitas vezes falham as tentativas dos viajantes para conseguir-lhes as flores. Jacarandá-branco e preto, aderno e pau-de-arco, são aqui consideradas as melhores madeiras para uso no solo; vinhático, piqui e putumuju são adequadas para construção de navios, especialmente as duas últimas para rodas d'água. Sapucaia, jequitibá, e jataí ou quebra-machado, são, em particular, aproveitadas para canoas grandes, em que os ilheanos navegam nos rios, e também são exportadas para os estaleiros da Bahia. Angelim, louro, joboia, maçaranduba, sucupira, servem para construção de casas e engenhos. Pau-de-estopa (uma espécie de *Lecythis*) dá em quantidade de uma entrecasca muito resistente e fibrosa, que serve para calafetar os navios. Plantas de virtudes curativas são aqui: a noz-moscada brasileira, bicuíba – (*Myristica officinalis* Mart.), uma espécie de falsa salsaparrilha (*Herreria salsaparrilha* Mart.); uma leguminosa (provavelmente do gênero *Myrospermum*) dá um bálsamo muito semelhante ao verdadeiro bálsamo

peruano, que os índios levam, nas cuias dos frutos novos da sapucaia, para a costa de Ilhéus, porém mais frequentemente para as províncias de Porto Seguro e de Espírito Santo, donde é expedido para a Bahia. Talvez também pertença a estas matas a árvore, por mim desconhecida, da qual se recolhe uma resina de lindíssima cor amarela e de grande transparência, em pequenos pedaços, a aqui na Bahia me mostraram com o nome de *breu-lacre do sertão*, ou *breu de imbiruçu*. É essa a mesma substância que os índios do rio Tocantins costumam trazer, transformada em varetas brilhantes, nos lábios e nas orelhas furadas. Segundo as investigações de meu amigo dr. Buchner, esta resina, não obstante a sua cor e transparência, dificilmente se presta para verniz-laca, por ser muito mole, e, dissolvida no álcool, forma apenas uma camada pouco aparente.

III – As festas dos primeiros dias do ano novo, às quais assistimos na vila dos Ilhéus, são provavelmente análogas aos regozijos populares, provavelmente vestígios das saturnálias que se celebram no natal em Cornualha, e nas quais o cavaleiro São Jorge e seu adversário pagão falam em verso. No norte da Inglaterra e na Escócia, fazem-se iguais representações com mascarados, os chamados *guizarddes*, que vão de casa em casa e figuram o adversário pagão, como personagem cômica com o nome de galatiano. Tão eloquentes, como são descritos esses atores populares ingleses, não eram, entretanto, os atores brasileiros; somente no banquete festivo é que eles se tornam cada vez mais ruidosos, acompanhando a música da dança com estrofes arrancadas de canções populares. Estas, em geral, cantam os acontecimentos locais, e são, às vezes, improvisos dos próprios dançadores. Algumas dessas estrofes são muito engraçadas, outras, lascivas. Ouvimos, entre outras, o *lundu*, acompanhado com os seguintes versos:

Entendo que vossa mercê me entende,
 Entendo que vossa mercê me engana;
 Entendo que vossa mercê já tem
 Outro amor, a quem mais ama.

Também os seguintes versos são cantados na província da Bahia, em danças semelhantes:

Uma mulata bonita não carece de rezar;
 Abasta o mimo que tem, para a sua alma salvar.
 Mulata, se eu pudera no mundo formar altar,
 Nele te colocaria, para o povo te adorar.

Também a *tonda* e a *baiana* são danças nacionais, semelhantes ao *lundu* (e a primeira é acompanhada com sapateado), porém divergem no ritmo. Doce sibilar, que vai sempre crescendo, muxoxos, suspiros e palavras entrecortadas dos dançadores, fazem parte dessas danças sensuais.

IV – A inspeção dos extensos bancos de carvão de pedra, desagregado e aglomerado com areia do mar, entre a serra Grande e a fazenda Tejuípe, comparado com a ocorrência de ricas jazidas de muito bela hulha folheada, na proximidade da foz do Tapagipe e de uma lignita parda no grés carbonífero, que, perto da cidade da Bahia, jaz sobre formação de antibólio e granito, junto do litoral, permite concluir que a formação hulhífera domina aqui em grande extensão, e pesquisas mais detidas em busca de carvão de pedra utilizável dariam resultado favorável.

LIVRO SÉTIMO

.....

Capítulo I

VIAGEM, ATRAVÉS DO SERTÃO DA BAHIA, ATÉ JUAZEIRO, ÀS MARGENS DO SÃO FRANCISCO

OS VAPORES, que atualmente fazem a ligação da Bahia com as principais povoações da costa do Recôncavo, já se achavam em construção¹, ao tempo de nossa partida daquela cidade, porém ainda não estavam prontos, e, por isso, tivemos de embarcar numa das comuns barcaças de açúcar, a 18 de fevereiro de 1819, para a vila da Cachoeira, onde chegamos perto de meia-noite. A nova organização de nossa tropa encontrou dificuldades, porque o transporte comercial com mulas é feito exclusivamente pelos sertanejos, e estes, devido à grande seca, não tinham vindo. À custa de grande trabalho, conseguimos reunir o número necessário de animais. Essas mulas, vindas, em grandes tropas, das províncias do Rio Grande do Sul e de São Paulo, geralmente são tocadas ao longo do rio São Francisco, à província da Bahia; mas, devido, ora ao esforço de tão demorada viagem, ora à grande diferença de clima, são muito mais fracas que nas regiões do

1. A primeira viagem, feita por vapor, realizou o *Clermont* de Fulton em 1807, entre Nova York e Albany. (Nota da rev., Ed. Melh.)

sul. Uma carga comum não chega, portanto, a sete arrobas como em São Paulo, mas apenas a quatro. No Chile e em Buenos Aires, uma boa mula carrega quatro quintais, de modo que a força muscular desse animal tão útil e espalhado na América do Sul, parece diminuir muito das latitudes altas para o Equador. Entregamos a chefia da tropa, de novo organizada, a um mulato de São Paulo, que tinha servido como arrieiro na comitiva do Sr. conde de Palma (d. Francisco de Assis Mascarenhas é o nome completo desse estadista, distinto pela bem sucedida administração de diversas províncias), e por ele tinha sido designado para o nosso serviço. Era um homem de alto porte e dos mais vigorosos que vimos no Brasil, e ninguém poderia imaginar que ele seria a primeira vítima a pagar tributo à morte, entre os de nossa expedição.

Durante esses preparativos, tivemos ensejo de conhecer, mais de perto, o lugar em que estávamos. Goza a vila de Cachoeira de mais constante e mais salubre clima que o da vizinha capital. Embora chegue até aqui a brisa do mar, não se sofre das nocivas mudanças de temperatura, como na Bahia. O ar é mais seco, mais quente e tranquilo. Observamos ali, durante a nossa estada: de manhã, entre seis e sete horas, a temperatura de 17° até 19° R; às 10 horas, a de 21° a 23° R; ao meio-dia, a de 25° R; e, ao pôr do sol, de 21,3° R. Febres intermitentes, diarréias, gota e hidropisia, são as doenças reinantes; o lugar, todavia, é geralmente afamado por sua situação saudável, e dizem que especialmente os negros são aqui muito fecundos. A maior parte da população bebe, sem inconveniente, a água do Paraguaçu, a qual só perto das nascentes parece produzir febre. As condições sociais e a civilização, nessa rica vila, são semelhantes às da Bahia, por se acharem entre os habitantes muitos portugueses. A escola de latim forma bons alunos. Para a fundação de um orfanato, foi subscrita pelos caritativos habitantes a considerável quantia de 22:3783\$000. Coincidiu com a nossa estada ali o tempo do carnaval (*entrudo*), que, segundo o costume português, põe em alvoroço toda a população. Na verdade, não se veem aqui as grotescas mascaradas do carnaval romano veneziano, porém, porfiava o belo sexo em causar confusão aos transeuntes com um combate gracioso. Todas as janelas estavam ocupadas por senhoras, que lançavam bolas de cera, cheias de água e pareciam muito contentes de poder esquecer alguns dias a etiqueta severamente vigiada.

Na região da vila de Cachoeira encontram-se paisagens que, pelo viçoso verde dos outeiros, pelo alternar dos arbustos e pelos muitos aspectos do majestoso rio, são de particular encanto. Dois pequenos riachos, Pitanga e Caquende, que correm rápidos pelos morros abaixo, oferecem banho restaurador, à sombra frondosa de aromáticos loureiros, ou idílicos retiros, ao lado de cascatas espumantes. Com regozijo, nota o europeu como aqui o cultivo do solo já enobreceu a feição da paisagem. A leste, a distância de cerca de uma hora da vila, foi descoberto o grande bloco de puro cobre, com o peso de 2.666 libras que, desde o ano de 1782, se acha conservado no Real Gabinete de História Natural de Lisboa. Percorrendo o local, encontramos, muito perto do rio Paraguaçu, uma vargem com capim e moitas de arbustos, onde jazem grandes blocos soltos de granito e que, para o lado do norte, é limitada por um banco da mesma rocha. Apesar de todas as investigações, não achamos na pedra que aflora nada que permitisse admitir-se conexão genética da colossal massa de metal com a formação local. Notamos nesse granito, afora as usuais três partes componentes, só raras partículas de turmalina, mas nenhuma espécie de composto de cobre. De formação de filões ou depósitos tampouco notamos vestígio algum, de sorte que a origem telúrica do bloco permanece de fato muito duvidosa. O exterior dessa massa de metal, que tempos depois tivemos ocasião de ver em Lisboa (**Nota I**), caracteriza-se como bloco roliço, sem ligação provável com qualquer mineral e, antes, faz lembrar ocorrências semelhantes de grandes massas de cobre, no Canadá e no Connecticut. Particularmente importante, é, nesse sentido, o aparecimento dos maiores blocos de cobre, conhecidos até hoje, sobre diversas espécies de rocha: no Brasil, sobre granito, na América do Norte, porém, sobre basalto preto secundário e sobre grés vermelho primitivo.

Da vila de Cachoeira partem três estradas principais: a de Muritiba, que segue pelo porto de São Félix, a sudoeste, até ao distrito do rio de Contas e daí para Minas Gerais, Goiás etc.; a de Belém, que liga Cachoeira com a parte sul da província; e a de Capoeiraçu, que segue a O. e N.O., à comarca de Jacobina, e à Estrada Real do Gado, por onde são tocadas as boiadas do Piauí. Tomamos por este último caminho, quando saímos, a 27 de fevereiro da vila de Cachoeira, e subimos o íngreme morro de Capoeiraçu, em cujo cume, de uns 700 pés acima do mar, atingimos a chapada

seca e ondulada, através da qual íamos encetar alguns dias de penosa marcha. A montanha, nos arredores da vila, é de gnaïsse de cor avermelhada ou amarela e inclina-se em geral de N. a S., com desvios para N.E. e S.O., e declina em camadas de meio até dois pés de espessura para oeste. Ao sopé da montanha e em diversas alturas da mesma, apareceram-nos partes de filões no gnaïsse, onde o itabirito e a magnetita substituíam a mica. Essa pedra é utilizada pelos habitantes, com o nome de esmeril, para polir artigos de ferro. Até uma légua de distância de Cachoeira, surgem, em ambos os lados da estrada, muitas chácaras, vendas e oficinas dos negros; veem-se extensos cafezais, capinzais, roças de mandioca e algumas hortas; depois, escasseiam as lavouras mais e mais, até que, perto da Feira da Conceição², a duas léguas distante da vila, desaparecem de novo todos os vestígios de uma população industriosa, e o viajante se acha, outra vez, em pleno sertão. Pernoitamos nesse pequeno povoado de casebres baixos de barro, e aí passamos o dia seguinte, arrumando a nossa bagagem e organizando a tropa. A nossa caravana foi objeto de viva curiosidade, por parte dos habitantes pardos e pretos, acostumados a só verem passar na estrada as boiadas do Piauí. Eles acharam muito perigosa a viagem pelo sertão, nessa época do ano, e aconselharam-nos a desistir dela, porque as chuvas regulares de setembro a fevereiro tinham faltado e, por essa razão, a carência geral de água havia despovoado a estrada. Já acostumados, entretanto, a não confiar incondicionalmente em tais opiniões, amiúde exageradas, não nos demovemos do nosso propósito, e procuramos informações exatas sobre os pousos onde poderíamos encontrar água. Todas as informações concordavam em que era preciso caminhar sete dias, por terreno quase completamente privado de água, até a Fazenda do Rio do Peixe, onde começaríamos a encontrar fontes e riachos; que somente teríamos água nos lugares recomendados para pouso; que não convinha nos desviássemos da estrada para procurá-la; que também não se encontraria pasto algum para os cargueiros, nas caatingas requeimadas, e que uma marcha lenta por esse deserto tão árido poderia ser perigosa para toda a tropa. Nestas circunstâncias, só nos restava abastecer-mos com milho e grande quantidade de rapadura, com que se

2. Hoje Conceição da Feira

costumam em tais casos mitigar a sede das mulas de carga, e para nós devíamos levar um saco de borracha cheio de água. As cercanias da Feira de Conceição foram por nós exploradas com grande interesse, em procura de plantas. O terreno já tem aqui os característicos especiais, que, daí em diante, tivemos ocasião de observar, através de todo o sertão. A chapada, em geral de 600 a 700 pés acima do mar, abaixa-se aqui e acolá em vargens pouco fundas, nas quais, durante o tempo da chuva, se ajunta água salgada, muitas vezes intragável até para o gado. Em outros sítios, veem-se, em diversas direções, séries de colinas, cujas encostas se elevam suavemente. A única formação, que encontramos, foi gnaisse, gnaisse granítico ou granito granulado, na maioria avermelhado ou amarelado, às vezes também preto ou branco. Esta rocha aflora em grande extensão, ou está coberta de uma leve camada de barro vermelho, que parece provir da sua decomposição. Além disso, jazem espalhados fragmentos de granito e fina areia granítica. Humo propriamente dito acha-se somente em algumas vargens, e às vezes corresponde ao barro fino, untuoso, quase sempre de cor preta, a que chamam *massapé*. O nosso excelente amigo Ferreira da Câmara opinou que o *massapé* fosse o resto de formação basáltica desagregada. Para verificar essa hipótese, procuramos alguns lugares baixos, onde havia cana plantada em *massapé*; não descobrimos, porém, vestígio algum de outra formação, a não ser o granito. O canavial, plantado em maio do ano antecedente, estava muito viçoso e pronto para o corte; costuma-se, entretanto, esperar até outubro do segundo ano, para o primeiro corte. Como os engenhos são aqui mais distantes dos canaviais do que no litoral, prefere-se cultivar a cana do Pacífico às canas bastardas, pois os colmos cortados podem permanecer sem desvantagem vários dias, antes de serem espremidos, ao passo que a chamada cana da terra já no segundo dia entra em fermentação, desfavorável à produção do açúcar. A não ser esses lugares isolados de *massapé*, é a região pouco própria para a agricultura. Nos pontos mais baixos e mais úmidos, encontram-se pequenos arvoredos semelhantes aos capões de Minas Novas; as planícies mais altas e os outeiros ora são despídos de qualquer vegetação, ora cobertos de alguns pés de cactos isolados e ervas, ou de cerrados e arvoredos baixos. Todas essas plantas pertencem à formação de caatinga, pois na seca perdem as folhas, e só se revestem de novo à entrada da estação das chuvas. Somente nas vargens úmidas conservam as

plantas a sua folhagem o ano inteiro; nas outras partes da região, a vida das folhas depende tanto da umidade que, às vezes, segundo se afirma, decorrem dois ou três anos, sem que reverdeçam as árvores, aparentemente mortas. O lenho, durante o período do desfolhamento, nunca está totalmente sem seiva e perde a sua flexibilidade só naqueles galhos e ramos, que morrem de todo; exsuda mesmo continuamente substâncias resinosas e gomas e outras semelhantes, provando que a vida da raiz e do tronco, obedecendo a uma fraca periodicidade e, até certo ponto, independente da elaboração da seiva nas folhas, a qual sempre segue os períodos cósmicos. O brotar das folhas é particularmente interessante porque, logo que chove, no mais curto espaço de tempo, e quase como por encanto se produz. Dessa singularidade da vegetação das caatingas pudemos frequentemente convencer-nos, porquanto no meio do sertão árido, onde todas as plantas estavam sem folhas, encontramos trechos de mata e campina, que ostentavam o mais belo verde primaveril. Estas faixas haviam recebido, como nos informaram, chuvas parciais, e assim anteciparam, de repente, no desabotoar dos renovos, as regiões próximas. O processo de desenvolvimento dos brotos, o qual no nosso clima dura diversas semanas, realiza-se aqui em um ou dois dias, e o lenho dos novos rebentos repousa por isso completamente preparado, às vezes muitos meses, até se desenvolverem os brotos. De resto, essa particularidade das matas de caatingas parece também ser determinada pela estrutura das folhas, pois elas são aqui mais do que em qualquer outra região, guarnecidas de um espesso feltro de pelos brancos, ou de uma textura relativamente mais fina e mais seca. Também a estrutura das raízes e do tronco talvez seja mais frequentemente adaptada às singularidades deste solo do que as observações até agora ensinaram. Um exemplo do que acabamos de dizer é o imbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arr.), cujas raízes, horizontalmente espalhadas, quase à flor da terra, intumescem-se em tubérculos nodosos do tamanho de um punho e até de uma cabeça de criança e, ocos no interior, cheios de água. Abrimos algumas vezes esses singulares recipientes, a fim de satisfazer a sede dos animais de carga, e achamos, por vezes, mais de meia “Mass”³ de líquido numa só raiz. A água, ora

3. “Mass” – antiga medida bávara de bebidas, de um a dois litros, (Nota da rev., Ed. Melh.)

muito clara ora um tanto opalina, embora morna e em geral de sabor resinoso-balsâmico não agradável ou um tanto acre, era, todavia, potável⁴. A fauna parecia ter inteiramente abandonado esta solidão árida. Só nas casas de forma cônica dos cupins frequentemente de cinco pés de altura, observamos vida e atividade; as aves e os mamíferos tinham-se mudado para regiões mais úmidas.

Neste monótono cenário, pusemo-nos a caminho a 1º de março, viajando cinco léguas e meia até ao arraial da Feira de Santana. Os moradores deste mísero povoado já nos mostravam o tipo perfeito do sertanejo. O intuito de nossa viagem, o qual lhes expusemos, pareceu-lhes incrível. O porta-voz demonstrou-lhes, com palavras convincentes, que devia haver qualquer intento secreto nessa expedição. – “Como crer que, por causa de besouros e de plantas, alguém fosse expor-se ao perigo de morrer de sede?”, dizia ele. – “Estes senhores procuram os blocos de prata de Monte Santo, e, com toda certeza, não é por nada que vão arriscar os incômodos de tal viagem.” – Estes e outros reparos convenceram-nos de quanto andava espalhada a lenda da riqueza mineral da região, e nisso achamos, de fato, interesse particular, porque havíamos resolvido ver o meteorito de Bendegó, o qual, como depois soubemos, dera motivos àqueles boatos. A água potável, aqui conservada em cacimbas, tem, em geral, sabor um

4. Esta árvore curiosa já esta mencionada numa obra rara de Manuel Arruda da Câmara, impressa no Rio de Janeiro e intitulada *Dissertação sobre a utilidade de estabelecer hortos botânicos no Brasil* cuja tradução se encontra no anexo de Koster: *Travels in Brazil, from Pernambuco to Ceara.*, London 1816. – Os trechos de mato deste sertão estéril, constam sobretudo das árvores mencionadas acima pp. 142/3 e contém além disso muitas mirtáceas, meliáceas, malpighiáceas e sapindáceas. Estas árvores frequentemente são cobertas de tufos de lorantáceas parasíticas e espécies de *Viscum*. No arvoredo baixo, *carrasco*, dominam *Paullinias*, *Sidas*, *Hibiscus*, *Tetracera* e inúmeros *Crotons* secos de folhas felpudas. Entre eles aparece como representante das palmeiras a *alicuri* (*Cocos coronata* M.). A *mutamba* (*Guazuma ulmifolia* Lam.) fornece numerosos frutos, os quais, apesar de duros, constituem forragem bem-vinda para os cargueiros passando por ali. Grandes trechos são cobertos de pés de ananás silvestre. Nos lugares arenosos e pedregosos há ervas solitárias baixas, sobretudo dos gêneros *Cassia*, *Stylosanthes*, *Evolvulus*, *Richardsonia*, *Echites*. Outras regiões ainda mais desertas só têm as formas grotescas de caules gigantescos de *Cereus* ou de *Melocactus* lembrando um turbante.

tanto salgado, e produz febre palustre, quando é bebida sem a adição de um corretivo. Tivemos, mesmo assim, de encher o nosso odre de borracha; daí, seguindo o conselho dos moradores, dividimos a nossa tropa em duas partes, a fim de que as mulas cargueiras, chegando mais tarde, achassem alguma água novamente ajuntada nas fontes quase secas. O dr. Spix partiu à frente, com a maior parte da tropa; eu segui depois do sol posto, fazendo, com a claridade das estrelas, a viagem de cinco léguas e meia. Duas léguas a noroeste da Feira de Santana, encontramos o pequeno arraial de São José, abandonado por quase todos os habitantes, por causa da falta de água, e o mesmo abandono se via também nas fazendas: Formigas, Santa Bárbara e Gravatá, onde se reuniam de novo as duas tropas. Não foi sem receio que descansamos aqui um pouco, pois era de temer que, com a continuação de semelhante seca, chégássemos ao fim de tão terrível deserto apenas com a metade de nossa tropa. A água salgada, que encontramos nas cisternas de Gravatá (fossos imundos, abertos na areia granítica), era adoçada com rapadura, e assim distribuída em cuias às mulas; mas os pobres animais não pareceram satisfeitos, e ficaram de cabeça baixa, resfolegando em volta das nossas fogueiras o resto da noite. No dia seguinte continuamos a viagem até seis léguas adiante. O mato, em grande parte sem folhas, porém mais alto e mais cerrado do que até aqui, e inteiramente semelhante às catingas de Maracás, mitigava pela sombra, um pouco, o tormento do calor; água, entretanto, não se encontrava em parte alguma. Encontramos alguns moradores, ansiosamente ocupados em colher água das cavidades formadas, na base das folhas do ananás silvestre. Essa água, embora viciada por insetos e ovos de rãs, era uma delícia para estes desgraçados sertanejos. Na fazenda Umbaúva compramos um cântaro de água por um florim; mas distribuída entre o pessoal, a pequena quantidade não pareceu mitigar a sede, senão torná-la mais insuportável. A nossa gente indignou-se contra os habitantes, dizendo que eles não queriam ceder nada das suas provisões, nem sequer mostrar suas fontes e cisternas. Em Jenipapo, outra fazendola, os nossos homens invadiram, sem atender aos nossos protestos, a casa de um velho, e apoderaram-se de um pote de água, que ele tinha escondido debaixo da cama. Debalde o ancião assegurou que era quase cego, que o seu único filho ia diariamente buscar essa água a três horas de distância; o nosso arrieiro e seus ajudantes esvaziaram o pote, sem se dar conta que

pululava de vermes. À noite, entretanto, fizeram-se sentir as consequências da repreensível violência, pois foram todos acometidos de forte acesso de febre. Na Fazenda Patos, onde pernoitamos acharam os animais uma pequena poça de água verde, para a qual se precipitaram com avidez. Animaram-nos, assegurando que estava vencida a maior dificuldade, pois no pequeno arraial de Coité, a seis léguas de Patos, uma abundante fonte jorrava do rochedo. Na tarde de 4 de março, chegamos a esse lugar da promessa; qual não foi, porém, a nossa angústia, quando o vimos de perto! Uma fenda da rocha de granito fora tornada acessível por um fosso, e ali estava uma pessoa com uma cuia apanhando a água, que gotejava. Mais de 30 indivíduos, mulheres e moças, estavam reunidos em redor dessa fonte do deserto, para descerem segundo a ordem do juiz local, ali presente; e os homens traziam fuzis, para, em caso de necessidade, fazerem valer os direitos dos seus. Com água que bastasse aos animais exaustos, não se podia contar; e mesmo para os homens, quando eu pedi uns sorvos, obtive a arrogante resposta: – “A água aqui é só para nós, e não para ingleses vagabundos.” Um soldado reformado forneceu-nos, comprada, certa porção de água, e aconselhou-nos a seguir viagem nessa mesma noite, em parte por não nos poder garantir segurança aqui, em parte porque, a noroeste de Coité e talvez perto da estrada, pouco antes tinha havido trovoada. Resolvemos seguir esse conselho, porque diversas mulas já se recusaram ao serviço e, além disso, dois dos nossos companheiros estavam atacados de violentos acessos de febre, pareceu-nos que maior demora nos ameaçaria de desgraça geral. Na impaciência do desespero, tocamos a tropa para diante, e, finalmente em Cisterna, a quatro léguas de Coité, fizemos pouso, à uma hora da madrugada. Homens e animais estavam esgotados pelo excessivo esforço da continuada marcha, porém a preocupação do dia seguinte não nos deixou dormir; além do mais, o arrieiro, prostrado por mortal abatimento, era objeto de nossa angustiada compaixão. Quando nasceu o sol, encontramos o nosso pessoal caído em profunda apatia; a maioria das mulas, tristes em redor de nós, outras dispersas no cerrado onde vagavam atormentadas pela sede. Nas cisternas não existia nem uma gota de água. Nós mesmos lambemos o orvalho das lajes lisas de granito, e reconfortamos os animais com rapaduras. Duas das mulas estavam impossibilitadas de acompanhar-nos; as outras foram tocadas para diante, para novos esforços. Afinal, quando as

nossas dificuldades haviam chegado ao auge, vimo-nos felizmente salvos. No Imbuzeiro, distante algumas léguas de Cisterna, tinha caído chuva torrencial, e o morador havia recolhido o benéfico elemento em covas, feitas as pressas. Aqui tanto nos reanimamos, que, a 6 de março, chegamos a fazenda do Rio do Peixe; era ali mesmo o limite desse tremendo distrito.

O pequeno Rio do Peixe estava na verdade sem água, e apresentava apenas uma série de poças separadas, de água salgada e de sabor extremamente enjoativo. Entretanto era curioso que, daí em diante, a vegetação se achava menos ressecada, a atmosfera mais úmida, e achávamos água mais abundante, tanto nas cisternas, como nas fontes. Na continuação da viagem, fomos surpreendidos frequentemente por aguaceiros, que, entretanto, nunca duravam muito. Estas mudanças do clima pareceram-nos estar em relação estreita com a superfície montanhosa do país. Depois da serra pouco elevada, perto da Feira de Santana, tivemos terreno plano, ou elevando-se pouco a pouco suavemente, ou alternando com ondulações e várzeas; mas, diante do rio do Peixe, levou-nos a estrada a uma segunda cadeia, chamada pela gente do lugar serra do Rio do Peixe, sobre cujas lombadas e flancos jaziam esparsos gigantescos blocos de gnaiss, de formas singulares, e, daí em diante, a região se foi tornando mais acidentada. Em toda parte do distrito, por onde havíamos passado, notamos como dominante a formação de gnaiss, e, além disso, muito granito. A inclinação, que toma essa rocha, varia entre N. e S. e de N.O. para S.E., com pouca declinação, raras vezes com camadas quase perpendiculares; frequentemente, também não se nota camada alguma. Só em poucos pontos, como na Fazenda de Gravatá, e entre Jurema e Embaúba aparece anfibólio acima do granito. A vegetação é por toda parte mato de catinga, cujos troncos não têm geralmente mais de 30 ou 40 pés de altura. Pés de cactos arborescentes, com compridos pelos brancos ou com formidáveis acúleos, formam, aqui e acolá, impenetráveis cercados.

As canseiras e perigos da viagem, até aqui, haviam abalado bastante a nossa saúde; nós mesmos sofriamos de diarreia contínua que julgávamos dever atribuir à água salgada; o arrieiro e um de seus ajudantes eram diariamente sujeitos a violentos acessos de febre; os demais queixavam-se de dor de cabeça e tonteiras. Somente um criado francês, que havíamos contratado na Bahia, foi poupado; por um triz, entretanto,

nesse mesmo dia, ele ia sendo vítima de um desastre de outra natureza. Quando reunia a tropa perto da fazenda, dispararam do mato um tiro, que felizmente passou apenas junto dele; todavia, desconfiamos que não fora sem intenção. Os moradores pareciam ver com maus olhos o nosso propósito de passar aqui alguns dias, e antes já haviam, por motivos fúteis, começado a implicar com aquele criado. Conhecendo de sobra o temperamento violento e vingativo dos sertanejos, que estão acostumados a terminar frequentemente as suas rixas a tiros, tratamos de nos por a caminho no dia seguinte. Nos lugares onde o mato uniforme e sem folhas se abria, avistamos à nossa frente uma comprida montanha, quase toda coberta de mata, parte da serra de Itiúba. Estende-se esta cadeia por considerável espaço e com ramificações pela parte noroeste da província da Bahia, tomando, nas diferentes regiões, denominações diversas. Forma o divisor das águas entre o rio São Francisco, a oeste, e os pequenos rios, ora em parte esgotados ou secos, a leste, e que deságuam ao sul do primeiro, no oceano; entre eles, o rio Itapicuru é o de curso mais extenso. Perto do arraial de Santo Antônio das Queimadas, a três léguas da fazenda do Rio do Peixe, encontramos este rio; mas devido à continuada seca, estava tão esgotado, que apenas se via uma série de poços com água. Todos os rios deste trecho de terreno são de pouca água, e secam com a prolongada falta de chuva; quando então, só um leito irregular e pedregoso indica a sua presença e direção. As suas nascentes surgem entre as fendas da rocha, e formam, em geral, poços rasos de águas claras. Durante os meses de chuva, porém, os cursos de água enchem-se, e isto acontece com tal rapidez, por causa da formação particular do terreno, cortado por inúmeras depressões comunicantes, que, ao fim de oito dias, o leito seco pedregoso se transforma em rio caudaloso. A falta de humo, a impermeabilidade, a solidez e a posição horizontal dominante da rocha favorecem o rápido escoamento que de novo atua sobre a terra, e, com isso, outra vez na periodicidade dos cursos fluviais. Pelo fato de não ficar umidade alguma na terra, não se opera a decomposição das folhas caídas e de outras matérias orgânicas; mediante a água produz-se antes uma deterioração ao ar livre, que um processo de putrefação, e só se forma pouco humo. Os ventos dispersam a poeira, produzida pela matéria orgânica, e a rocha nua fica sem o revestimento, que é tão particularmente apropriado para conservar a água da atmosfera, e com isso favorecer a

formação das fontes perenes. Também o caráter da vegetação deste trecho parece ser causa de tal processo elementar, pois as folhas são mais escassas do que nas matas do litoral, e de textura mais seca. Resta assim, portanto, como mais importante fator vivificante, somente a chuva para esta região maltratada pela sorte; e como nem altos píncaros nem rochas especialmente compactas favorecem a atração da umidade atmosférica, e só atua a geral periodicidade das estações úmidas e secas, explica-se porque aqui, no ciclo de desfavoráveis ações recíprocas, não haverá melhoramento do solo. Estas condições indicam também as possibilidades desta região para cultivo; somente depois de ingentes esforços se poderá obter lavoura proveitosa, além da criação de gado, que representa o ramo mais importante de subsistência dos habitantes. Procurei dar uma descrição geral da relação existente aqui entre o solo, o clima e a vegetação; se eu ousasse formular uma hipótese acerca das causas primárias que criaram o estado atual, seria a de ter a montanha perdido a sua antiga cobertura de terra em virtude de vastos e violentos embates do mar. Várias circunstâncias parecem dar razão a este alvitre: o constante declive deste trecho de terreno para o mar, o curso regular das várzeas rasas na mesma direção, a extensão de superfícies nuas de rochas, a forma rolada de muitos fragmentos de granito que jazem isolados, ora nas alturas, ora embaixo, e particularmente a existência de sal comum no solo das regiões a oeste. O fato de se encontrar vegetação florestal completamente diversa daquela das matas virgens das montanhas graníticas do litoral, não mais causará estranheza, admitindo-se esta hipótese. Dever-se-ia, de certo modo, considerá-la como formação vegetal secundária, pois de fato não se iguala, nem em altura e robustez de talhe; nem em pujança e característica das formas, à vegetação da era primária.

Santo Antônio das Queimadas, pequeno arraial, que conta na sua freguesia uns 600 habitantes, parecia haver sofrido há pouco, extraordinariamente, com a secura do clima. Contaram-nos que, durante três anos, não choveu nas roças de diversos moradores, e estes se viram forçados a emigrar. O milho, que até então havíamos encontrado nas fazendas, não se obtinha nem a preços exorbitantes, de modo que, havendo com felicidade escapado da seca, tínhamos agora que temer a fome. O lugarejo está situado num vale raso, entre os contrafortes da serra de Itiúba. Os habitantes, entre os quais

se achavam relativamente muitos portugueses, tentam, além da criação de gado, também o cultivo do algodão.

Partimos do arraial a 8 de março e aproximamo-nos da serra de Itiúba, subindo gradualmente. Perto da fazenda Rodeador, a uma légua de Queimadas, vimos gnaïsse avermelhado, inclinando-se de N.N.E. para S.S.O.; em Bebedor, uma légua adiante, granito branco, em inclinação predominante de norte a oeste, e de sul inclinado a leste. Quanto mais nos avizinávamos da serra de Itiúba, tanto mais frequente aparecia no granito, em vez da mica, uma pistacita granulada verde-escura, ora disseminada em grânulos, ora percorrendo a pedra à maneira de faixa. Este componente substituto ocorre em grande extensão nessa rocha. Camadas delgadas de anfibólio xistoso aparecem por entre o granito em muitas direções. Na marcha por esses contrafortes de suaves encostas, fomos refrescados por alguns aguaceiros; mas, ao anoitecer, quando fizemos pouso perto da fazenda Olhos-d'Água, de novo se tornou abafado o calor, e o céu tomou cor violácea a oeste ameaçando trovoadas. Às sete horas, quando já era noite fechada, começou a soprar um vento que parecia anunciar-nos o desabar da tempestade, de sorte que, para garantir a bagagem contra a chuva, depressa a mandamos esconder debaixo dos arbustos. Nessa ocasião, tive ensejo de observar um dos mais curiosos fenômenos que possa chamar a atenção do fisiólogo de plantas. A vegetação constava aqui, em parte, de um arbusto sem folhas de eufórbia (*Euphorbia phosphorea*) e, quando os galhos do mesmo foram sacudidos e excitados violentamente pelas caixas da bagagem, brotou das feridas um leite branco, que luzia no momento da exsudação. Não quis crer no que via, até que eu mesmo conseguisse por fricção dos cantos agudos de galhos, provocar o fenômeno. A fosforescência durava, de cada vez, só alguns segundos, e era mais viva do que a do pau podre, todavia menos forte do que a auréola luminosa de flores do *Dictamnus*. Durante esse fenômeno, o termômetro indicava 20° R e o eletrômetro de Volta não marcava vestígio algum de eletricidade atmosférica. Examinando diversos talos e galhos, obtive sempre o mesmo resultado; porém, ao cabo de uma hora, quando a temperatura havia baixado a 16° R, não pude mais notar o referido efeito luminoso. Até ao rio São Francisco, encontrei com frequência a planta, muitas vezes formando cercas densas e impenetráveis, mas não tive mais a felicidade de observar a fosforescência, e, por isso, chamo a atenção dos futuros viajantes para o assunto.

Da fazenda Olhos-d'Água, subimos a serra de Itiúba, cuja lombada passamos numa altitude de 1.200 pés acima do pé da serra. A rocha aqui consiste num granito sem estratificação, avermelhado, que, às vezes, por conter muito anfibólio preto ou esverdeado, passa para sienito, e também tem inclusões de diminutos depósitos e filões do mesmo anfibólio. A erosão apresenta grandes pedaços cascudos, e não raro o caminho passa em despenhadeiros, onde tais blocos isolados, amontoados em desordem, ameaçam ruir. A propriedade desta rocha, de tinir fortemente, ao ser percutida, é considerada pela gente do lugar como indício de sua riqueza em metal, e o som dado por certos pedaços é de fato tão límpido e penetrante, que nos causou admiração, embora reconheçamos como motivo do fenômeno apenas a íntima liga dos componentes, fato que sempre se dá onde existe anfibólio, e, pela conseqüente densidade. A montanha é coberta de matas até ao cume, e, na direção para cima antes aumentam as árvores que diminuem em vigor e altura, de sorte que aqui já podíamos observar o que, no decurso da viagem para o norte, sempre se confirmou: de que as florestas aqui ocupam de preferência as alturas, porém os arbustos e pastos se acham no fundo dos vales; ao passo que, no interior das províncias do sul, pelas quais viajamos, a vegetação de campos predomina nas montanhas relativamente mais altas, as matas, porém, nas vargens. Do cume da serra de Itiúba, patenteia-se extenso panorama para leste. Apenas poucas montanhas, das quais a mais alta é a Serra de Aracuanha, divisor das águas entre os rios Itapicuru e Jacuípe, limitam a vista sobre uma extensa e monótona mata de catinga, cuja extremidade se perde na linha do horizonte. Quando descemos a encosta ocidental da montanha, encontramos uma boiada de 300 reses, vindas do Piauí, já tendo feito caminhada de 100 léguas, e que se destinava à Bahia. Os vaqueiros queixavam-se de não haver encontrado água pura, desde a travessia do rio São Francisco, e as notícias, que lhes demos, das condições do território, causaram-lhes desespero. Resolveram desviar-se do caminho que tínhamos tomado, e viajar ou pela margem do rio Itapicuru ou pelo arraial de Serrinha, pois nestas duas direções passam as chamadas estradas do gado, as quais, com a que percorremos, se reúnem a várias distâncias de Cachoeira. Apesar de já ter sofrido muito pela falta de água, a maioria do gado desta boiada estava sã e forte, por ter ainda encontrado frutos do juazeiro e do imbuzeiro, e, em muitos lugares, lambedores de sal. Além disso, as boiadas, em caminho, aprovei-

tam-se particularmente da fartura dos cactos nestas regiões. Essas plantas singulares, sem folhas, dotadas da especial capacidade de atrair e condensar a umidade da atmosfera, servem de refresco para os animais sedentos. O gado despoja com os chifres ou com os dentes uma parte da superfície, e chupa a seiva mucilagínosa e um tanto amarga, contida, mesmo durante o período de maior seca do ano, nessas extraordinárias fontes vegetais. Nesse afã ferem-se os bois, não raras vezes, nos compridos espinhos ou nos pelos urticantes, de que são armados os cactos, e notam-se por vezes, entre eles, animais de focinho inflamado ou até mesmo gangrenado. É, portanto, por compaixão para com as boiadas sedentas, que os sertanejos facilitam-lhes o acesso a essa seiva, e eles costumam, passando a cavalo, cortar com os seus facões as hastes, ou abri-las lateralmente. Os frutos dos cactos também se comem, não tanto, porém, como no Sul da Europa. Fomos descendo do alto da montanha até à fazenda da Tapera, situada num vale em forma de bacia, encostada ao sopé de maciças montanhas de granito; e na sua espaçosa morada foi-nos oferecida hospedagem mais cômoda do que podíamos esperar. A vida tranquila de retraimento da família, durante o período da seca, fez-nos lembrar o idílio de nossos camponeses, na estação fria. Também aqui, muitos nos falaram de pedras sonantes e de cumes de montanhas nos arredores, onde, de quando em quando, se ouvem estrondos como de trovão. As pedras dessa espécie sonante, que eu vi, eram blocos de granito cinzento-arredondados, assentados sobre estreita base, os quais, com grande proporção de anfibólio passam para sienito. A 10 de março, alcançamos a planície a oeste da serra de Itiúba, e ali, na fazenda Boavista, num outeiro isolado, magnífico ponto de observação, apreciamos o seguimento daquela serra, numa extensão de doze ou mais léguas. Parece uma cadeia interrompida, pois as suas irradiações extremas ao sul estão encobertas por diversos outeiros mais perto de nós, e as do norte se dirigem e se ramificam para leste, rumo de Monte Santo. Na direção oeste, reúnem-se os seus ramos extremos às montanhas da vizinhança de Vila Nova da Rainha⁵, de sorte que, às vezes, todo o maciço granítico, nesta parte noroeste da província da Bahia, é designado com o nome de serra de Itiúba. Um dia de boa caminhada levou-nos, por um terreno de queimadas, à primeira etapa dessa exaustiva e arriscada viagem: Vila Nova da Rainha. De fato, os

5. Hoje Senhor do Bonfim.

animais, um após outro, recusaram-se a servir neste último dia, de modo que fomos continuamente obrigados a levantar os que se deitavam, a aliviar os machucados e fazer voltar à estrada os que pela fome se desviavam à procura de folhas verdes no mato; todavia, ainda nos devíamos considerar felizes, por haver penetrado até aqui, onde podíamos esperar alimentação e reconforto, para nós e para a tropa.

Estas esperanças, contudo, não se realizaram, pois a Vila Nova da Rainha, ou Jacobina Nova, como é chamada vulgarmente, lugar pobre, cuja prosperidade depende em grande parte do tráfego comercial entre a Bahia e a província do Piauí, por causa da absoluta falta de chuvas achava-se numa consternação e penúria de que nunca poderíamos fazer ideia. Vimos grandes roças de feijão, milho e mandioca, todas tostadas pelo calor violento do sol, tal qual acontece entre nós pela ação do frio fora do tempo; outros campos, esturrados pela excessiva seca, desde alguns anos, se achavam sem cultivo, deixando ver filas de caules sem folhas, nos quais já não existia mais vida alguma. Nada poderia ser mais eficaz, para moderar as exageradas esperanças de muitos irrefletidos imigrantes europeus, do que o espetáculo de tal desolação. Esta calamidade havia flagelado, em vasto círculo, a região em torno de Vila Nova; grandes rebanhos, além disso, haviam perecido de fome e sede, e uma parte dos habitantes abastados se mudava para o rio São Francisco, de onde eram atualmente trazidos todos os mantimentos, por preços exorbitantes. A fim de assegurar o necessário para a nossa tropa, que quase não achava pastagem nos morros vizinhos, fomos procurar o capitão-mor, que residia a algumas horas da vila, para lhe pedir providências. A muito custo, obtive-nos ele duas medidas de milho, pelas quais pagamos 20\$400, e uma medida de farinha de mandioca, ao preço de 7\$200. Tal grau de má colheita, como a que observamos aqui, parecia-nos tanto mais inesperada, porque os arredores da vila se prestam a qualquer cultivo: a aldeia é rodeada, ao sul, oeste e norte, por montanhas (as serras do Mocó, do Gado Bravo ou da Alegria, da Maravilha e do Mamão), que têm altas matas de catingas, e uma camada relativamente espessa de solo fértil.

Se queríamos realizar o plano, desde muito acariciado, de procurar o meteorito de Bendegó perto de Monte Santo, daqui é que devíamos partir. O nosso hospedeiro na Bahia, o Sr. Felisberto Caldeira, havia-nos

animado a fazer essa excursão, e traçou ele próprio o itinerário, pelo qual ele, e, no ano de 1811, o Sr. A. F. Mornay tinham viajado para o local. Como, entretanto, a estrada pela fazenda Camuciata é marginando o rio Itapicuru para cima, segundo nos informavam, era ainda mais perigosa, pela falta de água e pelas emanções malignas do rio Itapicuru, meio enxuto, do que a de Vila Nova, não nos restava outro caminho senão este último. Deixamos atrás os nossos cargueiros e toda a bagagem, na vila, aos cuidados do juiz da localidade, e empreendemos escoteiros⁶ essa viagem de umas vinte e tantas léguas, tão depressa, quanto nos foi possível, em cavalos alugados, guiados por um único sertanejo, conhecedor do caminho. Partimos da vila às nove horas da noite de 16 de março, e cavalgamos a luz das estrelas ainda duas horas até à misera fazenda Juá. Logo ao raiar do dia, montamos de novo a cavalo, para termos de dar de beber aos animais em Pouso, outra fazendola distante três léguas. Aqui, vimos a pobreza e a miséria dos sertanejos, em toda a sua extensão. Os moradores, pela absoluta falta de gêneros alimentícios, consequência da má colheita por seca, eram obrigados a preparar, com a medula dos troncos da palmeira aricuri (*Cocos coronata* M.), uma espécie de broa ou bolo, que não é mais rica em substância nutritiva do que o pão dos normandos, feito com a casca dos pinheiros. Os velhos troncos são para esse fim rachados longitudinalmente, e, batendo-se e sacudindo-se, obtém-se o amido existente entre as fibras lenhosas. Essa farinha, misturada naturalmente com partículas de fibras, é logo amassada em bolas, cozida em água e comida logo, ou depois de seca ao sol. Pode-se facilmente imaginar como devem ser indigestas e pobres em matéria alimentícia essas miseráveis broas, de gosto amargo. De fermentação são incapazes devido a absoluta falta de albumina além do amido, e, ao cabo de alguns dias depois de preparadas, não são nada melhor do que serragem. O caminho eleva-se pouco a pouco até a fazenda Coche d'Água, situada na encosta ocidental da serra de Itiúba. Até chegarmos lá, encontramos muitos trechos com mata de catinga, nos quais eram abundantes os imbuzeiros (*Spondias tuberosa* Arr.), carregados de frutos, semelhantes às ameixas "rainha-cláudia". A gente do lugar nos deleitou com a imbuzzada, espécie de sopa agridoce, preparada com o suco

6. Sozinhos. Expressão usada no interior. (Nota da rev., Ed. Melh.)

dessa fruta, com leite quente e rapadura. A formação dos contrafortes, assim como a da própria serra de Itaúba, é em geral granito-gnaissico. A pedra é, de ordinário, completamente nua, porém, aqui e acolá, nas vargens rasas, existe uma camada de argila avermelhada, de três a quatro pés de altura, que os sertanejos costumam cavar até à profundidade de alguns pés, formando caldeirões e tanques, para conservarem a água da chuva; e neles aparecem numerosas ossadas de animais antediluvianos, porém geralmente tão fragmentadas e dispersas, que dificilmente se pode contar com o achado de um esqueleto completo. Os ossos, que aqui tivemos ocasião de colecionar em estado de poderem ser reconhecidos, foram um maxilar inferior, uma vértebra dorsal e parte de uma omoplata de mastodonte (**Nota II**). Outras partes, especialmente costelas e fêmures, são aqui frequentemente desenterradas pelos sertanejos; nós, entretanto, não tivemos essa sorte, pois todos os pedaços que nos apareceram, estavam muito fragmentados. Também perto da vizinha fazenda Barriga Mole, segundo contam os moradores, foram desenterrados dos tanques uns ossos semelhantes, e, conforme dizem, aparecem às vezes em grande quantidade. Ativas investigações neste serão tão pouco conhecido, enriqueceriam provavelmente os conhecimentos sobre animais antediluvianos e ainda de muitos outros fatos importantes. De Coche d'Água, subimos pela serra de Itiúba acima, por uma picada extremamente abrupta, estreita, e, por vezes, fechada de mata tão cerrada, que éramos obrigados a abrir caminho a facão, para os cavalos. Não alcançamos a fazenda Morros, situada do lado oposto, no começo da serra de Itiúba, e acomodamo-nos de boa vontade, para passar a noite ao relento. O capim alto e seco, coberto com um couro de boi, oferecia-nos boa cama; o céu arqueava-se ameno e aprazível acima de nós, com o adorno brilhante das constelações do hemisfério sul, e um enxame de cigarras, animáculos inofensivos, consagrados pela Antiguidade, nos embalou com o seu monótono chiado. A 18 de março, nossa caminhada foi de passagem pelas pobres fazendas Morro, Caldeirões, Pindoba, Pilar, Caraíba e Siloira. Percorremos muito apressadamente essa região, que se estende plana e coberta de matas de catingas quase impenetráveis. Às vezes, grupos de rochas, singularmente arredondadas e amontoadas umas sobre as outras, produzem mudança na paisagem; ora, ameaçavam-nos intermináveis cercas de cactos entroncados, completamente revestidos de pelos brancos, por entre os quais a vereda seguia tortuosa. A formação dominante

de montanha é granito, frequentemente aflorando em superfícies planas ou suavemente abauladas (lajes, lajeados); além disso, aparecem depósitos de anfibólio preto e filões de mica de folhelhos grandes, pretos. De Siloira, onde fizemos a sesta, viajamos essa tarde até Mundo Novo e Pedra Vermelha, onde chegamos ainda a tempo de mandar cavar um tanque, no qual descobrimos uma gigantesca cabeça de fêmur, tendo 7", 3" de diâmetro. Na fazenda São Gonçalo, situada ao lado, e em Caldeirões, por onde passamos, dizem que também foram encontrados ossos. Pedra Vermelha esta situada perto de um contraforte da serra de Itiúba, a serra de Caçucá, pela qual demos volta, para afinal avistarmos o tão almejado Monte Santo. Ao meio-dia, alcançamos o Arraial de Monte Santo, um quadrado de baixos casebres de barro, situados a leste da montanha, que subimos ainda aquela tarde.

Eleva-se isolado o Monte Santo, sem ramificação na planície acidentada, e estende-se por uma légua de S. e N. A altitude máxima acima do mar, segundo as nossas observações barométricas, deve ser mais ou menos de 1.760 pés acima do nível do mar, porém de 1.000 pés sobre o arraial. Toda a montanha é de micaxisto, e camadas de meio a um pé de espessura, inclinadas de S. a N. e declinando-se em ângulos grandes para leste. É a pedra de cor avermelhada ou branca, e contém, não raro inclusas, partículas de cianita branca e esverdeada. Essa formação fez-nos lembrar a de Minas Gerais, particularmente a da Serra da Caraça, e a semelhança entre as formações ainda maior seria se as amostras de uma hematita de teor muito alto, de granulação fina, que nos exibiram no arraial, como provindas de um filão desta montanha, fossem realmente dela oriundas, o que é provável. Também a vegetação, no alto, mostrava-se de aspecto inteiramente diverso daquela dos arredores, e semelhante à de Minas: notamos, além do *Cactus polygonus*, *hesagonus*, *Candelabrum* M., etc., diversas espécies de *Rhexias*, de *Baccharis*, Equites, Orquidáceas crassifoliadas nos rochedos, uma Liliácea arborescente de flores alvas (*Vellozia plicata*), e diversas Gramíneas verde-azuladas. Chegando ao cume da montanha, avistamos a paisagem em torno de nós, estendida muito longe como um tapete, entretanto sem o encanto da variedade que se está acostumado a ter do alto dos cumes, não oferecendo ao olhar senão extensa planície de secas e monótonas matas de caatingas, percorridas aqui e acolá por leitos irregulares de rios agora secos, e barrancos, e fechada para os lados N., E. e O. por diversas e compridas serras. O aspecto dessas diferentes

montanhas era para nós de sumo interesse, relativamente ao meteorito de Bendegó. Para o sul, víamos o terreno, elevado em colinas baixas, declinar pouco a pouco, e confundir-se no azul do horizonte; sombras de nuvens passageiras desenhavam listas escuras sobre a parte mais distante dessa planície azul-acinzentada, ao passo que, perto de nós, se destacava na luz crua a superfície nua da terra, ao lado de morros escuros. A oeste, tínhamos a extensa serra de Itiúba, na qual se distingue três ordens principais, colocadas uma atrás da outra; a mais próxima elevava-se escura, a serra de Cassucá; ao lado, destacava-se, a N.O. e ao N., a serra da Pedra Branca; e, diante dela, a serra Grande. Entre estas duas, corre o riacho Bendegó, perto do qual foi achado o meteorito. Ao sul, apareciam diversas cadeias de montanhas, aparentemente mais baixas, porém extensas; a mais afastada, umas 10 léguas distante, a serra de Mainasse, e a sua continuação, a serra do Cume, a serra do Caixão e a serra de Manuel Alves; e mais além, terminando na planície a leste, a serra de Lagoinha. A feição de todas essas serras é a mesma: dorsos arredondados e extensos, sem flancos íngremes, nem despenhadeiros, nem rochas alcantiladas; apenas aqui e acolá se aprofundam valos rasos abertos pela violência das enxurradas, despidos de vegetação, prolongando-se até às vargens ou até embaixo dos morretes de cascalho acarretado; além disto, tanto os dorsos quanto os flancos, são revestidos de vegetação uniforme de caatingas, ou de alto capim. Que nessas montanhas todas não se haviam dado alterações, em virtude de catástrofes netunianas nem vulcânicas, pareceu-nos provado à evidência pelo relançar de olhos do nosso ponto de observação. Os contornos uniformes, arredondados, das montanhas, a regular alternância de colinas, montanhas e vales em ordem normal, a ausência de vestígios de vulcões extintos, as camadas nas jazidas das montanhas sem interrupções, tudo isso afastava, antes mesmo de termos visto o objeto, qualquer hipótese de ter essa massa metálica surgido aqui por alterações telúricas. Em seguida a essas observações, logo nos acostumamos a considerar o ferro de Bendegó como estrangeiro, atirado por forças naturais hostis sobre essa terra sossegada, desde que emergiu das águas, e que nos causou a impressão singular, pela qual a majestade dos elementos domina o espírito humano. Esta convicção significava progresso essencial para nós, e, à tarde, descemos satisfeitos para o arraial, pela estrada larga, calçada e guarnecida de muitos passos da Paixão de Jesus.



Meteorito do Bendegó, no Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Este povoado deve o seu desenvolvimento muito particularmente ao piedoso zelo de frei Apolônio, capuchinho italiano do convento da Bahia, que levantou os citados “Passos” na encosta, e no alto da Capela de Santa Cruz, fazendo dela ponto de romaria, muito frequentado. Já antigamente existia a crença popular de que o Monte Santo santificava os peregrinos, e ao mesmo tempo se conservava a lenda de que certos peregrinos estariam predestinados a arrancar do poder do Diabo, que até aqui havia burlado todos os que procuravam com os seus maus artifícios, os tesouros de prata pura, consagrados à Igreja e escondidos na vizinhança. Conta-se aqui, particularmente, a história de um sertanejo, que, há mais de cem anos, havia prometido ao então governador-geral de Bahia entregar-lhe semanalmente duas arrobas de prata, se obtivesse o título de marquês das Minas, que o governador reteve para si próprio, e que o sertanejo depois

havia morrido na prisão, sem revelar sua mina⁷. Estas supostas minas de prata, segundo alguns, situam-se no próprio Monte Santo, segundo outros na Serra Grande ou na da Pedra Vermelha; talvez o descobrimento do bloco de ferro do Bendegó tenha animado tais boatos.

Depois da prévia vistoria do terreno, pusemo-nos a caminho, a 20 de março, para visitar o descobridor do bloco, Domingos da Mota Botelho, na sua fazenda Anastácio, seis léguas ao norte de Monte Santo. Estava este bravo sertanejo prevenido de nossa vinda pelo sargento-mor do distrito próximo, o Sr. João Dantas, de Camuciata, graças à recomendação do Sr. Felisberto Caldeira, e já havia mandado roçar alguns trechos do caminho, que estavam quase fechados pelo mato. O caminho até Anastácio sobe gradualmente, e passa sobre terreno granítico que às vezes alterna com gnaíse, e sobre o qual não raro se acham espalhados blocos erráticos de anfibólio. Através de moitas de caatinga cada vez mais densas e junto de altos pés de cactos, conduziu-nos Domingos da Mota ainda cerca de duas léguas para o norte, além de sua fazenda, e, quando desembocamos numa várzea um pouco mais desafogada de mato, avistamos com alegria e surpresa o objeto de nossos desejos, deitado no riacho Bendegó, agora sem água. O bloco não foi descoberto no lugar onde está atualmente, porém a uns 150 passos a oeste, e alguns pés mais alto. Ali é que o encontrou o nosso guia – quando rapaz, no ano 1784, na ocasião em que procurava uma vaca desgarrada, no meio da capoeira – com o seu eixo longitudinalmente na direção de N.N.E. para S.S.O. Deu-se logo parte ao Governo, da existência desse bloco metálico, que a princípio se julgava ser prata, e, por ordem do governador, Sr. Rodrigo José de Menezes, tentou o capitão-mor Bernardo de Carvalho removê-lo. Construiu-se um carro baixo, sobre o qual foi penosamente içado o bloco, e debalde esforçaram-se removê-lo do lugar com doze bois. Com vinte juntas de bois, conseguiu-se trazer o maciço bloco, um ano depois, até o riacho, de onde, porém, nunca mais puderam arredá-lo, ficando o carro afundado na areia movediça, e detido por um rochedo a sua frente. Aqui ainda

7. Refere-se o autor, aqui, a Belchior (ou Melchior Dias Moreira). Veja-se, sobre isso, o “Círculo sergipano” (págs. 46-62) da *Expansão geográfica do Brasil colonial* de Basílio de Magalhães. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

encontramos⁸ o bloco metálico descansando sobre as tábuas principais do carro, e em parte cercado de areia, que mandamos remover, a fim de conhecer a extraordinária peça toda. O bloco jaz aqui com seu eixo mais comprido dirigido de E.N.E. para O.S.O. Em geral, a sua forma, toda irregular, lembra a de uma sela; a extremidade voltada para leste oferece duas pontas salientes, ao passo que a extremidade ocidental é mais estreita e simples. O lado sul é mais largo; o lado norte, que se reúne com o anterior num ângulo obtuso, apresenta embaixo uma profunda curva para dentro, que se alarga para oeste, porém a leste é limitado por uma protuberância muito saliente, em forma de pé. A superfície não tem nenhuma face plana retilínea; é toda irregular, arqueando-se aqui em suave ondulação ou corcovas, mostrando acolá leves depressões em forma de concha, ou apresentando buracos sem saída. Esses furos são, ora hemisféricos, ora cilíndricos ou cônicos, de meia até duas polegadas de fundo, e um quarto até quatro polegadas de diâmetro; dirigem-se eles ou verticalmente para o interior do bloco, ou estendem-se ao longo das principais faces planas; existem em maior quantidade, mais de trinta, no lado voltado para o sul. No grande segmento da base do bloco, que se perde num canto agudo, não se nota nenhum desses buracos. Entre as depressões, a superfície aparece irregular, bulbosa ou em filetes, ou aprofundada em buracos semelhantes a uma concha, sem borda aguda. Observando-se com mais rigor acham-se na superfície elevações e depressões espalhadas ou pequenos espaços em forma de disco, tendo de meia até seis linhas de diâmetro, provenientes da queda de partes escamosas oxidadas. A cor do bloco é pardo-escura, e, nos pontos revestidos de mais ferrugem, é amarelo-ocra. O maior comprimento do bloco é de 80 polegadas (medida parisiense); a maior largura transversal no lado sul é de 43 1/2; a maior altura na extremidade leste 34 1/2”, e na extremidade oeste, no ponto onde o ferro pousa em terra, 25”, o maior diâ-

8. Compare-se a narração seguinte do que observamos com o que *A. F. Mornay* informa sobre o mesmo assunto, em *Phil. Trans.* (1816), pág. 270. Quando fomos ver o Bendegó, não tínhamos conhecimento dessa relação, feita, com objetividade, pelo nosso antecessor. (*Nota do autor*). O meteorito do Bendegó, desde 1888, se acha no Museu Nacional do Rio de Janeiro. A sua história descreve-se em n° 3 de 1945 da *Revista do Museu Nacional*. (*Nota da rev., Ed. Melh.*)

metro de espessura embaixo, da grande cavidade, é de 37"; e, à frente, na extremidade oeste, é de 34". Supondo-se que o peso específico deste ferro seja 7,731, o bloco inteiro pesará, avaliado o seu volume em 31 a 32 pés cúbicos, umas 17,300 libras parisienses, e, portanto, deve ser uma das maiores entre todas as massas de ferro meteórico conhecidas. Nos orifícios do bloco acham-se não raro fragmentos de um quartzo muito duro e granuloso, que indicam, tanto por sua força, quanto pelo modo de sua fixação (pois em direção à superfície são, ora mais espessos, ora mais finos do que no interior), haver sido encravados por uma força, que agiu de repente. A superfície desses pedaços de quartzo é ligeiramente arredondada, ou angulosa; por fora, são cor de ferrugem-escura, e esse colorido penetra até o interior, em diferentes profundidades, mas vai-se perdendo para o centro, que é quase branco. Uma ferrugem, fina como poeira, reveste sobretudo as fendas, depressões e as partes da superfície menos expostas à chuva. Outros vestígios da gradual ação da atmosfera sobre o ferro, não encontramos no lugar onde ele hoje se acha; mas, no sítio em que primeiro foi encontrado, notamos, numa extensão de seis braças quadradas, diversos fragmentos espalhados pelo solo. Esta é uma camada muito delgada de terra fina, seca, cor de ocre claro-acinzentada, misturada com areia de granito, tendo embaixo um granito compacto granuloso, avermelhado. (No riacho Bendegó, o granito é mais cinzento, com listas esbranquiçadas.) Encontram-se espalhados fragmentos erráticos do acima citado quartzo, de um anfibólio escuro, de turmalina preta e de uma pedra semelhante a limonita, que, pela análise química, revelou a mesma constituição do bloco de ferro, embora oxidada e contendo água. Aparece essa substância em fragmentos chatos de diversos tamanhos, ora escamosos, ora maciços. Nos pontos acessíveis do bloco de ferro, não encontramos mais vestígio algum dessa substância; todavia, julgo dever considerá-la como crosta do meteorito, que se desprende pelo abalo ou por mudança de temperatura, talvez também pelos esforços feitos por ocasião da primeira remoção. Limpamos o granito em diversos lugares, porém em nenhum lugar achamos coisa semelhante a jazida de ferro, de sorte que a nossa opinião, já antes referida, da origem meteórica do bloco, foi levada à certeza. Depois de nos havermos firmado nessa convicção, era para nós da maior importância adquirir fragmentos desse colossal meteorito; mas aí é que encontramos inesperadas dificul-

dades. As nossas limas e serras logo se inutilizaram, antes de penetrar algumas linhas no metal; no meio de cunhas, também não se pode efetuar a separação das partes isoladas pelos furos e sulcos, de sorte que só nos restava recorrer a repetidas marteladas. O bloco, de fato, soava de modo diferente em diversos lugares, o que parecia indicar grau desigual de coesão, talvez mesmo fendas no interior; porém, depois de martelar um dia inteiro, não conseguimos um só pedaço, porque todas as saliências mais facilmente separáveis já haviam sido tiradas por um operário que tinha forjado o ferro, achando-o muito útil para o seu ofício. Depois de tantos sacrifícios, nada nos podia ser mais desagradável do que a insuficiência das nossas ferramentas, e esse nosso embaraço aumentou, por não se encontrar uma gota de água numa distância de duas horas e, por isso, éramos obrigados a mandar diariamente dar de beber aos nossos cavalos na fazenda Anastácio. No segundo dia, empilhamos uma alta pilha de lenha sobre a massa metálica, e, durante vinte e quatro horas, mantivemos fogo vivo; graças a isso e à recompensa que prometemos ao operário mais feliz, obtivemos, finalmente, no terceiro dia, diversos fragmentos de algumas libras de peso, o maior dos quais está conservado no Museu de Munique. No corte desses pedaços, logo nos chamou a atenção a textura cristalina de toda a massa, assim como a circunstância de que certas partes do interior mostravam uma espécie de superfície conchoide nas fendas, o que dava motivo para se supor que uma fusão superficial e união mais íntima das partes componentes primitivamente menos compactas havia ocorrido. Nessas fraturas apareciam, aqui e acolá, partículas de pirita magnética; porém no restante da massa, não se encontra crisólito, que é tão comum nos blocos meteóricos de metal, nem outros componentes. Nas fraturas recortadas e às vezes quase ramificadas, e arranhadas pela lima, os pedaços são brancos, cor de prata. A estrutura indica cristalização incompleta, e algumas faces de cristais provam pertencer a forma octaédrica.

Enquanto os sertanejos, contratados nas fazendas vizinhas, estavam ocupados em cortar pedaços do meteorito, trabalho que eles executavam invocando o socorro de um santo a cada martelada, demos uns passeios a cavalo pelas circunvizinhanças.

Por entre os arbustos baixos, desfolhados, avistamos os maciços troncos das Barrigudas, que, naquela época também sem folhas, destaca-

vam-se como colunas colossais. Sobre uma grande rocha de granito, saliente, perto da serra do Anastácio, encontrei várias séries de inscrições primitivas e singulares, sem dúvida provenientes dos antigos índigenas, moradores dessa região. Constatam de linhas retas e curvas, círculos, pontos e estrelas, e parecem, pela sua disposição em filas, ter possuído, realmente significação para os índios; são, porém, agora, difíceis de decifrar. Foram desenhadas com tinta vermelha, provavelmente argila vermelha misturada com urucu e óleo e pelo aspecto pareciam datar de muito tempo. De nenhum modo poderia tentar explicá-las. Mas não se trata de simples rabiscos grosseiros irrefletidos, de mão inexperiente, mas acha-se justificada a opinião de que neles está representado algum pensamento, que o autor procurou significar (**Nota III**).

Muito perto desse rochedo, estavam grandes montões de cacos de primitiva louça de barro vermelho, inegáveis vestígios de que aí existiu uma aldeia de índios. Nada é mais vago do que as informações dos habitantes acerca dos índios, que mudaram as suas aldeias quando ainda eram independentes, sendo por isso designados com diversos nomes. Seria, pois, tempo perdido querer investigar qual foi a tribo que morou aqui outrora.

Ouvimos da boca dos mais velhos sertanejos, que interrogamos (em Vila Nova da Rainha, onde existem muitos velhos, entre os quais um ancião de 103 anos) os nomes de araciúas, opacatiarás, chacriabás, pontás, maçacaras, chocós ou chucurus; mas, de poucas dessas tribos indígenas, pode citar-se ainda hoje o lugar em que moraram. O mais provável é que todas aquelas, cujos nomes terminam em *ás*, fossem tribos de uma nação maior, que habitavam as matas de catinga desta região, e, durante os meses secos, desciam para as margens do rio São Francisco, onde viviam principalmente da pesca.

Quando os colonos europeus se espalharam da Bahia para a província do Piauí, entre os anos 1674 e 1700, e, mais tarde, nos princípios do século passado, começaram a viajar de Minas Gerais pelo rio São Francisco abaixo, foram fundadas diversas missões, à margem deste rio, pelos franciscanos, da Bahia. Os pontás e maçacaras foram aldeados em Juazeiro, na Vila Real de Santa Maria, na Vila de Nossa Senhora da Assunção e em Cabroró; os chucurus, em Ororobá. Todavia, não tiveram essas tentativas de civilização um êxito feliz, e, quase todos os índios morreram, ou então se

misturaram com portugueses e mestiços. O mesmo se pode dizer da missão do Saí (perto de Vila Nova), da qual quase não encontramos mais vestígio algum. A tribo mais numerosa, e ainda não amiga é a dos xacriabás, que vive nos ermos entre as nascentes do rio Gurgueia e do rio Grande, um confluente do rio São Francisco, e que não raro se tornam perigosos para os colonos da vizinhança e para as tropas que viajam da vila Pilão Arcado via estação de fronteira, Duro, para a província de Goiás. Em Monte Santo chamou a nossa atenção a fisionomia de muitos habitantes que, pela largura das faces, pelos olhos pequenos e oblíquos, e pelo cabelo escorrido e comprido, indicam a procedência indígena; entretanto, datam esses mestiços de uma época em que não eram conhecidos os citados nomes, porém, se distinguiam, pelo nome de tapuias, todos os índios habitantes do interior, dos tupiniquins, mais numerosos perto da costa, que abrangiam diversas pequenas tribos, e, de preferência, se relacionavam com os recém-chegados. O sertão da província da Bahia, assim como o da vizinha Pernambuco, formou a sua atual população de modo diverso do das províncias de Minas e São Paulo. Os colonos penetraram aqui simplesmente pelo amor à independência, pouco a pouco do litoral ao interior, e os seus empreendimentos eram todos iniciativas isoladas, de sorte que, o cruzamento com os índios, então espalhados, já se impunha como prudência. Os recém-vindos encontravam tanto menor resistência hostil, porque as incursões dos paulistas e dos mineiros, que caçavam os índios para escravizá-los, haviam espalhado medo e terror entre estes, tornando-os desejosos de paz. Inteiramente diverso era o que acontecia em Minas e São Paulo, onde as incursões dos europeus contra os índios, ali mais numerosos, só foram feitas por grandes bandeiras, e as colônias, criadas nos lugares do ouro, precisavam ser defendidas a mão armada. Como consequência desse estado de hostilidade, gaba-se o mineiro de sua origem puramente europeia. Tal como no interior da Bahia, formou-se também a população de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará; daí a razão por ser aqui tão grande o número de gente de cor. Nas províncias mais setentrionais, Maranhão e Pará, repetiram-se na costa os mesmos fatos; por outro lado, no interior os brancos estão misturados com os índios, mais numerosos (**Nota IV**).

Na fazenda Anastácio, onde tocamos, no regresso da excursão ao rochedo das inscrições, imolou-se a Plutão um cabrito, em troca da linda

dádiva, o que para nós, seus sacerdotes famintos, foi de bom proveito. Com a claridade das estrelas voltamos tarde ao nosso acampamento de junto do bloco metálico, e deitamo-nos, como nas noites anteriores, na areia, onde, já acostumados a qualquer pousada e satisfeitos com o êxito feliz da aventura, passamos uma noite sossegada. Ainda com o luar levantamo-nos na manhã de 23 de março; com indizível sensação, despedimo-nos daquela muda testemunha de outro mundo, e tomamos a estrada para as fazendas Mocó e Pedra Branca, no intuito de investigar a mina de ferro que se dizia lá existir. Cavalgamos por uma brecha fechada de caatinga, que, frequentemente, mal nos permitia a passagem, e por montes e vales alcançamos a primeira daquelas fazendas, por volta do meio-dia. Mostraram-nos aqui um minério de ferro, que verificamos ser compacta hematita, e como não fosse achado aflorando na montanha, mas só em fragmentos erráticos, não prosseguimos nas investigações. Algumas milhas a oeste desta fazenda, segundo informam os moradores, existe formação calcária, e na serra Branca dizem que há uma gruta com estalactites, o que nos pareceu muito provável, lembrando-se de semelhante ocorrência de cal na proximidade do rio São Francisco, entre Salgado e Urubu. No caminho para cá, ficava à nossa esquerda a serra da Tromba, montes cobertos de mata, com penhascos escarpados no cume. Contam os sertanejos muito como se ouvem aqui, frequentemente, roncões subterrâneos e por vezes acompanhados até de terremotos. Se é real o fenômeno não é possível explicá-lo simplesmente pelas correntes de ar. Ademais, muitas vezes, ouvimos falar no Brasil nos estrondos das serras, e a crença popular é muito espalhada, de que nelas se acham encerrados grandes tesouros (**Nota V**). Em Monte Santo, ainda obtivemos uma contribuição para a coleção de restos de animais antediluvianos, achados a uma légua daqui, na fazenda Cansaço, isto é, algumas vértebras dorsais e falantes de um mastodonte.

Daqui voltamos pelo mesmo caminho e, a 25 de março alcançamos de novo, depois de penosa viagem, a Vila Nova da Rainha. A alegria pelo bom êxito da empresa foi muito perturbada pelo estado em que encontramos as nossas mulas. Depois de haverem sido, por vários dias, escassamente alimentadas com rações de milho, acharam pasto na serra do Gado Bravo, onde havia chovido; mas, ou porque o próprio capim novo (babugem), ou ervas venenosas, entremeadas com ele, produzissem

efeito nocivo aos animais, aliás já estafados por tantos trabalhos, e, quando os procuramos nos morros, alguns já estavam mortos, e os restantes, tão doentes, que tivemos de deixá-los aos cuidados de um arrieiro, para serem tratados. A serra do Gado Bravo é montanha baixa, de granito, coberta por matas espessas de caatinga, e aqui e acolá nos vales úmidos, de pasto viçoso. Em muitos lugares encontra-se acumulada uma argila vermelha, contendo ouro; mas pela falta de suficiente água, as tentativas feitas para lavar ouro não foram continuadas.

De boa vontade nos despedimos da Vila Nova da Rainha, onde, além da miséria dos habitantes, não pudemos deixar de presenciar também a imoralidade, consequência da solidão, onde não vigora a lei. Em quatro dias de marcha, fizemos a estrada até Juazeiro. A estrada passa durante 6 léguas por matas de catinga, semelhantes às que havíamos atravessado até aqui; depois, perto de Riachinho, tomamos por um vale largo, formado por montes de granito, alguns dos quais se distinguem pela forma cônica pontuda, e daí em diante tivemos ao redor de nós uma vegetação mais baixa e rala. Também nela parece predominar tendência para ramificação, mas a impressão geral corresponde mais à dos tabuleiros de Minas Gerais. São, entretanto, membros da vegetação de catinga que aqui se acham. Muito características e surpreendentes foram as cercas fechadas de cactos sem folhas, revestidos tão espessamente de compridos pelos brancos, que de longe parecem muros de cabelos. As copas redondas dos juazeiros, quase que as únicas folhagens verdes, ofereceram-nos fresca sombra para a sesta; porém, a água escasseava de novo, e era preciso trazê-la em sacos de borracha. Com exceção de duas cadeias baixas, a serra do Riachinho e a serra da Encruzilhada não encontraram outras elevações; apenas blocos roliços de granito se notavam, por vezes, no terreno fracamente inclinado para N.O. A pedra por toda a parte era granito-gnáissica, frequentemente contendo pistacita, tendo aqui e ali depósitos de um anfibólio preto. Fragmentos erráticos de um belíssimo quartzo verdete, de fibrolita, de turmalina verdadeira no quartzo, e de opala comum, foram os únicos objetos, que nos puderam interessar na monotonia do caminho. A região era toda seca e parecia morta. Seguimos rápidos e preocupados pela estrada, e perguntamos ansiosos a um cavaleiro, que vinha em sentido contrario, quanto tempo duraria esse deserto. — “Até ao rio São Francisco. Ali está farto de tudo!”, foi

a resposta; e acrescentou hesitante: “Tem farinha e água.” Em Carnaúbas, quatro léguas distante de Juazeiro, vimos pela primeira vez a carnaubeira, a palmeira cerífera do Brasil (**Nota VI**), cujas copas, redondas de folhas flabeliformes, são característico ornamento das várzeas daqui em diante. O sol poente dessa tarde de 30 de março tingia de púrpura as copas do arvoredos, quando, meia hora antes do termo de nossa viagem, passamos, sem transição, de um solo árido e estéril para um fértil e viçoso terreno, coberto de um tapete verde de gramíneas e flores. Acolheram-nos frescos aromas de floridas acácias, alcaparreiras, Maris (*Geoffroya spinosa* L.), carregadas de frutos cor de ouro, uma Convolvulácea arbustiforme de flores grandes, já anunciando a proximidade do rio benfazejo; então, a paisagem descortinou-se, e o majestoso rio São Francisco resplandeceu, ondulando placidamente. Sentimos a força ditirâmbica do verso de Píndaro – “A água é o que há de melhor!” – reanimando o nosso espírito extenuado, quando finalmente alcançávamos, depois de tantas atribulações e desventuras, a margem do abençoado rio hospitaleiro.

NOTAS DO CAPÍTULO I

I – A primeira notícia sobre o bloco de cobre da Cachoeira deu-a D. Vandelli, nas *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa* (vol. I, pág. 261), com as seguintes palavras: – “Um bloco de puro cobre foi achado num vale a duas léguas de Cachoeira e a quatorze da Bahia. Pesa 2.616 libras, e é de forma romboidal irregular, com várias depressões e saliências. A maior altura do bloco é de 3’2”; a largura, na base, e de 2’6”; a maior espessura e de 10”. A cor externa é um amarelo-escuro, tendo aqui e ali manchas verde-azuladas, devidas à oxidação do cobre; na parte inferior também manchas amarelas, formadas por ocre de ferro.” Em muitos pontos, e, sobretudo, no lado de baixo, notam-se pedaços maiores e menores, que, à primeira vista, parecem oligisto (*ferrum micaceum*), porém, examinados ao fogo, provaram ser ocre de cobre endurecido, dando uma onça do mesmo 6 1/2 oitavas de cobre puro. A análise química não revelou prata, nem ouro, mas 97% de cobre puro. No mesmo lugar, encontrou-se outro pedaço, muito menor, do mesmo metal. Ao examinarmos o bloco, chamou sobretudo a nossa atenção a sua superfície, cheia de cavidades rasas, que nos deu ideia de haver sofrido o metal uma fusão superficial. Semelhantes cavidades acham-se também no meteorito de Bendegó.

II – Para um naturalista, que permanecesse por mais tempo no interior do Brasil, seria de máximo interesse a minuciosa investigação dos restos de ossadas de animais primitivos. Segundo as diferentes notícias, que a esse respeito pude obter, as formas de animais, até hoje encontradas neste grande país, devem ser estas: 1) Um mamute, ao qual pertencem as grandes defesas, que foram achadas em diversos lugares de Minas Gerais, como perto de Itacambira, Vila do Fanado, Formigas e Brejo das Almas. Também nas grutas de salitre e depósitos de marga de Santo Antônio do Curvelo e perto de Tamanduá, consta haverem aparecido essas gigantescas ossadas. Se esses restos pertencem ao animal de Ohio (*Mastodon giganteus* Cuv.), ao *Mastodon humboldtii* Cuv., ou a alguma espécie ainda não descrita, ficara dependendo de futuras investigações. O maxilar inferior e a omoplata de Caldeirões (entre a serra de Itiúba e o Monte Santo) pertencem, sem dúvida, a esse gênero. Além dos lugares já mencionados, conhecem-se ainda os seguintes: na província da Bahia, diversas grutas da vizinhança do rio Salitre, sobretudo junto de sua nascente no morro do Chapéu, e na fazenda Almas, onde também aparece sal amoníaco; em Pernambuco: numa lagoa, na encosta sul da serra do Pão de Açúcar, não distante do rio São Francisco (segundo Casal). 2) Os grandes restos de ossadas, medindo quase um pé, todos sem o revestimento cortical, que foram achados na proximidade do rio de Contas, por causa de seu

extraordinário volume, parecem pertencer a um animal da ordem dos Desdentados, talvez ao mesmo megatério gigantesco de 12 pés de comprimento e 6 pés de altura, que foi encontrado no Paraguai e hoje é ornamento do Museu de História Natural de Madri. 3) A ele se deve filiar, ou a gênero aparentado o *Megalonix*, o que descobrimos em Lapa Grande, perto de Formigas.

Se considerarmos a ocorrência de todos esses animais em tão extenso território (de 17° até 10° de latitude sul), nas várzeas e vales com depósitos de marga ou de argila, não podemos furtar-nos ao pensamento de que eles pereceram e foram transmitidos à posteridade surpreendida, de modo inteiramente diverso do elefante de juba (*Elephas Jubatus* Cuv.) e do rinoceronte antediluviano (*Rhinoceros antiquitatis* Cuv.), no norte da Ásia. Enquanto lá a terra tropical gelou de uma vez, repentinamente, e guardou os seus habitantes sepultados nas geleiras e na terra gelada, parece que as raças de animais gigantescos do Brasil foram aniquiladas pelo dessecamento gradual dos pântanos em que viviam.

III – Muitas das figuras existentes nas rochas da serra do Anastácio são comparáveis, sem dúvida, com certos signos gravados, sobretudo com os que foram achados na Sibéria e com púnicos; todavia, é mais provável que não tenham significado de letras e devam ser considerados simplesmente como símbolos mais comuns. Em todas as numerosas tribos de índios, que tive ocasião de conhecer no Brasil, não se encontra vestígio algum de escrita. Também a linguagem deles não se exprime por meio de figura alguma que pudesse pouco a pouco levar a uma espécie de escritura, a não ser que se queira interpretar assim o uso dos dedos da mão e do pé na expressão de números. Porque os números são indicados pelos índios sempre pela extensão ou retraimento desses dedos, também simplesmente simbolizados por esses gestos, e assim é pelo menos plausível que as suas primeiras tentativas de escrita se refiram a números. Deixo por decidir se as filas e grupos de traços ordenados daquelas inscrições possam ter essa significação ou qualquer outra. As esculturas em rochas, que eu vi às margens do Japurá, e das quais se tratará adiante, indicam sem dúvida mais alto grau de cultura, pois, quando aqui se vê um traço direito, ali é um traço curvo, tendo em ambas as extremidades uma linha terminada em espiral, cuja origem talvez se inspirou no redemoinho da água, ao movimento do remo.

IV – O viajante não acha, em parte alguma, ocasião de obter notícias seguras sobre a História primitiva dos diversos distritos. Os mais antigos documentos, guardados nos arquivos das municipalidades, referem-se às fundações dos arraiais, aos privilégios a eles concedidos pelo governo e aos funcionários que a elas presidiram; mas, sobre o estado do território, antes do período de tais fundações, de balde se procura esclarecimentos positivos.

V – Acho de alguma importância notar que em nenhuma região do Brasil se fala tanto em montanhas roncadoras, e que com isso dão sinal de conter riqueza em metais, como na vizinhança do Bendegó e do Monte Santo. Lady Maria Graham (*Journal of a Voyage to Brazil*, pág. 155) refere-se a um outeiro cônico, o morro da Conceição, na proximidade do lugar em que foi achado o cobre puro de Cachoeira, onde frequentemente se ouvem estrondos, como de explosão.

VI – A carnaubeira (*Corypha cerifera* Arr.) é uma das mais belas palmeiras de leque, notável, não só por sua distribuição nos terrenos úmidos das províncias de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí e Ceará, onde imprime à paisagem um aspecto muito especial e atrativo, mas também e sobretudo pela múltipla utilidade que oferece. Os troncos são empregados como vigas e ripas na construção de casas e de jangadas; ralando-os com água, prepara-se uma fina fécula; os cocos ainda verdes, do tamanho de azeitonas, são amolecidos por meio de repetida fervura, fervidos depois com leite, e assim os comem os sertanejos; quando maduros, proporcionam ao gado, na falta de outras plantas, e por má colheita, às vezes o único e apreciado alimento. As folhas novas são revestidas de escamazinhas brancas, que, sendo ligeiramente aquecidas, derretem, dando uma espécie de cera, com que se fazem velas; tratada pelo ácido nítrico, pode ser excelentemente alvejada; e, acrescentando-se-lhe cera de abelha ou sebo, a massa torna-se mais flexível e de maior utilidade. É curioso que as escamazinhas dos troncos de certas palmeiras, comparáveis às escamas de rebento em outras árvores, consistem comumente de uma substância semelhante à cera de abelha. Acham-se entre outras em várias espécies de cocos e particularmente na palmeira cerífica dos Andes (*Ceroxylon andicola* Humb.).

.....

Capítulo II

ESTADA EM JUAZEIRO E VIAGEM DAÍ POR UMA PARTE DA PROVÍNCIA
DE PERNAMBUCO, EM DIREÇÃO A OEIRAS, CAPITAL DO PIAUÍ

O ARRAIAL DE JUAZEIRO, pequena aldeia de umas 50 casas e uns 200 habitantes, deve sua origem à missão que existiu antigamente na vizinhança; a sua atual importância, porém, deve-a ao trânsito pela estrada do Piauí, que atravessa o rio nesse local. O rio São Francisco separa as capitâncias de Bahia e Pernambuco, e Registro, situado à margem setentrional do rio, frente a Juazeiro, faz parte de Pernambuco. O chefe deste posto, Sr. Manuel Luís Ferreira, já antes de nossa chegada havia mandado preparar para nós uma casa, e, graças aos seus cuidados e aos do capitão-mor, Sr. Manuel Luís da Costa, que morava em Cento-Cé, 20 horas rio acima, a nossa demora nesse povoado causada pela doença de nossas mulas cargueiras, tornou-se mais agradável do que podíamos esperar. Já a própria região, em que nos achávamos, exercia influência estimulante nos nossos ânimos, pois o majestoso São Francisco derrama aqui não só todas as bênçãos de um grande rio, mas também faz lembrar ao viajante alemão o pátrio Reno, na parte onde ele sai apertado dos montes, percorrendo de Bonn em diante férteis planícies. O rio, durante a nossa estada, tinha muito pouca água, devido à demorada seca precedente, nas regiões

do sul, e este ano não havia transbordado. Em geral, costuma encher-se no fim de janeiro, e as águas vão crescendo pelo menos durante dois meses. Vaza, então, muito mais rápido do que enchia, e deixa os íngremes barrancos, que marginavam a cheia, em estado da mais exuberante fertilidade, de sorte que, em reduzidíssimo espaço de tempo, se cobrem de viçoso capim e outras plantas. Essas segundas margens mais altas, que os sertanejos chamam de vazantes, elevam-se de 10 até 20 pés de altura; afastam-se muito do rio, aqui e acolá, onde, formando no tempo da cheia inúmeras ilhas e penínsulas, dão ao rio, às vezes, a largura de uma ou até duas léguas. No estado de seca, como o encontramos em Juazeiro, talvez tivesse apenas 2.000 pés de largura. A água do rio pareceu-nos, quanto ao sabor, menos pura do que em Salgado, tendo a cor mais suja, porém mais esverdeada do que lá. Deliciamo-nos frequentemente com um banho no rio, o que não é tão perigoso aqui como em Minas, pois os jacarés e as terríveis piranhas aparecem muito mais raramente. Uma única vez somente, estávamos em perigo por um jacaré, que repousava junto de nós na areia e tínhamos tomado por um velho tronco de árvore. Em geral, o rio aqui é menos animado do que nas regiões mais ao sul; os peixes mais saborosos só descem, em grandes cardumes, até Cento-Cé; a lontra também raramente aparece. Nas lagoas, espalhadas por entre as moitas da margem, existem sem dúvida muitos jacarés, porém poucas cobras gigantes. A agricultura não parece ser tão favorecida, quanto na região do sul, que o rio atravessa; as esperanças do agricultor são aniquiladas, ora pelo calor continuado, ora por uma repentina enchente. Esta circunstância, e o temperamento esquisito, avesso ao trabalho, do sertanejo baiano, podem ser os motivos por que aqui, e em todo o percurso do rio através da província, sempre se conta com a importação de mantimentos de Minas Gerais. Os produtos locais provêm da criação de gado bovino e equino, para a qual o terreno é favorável: couros, sebo, carne salgada, além de algum fumo, e principalmente sal de cozinha, extraído nas proximidades do rio. Todos esses produtos não bastam, entretanto, para pagar os artigos de importação, e a região é ainda tributária da industriosa Minas em numerário. Reina aqui, por isso, incrível miséria na maior parte da população. São ricos só uns poucos grandes fazendeiros, em cujas propriedades se estabelecem agregados, e dominam a indústria

de todo o distrito. A facilidade, entretanto, com que eles proveem as suas necessidades com o rendimento de suas salinas, incita-os ao jogo, ao qual são muito dados. Vi, certa noite, um sertanejo perder no jogo com um viajante mineiro um carregamento de 1.000 sacos de sal.

A navegação do rio São Francisco faz-se, ora em simples barcas, ora em *ajoujos* (canoas amarradas, uma ao lado da outra). Rio acima, vai até Malhada, Salgado e São Romão em Minas Gerais, tocando as vilas de Pilão Arcado e da Barra do Rio Grande; rio abaixo, a navegação só é possível ao porto da Vargem Redonda, no percurso de umas 50 léguas. Aí, o rio começa a romper caminho por uma cadeia de pedra calcária, entre a qual ele continua quase sempre apertado, impetuoso e profundo, cerca de umas 12 léguas. Forma diversas corredeiras e quedas, dentre as quais a mais considerável é a cachoeira de Paulo Afonso. É certo que, nesse trecho através da montanha, alguns lugares são navegáveis; mas uma viagem sem interrupção, só é possível da aldeia de Canindé em diante, trinta e poucas léguas a oeste da vila de Penedo, situada perto do oceano, sete léguas acima da foz do rio. Entre Vargem Redonda e Canindé, corre uma picada, pela qual são transportadas as cargas em mulas até ao ponto do reembarque. Essa interrupção da navegação, é, porém, tão prejudicial ao comércio, que ela até agora só se faz de Penedo até Canindé (navegação de baixo), e é de todo independente da que se faz na região superior (navegação de acima). Por isso, as regiões situadas acima das cataratas recebem as necessidades quase exclusivamente por via térrea da vila da Cachoeira. Demais, dando-se crédito às informações verbais de diversas testemunhas oculares, aqueles obstáculos da navegação podem ser pelo menos em parte removidos, e há esperança de que mais alta cultura e mais animado tráfego proporcionam ao rico Brasil o pleno gozo do majestoso rio (**Nota I**).

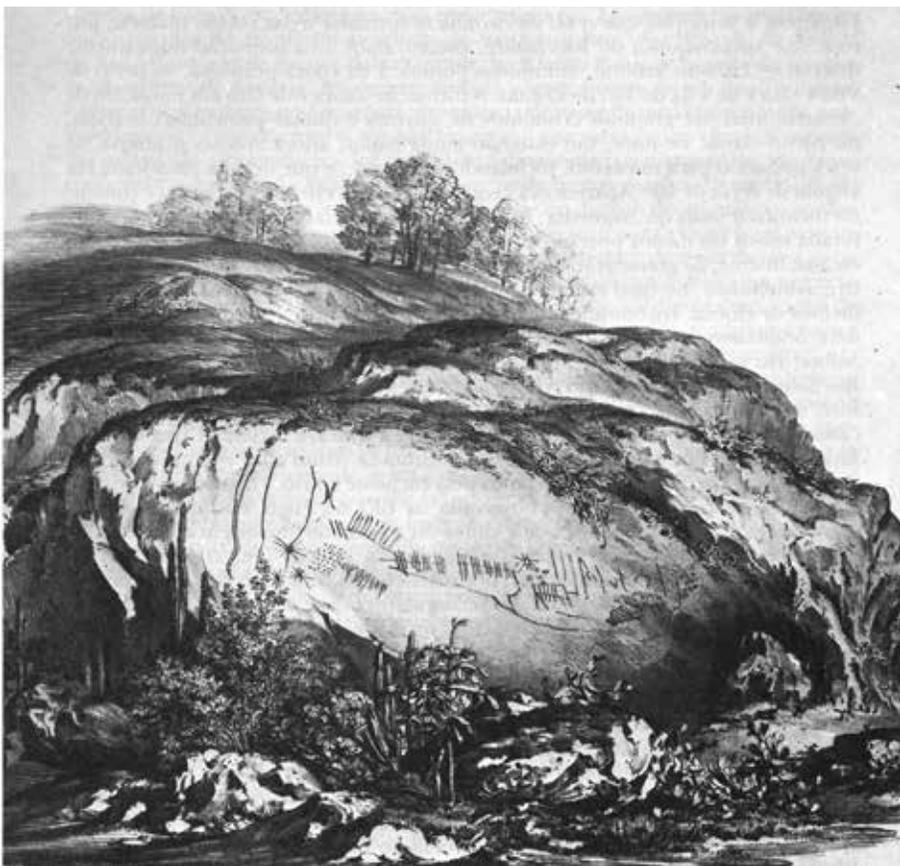
Os mais próximos arredores de Juazeiro são planos, sem variação, e sente-se falta da alegre e viçosa vegetação, que tem tão encantadora a região de Salgado. O solo, na maior parte de terra vermelha, misturada com muita marga e grânulos de granito ou areia, é revestido de capim, ervas de diversas espécies e profusamente do marí (*Geoffroya spinosa* L.) e do mangue-branco dos sertanejos semelhante ao salgueiro (*Hermesia castanaefolia* Humb.). Pequenos sítios, afastados da povoação, estão

espalhados à beira do rio, separados uns dos outros por cercas de tábuas ou de espinheiros, e são guardados por grandes cães que tornam perigoso o mister do botânico. No meio do rio, eleva-se uma ilhota, ilha do Fogo, na qual surge uma rocha piramidal de granito. Gravatás da altura de um homem, providos de compridas espigas florais (*Puya saxatilis* Mar.), parecidos com o caniço de flecha da Nova Holanda (*Xanthorrhoea hostilis* Bill), dão aqui à paisagem uma feição singular. Nessa ilha, como em outros lugares da margem, apresenta o rio uma formação muito nova, consistindo nas pedras roladas, as quais acarreta consigo, e de limonita terrosa, que é o cimento desta brecha. Granito é a formação predominante na circunvizinhança de mais de uma légua, e na sua imediata proximidade não apresenta vestígio algum de formação de sal, que constitui a riqueza da região. Para encontrá-la, fizemos uma excursão de seis léguas ao rio Salitre, pequeno tributário do São Francisco, onde em diversas fazendas, a quatro léguas de distância desse rio, se extrai sal de cozinha. O caminho segue a direção O.S.O., ora mais perto, ora mais afastado do rio São Francisco, passando por arvoredos baixos, tabuleiros, e pela densa vegetação do alagadiço. Quando deixamos a formação de granito, achamos um dolomito amarelo-esbranquiçado, aflorando em grandes bancos pouco elevados do solo. Julgamos, a princípio, que o sal de cozinha se formasse nessa rocha; quando, porém, nos aproximamos do rio Salitre, encontramos uma formação inteiramente diversa, – fazendo lembrar, em muitos pontos, a da época primitiva, – perto de Vila Velha e da vila do Rio de Contas. A formação básica é de fato um micaxisto de camadas finas, de grânulos cristalinos de quartzo e muitas palhetinhas brancas, ou pardo-claras, de mica. Em extensão ainda maior, aflora ardósia primitiva, às vezes passando para micaxisto, inclinando de N. a S., e que declina para leste, em ângulo de cerca de 40°. Aparece ora verde-escura, com estrutura folheada e contendo inclusos cristais de magnetita; ora é cor de carne, clara ou azulada, tendo misturada maior ou menor porção de folhelhos de clorita. Filões de anfibólio xistoso escuro, luzente, de granulação fina, jazidas de diorito compacto e de calcário primitivo acinzentado, no qual estão misturadas granadas muito pequenas e muitos folhelhos de clorita, encontram-se nessa formação, que ocorre perto da fazenda Aldeia, onde fizemos as observações, numa série de outeiros baixos à margem do rio

Salitre. Na vargem, em parte aprofundada artificialmente, entre esses outeiros e o rio Salitre, numa extensão de cerca de 60.000 pés quadrados, e ao longo do rio Salitre, em muitos lugares semelhantes, extrai-se sal de cozinha da terra, que jaz em camadas de várias polegadas de espessura, sobre a pedra. Essa terra é amarelo-oca, fina, por vezes quase pútrida ao tato, e misturada, tanto com resíduos vegetais, quanto com seixos rolados, acarretados pela enchente do rio. Fragmentos de quartzo, de anfíbólio e da brecha já observada na ilha do Fogo, encontram-se mais abundantes nessa terra. Assim que a chuva ou a enchente dissolvem a parte salina e sobrevém o calor do sol, evapora-se essa lixívia, aparece uma eflorescência esbranquiçada, que rincha sob os pés, ora mais espessa, ora mais fina; nela podem distinguir-se a olhos nus as pirâmides retangulares ocas e os cubos do sal. Quanto mais delgada é a camada de água, e quanto mais rápida é a evaporação num lugar, tanto mais cedo aparece esse depósito, razão pela qual, na ocasião, só o podíamos observar nas pegadas do gado, porque os lugares de maior abundância já estavam trabalhados. Como acontece de ordinário na terra e no mar, o sal de cozinha, aqui também, não ocorre só, porém acompanhado de gesso, cloreto de cálcio e cloreto de magnésio; às vezes, também se acha salitre entre as eflorescências. A área dessa produção de sal não se limita à região do rio Salitre, mas prolonga-se destas salinas mais meridionais, pelo grande vale do rio São Francisco, até a vila de Urubu, numa extensão de mais de três graus de latitude, e numa largura de 25 a 30 léguas. A leste, este distrito é limitado pela continuação da serra das Almas (a serra da Chapada, o morro do Chapéu etc.) e por diversas montanhas isoladas de calcário que, como em Minas Gerais, contêm grandes grutas de salitre. Os rios, que nascem nessas montanhas, e se retinam ao São Francisco, o Paramirim, o rio Verde, o rio Salitre, todos conduzem componentes salinos. A oeste, as montanhas afastam-se do rio ainda mais, e o terreno torna-se uma planície uniforme, ressecada, revestida de capim ou de carrasco. Aqui, por toda parte, nas várzeas, encontram-se, sobretudo depois da chuva, crostas brancas de sal eflorescendo, e os lugares onde são mais abundantes (lagoas, salinas), são chamados de “minas de sal” pelos habitantes, que anualmente para ali acodem, vindos de perto e de longe, a fim de se utilizarem desse bem da natureza. Muitas dessas salinas estão

distantes do rio, como, por exemplo, as seguintes: no lago oriental, a da Batateira, a 12 léguas, e a do Brejo da Brasida, a 15 léguas; no lado ocidental, a do Brejo Seco, a sete léguas, a de Pindola, a quatro, a do Brejo do Zacarias, a seis, e a de Salinas Grandes, a 12 léguas; outras, como a de Casa Nova, estão junto das margens do rio. Igualmente, na mais próxima vizinhança do rio, ficam as salinas do Sargento, Paté, dos Abreus, da Aldeia, no rio Salitre, e as de Pacuí e Baixa Grande, no Riacho Pacuí, tributário do primeiro. As salinas de Açuruá, igualmente situadas a leste, distam do rio quatro léguas, e são particularmente notáveis, pela abundância de peixe de uma grande lagoa próxima, que se comunica com o rio São Francisco, por meio de um canal. A maioria das salinas são propriedades dos mais ricos fazendeiros das margens do São Francisco; outras, sobretudo as situadas a oeste, onde muitas regiões do território deserto não têm ainda dono legal, e onde os limites do distrito do sal mal são conhecidos, são usufruídas por quem as descobrir. A operação para extrair o sal é muito simples. Raspam-se a terra e a crosta de sal, na profundidade de cerca de uma polegada (para o que se costuma usar o pecíolo da palma de carnaubeira); a extração faz-se com água da chuva ou do rio, e a lixívia é exposta imediatamente à ação do sol, para a cristalização. Faz-se isso, ora em gamelas de madeira, sendo uma para a solução turva do sal, e outra destinada à solução decantada e para cristalizar; ora num banguê (couro de boi) distendido sobre quatro estacas, tendo, no centro, afundado, uma abertura, pela qual a lixívia goteja para outro couro não furado ou para uma gamela. A fim de reter logo as impurezas insolúveis nesta última operação, cobre-se o orifício com folhas de palmeira, e deita-se por cima uma camada de areia limpa. A vasilha onde se faz a cristalização tem um pé de profundidade, e nela cabem diversas crostas, que são empurradas para baixo, à medida que se formam na superfície da lixívia. Num banguê, obtêm-se 60 até 120 libras de sal, gastando-se nisso, conforme o tempo, duas até três semanas. Continua-se a deitar lixívia até que o recipiente de cristalização fique completamente cheio de sal; retira-se este, que é então triturado, seco completamente ao sol, e empacotado em sacos retangulares de couro de boi (surrões, bruacas), cujo peso é de 30 a 40 libras cada um. Costuma-se espalhar de novo a terra lavada sobre as salinas, onde pouco a pouco novamente absorve o sal. Em certas regi-

ões, tem-se raspado a terra até a rocha em dois pés de espessura, e sempre dá ainda um pouco de sal, depois de ter descansado algum tempo. Talvez essa nova produção seja devida em parte às enchentes dos córregos próximos, que todos conduzem mais ou menos sal; todavia, esta não é a única das causas, que precisam de ser investigadas mais a fundo. A extração faz-se, sobretudo, nos meses secos de junho, julho, agosto e setembro, depois de terem as chuvas precedentes preparado a eflorescência do sal. Em muitas lagoas particularmente ricas, trabalha-se quase todo o ano; e nas suas margens os sertanejos estabeleceram fazendas, algumas das quais grandes, onde se faz ao mesmo tempo criação de bois e cavalos. Nas outras salinas, construíram-se cabanas, que os próprios donos habitam, durante a extração do sal. Além dos trabalhadores das salinas, também se reúnem ali comerciantes e pescadores, entretendo-se comércio animado para o qual serve geralmente o sal como moeda. Os magistrados e párocos, que raro aparecem nessas paragens solitárias, também se encontram nessas feiras, e recebem os seus emolumentos e *jura stolae*, pagas exclusivamente em sal. Um prato de sal vale aqui \$020 a \$040 e um saco cheio, \$300 a \$400. Aproveita-se o tempo do preparo do sal para a pescaria, que, ademais, na época da seca, é mais rendosa. Os peixes grandes são estripados e, depois de salgados, são expostos a secar; dos menores extrai-se o azeite. Vende-se a produção das salinas nessa feira aos negociantes de sal de Minas Gerais, que se acham presentes, ou despacham-na para os armazéns do rio São Francisco e dali para todas as partes do interior do Brasil. Para o negócio com São Paulo, Goiás e Mato Grosso, São Romão e Barra do rio das Velhas, em Minas Gerais, são os principais empórios; para as regiões mais ao norte, as províncias da Bahia e Pernambuco, uma parte de Goiás e Piauí, são-nos as vilas da Barra do Rio Grande, Pilão Arcado e o arraial de Juazeiro. O total da produção em todas as lagoas calcula-se em mais de 35.000 sacos anualmente; só no rio Salitre, colhem-se mais de 2.000 arrobas por ano. Que este comércio ponha em circulação um capital mui importante, levando-se em conta as condições atuais do país, depreende-se do fato de quadruplicar-se o preço do sal desde o lugar de sua extração até aos mencionados empórios do Sul, onde se compra o saco a 1\$200 e até a 1\$600.



*Inscrições dos indígenas, riscadas com tinta vermelha e quase indecifráveis,
numa pedra da serra do Anastácio.*

A proporção de salitre que acompanha o sal de cozinha, é cada vez maior quando se avança do rio São Francisco para leste, na direção das montanhas calcárias. A 15 léguas pelo rio Salitre acima dizem que há grandes grutas calcárias, cheias de terra negra, da qual se extrai o salitre, assim como das próprias estalactites pulverizadas, tal como se costuma fazer em Formigas e em outros lugares de Minas Gerais. Parece que a terra dá, às vezes, três quartas partes de seu peso em salitre. Quando, porém, o salitre e o sal de cozinha se acham juntos na terra, a extração é feita do seguinte modo: prepara-se lixívia com a terra, e evapora-se até certo ponto; com isso, cristaliza-se a maior parte do sal de cozinha, porque este, tendo a

mesma solubilidade na água quente ou fria, não pode continuar dissolvido quando diminui o volume de água. A restante lixívia, mais rica de salitre, ao esfriar, faz cristalizar os prismas do salitre; mas a lixívia-mãe pode ser aproveitada para evaporação ulterior do resto do sal de cozinha. O que resta dessa segunda espessa lixívia-mãe, que contém nitrato de cálcio e nitrato de magnésio, dissocia-se pela lixívia de potassa, e então se obtém, pela evaporação e cristalização a frio, todo o salitre restante. O comércio do salitre para a Bahia, Vila Rica e Rio de Janeiro era considerável, antes de ser proibida a sua exportação do Brasil. Parece que recentemente foi de novo permitido esse ramo de negócio. Mas ainda falta uma orientação científica na exploração do abundante material existente, e merecia ser instituída pelo governo.

No caminho de volta do rio Salitre para Juazeiro, encontramos alguns índios da tribo dos maçarás, os únicos restantes da missão que ali existiu outrora, segundo nos afirmou o nosso guia. Era essa gente de constituição robusta e, nos costumes, igual aos demais índios. Estavam tão desabitados da língua de sua tribo em via de extinguir-se, que só a custo pudemos tomar nota de um pequeno vocabulário. O som das palavras era rouco, áspero e desagradável; falavam lentamente e sem acentuação animada, e pareciam ter perdido toda a energia moral na absoluta dependência dos estrangeiros.

Em Juazeiro, tivemos, durante algumas semanas, muitas oportunidades de exercer a profissão de médico. De longe e de perto acudiram muitos doentes que sofriam principalmente de febres intermitentes e endurecimento do fígado, consequência dessas febres. Ocorre essa doença, sobretudo, durante a vazante do rio, isto é, de março até maio; não tem caráter tão maligno, quanto no rio São Francisco, em Minas; limita-se, em geral, à simples terçã, e cede muitas vezes a um vomitório, para o que os habitantes se servem não só do tártaro emético, mas também de algumas raízes. (**Nota II.**) São frequentes as diarreias, e durante os meses mais frios e secos, de abril a setembro, quando predomina o vento leste, não raro transformam-se em disenteria, que faz muitas vítimas. Nesse período, de alguns anos a esta parte, aparecem alguns casos de crupe, outrora desconhecido, tanto aqui, quanto na Bahia. Em muitos anos, e ao que parece, independente dos transbordamentos do rio, ocorrem aqui febres nervosas epidê-

micas. Os negros escravos, levados da Bahia para o Piauí, de passagem por Juazeiro, são às vezes portadores de escorbuto. Vimos diversos casos de hemiplegias, amauroses e hidropisias. Caso extremamente singular foi o que observamos numa senhora ainda moça, e consistia no crescimento, por baixo da cútis dos braços e dos joelhos, de compridos cabelos, que finalmente saíam por supuração, e, embora arrancados, se reproduziam de quando em quando. Essa doença que, segundo dizem, ocorre aqui frequentemente, fez-me lembrar a chamada “wolosez”, comum no rio Don, no Cherkask e em outras regiões do sul da Rússia, e que consiste em nascerem cabelos nas feridas. Talvez a ocorrência dessa formação doentia de cabelos em dois países tão distantes, porém análogos pela riqueza de sais na superfície, deite alguma luz sobre a relação causal dela.

A situação solitária do lugarejo, de poucos habitantes, prestava-se perfeitamente para infundir em nós, viandantes de passagem, as mais benéficas sensações de sossego confortável como só muito raro nos acontecia. Nessa disposição de espírito volvíamos complacentes o olhar, durante as longas noites, para as estrelas do sul, que cintilavam com extraordinário esplendor no céu sem nuvens. Mirando do profundo silêncio que nos cercava os infinitos mundos luminosos do firmamento austral, Argo brilhando tão longínquo, o Centauro magnífico, as quatro brilhantes estrelas do Cruzeiro do Sul, enriqueciam-nos com os mais elevados pensamentos. Pareciam luzir com duplo fulgor os gigantescos sóis: Sírio, Espiga, Alfarda da Hidra; porém, para as estrelas do hemisfério sul, que na pátria, nunca mais veríamos, Fomalhaut, Antares, Achernar e Canopus, demoravam-se os nossos olhares com duplicado amor, pois impusemos ao espírito o impregnar-se para toda a vida com o gozo dessa visão. Quem ousaria tachar de frívolo esse empenho? Porque é o inacessível, o perdido para sempre, o que desperta no homem as mais profundas saudades. Mais do que o esplendor daqueles sóis, porém, impressionou a minha alma a negrura dos espaços celestes sem estrelas, nos quais o olhar errante se perde no meio das cintilações de milhões de mundos no polo austral. Diante deles, que são como pórticos de um segundo firmamento inacessível aos sentidos humanos, figura muda do infinito, o espírito se detém fremente, ao pressentir a eternidade. A vida do homem deleita-se com as mais variadas mudanças de sentimento, pois que, quando nos entregamos, numa daquelas noites tran-

quilas, às mais sublimes sensações, retiniram repentinamente chocalhos de mulas que chegavam, e o arrieiro Miguel apareceu com o resto da tropa, que havíamos deixado em Vila Nova. Tratamos, então, de empacotar o nosso telescópio de Dollond, e de ativar os preparativos da viagem.

A 21 de abril atravessamos o rio numa grande barca, presa por cordas, e pisamos o solo da província de Pernambuco, em Registro do Juazeiro¹. Esta passagem do rio São Francisco é a mais frequentada de todo o sertão da Bahia, e mais importante do que as outras que ficam junto das vilas de Pilão Arcado, de Barra do Rio Grande e de Urubu. Por aí se faz o comércio do interior para Piauí e Maranhão, assim como, por essas vilas acima mencionadas, aquele para Goiás e Mato Grosso. O mais importante artigo do trânsito é gado para corte, dirigido à Bahia; de fato, também mercadorias europeias e ultimamente muitos escravos para os ativos fazendeiros do Maranhão, desde que diminuiu o tráfico de negros entre Pará, Pernambuco e Maranhão com as costas setentrionais da África ocidental; porém, dão muito menos lucro ao governo. A quantidade de gado para corte, em trânsito, é atualmente calculada em 20.000 cabeças por ano; dantes, quando eram menores as necessidades do Maranhão, e a estrada do Piauí para Pernambuco não era frequentada, contava-se anualmente 50.000 a 60.000 cabeças. O Governo arrendou a receita dessa alfândega ao maior ofertante, uma família de Pernambuco, pela contribuição anual de 500\$000 a 600\$000. Antigamente, era mais avultada a importância do arrendamento, pois chegava a 1:000\$000. Paga-se pela passagem de um negro novo, \$100; por uma cabeça de gado bovino ou por um poldro chucro, \$080; e por um cavalo manso \$320. Na Passagem do Juazeiro encontram-se duas estradas do Piauí, que costumam chamar de Travessia Nova. Estas dirigem-se ora se aproximando, ora se afastando do rio São Francisco, para as nascentes do rio Canindé e, por ele abaixo, a Oeiras. A leste das duas primeiras, entre a foz do riacho Pontal e o arraial de Cabrobó, sai terceira estrada. A oeste da Travessia Nova, a província do Piauí comunica-se com o sertão do rio São Francisco pela Travessia Velha. Esta estrada começa na povoação Sobrado, à margem do rio, e acompanha o

1. Hoje Petrolina.

curso do rio Piauí, que ela ora alcança na sua nascente, ora mais abaixo, conforme as suas diversas direções. A Travessia Nova, por onde também seguíamos, é atualmente a mais frequentada; mas nela se faz sentir, como nas outras, a falta de água, durante a estação seca, que ocorre aqui de agosto a dezembro. Todo o sertão, que se estende entre os afluentes ocidentais do São Francisco, o rio Grande e do riacho Pontal, e deste último, ao longo do rio São Francisco, até as suas cachoeiras, vai subindo muito pouco a O. e a N.O. Nesse trecho, atravessado pelas citadas estradas, reina o mesmo clima quente e seco; e os poucos riachos que o regam, assim como o Pontal, desaparecem quase, anualmente, durante a terrível seca. Alguns fazendeiros, aqui estabelecidos, proveem por meio de cisternas às suas necessidades e às das tropas que passam; mas, apesar disso, não é nada raro morrer de sede ou de fome a metade das boiadas e manadas de cavalos, que vêm do Piauí, antes de chegarem ao rio São Francisco. Este distrito, que das regiões vizinhas se distingue por suas condições físicas, forma, atualmente, a comarca do sertão de Pernambuco, que conta as seguintes vilas: Barra do rio Grande, Pilão Arcado, Cimbres, Vila Real de Santa Maria, Flores, Assunção e Garanhuns. Foi o único distrito da província de Pernambuco em que tocamos, e isso aconteceu um tanto a propósito, por causa das perturbações políticas que alguns anos antes se haviam dado nessa província. Pernambuco é, em todos os sentidos, uma das mais importantes províncias do Império do Brasil, motivo por que daremos nas notas alguns traços descritivos (**Nota III**).

Depois de deixarmos Registro do Juazeiro e seus hospitaleiros habitantes, tomamos por um caminho, fora da estrada das boiadas, para Melancias, pois aqui já havia chovido desde mais tempo, e os extensos campos estavam revestidos de relvado tenro. Pernoitamos ao relento; a mata de caatinga, onde penduramos as nossas redes, estava com sua rica vestimenta de flores, muito mais agradável do que teríamos imaginado. Arbustos diversos exalavam um perfume incomparável, e o sopro da primavera animava-nos com as mais fagueiras esperanças quanto ao bom sucesso da viagem pelo Piauí para o almejado Maranhão. Quem imaginaria que esse trecho da viagem seria tão cheio de perigos e tristes ocorrências? Os nossos cargueiros espalharam-se longe durante a noite, e de manhã se verificou que tinham sido roubadas as correias que ligavam as patas das mulas.

Foi esta a primeira e última vez que aconteceu semelhante roubo; pois, embora os brasileiros não tenham que expiar com a perda das orelhas esse delito, como acontece com os bucários², eles sentem uma certa pena dos viajantes, e só muito raramente os expõem à perda de seus animais.

Quanto mais nos afastávamos do rio, tanto mais desigual se mostrava o terreno; compridos fossos atravessam-no em muitas direções. Durante os transbordamentos, enchem-se eles, como sangradouros, e são também revestidos da vegetação marginal do alagadiço: espinheiros e trepadeiras, densamente entrelaçados. Já encontramos aqui e acolá esses fossos cheios de água da chuva, e mais de uma vez tivemos de transpô-los com grande risco de encharcar toda a carga. Nos sítios, onde o terreno se abria entre as vargens fechadas de mato, alegrava-nos o aspecto das campinas viridentes, que se distinguiam de todos os outros campos tanto pela cerrada igualdade do tapete viçoso de relva, quanto pela delicadeza dos tenros talos glabros, como nunca havíamos encontrado igual. A gente do lugar chama-os de campos mimosos, e utilizam-se deles para pastos de suas numerosas boiadas. Entrávamos, pela primeira vez, no distrito de criação de gado, que, de certo modo, deve ser considerado a Suíça do Brasil. Por toda parte onde pernoitamos, daí em diante, nos ofereciam leite gordo e saboroso. O leite tem aqui, durante a estação úmida, as boas qualidades, que nas regiões do sul se acham durante quase todo o ano; só nas secas muito prolongadas é que se torna viscoso, ralo e azulado. Uma vaca dá três até quatro medidas de leite, e é mungida só uma vez, pela manhã. Prepara-se manteiga muito saborosa, somente durante os primeiros meses de chuva, o tempo verde, como é chamado. A dieta animal e a ocupação dos sertanejos, nesta região e ao norte, produzem surpreendente efeito no seu caráter e constituição. O gênio alegre, folgazão, lhano, bondadoso manifesta-se nas feições redondas dessa gente bem nutrida, forte e trabalhadora. A tarefa de conter reunidos os numerosos rebanhos, de protegê-los contra as feras, ou de tocá-los para os cercados, exercita a resistência e a força física, de sorte que, em pleno país quente tropical, podem ser admiradas aqui a robustez e a operosidade dos homens nórdicos. Sem dúvida, na uniformidade do círculo de tais ofícios, não chegam a desenvolver-se

2. São os habitantes de Bucária, um dos canatos do Turquestão (antiga Sogdiana). (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

muitos talentos e propensões do espírito, e o piauiense distingue-se de modo singular por sua ingenuidade, sem a jactância e o gênio prosaico do mineiro airoso, polido e poético. Depois de termos tomado uma excelente refeição, levando em conta o isolamento do país, em Terra Nova, numa chácara do comandante de Juazeiro, que nos acolheu com muitas atenções, cavalgamos ainda algumas léguas além, até a fazenda do Bom Jardim, onde pernoitamos perto de uma grande lagoa. Uma quantidade de sapos-boi enchem o ar com os seus estranhos sons de timbale. Estes batráquios parecem não temer a luz, pois durante a noite vieram em chusma até junto da nossa fogueira, de modo que não pudemos dormir toda a noite, com a faina de enxotar tão repugnantes hóspedes, e, além disso, atazanados por bilhões de virulentos mosquitos. Os três seguintes dias de marcha, passando pelas fazendas Amargosa, Cruz de Valério, Mari, Angical, Santo Antônio, Alegre, Angico, nada ofereceram digno de nota. Nos primeiros dias, encontramos ainda diversos pequenos regatos, que devem desaguar no arroio Pontal, mas que, durante a seca, se esgotam, assim como este último. Adiante, o terreno era mais seco, alternando-se campinas com altas matas de catinga, cuja folhagem começava justamente a brotar. A formação geológica é de granito por toda parte, fazendo transição, aqui e acolá, para gnaïsse ou micaxisto, e sem camadas acentuadas. Em Santo Antônio, verificamos que o gnaïsse se inclina de S.E. e S. para E., na direção N.O. e N. para O. Particularmente acima do micaxisto, cuja superfície não raro é coberta de fina areia branca, notamos mais delicadas formas de flores e gramíneas verde-claras, que faziam lembrar a vegetação das terras de Minas. O caminho eleva-se quase insensivelmente, e embora aqui chegássemos na proximidade do divisor das águas de dois poderosos rios, o São Francisco e o Parnaíba, não avistamos serra alguma mais extensa e mais alta. Quando, entretanto, entre as fazendas Angico e Cabóculo saímos da mata de catinga para moitas mais ralas, semelhantes aos de tabuleiros em Minas, vimos uma cadeia baixa de montanhas, que os habitantes chamam de serra dos Dois Irmãos. Vista de Cabóculo, parecia-nos uma serie de montanhas bastante uniformes seguindo do S. para O., na direção N. para E., com extensas chapadas de flancos em suave declive, atravessadas por vales laterais. Salientavam-se quatro ou cinco espigões; arbustos baixos e ervas revestem-lhes as encostas. Avistamos, elevando-se além e ao longe, uma continuação dessa serra, ao oeste de Cabóculo, também essa tem os mesmos característicos. Na lagoa desta

última fazenda teriam achado grandes ossadas de animais antediluvianos e o fazendeiro assegurou que uma cabeça com as duas grandes defesas saía fora da terra; mas devido à altura das águas, não nos foi possível proceder aí as investigações. Quase insensivelmente se vai elevando o caminho, agora, na direção da serra dos Dois Irmãos, e, quando tínhamos atrás de nós a pequena fazenda das Barreiras, alcançamos um boqueirão, que se abria numa largura de 60 pés, entre outeiros chatos, guarnecidos com alguns troncos fortes de cactos; no outro lado deles, achamo-nos na província do Piauí. Esta garganta não tem nada de pitoresco, e só a ingenuidade dos sertanejos podia achar singularidade na forma igual dos dois outeiros, que deu provavelmente motivo ao nome³. As nossas observações barométricas indicaram ali uma altura de 1.250 pés parisienses. O divisor de águas entre o São Francisco e o Canindé, um afluente do rio Parnaíba, parece ser antes uma vasta chapada, que sobe suavemente, do que montanha considerável.

Essa serra dos Dois Irmãos, que galgamos aqui, pertence aliás a muito extensa cadeia de montanhas que separa o Piauí das províncias situadas a leste, Pernambuco e Ceará, numa extensão de pelo menos cinco graus de latitude, e forma o espinhaço nordeste do continente do Brasil. As notícias sobre estas montanhas são extremamente duvidosas e indeterminadas, devido sobretudo à diversidade dos nomes com que algumas partes delas são designadas. A maioria dos mapas portugueses dão à parte central delas o nome de serra de Ibiapaba, embora essa palavra, que significa “fim de terra”⁴, fosse primitivamente usada só em referência à irradiação mais setentrional da cadeia, na província do Ceará, entre o rio Camocim e o rio Longá. Para os sertanejos de Pernambuco e Paraíba, o

-
3. José Martins Pereira de Alencastro, em sua “Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí” (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XX), atribui a origem do nome da serra dos *Dois Irmãos* ao fato de ter sido ela achada pelos dois irmãos Domingos Afonso Mafrense e Julião Afonso Serra, que, segundo o referido escritor, ainda foram ajudados, no devassamento do interior do Piauí, por outros irmãos, Francisco d’Ávila e Bernardo Pereira Gago, em 1674. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)
 4. O verdadeiro significado do topônimo *Ibiapaba* é o que se encontra em Teodoro Sampaio, que o dá como corruptela de *ybyapaba*, “a estância dos barrancos ou das escarpas, o escarpado ou alcantilado”. (Nota da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.)



Sertanejo do Piauí viajando.

nome de núcleo desta cadeia é serra da Borborema, nome que outros dão só ao ramo a nordeste, que forma a fronteira entre o Ceará e o Rio Grande do Norte. Numerosas ramificações laterais, das quais nascem os rios de pouca água daquelas províncias, estendem-se, em sua maior parte, de oeste para leste, e algumas delas, como a serra Cabelo-não-tem, da província do Rio Grande do Norte, têm ouro. O seu ramo mais ao sul deve ser a serra Araripe ou dos Cariris, que forma o limite mais setentrional da bacia do rio São Francisco. Segundo informações aqui obtidas, consiste a maior parte dessa extensa cadeia em granito e em outras formações primitivas. Os núcleos principais mais altos dela, aplainados, em chapadas de bastante extensão, parecem situados entre o 6º e o 7º graus de latitude, e estes parecem separados do ramo ocidental da serra de Ibiapaba, por um território montanhoso, que nas províncias orientais se designa, sem atenção à rigorosa demarcação, para diferenciar da região deste lado da encosta oriental, ou Cariris-Velhos, com o nome de Cariris-Novos. As

montanhas, tão ramificadas, porém não muito altas, desta região, são geralmente cobertas de matas, e as vargens de permeio têm capim forte, de pelo áspero, e arbustos. Pelo grande calor e pela geral falta de água, estas regiões de matas prestam-se especialmente para a lavoura. A temperatura, nesta terra montanhosa continental, é mais instável; o céu é menos puro e desnublado; a chuva e o sereno são mais abundantes do que na região da encosta oriental. Começa o tempo das chuvas, não no mês de setembro, como acontece no sul nas províncias próximas do mar, mas em janeiro, e dura até abril. Nesse período, tudo verdeja e floresce com exuberância; porém, durante os meses de agosto até dezembro, a terra se torna uma planície esturrada, morta. Este clima estende-se, assim como a natureza do solo, sua causa, a oeste da chapada do Ceará, também para o norte da província do Piauí. Chamam os sertanejos, tanto a esse clima, quanto à vegetação que lhe é peculiar, de agreste, e contrapõem-lhe o chamado mimoso. Este último predomina nas encostas orientais da serra, ou distrito de Cariris-Velhos, bem como em toda a comarca do sertão de Pernambuco, à margem esquerda do rio São Francisco, regiões que, principalmente por sua situação baixa, pela extensão plana de seu terreno, e talvez também por fatores geológicos, determinam clima mais constante, mais seco e mais quente, com a vegetação que lhe é própria, já acima mencionada, do mimoso. O termo mimoso é igualmente empregado para o clima aqui dominante, de sorte que os sertanejos revelam, com o uso desse nome, tanto para causa como para efeito, a sua capacidade de observação. Ademais, sofrem estas regiões, tanto a agreste, quanto a mimosa, de grandes secas periódicas, como costuma acontecer de 10 em 10 anos, quando o tempo da chuva não chega de todo ou só pouco. A terra rasga-se então em grandes fendas, a vegetação morre completamente, os animais do mato e numerosos rebanhos são vítimas da fome e da sede, e os habitantes são forçados a exilar-se. Tentando descrever as condições físicas e o clima de tão extenso território, do qual só tive ocasião de ver uma pequena parte, tem o leitor o direito de exigir garantias para essas notícias. As fontes principais, de onde as obtive, foram as narrações singelas de diversos vaqueiros, que tinham tocado boiadas do Piauí para a capital de Pernambuco, e haviam assim andado por grande parte desta região. Além destes, servi-me das observações que me comunicou o ca-

pitão Matias José da Silva Pereira, arquiteto em Oeiras, homem que, por suas múltiplas viagens por toda parte desse território, adquirira grande conhecimento dos lugares.

A própria serra dos Dois Irmãos consiste em um granito sem estratificação, de anulação grossa, esbranquiçado, cuja mica aparece geralmente em grandes palhetas prateadas. Acima dele, jazem camadas de micaxisto cinzento-preto e azul-acinzentado, frequentemente muito rico de quartzo e extremamente duro, ora inclinado de E. para N., na direção de O. para S., ora de N.E. para S.O. Quando desse divisor das águas prosseguimos viagem à província do Piauí, não se verificou a nossa esperança de encontrar a vegetação diversa com que contávamos; todavia, já se anunciavam alterações das condições geológicas. Em muitos lugares, notamos um barro duro, frequentemente vermelho-tijolo, como se fosse cozido, e junto com ele, como em Minas Gerais, fragmentos de quartzo, não, como lá, de cor clara, porém antes cinza-azulado, preto e avermelhado, e nas fraturas, friável e poroso. Afirmou-nos o guia que essas pedras em Goiás, onde se chamam “batatas”, são tidas como indícios característicos de ouro, e que também aqui esse metal já foi lavado, embora em pequena quantidade. Em seguida, mais adiante verificamos a existência de grandes jazidas de ardósia, cálcica, de cor lilás-clara, que costuma aparecer em geral na formação de grés de cantaria.

Atrás do boqueirão dos Dois Irmãos apareceu outra montanha, pertencente à mesma cadeia, estendida na direção de E. para O., que contornamos, para descer, por entre as catingas, a fazenda Serrinha onde foi armado o nosso bivaque, embaixo de um grande e frondoso juazeiro, porque na casa não nos podiam hospedar. Com alegre disposição de espírito, mal havíamos conciliado o sono, fomos despertados pelo ronco de longínquo trovão. Para surpresa nossa, em vez do claro céu deslumbrante de estrelas, que nos alumia quando nos deitamos, agora nos cercava a mais negra escuridão. Frequentes relâmpagos iluminavam as bordas das nuvens em disparada furiosa, e revelavam violenta agitação na atmosfera e, de repente caiu o mais impetuoso vendaval sobre a mata em redor de nós. Como se quisesse num instante arrancar moitas de arbustos e o trançado das arvores seculares, desencadeava-se o furacão em torno de nos. A terra parecia estremecer debaixo dos nossos pés;

com estrondo, rachavam-se ou se desarraigavam os troncos; o bramido do vento na folhagem, a gritaria gemente dos macacos e de multidão de pássaros esvoaçando, o fragor da chuva torrencial, apavoravam-nos todos. Um violento pé-de-vento arrancou o teto da casa vizinha, e arremessou-o sobre um telheiro baixo, que servia de cozinha e ainda conservava o fogo aceso; num instante, elevaram-se grandes labaredas e iluminaram o espantoso cenário. Pensamos logo em defender as nossas caixas; mas, na confusão de tão súbito tumulto dos elementos, nada se podia fazer; entretanto, a sorte desta vez nos favoreceu do melhor modo, pois o hospitaleiro juazeiro, embaixo do qual havíamos colocado as nossas caixas, também foi derrubado e, com a sua fronde fechada, as abrigara tão bem, que na manhã seguinte pudemos retirá-las quase incólumes. Todavia, na saúde dos nossos empregados o forte resfriado causado pela chuva, teve efeito muito nocivo, e a febre intermitente atacou a vários deles. Ao norte de Serrinha, eleva-se, na principal direção de leste para oeste, a montanha chamada Topa, em forma de terraços, de lombada chata e consistindo em uma pedra de cantaria branca ou vermelho-pálida, calcária. Deixamos essas aprazíveis encostas à direita, e entramos num vasto planalto, cuja vegetação de cerrada catinga se transformou gradativamente em campos abertos de feição em extremo encantadora. Finas gramíneas e as flores da vegetação dos campos mimosos cobriam o solo de areia branca, e variados grupos de Cactos, Acácias, Mimosas, Bauínias e Combretáceas, transformavam a região num verdadeiro parque inglês, que, aliviados depois da aventura da noite, percorremos em alegre disposição de espírito.

A fazenda da Serra Branca, graciosamente situada na encosta da montanha de igual nome, acolheu-nos de modo hospitaleiro, e os habitantes, gente de amável bondade de coração e costumes simples, não se cansavam de indagar dos estrangeiros acerca de sua pátria, da qual faziam a mais singular ideia. Na manhã seguinte, o fazendeiro ajudou a carregar as mulas; quando, porém, já estávamos para partir, demos por falta do arriero Miguel, cuja ausência não havia sido notada antes. Depois de ser procurado por muito tempo, foi encontrado perto da fazenda, deitado sob uma árvore, em estado de apatia e um pouco fora de si. Perguntando-lhe o que tinha, respondeu-me que julgava ter sido picado por uma cobra nos capins altos, quando fora buscar as mulas. Com terror, notamos de ambos os lados do dedo grande do pé, pequenos ferimentos que, pela dimensão e distância, de fato pareciam

devidos à mordedura de cobra venenosa. Demos-lhe imediatamente grandes doses de Água de Luce, composto de amônia líquida, com óleo de súpino, dissolvida em tintura de potassa; escarificamos a ferida queimando-a com pólvora e depois com um arame em brasa, e fizemos tudo para sossegar o paciente, quanto ao seu estado. O dedo estava pouco inchado, o pulso era de violência desusada e cheio; os olhos, semicerrados e injetados de sangue, estavam parados; a voz, trêmula e fraca; o doente queixava-se de dolorosos espasmos nos membros, vertigem e dor nas costas, e estava prostrado em extremo abatimento. Parecia ter o pressentimento da morte, pois de má vontade se submetia ao tratamento médico, e só queria que o deixassem tranquilo. Segundo as aparências, o desgraçado desde algumas horas tinha sido picado, e os terríveis efeitos do veneno já atingiam o centro da vida, naquele corpo robusto e agigantado. Seguindo o conselho do fazendeiro e a vontade do próprio paciente, resolvemos deixá-lo aqui, até ao seu completo restabelecimento, para o qual se costuma calcular aqui um prazo de 40 dias, demora incompatível com os nossos planos de viagem. Mandamos chamar um curandeiro, deixamos-lhe os medicamentos e as receitas, e recomendamos o desgraçado aos sentimentos humanitários do simpático fazendeiro. Infelizmente, foram baldadas todas essas precauções, pois, alguns dias mais tarde, chegou-nos, por um tropeiro em viagem pela mesma estrada, a notícia de que o pobre arrieiro tinha sucumbido ainda naquele mesmo dia. Este trágico acontecimento originou provavelmente o boato de que um de nós tinha sido vitimado, boato que espalhou-se em breve à Bahia e Minas, e deu ensejo a recebermos, no Maranhão, numerosas cartas, provas da mais enternecedora solidariedade.

Ao norte da serra Branca, pareceu mudar-se gradativamente o tipo de vegetação, e passar do mimoso para o agreste. Trilhamos por lindas, virentes campinas (veredas), que, no ponto em que o terreno se eleva, alternavam ainda com matas de catinga. A fazenda da Cachoeira, pela qual passamos, mostrou-nos o aspecto da pecuária em grande escala. Algumas centenas de vacas e bezerras estavam justamente sendo conduzidas fora do curral. A rocha aqui é de gnaisse esbranquiçado ou amarelado e em cima dele se acham às vezes camadas de anfibólio preto que ora se inclinam de O. a E., ora de O. a N. para E. a S.



A paisagem, no Piauí, representa a formação de grés e vegetação de palmeiras carnaúbas, juazeiros e cactos.



Arraial de Juazeiro sobre o rio São Francisco, desenhado da margem oposta do rio, província de Pernambuco.

Ao norte da fazenda da Cachoeira, entramos nos belos campos de Santa Isabel, onde diversos e frondosos juazeiros de vasta copa, grupos de carnaubeiras e arbustos espalhados, formavam uma paisagem extremamente encantadora. Rebanhos numerosos, à sombra das cerradas frondes daquela árvore, comparável à tília, e inúmeras garças, mergulhões e patos, nos diversos açudes, animavam a linda região. A formação é aqui novamente granito. À tarde, armamos acampamento junto de um açude bordado de arbustos, perto do bivaque de um traficante de escravos, que levava para Aldeias Altas 40 negros jovens de ambos os sexos, comprados na Bahia. Esse bando de etíopes juvenis entregou-se, segundo o costume do país, ao ar livre, à mais extravagante alegria, que com as suas danças licenciosas, atingiu fúria bacântica, acompanhada de estalos, sibilos, assobios e cantos. Só muito tarde da noite, tudo sossegou em torno de nós, e estávamos imerso no mais profundo sono, quando nos acordou o tal traficante, demonstrando a maior inquietação. Quase a metade de sua gente havia de tarde pilhado uma roça de mandioca da vizinhança e, depois de terem comido essas raízes venenosas, quando cruas, julgando que fossem do inócuo aipim, mostraram todos os sinais de envenenamento. Dor de cabeça, tonteira, tremor, ardência no abdome e vômitos espasmódicos atacavam com violência quase todos os doentes. A conselho nosso, o traficante deu vomitórios a uns, clisteres de fumo a outros, além de grandes doses de azeite e do suco espremido das folhas da mandioca, as quais contém, – caso raro na natureza, – o antídoto para o pernicioso tóxico da raiz. Quando amanheceu o dia, reinava a maior confusão no acampamento dos negros, e muitos apresentavam ainda sinais de certa gravidade como febre e inchação do corpo; entretanto, nenhum chegou a ser vítima de sua imprevidência.

Perto da fazenda de Poções de Cima, num terreno de morros cobertos de vegetação baixa cerrada, encontramos sobre o gnaisse jazidas de pedra calcária metamórfica. As rochas primitivas, de colorido amarelo ou cinza-azulado e contendo, às vezes, granadas encravadas, alternando aqui e acolá com jazidas de anfibólio xistoso, inclinam-se em geral de E. e O. Como não pudéssemos alcançar a fazenda do Bom Jardim, passamos também esta noite ao relento. Esta região parecia-nos particularmente caracterizada pelos frequentes carnaubais, e nos fizeram lembrar os buriti-

zais de Minas Gerais. Também aqui as palmeiras ocupam os terrenos mais baixos de várzea, pantanosos, e as margens dos riachos e dos açudes; mas essas palmeiras não superam tão majestosas, como os buritizais, as árvores e arbustos próximos, que estão mais fechados e antes formam mata baixa do que tabuleiros, como na terra das Minas. Diante da fazenda do Bom Jardim, encontramos outra vez a formação de um grés de cantaria, de granulção fina, calcário, que forma cadeias de colinas espalhadas, e alguns montes altos, maciços, isolados, de forma quadrangular, entre as quais corre o rio Canindé. Brota esse rio por uma nascente, na serra da Topa, e, por outra, na encosta da serra dos Dois Irmãos. Diversos arroios, que ficam enxutos no tempo da seca, coleiam por entre verdes outeiros, cujos flancos ora revestidos de densa mataria, ora todos nus, brancos ou avermelhados, formam aprazível paisagem pela múltipla diversidade. Acompanhando o curso de um desses arroios, fui dar inesperadamente numa vista aberta sobre extenso palmeiral, pantanoso, que, com o fundo das estranhas montanhas de grés, formava característico painel destas regiões. A 1º de maio, depois de várias vezes atravessar o rio Canindé nos seus múltiplos meandros, alcançamos a fazenda Poções de Baixo. Era esta a primeira das 33 fazendas do Piauí, que são administradas à custa do governo. Domingos Afonso, de Mafra (perto de Lisboa), havia estabelecido grande número de fazendas, por toda parte, na província do Piauí, depois de conhecer pelas muitas expedições que realizou contra os índios pimenteiras, geicós e acroás, a excelência desse extenso território para a criação do gado. Depois de sua morte, herdaram os jesuítas da Bahia 30 dessas propriedades, com a cláusula de empregar os lucros para fins caritativos e para a fundação de novas fazendas. Em seguida à expulsão dos jesuítas, reverteu para o Estado à posse desses grandes bens, dos quais as 30 primitivas fazendas, acrescidas das três fundadas pelos jesuítas são administradas por três inspeções. A Inspeção de Canindé compreende 11 fazendas na região do rio Canindé; a Inspeção do Piauí, número igual, a margem do rio do mesmo nome; e a Inspeção de Nazaré, outras tantas no rio Parnaíba, ao norte de Oeiras. Cada um dos três inspetores recebe o ordenado anual de 300\$000. À sua obediência estão sujeitos os vaqueiros, que dirigem cada uma das fazendas e permanecem no serviço três a cinco anos, para o qual são contratados não pelo inspetor, mas pelo governador da província. O ordenado desses

vaqueiros, que às vezes servem durante anos, sem remuneração até perceberem paga, consiste na quarta parte de todos os bois e cavalos criados anualmente na fazenda. Além disso, têm morada grátis, direito aos produtos da criação de porcos, cabras e carneiros, e à produção de manteiga e queijos, que não corre por conta do governo. Tem a fazenda escravos do rei, que apenas recebem roupa e carne, porque para as outras necessidades eles mesmo têm oportunidade de cuidar pela lavoura e pecuária. Da produção anual do gado é, além disso, retirado do dízimo.

Depende a criação do gado, nessas regiões, exclusivamente da quantidade de chuva. Se no fim de dezembro entrar o tempo das águas, alcança até fins de fevereiro o ponto máximo, e começa então a diminuir, até fins de abril; enchem-se de água os numerosos açudes e fossos, a terra amolece, e o pasto cresce luxuriante. Durante esse tempo, as vacas, que, como todo o gado, vivem no campo, são tocadas para os cercados, onde passam a noite, para serem mungidas de manhã, e preparar-se o queijo. Do mês de maio em diante, deixam-se também de novo as vacas no pasto. Por vezes, acontece passar o mês de fevereiro sem chuva, e torna-se então impossível a produção de queijos, porque o leite não chega a alcançar a quantidade e qualidade necessárias, e os rebanhos, a não serem algumas vacas para o serviço doméstico, ficam sempre nos pastos. Não são raras então as grandes epidemias, e morre o gado tão depressa, como se multiplica nos anos chuvosos e férteis. O gado bovino é grande e bem feito, distinguindo-se pelos chifres compridos, muito pontudos e salientes e pela diversidade do colorido. Não são tão bons os cavalos. Só raramente estes atingem mais do que tamanho mediano, são de ossatura fraca e pouca resistência. Os cavalos de bonita proporção são adestrados com muito cuidado. Para habituá-los ao passo largo de marcha e levantar alto as patas, colocam-se almofadinhas largas, em forma de disco, acima do machinho, e deixam-se crescer muito os cascos. Também se recorre a este último processo, para poupar ferraduras que, aqui e na vizinha província do Maranhão, nas estradas reduzidas e lodaçais uma parte do ano, de certo não são tão necessárias como na Bahia, Minas e Rio de Janeiro. Raramente vivem estes cavalos mais de 12 anos, devido em parte à irregularidade da alimentação e às fortes mudanças climáticas, em parte ao excessivo esforço que deles se exige nas viagens, caçadas e corridas à procura do gado. Uma doença a que

os cavalos são muito sujeitos aqui, é o afrouxamento, com dilatação, do intestino reto; aumenta às vezes a tamanho atroz, até morrer o animal de gangrena. Os cavalos, que sofrem dessa doença, semelhante à do bicho-do-cu dos homens, chamam-se cavalos-rotos. O gado, pertencente ao rei, é vendido anualmente a arrematadores. O preço varia muito. O de um boi, em 1818, era de 5\$400; em 1819, de 8\$400. No ano de 1818, a Inspeção de Canindé, a maior de todas, vendeu 1.100 cabeças e rendeu na média para o rei 8:000\$000. As fazendas (que dela fazem parte) de Castelo e Campo Grande fornecem anualmente 200 cabeças; as de Poções de Baixo e da Ilha e todas as restantes, menos, de 70 até 100 cabeças de gado. Todas as três inspeções vendem anualmente uns 3.000 bois, que, avaliados cada um a 6\$000, rendem apenas a quantia de 18:000\$000. Esse rendimento poderia ser de certo, muito maior, se menor quantidade de gado bovino fosse empregada para o uso das próprias fazendas, pois muitas criam 700 até 800 novilhos, nos anos felizes até 1.000; mas abate-se grande quantidade para a alimentação do pessoal do serviço; muitos vitelos são vitimados por comerem ervas venenosas, ou pela perseguição de insetos, de morcegos hematófagos e de onças vorazes; também as cobras venenosas reduzem o número da criação. Embora muitas dessas fazendas empreguem uns 20 escravos, a metade dos quais basta para vigiar uma boiada de 1.000 cabeças, não cultivam elas próprias o necessário de milho e mandioca, mas dedicam-se quase exclusivamente à criação do gado. Talvez em país algum se economize tão pouco como aqui a riqueza dos dons naturais. As fazendas foram primitivamente distribuídas em espaços de três léguas quadradas, e, entre cada uma delas, ficava uma légua de terreno neutro, no qual as boiadas dos vizinhos podiam pastar em comum, não sendo permitido de nele se estabelecerem.

Só raramente um dos chamados agregados, em geral pretos forros ou mulatos, construíram aqui e acolá, neste território, pequenas moradas ou quintas, pois os proprietários das grandes fazendas não querem ceder porção alguma de suas terras, por considerarem indispensável as grandes extensões para a criação do seu gado. É certo que, atualmente na ocasião da seca, é necessário poder movimentar as boiadas em grandes espaços para que consigam achar bastante capim seco e frutas; porém a construção de poços e a irrigação artificial das regiões apropriadas, pode-

riam poupar todas as ruinosas consequências das secas prolongadas. Com isso, também se tornaria possível aumentar a população de modo razoável, e dar a esta bela região a alta importância que lhe compete no Brasil, graças aos seus dons naturais particulares.

Entre as fazendas Campo Grande e Castelo tínhamos que galgar uma parte da serra Imperial, montanha da formação já citada de grés de cantaria, de característicos iguais aos do Topa e da serra Branca. Como compensação das canseiras no caminho intransitável pelas rochas dispersas de grés, indenizou-nos a vista dos campos abertos de nova verdura e matas de catinga espalhadas, para os quais saímos, antes de alcançar a fazenda Brejo, onde mora o chefe da Inspeção de Canindé. Acolheram-nos muito bem aqui, e fizeram ao nosso criado francês proposta para aqui se estabelecer sob a égide do himeneu. Muitos aventureiros europeus devem uma vida civil despreocupada ao desejo geral neste país, dos que não podem gabar-se de descendência sem cruzamento, de aprimorar seu sangue, como costumam dizer; e talvez o nosso animado criado soubesse apreciar os encantos da beldade mestiça, se não o desanimasse a soledade deste sertão. Achamos tanto mais agradável o caminho do Brejo até à próxima Real Fazenda da Ilha, porque a vegetação nos alternados campos e morros nos fazia mais e mais recordar as belas campinas mineiras. As catingas, pela maior parte, aqui constavam de arbustos ralos, e nas vargens muito úmidas as carnaubeiras reuniam-se em majestosos bosques, cujo aspecto é tão característico como atrativo. Araras-azuis (*Psittacus hyacinthinus* Lath.), que moram nas copas dessas palmeiras, voavam guinchando por cima de nós, e o grande anu (*Crotophaga major* Lath.) soltava frequentemente o seu chiado gaguejante, à margem do rio Canindé, que nós agora atravessávamos pela última vez, conservando-o, daí em diante, sempre à nossa direita. Na vizinhança de Ilha, assim como em Castelo e Mocambo, o solo exsuda quantidades de sal de cozinha e salitre. São os lugares mais setentrionais que têm sal no sertão, que encontramos em nossa viagem, mas o Brasil dispõe desses importantes produtos da terra ainda em muitas outras regiões. Aliás, aqui o sal de cozinha é misturado com muitos outros componentes salinos, e, por não ser explorado com o necessário cuidado, causa muitas doenças, notadamente diarreias. Quanto mais nos internávamos pelos agradáveis vales com moitas ao longo do rio Canindé, tanto mais se destacava a vegetação

como agreste; tufos isolados de gramíneas verde-azuladas, diversas árvores dos gêneros *Qualea*, *Phaeocarpus*, *Jacarandá*, etc., com galhada fortemente retorcida, como estávamos habituados a ver em Minas, e, finalmente, também grupos isolados de buritis apareciam-nos como conhecidos velhos. A formação é um grés avermelhado, amiúde atravessado por filões de quartzo, inclinado de S. a N., e contendo jazidas de um compacto grés cor de fígado. O terreno eleva-se em muitos outeiros baixos, achatados no cume ou apresentando encostas em terraços cobertos de moitas espessas. Por entre esses, alcançamos, a 3 de maio, ao pôr do sol, a capital do Piauí, a cidade de Oeiras, cuja casaria, em filas desiguais, se apresenta, só ao olhar do viajante, depois de contornar em picadas muito tortuosas a última colina. O digno capitão-mor, Sr. João Nepomuceno de Castelo Branco, descendente dos primeiros conquistadores deste país, já havia providenciado para nossa recepção, e estava uma casa pronta ao nosso dispor. Na pessoa do governador, o Sr. coronel Baltasar de Sousa Botelho e Vasconcelos, tivemos ensejo de apreciar um homem tão ilustrado, quanto atencioso. Embora ocupado com os preparativos de sua iminente viagem para a província do Espírito Santo, da qual havia sido nomeado governador, de nada se descuidou, a fim de tornar tão proveitosa e agradável quanto possível nossa estada.

Oeiras, elevada em 1724 por d. João V, com o nome de Vila da Mocha, a vila e lugar principal da província do Piauí (**Nota III**), separada naquela época do Maranhão, e por D. José distinguida com os foros de cidade, é uma povoação insignificante, que consta de algumas ruas irregulares, com casas baixas de barro caiadas de branco. Na ocasião de nossa chegada, contavam-se na sua extensa freguesia 14.074 habitantes, segundo listas dadas pelo governo. Os dois riachos, o da Pouca Vergonha e o da Mocha, que deságuam reunidos no rio Canindé à distância de uma légua da cidade, fornecem-lhe límpida água potável, porém um tanto salitrosa. O calor é intenso, e o termômetro, nos meses quentes, ao meio-dia sobe quase sempre a 29° ou 30°R. De manhã achamos em geral 23,33°, ao meio-dia 24 a 25° e de tarde 23,5°R. O barômetro subiu sempre de 27,11' de manhã pouco a pouco até 28',05° às duas horas e caiu novamente de tarde entre 3 e 4 horas quando começava a chover. O tempo das águas começa no mês de outubro, recrudescendo quase sempre, imperceptivelmente, e atingindo

máxima intensidade, em fevereiro, até acabar em abril. Os meses de julho, agosto e setembro são os mais secos. Começaram a brotar as folhas em fevereiro e março; muitas árvores cobrem-se de flores na força do calor, e só depois de sua queda é que brotam as folhas. O vento mais constante é o do sul, que sopra continuamente, sobretudo durante os meses da seca. Regra geral, o clima aqui é saudável, e o frequente consumo de carne fresca de boi contribui para manter robusta a gente. Todavia, reinam na época chuvosa do ano teimosas febres intermitentes, tanto aqui como ainda mais na única vila sita à beira do mar, desta capitania, a vila de Parnaíba; e também os nossos homens queixavam-se do aumento de acessos febris que os acometiam, desde a marcha pelo sertão da Bahia. Além disso, consultaram-nos aqui, por só existirem dois cirurgiões e nenhum clínico, numerosos doentes, e observamos muitos casos de fraqueza gástrica, flatulência, dispepsia, cardialgia e mal-de-engasgo, que consiste ora na irritação da cartilagem do processo xifóide, curvada para dentro, ora no endurecimento da cárdia. Inflamação de garganta, inflamação de olhos com a consequente catarata, nefélio na córnea e o *arcus senilis*, declaravam-se principalmente na época seca do ano. Finalmente, também notamos diversos casos de doenças nervosas: paralisia de diversas partes, doença de São Guido, espasmo maxilar, e dois notáveis casos de diabetes (urinas doces). Encontramos a farmácia no mais deplorável estado, pois todos os medicamentos vêm da Bahia ou do Maranhão, onde às vezes já permaneceram anos. O hospital, instalado especialmente para soldados, contém 40 leitos. A principal igreja, dedicada a Nossa Senhora da Vitória, e as duas capelas, são edifícios insignificantes. Os jesuítas tinham aqui um colégio, atualmente casa do vigário, o qual tem autorização do bispo do Maranhão para exercer certas funções episcopais. Abaixo do governador, que é inteiramente independente do de Maranhão, porém de categoria inferior, estão os habituais funcionários de finanças e administrativos, assim como um ouvidor, que, entretanto, não é formado. Aqui está aquartelado o comandante das duas companhias de tropas de linha, que constituem toda a guarnição da província. Toda a população do Piauí montava então a 71.370 almas, e a parte armada estava organizada em três regimentos de cavalaria e dois de infantaria. À vista da grande distância dessa cidadezinha da costa (pois a capital de Pernambuco, Recife, está a 200 léguas a leste e a capital do Maranhão, São Luís, a 100 léguas a

noroeste), não é para admirar que aqui se encontre ainda menos cultura, porém, mais aquela simplicidade, bondade e hospitalidade, que se conservam tão bem nas localidades isoladas. Oeiras, em civilização e riqueza, e inferior à vila de Parnaíba que, por sua situação na costa e pelo considerável comércio de algodão, fumo, couros, sebo e carne salgada, de todas as povoações da província floresce mais e mais. Acontece que a própria Oeiras nem mesmo pode ser o empório para os produtos do interior da província; de fato, as outras vilas, Pernaguá, Jerumenha, Valença, Campo Maior, Marvão, mandam as suas mercadorias, quer diretamente ao mar, para a Bahia, Parnaíba e Maranhão, quer para a Vila de Aldeias que, situada no navegável Itapicuru, é o mais apropriado empório para o comércio do Maranhão. A região de Oeiras é pitoresca, e rica em aspectos variados entre as diversas colinas e morros de grés avermelhado, ora perfilando-se acima da planície em forma de terraço, ora íngremes, ora nus ou com pastos de gramíneas altas verde-acinzentadas do agreste, ora com moitas fechadas, folhudas e árvores baixas. Ao viajante ocorre o reparo de que a natureza idílica da região corresponde à simplicidade do caráter dos habitantes; ele se demora de bom grado nos lugares ensombrados, circundados por extensas cercas de pés de abóboras pequenas e maracujás, ou junto das cristalinas fontes, que brotam, aqui e acolá, das rochas. Também a riqueza mineral da região nos poderia oferecer muitas observações interessantes. Conta-se, por exemplo, que, perto da Fazenda Real de Caxé, a 10 léguas de Oeiras, existe enxofre em grande quantidade. Convidaram-nos a examinar esse interessante mineral *in loco*; mas a nossa saúde vedava-nos tais pesquisas, pois já experimentávamos ambos, diariamente, acessos benignos de febre, sendo a reçar o pior de um recrudescimento. Seguindo o conselho popular, que se deve sair tanto mais depressa de um lugar, quanto menos bem nos sentimos nele, tratamos, sem demora, de prosseguir viagem, impacientes por alcançar Aldeias Altas, daqui a 40 léguas, termo de nossa viagem por terra, cujas canseiras já não estavam mais proporcionadas às nossas forças.

NOTAS DO CAPÍTULO II

I – Todo o curso do rio São Francisco, da sua nascente nas encostas ao nordeste da serra da Canastra até à sua foz no oceano, já é conhecido dos brasileiros, pelo menos, desde uns trinta anos. Abaixo da sua união com o rio das Velhas, já havia sido atravessado, no princípio do século precedente, em diversos pontos, quando os paulistas e mineiros estenderam para oeste as suas viagens de exploração, e há setenta anos que é navegado, de São Romão em diante. A lenda mencionada por Southey, segundo a qual esse rio nasce de uma lagoa rica de ouro (uma das fabulosas lagoas douradas, Manoa, das quais se mencionam tantas na América do Sul), pertence, portanto, a uma época anterior. Também outra notícia citada pelo mesmo autor, de que o rio, no lugar chamado Sumidouro, corre onze a doze léguas num canal subterrâneo, nunca nos foi referida no Brasil, e parece baseada em informação errônea. As suas longínquas nascentes talvez brotem numa altitude de 3.500 pés, sobre a chapada que se estende a oeste, formando o extenso divisor das águas para os caudais que ao sul se lançam no rio Grande e ao norte no São Francisco, e que, por isso, foi muito justamente denominada serra das Vertentes pelo Sr. von Eschwege. Sobre a altura da Cachoeira de Paulo Afonso na passagem pela montanha, ouvimos as mais contraditórias notícias. Uns diziam que a queda mais importante tinha em linha vertical apenas 16 pés, e que, além disso, as águas só se precipitavam em numerosas corredeiras entre altas paredes de rocha; outros contavam que a Cachoeira de Paulo Afonso tem pelo menos 50 pés de altura; e que o estrondo de sua queda é ouvido já a várias horas de distância, e a neblina, que se eleva acima dela, pode ser avistada de montanhas distantes seis léguas.

II – São usadas nas províncias de Bahia, Pernambuco e Piauí como remédio e para vários fins econômicos, muitas das plantas conhecidas em São Paulo e Minas Gerais e já mencionadas por nós. Limitamo-nos, portanto a citar algumas de particular interesse medicinal, que chegamos a conhecer durante a nossa viagem pelas referidas províncias. Contra-erva (*Dorstenia opifera* M.), no interior de Bahia, sudorífico; sebipira ou sipopira, uma espécie de cássia, ainda não descrita. Aplica-se a casca da árvore em lavagens e banhos contra erupções crônicas da pele e, em decocto, internamente, contra hidropisia e sífilis. Angelim, duas árvores da família das Leguminosas (*Geoffroya vermicifuga* e *G. spinulosa* M.), cujas frutas contêm uma semente vermífuga excelente. Os sertanejos baianos entre os seus remédios possuem, sobretudo, muitas cascas ricas em tanino que se empregam para os mesmos fins como a nossa casca de carvalho e, às vezes, também contra a febre intermitente; aroeira (*Schinus terebinthifolia* Raddi), árvore alta das capoeiras; ca-

tinga-branca, quijaba, pau-de-colher e jurema (as duas últimas do gênero Acácia) fornecem igualmente cascas ricas em tanino. Para tudo, casca muito semelhante à da *Canella alba* e talvez derivada da *Canella axilaris* Nees e M., sudorífico e diurético; mangabeira-brava *Hancornia* (mais corretamente *Willughbeia pubescens* Nees e M.), da chapada quente do interior de Bahia, contra constipação dos órgãos abdominais, especialmente do fígado, contra icterícia e doenças crônicas da pele; como angustura-verdadeira trouxeram-nos a casca de uma árvore que se acharia perto da vila de Santo Amaro, e que provém talvez da *Evodia febrifuga* St. Hil. (*Esenbeckia* Juss.) ou da *Ticorea febrifuga* St. Hil. sendo aplicada nas febres, fraqueza de estômago, etc.; quina-de-piauí, árvore das matas do rio Itaim, do gênero *Exostema*, *E. souzanum*, é fácil de distinguir da chamada quina-do-rio-de-janeiro, fornecida por *Buena hexandra* Pohl.; remédio-de-vaqueiro (*Ocymum incanescens* M.), arbusto baixo das capoeiras secas de Bahia, cujas folhas e flores, tomadas em infuso, são sudoríficas e diuréticas de efeito semelhante ao da segurelha (*Ocymum gratissimum* L.); junça, raiz conhecida nas farmácias da Bahia, provavelmente de uma planta da família das ciperáceas ou xiridáceas, empregada como a quina ou a salsaparrilha; calunga (*Simaba ferruginea* St. Hil.), pequena árvore dos tabuleiros do interior de Pernambuco e Minas Gerais, contra digestão defeituosa, tertiana e hidropisia incipiente; ratânia-das-anilhas (*Krameria ixina* Loefl.), cresce frequentemente no planalto do Paraná e nos campos secos perto de Oeiras, provavelmente de virtude igual à da ratânia-peruana (*Krameria triandra* Ruiz); *Argemone mexicana* L., cujas folhas, em cataplasma, são aplicadas pelos sertanejos contra as boubas sifilíticas; espigélia (*Spigelia glabrata*), cuja raiz é tomada como vermífugo e sudorífico; parece que nas províncias do Norte também é encontrada a verdadeira *Spigelia anthelmia* L. Outro antelmíntico muito efetivo fornece a andiroba, muito comum em Piauí e Maranhão; sapé ou capimbeba (*Anatherum bicornis* Pal. Beauv.), cuja raiz, em decocto, é empregada como sudorífico; camaru (*Physalis pubescens* L.), de frutas comestíveis; o decocto das folhas é tomado como diurético suave, e recomendado pelos sertanejos em casos de resfriados com complicações gástricas; no Piauí nos mostraram uma árvore com o nome de pequi, do gênero *Caryocar*, cujo fruto tem sementes semelhantes às da sapucaia e se comem como as amêndoas, e dão um óleo gorduroso, fino; *Pavonia diuretica* St. Hil., da bacia do São Francisco, diurético; além das diversas espécies de palmeira cujas folhas fornecem as fibras conhecidas como tucum, encontrei na Bahia ainda três outras plantas cujas fibras podem substituir o cânhamo e o linho; carrapicho (*Urena sinuata* L.), malvaíscio, guaxima ou oicima (*Lopimia malacophylla* Nees e M.) e caroá (*Bromelia variegata* Arr.). Das primeiras duas usam-se os caules, da última porém as folhas. Entre as plantas tóxicas quero mencionar *Euphorbia cotinifolia* L. e *Paullinia pinnata* L., porque observei que são empregadas pelos habi-

tantes de descendência indígena para paralisar pequenos peixes. Voltaremos a este assunto no relatório de Pará e Rio Negro onde ainda muitas outras plantas são empregadas coin o mesmo fim. Várias espécies de mandioca e também a comum e tóxica *Manihot utilissima* Pohl., são empregadas pelos sertanejos da Bahia e de Pernambuco para pegar pombos e outras aves. Ultrapassaria os limites do meu relatório de viagem se quisesse incluir todas as plantas medicinais encontradas durante a viagem pelas províncias de Bahia, Pernambuco e Piauí. Só citarei ainda os seguintes remédios caseiros de frequente uso no interior: marianinha (*Commelina* sp.) e boaninha contra reumatismo; alecrim-do-campo (*Lantana microphylla* Mart.), estimulante; camaral e maria-preta (compostas), emolientes; *Lycopodium hygrometicum* Mart., afrodisíaco; manacá (Piso), cangambá, jaraticaca, mercúrio-vegetal, *Franciscea uniflora* Pohl., em mordedura de cobra; mucuná (*Stizolobiu murens* P.), vermífugo.

III – A fundação da Capitania, agora província de Pernambuco, a princípio Pernambuco, erradamente *Fernambuco*, remonta aos incíos da colonização do Brasil. Duarte Coelho Pereira, o primeiro donatário, estabeleceu-a, no ano de 1535, na foz do rio Iguaraçu; e começou, logo em seguida, a edificação de Olinda, antes capital da capitania.

Os índios da tribo dos caetés, que habitavam as costas dessa região, e os tupinambás, que viviam mais para o interior e para o norte, foram em parte aproveitados e em parte rechaçados mais para dentro, sobretudo pelas guerras praticadas por seu filho, o conquistador Jorge de Albuquerque Coelho, e, assim, a colônia floresceu rapidamente. Recebeu muito auxílio da mãe-pátria, e particularmente o feliz resultado do cultivo da cana-de-açúcar determinou rápido incremento da população. As lavouras limitaram-se, entretanto, à vizinhança da costa e ao longo dos rios, e, quando muito, quinze léguas terra adentro. No interior, no sertão, que por suas condições físicas mais se presta à criação de gado, fundaram-se só aos poucos, e mais tarde, fazendas espalhadas. No ano de 1595, apoderou-se *James Lancaster*, um corsário da cidade de Olinda, num assalto audacioso e carregou onze navios com os despojos. Mais profunda ferida lhe deixou a invasão dos holandeses (1630), que conservaram a capital, assim como as terras costeiras próximas e a maior parte das vizinhas capitanias do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, até ao tratado de paz em 1661. Neste ínterim, foram essas terras o cenário de devastadora guerra, com alternados sucessos. Todavia, especialmente o muito empreendedor Príncipe *Maurício de Nassau*, sob cuja direção os interesses dos holandeses tomaram o mais feliz progresso, deixou muitas instituições úteis, como fortificações e vários edifícios. Também o modo de preparar o açúcar ganhou com o governo dos holandeses. O comércio da província com a mãe-pátria,

depois do restabelecimento da independência de Portugal, foi explorado e protegido por uma companhia por ações, a qual, na verdade, foi suprimida (1721), porém mais tarde foi restabelecida com redobrada energia por Pombal (1759). Esta companhia, assim como a Companhia do Grão-Pará e Maranhão, instituída quase ao mesmo tempo, imprimiu vantajoso influxo tanto no comércio como no progresso da lavoura e no povoamento. A plantação da cana-de-açúcar tomou considerável incremento, e, nos últimos decênios do século precedente, também o cultivo do algodão se estendeu por grande parte do interior que lhe é favorável. No ano de 1676, foi criado um bispado próprio em Pernambuco, assim como no Rio de Janeiro e no Maranhão, que não se limitava às fronteiras da capitania, mas se estendia além sobre uma parte de Minas Gerais e sobre Goiás.

A alta jurisdição para Pernambuco, assim como para as províncias setentrionais, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, é dispensada pela Relação da Bahia.

Antes das recentes delimitações, incluía-se na província de Pernambuco o extenso território ao sul do *rio Goiânia* até ao *rio São Francisco*, cuja margem esquerda forma o limite com a Bahia e com Sergipe d'el-Rei e ao norte do *rio Carinhanha*, um afluente deste último, até ao divisor de águas entre o *rio São Francisco*, o *Tocantins*, o *Gurgueia*, o *Piauí* e o *Canindé*. Recentemente, a parte sudeste, que formava a comarca das Alagoas, foi separada constituindo província independente.

Segundo a relação do Sr. Adriano Balbi, a província de Pernambuco, que compreendia as províncias de Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, nos anos de 1821-1822, tinha a seguinte população:

Branços		109.000
Índios		4.000
Gente livre de cor	67.000	
Gente escrava de cor	28.000	95.000
Pretos livres	36.000	
Pretos escravos	495.000	531.000
		<hr/> 739.000

Parece, entretanto, muito exagerado o número dos escravos.

A *cidade do Recife* compartilhava antigamente, com a vizinha cidade de Olinda, do direito de ter em sua sede o governador da província. Acentuando-se a decadência desta última cidade que começou com a ocupação dos holandeses, Recife ficou para sempre a sede do governo e das autoridades

financeiras e administrativas, do ouvidor, e do juiz de fora. Tem um ginásio, seis conventos e hospícios, um magnífico palácio episcopal, um hospital e um leprosário. Os três bairros da cidade estão ligados apenas por pontes. O bairro do Recife, a leste, é principalmente consagrado ao comércio; nele se acham os armazéns e lojas e a alfândega. Está edificado na ponta mais meridional de um promontório estreito, arenoso, defendido por diversos fortes. Entre ele e a terra firme está o segundo quarteirão, o bairro de Santo Antônio estendido numa ilha. Acham-se neste o antigo prédio dos jesuítas, agora residência do governador, e muitas casas grandes e vistosas. O terceiro bairro, da Boavista, estende-se em terreno desigual pela terra firme, e ali reside principalmente a gente de ofícios e outros, cujo trabalho não tem ligação com o porto. Também ricos negociantes ali têm as suas residências, circundadas de jardins e gozando de ar puro. Esta parte da cidade está sempre crescendo.

O porto de Recife é formado pelo penhasco, que deu o nome ao lugar, e estende-se quase paralelo ao continente perto da cidade. A abertura no recife, pela qual se entra, é estreita, e exige a máxima cautela. O porto é dividido em duas partes por um canal pouco profundo. Ao sul, o porto do Mosqueiro, mais próximo do bairro do Recife, presta-se a acolher navios menores; ao norte, o Poço é destinado aos navios grandes. Para o primeiro entra-se pelo lado sul da abertura do recife; para o último, pelo lado norte. Navios de calado de mais de quatorze pés, permanecem para maior segurança a meia milha marítima ao norte da entrada do porto. A preamar, entre 12 e 1 hora, na lua cheia e na lua nova, sobe aqui de quatro a cinco pés. Então costuma soprar vento do mar, que o toca para dentro, mas raramente dura mais de algumas horas. Recife é, incontestavelmente, depois do Rio de Janeiro e da Bahia, o mais considerável empório do Brasil. Os navios, que daqui saem anualmente para a Europa e América do Norte, montam a 150. Recife exporta todos os artigos brasileiros, porém especialmente algodão, açúcar, melado, aguardente, couros de boi e de cabra, fumo, cocos, ipecacuanha, bálsamo de copaíba, pau-campeche, pau-brasil e pau-amarelo. O algodão de Pernambuco distingue-se por sua finura e pureza, e é classificado no armazém de depósito (o Forte do Mato) por especial inspeção. Só as duas melhores qualidades podem ser exportadas. A exportação anual de algodão é avaliada em 80.000 sacos. Como se sabe, também na Europa é especialmente estimado o algodão pernambucano. Para o seu cultivo, melhor purificação e enfardamento, merece especial elogio Manuel Arruda da Câmara (Ver a sua *Memória sobre a cultura dos algodoeiros*, Lisboa, 1799, in 4º).

As marcas das qualidades de açúcar diferem, de certo modo, das da Bahia; são as seguintes:

- B. F. (branco fino).
- R. F. (redondo fino).
- B. R. (branco redondo).
- R. B. (redondo branco).
- B. B. (branco baixo).
- B. I. (baixo inferior).
- M. M. (mascavado macho).
- M. R. (mascavado retame).
- M. B. (mascavado branco).

Os preços fixos dessas marcas, correspondentes às da Bahia, são inferiores em cem réis aos dali. Os direitos de exportação, para as primeiras seis qualidades, são de 60 réis por arroba, sobre os três últimos, 30 réis por arroba. O açúcar pernambucano quase iguala o da Bahia em dureza e aspereza do grão e em secura, mas é superado nessas propriedades pelo chamado “açúcar de campos”, à melhor qualidade do Brasil, que é o exportado de Campos dos Goitacases pelo Rio de Janeiro. Olinda, situada uma hora ao norte de Recife, numa elevação, à margem do Beberibe, está agora em plena decadência. Os quatro conventos com ricos donativos, e o seminário episcopal, dotado de grande biblioteca, um Jardim Botânico etc., caracterizam a cidade, como lugar especialmente votado aos estudos, e, de fato, muitos homens distintos aí se formaram. O pernambucano destaca-se especialmente pela vivacidade do espírito, pela rápida percepção, por grande desembaraço na linguagem e pelo dom da poesia. Entretanto, a história dessa província cita muitos exemplos de perturbações civis, que se devem atribuir não tanto a esclarecimento e educação científica, relativamente maiores, quanto a reivindicações presunçosas de certas famílias ricas e poderosas, que se atribuem grandes méritos na libertação do Brasil do jugo dos holandeses, e a aplicação leviana de ideias políticas mal-entendidas.

A *província das Alagoas*, antigamente parte da província de Pernambuco, é de especial importância pela fertilidade das suas terras, que além de dispor dos mesmos produtos que as províncias vizinhas, também possui altas florestas, abundância em excelentes madeiras, para construções navais. A capital, cidade de Alagoas¹, está situada na margem sul da Lagoa Manguaba, e todo o litoral da província, exceto o ancoradouro de Jaraguá, não oferece abrigo seguro para grandes navios.

1. Hoje Marechal Deodoro.

Açúcar e fumo, este último de superior qualidade, são os principais artigos de exportação. Também aqui diminuiu recentemente a produção do fumo, e cresceu a do açúcar. Atribui-se isto, não só à baixa no mercado da África, mas também a circunstância de por muito tempo permanecer às vezes o fumo, já vendido aos negociantes, nos armazéns oficiais, antes de ser embarcado, causando com isso a sua deteriorização; também só as melhores qualidades são aprovadas, e o comércio das folhas soltas é explorado diretamente pelo governo, que as remete para Goa e Macau. – A *província da Paraíba*, situada ao norte da de Pernambuco, tem a maior semelhança de clima, natureza do solo e produção. O comércio da cidade de Paraíba² é considerável; contudo, só podem vir rio acima pequenas embarcações pelo Paraíba, três léguas de distância da costa. Os navios grandes ancoram no intervalo entre as duas fortalezas que defendem a embocadura, numa profundidade de 15 pés, ou fora da barra, com seis a sete braças de fundo.

Também as duas províncias setentrionais, Rio Grande do Norte e Ceará, são idênticas nas suas condições físicas à de Pernambuco. A capital da primeira, a cidade de Natal, é a mais insignificante entre as cidades da costa ao norte do Brasil (“Cidade – não há tal”, dizem os vizinhos). Esta a margem do Rio Grande, antigamente rio Potengi, que permite a entrada de navios até 150 toneladas.

A extensa costa do Ceará não dispõe de portos adequados para grandes navios. A vila de Aracati e a capital, a cidade de Fortaleza, são as mais importantes praças de comércio.

IV – Pesquisas seguidas sobre a diferença entre os chamados *campos agrestes* e *campos mimosos*, futuramente fornecerão resultados interessantes para a geologia e a geografia. Entretanto, será conveniente citar aqui as gramíneas que me pareciam particularmente frequentes nos campos *mimosos*: *Paspalus complanatus*, *extenuatus*, *scutatus*, *Trichachne recalva*, *tenuis*; *Panicum papophorum*, *chloroticum*, *milioides*, *calvescens*, *flavum*, *colonum* (este último pertence a quatro continentes); *Vilfa arguta*; *Calotheca barbata*; *Cenchrus elegans*; *Pappophorum mucronulatum*; *Chloris compressa*; *Gymnopogon foliosus*, *mullis*; *Chaetaria setifolia*, *gibbosa*, *capillaris*; *Anatherum holcoides*; *Schedonorus spicatus*, etc. Os campos agrestes, que ocupam o Piauí baixo, e aparecem com caráter muito semelhante também entre as matas das províncias de Maranhão e Pará, se distinguem sobretudo por formas frequentes aparentadas ao gênero *Andropogon*. A eles pertencem mais ou menos exclusivamente: *Cynodon pascuus*; *Chaetaria spadicea*, *canariensis*, *divaricata*, *elliptica*; *Diectornis fastigiata*; *Trachypogon ligularis*, *rufus*, *scrobiculatus*; *Antheria humboldtii*; *Eragrostis ciliaris*, etc.

2. Hoje João Pessoa.

V – A história da província do Piauí remonta apenas ao ano de 1673, quando Domingos Afonso partiu da sua Fazenda Sobrado, sita no rio São Francisco, e penetrou na terra vizinha, tanto para ali fundar criações de gado para si mesmo, quanto para conter os índios daquele distrito, que às vezes o incomodavam. Estes índios foram, na mesma época, perseguidos por um paulista belicoso, Domingos Jorge, que capturava índios para vendê-los como escravos. Estes dois empresários reuniram-se para se apoderar do território dos poucos habitantes primitivos, achando-o muito apropriado para o estabelecimento de suas fazendas de criar gado. Até que distância o primeiro estendeu suas colônias no distrito recém-conquistado, já foi antes mencionado (págs. 367/8). Quase na mesma época foi também colonizado o território por Pernambuco e Maranhão, e a importância dele para as províncias vizinhas, para onde em breve eram levadas as suas boiadas, cresceu tão rapidamente, que, já no ano de 1718, foi declarado capitania; esta, entretanto, a princípio, foi adjudicada, no que se refere à administração, à capitania do Maranhão; quanto aos negócios da justiça, à da Bahia; e, nos assuntos espirituais, à de Pernambuco. As tribos indígenas, que viviam na província ao tempo da primeira colonização, andavam repartidas em pequenas hordas e passavam de uma colônia a outra, pescando nos rios e nas lagoas piscosas. Faltando aqui extensas matas altas, o seu modo de vida era diverso do dos índios vizinhos do Maranhão e de Goiás. As primitivas tribos da província são os geicós (iahycos, iaicos), na parte ocidental; os pimenteiras, os acroás (acroazes, armazes) e os gogués (gougués), ao sul e sudoeste; e os timbiras, a noroeste do território. Com eles vivem muito espalhados nas terras recém-colonizadas, com a exceção dos timbiras, não foi difícil torná-los inofensivos, enxotá-los das colônias, ou mesmo domiciliá-los em regiões distantes de suas terras nativas. No ano de 1762, foi a província declarada independente, tendo-lhe sido dada, dois anos antes, a guarnição de uma Companhia de Dragões, e daí em diante teve o seu próprio governador.

Apesar de ser extremamente escassa essa população, em vista da extensão do território, tem a província do Piauí renda bastante considerável, uma média anual de 160:000\$000 até 170:000\$000 (no ano de 1821, 165:959\$809). As dívidas são insignificantes, e podem ser resgatadas anualmente. A mais importante fonte de renda da província procede da criação do gado, pois do corte de cada boi, de cada pedaço de pele, de cada couro e de cada arroba de carne seca ou salgada exportada, cobra-se um imposto de não pequena importância.

Era a população da província do Piauí no ano de 1819, segundo dados oficiais:

Branços	11.671
Pretos	21.526
De cor	38.173
Total	71.370

.....

Capítulo III

VIAGEM DE OEIRAS, PASSANDO PELA VILA DE CAXIAS,
A SÃO LUÍS, CAPITAL DO MARANHÃO

OS HOSPITALEIROS HABITANTES de Oeiras haviam-se esforçando por provar-nos a sua simpatia com abundantes presentes de provisões de boca, de sorte que somente com uma tropa duas vezes maior, poderíamos carregar toda a nossa provisão de carne fresca e salgada. Devido à grande fartura de gado na província, explica-se a praxe de levar-se a porta do viajante um belo boi, e deixar que ele se utilize, muito ou pouco, do presente assim oferecido. Passamos a primeira noite a uma légua apenas da cidade, no cume de Olhos-d'Água. Esta montanha, pela qual passa uma estrada íngreme, mal aplainada, conteria bastante ouro nos filões de quartzo que atravessam o grés; os habitantes, entretanto, já abandonaram desde muitos anos qualquer tentativa de busca. Também todas as outras minas de ouro da província, que foram descobertas pelos aventureiros paulistas na época da conquista dessas terras, nunca mais, desde aí, foram exploradas. Ademais, talvez a semelhança das formas das plantas com as de Minas Gerais indique que também nesta região existe o precioso metal, embora em muito menor quantidade. A 12 de maio, atravessamos, perto de Inhumas, a sete léguas de Oeiras, o rio Canindé, que ainda é sem importância aqui. Esta zona tem a mesma feição como até

agora; contudo, são sempre mais numerosas as lagoas nas vargens, e ao lado das carnaubeiras aparecem os buritis e as ouricuris (*Mauritia flexuosa* L. e *Attalea compta* M.), reunidas em extensos bosques, imprimindo à paisagem, por vezes, um aspecto tão característico, quanto majestoso. Assim foi que encontramos principalmente a região situada entre as fazendas reais de Gameleira e Mocambo, onde em forma de degraus, montanhas de grés, mais ou menos cúbicas, se elevam íngremes, achatando-se no alto, em chapadas, que dominam vastos vales, cujo verde-acinzentado se destaca de modo surpreendente do colorido avermelhado da pedra. Nesse caminho, foi-se acentuando cada vez mais quanto diverge a parte mais alta do Piauí, pela vegetação do mimoso, do baixo Piauí, no qual predomina, por toda parte, a vegetação do agreste. Rodeamos, à esquerda, a isolada Serra do Mocambo, e seguimos por diversas vargens e encostas desta montanha, onde vadeamos alguns cristalinos córregos, e muitas vezes a custo, avançamos nos caminhos pantanosos, através de frescas matas. No grés, apareciam não raro grandes pedaços erráticos de ágata muito bonita. Nem sempre, ao anoitecer, encontrávamos alguma fazenda, e éramos forçados a dormir ao relento. Como sempre tropejasse quase todas as tardes, ou tarde, antes da meia-noite, desde quatorze dias, o nosso estado febril foi sempre piorando com os constantes resfriados, devidos à chuva. A 15 de maio, galgamos a montanha de grés, serra de São Gonçalo¹ que se eleva a uns 400 pés de altitude; do outro lado dessa serra, fomos dar com o pequeno arraial do mesmo nome, um quadrado de palhoças baixas em volta de uma capela em ruína, e sede de uma colônia de índios. Cinquenta anos antes, sob o governo de João Pereira Caldas, avô do capitão-mor de Oeiras, João do Rego Castelo Branco havia batido diversas tribos, que para os colonos, isolados na região oeste da província, se tornavam então perigosas com as suas frequentes invasões. Os vencidos 1.500 em número, capturados, foram, segundo o costume, reunidos em aldeias, longe de seus pousos nativos. Os geicós foram aldeados na freguesia de Nossa Senhora das Mercês, a oeste de Oeiras; os timbiras, acuras e goguês foram reunidos em São Gonçalo do Amaranthe. Estes três últimos gentios são designados pelos sertanejos com o nome comum de gamelas. Encontramos apenas um pequeno resto desta colônia, antigamente importante; segundo a nota do vigário, constava apenas de umas 120 pessoas e mesmo estas nem todas de origem sem mistura. Certas doenças, especialmente as bexigas, haviam dado cabo de muitas; outros já desde muito

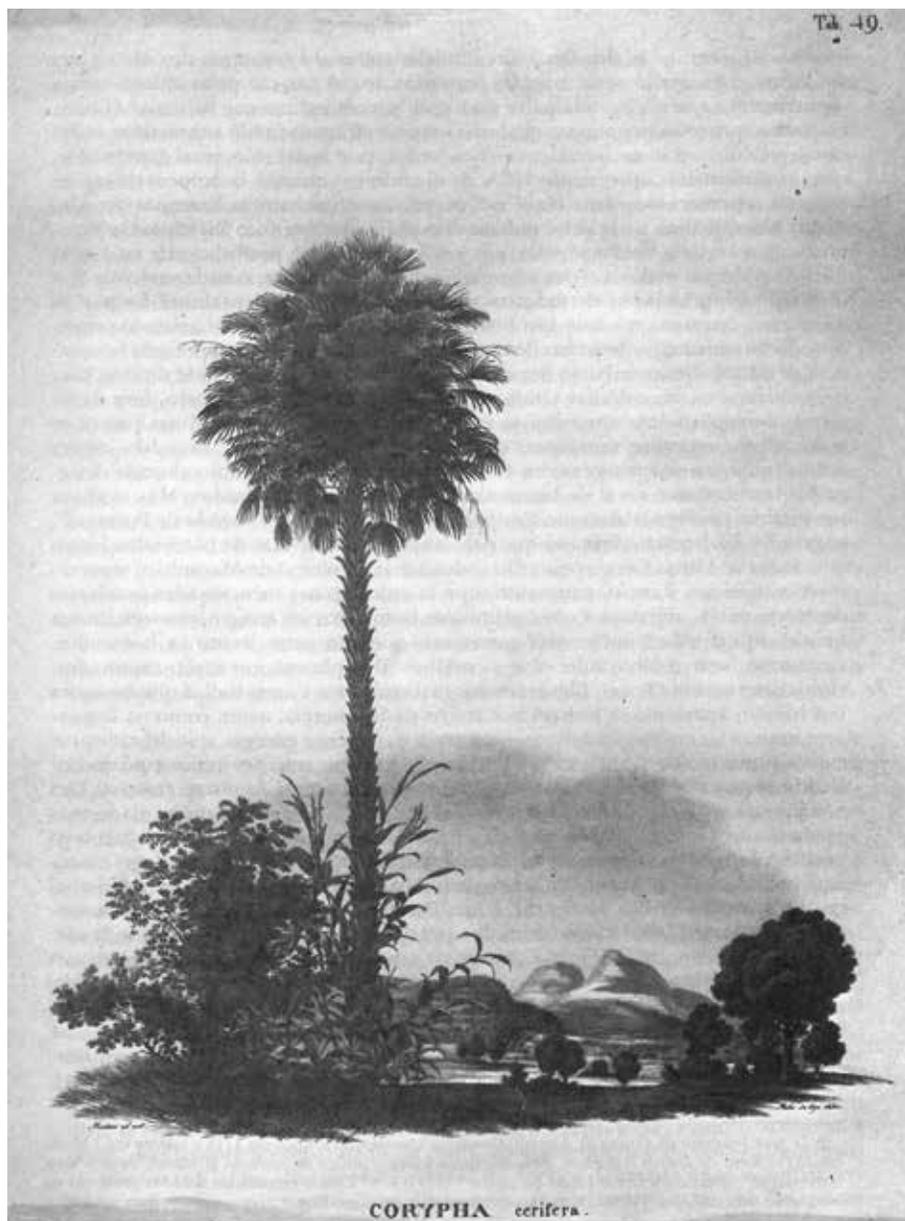
tempo tinham regressado a sua terra natal. O aspecto infeliz dos poucos índios, que vagavam aqui em sonhadora inércia, a falta de asseio e ordem nas pobres choças, assim como a falta de uma direção apropriada confiada agora a um soldado alcoólatra, – reforçaram também aqui a nossa convicção de que se deve considerar só rara exceção uma feliz tentativa de colonizar indígenas. Essa convicção é tanto mais dolorosa ao filantropo, porque essas experiências de colonização quase sempre custam o sacrifício de muitas vidas humanas. Quando se resolve estabelecer numa colônia uma tribo de índios, quer para torná-los inofensivos, quer para torná-los úteis ao Estado, isso quase nunca acontece sem prévia guerra, cuja consequência é a submissão da tribo. Para esse fim, são formadas bandeiras de tropas de linha e de voluntários; o Estado fornece-lhes armas e munições, e os lavradores armazenam provisões, que para as grandes expedições precisam ser carregadas durante meses. Às vezes, tocam-se boiadas na retaguarda da bandeira. As tropas raramente fazem a entrada no intuito de dar combate franco; antes procuram assaltar de surpresa os índios, nos solitários e espalhados núcleos de malocas. Se a expedição é bem sucedida, obrigam-se os vencidos a reconhecer a soberania de Portugal e a se estabelecerem, sob a proteção do rei, entre os brasileiros. Assim, a tribo ou os membros dela que se renderem diante da superioridade do adversário, abandonam o seu pouso e são reunidos numa aldeia, em geral distante de outras povoações brasileiras, onde ficam sob a inspeção de um diretor, nomeado pelo governo, por vezes conservando o principal, escolhido no seu meio; devem trabalhar na lavoura, e ser instruídos na fé cristã por um eclesiástico. Que frutos produzirá tão violenta operação, não é difícil prever. Exige-se do índio imediata renúncia a todos os seus hábitos, tendências e costumes nativos, e ainda mais respeito às leis e a uma religião que ele desconhece. A consequência imediata é que os mais resolutos combinam entre si escapar, logo que lhes seja possível, ao intolerável constrangimento, e os restantes permanecem como estranhos, sem se assimilar no meio dos brasileiros, e se vão degenerando física e moralmente numa vida ambígua, tristíssima. Só por meio de grande força moral se poderia esperar qualquer mudança favorável nesses desfavorecidos filhos das selvas; mas de tal energia só raramente dispõe o inspetor, ou o sacerdote. Desta sorte, ficam esses recém-chegados entregues a si mesmos,

1. Hoje Amarante.

perderam o seu primitivo modo de vida, sem receber ensino ou força para vida melhor, e perdem finalmente, na ociosidade e na bebedeira, a pouca força de alma que possuíam, enquanto viviam independentes nas matas. É extraordinário como essa falta de desenvolvimento espiritual reage no organismo, como os índios tão rapidamente contraem as doenças dos europeus, sem desenvolvê-las, como decresce a fecundidade das mulheres, e como degenera e se debilita a constituição robusta e resistente dos aborígenes americanos. Esse triste resultado das tentativas de colonização pelas aldeias, como o observamos quase por toda parte no Brasil, parece indicar que há maior eficiência noutro processo, segundo o qual não se concentram os índios submetidos, e sim são repartidos entre os fazendeiros. Isto se fez, por ordem do atual governador, com os pimenteiras, que, desde 1775, de quando em quando irrompem da região entre as nascentes dos rios Piauí e Gurgueia, e disturbam as fazendas do Alto Piauí. Antes, já uma parte deles tinham sido obrigados por José Dias Soares a reconhecer a soberania de Portugal, e esses se estabeleceram pacificamente na lagoa do Sal; porém a maioria deles vagueia ainda independente, e os fazendeiros têm o direito de apoderar-se de todos os que apanharem, e podem utilizá-los por 10 anos como escravos ou vendê-los. Esse procedimento está de acordo com os princípios declarados legais no início do corrente século contra os antropófagos botocudos, de Minas Gerais e Porto Seguro. Foram eles, então, em virtude de suas bárbaras incursões nas colônias vizinhas, declarados inimigos do Estado, fora da lei e, quando capturados, tomavam-se escravos; e, assim como em Minas contra os botocudos, fizeram-se numerosas entradas em Goiás, Piauí e Maranhão contra índios inimigos, das margens dos Rios Tocantins e Mearim, habitualmente designados com o nome geral de botocudos, e igualmente escravizados. Mas, embora um escritor português (Azeredo Coutinho, *Ensaio sobre o comércio de Portugal*, págs. 61 e 67)² tenha afirmado que pelo ano de 1758 hordas de botocudos foram enxotadas de Minas Gerais pelos coroados até às fronteiras do Maranhão, segundo diversas notícias, é certo, entretanto, que as entradas nas mencionadas

2. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho nasceu em Campos em 1743 e faleceu em Lisboa, em 1821. Além de outros trabalhos, dois dos quais sobre o tráfico de escravos africanos, deixou uma interessante *Memória sobre o preço do açúcar* (1791) e o *Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal e suas colônias* (1794). (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

províncias do Norte não se referiam a esses primitivos botocudos (os antigos aimorés), mas a muitas outras tribos numerosas guerreiras, que, em parte, como os botocudos, costumam furar o lábio inferior e as orelhas. Dos pimenteiros assim capturados, vimos diversos em Oeiras. Eles eram dos mais robustos e ágeis índios que até agora nos haviam aparecido, e tinham nos traços da fisionomia, assim como na linguagem muito rica em sons palatinos, uma certa franqueza e energia, que debalde procuramos nos índios aldeados em São Gonçalo de Amarante. Os índios aqui encontrados pertenciam às tribos dos goguês (*gueguês*) e acroás (*acroazes, aruazes*). Eles nos foram acessíveis por meio do principal Marcelino, homem de muita idade, mas ainda muito ativo, e que não parecia de pura origem indígena, senão ter também mistura de sangue etiópico, e havia assistido à entrada de João do Rego contra aqueles índios. Os goguês habitavam e habitam ainda entre a parte mais meridional do rio Parnaíba, o rio do Sono e o rio Tocantins, chamado por eles Cotchauborè. Já no ano de 1765, estavam reunidos 400 deles numa aldeia, São João de Sende, nove léguas ao norte de Oeiras. Vivem os acroás mais ao norte dos precedentes índios, entre o rio das Balsas, o Parnaíba e o Tocantins. Dividem-se em duas hordas os acroás-açus, e os acroás-mirins, isto é, os grandes e os pequenos; falam, porém, a mesma língua, que pouco diverge da dos goguês. Os acroás-mirins, até agora, ainda não foram subjugados. Os índios destas duas tribos são menos bravios e guerreiros do que os seus vizinhos setentrionais, os timbiras (*imbiras, embiras*), nação muito espalhada pelo sertão maranhense. Segundo as informações do velho Marcelino, servem-se essas tribos indígenas, como armas, do arco e da flecha, que eles às vezes envenenam. Sustentam-se da caça e da pesca e são avessos à agricultura. Para atravessar o Tocantins, eles não se servem de canoas, cujo uso lhes seria quase desconhecido, mas de jangadas feitas com troncos da palmeira buriti. Não são antropófagos, e os seus prisioneiros de guerra são empregados nos trabalhos servis. Segundo uma antiga lenda desses índios, Deus, no começo do mundo, construiu uma alta casa até o céu, por cujo desmoronamento surgiu a variedade de animais e nações. Marcelino declarou, além disso, que eles têm ideia, embora vaga, de um ser supremo, bondoso, para o qual apelam nos momentos de angustia e perigo, de mãos elevadas e apertadas, ajoelhados ou atirados ao chão. Também reconhecem o demônio, o principio do mal. Foi-me impossível descobrir até que ponto o nosso informante intercalava, nessa narração, ideias do Velho Testamento.



Entre a serra dos Dois Irmãos e Oeiras (Martius Genera et species palmarum).

Em São Gonçalo de Amarante, encontramos um pedestre que pediu licença para fazer a viagem a Caxias na companhia de nossa tropa. Era um homem, como parecia de pura origem europeia, e de idade avançada, cujo aparecimento a pé, sem bagagem e sem companheiro, nessas inóspitas terras, nos pareceu muito estranho. Em toda a sua mímica percebia-se a expressão de um terror imenso, que lhe tinha perturbado o juízo. Observando-o mais atentamente e combinando as palavras isoladas que deixou escapar, como demente, depreendemos, enfim, que o desgraçado, cidadão da Bahia, numa viagem de mar para o Maranhão, havia naufragado e visto a sua mulher afundar nas ondas, e a filha ser engolida por um tubarão. De modo que ele próprio ignorava, como se perdera entre a costa e esta região. A horrorosa provação havia-lhe tão fortemente abalado o espírito que, às vezes, no meio da noite, nos acordava com seus gritos assustadores. Essa tétrica companhia, que por humanidade suportamos, foi de certo modo a introdução aos indescritíveis transe pelos quais íamos nós mesmos agora passar, ao piorar o nosso estado doentio.

A 16 de maio, desviei-me da estrada para entrar na vizinha mata virgem, onde observei, nas paredes de uma rocha de grés amarelo, espessas eflorescências de certa matéria salina, que o exame químico revelou ser rica de salitre; e eu estava justamente convencendo o fazendeiro, em Coité, onde tínhamos pousado, que pela exploração dessa substância poderia fundar uma importante fonte de renda, quando senti surgir em mim violento acesso de febre, que em breve me prostrou quase sem sentidos. Um vomitório foi debalde empregado para cortar-me a febre. Com grande esforço, continuei a viagem a cavalo, lutando sempre contra a febre por espaço de dois dias, de passagem pelas fazendas de Buriti e de São Pedro, até a de Todos os Santos. O mais aflitivo mal-estar, violentos vômitos e fraqueza quase mortal, obrigavam-me a apear de quando em quando, e, estendido a fio comprido no solo, descansar. Ao mesmo tempo, adoeceu do mesmo mau um dos nossos criados, de sorte que nos vimos na triste contingência, prevista com receio, de ficar naquela última fazenda. Durante os acessos de febre, eu delirava tanto, que o dr. Spix, que me dedicou os mais zelosos cuidados, julgou tratar-se de febre nervosa; entretanto, parecia que pelo descanso aqui, a doença tomou outro rumo, porque, após alguns dias, se declarou com os característicos da febre intermitente, vindo o acesso só à

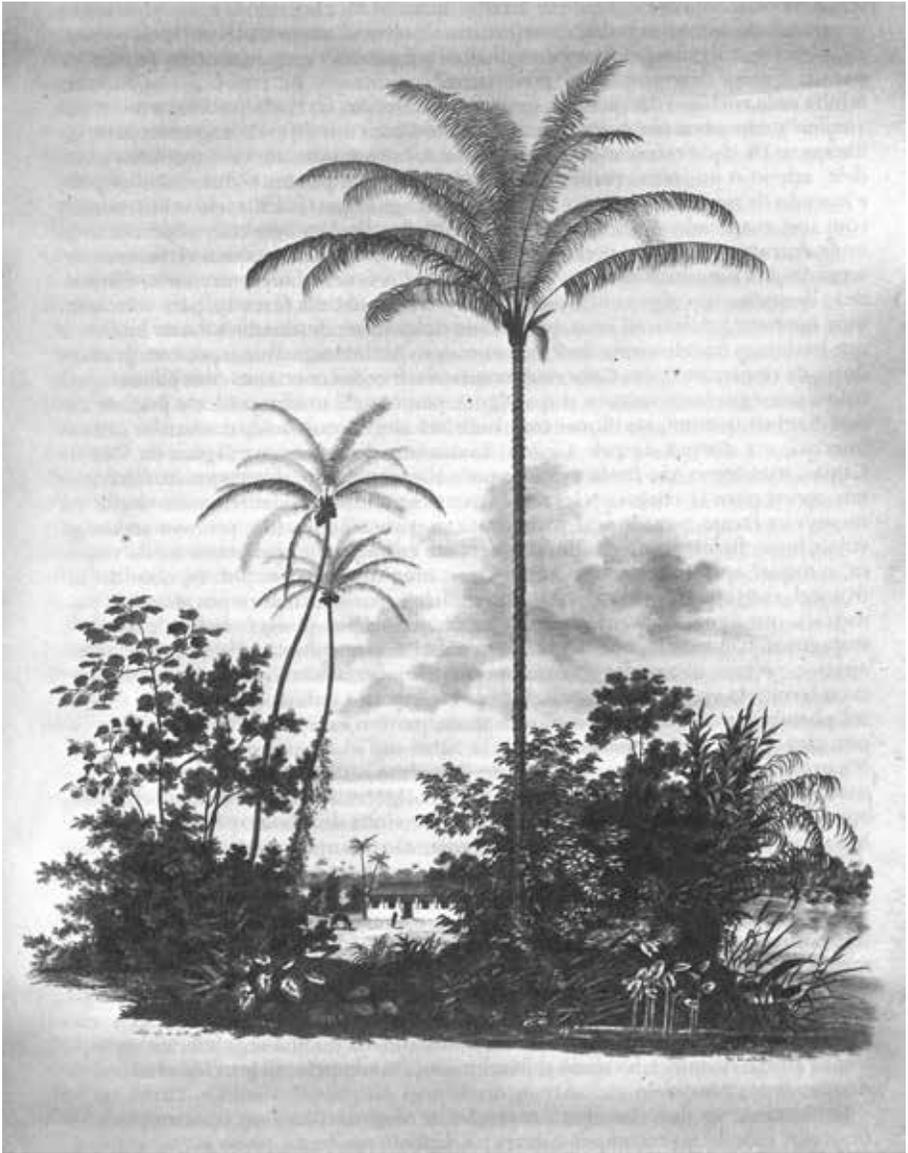
tarde, mas sempre acompanhado de confusão dos sentidos e de uma extraordinária fraqueza. Não foi tão favorável o curso da doença do criado, que, nas mais terríveis convulsões, trismo e delírio, e provavelmente apoplético, faleceu no quarto dia. Para completar a série de males, adoeceu também o meu fiel companheiro, pois algumas horas depois de um banho, que tomou num açude raso, todo o seu corpo se cobriu de dolorosos tumores, que logo se inflamaram. Nessas circunstâncias, pareceu mais razoável deixar este lugar insalubre, situado no meio de palmeirais tímidos, e seguir o mais depressa possível para Caxias. Como estivéssemos fracos demais para nos aguentar na sela, contratamos uns pretos escravos das fazendas vizinhas, para nos carregarem em redes suspensas em varas. Indizíveis foram os sofrimentos morais que padecemos nesse trecho, ambos desamparados e impotentes de assistir-nos mutuamente, atormentados pela mais cruel incerteza do futuro, de nós mesmos e dos resultados científicos de nossa viagem, martirizados por dores físicas.

Assim alcançamos, junto da fazenda Sobradinho, o rio Parnaíba, o mais importante curso de água entre o rio São Francisco e o Tocantins, e que, no seu extenso percurso, forma a fronteira entre as províncias do Piauí e Maranhão. Correm as suas águas turvas, amareladas, por entre margens de suave declive, cobertas de densas moitas numa largura de cerca de 200 pés. Embora contaminado fortemente por matérias terrosas e pútridas, fornece, entretanto, a única água potável aos moradores, que, por esse motivo, são sujeitos a constantes febres intermitentes. Também os nossos serviçais, que, para vigiar a tropa, passaram uma noite à margem do rio, imediatamente sentiram os nocivos efeitos de suas emanações. Nas numerosas fazendas, que se veem ao longo das margens, rio acima, longe da direção S.O., e onde antigamente se cuidava quase exclusivamente de criação de gado, cultiva-se hoje muito algodão. O rio corre bastante rápido, mas sem cachoeiras, vindo da parte sudoeste da província do Piauí, em geral através de terreno pantanoso coberto de matas virgens e brenhas de arbustos, ou com bosques de carnaubeiras e buritizais. É bem conhecido dos brasileiros só até a foz do rio das Balsas, pois as regiões mais acima estão quase sem colonização, e são habitadas apenas por tribos errantes das nações dos acroás e dos goguês. Rio acima, e navegado em canoas; rio abaixo principalmente em balsas, feitas com troncos de palmeira buriti. É

regular o seu leito, e favorável para a navegação de embarcações, carregadas com 300 a 500 quintais. O principal comércio, feito nesse rio com peles de boi, couro, carne salgada, fumo e algodão, explora-o a vila de São João da Parnaíba, situada a quatro léguas distantes de sua foz, único porto de mar da província do Piauí, e praça que ainda tomaria maior importância para o comércio, se dispuser de melhor ancoradouro. Lança-se, porém, o rio no mar por seis bocas, e apresenta fundo desigual, de duas a quatro braças, no qual, mesmo as sumacas e outras pequenas embarcações, só com o preamar, podem alcançar a vila.

A passagem do rio Parnaíba é aqui, como em Juazeiro, arrendada pelo governo. Paga-se apenas pequena quantia, e a bagagem do viajante, transportada numa barca de passagem, não está sujeita a direitos de entrada. Chegados à margem setentrional, achamo-nos na província do Maranhão; mas, só seis léguas adiante, na fazenda Sucuriú, encontramos um funcionário do governo na pessoa do comandante, que, penalizado por nosso desamparo, nos tratou com extrema bondade. A sua boa vontade, contudo, quase era funesta para o meu companheiro. Ele recomendou, para alívio das dores que lhe causava a inflamação dos tumores, um unguento que, no estado de semi-inconsciência, foi empregado descuidadamente. Ao meio-dia partimos da hospitaleira casa, e prosseguimos a marcha até alcançarmos um telheiro – Perdido – três léguas adiante, de onde os escravos alugados deviam voltar no dia seguinte. Escurecia a tarde quando ali chegamos; e, mal havíamos dependurado as nossas redes, desencadeou-se terrível tempestade. A chuva torrencial penetrava ligeira o teto de folhas, a tempestade apagou a nossa fogueira e parecia querer derrubar sobre nós o frágil vigamento. Eu repousava apático na minha rede encharcada, quando, perto da meia-noite, o criado francês, o único fiel auxiliar nessa pavorosa noite, me sobressaltou com um grito de angústia; parecia-lhe que o dr. Spix estava morrendo. Quando, horrorizado, fui vacilante para junto dele, achei-o imóvel, o rosto de palidez mortal, com pontos endurecidos na pele, e atacado de terríveis espasmos abdominais. Logo se me fez a luz: ele se envenenara com uso exagerado do unguento saturnino! Era preciso agir com urgência; mas onde encontrar os meios nesta solidão, quando em torno de nós os elementos desencadeados tumultuavam com extremo furor? A necessidade, entretanto, é inventiva; despachamos alguns negros de volta à

mais próxima fazenda, para buscarem uma banheira; pulverizei uma quantidade de enxofre, destinado a matar insetos, e que havíamos trazido ainda do Rio, e ministrei-lhe internamente o pó, com grandes doses de tintura de ópio. Com esses recursos e fricções contínuas com panos aquecidos, consegui fazer voltar a si o amigo, e como, pela madrugada, ele pudesse tomar banhos quentes, verifiquei com indizível alegria que desapareciam as câibras internas, e a doença da pele sanada. Estávamos distantes nove léguas da vila de Caxias; mas como não havia escravos para o transporte do doente grave, faltavam-nos meios para lá chegar. Não restava, entretanto, outro alvitre, senão seguir eu mesmo na frente, para buscar socorro. Com o coração pesado, prometi ao amigo voltar logo; fiz-me içar a cavalo, duplamente enfraquecido pela cansa da véspera, e toquei apressadamente o animal no caminho solitário. Sob os raios do sol tropical, consumido pelo calor interno da febre, passei primeiro por extensos palmeirais, que agora estavam cheios de água, depois por diversas séries de outeiros matagosos, condenado, como Tântalo, a sofrer o tormento da sede, pois que, se me apeasse, receava não poder tornar a montar. Anoitecia, sem que eu tivesse alcançado o termo da viagem; e, quando subia uma íngreme colina, e os últimos raios do sol poente iluminavam uma região de mata, perdi o estreito trilho no meio do capim alto. Em breve, escureceu de todo; e achei-me só, doente e perdido no sertão. Na profunda apatia resultante do abalo dos últimos dias, procurava um lugar numa árvore baixa para apear-me, quando ouvi alguém assobiar, e ao meu chamado apareceu, agitando um archote, um negro que vinha de Caxias, pelo mato, àquela hora insólita, trazendo remédios. Esse guia, tão felizmente encontrado, pôs-me de novo na estrada, e, afinal, avistei as luzes da vila. Apeei-me à porta do juiz de fora, e pude ainda entregar ao digno Sr. Luís de Oliveira Figueiredo e Almeida as nossas cartas de recomendação; mas, nesse momento, pagou o corpo o tributo dos esforços dos últimos dias, e caí sem sentidos no chão. Voltando a mim, achei-me na cama, em um quarto bem mobiliado e diante de mim, a tratar-me, um homem que me falou em inglês. Era um médico português, formado em Edimburgo, e que, pouco antes, se havia estabelecido em Caxias. Graças a seus cuidados, não tardei a recuperar o bem-estar, e tive a felicidade, na manhã seguinte, de ver aqui o meu amigo doente, em estado sofrível, transportado pelos negros, que haviam sido mandados a buscá-lo.



Fazenda na margem do rio Itapicuru, no Maranhão
(*Martius, Genera et species palmarum*).

Se tivemos, no decorrer desta narração de viagem, não raro oportunidade de descrever momentos recompensadores e deliciosos em cenas, como as que acabo de contar, poderá o leitor ver o lado de sombra do quadro. Entretanto, o viajante que passa por tais dissabores no cumprimento do dever, também deles forma não só belo fundo de cenário para as recordações na velhice, como também mais alta confiança n'Aquele, cujo imperscrutável plano logo dispõe o socorro ao lado do perigo. A nossa saúde dia a dia foi melhorando em Caxias, graças aos cuidados que nos dispensavam o médico e o novo juiz de fora, Sr. Francisco Gonçalo Martins; este, embora tivesse partido da Bahia, por mar, muito depois de nós, já o encontramos aqui, para assumir a função de juiz, que em todo o Brasil e em geral exercida durante três anos, num mesmo lugar, pela mesma pessoa.

Caxias (Vila desde 1812), antigamente arraial das Aldeias Altas, é uma das mais florescentes vilas do interior do Brasil. Monta a 30.000 o número de habitantes do seu termo. Deve a sua prosperidade à cultura do algodão, explorada desde uns vinte e tantos anos, com afinco, em seu interior, e fomentada em toda a província pela Companhia de Comércio do Maranhão e Grão-Pará, assim como a atividade comercial de seus habitantes, entre os quais se encontram muitos europeus. Mais da metade de todo o algodão produzido na província é despachado daqui para a capital, e, nos últimos anos, o número de fardos embarcados em Caxias, cada um do peso de 5 a 6 arrobas, subiu a 25.000 e até 30.000, que, avaliando baixo, mesmo no interior, vale uns 1.650.000 ou 1.980.000 florins. Entre as qualidades de algodão do Brasil, só a de Pernambuco, na qual são incluídas as de Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, é superior à do Maranhão. A primeira é ainda mais cuidadosamente escolhida e beneficiada, sua fibra é um tanto mais fina, porém mais curta, e, portanto adequada especialmente para panos muito delicados, que não precisam possuir particular resistência. O algodão do Maranhão dá fios iguais, resistentes, alvos, que se prestam tanto para tecelagem de meias duráveis e finura média, como para chitas de cores variadas. Por isso, os fabricantes apreciam o algodão desta qualidade logo após o das ilhas marítimas da Geórgia, de Bourbon e de Pernambuco, e igual às melhores qualidades da Bahia, Caiena e Suriname e preferem-no muito aos algodões das Índias ocidentais, os outros norte-americanos, e às qualidades levantinas e das Índias orientais. Por esse mo-

tivo, a procura e exportação, principalmente para Liverpool, no tempo da nossa estada, tomaram incremento acima de qualquer proporção, o que se fez sentir pouco depois por uma paralisação das vendas. O algodoeiro do Maranhão pertence a uma das espécies que têm semente preta. Ainda não se descobriu se ele é especificamente diferente da espécie cultivada em Pernambuco (*Gossypium vitifolium* Lam.). Será talvez o *Gossypium purpurascens* ou *racemosum* Poir.? Os caroços são em geral nove numa repartição da cápsula; e estão cobertos, na metade da superfície, por comprido cotão, cujo branco puro só raramente amarelece por efeito das chuvas continuadas. A proporção da felpa para os caroços é maior, pois que, ao passo que quatro libras das sementes pernambucanas dão uma libra de algodão, obtêm-se quase o mesmo peso de três libras das sementes do Maranhão. O gênero do algodoeiro pertence àqueles, cujo cultivo está mais espalhado sobre a terra; encontra-se este não só em toda parte dentro dos trópicos, mas na América do Norte se estende até aos 40° de latitude; na Sicília (particularmente nas costas de Mazzara), até aos 38°; em algumas zonas de Nápoles e de Espanha, até aos 41°; e na mesma latitude se encontra na Ásia Menor, na Pérsia, China e Japão; no hemisfério meridional, prospera a apreciada planta na província do Rio Grande do Sul, do Brasil, segundo Aug. de Saint-Hilaire, até aos 31°; e mesmo no Cabo de Boa Esperança e em diversas regiões das recentes colônias de Nova Holanda, até latitude muito mais meridional. Estas considerações emprestam as notícias sobre o modo de cultivo um especial interesse, e seria oportuno citar os mais importantes dados sobre o cultivo do algodoeiro no Maranhão, e compará-lo com o de Pernambuco, cuja descrição devemos a um prático fazendeiro, Manuel Arruda da Câmara³. Têm-se como melhores regiões para cultivar o algodoeiro na província do Maranhão as vargens úmidas, onde crescem muitas palmeiras indaiás (*Attalea compta* Mart.). O solo é formado aqui, em grande parte, por uma argila preta misturada com fina areia quanzítica. Essas regiões são aqui chamadas como em Pernambuco, de vargens. Quando o solo já está previamente preparado por meio de roçadas e queimadas

3. “Memória sobre a cultura dos algodoeiros e sobre o método de escolher e ensacar o algodão” (Lisboa, 1799, in-8°).

das árvores e arbustos, no mês de janeiro, atiram-se na terra as sementes, 5, 6 e até 12 em cada cova de três a quatro polegadas de profundidade, distantes entre si cinco até seis pés, em geral sem ordem regular. Na Paraíba, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, onde o cultivo do algodoeiro é explorado com maior cuidado, enterram-se as sementes em sulcos longitudinais enxadrezados; isto em vargens úmidas, de quatorze, em matas de catinga, de oito; e em carrasco ou arisco, com a distância de seis pés. Deve-se cuidar que não se enterram muito fundo as sementes, para não apodrecerem; por este motivo, abrem-se regos e valas em volta, nos terrenos muito úmidos. O fazendeiro planta às vezes feijão, milho, até mandioca, no meio dos algodoeiros. Já ao cabo de 14 dias, quando muito, aparecem as plantinhas acima da terra, e crescem então com incrível rapidez. O algodoeiro – que, em circunstâncias favoráveis, entregue a si mesmo, chega a 12, 15 até 20 anos de idade – floresce e frutifica em pleno vigor duas vezes ao ano; e como as plantações em terreno de mata virgem, fechada e úmida, dão frutos maduros mais tarde do que nos lugares mais altos e mais secos, pode assim o fazendeiro, que possui muitas terras, ter os negros ocupados quase a metade do ano na colheita. Começa esta, na província do Maranhão, nove até dez meses depois da sementeira, em outubro, novembro, etc.; em Pernambuco, o tempo de semear é nos meses de setembro a novembro; e a primeira e principal colheita, de julho a agosto. Já antes dessa colheita, amadurecem muitos frutos, cinco a seis meses depois da plantação, porém os fazendeiros muitas vezes não os mandam colher. Em Pernambuco, acontece frequentemente cessarem no mês de maio as chuvas pesadas: faz-se então a colheita antecipada, chamada safra de maio, e, por ser amarelado o algodão, não é muito apreciado. O algodão colhido no primeiro ano é considerado o melhor. As árvores mais rijas produzem no primeiro ano oito libras de caroços (2 1/2 libras de puro algodão); as mais fracas dão uma libra de caroços (cinco onças de puro algodão). Sendo tão grande a fertilidade como a que se dá aqui perto do equador, muitos fazendeiros deixam as suas plantações quase em abandono até a época da colheita. Os únicos cuidados, aos quais obrigam os escravos, consistem em arrancar as plantinhas excedentes, e, mais tarde, em quebrar os rebentos superiores, e julga-se haver feito com isso tudo que é necessário até a colheita. Esta incúria dos fazendeiros é por vezes castigada pela própria pujança da terra, pois o algo-

dão cresce a tal altura, trançado com inúmeras ervas más, que se torna impenetrável brenha, impossibilitando de todo a colheita. Os cultivadores zelosos costumam, por isso, tratar também aqui com extremo cuidado as suas plantações como os de Pernambuco e Paraíba. A limpeza das ervas más faz-se duas vezes no ano, isto é, no início e no fim da estação das chuvas. As ervas daninhas, que mais prejuízo ocasionam aos algodoeiros, são diversas espécies de ipoméias (chamam-se jitirana, *Ipomea quamoclit* L. *hederacea* R. Br. etc.), a erva-de-são-caetano (*Momordica macropetala* M.), capim e outras plantas baixas anuais (*Bucholzia ficoidea*, *polygonoides* Mart.; *Alternanthera achyrantha* R. Br., etc.). No cultivo feito com regra, além dessa limpa – como acontece nas regiões meridionais do Brasil, em Caiena e em Suriname –, também aqui se fazem dois trabalhos indispensáveis, isto é, a já citada operação da quebra dos brotos superiores do centro (a capação), e, após a colheita, o decote do remanescente dos ramos frutíferos, que ficam sem seiva e ressecam. A capação tem o duplo fim de impedir o crescimento para cima além de cinco a seis pés, e fomentar a formação de ramos laterais, nos quais se desenvolvem relativamente mais flores e simultâneas do que nos galhos perpendiculares, sendo também mais fácil a colheita das cápsulas dos frutos (maçãs). O decote dos galhos que já produziram faz-se na entrada do tempo da chuva, quando a seiva mais se ativa e o crescimento mais progride; com isso, tem-se em mira economizar a seiva vital em favor dos galhos novos, que vão crescer e frutificar. Só raramente e em circunstâncias especiais, aqui no país se explora um algodoal por mais de três ou quatro anos, e, então, quando os troncos começam a enfraquecer, costuma-se cortá-lo raso na raiz, ou na altura de um a dois pés; com isso, forçam o desenvolvimento de novos galhos produtores e melhor colheita. Essa decotação, conhecida e adotada em todos os países onde se cultivam algodoeiros perenes – na Anatólia, tanto como na América do Norte e em Suriname –, não é tão usada nas províncias setentrionais do Brasil, como em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, pois, favorecidas pela incrível fertilidade e pela extensão das fazendas, prefere-se passar a nova plantação, derrubando trechos da mata virgem. Em geral, é este país tão abençoado pela natureza, que as colheitas com frequência excedem a toda expectativa, e o fazendeiro nem as consegue colher completamente. É feita a colheita das cápsulas de algodão pelos negros, cada um dos quais

pode apanhar diariamente uma a duas arrobas. Ademais, o cultivo do algodoeiro está sujeito a muitos empecilhos e tem muitos inimigos a combater. Se o período das chuvas dura desproporcionadamente, ou se cai na época da seca continuamente sereno noturno, perturba-se a transição da flor em fruto, ou se umedecem os frutos em demasia para poder abrir-se, e apodrece o algodão no interior. Igualmente, tanto a umidade de extrema duração quanto as violentas soalheiras, durante e depois da chuva, determinam a queda repentina dos frutos meio maduros; e muitas doenças, o câncer e o resfriamento, inutilizam, embora às vezes só em parte, as esperanças do cultivador. Estas duas citadas doenças parecem provir, sobretudo, da demasiada umidade do solo. Também muitos animais, aves, lagartas, percevejos e gafanhotos, de quando em quando invadem as plantações, como inimigos devastadores; e para os frutos colhidos são em extremo nocivos os ratos, que, com a conhecida esperteza, sabem iludir todas as medidas preventivas do fazendeiro. Como estes roedores atacam somente o âmago das sementes, a mais eficiente medida, para proteger contra eles o algodão, é espalhar sobre este uma camada de caroços já despídos do algodão. A separação do algodão dos caroços era antigamente feita por um processo muito simples; consistia num par de cilindros, postos em movimento em direção oposta por manivela, a mão; atualmente possuem muitos fazendeiros máquinas baseadas no mesmo princípio, porém mais ou menos complicadas. Também o enfardamento do algodão em sacos de algodão grosseiro era antigamente realizado por um negro; este comprimia o algodão com os pés no saco molhado, pendurado, e só podia encher um saco por dia, serviço que hoje é feito, por toda parte, com uma simples prensa. O verdadeiro valor do algodão em pluma limpo, ensacado em estado próprio para a exportação, foi avaliado por um sagaz economista português, baseado no custo da produção em 3\$300 (**Nota I**).

Nos primeiros dias de nossa estada, fomos certa vez, à tarde, atraídos à janela por berreiros na rua, onde se oferecia o singular espetáculo do bando de uns 50 índios, que passavam em completa nudez e incultura primitivas. Esses índios vinham, por instigação do seu principal, das suas matas entre o rio Mearim e o rio das Alpercatas, para obter dos habitantes peças de vestuário, machados, facas e toda espécie de miudezas, dando em troca, como presentes, grandes bolas de cera, plumas de belos coloridos e

arcos e flechas delicadamente trabalhados. Semelhantes passeatas não são raras agora, e constituem um dos meios de que se servem os colonos para conservar em pé de amizade esses antigos donos da terra. Somente nos últimos decênios se conseguiu estabelecer pacífico tráfego entre os índios livres da província do Maranhão e os colonos; e, como a prudência manda tudo fazer para extirpar das numerosas tribos os sentimentos hostis hereditários, assim se esforçam os habitantes de Caxias em recebê-los bem e acumulá-los de fartas provisões de farinha, cachaça, fumo e tecidos de algodão de variegadas cores. Pertenciam esses índios a duas nações aparentadas, a dos aponejicrãs e a dos macamecrãs, que também são chamados de carauus. O seu aspecto era de tal robustez e bem proporcionado, o porte e o andar tinham tanta segurança e agilidade, que nisso notamos surpreendente diferença de todas as outras tribos que havíamos até aqui encontrado. A maioria era de estatura igual à nossa, e os traços fisionômicos dos mais jovens eram francos e nada desagradáveis; todavia, os olhinhos, o nariz curto, achatado, os seios frontais muito salientes e a testa baixa, logo à primeira vista indicavam o tipo do aborígene americano. Só os mais idosos entre eles tinham furos no lábio inferior e incisões nos lóbulos das orelhas, esticados de duas a três polegadas de comprimento. No furo do lábio, traziam brilhantes cilindros amarelos de resina ou de alabastro, de meia até três polegadas de comprimento, que facilmente podiam ser retirados. As orelhas, cujo prolongamento insólito era produzido pelo uso de batoques de pau, eles deixaram só a pedido nosso, pender livremente, tocando quase até os ombros. Em geral, eles o usavam dobrados sobre a parte superior da concha da orelha. A pele desses homens robustos e bem nutridos é de uma luzidia cor de cobre claro-pardacenta, como a que verificamos na maioria dos índios selvagens, quando estão de perfeita saúde; pois somente por doença, por efeito de mestiçagem e por modo de vida mais civilizado é que se modifica esse colorido, distintivo do autóctone americano, para uma tonalidade mais clara. Entre todos estes índios presentes nenhum trazia o rosto tatuado; e esta espécie de desfiguração parece que não é de uso em tribo alguma do Maranhão. Quando, porém, à noite, foram convidados a dançar à luz dos archotes, apareceu a maioria deles com pinturas pretas e vermelhas, no torso e no rosto, e suas feições desfiguradas pelo furor bacântico, ensombradas pelo comprido cabelo de um negro de corvo, to-

mavam então uma expressão selvagem e mesmo horrorosa. Um deles fez a chamada para a dança, tocando o boré, grande trombeta de caniço, de som rouco; seguiu-se-lhe outro, dando urros monótonos, que afinal toda a horda repetiu num unísono espantoso, e que repercutiu terrivelmente nas ruas da pequena cidade silenciosa, afugentando das suas tocas, sitas nos telhados circunvizinhos, uma porção de morcegos. Os pulos e giros sem regra e o brandir guerreiro das armas, as horrendas contorções do rosto desse bando desenfreado, e a celeuma de terrível desarmonia, acompanhada do estalido de seus maracás, tudo isso poderia figurar como uma cena do Inferno. A maioria envergava calças curtas de tecido de algodão; alguns, porém, substituíram-nas, durante a dança, por uma espécie de suspensório, como os que daqui em diante vimos frequentemente nos índios da região setentrional do Brasil. As poucas mulheres, que faziam parte do bando, estavam vestidas com bastante decência, e não tomavam parte nas danças; ocupavam-se apenas em receber os pequenos presentes, que os assistentes lhes ofereciam. A língua dos aponejicrãs e a dos carauus parecia ser idêntica, de acordo com o interrogatório procedido com indivíduos de ambas as hordas. Possui muitos sons guturais, e é falada devagar, com determinada acentuação e expressiva mímica. A identidade das duas hordas como de uma só tribo, por essa igualdade da língua, e a dos costumes, pelas relações amistosas de uma para com a outra, foi-nos confirmada pelas informações de brasileiros, que conhecem de perto as condições das nações indígenas do Maranhão. Francisco de Paula Ribeiro, num tratado manuscrito “Sobre o gentilismo do Maranhão”, e Luís de Oliveira Figueiredo e Almeida, juiz de fora de Caxias, de 1812 a 1819, e que de novo encontramos na capital, relataram-nos, de viva voz, o seguinte sobre os índios dessa extensa província. Da muito espalhada nação dos tupinambás, que, na época da primeira colonização, estava de posse das costas do Continente, desde a foz do rio Munim até a do rio Pará, e principalmente era muito numerosa na antiga capitania de Cumá, hoje distrito da vila de Alcântara, acham-se alguns descendentes nas duas pequenas vilas da ilha do Maranhão, Paço do Lumiar e Vinhais, e outros espalhados pelo distrito da vila de Alcântara, ao longo da margem do rio Itapicuru, e na pequena vila de Monção (outrora Carará), do rio Pindaré. Devem-se considerar como famílias dessa velha tribo os tabajaras e os caicaízes, que, igualmente dispersos, se ocupam

de pescaria e navegação e moram ao longo das margens do rio Itapicuru, onde formam a freguesia de São Miguel. Na freguesia de Trezidelas, do rio Itapicuru, perto de Aldeias Altas, vivem índios de igual nome, que talvez pertencessem também à mesma grande tribo; foram ali aldeados pelos jesuítas e eram estimulados especialmente para o fabrico de louça de barro. Os manajás (manaxós) parece que habitam em liberdade a região além das nascentes do Mearim, nas ilhas deste rio, e entre ele e o Tocantins; aldeados, acham-se eles em Vinhais, na ilha do Maranhão, e nas freguesias de Santo Antônio e de São Felix, do distrito de São Bento de Pastos Bons, se dermos crédito às noções colhidas em Vinhais, da língua dessa tribo, já muito reduzida em número, deve ela também pertencer à nação dos tupinambás. Todos esses índios civilizados montam, quando muito, a 9.000 almas, o que, comparado à população antiga, é extremamente pouco e só se explica pelas terríveis devastações, feitas pelas bexigas e outras doenças importadas da Europa. O número dos índios bravos, e até agora sem garantia de intenções pacíficas, sempre observados com desconfiança pelos colonos, é bastante maior; foi avaliado, talvez exageradamente, por Francisco de Paula Ribeiro, em 80.000. Designam os maranhenses, em geral, aos índios livres de sua província com os nomes de timbiras, gamelas, bus, xavantes, jês e cupinharós; mas até que ponto se designam com esses nomes tribos diferentes ou aparentadas, é tanto mais difícil descobrir-se, pois são todas iguais nos costumes e nos sentimentos hostis contra os colonos e, na boca do povo, além desses nomes, em parte coletivos andam muitos outros, que se referem, provavelmente, apenas à distinção de família ou horda. As tentativas para promover os descimentos, isto é, aldeamentos voluntários ou obrigatórios, entre os brasileiros, falharam todas; até as já existentes colônias de indígenas, como a dos gamelas, em Cajari ou São José de Penalva (do ano de 1785), foram abandonadas. Para saber algo, portanto, sobre costumes, usos, língua e parentesco desses filhos das selvas, se há oportunidade durante as guerras, que se empreendem de quando em quando, a fim de desalentá-los das investidas contra as fazendas isoladas, ou quando alguns bandos espontaneamente aparecem entre os brasileiros.

Os timbiras designam-se a si mesmos, no próprio idioma, por nomes que terminam em “crãs”, e são classificados pelos colonos em três hordas: os timbiras da mata, os timbiras de canela fina e os timbiras de

boca furada. Os primeiros, chamados na sua própria língua sacamecrãs, habitam as cerradas matas vírgens entre os rios da Balsa e Itapicuru, onde ainda a ousadia de nenhum branco se arriscou a penetrar. Dos timbiras de canela fina ou corumecrãs, parece que vagueiam errantes numerosos bandos, entre o alto Mearim, Alpercatas e Itapicuru, nas regiões elevadas, em parte sem matas. Gaba-se a sua rapidez na corrida, na qual igualariam um cavalo. Debaixo dos joelhos, suas pernas são guarnecidas com faixas de algodão de cor, que usam muito apertadas, desde a mocidade, para obter a desejada finura. Os timbiras de boca furada dividem-se em diversas hordas: os aonejicrãs, os ponicrãs, os purecamecrãs e os macamecrãs ou carauus (caroús). São numerosas as suas colônias, quer entre as citadas tribos aparentadas, quer entre os rios Grajaú e Mearim, e, daí para oeste, até a bacia do Tocantins. Algumas de suas maiores aldeias acham-se, segundo informam, junto da Ribeira da Faca e no rio da Farinha.

Chamam-se os gamelas, no seu próprio idioma, acô-bôs; moram ao norte dos precedentes. Conhecem-se quatro colônias dos mesmos, nas matas fechadas entre os rios Turiaçu e Pindaré, a oeste das vilas de Viana e Monção. Eles usam, como os botocudos, uma rodela de pau no lábio inferior, e são como aqueles, nas províncias meridionais, o terror dos colonos, que eles não raro assaltam peffidamente e matam cruelmente. Explica-se, contudo a implacável inimizade considerando-se a perfídia com que muitos de seus vizinhos cristãos os presenteavam com peças de roupa contaminadas da varíola, espalhando a epidemia com incrível violência entre os desgraçados, não lhes deixando outro alvitre senão matar a flechadas os doentes.

Para refreá-los, organizaram-se, durante nossa estada, incursões desde a vila de Viana, para as quais até era possível utilizar-se de outros índios como auxiliares, porque todas as outras tribos são unidas no seu ódio dos aco-bôs. Provavelmente pertencem estes índios à tribo dos bus, que habitam nas fronteiras ocidentais da província de Maranhão, perto do rio Tocantins e estenderia as suas invasões até as regiões habitadas da província de Pará. Os temembôs são outra horda da mesma tribo. Por muitos maranhenses são considerados como idênticos com os manajos, porém injustamente, porque de acordo com os restos, que tivemos ocasião de observar na ilha de Maranhão, antes parecem remanescentes dos tupi-

nambás. Conta-se que estes temembôs tenham cor de pele muito branca. Caso semelhante menciona a lenda de uma pequena tribo de bosquímanos brancos, chamados coiaca, que moraria numa alta montanha entre os rios Mearim e Guajauá, sem contacto com as outras tribos e descenderia dos holandeses que, expulsos da ilha de Maranhão, teriam-se retirado ali. Não me foi possível obter outras informações sobre os cupinharós, a não ser que habitariam o sertão na margem direita do Tocantins.

Os índios jês constituem a tribo mais setentrional que, das fronteiras do Maranhão, se espalham até longe, naquela província, e habitariam, em pequenas aldeias, as matas entre os rios Tocantins e Capim. Denominam-se as seguintes hordas dos mesmos: au-jês, manacobjês (canacata-jês), piacob-jês (Payco-iês), crã-jês, poncata-jês e cricata-jês (canacata-jês ou gaviões). Todas estas tribos se assemelhariam em usos e costumes. Não são antropófagas, mas alimentam-se sobretudo da caça e da pesca, que, especialmente no rio Mearim e nas lagoas da vizinhança, é muito abundante; além disso, vivem também da produção de pequenas roças de mandioca e bananas. Eles sabem colher, com grande habilidade, o mel das abelhas silvestres, e dos favos separar a cera. Oferecem esta última à venda aos colonos da vizinhança. Nas suas moradas, andam geralmente nus e enfeitam-se, e suas armas para as danças e guerras, com penas de várias cores, colares de dentes e sementes lustrosas da *Scleria*. São belicosos, e as suas aldeias, das quais, ao crescerem, se separam colônias, vivem frequentemente em briga umas com as outras, embora sejam da mesma tribo. O mais inteligente e corajoso destaca-se como chefe na guerra, comanda pelos sons do seu boré e tem o direito de vida e de morte; mas, fora do tempo da guerra, não exerce domínio algum. Um machado de pedra, com cabo curto, é emblema de reputação. Conhecem o uso das flechas envenenadas; entretanto, a sua mais importante arma de guerra e a clava, feita de pesado pau. Nos assaltos, demonstram sagacidade e não poupam os vencidos, que levam como escravos. Furto e assassinio são proibidos; o ladrão é castigado, segundo o valor do roubo; contra o assassino, exerce-se a vingança dos parentes do assassinado. São hábeis nadadores; os rios grandes são por eles atravessados em jangadas, construídas com a palmeira buriti. Nessas balsas, eles vêm, às vezes, rio abaixo, pela província do Maranhão até certa distância, quando trazem cera e bálsamo de copaíba, para

vender aos colonos. As suas festas começam geralmente ao pôr do sol, e duram, à luz das estrelas, até amanhecer o dia. São celebradas no tempo da colheita dos frutos e por ocasião dos casamentos. Pela castidade das filhas velam zelosos; a das esposas lhes é indiferente. Para a contagem do tempo, guiam-se pelas fases da lua; quando esse astro, no tempo de chuva, não aparece, encoberto pelas nuvens, alongam-se os seus períodos às vezes desproporcionadamente, sem que tentassem corrigi-los de outro modo. A sucessão da época seca e úmida, do dia e da noite, do relâmpago e do trovão, é para eles uma necessidade natural, sem lhes ocorrer ideia do autor desses fenômenos. De fato não têm ideia alguma de um ser divino, e toda a sua metafísica se limita à suposição de forças mágicas em alguns deles, os quais tratam com medo e respeito.

Isto foi o que pude coligir acerca dos costumes e índole dos índios do Maranhão. Alguns traços destas incompletas descrições provam, aliás, o que no decorrer desta narração de viagem mais e mais exporei, isto é, que o nível cultural dos autóctones brasileiros cresce, quanto mais se aproxima do equador.

Comunica-se Caxias com a capital do Maranhão apenas pelo rio Itapicuru. Os caminhos por terra, que passam ao longo dele, de uma fazenda para outra, só servem para cavaleiros e são apenas transitáveis para os cargueiros, pois só a custo se podem manter abertos no meio dos palmeirais pantanosos e cerrados e são, além disso, expostos às inundações do rio. Chegávamos, aqui, portanto, ao termo da nossa viagem por terra, e nos alegrávamos com a ideia de poder agora aproveitar de bem aparelhadas canoas, com maior comodidade, como exigia a nossa saúde abalada, para a parte restante da nossa empresa. As nossas mulas cargueiras foram vendidas aos comboieiros, que, de quando em quando, empreendem com numerosas tropas a longa viagem de 300 léguas por terra, passando por Oeiras a São Félix e Natividade, a fim de levarem a essa remota parte da província de Goiás os produtos europeus. O rio Itapicuru, até cujas nascentes nenhum brasileiro ainda se teria aventurado, corre a sudoeste de Caxias, quase sempre paralelo ao seu vizinho do sul, o rio Parnaíba, na direção do nordeste; perto dessa vila, porém, ele ruma para noroeste e, fazendo muitos curvas, lança-se no mar. De Caxias para cima, só é navegável em canoas muito pequenas, devido à pouca profundidade, como pelas frequentes quedas, até a região da freguesia dos

Pastos Bons ou de São Bento das Balsas. Rio abaixo, porém, admite embarcações grandes e pesadamente carregadas, tendo, embora fora do tempo da cheia, em quase todo o percurso, 60 a 80 pés de largura. Estando justamente no ponto de partir uma barça para o Maranhão, oferecendo segura e agradável viagem, abreviamos a demora em Caxias, e, na tarde de 3 de junho, armamos, por cima de um carregamento de 350 fardos de algodão, a nossa tenda, 20 pés acima do rio. A viagem, nessa barça de difícil manejo, foi tão demorada, que só no décimo terceiro dia alcançamos a foz, e, como invariavelmente à noite os mosquitos qual harpias apareciam em enxames densos, a viagem não foi somente enfadonha, mas, mesmo, um martírio. O rio, cujo leito é composto de grés friável, descreve numerosas curvas pequenas, de sorte que é preciso navegar com a máxima cautela, quando a correnteza ao mesmo tempo é mais rápida, a fim de que a embarcação não encalhe nos muitos bancos de areia, ou não seja atirada por sobre a ribanceira. À primeira dessas corredeiras chegamos no terceiro dia, perto da fazenda Barriguda; para assegurar a passagem, foi a embarcação presa com cordas às árvores da margem, e deixada seguir só muito lentamente. O canal navegável acha-se no meio do rio. De ambos os lados da barça, colocaram-se chumaços de pecíolos das folhas da palmeira indaiá (comum aqui), para facilitar a flutuação, e superamos felizmente tanto esse obstáculo quanto, no dia seguinte, as cachoeiras de Angical e do Gato, cujo canal se estende ao longo da margem direita do rio. Abaixo da foz do rio Codó, afluente ocidental, cujas margens são habitadas por índios bravos, a margem coberta de mata eleva-se abrupta, e o rio corre impetuoso numa curva estreita sobre um penhasco, que deixa livre água navegável apenas na margem norte. Neste lugar, Cachoeira Grande, a barça tinha que ser aliviada, e, embora se rompessem os cabos, por meio dos quais o mestre procurava retardar a marcha, venceu-se também este perigo com felicidade, e daí em diante correu a viagem sem embaraços até à barra, porque o rio, cuja cheia se dá no mês de abril, ainda estava com bastante água. Víamos agora, a 20 pés acima do espelho do rio, os vestígios da enchente, que tinha desarraigado muitas árvores, opondo perigosos obstáculos à passagem do barco. Embora as margens do leito em geral, se elevassem íngremes e fechadas, muitos prédios da vizinha fazenda estavam danificados. Quanto mais nos afastávamos de Caxias, mais numerosas eram as fazendas, cujo extenso casario indicava a opulência de seus donos.

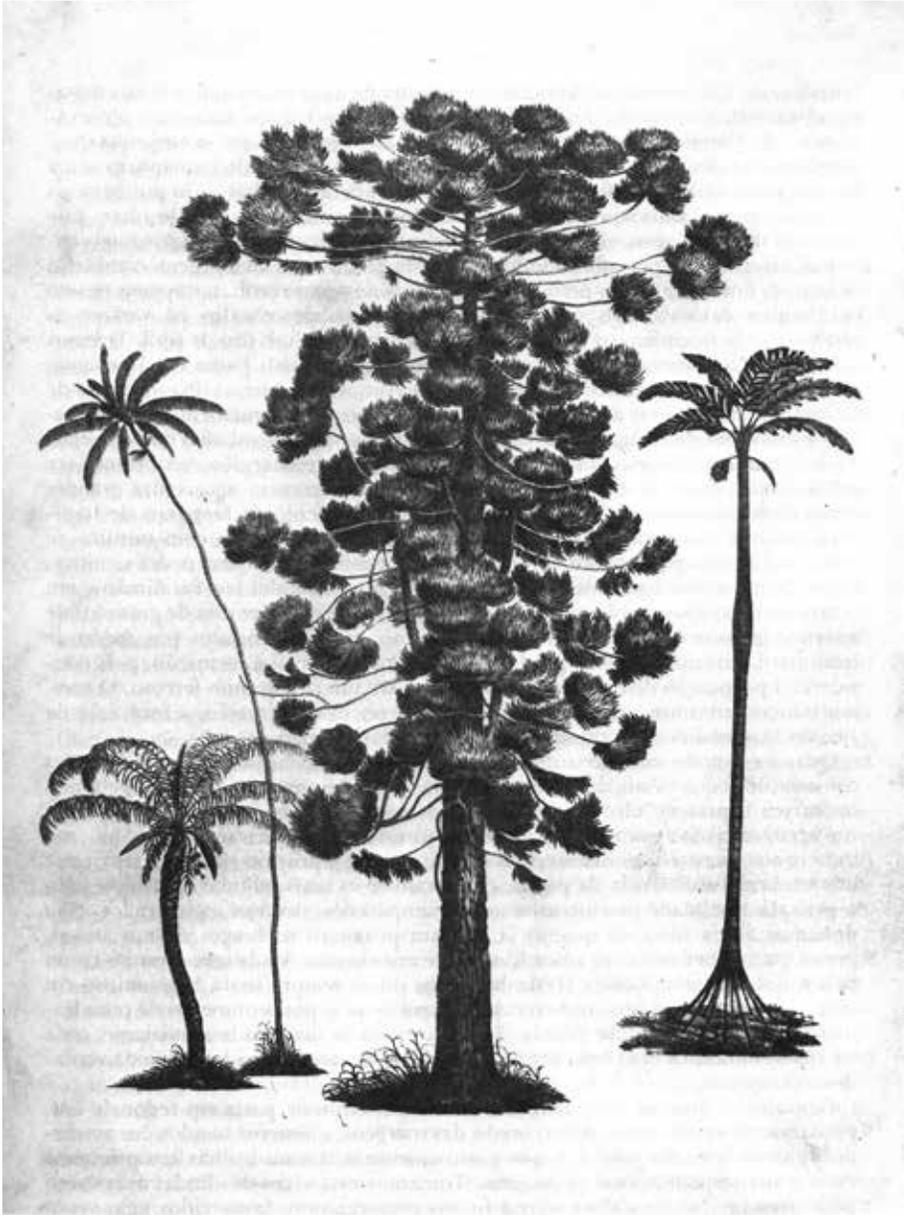
A casa de morada dispõe, em geral, de suficiente número de aposentos; tem uma varanda na fachada principal; e como os grandes armazéns, é coberta de telhas. De Caxias até próximo do rio Codó, abre-se a paisagem entre a vegetação das margens mais ou menos elevadas, em verdes campinas férteis, ora interrompidas por moitas baixas ou palmeiras indaiás, ora se dilatam livremente a leste e oeste. Para o norte, porém, estende-se ininterrupta a mata, desde a margem do rio até três ou cinco léguas pelo interior das terras. Quando nos descreveram a região deste rio como o mais fértil para o cultivo do algodão e, sobretudo, como o mais favorável terreno da província para toda espécie de lavoura, estranhámos a princípio não avistar senão relativamente poucas plantações, entre as matas e campos incultos. Entretanto, percorrendo algumas dessas fazendas de algodão, chegamos a ter a explicação na quase incrível fertilidade mesmo. Conquanto o atual momento do ano fosse época de colheita temporã, secundária, encontramos, entretanto, em algumas plantações de algodão, tudo esvoaçando de branco, das inúmeras cápsulas que acabavam de abrir-se, e pudemos convencer-nos de que uma plantação, abrangendo sem interrupção as margens deste rio, poderia fornecer algodão para as necessidades de toda a Europa. Essa grandiosa pujança de solo, que nos lembrava de estarmos na proximidade do Equador, verifica-se também em toda espécie de frutos. Pela primeira vez, vimos aqui a bananeira (aqui chamada pacova), vergada ao chão pelo peso dos cachos; em geral, cada pé dá 80 bananas, entre as quais mais da metade tem um pé de comprimento. Crescem igualmente aqui, com descomunal tamanho, as espigas de milho, as abóboras, as melancias e as goiabas. As plantações de bananeiras estendem-se frequentemente até junto à margem alta do rio, cujas ribanceiras, cobertas de brenhas e de palmeiras, prestam-se menos do que as do rio São Francisco para plantações de melancias e vegetais semelhantes. Na vizinhança das lavouras, não raro o abacateiro (*Persea gratissima* Gaertn.), cujo fruto do tamanho e forma de pera grande oferece, em torno do caroço, saborosíssima e fresca polpa, que se come com açúcar.

A metade da viagem até à vila de Itapicuru-Mirim foi de navegação demorada e monótona; a barça ora topava com rochas e bancos de areia, ora ficava presa entre troncos de árvores, trazidas pela grande inundação deste ano. O velho mestre do barco afirmava que os bancos de areia do rio cresciam continuamente e ainda aumentavam com o cultivo das mar-

gens, cujo terreno revolvido estava afundando. Esta última vila, acima citada, e que alcançamos a 10 de junho, está situada numa elevação, à margem oriental do rio, e apenas dá a perceber exteriormente o considerável comércio que se movimenta daqui para a capital e ao longo de toda a ribeira do Itapicuru. Este lugar, antigamente denominado Feira, deve a sua origem ao comércio de gado bovino, pois aqui os sertanejos negociam a venda das boiadas, vindas do Piauí e do interior do Maranhão, em troca de tudo o que precisam. Na maioria das casas, acham-se lojas, onde estão expostas à venda grandes quantidades de chitas, artigos de ferro, porcelanas e louças de barro, vinhos, licores e gêneros de Portugal. Aqui reside o vigário-colado de extensa freguesia, que se dilata até aos limites de Caxias. Tivemos a ventura de encontrar nele um homem muito digno e instruído. Tanto o próprio território, sobretudo as distâncias entre as fazendas, como a índole dos habitantes, dificultam a tarefa e a influência do pregador do evangelho. Como a navegação daqui em diante exige menos cautelas, partimos deste lugar à noite, com o luar. Observamos a influência da maré cheia e vazante, que aqui já é muito sensível, embora a água do mar não possa chegar tão longe, pelo rio acima. É um fenômeno extremamente interessante o fato de se produzir nos rios costeiros do Brasil, de semelhante volume de água, o movimento de fluxo e refluxo tanto mais acentuado, quanto mais perto se está do Equador. Talvez também se deva ligar o fenômeno daquela maré singular em certos rios, cujas águas remontam em tempo muito menor do que dura a vazante, a essa circunstância. Essa curiosa maré alta, chamada no Brasil *pororoca*, também se verifica num rio da província do Maranhão, o Mearim; porém, mais comum e mais prodigioso é em diversos rios da província do Pará, onde tive a oportunidade de observá-la, e, no devido lugar, a descreverei pormenorizadamente. Durante a primeira noite, quando navegávamos rio abaixo, fomos surpreendidos pelos penetrantes guinchos de uma ave, cujos numerosos bandos vivem nas verdes moitas da margem, e não se deixam perturbar pela ruidosa aproximação do homem. Eram as ciganas (*Opisthocomus cristatus* Ill.), uma bela galinácea, que, na verdade, se alimenta quase só de vegetais, porém pelo cheiro insuportável, não se come. Grandes iguanas verdes (*Iguana viridis* Spix), encontram-se numerosas nos lugares soalheiros da margem arenosa, e foram ativamente perseguidas pelos barqueiros indígenas para substituírem, na sua cozinha, a comum carne seca por um petisco. No rio encontram-se,

não raro, também os poraquês (*Gyinnotus electricus* L.), perigosos para os banhistas. Apanhamos um pequeno exemplar que deu tão violentas descargas, que, na primeira surpresa, deixamo-lo escapulir para o rio. A 11 de junho, chegamos a São Miguel, extensa freguesia, cujos moradores, na maioria eram gente de cor e entre eles, cerca de uns 300 índios, das tribos dos tupa-jaros e caicaízes, vivem da pesca e navegação. Estes índios, em parte já mestiçados, são os últimos restos de suas tribos; só falam a língua geral e mais facilmente o português. O seu aldeamento, em forma de colônia, sob o governo de um eclesiástico, é obra dos jesuítas. Tivemos que esperar aqui a vazante, e só prosseguimos viagem depois da meia-noite. Algumas horas de navegação levaram-nos a Pai Simão, povoado que constava de casas dispersas, onde uma parte de nosso carregamento teve que ser desembarcado, à vista dos baixios no rio. Na vizinhança dos armazéns, onde foram depositados os excedentes fardos de algodão, possui o Convento dos Carmelitas calçados do Maranhão uma grande propriedade, a fazenda do Carmo, ou Olaria, onde 90 escravos estão na maior parte ocupados no fabrico de louça de barro. Com a fina argila cinzenta, abundante nas cercanias, cozem eles em três fornos telhas côncavas, tijolos e louça, mas sobretudo grandes panelas e pratos redondos. Essa louça não é vidrada; contentam-se com dar-lhe colorido vermelho, esfregando-a com água, à qual se misturou argila contendo oca. Embora seja o material idêntico ao do que se fabrica no Rio de Janeiro, vêm dali para o Maranhão pequenas moringas redondas de dois bicos. Além dessa muito lucrativa produção de louça, planta-se algum algodão na fazenda e cria-se gado bovino, apenas para o gasto da casa. É administrada a fazenda por um monge que, ao cabo de três anos, é substituído por outro irmão de hábito. Não é esta a única propriedade daquele convento rico, pois outra fazenda, sita no rio Mearim, aparelhada com igual número de escravos, fornece-lhe principalmente o gado bovino para corte, e cultiva a cana-de-açúcar. Além disso, têm os carmelitas, em frente da cidade do Maranhão, um Hospício de Nossa Senhora do Bonfim, de fato independente do convento, porém sob a fiscalização do vigário provincial, o qual também é suprema autoridade para os carmelitas do Pará, nomeado pelo provincial de Lisboa. Para a ordem religiosa do Monte Carmelo foram transferidos, depois da expulsão dos jesuítas das duas províncias mais setentrionais do Brasil, muitos encargos que a estes últimos eram confiados, e a ordem carmelita é tida em geral esti-

ma pela operosidade com que se empenha na missão de converter os índios. O número de fazendas estabelecidas à beira do rio, daqui em diante, e cada vez maior; fazem parte da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, chamada vulgarmente de Itapicuru Grande, onde o comandante examina os passaportes dos viajantes. Começam as margens do rio a revestir-se aqui de mangue vermelho (*Rhizophora mangle* L.), e anunciar a proximidade do oceano. Nesta região levantaram os portugueses, em 1620, à margem direita do rio, um fortim, a Fortaleza do Calvário ou de Vera Cruz – destinada a conter os índios hostis destas paragens; ele, entretanto, desde algum tempo, jaz em ruínas. Enquanto observávamos, não sem interesse, a vencedora pujança da vegetação, que se empenha quase zelosa, em destruir e cobrir os últimos vestígios da atividade humana, estava a equipagem ocupada em dirigir carregadíssima e pesada embarcação por entre os rochedos, pelos quais se espraia longe do rio, defronte das ruínas do forte. Este lugar é o mais perigoso, em toda a navegação do rio Itapicuru, e exige cautela extrema. Em geral, os passadores (pilotos), que habitam além na margem, conduzem os barcos, durante a cheia, pelos canais estreitos de águas revoltas, e apenas ousam encaminhar cascos muito pequenos, quando ficam descobertos na vazante os recifes, que se estendem na largura do rio a distância de um tiro de fuzil. Tivemos a felicidade de superar a perigosa cachoeira, já com o mais baixo nível de água, ao meio-dia, e à tarde ancoramos em Mangue Alto, entre diversas ilhas cobertas de fechados mangues, por assim dizer já fora do rio, cujo desagüamento nas depressões pantanosas da costa, por diversos braços, já começa logo abaixo da cachoeira. Tudo quanto o rio desnuda da formação geológica desta região, verificamos ser granito, que, como o da serra de Itiúba, na Bahia, contém encaixadas grandes quantidades de pistacita. Da mesma pedra é o calçamento da freguesia de Itapicuru Grande. Nas imediações de Cachoeira aparece o granito com mistura de muito anfibólio, que substitui a mica; fazendo transição para uma pedra sienítica. Ademais, no curso baixo do Itapicuru, como, por exemplo, em Pai Simão e em outros pontos, aparece não raro uma formação de grés, que consta de grânulos de quartzo, grossos e miúdos de ângulos obtusos, que estão ligados por óxido de ferro pardo-avermelhado ou pardo-violáceo. Aqui e acolá, a formação, pela considerável proporção de óxido de ferro, passa para um rico arenito ferroso. O mesmo mineral constitui, como será citado no comer desta narração, a formação da Ilha do Maranhão e uma grande parte das regiões do Amazonas.



Pinheiro (Araucaria brasiliana). “... As sombrias árvores, em vez de se enfeitarem com variados parasitos, somente cobertas de líquens, parecem não estimar arbustos em volta de si.”

Palmeiras: Coco-da-quaresma (Cocos flexuosa), debaixo da juçara (Euterpe oleracea) e, à direita, a paxiúba-barriguda (Iriartea ventricosa).

Quando a noite escureceu de todo, e o firmamento no majestoso brilho das constelações equatoriais desfraldou-se acima de nós, ouvimos de novo, pela primeira vez depois de um período de tantos padecimentos, o bramir do oceano. Até aqui, calejados por tantos choques de sustos, aflições, privações, tínhamos sabido conter os enternecimentos; mas agora, quando o próprio elemento separador nos lembrava a distância da pátria, desataram-se as mais sentidas saudades, todo o peso da atualidade patenteou-se aos desamparados, doentes e prostrados. Não tínhamos ainda ideia de quanto já estavam próximos os braços de um amigo, prontos a acolher-nos com amor fraternal e assistir-nos. Ainda ignorávamos como já um nobre inglês, Robert Hesketh, – seu nome sempre soará harmonioso em mim, – mesmo sem nos conhecer, já cuidava de nós, por sentimento de pura humanidade e interesse pela ciência. Se tal presciência fosse dada ao viajante, teria ele que renunciar à mais bela aquisição das viagens, ao desenvolvimento da verdadeira coragem.

Despontava cinzenta a madrugada, e notamos em toda parte em redor de nós, pousados no verde viçoso do arvoredado das margens, inúmeros bandos dos vermelhos guarás (*Tantalus ruber* L.), que gostosamente deixavam brilhar aos primeiros raios a sua resplandecente plumagem. Tomamos essa visão das lindas aves como bom presságio, e com alma serena fomos prosseguindo, favorecidos pelo vento de terra, por entre os manguezais, chegando, ao cabo de uma hora, ao mar alto. A ilha do Maranhão, onde está situada a capital, São Luís, alvo de nossa viagem, é separada, na parte sul, apenas por um braço de mar (o rio do Mosquito), estreito e raso, de cinco léguas de comprimento, tendo quando muito, 300 pés de largura. Liga este canal as duas enseadas, a baía de São Marcos, a oeste, e a baía de São José, a leste, separando a ilha do continente, e na vazante muito forte estas águas se esvaziam de modo tão acentuado, que ficam desnudas completamente as margens, cobertas de mangues. A navegação daqui para a capital, situada na parte ocidental da ilha, segue pelo rio do Mosquito até onde, a leste da foz do rio Mearim, ele se perde na parte oeste da baía de São Marcos; depois, vai-se seguindo pela costa, a nordeste. Este rumo, que os pilotos calculam em 20 léguas, é desagradável, por causa das demoras, devidas ao fluxo e refluxo, e não deixa de ser perigoso, por causa da passagem do Boqueirão, zona de escolhos, na vizinhança do porto. Resolvemos tomar pelo caminho mais curto, através da ilha, e deixar seguir adiante por mar as nossas bagagens ao cuidado do único criado que nos restava. Na fazenda Arraial, onde desembarcamos,

acham-se cavalos à disposição, para levar os viajantes até o rio Bacanga, onde se embarca para alcançar a cidade. Antes de trazerem os cavalos do pasto, tivemos ensejo de tomar conhecimento de um ramo de indústria, do qual nunca antes tínhamos ouvido falar, isto é, vimos couros de veado, trazidos do sertão do rio Mearim, serem molhados e curtidos em leite, com o que se tornam muito macios e delicados. O fazendeiro, de origem cearense, parecia conhecedor do ofício, que recebe o seu material da criação de gado, ali tão zelosamente explorada. Ele mostrou-nos couros de boi e de cabra, muito bem curtidos, para cujo preparo empregam aí especialmente miolos de boi, e diversas espécies de sabão fino. Poucas dezenas de anos bastarão para tornar as províncias setentrionais do Brasil independentes da importação desses artigos da Europa e da América do Norte.

Nas costas marítimas da ilha, encontramos muito abundante o funcho-da-praia (*Batis maritima* L.); entretanto, não é tão empregado pelos habitantes quanto o é pelos colonos das Antilhas, que, como se sabe, com ele preparam muito saborosa conserva em vinagre. O caminho da fazenda do Arraial, três léguas além na direção noroeste, levou-nos por um terreno baixo e úmido. Estranhámos serem tão cerrados os matos onde abunda a palmeira baixa de espinho e tão raras as plantações. Na fazenda da Bacanga, tomamos uma pequena canoa e remamos pelo rio Bacanga abaixo, muito raso pela força da vazante. Este rio, pouco fundo, espria-se, depois de muitos meandros, em sempre maiores enseadas, e, afinal, perde-se, por uma extensa planície, no oceano.

Eleva-se a cidade, na margem nordeste da baía do porto, sobre terreno baixo e muito desigual, e, vista deste lado, apresenta aspecto nada grandioso. Desembarcamos no porto e fomos logo percorrer as ruas, para conhecer a cidade. Um gênio bom inspirou-nos o desejo de procurar, nessa mesma tarde, o cônsul da Grã-Bretanha, para o qual trazíamos cartas. Qual não foi a nossa felicidade, quando veio aí ao nosso encontro, na pessoa de Robert Hesketh, um homem que, por amor puro a toda e qualquer iniciativa científica e incitado pela mais nobre elevação de alma, se julgava obrigado a acolher-nos, a nós, pobres viajantes doentes, e, com a mais delicada hospitalidade, dispensar-nos todo o tratamento. Aos seus cuidados verdadeiramente fraternais devemos o renascimento da vida e da saúde; e mesmo se, também manifestando os meus sentimentos de gratidão, corro o risco de ferir a sua modéstia, o leitor de alma bem formada, entretanto, aprovará o meu proceder.

NOTAS DO CAPÍTULO III

I – O custo da produção algodoeira na província do Maranhão foi calculado por Gaioso, do seguinte modo: – Num bom trecho de terreno, 50 escravos produzem – além de arroz e farinha de mandioca, suficiente para alimentá-los, para a conservação das ferramentas, e cobrirem as despesas com os medicamentos – 2.000 arrobas anuais de algodão em caroço, ou 600 arrobas de algodão em pluma, já retirado o dízimo.

A diária de um negro não deve ser calculada abaixo de 200 réis. Avaliando que diariamente ele custe 80 réis em outras tarefas além do algodão, e neste último, 120 réis e que, excetuados os domingos, são apenas 300 os dias de serviço, importa tudo no seguinte orçamento:

1) Jornal de 50 negros.....	1:800\$00
2) Frete de 109 sacos (com 600 arrobas de algodão) da fazenda para a cidade, ao preço médio de 465 réis.....	50\$000
3) 4 1/2 varas de tecido grosseiro de algodão para cada saco, ou 4 rolos de pano a 18\$000.....	72\$000
4) 3 1/2 rolos do mesmo tecido para vestir os escravos	45\$000
Total.....	1:967\$685

Segundo esse cálculo, o valor real de uma arroba de algodão, no Maranhão, deve ser de 3\$300; e, acrescentando as despesas de armazenamento e comissões, os seguros etc., deve-se admitir o verdadeiro preço médio deste produto, quando pronto para a exportação, em 4\$000. Dir-se-ia que nenhum outro produto da lavoura devesse ser cultivado com maior lucro nessa província, e talvez seja esse o motivo por que o cultivo do milho da mandioca é, às vezes, a tal ponto abandonado, que se dá falta e carestia desses necessários alimentos.

Já, mais de uma vez, ocorreu na cidade falta tão absoluta desses produtos, que os habitantes quase unicamente dependiam do arroz, cuja produção calculada anualmente em 600.000 arrobas impede a penúria. Também o abastecimento em gado bovino é de igual modo, por vezes, desleixado. A maioria dele vem dos campos (aqui perizes) do rio Mearim e do rio Anatajuba, que, numa parte do ano quando estão inundados, apenas dão pasto reduzido, razão que, naqueles meses, se fica dependendo do gado do Piauí. Ademais, o abastecimento da cidade com gado de corte é arrendado pelo governo a certas pessoas, com a condição de manterem o preço fixo, provimento que, sem dúvida, também expõe por vezes a população a ficar sem carne de boa qualidade.

.....

Capítulo IV

ESTADA EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO E NOS SEUS ARREDORES

SÃO LUÍS DO MARANHÃO MERECE, à vista de sua população e riqueza, o quarto lugar entre as cidades brasileiras. Situa-se na parte ocidental da ilha, à margem setentrional de uma península, que se adianta entre duas enseadas, a do rio São Francisco ao norte e a do rio Bacanga, ao sul. O seu mais antigo e populoso bairro, o da Praia Grande, que constitui a freguesia de Nossa Senhora da Vitória, está edificado à beira-mar, sobre terreno muito desigual. As casas, de dois ou três pavimentos, são na maioria construídas de grés de cantaria, e a apropriada disposição do seu interior corresponde ao exterior sólido, porém inteiramente burguês. A residência do governador apresenta extensa fachada, faltando-lhe, porém, a dignidade e elegância próprias desses edifícios. O antigo colégio dos jesuítas, a Câmara Municipal e a Cadeia Pública ocupam os outros lados da espaçosa praça frente a estes prédios.

Além, mais para o interior, estende-se o segundo bairro, de Nossa Senhora da Conceição; consta, em geral, de casas menores, não raro circundadas de jardins e pomares, dentre as quais se destaca uma grande caserna, chamada Campo de Ourique. Cornijas e peitoris vieram já esculpidos, de Lisboa; foram, porém, julgados pesados demais para as paredes fracas do pré-

dio, e jazem no chão sem utilidade. Além dos dois templos principais, possui a cidade ainda mais três igrejas, duas capelas, e as igrejas de quatro conventos (os dos capuchinos, carmelitas, mercenários e o das freiras votadas a santo Agostinho), ainda outra para os militares, e, finalmente, a que faz parte da Santa Casa de Misericórdia. É notável que diversas dessas igrejas, mesmo mui recentemente, tenham sido edificadas a expensas de pessoas particulares. O Hospício de Nossa Senhora Madre de Deus, outrora pertencente aos jesuítas, foi transformado em Hospital Militar.

As obras de defesa desta cidade são muito insignificantes em relação à sua importância, e, além disso, ocupadas por pequenas guarnições. Numa elevação da ponta de noroeste da ilha, na mesma direção da cidade, está o pequeno forte de São Marcos, torre quadrangular fortificada, mais própria para dar sinais aos navios, que entram e saem, do que para defender a entrada. Noutra ponta da terra, e na imediata entrada do porto, acha-se o forte da ponta da Areia; no interior do porto, muito próximo da cidade, estão as ruínas de um antigo castelo, o forte de São Francisco, que domina o canal, onde ancoram os navios. Do lado de terra, faltam de todo quaisquer fortificações. Quase parece que se confiava, sobretudo, nos perigosos recifes e bancos de areia, com que o oceano cercou esta cidade como uma muralha protetora, e que fizeram malograr tantas empresas dos primeiros colonos e mais tarde, dos invasores franceses e holandeses. À distância de 12 a 13 milhas ao norte da cidade, está um banco de areia, a Coroa do Meio, que divide em duas águas navegáveis para o porto, o canal de oeste e o de leste. Este último, o mais transitado, é limitado a leste pelo chamado grande banco, a Coroa Grande que se estende longe, entre a margem setentrional da ilha e a ilha de Santana. Mais próximo ao continente, e a noroeste da ponta de São Marcos, espregueia o perigoso baixio do banco de Acerras, e, a oeste da entrada do porto, rebenta o mar impetuoso nos escolhos do Boqueirão, do lado setentrional da pequena ilha do Medo. Estas próprias localidades, certas correntezas irregulares entre os bancos de areia, os escolhos e a praia, e o forte movimento do mar durante a cheia e a vazante, são sem dúvida meios essenciais de defesa para a cidade. A preamar ocorre no Maranhão, nas fases principais da lua, às sete horas. No porto, sobre a maré alta 18 pés, e baixa 15; fora do porto, sobe apenas 12 e baixa uns 9 pés.

O Maranhão tem todas as autoridades como as outras províncias. O governador é presidente da junta da Fazenda Real, com os seguintes assessores: o ouvidor da comarca, como juiz dos feitos da Coroa e Fazenda; o juiz de fora da cidade, como procurador; o escrivão da Fazenda, como fiscal; o tesoureiro e o intendente do Arsenal. Muitas das rendas públicas são, pela Junta da Arrecadação, arrendadas a ricos particulares. Desde o ano de 1812, dispõe o Maranhão de um Tribunal de Apelação, que consta de 10 conselheiros (Meia Relação). Apela-se daqui somente para a Suplicação do Rio de Janeiro. O ouvidor e o juiz de fora exercem as funções da Provedoria dos Defuntos e Ausentes. Como ofício especial, foi criada aqui a junta da Coroa; é destinada a garantir os limites da jurisdição diocesana. A administração dos negócios municipais está a cargo da Câmara, assembleia de cidadãos, a cuja testa se acha o juiz de fora. Os maranhenses, nestes últimos trinta anos, só elegeram brasileiros natos para essa Câmara, os quais, como magistrado municipal do Porto, gozam dos Privilégios de Infanções. À testa da província estava, por ocasião da nossa visita, S. Exa. o Sr. Paulo José da Silva Gama, digno e experiente veterano da marinha portuguesa, cujos benévolos e justos esforços para manter a tranquilidade e o bem-estar da província a ele confiada, são proclamados pelos maranhenses reconhecidos. Em sua casa tivemos o prazer de encontrar de novo o ex-juiz de fora de Caxias, Sr. Luís de Oliveira Figueiredo e Almeida, que havia sido transferido, como ouvidor, para o Maranhão. Deste último recebemos ainda notáveis contribuições suplementares para a etnografia dos índios do Maranhão, e, além disso, pedaços do alume natural de Campo Maior, que lhe foram mandados do Piauí para nós.

A cidade do Maranhão, com as suas imediatas dependências, conta apenas 30.000 habitantes. Notam-se, entre estes, relativamente muitos descendentes, sem mistura, de portugueses, e grande número de negros; o número de índios e mestiços de índios é pequeno. Os brancos, em cujas mãos se acham a administração, a maioria das casas de comércio e alguns ofícios, são em geral portugueses natos (filhos do reino). A sua atividade, espírito de iniciativa e antigamente também o sistema que excluía os nascidos no Brasil dos importantes cargos de Estado, deram essa parte da população uma estranha preponderância sobre os brasileiros, disso resultando da população uma tensão, a qual, logo depois que partimos do Brasil, por motivo de catás-

trofe política em Portugal¹ perturbou também aqui não raro a tranquilidade pública. Quando se conhecem os elementos que se defrontam, nada parece mais natural do que esse estado de coisas. O europeu, conhecedor do mundo e das grandes forças morais em jogo, possuidor de instrução, se não profunda, em todo caso prática, vem para aqui animado de inquieta atividade, para fundar, com as suas próprias forças, condições de vida mais agradáveis. Os brasileiros, nascidos na fartura das necessidades físicas, criados entre os escravos domésticos de pouca educação, e na segura posse de bens herdados, mais inclinados ao gozo do que à atividade, reconhecem a supremacia do imigrado, e abandonam-lhe, com certa timidez, a atividade comercial que enriquece, preferindo retirar-se para as suas fazendas e gozar a sua prosperidade. Embora laços de família prendam portugueses a brasileiros, restam, não obstante, diferenças no pensar, nas forças e tendências, e, como todos os anos acodem novos imigrantes, conserva-se viva a tensão dos ânimos até que qualquer motivo externo desperte as sementes adormecidas da discórdia. O observador dos destinos do homem não estranha esse princípio trágico na história de nossa espécie, pelo qual se armam irmão contra irmão, filho contra pai; é o dote da deusa Éris², que lançou o seu pomo fatal mesmo no recinto sagrado da câmara nupcial. Mas, do mesmo modo que não escapa esta situação à observação do viajante na parte distinta da sociedade de São Luís, um traço tampouco fica-lhe oculto, e que distingue essa cidade da maneira mais vantajosa. Refiro-me à dignidade do comportamento, ao tom seguro e educado da sociedade. Nem a grande riqueza de muitos particulares, nem os seus empenhos em copiar os costumes europeus, nem a evidente influência de numerosas firmas comerciais inglesas e francesas são a única razão dessa louvável circunstância, a qual deve, sobretudo, ser atribuída às relações mais desembaraçadas e naturais do belo sexo para com os homens. As mulheres do Maranhão, além da louvável modéstia e virtudes domésticas, também possuem um espírito, ilustrado por muitos conhecimentos, e mostram-se, daí em relação aos homens, numa independência cheia de dignidade, que

-
1. Se se atender à data, expressa no original, "*bald nachdem wir Brasilien verlassen hatten*", a que se referem os autores, terá sido o movimento constitucionalista, ocorrido no Porto a 24 de agosto de 1820. (Nota de rev., Inst. Hist. E Geogr. Bras.)
 2. Nome grego da deusa Discórdia. (Nota da rev., Ed. Melh.)

mais e mais lhes dá o direito, assim como às suas irmãs europeias, de fazer sentir sua influência na sociedade. Já desde muito é costume no Maranhão mandar educar em Portugal as jovens das famílias opulentas; os rapazes não raro vão também formar-se na Inglaterra e em França. É geral ouvir-se dizer que o clima desta cidade é quente demais, para permitir o estudo das ciências abstratas; e, sem dúvida, os maranhenses não invejam as cidades de Olinda e São Paulo, de obter uma universidade, como, segundo recentes notícias, o governo brasileiro resolveu. Já existem aqui um ginásio e alguns colégios públicos. Para educar a mocidade feminina, são beneméritas as freiras da Ordem de Santo Agostinho, não ordenadas e que não fazem os três votos dos religiosos, e podem de novo voltar ao mundo.

Embora fossem muitas as informações estatísticas que obtive sobre a província do Maranhão, não são satisfatórias as que tive ensejo de colher sobre o estado da população. Segundo o dizer de diversas pessoas informadas, as listas paroquiais do ano de 1819 registraram o número de almas em 210.000, ao passo que o Sr. Adr. Balbi, por carta, consignou (nos anos de 1821 a 1822) 182.000, e o Sr. Pizarro 462.000. O primeiro número parece o mais próximo de verdade. A força armada, que está espalhada em toda a província, pelos diversos postos de vigilância, consta de um regimento de infantaria de linha, uma brigada de artilharia, oito regimentos de milícias a pé e um regimento de milícias a cavalo, igualmente espalhado pela província. A cidade dispõe de um regimento de milícias brancas e de outro de cor, e, ademais, assim como a cidade de Alcântara, de uma companhia de voluntários a cavalo. As ordenanças nessa província não estão organizadas independentes, pois os denominados corpos auxiliares ou ordenanças em existência desde 1757 foram em 1796 elevados a milícias.

Goza São Luís, pela sua situação próxima do Equador (2°29'), de clima verdadeiramente equatorial. O calor seria aqui quase intolerável, se não fosse suavizado pela constante alternância da viração do mar e do vento da terra. Segundo as observações do coronel Antônio Pereira Lago, a temperatura média anual da cidade é =21,12°R. Ventos do norte predominam aqui numa grande parte do ano, e muito concorrem para mitigar o calor. Começa mais tarde na ilha o tempo das águas do que no interior da província, isto é, no mês de janeiro; dura até maio ou junho, em geral caindo com violência contínua, e as chuvas são acompanhadas de fortes trovoadas. Embora tão vizinha do Equador, e quase situada no meio de matas virgens, cuja vegetação se conserva

viçosa pela umidade do terreno baixo que em parte alguma se eleva mais de 250 pés acima do oceano, é muito saudável a cidade; mesmo toda a ilha, excetuados uns poucos trechos da costa, junto dos manguezais pantanosos, merece a fama de salubre, particularmente nos meses secos. Não reina aqui uma só doença endêmica; e, excetuando as bexigas, não se conhecem epidemias. Doenças inflamatórias são muito raras; mais comuns ocorrem as hidropisias, disenterias e a cólera-morbo, esta última, entretanto, somente esporádica.

Tomou incrível incremento o comércio do Maranhão, desde o surto da cultura do algodoeiro; e os três principais artigos, que são daqui exportados, algodão, arroz e couros, dão à exportação grande preponderância sobre a importação. Segundo dados oficiais, a média da exportação atingiu, nos anos de 1815 a 1820, a quantia de 3.080:604\$298; a importação a de 2.841:179\$613. Tabelas pormenorizadas provenientes de fontes oficiais, acham-se no fim do capítulo (**Nota I**). Depreende-se delas que a mais considerável renda do Estado provém dos impostos sobre o algodão. Antigamente foi arrendado o dízimo deste artigo, assim como o de outros produtos da lavoura a ricos contratantes, mas, com o tempo, foi pelo governo instituída uma Mesa da Inspeção dos Algodões, a qual, semanalmente, conforme o preço médio dos seis dias da semana, determina o preço do algodão trazido à cidade, e desse preço retira o dízimo. Além disso, sobre cada arroba embarcada, grava-se ainda um imposto de exportação de 600 réis. De cada 10 arrobas vendidas pelo cultivador, recebe ele, como indenização, 1\$280 do frete. Não são, porém, os lavradores que pagam essa quantia do dízimo à Mesa de Inspeção; o pagamento é feito logo pelos negociantes, que recebem do produtor a mercadoria. A alguns dos mais ricos e considerados negociantes foi concedido, pela Mesa de Inspeção, o favor de não pagar logo em numerário, e sim por bilhetes, que deviam ser resgatados no prazo de seis meses, e por vezes, pelo próprio Tribunal, são usados em lugar de numerário. Devido à grande solidez daquelas firmas comerciais, que dispõem em parte de capitais incrivelmente grandes, esse processo não causou inconvenientes, e as finanças desta província se acham em florescentes condições, o que provam entre outros documentos as tabelas oficiais (vejam-se as do fim do capítulo) da receita e da despesa da província, nos anos de 1813 e 1821. (**Nota II**) O superavit do balanço era sempre remetido, em parte para o Pará, em parte por letra de câmbio ou oportunidade direta, para o Rio de Janeiro.



Caçadores brasileiros voltando da caça (Maximiliano Príncipe de Wied).



Familia de botocudos (Maximiliano Príncipe de Wied).

Seria, entretanto, tirar conclusão errada, considerar a grande renda desta província como prova do seu alto grau de desenvolvimento industrial. A lista concernente ao estado da indústria, que me foi oferecida por um dos mais ilustrados funcionários do Estado em São Luís (o que afiança a sua exatidão quase oficial), informa que até hoje só se exercem os ofícios mais grosseiros (**Nota III**). Diante do favorável número de escravos atualmente importados no Maranhão é quase exclusivamente empregado no plantio do algodão e dos outros artigos da lavoura aqui favorecidos. O número de negros, na província, monta agora, avaliando baixo, a 80.000, e desde o começo sempre estava muito maior do que na vizinha província do Pará; razão a que se atribui naturalmente a falta de agricultura e riqueza desta província do Brasil, tão ricamente dotada. O primeiro motivo da numerosa importação de escravos negros e, com isso, o grande progresso da lavoura, por eles realizado, deve-se buscar nos favores com que a Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão³, fundada em 1756 e exclusivamente privilegiada, facilitou a compra dessa infeliz raça de homens. A companhia forneceu a princípio aos plantadores, grandes capitais, sob a condição de somente serem reembolsados, depois de um ou mais anos e, por iniciativa do então governador, Sr. Joaquim de Melo, recobrou estes adiantamentos – feitos em dinheiro, ferramentas agrícolas e escravos – descontando-os apenas das safras de arroz. Fornecia-lhes os mais vigorosos escravos negros, ao preço, relativamente baixo, de 100\$000, providência que contribuía grandemente para a atual riqueza da província. Antes do tratado com a Inglaterra, traziam os negros escravos para o Maranhão de Cachéu, Bissau, Farim, Ziguinchor e outras zonas da costa noroeste da África, e os das nações de Bijagós e Balantas eram os mais apreciados; atualmente, a metade deles são trazidos para aqui, vindos por terra, da Bahia. No ano de 1783 foram importados, em 14 navios, 1.602 negros, e vendidos por 175:738\$000. O preço médio era, então, de 135\$000 a 160\$000. Agora, tem consideravelmente aumentado a importação anual de escravos; montou, nos anos de 1812 a 1821, em 45.477, dos quais custava cada um

3. A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão foi criada por lei de 7 de junho de 1755, quatro anos depois a Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

o preço médio de 200\$000 a dinheiro, ou, como acontece frequentemente em todo o Brasil, a crédito, 250\$000 até 300\$000. (**Nota IV.**)

Restabeleceu-se em pouco tempo a nossa saúde, graças aos cuidados do nosso bondoso hospedeiro, de seu irmão William, e o dr. Hall, que não só nos permitiu participar dos saraus alegres na cidade, mas também empreender umas excursões a cavalo. A única estrada bem conservada levou-nos à maior aldeia de índios, a vila do Paço do Lumiar no interior da ilha; por outro caminho, através de densa mata baixa e úmida, fomos a Vinhais, uma légua a leste da capital. Os índios, que são os quase exclusivos habitantes dessas povoações, e se originam em parte dos tupinambás, em parte dos manajós, encontramos-os nas mesmas tristes condições de vida insignificante, em que nos apareceram quase todos os autóctones aldeados do Brasil. Eles gozam do privilégio de organização municipal independente; quase não pagam impostos, e ocupam-se de pesca, fabrico de trançados e de louça de barro, ou se alugam como remadores dos barcos costeiros. São todos cristãos, e constituem freguesia própria.

O aspecto de todas as regiões da ilha, que chegamos a conhecer, nada tinha de particular, e fazia lembrar as matas espessas, sinistras e pantanosas, que havíamos visto ao longo do rio Itapicuru. Nas costas do mar, falta mesmo o coqueiro, ornato das terras marinhas tropicais, que é aqui muito mais raro do que nas províncias do Sul. Toda a ilha é baixa, cortada por numerosos fossos e canais naturais chamados igarapés, que são quase sempre ligados com os rios e enseadas; e como, por essa razão, perdem parte de suas águas, por ocasião do refluxo, vivem nas suas margens lamacentas enxames formidáveis de mosquitos. O lado mais alto da ilha é o noroeste e acha-se entre a cidade e a baía de Araçaí, em cuja margem se elevam penhascos abruptos de cor pardo-avermelhada. A formação de toda a ilha é o aglomerado de arenito ferroso, que já havíamos notado no continente, junto ao rio Itapicuru, e que numa espessura de 100 pés está depositado sobre o granito. Encontra-se esta pedra com os mais diversos tamanhos dos seus componentes e da mais variada densidade; aqui e acolá, contém nas suas fraturas silicato de alumínio. A considerável proporção de óxido de ferro, que ela contém, comunica-se às águas subterrâneas e muitas das numerosas fontes da ilha, como a da praia de Santo Antônio e a de Santa Maria dos Remédios, são águas fracamente ferruginosas. Não pos-

suem, entretanto, vestígio algum de gás de ácido carbônico. Empregam-se já como águas medicinais, em forma de banhos. Parece que a cal, na ilha e suas vizinhanças do continente, não existe; os pedaços erráticos, que observamos em Alcântara, pareciam ser importados de Portugal.

Uma excursão maior, empreendida com o Sr. William Hesketh e Francisco Manuel Alves Caldas, fez-nos conhecer as particularidades físicas da terra firme, próximo da vila de Alcântara, à margem noroeste, onde este último senhor possui grandes fazendas. Partimos da cidade, de manhã bem cedo, com a vazante, que levou o nosso pequeno bote até ao meio da baía. Passamos, além da aprazível fazenda do Bonfim, antiga propriedade dos jesuítas, situada numa língua de terra saliente, pela ilha do Medo, pela de Boa Esperança e outras. Aqui, o mar tinha violenta correnteza, vinda da baía na direção de Viana. Vencemo-la, facilmente, com o auxílio do vento de terra, que costuma soprar mais forte no meio da baía, e, depois de viajar seis horas, ancoramos no porto de Alcântara. Esta vila, depois de São Luís, o mais importante ponto da província, era antes capital da capitania de Cumá e chamava-se Tapuitapera. (**Nota V.**) O seu lado principal volve-se para o mar, numa íngreme elevação da margem, e oferece bonito aspecto. Estende-se uma parte da vila mais pelo interior, espalhada num vale viridente. Várias casas sólidas recentemente construídas de pedra de cantaria, e grande atividade comercial nas ruas, dão ideia da florescente e crescente prosperidade dos seus moradores, cujo número é calculado nuns 8.000. A maioria deles, porém, nem sempre reside aqui; passam mais da metade do ano nas suas fazendas, onde se cultiva muito e bom algodão. Na vizinhança da vila, beira-mar, existem diversas lagunas salinas, cuja exploração é arrendada pela câmara a certas pessoas pelo insignificante preço de mil réis por ano. São depressões que têm 4 a 5 pés de profundidade e se elevam suavemente desde o mar, separadas dele por estreitos diques, nas quais, durante os meses de junho a agosto, se deixa entrar a água do mar, para que se evapore até ao mês de dezembro, deixando ficar uma crosta de sal. Raspa-se esta e empacota-se, sem beneficiamento algum, em cestos de folhas de palmeira. Produzem-se anualmente 15.000 a 20.000 alqueires de sal, parte do qual fica para o consumo do Maranhão, sendo outra parte exportada para o Pará. O nosso medidor de sal indicou, num pé cúbico de água do mar da costa, duas libras de sal.

A feição da paisagem dos arredores de Alcântara afasta-se de modo notável daquela da ilha do Maranhão. Em vez das ininterruptas densas matas virgens, dilatam-se extensos campos, nos quais se acham espalhados capõezinhos isolados ou moitas de arbustos. Esbeltas palmeiras, às vezes armadas de formidáveis acúleos, ou agaves com altas inflorescências terminais, guarnecem as suaves encostas e a orla das moitas. Numerosos riachos, que se comunicam como se fossem canais artificiais, correm por essa idílica região até ao mar, cuja característica vegetação litorânea, a dos manguezais, se estende até longe, pelas terras, ao longo das margens. Aqui e acolá, alargam-se esses riachos em grandes lagoas, cuja abundância de peixe ocupa a atividade dos índios da vizinhança. Não raro se vê o claro espelho das águas circundado por tapetes de viçosa verdura, semelhante à dos prados europeus, convidando a passeios. Mas, apenas o incauto viajante pisa nessa verde campina, cambaleia em oscilações que se propagam até longe sob os seus pés. As aruns (*Caladium liniferum* Nees e M.), que elevam os troncos de marfim acima da superfície, sacodem as suas grandes folhas sagitadas, e vorazes jacarés surgem por assim dizer do solo, abrindo as goelas hediondas. Horrorizado, verifica o viajante, então, achar-se sobre uma ponte vegetal que, tecida ligeiramente com os talos e raízes de gramíneas perenes, vacila por cima de um abismo de claras águas doces. Chamam-se essas singularidades campinas tremedoras de tremedais ou baledos. Formam-se provavelmente com a constante erosão do humo, em virtude da pressão do mar, cujo fluxo e refluxo é sensível, mesmo nos menores braços de mar, e mais adentro, pela acumulação e irrupção de fontes subterrâneas. A abundância de nascentes, córregos, rios e lagoas, que se divisam daí em diante, na direção do Equador e em toda região do rio Amazonas, é que principalmente empresta a todas essas zonas uma feição característica. Aqui, em prados tão profusamente banhados, não consegue mesmo o sol abrasador dos meses dos meses da seca empalidecer o verde viçoso da vegetação; seiva das plantas nunca deixa de circular, e flores e frutos sucedem-se em ciclo quase regular, durante a maior parte do ano. As matas crescem, nessa terra de contínuo remoçamento, a quase incrível altura, e as campinas conservam continuamente o verdor seivoso. A denominação indígena desses prados virentes do Maranhão é *peri* (plural *perizes*), cuja correspondência com os beri-beris, ou savanas, da Flórida, mereceria a atenção de

filólogos. Os perizes estendem-se de Alcântara para o norte até às vilas de São João de Cortes e Guimarães, e circundam a baía de Cumá, daí talvez a razão por que todo o distrito é designado pelo nome de Peimicumá. Além do rio Turiaçu, que forma divisa entre as províncias de Maranhão e Pará, esses prados aparecem, em maior ou menor extensão, entre as densas matas virgens. São os pontos de repouso dos poucos viajantes, que empreendem a penosa viagem, por terra, do Maranhão para a capital do Pará, caminho que o valoroso Pedro Teixeira (1616) foi o primeiro a franquear. Para S. e S. O., continuam até à margem do rio Pindaré e até às vilas de Viana e Monção. Visitar uma grande parte desta característica região de campos da baía de Cumá estava incluída nos nossos planos quando nos dirigimos a Alcântara; não nos deixamos deter pela chuva torrencial, e embarcamos, às três horas da madrugada, com a maré alta, por um estreito canal daquela região, para o interior a oeste. No termo desse canal, chegando ao chamado porto de Tucupá, tínhamos de atravessar um trecho estreito de terra, para alcançarmos, no porto do Carvalho, outro igarapé, que deságua na baía de Cumá. Como a tempestade continuava e nós estávamos reduzidos a permanecer, quer na câmara do nosso pequeno barco, quer nas casas das poucas fazendas, ao longo de nosso caminho, desistimos, depois das baldadas tentativas da empresa, e regressamos a Alcântara, satisfeitos por ter conhecido diversos ramos da lavoura do Maranhão, que encontramos nesse caminho (**Nota VI**).

O porto dessa vila tem, em geral, apenas 3 a 4 braças de fundo e alguns canais de 6 a 8 braças; por isso é procurado só por embarcações pequenas; estas, entretanto, proporcionam animado tráfego com a capital, de sorte que foi fácil achar condução, no dia seguinte, para ali voltar. Tivemos antes oportunidade de visitar uma fábrica de anil, que pouco antes havia sido fundada perto da vila. As cubas, em que é esmagada a erva chamada caaú-uçu (*Indigofera anil, tinctoria* L. etc.), depois coberta com água, não tem comunicação alguma com as outras cubas, onde se deve efetuar a precipitação do anil, mas o líquido é tirado por meio de baldes; as sacas, onde a massa depositada devia secar, eram sujas e feitas de algodão grosseiro. O anil, preparado aqui, ora tinha forma de pequenas pastas circulares, ora se apresentava em grumos irregulares; o seu grão era de desigual consistência, ou farinhento ou muito duro. Em outros sítios, próximos da vila, nota-

mos algumas isoladas amoreiras-brancas (*Morus alba* L.), que haviam sido plantadas no reinado de D. José, por determinação do marquês de Pombal, para introduzir a indústria da seda; estavam, entretanto, desde muitos anos, sem aproveitamento, pois esse ramo da indústria foi abandonado depois de umas poucas tentativas. Na verdade, foram mandadas de Portugal algumas famílias que deviam ensinar e espalhar o cultivo do bicho-da-seda; mas esses esforços se malograram, pelo fato de se debilitarem os bichos provavelmente com o grande calor do clima, pois os ovos da terceira geração ficaram estéreis. Sem dúvida, semelhantes tentativas sucederiam melhor, se fossem empreendidas nas províncias da Bahia, Minas Gerais e particularmente Goiás.

Uma não pequena e alegre surpresa nos esperava em São Luís, com a notícia de que S. M. Fidelíssima, em especial e graciosa consideração, nos participava a licença para viajar pela província do Grão-Pará, e mandava-nos as indispensáveis cartas de recomendação para esse fim; como, porém, um gozo só raramente é perfeito, simultaneamente recebemos a dolorosa notícia da morte do embaixador imperial da Áustria no Rio, o Sr. barão von Neveu, no qual perdíamos, além de um venerando amigo, um ativo protetor do nosso empreendimento.

Estava, pois, acessível para nós a mais rica e maravilhosa natureza, que se estende sob a bênção do sol equatorial; e como, durante a viagem inteira, tínhamos ansiado com toda a alma por chegar ali, a licença recebida pareceu restituir-nos todo o vigor do corpo, a fim de percorrermos aquela terra de promessa. Mas, se queríamos empreender a navegação no rio Amazonas, não podíamos perder os meses de agosto e setembro quando os ventos de leste favorecem a viagem rio acima. Como, ademais, precisamente agora nos havia oferecido o governador-geral, o ensejo de seguirmos para o Pará, num navio de guerra português, julgamos vantajoso encurtar a estada hospitaleira no Maranhão. Os nossos nobres hospedeiros acompanharam-nos, no dia 20 de julho, ao brigue *Prontidão*, que, em breve, insufladas as velas por ventos propícios, nos levou além, para longe da cidade e dos amigos que nos exprimiam os seus votos de feliz viagem. Nunca navio algum separou dos braços da amizade corações mais agradecidos.

NOTAS DO CAPÍTULO IV

I – Para se ter ideia do comércio atual do Maranhão, podem servir as seguintes tabelas, que com outras me foram proporcionadas, umas pelo Sr. Robert Hesketh, outras por funcionários do Estado, ou me foram remetidas.

Tabela da importação do Maranhão, no ano de 1821.

De onde	IMPORTAÇÃO					
	Escravos novos e ladinos	Cachaça Pipas	Vinho Pipas	Farinha de trigo Arrobas	Soma do valor de todos os Artigos	
					1821	1820
Brasil	497	510	24	9.318	293:618\$720	271:501\$280
Colônias portuguesas na África	1.221	—	—	—	193:583\$790	326:230\$200
Lisboa	—	73	1.110 1/2	1.062	331:483\$280	474:282\$020
Porto, Viana e Figueira	—	4 1/2	667	—	112:652\$710	149:927\$240
Liverpool	—	1	4 1/2	17.048	442:757\$290	435:639\$960
Havre de Grace, Rouen	—	1	73 1/2	—	40:091\$590	132:282\$730
Estados Unidos da América do Norte	—	64	1/2	54.793	116:099\$750	66:430\$800
Diversos portos	—	4	1/2	—	2:325\$600	28:956\$460
Soma em 1821	1.718	657 1/2	1.880	82.221	1.532:612\$730	—
Soma em 1820	2.464	1.613 1/2	2.430 1/2	45.687	—	1.885:250\$690
Preço médio em 1821	—	—	—	—	—	—
Imposto de exportação e importação	—	—	—	—	115:686\$300	153:651\$059

Tabela da importação do Maranhão, no ano de 1821.

Para onde	EXPORTAÇÃO					
	Algodão			Arroz		
	Sacos	Arrobas	Valor	Sacos	Arrobas	Valor
Brasil	—	—	—	290	1.428	1:071\$000
Colônias portuguesas na África	—	—	—	—	—	—
Lisboa	10.930	58.856	253:675\$950	42.289	212.824	161:116\$950
Porto, Viana e Figueira	873	4.592	18:825\$000	13.391	68.969	53:557\$950
Liverpool	26.364	143.771	600:658\$671	—	—	—
Havre de Grace, Rouen	3.655	18.899	85:097\$600	—	—	—
Estados Unidos da América do Norte	—	—	—	—	—	—
Diversos portos	—	—	—	300	1.500	1:020\$250
Soma em 1821	41.822	226.118	958:257\$221	56.270	284.721	216:765\$975
Soma em 1820	66.619	367.193	1.925:551\$880	64.736		
Preço médio em 1821	—	4.237	—	—	761	—
Imposto de exportação e importação	Ano 1821	—	135:670\$800	—	—	4:261\$911
	1820	—	220:315\$800	—	—	4:774\$167

Tabela da importação do Maranhão, no ano de 1821.

Para onde	EXPORTAÇÃO					
	Couros curtidos Peça	Couros secos inteiros Peça	Couro para meia sola Peça	Polvilho Medida	Miudezas	Exportação em 1821
Brasil	—	—	—	—	—	1:071\$000
Colônias portuguesas na África	—	—	—	—	—	—
Lisboa	9.615	4.226	18.414	2.845	1:743\$800	483:451\$725
Porto, Viana e Figueira	678	850	9.524	357	—	88:312\$150
Liverpool	—	855	—	—	—	602:368\$671
Havre de Grace, Rouen	—	—	—	—	32\$600	85:130\$200
Estados Unidos da América do Norte	144	21.451	—	—	—	43:332\$000
Diversos portos	—	—	—	—	—	1:020\$250
Soma em 1821	10.437	27.382	27.938	3.202	1:776\$400	1.304:685\$996
Soma em 1820	11.347	18.302	5.369	2.188	1:173\$500	—
Preço médio em 1821	3.000	2.000	1.300	2.000	—	—
Imposto de exportação e importação	Ano 1821	—	—	111.016	79\$928	140:123\$655
	1820	—	—	75.722	16\$752	225:182\$441

Tabela da importação e exportação do Maranhão, no ano de 1821.

De onde e para onde	Exportação em 1820	Navios que são sujeitos à Alfândega			
		Entrados		Saídos	
		Nacional	Estrangeiro	Nacional	Estrangeiro
Brasil	—	24	14	15	11
Colônias portuguesas na África	—	5	—	2	—
Lisboa	556:768\$709	11	—	22	—
Porto, Viana e Figueira	155:724\$814	6	—	10	—
Liverpool	1.406:996\$782	—	17	—	23
Havre de Grace, Rouen	86:879\$600	—	3	—	4
Estados Unidos da América do Norte	20:168\$000	—	16	—	9
Diversos portos	10.840\$400	2	6	—	13
Soma em 1821	—	48	56	49	65
Soma em 1820	2.237:396\$309				
Preço médio em 1821	—	61	80	63	70
Imposto de exportação e importação		Taxa de ancoragem e tonelagem		4:232\$200	
				4:343\$860	

Observações: – Sob a denominação de cachaça, estão compreendidas todas as aguardentes. A farinha de trigo é produto estrangeiro. Os preços de alguns artigos de exportação são determinados aproximadamente, pois os dados das tabelas não são bastante rigorosos. Entre os impostos de entrada, estão incluídas as taxas de ancoragem e tonelagem. Os direitos da saída dos artigos, que são com eles gravados, são por estes mesmos declarados. Os couros e peles não pagam taxa de saída, por já serem sobrecarregados com maiores subsídios do que 2% de seu valor. As sumacas e lanchas de cabotagem, que, vindas dos portos da província, como Via-

na, Guimarães, Turiaçu, Tutóia e também às vezes de Parnaíba, aqui entram, não estão sujeitas, como tampouco nas outras províncias, à Alfândega.

II – Para avaliar o estado financeiro da província do Maranhão, servem os seguintes dados:

Receita pública da província do Maranhão, no ano de 1813

Dízimos (10% de todas as colheitas, criação de gado e pesca)..... 70:248\$000

Subsídio Real (\$005 de cada libra de carne fresca; \$050 de cada couro de boi curtido, \$200 de cada rolo de tecido de algodão, empregado na cidade; \$300 de cada rolo exportado da cidade; \$050 de cada canada de cachaça; 3\$200 de cada aparelho para fazer cachaça; 1\$000 de cada escravo vendido publicamente; \$020 de cada quartilho de álcool)..... 4:000\$000

Administração do Correio – Parte de cartas, cobrado segundo o tamanho, mínimo \$080..... 900\$000

Novos Direitos (10%, que os servidores do Estado pagam dos seus ordenados, com exceção dos empregados do Tesouro, do Arsenal e da Inspeção dos Algodões)..... 1:600\$000

Chancelaria (de cada expedição de sentença judicial, \$030)..... 808\$000

Décima da Alfândega (sobre todos os objetos, que pagam direitos, isto é, 10% sobre os nacionais; 15% sobre os artigos britânicos; 16% sobre artigos das outras nações, vindos em navios nacionais; 24% sobre os mesmos, vindos em navios estrangeiros)..... 84:000\$000

Marcos de Alfândega (080 de cada marca de um objeto que paga direito, pagando os artigos de trânsito, segundo as circunstâncias, 2%, 4% e 5%) ou direito de baldeação..... 2:000\$000

Subsídio literário (paga-se aos cofres do Estado, porém é destinado ao pagamento dos mestres-escolas; \$520 de cada medida de aguardente fabricada na província; \$320 de cada seis arrobas de carne-seca do rio Mearim, ou de outras regiões da província)..... 4:000\$000

Imposto sobre algodão (\$600 de cada arroba de algodão exportado)... 190:000\$000

Administração do sal (do arrendamento do contrato de sal)..... 2:000\$000

<i>Obra pia</i> (1%, pago pelos arrendatários dos contratos públicos).....	4:000\$000
<i>Décima</i> (de todos os prédios urbanos e das vilas costeiras, 10% do rendimento anual; sendo daí descontado 1% para os consertos).....	6:000\$000
<i>Sisas</i> (10% sobre os terrenos vendidos).....	6:000\$000
<i>Meias-Sisas</i> (5% de cada escravo ladino vendido).....	4:000\$000
	390:592\$000
<i>Carnes verdes</i> (do arrendatário da venda de carne fresca; \$005 de cada libra).....	
.....	11:000\$000
Novos impostos para o Banco do Brasil ¹	5:000\$000
	395:592\$000

-
1. Os novos impostos compreendem, além dos mencionados acima, também um tributo das embarcações que entram e saem, e no Maranhão acham-se nas seguintes condições: 12\$000 anuais de cada três mastros que entra; 9\$600 de cada dois mastros; 6\$400 de cada embarcação com um mastro; 4\$600 de cada bote, canoa ou outra pequena embarcação que ande a vela, fora do porto. As jangadas, barcos de pesca e botes, em serviço das embarcações acima citadas, não estão incluídos. De muitos tributos, certa parte é destinada para fins especiais, por exemplo: 1) Para a junta do Comércio: \$160 de cada caixa de açúcar exportado; \$040 de cada feixe do mesmo; \$020 de cada couro de boi ou couro para sola; \$100 de cada saco de algodão; 1\$500 de cada três mastros ou dois mastros; \$100 de cada rolo de fumo da Bahia importado; \$040 do mesmo de outra província. 2) Para a polícia do Rio de Janeiro: \$800 de cada escravo importado da África; 1\$000 de cada pipa de cachaça, fabricada no país. 3) Para o físico-mor do Rio de Janeiro: \$200 de cada escravo trazido da África; \$100 de cada cria (potro ou vitelo). Paga-se à Câmara ou ao governador da cidade: 4\$000 anuais de cada embarcação com coberta, que navega na província; 2\$000 anuais, imposto de indústria, de cada loja de mercearia ou officio mecânico. Os que vendem cachaça a retalho pagam à Câmara uma determinada pensão, que era arrendada durante 70 anos, até ao ano de 1803, em triênios, a 1:000\$000 até 2:000\$000. No seguinte triênio, elevou-se o arrendamento a 16:000\$000; no outro, em seguida, baixou de novo à metade; e, na época de nossa estada, era o arrendamento de 4:800\$000. Depois que se deu licença aos fabricantes para também venderem a retalho, deve ter baixado muito o arredamento nos anos seguintes, se não foi suprimido de todo.

Lista dos vencimentos anuais dos funcionários públicos da província do Maranhão, em 1821.

I) Lista Civil

Governador-geral.....	4:900\$000
Da junta da Fazenda (Erário).....	7:080\$505
Do secretariado do governo.....	1:368\$625
Da Relação.....	18:409\$479
Da intendência do arsenal.....	4:463\$330
Da inspeção dos algodões.....	2:458\$525
(Alfândega.....)	2:404\$520
Alfândega..(
(Estiva.....)	2:329\$450
Da administração do Correio.....	600\$000
Professores e mestres-escolas.....	1:935\$980
Pensões.....	5:932\$315
Vacinação.....	236\$000
Cirurgião-mor do Estado.....	375\$000
	<hr/>
	52:493\$729

II) Lista Eclesiástica

Bispo.....	2:080\$000
Do capítulo da Cathedral.....	10:937\$500
Vigário-geral.....	581\$960
Vigários estrangeiros.....	2:843\$585
	<hr/>
	16:443\$045

III) Lista Militar

Do estado-maior das fortificações, das obras de engenharia.....	21:069\$930
Reformados.....	3:171\$284
Montepio (inválidos e viúvas).....	1:573\$990
Das milícias.....	7:196\$985
Atrasados.....	4:318\$056

Do regimento de infantaria da Linha.....	59:952\$079
Do corpo de artilharia.....	8:330\$958
	<u>105:613\$282</u>

Receita e despesa da província do Maranhão, em 1821.

Receita

Saldo do ano precedente.....	14:258\$577
------------------------------	-------------

Impostos imediatos a cobrar

Inspeção dos algodões, de dezembro do ano precedente.....	19:351\$325
Inspeção dos algodões (taxa de exportação, a \$600 a arroba).....	153:319\$999
(do dízimo).....	<u>66:000\$000</u> 219:981\$016
Alfândega.....	122:355\$355
Novos direitos.....	1:111\$855
Selo.....	11:738\$933
Sisas.....	11:777\$478
Meias-sisas, cobradas antigamente.....	1:798\$617
Imposto territorial.....	12:634\$036
Correio.....	1:257\$688
Chancelaria.....	1:627\$218
Taxas.....	12\$000

Contratos

Dízimo.....	25:076\$968
Carne fresca.....	16:001\$668
Subsídio nacional.....	5:966\$667
Dito literário.....	5:333\$336
Imposto para o Banco do Brasil.....	16:572\$508
Meias-sisas, sobre escravos ladinos.....	6:000\$328
Restituição de direitos.....	30\$000
Atrasados.....	20:571\$017

Da fiança de um vendedor de pólvora	882\$138	
Pólvora vendida.....	<u>3:399\$318</u>	4:281\$456
Passagens de navios para os empregados do Secretariado da Marinha no Rio de Janeiro.....		223\$200
Sobra no soldo das tropas.....		555\$719

Despesas

Pagamento de Intendência do Arsenal e do Arsenal Real, restos parciais, isto é, do ano de 1819.....	11:222\$158	
do ano de 1820.....	37:476\$792	
e mais no ano corrente de 1821.....	<u>43:352\$765</u>	92:051\$715
Avulsos para diversos pagamentos.....		2:484\$999
Estudantes maranhenses em Coimbra.....		420\$515
Deputados às cortes.....		2:200\$000
Nova fábrica de pólvora.....		5:600\$000
O terreno, além disso.....		495\$200
Adiantamentos restituídos a José Gonçalves da Silva.....		41:378\$267
Aos procuradores do Banco do Brasil.....		30:000\$000
Quatro antigas letras do erário público do Rio de Janeiro.....		31:458\$560
Custas da freguesia da Vila do Poço (construções?).....		<u>966\$667</u>
Custas da freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Itapicuru..	<u>1:600\$000</u>	2:566\$667
Custas do Tribunal (nos expediente).....		4:081\$510
Ao fornecedor do Arsenal Real e Obras Públicas:		
Para jornaleiros em terra.....	14:480\$544	
Para jornaleiros no mar.....	<u>5:094\$567</u>	19:575\$111
Ao mesmo, por fornecimento da farinha ao Regimento de Linha e ao Corpo de Artilharia.....		10:400\$000
Ao mesmo, para os destacamentos, galés e forçados.....		11:600\$000
Ao mesmo, para o Hospital Militar e seus empregados.....		12:700\$000
Ordenados aos civis.....		52:493\$729

Côngura do clero.....	16:443\$045
Soldo de militares.....	105:613\$282
Meio ano de fornecimentos para roupa, armas e suprimentos para exercícios	5:178\$130
Para navios de guerra.....	12:829\$998
	<u>159:827\$293</u>

Balanço

Receita.....	518:516\$965
Despesa.....	<u>459:827\$293</u>
Saldo para o ano seguinte.....	58:689\$672

III – Estado da indústria na província do Maranhão, em 1820.

Maquinismos e estabelecimentos industriais

Máquinas para descascar arroz (movidas por mulas), em São Luís.....	22
Máquinas a vapor, para descascar arroz, em São Luís.....	1
Engenhos de açúcar (no interior da província).....	7
Alambiques para fazer aguardente (no interior).....	115
Máquinas a mão, para descaroçar algodão (no interior).....	521
Teares para algodão (na cidade).....	230
Fornos para telhas e louças de barro (em toda a província).....	27
Fornos para cal (na ilha do Maranhão).....	26
Forjas de ferreiro, em toda a província.....	132
Serrarias.....	18

Ofícios em toda a província:

Profissões	Livres	Escravos	Mais alta diária	Mais baixa diária
Alfaiates	61	96	1\$000	\$320
Caldeireiros	4	1	\$600	\$320
Carpinteiros.....	178	326	\$800	\$320
Entalhadores.....	96	42	1\$200	\$400

Carpinteiros Navais	80	38	\$800	\$320
Serralheiros.....	5	--	\$800	
Ferreiros (em São Luís).....	37	23	\$700	\$320
Tanoeiros (em São Luís).....	2	1	\$800	\$320
Marceneiros.....	30	27	\$800	\$400
Ourives.....	49	11	\$640	\$400
Pedreiros e canteiros.....	404	608	\$800	\$320
Pintores e caiadores.....	10	5	\$640	\$400
Seleiros.....	4	1	\$800	\$400
Curtidores.....	4		\$600	\$320
Escravos que auxiliam nas indústrias	--	1.800	\$240	\$160

Gente que vive da sua própria indústria na província..... 29.580

Criados e feitores na província: _____

Branços..... 560

Pretos libertos..... 200

Casas de comércio em São Luís:

Nacionais..... 54

Estrangeiras..... 6

IV – Gaioso (pág. 245) cita os seguintes artigos, com que os portugueses faziam a permuta por um escravo negro, nas regiões de Guiné, no ano de 1810:

2 largas barras de ferro (valor na África).....	8\$000
6 frascos de aguardente.....	6\$000
6 frascos de pólvora.....	24\$000
2 espingardas.....	10\$000
2 sabres curtos.....	3\$000
2 lenços de lá (Cabo Verde).....	10\$000
2 lenços de lá azul.....	2\$000
10 balas de espingarda e 10 pederneiras.....	\$1000
	63\$100

O valor destes artigos é de 50% mais alto na África do que em Lisboa, de onde são levados.

Os direitos de exportação para um escravo negro eram 2\$400; e o seu transporte para o Maranhão era avaliado em 20\$000. Os impostos de importação, cobrados no Brasil sobre um negro, montam ao total de 8\$000 até 9\$000, e que os financistas do Estado procuram não raro justificar a conservação dessa renda com a observação de que o tráfico de escravos já desde 1440 tinha sido autorizado por um papa (Eugênio IV).

V – O território da Via de Santo Antônio de Alcântara parece ter sido dos primeiros povoados em toda a província do Maranhão. Formava a capitania de Cumá ou Tapuiataperá, a qual se estendia desde a ilha do Maranhão, para o norte, até ao rio Turi. Além dessa capitania, continha a grande região que, do ano de 1624 em diante, ao que parece sem limites determinados, ao longo da costa, desde o 5° de latitude sul até a foz do rio Amazonas, formava o Estado do Maranhão e Grão-Pará, naquele tempo; bem como mais três feudos da Coroa: a capitania de Gurupi ou Caeté, ao norte do rio Turi, até ao Amazonas; a baronia da ilha de Joanes ou de Marajó; e a capitania de Cameté.

O infortúnio dos primeiros colonos portugueses, que quiseram estabelecer-se neste território, a invasão dos franceses e, mais tarde, a dos holandeses, e finalmente, também, as dificuldades de comunicação por mar com as províncias do Sul, talvez sejam as principais razões da maior lentidão do progresso de sua colonização, comparado com o das demais províncias, embora em Portugal se soubesse, desde sempre, apreciar a riqueza e feliz situação dessa capitania.

As costas da atual província do Maranhão foram, sem dúvida, descobertas, primeiro pelos navegantes espanhóis, os irmãos Pinzón (1500), pois eles navegaram do cabo de Santo Agostinho, ao longo do continente, até à foz do Amazonas. Dessa expedição é que se deve ter originado o nome de Maranhão (Marañon), que, a princípio foi dado primeiro ao rio, e depois a toda a região, provavelmente em honra a um patrono dos mesmos na Europa ou de algum companheiro de viagem².

Como esse território, pela estranha linha divisória traçada pelo papa Alexandre VI (1521) através da terra firme americana, tocou a Portugal, d. João

2. Por causa do naufrágio da primeira leva de colonizadores, ocorrido nas costas da ilha do Maranhão, que julgam ser a foz do rio Amazonas. Berredo, ao que parece, atribui Maranhão ao nome de uma antiga raça espanhola. Parecem inadmissíveis os alvites devidos à pergunta insistente, diante da grandeza do rio: Mar ha non? ou à expressão Mar-anão; ainda menos provável me parece que o nome provenha da palavra espanhola marañas, “emaranhados”.

III, quando dividiu o Brasil em 12 capitanias, doou-o como feudo ao famoso historiador João de Barros. A expedição, equipada por este último, por Álvares de Andrada e Aires da Cunha (1535), naufragou nos recifes de Boqueirão, e igual sorte teve o segundo donatário, Luís de Melo. Corsários franceses apoderaram-se da ilha do Maranhão (1594), e despertaram a inveja de d. Filipe II, o que determinou a reconquista da ilha por Jerônimo de Albuquerque Coelho, o próprio conquistador da província (1615). Fundou este último (1617) a cidade de São Luís do Maranhão, no mesmo sítio onde estavam as fortificações dos franceses. Tornou-se depois (1654) essa cidade a capital de todo o Estado, cujas duas capitanias do Maranhão e do Grão-Pará eram dirigidas por um governador-geral, que residia a metade do ano em São Luís e a outra metade em Santa Maria de Belém ou Pará. Com o tempo, tornou-se esta última cidade a residência do governador-geral, até que, finalmente, foram as duas províncias declaradas independentes uma da outra. Ceará já estava separado como capitania independente, o que mais tarde sucedeu também ao Piauí. Os maranhenses, em parte imigrantes dos Açores e das possessões portuguesas na Barbária, fizeram muitos servos das numerosas hordas dos aborígenes, tupajaros, caicaízes, taramambases, tupinambases, caetés, contra os quais muitas vezes organizaram caças cruéis. Daí originou-se demorada luta e muitas intrigas dos cidadãos contra o clero, que debalde procurou defender o direito de liberdade dos índios. Na época da ocupação pelos holandeses, entre 1641 e 1644, da ilha e de parte da terra firme, os maranhenses mostraram muita decisão e amor à pátria, porque os invasores foram expulsos unicamente pelo esforço do povo. Outra façanha de importância histórica, a navegação do Amazonas até à região do Quito, pelo corajoso e patriótico Pedro Teixeira, também iniciou-se de São Luís do Maranhão (1657); ela forneceu as primeiras informações acerca do curso do maior rio do mundo, que pouco antes ainda, quando Portugal pertencia à coroa da Espanha, corria pelo domínio de um único soberano.

VI – Em geral, o sistema da agricultura, no Maranhão, corresponde ao de outras partes do Brasil; o clima e fatores locais imprimem-lhe, entretanto, certas diferenças de que aqui menciono em resumo:

Algodão – O seu cultivo, nas regiões costeiras, é o mesmo do interior da província. Considera-se como de melhor qualidade o de Cajapió. Empacota-se o algodão em sacos de tecido grosseiro, fabricado em grande escala, que é também exportado para as províncias vizinhas, particularmente para o Pará, destinando-se à roupa dos negros. O consumo no país deve montar anualmente, apenas, a 12.000 arrobas.

Arroz – É, depois do algodão, o mais importante produto da província. Avalia-se a produção anual na média de 560.000 até 580.000 e mesmo

600.000 alqueires, dos quais uma terça parte é exportada; o restante emprega-se, sobretudo, para alimento dos negros. Estes preferem o arroz à farinha de mandioca; é tido no país, segundo a distinção geralmente aceita e que parece provir da escola de medicina árabe, alimento quente e ardente o arroz, ao passo que a farinha de mandioca é tida como alimento frio relaxante. Costuma-se semear nos meses de janeiro até maio, pondo três grãos numa cova, e estas covas devem achar-se separadas um meio até dois palmos entre si. Ao cabo de cinco meses está maduro para a colheita. Faz-se esta de modo inteiramente diverso do usado no sul da Europa, pois cortam-se apenas as espigas, tomam-se na mão esquerda, e pisa-se ao mesmo tempo o pé, enterrando o solo, para que de novo crie raízes, e, dois meses depois, fazer a soca que, frequentemente, produz de novo abundante colheita. Um escravo negro pode, desse modo, colher diariamente três alqueires. Muitas vezes, cultiva-se o arroz conjuntamente com o algodoeiro, servindo a palha apodrecida como adubo. Também esse ramo da lavoura foi especialmente incentivado e espalhado pela Companhia de Comércio do Maranhão. Por meio dela, foi importado, cerca do ano de 1766, o arroz branco da Carolina, para substituir o que se plantava antes no país (arroz vermelho ou arroz terra), e estabeleceu-se um engenho para descascá-lo. Quase incrível é o incremento desse produto, pois exportando-se no ano de 1768 apenas 285 arrobas, já em 1821 subia a 284.721 arrobas. Só na ocasião da nossa estada ali foi que se montou uma máquina a vapor, inglesa, para descascar arroz.

Cana-de-açúcar – Na época da invasão dos holandeses (1637 até 1644), já existiam cinco engenhos de açúcar na terra firme da província, ao longo da Ribeira do Itapicuru; dessa época em diante apenas o número deles só aumentou de 2, de sorte que para o gasto da província não chegam as poucas mil arrobas da fraca produção de açúcar, e torna-se necessário importar de Parnaíba e Paraíba do Norte umas 12.000 a 16.000 arrobas anualmente. A razão desse fato não é, entretanto, o insuficiente cultivo da cana, e, sim, a geralmente espalhada opinião de que o solo do interior das terras não se prestava tão bem para o açúcar, como para a cachaça. Entre as 4.856 fazendas que existiam em toda a província, no ano de 1821, eram 115 as que faziam cachaça com o suco da cana, frequentemente com alambiques pequenos e mal construídos. A produção dessa às vezes muito má cachaça, a aguardente da terra, não monta anualmente a mais de 400 pipas, e faz-se necessário importar considerável quantidade de aguardente da ilha e de Portugal. Planta-se agora, aqui no país, sobretudo a chamada cana-caiana. A plantação em solo baixo e úmido é feita na entrada das chuvas, e do modo usual. Corta-se a cana no segundo e terceiro anos, durante todo o tempo da seca, de

julho a dezembro. Um canavial, devidamente tratado, duraria 10 a 15 anos; mas é costume abandoná-lo já no terceiro ano, aproveitando-o ainda para pasto gado.

Milho (*Zea mays* L.) – É o terceiro gênero de cereais que se cultiva com grande vantagem neste país equatorial, onde a maioria das espécies europeias não dão bem. Esta espécie de gramínea, a única das cultivadas na América meridional, cuja origem se pode com segurança aceitar como indígena, progride principalmente em terreno de matas altas, portanto solo forte, ainda pouco utilizado, onde dá 500 por um. Semeiam-se os grãos no mês de janeiro, e colhem-se ao cabo de três ou quatro meses, conforme favoreçam o tempo e o solo. A produção anual, em toda a província, é avaliada em 80.000 alqueires, e o preço médio de um alqueire regula \$600 a \$700. Toda essa quantidade é empregada no país, quer para engorda do gado, quer para a alimentação dos escravos negros. Não fosse o milho exposto à voracidade dos insetos, poder-se-ia cultivar ainda muito maior quantidade desse útil cereal, e exportá-lo para a Europa. Para afastar os insetos, faz bem deixar o milho na espiga, até a ocasião de usá-lo.

Mandioca – Cultiva-se tanto a quantidade venenosa (*Manihot utilisima* Pohl) como a mansa, o aipim (*Manihot aipi* Pohl), em grande quantidade; e considera-se terreno mais próprio para essas duas espécies o menos adequado para o algodoeiro, portanto solo particularmente seco, elevado. Nas vargens expostas às inundações, os tubérculos atingem a um tamanho excepcional, mas com tão grande tendência a apodrecer, que não se pode descuidar para desenterrá-lo no momento certo sem prejudicar a colheita. Plantam-se mudas em dezembro ou janeiro; ficam as raízes no ponto de colher, 18 meses depois. Existe uma variedade da raiz venenosa, chamada *mandioca dos pobres* ou *babu*, que, já no fim de seis ou oito meses, produz grossas raízes; esta última planta-se de preferência em solo forte, pedregoso e úmido. Entre as espécies mansas, a variedade mais apreciada é a chamada *macaxeira*; esta é cozida como legume, servida à mesa, acompanhando pratos de carne. Com a raiz de ambas as espécies, prepara-se da água fornecida pelos tubérculos ralados e espremidos, deixando-a decantar em grandes cubas de madeira, onde se deposita o pó. Este é logo lavado em diversas águas, exposto ao sol para secar, e, finalmente, passado no forno.

Feijões – São de diversas qualidades os plantados aqui, como nas outras províncias, e em geral nas plantações de algodoeiros e de mandioca, são especialmente destinados para alimento da escravatura. De ordinário, são considerados, como todas as leguminosas, de difícil digestão, e não se exportam. A produção anual monta, quando muito, a 12.000 alqueires. Os negros gostam de tomar o feijão com a carne-seca, importada quer do Rio Grande do Sul, quer preparada nas fazendas do rio Mearim. Nesse e nos demais rios da província, pescam

também muitos peixes, que, depois de salgados e secos, constituem o principal sustento da classe inferior do povo. Dos menores peixes se destila azeite; o maior de todos, o pirarucu (Sudis pirarucu), de uma toesa de comprimento, pode ser comparado, em utilidade, ao bacalhau. Segundo se diz, secam-se e salgam-se, anualmente, 15.000 a 20.000 arrobas de peixe.

Café e cacau – O cultivo do cafeeiro, até aqui, tem sido desleixado na província do Maranhão, embora possa prosperar bem, quando devidamente tratado, e as arvorezinhas, já no segundo ano, começam a dar frutos. Atualmente, monta a produção anual a umas 1.200 arrobas. O fato de ter decaído completamente o cultivo do cacau, iniciado por instigação da antiga Companhia de Comércio, e tendo produzido anualmente algumas centenas de arrobas, explica-se só pelo ardor com que os maranhenses se dedicam ao cultivo do algodão e do arroz, de preferência a qualquer outro. Ademais, é o terreno muito apropriado para a plantação de tão útil árvore, que, segundo se diz, é espontânea, aqui e acolá, nas matas úmidas do norte da província, embora muito mais rara do que na bacia do Amazonas.

Óleos – Obtêm-se de quatro diferentes gêneros de plantas. O melhor é tirado do gergelim (*Sesamun orientale* L.), planta anual, importada das Índias Orientais. Plantam-se as sementes ricas de óleo, assim como os cereais entre nós, no mês de março, e particularmente em terra menos fértil, e afastada de outras plantações, para as quais é tida como prejudicial a vizinhança dessa planta, que consideram muito quente. Em agosto, quando estão as cápsulas perfeitamente maduras, e já todas secas, são os pés arrancados, amarrados em feixes e surrados em cima de um pano limpo. As sementes produzem quase a metade de seu peso de um óleo claro, amarelo-pálido, suave, que, semelhante ao da amêndoa, pode ser usado na cozinha. Para a iluminação, emprega-se principalmente o óleo da maravilhosa mamona (*Ricinus, communis, viridis, inermis e outros*) que se costuma plantar perto das moradas e na beira das roças. A produção do óleo de rícino pode montar anualmente numas 50 a 60 mil canadas. Como se sabe, as duas espécies acima citadas de sementes oleosas são previamente secas em forno de calor moderado, depois esmagadas entre dois cilindros, que rodam em direção oposta, e derretem-se, finalmente, numa caldeira, sobre fogo brando. No preparo do óleo de mamona, de resto, não se tem grande cuidado, pois é raro que o empreguem para fins medicinais; na cidade, só se usa para esse fim o óleo estrangeiro, vindo das Antilhas inglesas. Outra espécie de óleo para iluminação é preparada com as sementes da andiroba (Angiroba, Nandiroba, *Carapa guyanensis* Aubl.; *Xylocarpus* Schreb.), árvore alta, silvestre, das matas úmidas, cujos frutos amadurecem em grande número, nos meses de junho e julho. Estes frutos, do tamanho da cabeça de uma criança, estão cheios de sementes angulosas, que, ou cozidas em água, ou

expostas ao sol, são pisadas e logo espremidas, para se extrair delas a grande porção de óleo ali contido. Este óleo graxo, o *huile-de-carapa* das colônias francesas, é de grande amargor, e, portanto, só pode ser usado para iluminação e para o preparo de sabão. É também considerado proteção contra os insetos, e, por isso, esfregam os móveis com ele. Os negros empregam-no especialmente para curar picadas de bicho-de-pé. Na bacia do rio Monim prospera a andiroba em tão grande número, que os habitantes da vila Icatu fazem da produção do óleo uma fonte lucrativa de renda, de tal modo que o magistrado viu-se obrigado a fixar uma multa para cada árvore derrubada. Aparece esta árvore também nas matas do Amazonas como também em Caiena, e os índios empregam o óleo para o preparo da tinta vermelha do urucu. Uma palmeira finalmente fornece a quarta qualidade de óleo (*Oenocarpus distichus* M.). É claro, quase sem cheiro e cor, e apropriado para a cozinha, se for espremido com cuidado dos frutos fervidos. A árvore, aqui chamada de bacaba-de-azeite, acha-se em toda parte na província nas vargens úmidas, porém especialmente no distrito de Pastos Bons.

Fumo – Tem sido cultivado cuidadosamente, só nos tempos mais recentes e particularmente nos distritos marítimos, sítos mais ao sul da província. Semeia-se nos lugares de sombra, e as plantinhas são transplantadas em terra forte, bastante seca, fina, à distância de quatro palmos entre uma e outra, em covas feitas com enxada. Faz-se a plantação no fim do tempo das chuvas, nos meses de julho e agosto, a fim de que a umidade não lave o princípio específico das folhas. O único trabalho do agricultor é depois eliminar as ervas daninhas e virar o solo diversas vezes, para renovar a terra junto dos pés. Calcula-se que vinte e quatro folhas devem dar uma libra de fumo. Nos anos de seca, parece que o produto aqui adquire excelente qualidade.

Cúrcuma, gengibre – Pela influência estimulante da Companhia de Comércio, foi introduzido o cultivo da cúrcuma (gengibre amarelo ou de dourar, *Curcuma longa* L.), e do gengibre (gengibre branco ou amargoso, *Zingiber officinale* Rosc.), e tão bem desenvolvida, que, de 1760 até 1771, se exportou a considerável quantidade de 21.084 arrobas. Pouco a pouco, porém, este ramo de agricultura quase cessou de todo, de sorte que só num e noutro sítio, nas hortas da ilha do Maranhão e nas roças ao longo da ribeira do Itapicuru, se veem alguns pés. Multiplica-se o gengibre com muita facilidade pelos brotos das raízes que se metem em terreno úmido, fértil, no fim do tempo das águas, em fileiras. Colhe-se o gengibre já ao cabo de quatro meses e a cúrcuma ao fim de um ano.

As frutas comestíveis, ou próprias do continente americano, ou trazidas pelos colonos das Índias orientais, distinguem-se todas por aquele tama-

nho e riqueza em açúcar e substâncias típicas, as quais o sol perpendicular do clima equatorial produz; além disto, acham-se nas matas virgens desta província também muitas plantas excelentes, que na maior parte do Brasil só se conhecem como peculiares da província do Pará. Quero mencionar, entre outras: várias espécies de sapucaia (*Lecythis sapucaya* e *grandiflora* Aubl.); o bacuri (*Symphonia coccinea* L.), de cujas bagas se faz uma conserva em açúcar excelente; a sapota (*Lucuma mammosum* Gaertn.), cuja ameixa é muito saborosa, piqui (*Caryocar buturosus* L.), cujas sementes, como aquelas da sapucaia, contêm umas amêndoas comestíveis, etc. Encontra-se nas hortas da capital também o abieiro (*Achras caimito* R.P.) e o abricó-do-pará (*Mammea americana* L.). Ambos foram provavelmente importados de Caiena e do Pará. Tauiri é uma árvore frequente (*Couratari gujanensis* Aubl.), cuja casca, como a da *Betula papyracea*, no extremo norte da América, deixa-se tirar em grandes tiras e serve aos índios para muitos fins, e também para cigarros. Colhe-se em quantidades apreciáveis o bálsamo de copaíba, aqui especialmente, além da *Copaifera jacquini* D. C. No interior possui esta região grande riqueza de madeiras para construção, especialmente para navios; na costa, porém, as madeiras de lei já se tornaram raras, porque na colonização queimou-se tudo sem consideração. As disposições tomadas em Minas Gerais já no ano de 1736, embora também de balde, para acabar com a destruição leviana das matas, aqui só se tomaram em 1797, declarando a Coroa propriedade sua todas as matas virgens na costa marítima e nos rios na proximidade do mar, proibindo a sua divisão em sesmarias e fixou muitas para a destruição das chamadas madeiras reais. Considera-se aqui especialmente apropriadas para construção as mesmas essências como na Bahia, e mais o paricá, guamandi, carvalho, camaçaru, marcos-gonçalves, cuja classificação botânica recomenda-se aos futuros viajantes.

.....

Capítulo V

VIAGEM, POR MAR, DE SÃO LUÍS A SANTA MARIA DE BELÉM, CAPITAL DA PROVÍNCIA DO GRÃO-PARÁ

A NAVEGAÇÃO entre o cabo de São Roque e a foz do rio Amazonas é agora, na verdade, muito frequente, porém ainda é tida sempre como arriscada, de sorte que muitos marinheiros seguem as instruções já seculares de Manuel Pimentel¹, que recomenda a viagem para o Maranhão somente durante o tempo das chuvas. Aconselha tocar este porto nos meses de dezembro a julho, pois nessa época se avista claramente a terra, não encoberta por espessa bruma, a qual torna tanto mais perigosa a aproximação dos barcos, porque frequentemente predominam ao mesmo tempo

1. Refere-se Martius à obra de Manuel Pimentel, publicada em Lisboa em 1681, sob o título de *Arte prática de navegar, & Roteiro de viagens, & costas marítimas do Brasil, Guiné, Angola, Índias e Ilhas Orientais e Ocidentais*. A *Arte de navegar* foi escrita pelo pai, Luís Serrão Pimentel, tendo sido publicada pelo filho na data acima referida, havendo-a o mesmo acrescentado e melhorado nas edições posteriores (1699 e 1712), às quais se seguiram as de 1762 e 1819. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

mais ventos fortes de leste, nordeste e lés-nordeste. Tanto esses ventos mais ou menos violentos, que aqui sopram durante quase todo o ano, como a correnteza das águas ao longo do litoral aqui, assim como em outros lugares sob o equador, dirigida em geral para oeste, facilitam a navegação para as costas mais setentrionais do Brasil. Em virtude dessas condições costumam os navios da Europa, destinados ao Maranhão, aproximar-se da costa mais ao sul, na vizinhança da ponta de Mucuripe ($3^{\circ}40'30''$ de latitude sul), e dali, na distância de seis a sete milhas de terra, rumar para O.N.O. Esse roteiro corresponde também à longanimidade em que esses navios cortam com mais vantagem o equador (entre 27° e 30° a oeste de Greenwich), porque, conservando o rumo mais para leste, alcançam a costa do Brasil muito ao sul, navegando mais para oeste, porém, com risco de bater, perto da ilha Fernando de Noronha, nas Rocas, fila de perigosos escolhos (em $3^{\circ}52'30''$ de latitude sul e $33^{\circ}31'$ de longitude oeste de Greenwich). Ademias os ventos dominantes nesta costa favorecem tanto a entrada como a saída, em todas as épocas do ano, e o navegante só tem de se preocupar com os bancos de areia e canais numerosos, e com as horas de maré alta ou baixa, a fim de, com segurança, velejar junto dessas difamadas costas. Há experientes pilotos, que sabem com a maior certeza aproveitar os indícios, quase imperceptíveis a outros olhos, ao longo do continente baixo e uniforme.

Tínhamos também tomado um práctico a bordo, o qual nos guiou, a passarmos muito perto da ponta da Areia e do Forte de São Marcos, pelos baixios, até ao lado a oeste do banco do meio, e ao cair da tarde, voltou à cidade na sua canoa. O fundo do mar vai-se, pouco a pouco, aprofundando nesse rumo noroeste, até 13 braças. O marinheiro pode contar com segura navegação logo que avista daqui em direção para N.O. o morro de Itacolomi, monte cuneiforme, à entrada da baía de Cumá, volvendo-se para o norte, e conservando distância de algumas léguas da costa. Vento favorável de leste conduziu-nos durante a noite toda; todavia, navegava-se só com poucas velas. Ao nascer do sol, defrontávamos com a baía do Cabelo da Velha. A costa é baixa, em toda a sua extensão, e orlada de densos manguezais, entre os quais, aqui e acolá, abrem-se trechos de areia branca das praias. Às 11 horas da manhã, passamos pela latitude da ilha de São João, a noroeste da entrada da baía de Turiaçu. Esta ilha, de

três léguas e meia de comprimento, muito baixa e de vegetação cerrada, não é habitada, embora disponha de água doce, e na parte norte e nordeste ofereça alguns seguros ancoradouros para embarcações pequenas. A baía de Turiaçu tem considerável extensão; as extremidades de suas margens baixas, cobertas de selvas, perdem-se no horizonte para o navegante que, por causa dos bancos de areia, se afasta mar afora. O rio Turi², que forma limite entre as províncias do Maranhão e do Pará³, deságua na baía; porém, com a crescente obstrução pelas areias, só pode acolher, na foz, junto da vila, no extremo norte do Maranhão, é ainda sem importância, embora sejam muito férteis os arredores. Dizem que o rio Turi, de todos os rios entre Parnaíba e o Amazonas, é o que tem mais forte queda, e talvez proceda de formação geológica mais antiga que a dominante ao longo da costa, de grés de cantaria, e que se eleva em montes mais altos, cobertos de matas virgens, quem sabe habitados por tribos de índios bravos, que ficaram até hoje ainda desconhecidos dos brasileiros (**Nota I**). Nas proximidades do rio, descobriram-se há pouco minas de ouro; o metal aparece puro, encravado num quartzo branco, e tão abundante, que o governo do Pará começou a fazer uma exploração experimental, que só por causa dos abalos políticos destes últimos anos, foi suspensa.

Durante a noite de 21 para 22 de julho, nos havíamos afastado mais da terra, por causa do vento mais forte de leste; na manhã deste último dia, aproximamo-nos de novo da costa, que se apresentava na distância de seis a sete léguas, como uma orla baixa e verde. Na tarde de 22 de julho, o mar encrespou; a atmosfera tornava-se úmida de cerração, de sorte que, à exceção da chamada serra do Gurupi, morro de vulto, perto da costa baixa e coberta de mato baixo, nada mais pudemos lobrigar ali. Rumávamos para oeste, afastados da costa quatro a cinco léguas; o mar sondado com frequência, indicou 10 a 15 braças de profundidade. No dia seguinte, achamo-nos diante da baía de Caeté, de onde a costa se vai elevando para oeste, numa sucessão de colinas brancas, os morros de Pirauçu. Diversas ilhas, orladas de mangues, acham-se a ela fronteiras, e foram aproveitadas

2. Turi-açu = o Turi grande. (Nota da rev., Ed. Melh.)

3. A fronteira interestadual agora segue o rio Gurupi, mais para oeste. (Nota da rev., Ed. Melh.)

por nosso piloto, um mulato velho, para nos orientar com admirável segurança. Às três horas da tarde, ancoramos na profundidade de oito braças, defronte da costa de Salinas, e avisamos, com alguns tiros de canhão, ao piloto, na casa de guarda da Ponta da Atalaia, que precisávamos dele a bordo. Este práctico é mantido aqui com um soldo de 600\$000, para guiar os navios ao Pará. À noite, deu-nos ele a entender, com dois sinais luminosos, que estava presente e que na manhã seguinte viria ter conosco. O brigue balançou, durante a noite toda, de modo mais desagradável, impedindo-nos de dormir; além disso, estava o tempo ventoso e úmido; nenhuma estrela cintilava no céu coberto. Quando afinal o práctico, perto do meio-dia de 24 de julho, chegou remando, assistimos à sua subida a bordo de uma escuna real, que estava ancorada antes de nós. Não nos restava senão acompanhar de perto esse barco, em todos os seus movimentos. Depois de navegarmos algumas milhas marítimas, alcançamos o chamado canal de Bragança, água com oito a dez braças de fundo, e oito até 20 braças de largura, a qual, na distância de cinco a seis léguas do continente, faz volteios por entre perigosos escolhos, parte dos quais apenas têm meia ou uma braça de água sobre o fundo de areia, e, aqui e acolá, se denunciam pela ressaca. O pior afamado entre esse baixio são as coroas da Tijioca, ao norte da ponta extrema do continente, situadas no lado oriental do desagudouro do rio Pará. Tanto o canal de Bragança como o outro, ao norte deste último, no qual os maiores navios costumam entrar, o chamado canal Grande, passam entre aqueles bancos de areia e a terra firme. Depois de algumas léguas de viagem, a cor turva, terrosa, e a diminuição do sal na água anunciaram que nos achávamos na foz do rio Pará, e, portanto, de certo modo, no maior rio da Terra, o Amazonas, cuja embocadura meridional deve ser considerado aquele braço. O mar acalmou-se e vimo-nos fora de perigo. O nosso piloto continuava a dirigir, com admirável segurança, a marcha do navio, guiando-se por alguns indícios da costa do continente baixa, uniforme, a sudoeste, e a ilha de Marajó, a oeste, e, com a turvação da atmosfera, apenas perceptíveis. Navegamos ainda durante a noite, com poucas velas, rio acima, até à vasta baía, existente à margem oriental do rio, fronteira à vila de Vigia, onde deitamos âncora, à espera da volta da maré cheia. Quando o sol do dia 25 de julho nasceu no claro horizonte, iluminou em torno de nós um labirinto de ilhas grandes e pequenas, e, no

fundo do painel, a margem do continente e da fronteira ilha de Marajó. Ostentava-se cerrada, alta, verde, pujante, a mata em volta, solene e tranquila, como se acabasse justamente de surgir das águas criadoras. Peixes em cardumes evoluíam rápidos na correnteza, e aves de variada plumagem, pousadas nos galhos floridos, pareciam os únicos habitantes daquela grandiosa solidão até que colunas de fumaça azul, elevando-se do seio da mata virente, significavam-nos a existência dos senhores da terra, os homens, no seu feliz retiro. Jamais se nos apresentara tão majestosa a força criadora da Terra, como aqui, onde, em exuberante plenitude, o mundo das plantas brota de todos os lados, fertilizado pelos raios do sol equatorial, acima das águas fecundantes. Este cenário da força criadora do Planeta renovava-se continuamente aos nossos olhos, na sua grandiosidade uniforme, quanto mais nos aproximávamos da cidade. Como a preamar não nos favorece muito, de novo ancoramos quando acabou para não sermos atirados sobre algum dos diversos bancos de areia do rio. Cerca do meio-dia, chegamos à vista de uma pequena fortaleza sita à margem do rio, o forte da Serra; e, logo depois, apareceu a cidade do Pará, com o seu casario asseado, a catedral e o palácio, por entre o verde-escuro dos cacauzeiros e a orla de resplandecente verde de numerosas ilhas.

Logo após o desembarque, fomos visitar s. ex.^a o governador-geral, conde de Vila-Flor, que nos deu as mais cordiais boas-vindas, não só em consideração às reais cartas de recomendação, mas também por espontânea simpatia e de interesse científico; durante a nossa longa permanência na sua província, honrou-nos com as mais lisonjeiras provas de benevolência e confiança. Por sua instigação, ainda nessa mesma tarde nos alojamos na aprazível chácara do sr. coronel Ambrósio Henriques, distante um quarto de hora da cidade, e que se nos oferecia hospitaleira.

Assim estávamos, pois, depois de tantos tormentos e perigos, no longamente almejado Pará. Com sereno contentamento, considerávamos o passado; uma meta longínqua estava alcançada; desde o trópico de Capricórnio até o Equador, havíamos percorrido o opulento país, e trazíamos a mente repleta de maravilhosos aspectos. Agora nos encontrávamos no Equador, no lugar do equilíbrio da mais bela harmonia de todas as forças terrestres; e, como a mais forte alegria do homem deriva do mundo das noções e das ideias, assim saboreamos o gozo das indizíveis sensações, que

a grandiosidade do lugar em nós despertava. Quando pela primeira vez, acordados aqui, abrimos as venezianas do nosso quarto e resplandecia o sol, como em triunfo, no azul profundo do céu, o campo estendia-se cintilante de orvalho; e o sussurro das palmeiras, agitadas pela aragem, acompanhava o hosana entoado pelo canto de bandos de pássaros. Participamos, então, da soberba festa da natureza, enlevados, fortalecidos, como que sagrados para novas empresas e mais altos gozos!

Como nos internamos com tais sensações levados pelas águas do mais caudaloso rio da Terra, nas imensas matas, onde o homem primitivo da América vive no imutável hábito de vida da natureza hereditária, é o que o terceiro volume desta narração de viagem vai relatar.

NOTAS DO CAPÍTULO V

I – Mencionando a bacia, até hoje desconhecida, do rio Turi, cito as poucas notícias que pude obter sobre toda essa grande região, que se estende entre o rio Mearim e o rio Pará, e ao longo das costas do mar e margens de seus mais importantes rios, escassamente povoadas pela colonização portuguesa. Devo-as quase exclusivamente às narrações de uma testemunha ocular, o meu venerando amigo, sr. Romualdo Antônio de Seixas, vigário-geral do Grão-Pará. Esse enorme território, apesar de sua incrível fertilidade, é quase deserto, pois a fraca população da província não tem motivo para estender-se mais para o interior enquanto puder adquirir extensos terrenos próximos da costa e da foz dos principais rios. Em maior número, estão estabelecidas fazendas às margens do rio Guamá; e, de fato, compõe-se a população nas freguesias de São Domingos, de Porto Grande e da vila de Ourém principalmente de brancos, que transmigraram das ilhas portuguesas para aqui. Menos numerosa é a população da margem do rio Capim, nas freguesias de Santana e de São Bento, consistindo a desta última quase que só em índios. A três léguas distante da costa marítima, no rio Caeté, situa-se o lugar mais importante de todo o distrito, a vila de Caeté ou Bragança, com cerca de 2.000 habitantes, na maioria ilhéus, na sua freguesia. A última vila da província, nesta costa, a vila de Gurupi, é extremamente pobre e habitada apenas por poucas famílias de índios. Além das mencionadas vilas, há no interior só o lugar de Serzedelo, à margem oriental do rio Gurupi. Mais para o interior, tudo é desconhecido; e a estrada, que liga as capitais do Pará e do Maranhão, não se desvia dos citados lugares, sendo frequentada quase exclusivamente pelos carteiros da Administração dos Correios, e só raramente por algum viajante, que queira evitar a viagem por mar. Este caminho, que vem do Pará pelo rio Guamá acima com a vazante, passa pela freguesia de São Domingos e pela vila de Ourém ou da Casa Forte; e daí, depois de um trajeto de quatro léguas, quer do porto de Tentugal, pelo rio Caeté abaixo, quer sempre por terra, através de densa mata virgem, banhada por numerosos riachos, há uma caminhada de dez léguas até à vila de Bragança. Daí por diante, segue a estrada sempre pelo litoral, por uma região quase deserta, habitada por famílias de índios mansos, sem povoado algum de importância, passando pela vila de Gurupi, até alcançar Turiaçu. Até aí, em geral, viaja-se numa canoa, dirigida por seis remadores índios, pelos furos em terra, e entre pequenas ilhas, ao longo do oceano, a não ser que se corte pelas embocaduras dos rios costeiros, que aqui se alargam em vastas enseadas. São nove essas baías; a navegação por elas só é perigosa, quando o vento de leste movimentava o mar. Por outro lado, fica o viajante, no mar, livre da praga dos mosquitos (corponós, pimus) que, em enxames cerrados,

pousam na embarcação, quando se navega pelos furos. De Turiaçu, costuma-se em geral tomar maiores barcos para São Luís do Maranhão; pode-se, entretanto, continuar de igual modo a viagem, ao longo da costa ainda, até Porto do Serrano, de onde segue a estrada por terra, através de mato fechado, até ao rio Cururupu e até à Vila de Guimarães.

Todo o terreno parece inclinar-se de sudoeste para nordeste, na direção do oceano, em mais forte declive do que os distritos situados ao sul e ao norte. Ao longo do litoral domina a formação do grés do Maranhão; porém, mais para o interior, e particularmente no rio Capim, parecem predominar formações primitivas, talvez micaxisto.

VALORES, MEDIDAS, PESOS

Na época de Spix e Martius ainda não existia o sistema decimal nem terminologia internacional. Pelo contrário, todos os valores, medidas e pesos eram muito variáveis entre os diferentes países, províncias e até mercados. Além disso, também as denominações variavam, aparecendo tanto diferentes com igual sentido, como iguais de diferente sentido. Até os tempos atuais a Inglaterra, os E.U.A e outros países ficaram com suas antigas unidades, não adotando o sistema decimal. Sendo assim todos os dados e valores a respeito do presente livro não passam de avaliações aproximadas. Quanto possível, foram baseados nos cálculos e notícias do próprio Martius.

VALOR MONETÁRIO

	10 réis = 1 centavo
	1 vintém = 20 réis = 2 centavos
	1 tostão = 5 vinténs = 100 réis = 10 centavos
	1 pataca = 16 vinténs = 320 réis = 32 centavos
	1 cruzado = 20 vinténs = 400 réis = 40 centavos
	(1 “cruzado novo” é uma moeda de ouro que vale 400 réis).

MEDIDAS DE EXTENSÃO

	Brasil	Outros países
Braça (2 varas)	2,20m	1,8m (inl.)
Côvado (3 palmos)	0,66m	
Marda inglesa		0,91m (ingl.)
Légua	6,170m	
Linha (1/12 polegada)	0,23cm	

Milha	2.200m	7.420m (alem.) 1.609m (ingl.) 1.880m (marít.)
Palmo (8 polegadas)	0,22m	
Passo	1,65m	
Pé (12 polegadas)	0,33m	
Polegada (12 linhas)	2,75cm	
Vara (5 palmos)	1,10m	
Toesa (6 pés)	1,90m	

MEDIDAS DE SUPERFÍCIE

Alqueire:

Norte	27.225m ²	
Goiás, Minas, Rio	48.400m ²	
São Paulo	24.200m ²	

Tarefa:

Bahia	4.356m ²	
Sergipe, Alagoas	3.052m ²	
Ceará	3.630m ²	

MEDIDAS DE CAPACIDADE (Ainda mais variáveis do que as outras)

Para líquidos:

Almude	12 canadas	
Canada (2 galões; 4 quartilhos)	7,4 – 9,21	1,41 (port.)
Galão inglês		(p/vinho) 3,71
Galão inglês		(p/out. líquidos) 4,61
Pipa	60-75 canadas	
Quartilho	½ canada	
Tonel	2 pipas	

Para secos:

Alqueire (4quartas)	31,171	13,81 (port.)
Bushel inglês		36,361 (ing.)
Fanga	4 alqueires	
Moio	60 alqueires	
Quarta	¼ alqueire	

PESOS

Arrátel (16 onças)	0,459 kg
Arroba (32 libras)	14,65 kg
Libra (arrátel)	0,459 kg
Onça (8 oitavas)	28,69 kg
Quintal (4arrobas)	58,75 kg
Tonelada (54 arrobas)	793 kg

PESOS DE DIAMANTES

Grão	0,05g
Oitava (17,5 quilates, 32 vinténs, 70 grãos)	3,5 g
Quilate	0,2 g
Vintém	0,11 g

ANEXO MUSICAL

N.º IV. *Andantino.* / von Minas a Bahia / (1)

Canto

Piano-Forte

Pro. cer igual ao que eu sinto no mun. do não

ha ve ra quando me ve ja nos braços da min. ha a.

man. te yaya

O que instantes a. mor nos da meu do ce. bom minha ya.

ya minha ya. ya minha yaya minha yaya min. ha yaya.

1 de Minas e Bahia.

N.º VI Andante. *1.ª von Bahia*⁽¹⁾

Canto

Foi-se Jo-zi-no e dei-xou-me foi-se com
 el-le o pra-zer eu que cantava ao la-do
 ho-je me sinto mor-ter a-mor que fo-de não quer-va-
 ler não ha re-medio se não mor-ter se não
 mor-ter

Piano Forte

1 de Bahia.

No VIII

/ von Menar und Goyax / ⁽¹⁾

Andantino.

Canto

Piano Forte

Heu ma mi lata fe ri ta não ca-rega re
zar ha.ta e mi me que tem po.ra suo al. ma sal. var
Hu. la. ta fe ri tu po. de. a formar al. tar nelle
nel. le te cel. lo. ca. ri. a po. ra e po. ro. le
ada or. ar te le ada or. ar

No. IX. *Sandum, Brasilian. Volkstanz.*⁽¹⁾

The image displays a musical score for a piece titled 'Sandum, Brasilian. Volkstanz.' (No. IX). The score is written on 14 staves, organized into seven systems of two staves each. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The music is characterized by a rhythmic pattern of eighth and sixteenth notes, typical of Brazilian folk music. The notation includes various rhythmic values, rests, and dynamic markings. The piece concludes with a final cadence on the 14th staff.

1 Dança popular brasileira.

.....
Índice onomástico

A

AGUIAR, João de Matos – 216
ALEXANDRE VI (papa) – 402
ALMEIDA, Luís de Oliveira Figueiredo
e – 356, 364, 380
ALVES, José – 53
ANCHIETA (padre) – 98
APOLÔNIO (frei) – 297
AQUILES – 168
ARCOS (conde dos) – 201, 216
ATAÍDE, Ana Maria de – 265
AZEREDO COUTINHO – 350

B

BALBI, Adriano – 342, 382
BARROS, João de – 403
BASTOS, Antônio da Rocha (capitão) –
174
BASTOS, Manuel José de Oliveira – 149
BATEMAN – 215
BENTO – Ver DIAS, Bento
BIVAR – 215
BOIELDIEU – 208
BORELL – 249
BOTELHO, Domingos da Mota – 298
BRANCO, João do Rego Castelo (capi-
tão-mor) – 348, 351
BRANCO, João Nepomuceno de Caste-
lo (capitão-mor) – 336
BRANT, Felisberto Caldeira – Ver PON-
TES, Felisberto Caldeira Brant
BUCHANAN – 19
BUCHNER – 272
BUFFON – 21

C

CALDAS, Francisco Manuel Alves – 387
CALDAS, João Pereira – 348
CALDEIRA, Felisberto – Ver PONTES,
Felisberto Caldeira Brant
CALDEIRAS (os) – 36
CALDERÓN – 208
CÂMARA, Manuel Arruda da – 343,
359
CÂMARA, Manuel Ferreira da – Ver SÁ,
Manuel Ferreira da Câmara Bitten-
court e
CAMELO, Bernardino Pinheiro – 88
CARVALHO, Bernardo de (capitão-
-mor) – 298
CERVANTES – 227
CLEMENTE XIV (papa) – 81
COELHO, Jerônimo de Albuquerque –
403
COELHO, Jorge de Albuquerque – 341
CORREIA, Diogo Álvares Correia – 224
COSTA, João Gonçalves da (coronel) –
259
COSTA, Manuel Luís da (capitão-mor)
– 310
COSTA, Venâncio da – 189
COUTINHO, Francisco Pereira – 224
CUNHA, Álvares de Andrada e Aires da
– 403
CUSTÓDIO [índio] – 28, 127, 252

D

DANTAS, João – 298
DANTE – 120, 261
DIAS, Bento (capitão) – 67

DUARTE, Antônio Nogueira Duarte
(padre) – 110, 113, 118, 120

E

ESCHWEGE – Ver VON ESCHWEGE
EUGÊNIO IV (papa) – 402

F

FERNANDES, José – 66, 68, 69
FERREIRA DA CÂMARA – Ver SÁ,
Manuel Ferreira da Câmara Bitten-
court e
FERREIRA, Manuel Luís – 310
FIGUEIREDO (coronel) – 25
FILIPE II (D.) – 211, 403
FILIPE III (D.) – 211
FILIPES (os) – 220
FREITAS (padre) – 20
FREYREISS – 250, 262
FRÓIS, Manuel Ruiz – 79
FROTA – 154

G

GAMA, Paulo José da Silva – 380
GIROWETZ – 208
GMELIN – 21
GOMES, Agostinho – 179
GOMES, Antônio – 223
GOMIDES (Dr.) – 25
GRAHAM, Maria (lady) – 309

H

HALL – 386
HENRIQUES, Ambrósio (coronel) –
413
HESKETH, Robert – 375, 376, 391
HESKETH, William – 386, 387
HUMBOLDT – Ver VON HUMBOL-
DT

J

JACQUES, Cristóvão – 224
JOÃO III (D.) – 224, 402-403
JOÃO IV (D.) – 211, 220
JOÃO V (D.) – 336
JOÃO VI (D.) – 59, 194, 202, 232
JOSÉ (D.) – 336, 390

K

KANT – 19

L

LAGO, Antônio Pereira (coronel) – 382
LINEU – 21
LINHARES (conde de) – 72
LIORNE, Ludovico (frei) – 257, 261
LOBO, Bernardino da Fonseca – 35
LUDOVICO – Ver LIORNE, Ludovico

M

MANUEL [índio] – 250
MARCELINO – 351
MARTINS, Francisco Gonçalo – 358,
416
MARTIUS – 157, 313
MASCARENHAS, Francisco de Assis
(D.) – Ver PALMA (conde da)
MAWE – 43, 48
MELO, Joaquim de (governador) – 385
MELO, Luís de – 403
MENDES, Luís Antônio de Oliveira –
234
MENESES, Rodrigo José de (governa-
dor) – 298
MEURON – 270
MORNAY, A. F. – 293
MOTA, Domingos da – 298

N

- NAPOLEÃO – 19
NASSAU, Maurício de (príncipe) – 225
NEUWIED, Maximiliano von (príncipe)
– 94, 215, 250, 256, 258
NOGUEIRA – Ver DUARTE, Antônio
Nogueira Duarte
NOGUEIRA DUARTE – Ver DUARTE,
Antônio Nogueira Duarte

O

- OLIVEIRA (família) – 50
OLIVEIRA, João Fernandes de – 35, 48,
67

P

- PAIVA, Manuel Joaquim Henriques de –
207, 209
PALMA (conde da) – 67, 278
PEREIRA, Duarte Coelho – 341
PEREIRA, Matias José da Silva (capitão)
– 327
PIMENTEL, Manuel – 409
PINZÓN (irmãos) – 402
PIZARRO – 225, 382
PLEYEL – 127, 208
PLÍNIO – 121
POHL – 147, 149, 165, 341, 405
POMBAL (marquês de) – 36, 37, 342
PONTES, Felisberto Caldeira Brant
(marechal) – 35, 192, 210, 220, 242,
246, 270, 292, 298

R

- RACINE – 208
RAPOSO, João – 127
REGO, João do – Ver BRANCO, João
do Rego Castelo
RHEEDE – 268

- RIBEIRO, Francisco de Paula – 364, 365
RIBEIRO, Tomé Inácio – 157
ROLIM, Servando Pacheco – 93
ROSSINI – 208
ROUSSEAU – 19
RUMPH – 268

S

- SÁ, Manuel Ferreira da Câmara Bitten-
court e – 23, 27, 28, 31, 38, 42, 43,
45, 48, 49, 51, 59, 61, 65, 67, 69,
187, 189, 193, 266, 271, 281
SCHEUERMANN – 252
SCHILLER – 208
SCHLÜTER, C. F. – 242, 244, 255,
264, 270
SCHMID – 249, 250, 252
SEBASTIÃO (D.) – 97
SEIXAS, Romualdo Antônio de – 415
SERRÃO, José Antônio (capitão) – 122,
125
SHAKESPEARE – 208
SILVA, Bartolomeu Bueno da – 161
SILVA, Felisberto Gomes da – 255
SILVA, Francisco Ferreira da – 35
SOARES, José Dias – 350
SOUSA, Manuel Antônio de (padre) –
227
SOUSA, Tomé de – 224
SPIX – 108, 109, 182, 202, 254, 284,
353, 416

T

- TASSO – 261
TAVEMIER – 45
TEIXEIRA (bispo) – 205
TEIXEIRA, Pedro – 389, 403
TOURINHO, Sebastião Fernandes – 79
TSCHIFFELI – 220

TUCKEY (capitão) – 237

V

VAN OSTADE – 199

VASCONCELOS, Baltasar de Sousa Botelho e (coronel) – 336

VIEIRA, Antônio (padre) – 97

VILA-FLOR (conde de) – 413

VOLTAIRE – 19

VON ESCHWEGE – 17, 70, 339

VON HOFFMANNSEGG (conde) –
223

VON HUMBOLDT (barão) – 241, 309,
312

VON NEVEU (barão) – 147, 269

W

WERNER – 38, 54

WEYLL, P. – 248, 249, 250

WILLIAM – Ver HESKETH, William

Viagem pelo Brasil, de Spix e Martius,
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85g/m2,
nas oficinas da Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em dezembro de 2017, de acordo com o programa
editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.

“Neste volume da *Viagem pelo Brasil*, Spix e Martius narram a continuação da viagem partindo de Vila Rica em direção a Belém do Pará, através das vastas regiões do Distrito Diamantino, Salvador, Ilhéus, Juazeiro, Oeiras e São Luís do Maranhão. Da mesma forma que no primeiro volume, são aqui realçadas observações, não só do domínio puramente físico da paisagem (relevo, flora e fauna), como de suas possibilidades de riqueza. E, na constante dos apontamentos da grande viagem, os autores continuam a recolher curiosos dados sobre a paisagem humana.”

